

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Bruno Romano Rodrigues

Armas da Revolução.
Tempo, história e memória da luta armada nos discursos de Fidel Castro
(1959-1976)

Versão Corrigida

SÃO PAULO
2024

Bruno Romano Rodrigues

Armas da Revolução.

**Tempo, história e memória da luta armada nos discursos de Fidel Castro
(1959-1976)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em História, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Stella Maris Scatena Franco e coorientação do Prof. Dr. Giliard da Silva Prado

Versão Corrigida

SÃO PAULO

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Ra Rodrigues, Bruno Romano
Armas da Revolução. Tempo, história e memória da
luta armada nos discursos de Fidel Castro
(1959-1976) / Bruno Romano Rodrigues; orientadora
Stella Maris Scatena Franco; coorientador Giliard da
Silva Prado - São Paulo, 2024.
321 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. Revolução Cubana . 2. Fidel Castro . 3.
História e memória. 4. Discursos . 5. Luta armada. I.
Franco, Stella Maris Scatena, orient. II. Título.



ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA TESE

Termo de Anuência da orientadora

Nome do aluno: Bruno Romano Rodrigues

Data da defesa: 24/11/2023

Nome da Professora Orientadora: Stella Maris Scatena Franco

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 18/01/2024

Assinatura da orientadora



ATA DE DEFESA

Aluno: 8138 - 7766122 - 2 / Página 1 de 1

Ata de defesa de Tese do(a) Senhor(a) Bruno Romano Rodrigues no Programa: História Social, do(a) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Aos 24 dias do mês de novembro de 2023, no(a) Sala de Reuniões realizou-se a Defesa da Tese do(a) Senhor(a) Bruno Romano Rodrigues, apresentada para a obtenção do título de Doutor intitulada:

"Armas da Revolução. Tempo, história e memória da luta armada nos discursos de Fidel Castro (1959-1976)"

Após declarada aberta a sessão, o(a) Sr(a) Presidente passa a palavra ao candidato para exposição e a seguir aos examinadores para as devidas arguições que se desenvolvem nos termos regimentais. Em seguida, a Comissão Julgadora proclama o resultado:

Nome dos Participantes da Banca	Função	Sigla da CPG	Resultado
Stella Maris Scatena Franco	Presidente	FFLCH - USP	Não Votante
Mariana Martins Villaça	Titular	UNIFESP - Externo	Aprovado
Sílvia Cezar Miskulin	Titular	UMC - Externo	Aprovado
André Lopes Ferreira	Titular	UEL - Externo	Aprovado

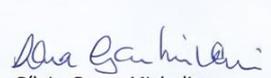
Resultado Final: Aprovado

Parecer da Comissão Julgadora *

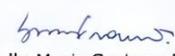
A banca destaca a originalidade da pesquisa, o trabalho realizado com as fontes, o uso adequado do referencial teórico e a qualidade da redação. Sugere a publicação.

Eu, Regina Celi Sant Ana _____, lavrei a presente ata, que assino juntamente com os(as) Senhores(as) examinadores. São Paulo, aos 24 dias do mês de novembro de 2023.


Mariana Martins Villaça

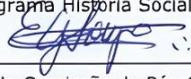

Sílvia Cezar Miskulin


André Lopes Ferreira


Stella Maris Scatena Franco
Presidente da Comissão Julgadora

* Obs: Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.

A defesa foi homologada pela Comissão de Pós-Graduação em 24/11/2023 e, portanto, o(a) aluno(a) faz jus ao título de Doutor em Ciências obtido no Programa História Social.


Presidente da Comissão de Pós-Graduação

Prof. Dr. Edécio Gonçalves de Souza
Presidente da CPG
FFLCH-USP

à Regina Benigno Romano (*in memoriam*)

[...] tenía que llegar un día en que el pueblo se rebelara, tenía que llegar un día en que el pueblo agarrara los fusiles, en que el pueblo agarrara los machetes [...]; tenía que llegar un día en que el pueblo se decidiera a pedir cuentas [...] tenía que llegar un día en que el pueblo acabara con los privilegios, tenía que llegar un día en que el pueblo dijera: “Basta ya, fuera de aquí, fusiles para los obreros y los campesinos, machetes para los campesinos, fusiles para los estudiantes, fusiles para los hombres, fusiles para las mujeres, fusiles para los ancianos, fusiles para los niños, fusiles para todo el mundo!”

Fidel Castro, 20 de maio de 1960.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de doutorado que possibilitou a realização desta pesquisa, entre 2019 e 2022.

À Professora Doutora Stella Maris Scatena Franco, minha orientadora, por me inspirar como historiadora e pela amizade, atenção e generosidade expressas durante nossa rica convivência ao longo desses anos.

Ao Professor Doutor Giliard da Silva Prado (Universidade Federal de Uberlândia - UFU), meu coorientador, pelo acompanhamento cuidadoso e pelas conversas, trocas de ideias, sugestões e apontamentos que se traduziram em novos caminhos para a pesquisa após o exame de qualificação.

Às professoras Mariana Martins Villaça e Silvia Cesar Miskulin, pelas inúmeras contribuições no exame de qualificação e na banca de doutorado.

Aos integrantes do Laboratório de Estudos de História da América (LEHA) da Universidade de São Paulo (USP), pelas profundas discussões teórico-metodológicas e pela convivência fraterna e colaborativa.

A todo corpo docente do curso de História da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP - Campus Guarulhos), pelos inúmeros ensinamentos que possibilitaram minha formação no ofício de historiador.

Aos queridos amigos cubanos, em particular ao casal Eldis Placeres e Iliana Gomez, pela gentileza e hospitalidade, e ao casal de professores de ensino básico Délia e Alberto Calvo (*in memoriam*), moradores de Havana, que junto a seus filhos, Alberto e Laura, nos receberam de forma afetuosa, abrindo seu lar para conversarmos sobre a vida e sobre o passado, o presente e o futuro da ilha.

Aos queridos amigos adquiridos ao longo de minha trajetória na universidade e no mundo do trabalho, em especial Hildon Vital de Melo, parceiro de vida para todas as horas, Lucas Palma Mistrello, interlocutor crítico e profundo, Renato Akio Yamaguchi, o mais divertido dos historiadores, Tiago Salomon Mouallem, a quem devo muitas das gargalhadas daquelas que nos ajudam a tocar a vida, Luís Matos, pelas conversas e parcerias, Túlio Campos, pela rica e atenciosa amizade à distância, e ao casal Marcella Miranda e Víctor Blanco, pela convivência afetuosa e generosidade.

Aos meus queridos tios Tereza Emília Rodrigues e José Oliveira, com quem aprendi desde cedo a persistir, resistir e não desistir.

À Clara Rodrigues Couto, minha esposa, pela parceria ao longo do doutorado, pelo ombro amigo e paciente, e, sobretudo, pelo amor sincero que construímos ao longo do tempo. Sem você eu não terminaria esta tese!

À Regina Benigno Romano, pelo exemplo de mãe e ser humano, pela amizade e perseverança e pela saudade cortante que invade minha alma todos os dias.

RESUMO

RODRIGUES, Bruno Romano. **Armas da Revolução**. Tempo, história e memória da luta armada nos discursos de Fidel Castro (1959-1976). Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2023.

A partir da análise dos discursos realizados por Fidel Castro entre 1959 e 1976, esta tese tem como objetivo comprovar o papel central da memória da luta armada no processo de legitimação da Revolução Cubana. Para tanto, propomos que as falas públicas do líder revolucionário sejam compreendidas como narrativas político-ideológicas vinculadas ao Estado, instituição responsável por organizar e transmitir à opinião pública insular uma memória oficial que abrange desde o registro da oralidade até a circulação social massiva dos discursos do mandatário. No que se refere ao manejo das temporalidades históricas, os pronunciamentos castristas se valeram da memória da luta armada para construir a ideia de “aceleração” do tempo, inaugurando o que denominamos *calendas* cubanas, as quais também poderiam, segundo Fidel Castro, inspirar outros países em sua busca por liberdade e justiça social, sobretudo na América Latina. A memória da luta armada também se expressou através da construção de um calendário cívico dedicado a enaltecer a “violência revolucionária” como linguagem política através da rememoração de eventos e personagens ligados à história do núcleo guerrilheiro de *Sierra Maestra*, eixo temático que estruturou uma narrativa oficial teleológica criada para reforçar a ideia de que a luta armada teria sido o único fator histórico responsável pelo triunfo da Revolução Cubana. Demonstramos ainda que a memória da luta armada se encontra na base das interpretações elaboradas por Fidel Castro sobre três períodos históricos: as guerras de independência contra a Espanha, no século XIX, a guerrilha contra o regime autoritário de Fulgêncio Batista, no período insurrecional (1953-1959), e a revolução no poder, iniciada com a tomada do Estado pelos guerrilheiros de *Sierra Maestra*, em 1º de janeiro de 1959. Conectando as diferentes temporalidades históricas através de uma “genealogia” da luta armada, a qual amalgamou presente, passado e futuro de Cuba, Fidel Castro visava fazer da guerrilha a única estratégia legítima de tomada do poder, consolidando o M 26-7 como o grupo político responsável pela condução do processo revolucionário.

Palavras-chave: Fidel Castro; Revolução Cubana; discursos; luta armada, história e memória

ABSTRACT

RODRIGUES, Bruno Romano. **Weapons of the Revolution.** Time, history and memory of the armed struggle in Fidel Castro's speeches (1959-1976). Thesis (Doctorate in Social History) – Department of History, University of São Paulo, São Paulo-SP, 2023.

This thesis delves into an analysis of Fidel Castro's speeches delivered between 1959 and 1976, aiming to demonstrate the pivotal role of the memory of the armed struggle in legitimizing the Cuban Revolution. We contend that Castro's public speeches should be perceived as political-ideological narratives intricately tied to the State, serving as a means to organize and disseminate an official memory encompassing oral accounts to mass distribution of the leader's speeches to the Cuban public. Castro's pronouncements strategically employed the memory of the armed struggle to cultivate the notion of "accelerated" time, inaugurating what we term the "Cuban calendas". He believed this concept could inspire other nations, particularly in Latin America, in their pursuit of freedom and social justice. Additionally, the memory of the armed struggle found expression in the creation of a civic calendar dedicated to glorifying "revolutionary violence" as a political language. This was achieved through commemorating events and figures tied to the history of the *Sierra Maestra* guerrilla nucleus. This thematic focus established an official teleological narrative, reinforcing the idea that armed struggle stood as the sole historical determinant of the Cuban Revolution's triumph. Furthermore, we illustrate how the memory of the armed struggle underpins Castro's interpretations of three historical periods: the wars of independence against Spain in the 19th century, the guerrilla resistance against Fulgêncio Batista's authoritarian regime during the insurrectionary period (1953-1959), and the revolutionary phase that commenced with the *Sierra Maestra* guerrillas assuming state power on January 1, 1959. By interconnecting these distinct historical epochs through a "genealogy" of the armed struggle in Cuba, which seamlessly amalgamated the present, past, and future, Fidel Castro aimed to establish guerrilla warfare as the singularly legitimate strategy for seizing and consolidating power. This, in turn, solidified the M 26-7 as the political entity responsible for steering the revolutionary process.

Keywords: Fidel Castro; Cuban Revolution; speeches; armed struggle, history and memory

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Discurso de Fidel Castro na 1ª Cúpula Iberoamericana	280
Figura 2 - Discurso de Fidel Castro na conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre meio ambiente e desenvolvimento	281
Figura 3 - Discurso de Fidel Castro na 2ª Cúpula Iberoamericana	282
Figura 4 - Discurso de Fidel Castro na 3ª Cúpula Iberoamericana	283
Figura 5 - Discurso de Fidel Castro na Cúpula de Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento	284
Figura 6 - Discurso de Fidel Castro na 11ª Cúpula do Movimento de Países Não Alinhados	285
Figura 7 - Discurso de Fidel Castro na comemoração do 50º aniversário da Organização das Nações Unidas (ONU)	286
Figura 8 - Discurso de Fidel Castro na Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre assentamentos humanos (Habitat-II)	287
Figura 9 - Cédula de dinheiro no valor de 10 peso cubanos	288
Figura 10 - Cartaz em homenagem ao 20º aniversário do desembarque do iate <i>Granma</i> em Cuba	289
Figura 11 - Discursos de Fidel Castro em efemérides relacionadas à luta armada	290
Figura 12 - Fachada do quartel <i>Moncada</i>	291
Figura 13 - Cartaz de divulgação da 1ª Conferência Tricontinental	292
Figura 14 - Emblema da União dos Jovens Comunistas (UJC)	293
Figura 15 - Cartaz da União dos Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC)	294
Figura 16 - Cartaz da Organização de Solidariedade aos Povos da África, Ásia e América Latina (OSPAAAL)	295
Figura 17 - Cartaz da Organização de Solidariedade aos Povos da África, Ásia e América Latina (OSPAAAL)	296
Figura 18 - Capa do livro infanto-juvenil <i>Aventuras de Elpidio Valdés</i>	297
Figura 19 - Capa de álbum de figurinhas sobre a Revolução Cubana	298
Figura 20 - Capa de álbum de figurinhas sobre a Revolução Cubana	299
Figura 21 - Emblemas da Federação das Mulheres Cubanas (FMC)	300
Figura 22 - Capa de publicação de discurso proferido por Fidel Castro	301
Figura 23 - Cartaz em memória ao 19º aniversário do assalto ao quartel <i>Moncada</i>	302
Figura 24 - Cartaz de divulgação do Movimento 26 de Julho	303

Figura 25 - Arte gráfica confeccionada pela União de Jornalistas de Cuba (UPEC)	303
Figura 26 - Cartaz de divulgação do documentário <i>La Guerra Necesaria</i>	304
Figura 27 - Cédula de dinheiro no valor de 1 peso cubano	305

LISTA DE SIGLAS

ANPP - Assembleia Nacional do Poder Popular

CIA - Agência Central de Inteligência

CNC - Conselho Nacional de Cultura

COMECON - Conselho para Assistência Econômica Mútua

DGLN - Direção Geral de Libertação Nacional

DR - Diretório Revolucionário

FAR - Forças Armadas Revolucionárias

FEU - Federação Estudantil Universitária

FMC - Federação das Mulheres Cubanas

ICAIC - Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficas

INRA - Instituto Nacional de Reforma Agrária

MININT - Ministério do Interior

M 26-7 - Movimento 26 de Julho

MNR - Milícia Nacional Revolucionária

MRC - Movimento de Resistência Cívica

MRR - Movimento para Recuperar a Revolução

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Teto

ONU - Organização das Nações Unidas

ORI - Organizações Revolucionárias Integradas

OSPAAAL - Organização de Solidariedade aos Povos da África, Ásia e América Latina

PCC - Partido Comunista de Cuba

PCC - Partido Comunista da China

PPC - Partido do Povo Cubano

PRC - Partido Revolucionário Cubano

PSP - Partido Socialista Popular

PURSC - Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba

UJC - União dos Jovens Comunistas

UNEAC - União de Escritores e Artistas de Cuba

UPEC - União de Jornalistas de Cuba

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1. Palavra e poder: os discursos de Fidel Castro como fontes históricas .	25
1.1. Construção e transmissão de memórias nos discursos de Fidel Castro	29
1.2. Estratégias retóricas nos discursos de Fidel Castro	39
1.3. Interpretações político-ideológicas dos discursos de Fidel Castro	47
1.4. O debate acadêmico sobre os discursos de Fidel Castro	62
Capítulo 2. <i>Calendas</i> cubanas: tempo e temporalidades sob a luta armada	72
2.1. A memória da luta armada entre presente, passado e futuro	76
2.2. Das <i>calendas</i> gregas às cubanas: a “aceleração” guerrilheira do tempo	86
2.3. Da crise ao fim das <i>calendas</i> cubanas	104
Capítulo 3. O calendário cívico revolucionário como memória da luta armada ...	117
3.1. “Máquina da memória”: a luta armada como eixo estruturante do calendário cívico da Revolução Cubana	123
3.2. Efemérides da luta armada: as “engrenagens” da memória da Revolução Cubana	143
3.2.1. Assalto ao quartel <i>Moncada</i> : o “nascimento” da luta armada	146
3.2.2. Assalto ao palácio presidencial: a luta armada “estudantil”	153
3.2.3. Triunfo da Revolução Cubana: a “apoteose” da luta armada	162
Capítulo 4. Liberdade na ponta do fuzil: memórias da luta armada na legitimação da Revolução Cubana	174
4.1. A “guerrilheirização” do passado anticolonial: a memória de José Martí a partir da luta armada de <i>Sierra Maestra</i>	187
4.2. Luta armada e passado insurrecional: a efeméride do 26 de julho entre disputas, apropriações, e imposições	205
4.3. Revolução no poder: as lutas armadas revolucionária e contrarrevolucionária entre comparações, lembranças e esquecimentos	221
Conclusão	237

Bibliografia	244
Fontes	260
Anexos	280

INTRODUÇÃO

Les daremos armas hasta los gatos si conseguimos enseñarles a manejar un fusil.¹

Pensar em Revolução Cubana significa lembrar dos guerrilheiros que se tornaram famosos, dentro e fora da ilha, após a deposição de Fulgêncio Batista, com destaque para Ernesto “Che” Guevara, Camilo Cienfuegos, Raul Castro, Juan Bosque e, sobretudo, Fidel Castro², quase sempre representados envergando uniformes militares e empunhando armas. Contudo, para os cubanos que vivenciaram a euforia do 1º de janeiro de 1959, o término da ditadura parecia uma conquista obtida por amplos setores da sociedade civil, abrangendo um conjunto heterogêneo de forças políticas, e não apenas uma vitória da guerrilha de *Sierra Maestra*. Com o passar do tempo, a memória oficial construída pelo “novo” regime passou a se referir à fuga de Fulgêncio Batista como triunfo da Revolução, atribuindo o protagonismo deste ato aos guerrilheiros liderados por Fidel Castro. Diante disso, cabe indagar como apenas um dos grupos que compunham a oposição à ditadura, adepto da luta armada, conseguiu se legitimar como a única força política responsável pela derrota de Batista? Como a imagem dos guerrilheiros barbudos empunhando seus fuzis se tornou, no discurso oficial, a única maneira de representar a Revolução Cubana para as futuras gerações? Como e por que a luta armada, especialmente a guerrilha³ de *Sierra Maestra*, foi representada como o tipo de oposição mais “correta”, sendo praticada pelo grupo político que deveria concentrar o poder em suas mãos após 1959? Em suma, por que a Revolução Cubana se tornou sinônimo de luta armada?

¹ Trecho da carta enviada por Fidel Castro a Ernesto “Che” Guevara, em 14 de junho de 1959, reproduzida pela Revista *Bohemia*.

² Ao longo de seus noventa anos de vida (1926-2016), Fidel Castro ocupou os seguintes cargos na estrutura estatal-partidária após o triunfo da Revolução, seguindo a ordem cronológica: primeiro ministro de Cuba entre 16 de fevereiro de 1959 e 2 de dezembro de 1976, primeiro secretário do Partido Comunista de Cuba (PCC) entre 3 de outubro de 1965 e 19 de abril de 2011, presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros da República de Cuba entre 2 de dezembro de 1976 e 24 de fevereiro de 2008.

³ Para as diferentes práticas de guerrilha na história ver BONNET, Gabriel. **Guerrilhas e Revoluções**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1963; Idem. **Guerras insurrecionais e revolucionárias**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1963. POMEROY, William. **Guerrillas y contraguerrillas**. Cidade do México: Grijalbo, 1967; TABER, Robert. **La guerra de la pulga**. Guerrilla y contraguerrilla. Cidade do México: Era, 1977; VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular**. Terrorismo, guerrilha e movimientos de resistencia ao longo da história. São Paulo: Contexto, 2009; CIDONCHA, Carlos Saiz. **Guerrillas en Cuba y otros países de Iberoamerica**. Madri: Nacional, 1974; WICKHAM-CROWLEY, Timothy. **Guerrillas and Revolution in Latin America**. A comparative study of insurgents and regimes since 1956. Princeton: Princeton University Press, 1992. Para a guerrilha do M 26-7 ver RIVERO, Roberto Pérez. **La guerra de liberación nacional**. Formación y desarrollo del Ejército Rebelde. Santiago de Cuba: Oriente, 2006.

Ao eleger o assalto ao quartel *Moncada*, em 26 de julho de 1953, como início do processo revolucionário, evento considerado o “motor da revolução”⁴, a memória oficial socialista ofuscou uma série de eventos e personagens do passado nacional, incluindo amplos segmentos da sociedade cubana, como sindicatos, instituições civis e religiosas, partidos políticos e corporações econômicas, que atuaram de modo decisivo para colocar termo à ditadura vigente na ilha entre 1952 e 1959, em especial nos últimos anos do regime, quando a crise institucional se agudizou⁵. A despeito da variedade de oposições, a criação da narrativa que visava sustentar a supremacia dos guerrilheiros perante outros grupos não se direcionou apenas para “fora” da luta armada, mas também para “dentro” do M 26-7, que durante o período insurrecional⁶ (1953-1959) contou com fortes núcleos urbanos nas principais cidades, sobretudo em Santiago, sob a liderança de Frank País. Empreendida também pelo *llano*, e não apenas pela *sierra*, a luta clandestina⁷ teve um papel de extrema importância na tomada de decisões, no recrutamento de combatentes, na obtenção de recursos e suprimentos e na elaboração de estratégias políticas junto a outras organizações contrárias ao regime de Batista⁸. Por mais que alguns participantes da resistência urbana tenham ganhado posições de destaque, após 1959 este setor do M 26-7 acabou sendo, em grande parte, ofuscado pela memória oficial construída em torno do heroísmo dos guerrilheiros que se embrenharam na *Sierra Maestra*.

A celebração de certos eventos e personagens associados à luta armada exprime a intenção do Estado de tentar controlar os significados atribuídos ao passado insular, e particularmente ao processo revolucionário, dentro do qual o tema das armas se tornou em uma fonte de legitimidade ligada diretamente ao M 26-7. Contudo, nos primeiros momentos após a queda de Batista, contexto em que a hegemonia do grupo político de Fidel Castro estava longe de representar uma unanimidade, outras agremiações também disputavam com o M 26-7 o protagonismo em torno do novo governo de coalização que abrigava os antigos setores de resistência à ditadura batistiana, tais como, para ficarmos nos exemplos mais conhecidos, o Diretório Revolucionário (DR), cujo maior expoente havia sido o líder estudantil José Antonio Echeverría, e o Partido Socialista Popular

⁴ REINER, Aida. **Moncada, motor de la Revolución (1953-1955)**. Havana: Política, 1983.

⁵ GUITART, Jorge Renato Ibarra. **El fracaso de los moderados en Cuba**. Las alternativas reformistas de 1957-1958. Havana: Política, 2000.

⁶ LARA, Jose Bell. **Fase insurreccional de la Revolución Cubana**. Havana: Ciencias Sociales, 2006.

⁷ Para um relato feito por um dos participantes da luta clandestina ver HART, Armando. **Aldabonazo**. En la clandestinidad revolucionaria cubana (1952-1958). Atlanta: Pathfinder, 2004.

⁸ SWEIG, Julia. **Inside the Cuban Revolution**. Fidel Castro & the Urban Underground: Fidel Castro and the Urban Underground. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

(PSP), então chefiado por Blas Roca e Aníbal Escalante. O culto cívico à guerrilha surge exatamente neste contexto em que o núcleo egresso de *Sierra Maestra* buscava opor seus métodos de conquista do poder aos utilizados por seus rivais. Neste sentido, desde os primeiros momentos, Fidel Castro subiu aos palanques para defender a tese de que a Revolução Cubana teria sido fruto, única e exclusivamente, da tática guerrilheira, e não dos métodos “tradicionais” utilizados pelos partidos políticos e pela via institucional das democracias burguesas. A memória da luta armada, e o controle dela, serviria como uma estratégia para comprovar tal argumento no intuito de relegar a segundo plano os antigos aliados do M 26-7, que a partir de 1º de janeiro de 1959 disputaram o controle do novo arranjo de poder, formado a partir das oposições a Batista.

Esta, portanto, não é uma tese sobre o que se convencionou chamar de Revolução Cubana⁹, nem sobre a vida do dirigente guerrilheiro que chegou ao poder pelas armas¹⁰, mas sobre a memória da luta armada vocalizada por Fidel Castro entre 1959 e 1976, anos que delimitam o início e o final do processo de consolidação do governo revolucionário. Se por um lado, no senso comum, embora não apenas, utiliza-se a expressão Revolução Cubana para se fazer referência a tudo o que ocorreu na ilha desde 1959 até os dias de hoje, por outro lado grande parte da literatura acadêmica dedicada ao tema vem buscando problematizar o uso indistinto e inadvertido deste termo, alertando para a dificuldade que ele tem em expressar as mudanças históricas observadas em Cuba desde a queda de Batista. Nesta perspectiva, Edward McCaughan¹¹ e Aviva Chomsky¹² consideram que as mais relevantes transformações ocasionadas pelo processo revolucionário aconteceram nos anos 1960, uma “década de experimentação”. Mais taxativa, Marifeli Pérez-Stable sustenta que o ano de 1970, marcado pelo fracasso da “safra dos 10 milhões”, significou

⁹ Cf. CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**. São Paulo: Veneta, 2015; AYERBE, Luís Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Unesp, 2004; FORMENTO, Manuel Castro. **La obra de la Revolución Cubana**. Aspectos relevantes entre 1952 y 2016 (Tomos I y II). Califórnia: Ibukku, 2017; ROJAS, Rafael. **Historia mínima de la Revolución Cubana**. Madri: Turner, 2015; GUERRA, Sérgio, MALDONADO Alejo. **Historia de la Revolución Cubana**. Tafalla: Txalaparta, 2009; PÉREZ-STABLE, Marifeli. **La revolución cubana**. Orígenes, desarrollo y legado. Madri: Editorial Colibrí, 1998; LEÓN, Arnaldo Silva. **Breve historia de la Revolución Cubana**. Havana: Ciencias Sociales, 2003.

¹⁰ A seguir listamos as biografias mais relevantes de Fidel Castro: FURIATI, Claudia. **Fidel Castro**. Uma biografia consentida. Rio de Janeiro: Revan, 2001; RAMONET, Ignácio. **Fidel Castro**. Biografia a duas vozes. São Paulo: Boitempo, 2006; SZULC, Tad. **Fidel**. Um retrato crítico. São Paulo: Best Seller, 1987; ZANATTA, Loris. **Fidel Castro**. El último rey católico. Buenos Aires: Edhasa, 2020; BOURNE, Peter. **Fidel**. A Biography of Fidel Castro. Nova Iorque: Macmillan London, 1986; QUIRK, Robert E. *Fidel Castro*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1995; CLERC, Jean Pierre. **Las cuatro estaciones de Fidel Castro**. Una biografía política. Buenos Aires: Aguilar, 1997; BALFOUR, Sebastian. **Fidel Castro**. Una biografía política. Barcelona: Península, 2009.

¹¹ MCCAUGHAN, Edward. **Reinventando la Revolución**. La renovación del discurso de la izquierda en Cuba y México. Cidade do México: Siglo XXI Editores, 1999, p. 48.

¹² CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**, op. cit., p. 54.

o término da Revolução, visto que “las bases sociales del poder político se habían transformado radicalmente, y la institucionalización que le seguiría habría de imprimir en breve una dinámica más estable a la sociedad cubana”¹³. Rafael Rojas foi outro intelectual que interpretou tal objeto como um fenômeno histórico delimitado entre os anos 1950 e 1970¹⁴, sustentando que para conseguir “desglosar” e “desmistificar”¹⁵ o conceito de revolução a historiografia deve

[...] operar con un nuevo concepto de ‘revolución’ que quiebre las sinonimias del discurso oficial. Revolución no puede significar lo mismo que patria, nación o socialismo, ni puede funcionar como una metáfora más del poder – Fidel, Raúl, el Partido –, o como otro nombre del régimen, de la comunidad o del país. La Revolución fue – como em Francia, Rusia y México – un fenómeno histórico concreto que tiene que ver con la transformación de la economía, la sociedad, la política, y la cultura cubanas a partir de 1959. En la medida en que el concepto sea reducido a su propia significación histórica y despojado de su figuración ideológica, el fenómeno revolucionario será más críticamente historiable¹⁶.

Indo ao encontro da perspectiva defendida por Chomsky, McCaughan, Pérez-Stable e Rojas, segundo a qual, em Cuba, as mais importantes metamorfoses políticas, econômicas, culturais e sociais aconteceram durante a década de 1960, encontrando uma formatação institucional a partir do início dos anos 1970, escolhemos o recorte temporal compreendido entre 1959 e 1976 por entendemos que este período abrange desde a “efervescência” até a “cristalização” do processo revolucionário cubano. Ao longo deste período o fortalecimento institucional do regime socialista envolveu acontecimentos-chave como a fundação do Partido Comunista de Cuba (PCC) e a constituição de seu comitê central, em 1965, a realização do I Congresso Nacional de Educação e Cultura, ocorrido em Havana, em 1971, a entrada oficial de Cuba no Conselho para Assistência Econômica Mútua (Comecon), em 1972, a elaboração do primeiro plano quinquenal e a realização do I Congresso do Partido Comunista de Cuba, ambos em 1975. No ano seguinte, fechando um conjunto de transformações iniciadas em 1959, o governo chefiado por Fidel Castro promulgou sua primeira constituição e, logo a seguir, fundou a Assembleia Nacional do Poder Popular (ANPP), eventos de grande simbolismo para a

¹³ PÉREZ-STABLE, Marifeli. *La revolución cubana*, op. cit., p. 209.

¹⁴ ROJAS, Rafael. *La máquina del olvido*. Mito, historia y poder en Cuba. Cidade do México: Taurus, 2012, p. 53.

¹⁵ Idem, p. 217.

¹⁶ Idem, p. 170.

“institucionalização”¹⁷ e a “burocratização”¹⁸ da ordem socialista concebida, em grande medida, a partir do modelo de organização político-social criado na URSS¹⁹, país que desde o começo da década de 1960, e ao longo de toda a Guerra Fria, se manteve como o principal parceiro geopolítico de Cuba²⁰.

Diante das questões acima esboçadas, visamos desconstruir, em primeiro lugar, a premissa do discurso oficial de que o governo revolucionário e a construção do socialismo em Cuba teriam sido o resultado inexorável da luta armada empreendida desde a *Sierra Maestra*, posto que, na segunda metade dos anos 1950, a guerrilha compunha um bloco de oposições a Batista bastante heterogêneo, no qual se combinavam estratégias armadas e pacíficas. Em segundo lugar, buscaremos mostrar como o que se entende por história da Revolução Cubana consiste, em linhas gerais, na criação de uma narrativa “militarizada” que visava atribuir relevância à luta armada enquanto tática de conquista e, ao mesmo tempo, de manutenção dos revolucionários no poder. Sob o governo de Fidel Castro, surgido e consolidado em meio a intensas disputas político-ideológicas internas e externas, a “fabricação” dos marcos temporais que passaram a organizar a história insular se encontra diretamente relacionada à visão que o regime socialista construiu sobre o papel histórico da guerrilha, tendo para isso se baseado em princípios de seleção que orientaram as lembranças e esquecimentos²¹ expressas pela memória oficial. Em terceiro lugar, objetivamos compreender como tais práticas, relacionadas ao passado, atuaram na

¹⁷ LEGRÁ, Ángel. **El proceso de institucionalización de la Revolución Cubana**. Havana: Ciencias Sociales, 1985.

¹⁸ CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**, op. cit., p. 54.

¹⁹ GUERRA, Sergio; MALDONADO, Alejo. **Historia de la Revolución Cubana**, op. cit. p. 130.

²⁰ RAMIREZ, Blanca Torres. **Las relaciones cubano-sovieticas (1959-1968)**. Cidade do México: Colegio de Mexico, 1971.

²¹ Intrínsecos à memória, os significados atribuídos às lembranças e esquecimentos dependerão das disputas político-ideológicas e das especificidades dos diferentes contextos históricos analisados. Cf. RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007; Idem. **La lectura del tiempo pasado**. Memoria y olvido. Madri: Arrecife, 1999; LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2013, p. 390; CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015; TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Barcelona: Paidós, 2000; CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019, p. 72, 127; POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15; SVAMPA, María Lucila. **Historia en disputa**. Memoria, olvido y usos del pasado. Buenos Aires: Prometeo, 2016; PAOLO, Rossi. **O passado, a memória, o esquecimento**. Seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Unesp, 2010, p. 25; ÁLVARO, Francesc-Marc. **Entre la mentira y el olvido**. El laberinto de la memoria colectiva. Barcelona: RBA, 2012; YERUSHALMI, Yosef; MOMMSEN, Hans; MILNER, Jean-Claude; VATTIMO, Gianni; LORAUX, Nicole. **Usos do esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2017; AUGÉ, Marc. **As formas do esquecimento**. Lisboa: Íman Edições, 2001; LORAUX, Nicole. **La ciudad dividida**. El olvido en la memoria de Atenas. Buenos Aires: Katz, 2008; JELIN, Elizabeth. **La lucha por el pasado**. Como construimos la memoria social. Buenos Aires: Siglo XXI, 2018; Idem. **Los trabajos de la memoria**. Madri: Siglo XXI, 2002; BURKE, Peter. “História como memória social”. In: BURKE, Peter. **Variiedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 67-89.

elaboração da narrativa teleológica que caracteriza a memória oficial, a qual visava, entre outras coisas, sobrepor o M 26-7 aos segmentos político-sociais que também haviam colaborado para o triunfo da Revolução Cubana, em 1º de janeiro de 1959.

Tendo em vista tais objetivos de pesquisa, serão analisados, prioritariamente, os pronunciamentos realizados por Fidel Castro entre os anos de 1959 e 1976²², período em que exerceu os cargos de primeiro-ministro e primeiro-secretário do Partido Comunista de Cuba (PCC)²³. Frente à enorme quantidade de fontes relativas à etapa de consolidação do governo revolucionário, enfocaremos as falas públicas realizadas pelo *comandante* em efemérides, recepções, solenidades, festividades, celebrações e comemorações, entre outras circunstâncias consideradas autolegitimadoras e laudatórias pelo regime socialista insular. Via de regra, tais discursos foram proferidos em eventos que contavam com plateia presencial e remota²⁴, tendo o auxílio de amplificação sonora, preferencialmente em espaços ao ar livre (tais como praças, ruas, avenidas, parques) e, eventualmente, em espaços fechados (tais como dependências de instituições estatais-partidárias, auditórios, centros de convenções, teatros). O caráter oficial das fontes pode ser aferido pelo fato de que tanto o registro e a produção quanto a circulação desse vasto material, que envolve etapas como transcrição, compilação e divulgação dos discursos castristas dentro e fora da ilha, estiveram sob a responsabilidade do aparato estatal-partidário, sendo prova disso o *site*²⁵ elaborado pelo governo cubano com o objetivo de divulgar grande parte deste material e, desta forma, transformar tal iniciativa em uma homenagem à atuação política e à figura pública de Fidel Castro como estadista.

No referido *site* criado pelo governo cubano não constam informações técnicas e cronológicas a respeito de sua fundação e organização, nem sobre o acervo ali reunido, tais como os anos de publicação dos discursos, as eventuais referências bibliográficas e os responsáveis pelo registro, edição e difusão do material disponibilizado na *internet*. No *site*, os discursos se dividem em seções relativas aos anos em que foram proferidos, contendo títulos que na maior parte dos casos mencionam dia, lugar e ocasião em que o

²² Ao longo dos capítulos, as análises de discursos pronunciados por Fidel Castro após 1976 terão como objetivo elucidar o contexto histórico relativo ao recorte temporal adotado desta tese, aprofundando assim a compreensão dos significados atribuídos ao passado da ilha pelo governo cubano no período que se estende entre o triunfo da Revolução e a promulgação da primeira constituição socialista.

²³ A constituição de 1976 aboliu o cargo de primeiro-ministro, que foi substituído pelo de presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros da República de Cuba, função que Fidel Castro desempenhou até 2008, juntamente com a de primeiro-secretário do Partido Comunista de Cuba, que ocupou entre 1965 e 2011.

²⁴ Na maior parte dos casos, os discursos pronunciados por Fidel Castro tinham seu alcance ampliado ao serem transmitidos, simultaneamente, por emissoras cubanas de rádio e TV, além de serem reverberados, posteriormente, através de publicações e periódicos produzidos dentro e fora de Cuba.

²⁵ Cf. <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>

evento ocorreu. Os cabeçalhos dos discursos indicam que as transcrições foram realizadas por meio do serviço de taquigrafia estatal no transcorrer dos respectivos atos de fala, não sendo oferecidas explicações complementares relativas aos métodos e procedimentos utilizados na passagem da oralidade para o registro escrito. Além de abrigar os discursos do mandatário entre 1959 e 2006, o *site* oficial também incorporou os textos publicados por Fidel Castro no jornal *Granma* durante o seu período de afastamento do poder para tratamento de saúde, entre 2006 e 2008. As assim chamadas *Reflexiones del compañero Fidel*, outra parte dos artigos veiculados no órgão oficial do Partido Comunista de Cuba (PCC) até pouco tempo antes de sua morte, ocorrida em 25 de novembro de 2016, também conheceram luz pública através de edições físicas e digitais, sob a direção e o patrocínio da *Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado*, contabilizando nove tomos.

No que tange à memória da guerrilha de *Sierra Maestra* construída pelo governo revolucionário, dimensão que envolve a produção discursiva de Fidel Castro, mas não apenas, destacam-se os trabalhos acadêmicos dos historiadores Rafael Rojas²⁶, o primeiro a se debruçar sobre a temática em um sentido mais amplo e problematizador, e, no Brasil, Giliard Prado, que explorou o que chamou de “gestão da memória” da Revolução Cubana através da análise dos discursos do mandatário nas principais efemérides e comemorações cívicas criadas após 1959. Com o objetivo de compreender as “estratégias de legitimação” empregadas pelo regime socialista ao longo do tempo, o historiador brasileiro priorizou as falas de Castro na mais importante das datas comemorativas, concernente ao ataque ao quartel *Moncada*, ocorrido em 26 de julho de 1953. Inovadora em diversos aspectos, sua pesquisa mostrou que assim como as esferas políticas, econômicas e sociais, o campo da memória também se tornou o “lugar” onde as tensões, dissensos, disputas e negociações entre grupos políticos rivais e antagônicos se expressaram, inclusive os autoritarismos por parte do Estado cubano, expressos através de expurgos, censuras, julgamentos sumários e silenciamentos dos opositores em instituições, meios de comunicação e demais espaços públicos. Sua pesquisa conseguiu a um só tempo mapear e analisar tanto as “memórias concorrentes” em relação ao processo revolucionário quanto as intencionalidades de um governo que, através de sua “política de memória”, elegeu

datas, figuras e acontecimentos a serem comemorados, estabelecendo quais seriam dignos de lembrança e os meios a serem empregados para representa-los [...] dentre os quais constam: os nomes de eventos e de líderes políticos atribuídos a lugares públicos; as mais diversas

²⁶ ROJAS, Rafael. *La máquina del olvido*, op. cit.

produções textuais e imagéticas; a instituição de um calendário revolucionário; a apropriação das figuras de heróis da nação cubana para a formação de uma espécie de panteão cívico; e os discursos das comemorações das efemérides da Revolução²⁷.

No âmbito da historiografia dedicada à Revolução Cubana, a obra de Prado tem o mérito de ser a primeira a interpretar a memória oficial como espaço de criação de uma narrativa política, trazendo uma perspectiva renovada sobre como o regime socialista geriu as principais comemorações cívicas dentro da ilha a partir das complexas relações entre Estado e sociedade civil após 1959. Sua chave analítica partiu de uma “arqueologia da memória”, isto é, um exame crítico da “sobreposição” e do “acúmulo de camadas do discurso oficial cubano no decorrer do tempo”²⁸. Neste sentido, o autor afirmou que a guerra de guerrilha foi travada não apenas contra o regime ditatorial de Fulgêncio Batista, mas também, simbolicamente, através da criação de uma narrativa sobre o passado de Cuba, a qual o governo socialista conseguiu transformar, paulatinamente, em memória oficial. A perspectiva adotada por Prado recorreu ao binômio amigo-inimigo, criado pelo intelectual alemão Carl Schmitt, a fim de demonstrar como o regime cubano construiu uma retórica a partir da qual seus adversários passaram a ser considerados “inimigos” e os aliados “amigos”. Calcado na compreensão da beligerância de um Estado que concebia a política como guerra, o historiador brasileiro depreendeu dos discursos realizados por Fidel Castro nas comemorações oficiais da efeméride do 26 de julho uma cisão político-ideológica que, no cenário da Guerra Fria, acabou transformando os EUA em “inimigo” e a URSS em “amiga” da Revolução Cubana.

Tendo em vista as contribuições trazidas pelos estudos de Rafael Rojas e Giliard Prado, que abriram novas perspectivas de análise da memória da Revolução Cubana, nosso trabalho visa contribuir com esta área ao propor uma interpretação do projeto estatal de memória gestado na ilha, após 1959, tendo como eixo temático a luta armada em suas distintas etapas. A partir de diálogos estabelecidos com as obras de Prado e Rojas analisaremos como a memória da luta armada praticada nos anos 1950 contra a ditadura de Batista se tornou uma das principais estratégias usadas pelo governo de Fidel Castro para legitimar a guerrilha de *Sierra Maestra* como a maior força política dentre os grupos antibatistianos rivais ao M 26-7 e, em paralelo, como a força política capaz de derrotar os dissidentes e opositores surgidos no transcorrer do processo revolucionário. Em grande

²⁷ PRADO, Giliard. **A construção da memória da Revolução Cubana**: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários. Curitiba: Appris, 2018, p. 26.

²⁸ Idem, p. 36.

medida inédito, tal recorte temático visa demonstrar que o apelo das lideranças revolucionárias às armas, sobretudo de Fidel Castro, desempenhou um papel fundamental na narrativa oficial construída para explicar a ascensão dos guerrilheiros ao poder. Síntese da Revolução e do próprio surgimento da nação insular, como demonstraremos ao longo da tese, a “memória das armas” tornou-se a principal maneira do Estado cubano legitimar a atuação dos guerrilheiros na história nacional, conectando o “presente revolucionário” (1959 em diante) com o “passado anticolonial” (guerras de independência do século XIX) e o futuro representado pela utopia do comunismo.

Até agora o debate sobre a construção memória da Revolução Cubana a partir do Estado avançou no que se refere ao entendimento do tema como um dos mais relevantes desdobramentos observados na ilha a partir a chegada dos guerrilheiros ao poder, consolidando-o como um aspecto central na legitimação da soberania política após 1959. A partir desta constatação, esta tese pretende lançar luz sobre o papel da luta armada na construção da memória oficial em Cuba, elemento que ainda não recebeu uma análise detida da historiografia especializada, e que, a nosso juízo, pode ajudar a compreender de forma aprofundada como as lembranças da guerrilha de *Sierra Maestra*, bem como os esquecimentos de outros grupos políticos, estruturaram uma narrativa autolegitimadora da Revolução Cubana. Nesta perspectiva, a originalidade do nosso esforço interpretativo se manifesta no entendimento da luta armada como uma linha de força que organizou a construção da memória da Revolução Cubana enquanto projeto estatal, sobretudo entre 1959 e 1976, período de consolidação do governo revolucionário e do sistema socialista. Para o projeto de memória oficial criado após 1959, a luta armada se tornou o elemento aglutinador de toda a história cubana, ou seja, constituiu as bases da narrativa que buscava explicar não apenas as causas e o êxito da Revolução no tempo presente, mas também a própria origem de Cuba como nação independente, conectando desta maneira o processo revolucionário às ideias de liberdade e nacionalidade.

Além de pautar como a história da Revolução Cubana seria contatada, as armas empunhadas pelos combatentes de *Sierra Maestra* ajudaram a reestruturar e, em grande medida, a reescrever a história da ilha ao se filiarem às guerras independentistas do século XIX. Na memória revolucionária, os esforços dos *mambises*²⁹ foram interpretados como

²⁹ No imaginário nacional cubano, o termo *mambises* (no singular, *mambí*) designa os combatentes envolvidos em insurreições independentistas contra a metrópole espanhola ao longo do século XIX, compreendendo aqueles que pegaram em armas em 1868 e 1895, anos de início da primeira e segunda guerras de independência, respectivamente.

as “origens” que desembocaram na “apoteose” da guerrilha, em 1º de janeiro de 1959. Assim, as armas representam a parte do passado cubano que os guerrilheiros desejavam recuperar no presente. Em outras palavras, antes do “socialismo em armas” (1961) houve a “revolução em armas” (1959), e antes dela, a “nação em armas” (1868-1895). Na extensa produção discursiva de Fidel Castro, a onipresença das armas fez a história da guerrilha do M 26-7 se confundir e, em algumas circunstâncias, se transformar na própria história de Cuba, revelando uma tentativa do regime socialista de reconstruir a identidade nacional através da luta armada. Não apenas nos discursos castristas, como também na propaganda política estatal de forma geral, as armas representam uma linha de força e, ao mesmo tempo, uma linha de corte que divide a história insular entre “pró” nacionais e “anti” nacionais, criando uma dicotomia política que atribui aos adeptos da luta armada a defesa dos interesses populares, sendo o lado “bom” da história, e aos demais grupos não adeptos dela, ou que de algum modo impediram a luta armada de chegar ao poder, em repressores das causas populares, sendo o lado “ruim” da história.

Em suma, a originalidade desta tese consiste em comprovar que, no âmbito da memória oficial, a Revolução Cubana narrou sua história através das armas, ofuscando setores da sociedade civil que atuaram na resistência ao regime de Fulgêncio Batista de outras formas que não pelo fuzil. As armas foram artefatos bélicos que basearam a atuação política do grupo chefiado por Fidel Castro, mas também, simbolicamente, as estratégias utilizadas pelo governo criado a partir de 1959 para persuadir a opinião pública acerca da supremacia da guerrilha de *Sierra Maestra* sobre as demais oposições à ordem batistiana. O processo que vai das armas físicas às armas ideológicas revela um conjunto de ações estatais voltadas à produção de significados históricos, os quais tiveram como epicentro a representação dos guerrilheiros do M 26-7 como herdeiros dos *mambises* e, por isso, como protagonistas dentre as oposições a Batista. Neste sentido, as “armas da revolução” designam, em sentido metafórico, as estratégias de legitimação levadas a cabo por um grupo político que se pensou como a vanguarda responsável por implementar a “inérita” e “verdadeira” ruptura com o passado de exploração da ilha. A partir de 1959, a memória foi também, como o fuzil, uma arma que o poder constituído em Cuba utilizou para se representar e se legitimar publicamente. De tática político-militar voltada à tomada do Estado de assalto, a luta armada e sua memória deram forma, sobretudo nos discursos de Fidel Castro, a uma tentativa de redesenhar o presente, o passado e o futuro da ilha.

A fim de compreender como a memória da luta armada criou novos significados para o passado de Cuba, ao longo da tese lançamos mão de análises que resultaram na

criação de termos responsáveis por explicar as diferentes dimensões deste fenômeno. A começar pelos pronunciamentos de Fidel Castro, que no primeiro capítulo receberam um tratamento metodológico responsável pela diferenciação das instâncias que compõem as fontes, abrangendo desde a oralidade até a circulação das ideias comunicadas em público pelo *comandante*. No segundo capítulo, destacam-se as *calendas* cubanas, que consistem na ideia de “aceleração” do tempo como uma consequência da luta armada empregada por Cuba em sua busca por liberdade. No terceiro, destaca-se a “máquina da memória”, que consiste na criação de marcos temporais ligados à história da guerrilha expressos por meio de um calendário cívico que tem as efemérides como “engrenagens”, isto é, como produtoras de nexos entre os eventos representativos da luta armada em Cuba. No quarto, destacam-se a “guerrilheirização” do passado, que consiste na reinterpretação dos fatos e personagens históricos com o intuito de legitimar a guerrilha de *Sierra Maestra*, e, por fim, a “genealogia” da luta armada, que consiste na criação de uma narrativa histórica a partir da qual a guerrilha contra o regime de Fulgêncio Batista se conectou com o passado anticolonial para potencializar as mensagens político-ideológicas do M 26-7, sobretudo as relacionadas com o núcleo armado sob o comando de Fidel Castro.

Do ponto de vista conceitual, vale ressaltar que entendemos por memória oficial³⁰ a construção de uma narrativa sobre o passado nacional cubano controlada diretamente pela estrutura estatal-partidária e vocalizada publicamente por Fidel Castro ao longo dos anos em que ocupou postos de comando em Cuba, no recorte temporal que vai de 1959 a 2006. Interpretada numa perspectiva “conservadora”, no sentido de que apelava para a manutenção do ordenamento político, econômico e social surgido em janeiro de 1959, e aprofundado de 1961 em diante, entendemos que o aparato ideológico socialista utilizou a memória como forma de tentar controlar os significados atribuídos ao passado da ilha. Nem por isso consideramos a memória oficial como resultado de uma ação unilateral, isto é, uma versão final criada e imposta pelo Estado sobre uma sociedade passiva e incapaz de manifestar suas desaprovações, dissensos e resistências. É também a partir de uma série de “negociações” com a opinião pública interna que as diferentes instâncias que

³⁰ Segundo Elizabeth Jelin, a memória oficial tem a função de definir e reforçar o sentimento de pertencimento dos membros de uma determinada sociedade, mantendo a coesão social e enquadrando as memórias particulares dos diferentes grupos sociais. JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**, op. cit., p. 40. No caso cubano, Rafael Rojas entende a história e a memória oficiais criadas pelo regime socialista como “resultado de un procesamiento de los consensos historiográficos por parte de las instituciones políticas, educativas y mediáticas de la esfera pública de cualquier país [sendo que] todos los regímenes políticos y todos los gobiernos, democráticos o no, apelan a una historia oficial para su legitimación”. ROJAS, Rafael. **La máquina del olvido**, op. cit., p. 135.

compõem a esfera governamental em Cuba conseguiram formular suas intervenções nos espaços públicos na tentativa de criar um conjunto de nexos que construíram significados relativamente coesos e estáveis sobre eventos e personagens pretéritos nos sucessivos tempos presentes posteriores a 1959. Ao mesmo tempo, tais nexos históricos tinham a função de indicar um *telos*, isto é, o “lugar” onde se pretendia chegar no futuro a partir da apropriação e, em certos aspectos, da reedição do passado.

Complexos, os fenômenos sociais vinculados à memória compreendem um amplo conjunto de referências nas ciências humanas. Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, julgamos que a vertente mais apropriada para a análise do nosso objeto de estudo pode ser encontrada na obra do antropólogo Joel Candau, que propôs uma taxinomia da memória dividida em três níveis³¹. O principal, a *metamemória*, consiste na capacidade de formular uma versão coerente sobre o que se quer trazer do passado. Para tanto, seria necessário desenvolver habilidades capazes de “representar” algo que já aconteceu ou alguém que já não existe mais. Tal prática resultaria na confecção de uma memória “ostensiva” e explicitamente “reivindicada” pelos agentes que dela fazem uso público, diríamos também político-ideológico, sobretudo na realidade cubana pós 1959, contexto em que a *metamemória* mostrou fortes relações com o Estado, podendo ser definida como “oficial”. Apesar de o autor frisar que a memória é um atributo individual³², e que por isso seria inviável pressupor uma mobilização homogênea e sincrônica desta faculdade por todos os membros de uma dada sociedade, a *metamemória*, ao contrário das outras modalidades, consegue extrapolar a esfera individual para adquirir significados coletivos, se expressando como uma mensagem “que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo”, ou como um “compartilhamento hipotético de lembranças”³³.

Com base na definição conceitual de *metamemória*, a análise do papel da luta armada das falas públicas de Fidel Castro dever atentar para as conexões entre memória e identidade. Nas ciências humanas, o aspecto identitário se encontra colocado desde o

³¹ Além da *metamemoria*, Joel Candau identificou outros dois níveis. Ligada ao *habitus* e à *mimeses*, que exprimem saberes herdados pela repetição e pela prática, o primeiro deles é a *protomemória*, caracterizada como uma memória “imperceptível”, que geralmente se expressa pelo corpo e pelo gestual humanos e acontece desacompanhada de uma tomada de consciência por parte do indivíduo que a assimila. Já o segundo nível se expressa, sobretudo, através da “recordação” e do “reconhecimento”, isto é, aquilo que consensualmente se entende como uma “evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc.)”. CANDAU, Joel. **Memoria e identidade**, op. cit., p. 21-23.

³² Para uma abordagem da memória a partir da neurociência ver BADDELEY, Alan; ANDERSON, Michael; EYSENCK, Michael. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

³³ CANDAU, Joel. **Memoria e identidade**, op. cit., p. 24-25.

início das discussões sobre memória, com a obra de Maurice Halbwachs, ainda no começo do século XX. Adepto da escola durkheimiana de pensamento, o sociólogo francês sustentava a existência de uma “memória coletiva”³⁴ que determinava o que deveria ser lembrado e o que deveria ser esquecido pela sociedade. Posteriormente, intelectuais como Peter Burke³⁵, Paolo Rossi³⁶, Fernando Catroga³⁷ e Jacques Le Goff³⁸ chamaram atenção para a centralidade da memória no processo de construção das identidades em suas mais diversas acepções e contextos históricos, com ênfase nas expressões contemporâneas do nacionalismo. Além destas contribuições, Joel Candau se aprofundou na perspectiva da “memória identitária”³⁹ ao propor que “a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada”, havendo assim uma “dialética” entre dimensões que “se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa”⁴⁰. Nos níveis individual e coletivo, conclui Candau, o “jogo da memória” funda a identidade, sendo a memória uma “identidade em ação”, uma vez que não “há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade”⁴¹.

De acordo com Pierre Nora, a memória é “mais um enquadramento do que um conteúdo”, é um “conjunto de estratégias [...] que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele”⁴². Deslocar a discussão do fato em si, ou da suposta verdade sobre ele, para as apropriações que os sucessivos tempos presentes fizeram dele, significa optar por um caminho metodológico que busca sepultar a ideia de que a memória é apenas um acúmulo de lembranças que se pode conservar e, tempos depois, recuperar. Em síntese, como muito bem definiu Candau, entendemos que a “memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo”⁴³. No que tange às práticas do governo revolucionário neste âmbito, a adesão à perspectiva de análise delineada por Candau e Nora permitirá extrapolar o terreno das discussões

³⁴ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. Para uma crítica do conceito de memória coletiva criado por Halbwachs ver CANDAU, Joel. **Memória e identidade**, op. cit., p. 24-25.

³⁵ BURKE, Peter. “**História como memória social**”, op. cit., p. 83.

³⁶ ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**, op. cit., p. 24.

³⁷ CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**, op. cit., p. 74.

³⁸ LE GOFF, Jacques. **História e memória**, op. cit., 435.

³⁹ Segundo Candau, este termo foi utilizado pela primeira vez pelas historiadoras francesas Janine Ponty, estudiosa da comunidade de imigrantes poloneses na França, e Anne-Marie Granet-Abisset, estudiosa da memória dos queyrasins. CANDAU, Joel. **Memória e identidade**, op. cit., p. 19.

⁴⁰ Idem, p. 16.

⁴¹ Idem, p. 18-19.

⁴² NORA, Pierre. “Entre mémoire et histoire”. In : NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire**. La République. Paris: Gallimard, 1984, p. VIII.

⁴³ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**, op. cit., p. 9.

meramente factuais sobre a história de Cuba, evitando que a “autenticidade” dos eventos se transforme no centro do debate e, conseqüentemente, que a historiografia fique refém de maniqueísmos ideológicos baseado na divisão como mentira *versus* verdade. Através das referências teóricas acima mencionadas, objetivamos problematizar as apropriações que se encontram na base da gestão da memória realizada pelo governo revolucionário, colaborando para que o debate sobre os discursos de Fidel Castro⁴⁴ se torne uma via de acesso para o projeto de memória concebido pelo regime cubano após 1959.

Segundo Ana Corrarello, uma das principais funções sociais dos discursos de Fidel Castro se refere justamente à criação de uma narrativa identitária capaz de legitimar a ordem socialista em Cuba.

La identidad, definida como las características que permiten la distinción entre individuos, juega un papel fundamental en [...] la Revolución Cubana [...] El discurso de Fidel Castro construye identidades colectivas y homogeneizadas que facilitan el sentido de pertenencia de los sujetos a los valores revolucionarios, a la vez que establece patrones de comportamientos que van a diferir, según las posiciones coyunturales de la política revolucionaria y del mundo exterior polarizado.⁴⁵

Para pensar as especificidades do caso cubano deve-se levar em consideração que a intencionalidade da memória oficial também se encontra, se cruza e, eventualmente, se choca com as memórias individuais, esfera em que as narrativas vocalizadas por Fidel Castro, bem como por outras instâncias do poder político, ganham significado, podendo despertar no público comportamentos que vão desde o engajamento até a apatia ou a oposição frente às diretrizes do governo⁴⁶. Nesta via de mão dupla, da qual estudaremos apenas a parte relativa ao Estado, buscaremos compreender como aquilo que inicialmente

⁴⁴ GIRAUDO, Silvia. **Revolución es más que una palabra**. Fidel Castro en la tribuna. Buenos Aires: Biblos, 2010; CORRARELLO, Ana. **Fundación de la memoria revolucionaria**. Cuba 1959-1962. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires, 2006; Idem. **Fidel Castro**. De la etapa fundacional al proyecto socialista soviético (1963-1989). Adecuación estratégica del discurso. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2019; BERTHIER, Nancy. **Fidel Castro**. Arrêts sur images. Paris: Ophrys, 2010; ALCÁZAR, Joan del; RIVERO, Sergio López. Fidel Castro, cuatro fases de un liderazgo inacabado. **Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades**, Sevilla, n. 30, 2013, p. 3-24; SADDI, Rafael. **A dominação carismática de Fidel Castro (1952-1960)**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004; VALDÉS, Nelson. El contenido revolucionario y político de la autoridad carismática de Fidel Castro. **Revista Temas**, Havana, n. 55, 2008, p. 4-17; PRADO, Giliard. **A construção da memória da Revolução Cubana**, op. cit.

⁴⁵ CORRARELLO, Ana. **Fidel Castro**, op. cit., p. 27.

⁴⁶ Para exemplos de “memórias não-oficiais” e “contra memória” ver, respectivamente, BURKE, Peter. **“História como memória social”**, op. cit., p. 86; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2023, p. 165-193.

se expressou como um conjunto de fatos e personagens dignos de rememoração, tendo a luta armada como tema e fonte de legitimidade, aos poucos foi sendo representado como uma memória pertencente a toda a sociedade cubana, como síntese da nação, cristalizando interpretações históricas por meio de mensagens político-ideológicas controladas pelo Estado. Como parte das transformações ocorridas na ilha a partir de 1959, entendemos que no âmbito da memória a luta armada passou a organizar a evocação de um passado que se queria valorizar, funcionando como um mecanismo “gerador” de identidade entre os revolucionários que chegaram ao poder e a população cubana. Centrada nas demandas de tempos presentes posteriores a 1959, a memória oficial centrada na guerrilha almejava moldar “predisposições que vão levar os indivíduos [neste caso os cubanos] a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais”⁴⁷.

Um caminho metodológico usado por Giliard Prado consistiu no cotejamento dos relatos de “contra memória” ou de “memórias não oficiais” com a memória estatal, oferecendo um contraponto à versão oficial a partir das narrativas políticas elaboradas por dissidentes e opositores do regime socialista cubano⁴⁸. Inovadora, consideramos esta proposta viável para analisarmos como se instituiu o culto cívico da luta armada após 1959, tendo em vista que oferece a possibilidade de trazer a público leituras críticas da realidade sócio-política insular. Neste sentido, sempre que necessário lançaremos mão de cotejamentos entre os discursos de Fidel Castro e os relatos que, por diferentes motivos, acabaram sendo reprimidos ou não se tornando oficiais em Cuba, e que em vários sentidos contestaram os significados atribuídos ao passado pela propaganda estatal. Nesta espécie de “guerra de memórias”⁴⁹, utilizaremos, preferencialmente, os testemunhos publicados fora de Cuba, na maior parte dos casos em razão do exílio de seus autores, que por estarem longe da ilha não se sujeitaram à censura de suas obras. Nesta seara, destacam-se escritos produzidos por diferentes perfis de indivíduos (artistas, militantes, políticos, jornalistas, intelectuais), os quais trouxeram uma perspectiva crítica quanto aos rumos tomados pela

⁴⁷ CANDAU, Joel. **Memoria e identidade**, op. cit., p. 19.

⁴⁸ PRADO, Giliard. **A construção da memória da Revolução Cubana**, op. cit., p. 219-279.

⁴⁹ BLANCHARD, Pascal; VEYRAT-MASSON, Isabelle (org.). **Les guerres de mémoires**. La France et son histoire. Enjeux politiques, controverses historiques, stratégies médiatiques. Paris: La Découverte, 2008; STORA, Benjamin. **La guerre des mémoires**. La France face à son passé colonial. La Tour-d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2007.

Revolução Cubana, com destaque para figuras como Huber Matos⁵⁰, Carlos Franqui⁵¹, Manuel Urrutia⁵², Rufo López-Fresquet⁵³ e Reinaldo Arenas⁵⁴.

No que diz respeito a Fidel Castro, suas falas públicas apresentavam como uma de suas principais características a rememoração de fatos e personagens que deveriam protagonizar as “representações coletivas”⁵⁵ e o “imaginário social”⁵⁶ divulgados para o público ouvinte como a única expressão possível da verdade. Tendo em vista a memória da luta armada, buscaremos compreender de quais maneiras seus discursos colaboraram para consolidar certas datas comemorativas no imaginário coletivo, ensejando nexos históricos entre elas através de uma cronologia que objetivava explicar as origens, o desenvolvimento e o êxito da Revolução Cubana. Entre outras ideias defendidas nos palanques por Castro destacam-se aquelas relativas à legitimação da guerrilha como estratégia político-militar de conquista do poder, com destaque para o papel do núcleo insurrecional organizado pelo M 26-7 em *Sierra Maestra*, entre 1956 e 1959, a fim de derrubar a ditadura de Fulgêncio Batista. Organizadas a partir deste eixo temático, a memória das armas, algumas datas passaram a simbolizar a narrativa expressa através das ideias de “início” (26 de julho - *Moncada*), “meio” (2 de dezembro - *Granma*) e “fim” (1º de janeiro - triunfo revolucionário), além da “ratificação” dos guerrilheiros no poder por meio da adesão ao socialismo e da vitória militar sobre os grupos opositores da Revolução Cubana (16 a 19 de abril - *Playa Girón*).

A “memória armada” presente nos discursos castristas faz referência aos eventos ocorridos entre 1953 e 1961, período que vai da “fundação” da via insurrecional contra Batista, simbolizada pelo assalto ao *Moncada*, até a “conversão” dos guerrilheiros à ideologia socialista, simbolizada pela batalha de *Playa Girón*. Âmagos da memória oficial criada pelo Estado cubano, tais falas públicas assumiram a defesa da luta armada, em especial a de *Sierra Maestra*, como eixo temático responsável por estruturar a versão histórica relativa à derrocada da ditadura chefiada por Fulgêncio Batista. Com o objetivo de defender a hegemonia do M 26-7 dentre os grupos opositores e, a partir de 1959, no

⁵⁰ MATOS, Huber. **Como llegó la noche**. Barcelona: Tusquets, 2002.

⁵¹ FRANQUI, Carlos. **Retrato de familia com Fidel**. Rio de Janeiro: Record, 1981; Idem. **Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro**. Barcelona: Planeta, 1988; Idem. **Diario de la Revolución Cubana**. Barcelona: R. Torres, 1976.

⁵² URRUTIA, Manuel. **Fidel Castro y Compañía, S. A.** Barcelona: Herder, 1963.

⁵³ LÓPEZ-FRESQUET, Rufo. **Fui ministro de Fidel**. Rio de Janeiro: Laudes, 1969.

⁵⁴ ARENAS, Reinaldo. **Antes que anochezca**. Barcelona: Tusquets, 2013.

⁵⁵ PETER, Burke. “História como memória social”, op. cit., p. 75.

⁵⁶ BACZKO, Bronislaw. “Imaginação social”. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

âmbito do governo formado após a fuga do ditador, a criação do novo calendário cívico encadeou as ideias de origem (*Moncada*), ressurgimento (*Granma*), êxito (triunfo da Revolução) e reafirmação (*Playa Girón*) da guerrilha em Cuba. Na esteira das recentes contribuições trazidas por Giliard Prado sobre os discursos castristas na efeméride do 26 de julho⁵⁷, procuraremos incorporar ao debate sobre a memória oficial outras datas comemorativas relacionadas ao tema das armas, buscando compreender o conjunto de significados que, somados à simbologia do ataque ao *Moncada*, ajudaram a construir a narrativa estatal sobre o processo revolucionário cubano.

A despeito do viés militarista que perpassa o discurso socialista insular, construído a partir de referências às armas, vale salientar que das quatro efemérides acima citadas apenas a de *Playa Girón* representa uma vitória dos guerrilheiros, sendo que as duas primeiras, *Moncada* e *Granma*, consistiram em derrotas de grande impacto político sobre o M 26-7, liderado por Fidel Castro, no momento em que ocorreram. O próprio triunfo da Revolução, em 1º de janeiro de 1959, carece de um ápice militar, posto que não houve uma batalha da qual os guerrilheiros saíram vencedores, mas uma capitulação do regime batistiano decorrente da fuga do então ditador para a República Dominicana. Tendo em vista tais constatações, que ao longo da tese serão analisadas em profundidade, é possível depreender a fragilidade da característica militar atribuída pela memória oficial ao processo revolucionário cubano, o qual passou a ser interpretado por Fidel Castro como resultado exclusivo do uso das armas frente às injustiças sociais. Ao longo do tempo, a propaganda política governamental transformou a luta armada no ponto de inflexão responsável pela ascensão e pela manutenção do “novo” regime sobre o “antigo”, fazendo da memória da guerrilha a espinha dorsal da visão de passado que deveria ser difundida à opinião pública. A chegada e a permanência dos guerrilheiros no poder resultaram na construção e, posteriormente, no fortalecimento da “memória armada” que buscou de todas as formas converter as derrotas do passado em vitórias no presente.

Após a queda de Batista, as transformações no âmbito estatal acabaram gerando também uma reconfiguração do plano simbólico, expressa através de uma visão de mundo que fosse capaz de representar politicamente o M 26-7, em particular o núcleo de *Sierra Maestra*. A partir de então, a idealização do perfil do guerrilheiro, que simbolizaria todos os valores morais necessários ao “ser” revolucionário, ensejou uma cartilha de virtudes cívicas que deveria ser seguida por diferentes segmentos sociais em Cuba, transformando

⁵⁷ PRADO, Giliard. A festa revolucionária como tempo da memória: as comemorações do 26 de julho em Cuba (1959- 2013). **Revista Brasileira do Caribe**, São Luís, vol. XIV, n. 27, 2013, p. 11-42.

a luta armada no elemento central do “mito da unidade política”⁵⁸ defendido pelo governo após 1959. A valorização da guerrilha através da construção de uma memória oficial que cultuava os seus “feitos” e “realizações” surgiu como forma de conferir ao grupo político de Fidel Castro um protagonismo não apenas frente ao “antigo regime”, então derrotado, mas também sobre os setores político-ideológicos que disputavam os mesmos espaços de poder com o M 26-7, tais como os já citados Diretório Revolucionário (DR) e o Partido Socialista Popular (PSP), após uma complexa guerra civil travada ao longo da segunda metade dos anos 1950. Partícipe do processo de legitimação do arranjo de poder surgido com a deposição de Fulgêncio Batista, em pouco tempo a narrativa pró guerrilha ganhou ares de política de Estado, até se impor como uma memória oficial contra a qual o “novo” regime não admitia contestações ou concorrências, tornando-se assim um instrumento de controle social em favor da manutenção da ordem socialista.

Analisar de quais formas a memória da guerrilha operou como mecanismo gerador de identidade na sociedade cubana, mantendo relações, sintonias e dissensos com seus membros, passa pela compreensão de como a luta armada do M 26-7 embasou a narrativa autolegitimadora formulada pelo Estado. Para tanto, é necessário desnaturalizar a versão oficial que se assenta na teleologia histórica sintetizada na sequência *Moncada-Granma-Triunfo-Playa Girón*, baseada na representação de um passado que se tornou presente a partir da ruptura temporal causada pela vitória da guerrilha, e divulgada por Fidel Castro como a única tática legítima para combater a ditadura batistiana. Após 1959, a propaganda estatal não tardou em divulgar a versão de que somente as armas dos membros do M 26-7 possibilitaram a vitória sobre Batista. Na Cuba revolucionária, a “política armada”⁵⁹, para tomarmos de empréstimo uma expressão de Héctor Luis Saint-Pierre, se encontra na raiz do projeto de memória tornado oficial após 1959. Lembrar a todo momento as “façanhas” dos combatentes de *Sierra Maestra* fez da luta armada não apenas a estratégia político-militar que possibilitou destruir o “antigo regime”, mas também uma forma de deixar aparente a cicatriz de uma guerra civil⁶⁰ que deveria ser lembrada *ad aeternum* a fim de que os vencedores e perdedores do conflito jamais fossem esquecidos: eis as

⁵⁸ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 141-175.

⁵⁹ HÉCTOR LUIS, Saint-Pierre. **A política armada**. Fundamentos da guerra revolucionária. São Paulo: Unesp, 2000.

⁶⁰ Segundo Rafael Rojas, a “legitimidade revolucionária” compreende a “continuação simbólica da guerra civil por meio das instituições do novo Estado”, encerrando um “princípio de beligerância” que necessita ser constantemente reafirmado pelo regime socialista cubano em oposição à antiga ordem liberal. ROJAS, Rafael. **La máquina del olvido**, op. cit., p. 70-71.

fundações da “identidade armada” difundida para fazer caber dentro dela toda a história da nação cubana, desde as guerras de independência até o triunfo da Revolução.

Tal estratégia resultou no fenômeno que pode ser chamado de “guerrilheirização” do passado, isto é, a eleição da guerrilha como critério através do qual determinados eventos e atores do passado seriam lembrados ou esquecidos, tornando-os úteis, no tempo presente pós 1959, à legitimação do governo de Fidel Castro⁶¹. Ao eleger a guerrilha como fator constitutivo da “comunidade política imaginada”⁶², nos termos de Benedict Anderson, a memória oficial buscou conectar o tempo presente no qual a experiência revolucionária acontecia com as tentativas de independência de Cuba ocorridas durante a segunda metade do século XIX. Por meio da “guerrilheirização” do passado é que a herança *mambí* pôde ser representada como a origem simbólica de *Sierra Maestra*, galvanizando o mito de que a Revolução Cubana era uma só desde 1868, passando por 1895, até chegar em 1959, e vinculando personagens independentistas como Carlos Manuel de Céspedes e José Martí, entre outras, à figura de Fidel Castro. Convergindo com a chave interpretativa de Rafael Rojas, entendemos que o culto cívico à luta armada nasceu em um contexto no qual os revolucionários buscavam se apresentar como aqueles que haviam realizado “todas as revoluções frustradas do passado cubano”, propondo que a “construção de uma nova comunidade”⁶³ deveria sepultar os vestígios da antiga ao substituir o direito burguês por uma forma de soberania política assentada nas “demandas populares” e na “unidade defensiva frente ao inimigo”⁶⁴.

Não apenas o passado anticolonial representado pelos *mambises* sofreu releituras a partir da guerrilha, como também todo o período republicano, que após o triunfo da Revolução passou a ser chamado pejorativamente de neocolônia⁶⁵ por sintetizar todos os males que deveriam ser superados por meio de profundas transformações político-sociais.

⁶¹ Segundo Anna Clayfield, o *ethos* guerrilheiro compreendia a representação do tempo presente como uma “luta inacabada”, moldando o imaginário cubano após 1959. CLAYFIELD, Anna. **The Guerrilla Legacy of the Cuban Revolution**. Miami: University of Florida Press, 2019.

⁶² ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 32.

⁶³ ROJAS, Rafael. **La máquina del olvido**, op. cit., p. 83-109.

⁶⁴ Idem, p. 74.

⁶⁵ Para representações negativas do período republicano ver SEGRERA, Francisco López. **Sociología de la colonia y neocolonia cubana (1510-1959)**. Havana: Ciencias Sociales, 1989, p. 55-122; LE RIVEREND, Julio. **Breve historia de Cuba**. Havana: Ciencias Sociales, 2007, p. 81-87; OPISSO, Susana Callejas; VEGA, Oscar Loyola; PENDÁS, Horacio Díaz; CIVEIRA, Francisca López; BEN, José Rodríguez. **Historia de Cuba**. Nivel Medio Superior. Havana: Pueblo y Educación, 2010, p. 157-192. Como contraponto a esta vertente historiográfica, Rafael Rojas sustenta que o significado negativo criado pelo governo revolucionário dificulta a percepção do contexto republicano “como un período dinámico, de gran diversidad social y riqueza intelectual, en el que se funda la cultura política revolucionaria de los años cincuenta”. ROJAS, Rafael. **La máquina del olvido**, op. cit., p. 165.

Projetando-se do presente ao passado, a ânsia pela legitimação da luta armada reescreveu a história cubana em suas diferentes etapas, formulando interpretações sustentadas pelo regime socialista como a única expressão possível da verdade. Tal prática ofereceu pouca ou nenhuma abertura a setores políticos que não haviam feito parte da oposição a Batista, ou àqueles que, por diferentes razões, se opuseram ao socialismo. Os esquecimentos, lembranças, intencionalidades e autoritarismos⁶⁶ que se encontram na base da “memória armada” formulada pelo regime insular visaram controlar os significados do passado, do presente e do futuro da ilha, influenciando também as interpretações sobre o destino da América Latina⁶⁷. Como uma ação que parte do Estado em direção à sociedade, após 1959 a guerrilha passou a “governar a memória”⁶⁸. Em outras palavras, buscaremos comprovar a tese de que a guerrilha e, por extensão, sua memória, é, em grande medida, constituidora do campo político em Cuba, entendendo aqui o conceito de político como um “lugar de poder”⁶⁹ que abrange a totalidade da existência comunitária.

Em termos metodológicos, analisaremos a construção da memória da luta armada nos discursos de Fidel Castro através de fontes escritas produzidas por instâncias ligadas

⁶⁶ Os mais conhecidos, citados e debatidos exemplos do autoritarismo estatal cubano são os casos Huber Matos, Marquitos-Ordoqui, Padilha e Ochoa-Abrantes. Além da repressão aos indivíduos, outros fatos, épocas e instituições podem ser citados como exemplos das práticas estatais autoritárias em Cuba, tais como os julgamentos sumários dos inimigos e opositores do regime, conhecidos como *paredón*, o *quinquenio gris* e as UMAP's. Cf. PRADO, Giliard. O tribunal revolucionário como tribuna política em Cuba: uma análise dos casos “Marquitos” e “Ordoqui”. *Revista eletrônica da ANPHLAC*, São Paulo, vol. 21, 2016, p. 4-33; PRADO, Giliard. **A construção da memória da Revolução Cubana**, op. cit., p. 219-279; MARQUES, Rickley. O papel dos intelectuais na revolução cubana: o caso Padilla. **Em Tempo de Histórias**, [s. l.], n. 13, 2011, p. 105-123; MISKULIN, Silvia. **Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 208-220; ROJAS, Rafael; ARAGÓN, Uva de; BLANCO, Juan Antonio; FAYA, Ana Julia; MONTANER, Carlos Alberto. **El otro paredón**. Asesinatos de la reputación en Cuba. Miami: Eriginal Books, 2011; MACHOVER, Jacobo. **El terror ‘humanista’**. Tribunales revolucionarios y paredón en Cuba (1959). Madri: Editorial Hispano Cubana, 2011; MADERO, Abel Sierra. **El cuerpo nunca olvida**. Trabajo forzado, hombre nuevo y memoria en Cuba (1959-1980). Santiago de Querétaro: Rialta, 2022; FORNET, Ambrosio. “El Quinquenio Gris: revisitando el término”. In: FORNET, Ambrosio. **Narrar la nación**. Ensayos en blanco y negro. Havana: Letras Cubanas, 2009, p. 379-403; ROS, Enrique. **La UMAP: historia de un gulag castrista**. Miami: Universal, 2004; VILLAÇA, Mariana. **Cinema Cubano**. Revolução e Política Cultural. São Paulo: Alameda, 2010, p. 267-278.

⁶⁷ PRIETO, Alberto. **Las guerrillas contemporáneas en América Latina**. Cidade do México: Ocean Press, 2008; RÍOS, Jerónimo; AZCONA, José Manuel (org.). **Historia de las guerrillas en América Latina**. Madri: Catarata, 2019; VEGA, Luis. **Las guerrillas en America Latina**. La técnica del contra Estado. Buenos Aires: Paidós, 1969; GOTT, Richard. **Las guerrillas en America Latina**. Santiago do Chile: Universitaria, 1971; WICKHAM-CROWLEY, Timothy. **Guerrillas and revolution in Latin America: a comparative study of insurgents and regimes since 1956**. Princeton: Princeton University Press, 1993; PEREYRA, Daniel. **Del Moncada a Chiapas**. Historia de la lucha armada en América Latina. Madrid: Catarata, 1994.

⁶⁸ MICHEL, Johann. **Gouverner les mémoires: politiques mémorielles en France**. Paris: PUF, 2010.

⁶⁹ Claude Lefort faz uma distinção entre “o político” e “a política”, sendo a segunda um dos subsistemas dentre vários outros (economia, religião, etc.) submetidos à dimensão do primeiro. Cf. LEFORT, Claude. **Pensando o político**. Ensaio sobre democracia, revolução e liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

às estruturas estatais-partidárias criadas em Cuba após 1959, prioritariamente. De forma complementar, também faremos reflexões históricas a partir de outros tipos de fontes, tais como as imagens elaboradas por entidades político-sociais que colaboraram na difusão da narrativa baseada na centralidade da guerrilha para a consolidação da memória oficial. Se as fontes escritas serão o foco de nossa análise, as fontes visuais funcionarão, ao longo da tese, como indícios da disseminação dos conteúdos transmitidos em público por Castro através da oralidade e, posteriormente, da circulação social do registro de suas falas. Tal procedimento metodológico visa revelar como a concepção que embasou a produção das fontes visuais convergiu com a narrativa castrista. Sem darmos conta das interpretações, usos e ressignificações elaboradas pela sociedade cubana, as imagens têm a função de demonstrar a extensão e a capilaridade do discurso oficial na realidade insular para além da oralidade de Fidel Castro, embora sem perder de vista que seus discursos construíram visões de mundo que se encontram na origem destas imagens. Neste sentido, analisaremos a construção da memória oficial através da relação dialética entre fontes e contexto histórico, uma vez que tanto aquelas ajudam a compreender este quanto este ajuda a explicar as continuidades ou alterações de sentidos presentes nos textos e imagens.

A presente tese se organiza em quatro capítulos. O primeiro (*Palavra e poder: os discursos de Fidel Castro como fontes históricas*) interpreta as fontes a partir da definição de fala pública, permeada por tensões entre democracia e autoritarismo. Por se tratarem de documentos controlados pelo Estado, no que diz respeito à sua produção e circulação, atentaremos para as características e particularidades deste que é um registro histórico produzido com o objetivo de perpetuar uma narrativa sobre o passado cubano. Partindo desta premissa, proporemos uma compreensão “interna” dos discursos de Fidel Castro através dos atos de pronunciar, registrar, publicar e rememorar, demonstrando que tais etapas operaram como construtoras e transmissoras das memórias. Ainda do ponto de vista “interno”, analisaremos as estratégias de comunicação usadas por Castro, chamando atenção para os aspectos discursivos e para os imponderáveis que fizeram parte de seus discursos. Externamente às fontes, enfocaremos as divergências ideológicas observadas entre intelectuais cubanos e latino-americanos que refletiram sobre a produção discursiva do estadista. Por fim, como forma de complementar a abordagem “externa” que colaborou para dotar as falas castristas do estatuto de fonte, ofereceremos um balanço sobre o debate acadêmico dedicado ao tema, que se manifestou através de distintas áreas das ciências humanas, como iconografia, sociologia, análise do discurso e história e memória, sendo este último campo analítico a área em que a presente pesquisa se insere.

O segundo capítulo (*Calendas cubanas: tempo e temporalidades sob a luta armada*) enfoca os impactos da memória da luta armada nas concepções de tempo e de temporalidade construídas nos discursos de Fidel Castro. Recrudescida ao longo dos anos 1960, a narrativa castrista difundiu a tese de que o tempo poderia e, em último caso, deveria ser “acelerado” por meio da estratégia guerrilheira empregada em *Sierra Maestra* contra o regime de Fulgêncio Batista. Seguindo tal linha de raciocínio, a tática armada seria o melhor caminho a ser seguido, depois de Cuba, pelos povos da América Latina e pelas demais nações exploradas mundo afora a fim de superarem a pobreza, o atraso econômico e as desigualdades sociais, males atribuídos ao colonialismo europeu e ao imperialismo dos EUA. Defendida veementemente entre 1959 e 1970, a guerrilha seria, no entender de Fidel Castro, uma forma de fazer o tempo andar “depressa” com o objetivo de derrotar o capitalismo de maneira imediata. E para vencê-lo, dentro e fora de Cuba, o emprego das armas pelos revolucionários funcionaria como gatilho do processo histórico responsável pela construção de uma nova sociedade, baseada em princípios socialistas. Opostas às *calendas* gregas, citadas em diferentes ocasiões por Castro como sinônimo de protelação dos problemas sociais dos países pobres e explorados, as *calendas* cubanas representavam a “aceleração” do tempo produzida pela luta armada, insurreição radical que conseguiria antecipar para o “agora” o futuro comunista.

O terceiro capítulo (*O calendário cívico revolucionário como memória da luta armada*) analisará como a memória da luta armada se expressou através de um calendário cívico que enaltecia o papel da guerrilha de *Sierra Maestra*. Para tanto, investigaremos como Fidel Castro reivindicou as lembranças de eventos ligados à luta armada como eixo temático estruturante do calendário cívico criado pelo Estado após 1959, refletindo uma teleologia legitimadora dos seus anseios políticos. Investigaremos também como Castro buscou se apropriar de datas comemorativas inscritas no período insurrecional, tais como o 26 de julho, o 13 de março e o 1º de janeiro, para erigir uma narrativa político-ideológica que identificava na luta armada o único fator responsável pelo triunfo da Revolução Cubana. Nesta perspectiva, o calendário cívico instituiu um roteiro temático que parte do “nascimento” e termina na “apoteose” da luta armada, consolidando uma cronologia que vai do assalto ao quartel *Moncada* (26 de julho de 1953), passando pelo assalto ao Palácio Presidencial (13 de março de 1957), até o triunfo da Revolução Cubana (1º de janeiro de 1959). Conectando as “partes” até formarem o “todo”, o calendário cívico construído após a chegada dos guerrilheiros ao poder passou a representar uma autêntica apologia à luta

armada, que de estratégia para a derrubada de Fulgêncio Batista se transformou em base para a política de Estado voltada ao controle dos significados da memória.

O quarto capítulo (*Liberdade na ponta do fuzil: memórias da luta armada na legitimação da Revolução Cubana*) buscará compreender a memória da luta armada nos discursos de Fidel Castro a partir de três períodos históricos. O primeiro se refere às guerras de independência, no século XIX, representadas por José Martí, que teve sua imagem reinterpretada, a partir de 1959, a fim de conectar a guerrilha de *Sierra Maestra* com o passado anticolonial simbolizado pelos *mambises*. O segundo período diz respeito à etapa insurrecional da Revolução Cubana, especificamente sobre como Fidel Castro se apropriou da memória do 26 de julho de 1953, data do assalto ao quartel *Moncada*, com o propósito de legitimar a luta armada praticada em Cuba contra a ditadura de Batista. O terceiro abrange o período da revolução no poder, quando o estadista manejou a memória da guerrilha do M 26-7 como critério capaz de diferenciar e hierarquizar o que ele julgava ser dois tipos de luta armada: a revolucionária e a contrarrevolucionária, simbolizadas por acontecimentos históricos como *Granma* (1956) e *Playa Girón* (1961), respectivamente. Em síntese, este capítulo demonstrará como as diferentes dimensões temporais da história de Cuba foram utilizadas por Fidel Castro para legitimar a luta armada como estratégia legítima para a tomada do Estado e, no âmbito da memória oficial, justificar a manutenção do poder pelos revolucionários vitoriosos em 1959, consolidando o ideal das armas como base para a construção da narrativa estatal sobre a Revolução Cubana.

Ao desafio de analisar a Revolução Cubana e o papel de Fidel Castro sem as paixões políticas que à esquerda e à direita idealizam a ilha como um “paraíso” ou um “inferno” na terra, respectivamente, adiciona-se o desafio de pensar tais elementos a partir da luta armada, tema de extrema complexidade no mundo contemporâneo, sobretudo na América Latina, lugar em que, durante a Guerra Fria, as armas foram empregadas pelas ditaduras para reprimirem as causas populares, bem como para que parte das oposições resistisse às violações dos direitos humanos perpetradas por regimes militares apoiados pelos EUA. Abordar a Revolução Cubana sugere a necessidade de o autor explicitar seu posicionamento ideológico, enxergando através dele um tema que ainda parece distante de poder ser considerado um “frio” objeto de estudo das ciências humanas. A depender de quem a analisa, a Revolução se senta no banco dos réus para ser condenada sem direito de resposta, ou ela própria se levanta para acusar seus críticos de mercenários financiados pelos EUA e seus interesses capitalistas. Revisitar a Revolução Cubana mais de sessenta anos após a chegada dos guerrilheiros ao poder, interpretando-a segundo o olhar do século

XXI, passa necessariamente por resistir à truculência dos grupos de extrema direita, impedindo que se imponham politicamente através da narrativa do ódio, e, ao mesmo tempo, colocar o dedo nas feridas da esquerda com o objetivo de apontar novos caminhos para as utopias que possam nos livrar das injustiças sociais.

CAPÍTULO 1. PALAVRA E PODER: OS DISCURSOS DE FIDEL CASTRO COMO FONTES HISTÓRICAS

Para *el comandante* el silencio es morir: la palabra es su única compañía.⁷⁰

[...] Seus inimigos dizem que exerceu o poder falando muito e escutando pouco, porque estava mais acostumado aos ecos que às vozes. E nisso seus inimigos têm razão [...] ⁷¹

No poder, Fidel Castro falou muito, Fidel Castro falou sempre, Fidel Castro falou sobre quase tudo. Tais afirmações expressam aquele que talvez tenha se tornado, ao longo do tempo, o único consenso envolvendo a Revolução Cubana. Pode-se afirmar que os discursos do líder revolucionário se confundem com a própria história contemporânea de Cuba, sendo um elemento central para a compreensão das diferentes etapas do regime socialista insular⁷². Dos detratores mais ferrenhos aos fiéis apoiadores do governo liderado pelo *comandante en jefe*, teóricos, pensadores e demais observadores de diferentes nacionalidades e espectros político-ideológicos parecem unânimes quanto ao fato de que o líder guerrilheiro de *Sierra Maestra* foi um personagem prolífico na arte da oratória. Falar em público talvez tenha sido a principal ação praticada por ele ao longo de seus noventa anos de vida, mesmo após a sua saída provisória do poder em razão de problemas de saúde, em julho de 2006. Procurando tomar distância das distintas opiniões individuais e, sobretudo, do aspecto valorativo que perpassa um tema tão complexo e mobilizador das paixões políticas, consideramos que a alta produtividade discursiva do estadista deve ser considerada um objeto histórico concreto, isto é, uma constatação objetiva para a historiografia que se debruça sobre as quase cinco décadas em que ele esteve à frente do Estado e do Partido Comunista de Cuba (PCC).

Segundo a lista disponibilizada pelo portal on-line⁷³ criado pelo governo cubano, Fidel Castro teria proferido 1050 discursos entre 1959 e 2006. Contudo, tal número pode sofrer variações dependendo da fonte de informação consultada. De acordo com os dados coletados pelo historiador cubano Pedro Álvarez Tabío, organizador de uma coletânea

⁷⁰ FRANQUI, Carlos. **Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro**, op. cit., p. 248.

⁷¹ GALEANO, Eduardo. **Espelhos**. Uma história quase universal. Porto Alegre: L&PM, 2020.

⁷² ALCÀZAR, Joan del; RIVERO, Sergio L. Fidel Castro, cuatro fases de un liderazgo inacabado, op. cit.

⁷³ <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>

contendo os 25 “maiores” discursos do líder revolucionário⁷⁴, Castro teria realizado mais de 1150 intervenções orais ao longo de seus consecutivos mandatos como primeiro ministro e presidente da república. Comparando as informações levantadas por Tabío com as do portal oficial on-line, nota-se uma discrepância de pelo menos 100 discursos entre as duas contabilizações. Disso depreende-se, em primeiro lugar, que mesmo dentro de Cuba, onde este tipo de informação é controlado pelo aparato estatal-partidário, há divergência quanto ao número total de alocações realizadas pelo estadista⁷⁵. Assim sendo, pode-se aventar a possibilidade de que o referido portal mantido pelo Estado tenha realizado uma seleção prévia dos pronunciamentos que fariam parte da lista divulgada na internet, excluindo também, como consequência deste processo de seleção, aqueles que não fariam parte da lista final por alguma razão não especificada.

Levando em consideração os números fornecidos pelo portal estatal e por Pedro Álvarez Tabío, o estadista teria realizado entre 22 e 24 discursos ao ano, respectivamente. Isso significa uma média de 1,8 a 2 discursos por mês ao longo dos quarenta e sete anos em que ocupou cargos de liderança na estrutura estatal-partidária em Cuba. A despeito destas médias, que representam uma distribuição anual e mensal de suas falas públicas, entre 1959 e 2006 não se nota uma recorrência homogênea das fontes. No que se refere ao período de 1959 a 1976, nota-se que estes anos concentraram quase a metade de todas as alocações realizadas por Castro durante os quase cinquenta em que esteve no poder, contabilizando 48,3% de sua produção discursiva. Ainda a partir dos dados do portal on-line, nota-se que a primeira década (1959-1968) apresentou a maior concentração dentre todas, com 30,3% do volume total, o que aponta para uma intensa utilização da “palavra” do mandatário como forma de interação com as massas, bem como de legitimação política e ideológica do regime instituído após a deposição de Fulgêncio Batista⁷⁶. Isso evidencia como as aparições públicas do estadista e, em particular, sua oratória, serviram como uma das principais formas de comunicação adotadas pelo governo revolucionário logo após o

⁷⁴ CASTRO, Fidel. **Habla Fidel**. 25 discursos en la Revolución. Selección y prólogo de Pedro Álvarez Tabío. Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 2008.

⁷⁵ Segundo Carlos Franqui, integrante do M 26-7 e inicialmente um entusiasta da Revolução Cubana, uma grande quantidade de discursos castristas permaneceram “clandestinos” ao longo da história. Sem oferecer provas e nomes dos envolvidos, o autor, que posteriormente se exilaria na Europa por conta de divergências quanto aos rumos do regime socialista, afirmou que os responsáveis pela publicação desses discursos dentro de Cuba teriam sido duramente reprimidos, alguns inclusive fuzilados. FRANQUI, Carlos. **Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro**, op. cit., p. 252.

⁷⁶ Para uma análise quantitativa dos discursos de Fidel Castro ver RODRIGUES, Bruno Romano. ¡Habla Comandante! Estratégias de memória nos discursos de Fidel Castro (1959-2006). In: CALEGARI, Ana Cecon; GENEROSO, Lúcia Abreu (org.). **Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais**. Belo Horizonte: Initia Via, 2021, p. 411-431.

triunfo guerrilheiro. Já o terceiro decênio (1979-1988), marcado pela institucionalização do regime socialista, apresentou o menor índice da série histórica, contabilizando 10,1% dos discursos de Fidel Castro. Com ocorrências semelhantes entre si aparecem a segunda década (1969-1978), com 21,5%, a quarta década (1989-1998), com 18,4%, e o quinto e último período⁷⁷ (1999-2006), com 19,4%.

Ainda com relação aos dados compulsados no portal estatal disponível na internet, constatou-se que 1959 foi o ano em que Fidel mais falou em público, com 69 alocações ou cerca de 6,5% de todos os seus discursos como estadista. Durante o primeiro ano da Revolução no poder a quantidade de falas públicas, tanto em números absolutos quanto proporcionais, não chegou a ser igualada em nenhum dos anos posteriores. Apenas em 1972, quando o mandatário realizou uma visita oficial à URSS, o principal aliado internacional de Cuba, é que o número de pronunciamentos se aproximou de sua produção discursiva em 1959, contabilizando 61 discursos ou 5,8% do volume total. Se tomarmos os três primeiros anos após o triunfo da Revolução Cubana (1959-1961) como referência, quando o governo encabeçado por Castro ainda não havia assumido o caráter socialista de suas políticas, nota-se a expressiva ocorrência de 158 discursos ou 15% do montante integral. Entre outras possíveis conclusões, isso evidencia como desde o início do governo revolucionário, uma prática que se estenderia pelas décadas seguintes, praticamente até a saída de Fidel Castro do poder, a figura do então jovem guerrilheiro recém-saído de *Sierra Maestra* e, sobretudo, as palavras proferidas por ele nas tribunas instaladas pelo território cubano, serviram como peça central da propaganda político-ideológica construída pelo novo regime que se instaurou na ilha após a derrocada da ditadura batistiana.

Entre 1959 e 1976, um levantamento realizado junto aos anuários da biblioteca José Martí aponta a existência de uma grande quantidade de impressões e reimpressões dos discursos de Fidel dentro e fora de Cuba, contando não menos que 380 edições, o que equivale a uma média de pouco mais de 21 discursos publicados ao ano⁷⁸. No universo editorial cubano, tendo em vista a massa documental que pode variar entre 1050 e 1150 discursos, conforme acima apontado, compulsamos os seguintes volumes temáticos, organizados a partir de excertos ou de discursos integrais, realizados entre 1959 e 2010:

⁷⁷ Vale lembrar que o quinto período faz referência a um universo temporal de oito anos, e não de dez, razão pela qual chamamos esse recorte cronológico de período e não de década. Tal diminuição se deve ao fato de Fidel Castro ter saído do poder, ainda de forma provisória, em julho de 2006, em função de problemas de saúde, não tendo depois disso voltado a ocupar os cargos de presidente da república e de presidente do conselho de Estado da República de Cuba.

⁷⁸ Biblioteca José Martí. **Anuário Bibliográfico Cubano**. Havana: Consejo Nacional de Cultura, 1959-1976.

história da América e de Cuba, batalha de *Playa Girón*, Comitês de Defesa da Revolução, mulheres, transporte público, esportes, meio ambiente, relações internacionais, infância e juventude, política e ideologia, ciência e tecnologia, direitos humanos, economia, história e memória, viagens oficiais ao estrangeiro e cúpulas de chefes de Estado⁷⁹. Além dos volumes temáticos e de um dicionário⁸⁰, constatamos uma grande quantidade de edições de discursos de Fidel Castro veiculadas fora de Cuba, com destaque para as publicações produzidas na Europa, América e Oceania, em países como França, Espanha, Itália, Portugal, Bulgária, Uruguai, Colômbia, Venezuela, México, Brasil, Estados Unidos, Argentina e Austrália⁸¹. Paralelamente aos discursos publicados dentro e fora da ilha, constatamos ainda um grande número de edições realizadas a partir de entrevistas concedidas pelo mandatário cubano a jornalistas locais e estrangeiros⁸².

Mais do que uma simples quantificação dos discursos de Fidel Castro no poder, realizado através da consulta a diferentes fontes de informação, este capítulo tem por objetivo refletir sobre a natureza destas fontes, problematizando o seu caráter oficial e dialogando com referências teórico-metodológicas que possibilitarão aprofundar o debate sobre as funções de seus discursos na memória criada pelo regime socialista e, no limite, sobre o papel da “palavra” de Castro na política cubana. Neste sentido, o primeiro item discutirá o conceito de discurso a partir da história da fala pública, área de estudo a partir da qual abordaremos as diferentes dimensões que compõem as falas do líder cubano, demonstrando como elas se tornaram mecanismos de construção e transmissão de memórias. O segundo item analisará os recursos retóricos empregados por Castro a fim de estabelecer vínculos emotivos e racionais com a plateia, tornando sua narrativa mais facilmente compreendida e assimilada por suas audiências. O terceiro item abordará a fala pública castrista a partir do debate entre democracia e autoritarismo, passando por como Castro utilizou os espaços públicos para fins de comunicação política, até chegar às tensões entre os intelectuais que se debruçaram sobre tal questão, seja para apoiar seja para se opor à Revolução Cubana. No quarto item faremos um balanço sobre as vertentes

⁷⁹ Ao longo da pesquisa compulsamos um total de 51 volumes temáticos publicados em Cuba, alguns deles divididos em tomos. As referências podem ser encontradas na lista de fontes que consta ao final da tese.

⁸⁰ CASTRO, Fidel. **Diccionario del pensamiento de Fidel Castro**. Havana: Política, 2008.

⁸¹ Ao longo da pesquisa compulsamos um total de 56 publicações de discursos de Fidel Castro realizadas fora de Cuba. As referências podem ser encontradas na lista de fontes que consta ao final da tese.

⁸² Diferentemente dos discursos e dos volumes temáticos, as entrevistas não constam no portal on-line criado pelo governo cubano, nem fazem parte do levantamento realizado por Pedro Tabío. Ao longo da pesquisa compulsamos um total de 13 entrevistas concedidas a jornalistas publicadas dentro e fora de Cuba. As referências podem ser encontradas na lista de fontes que consta ao final da tese.

das ciências humanas que analisaram a fala pública de Castro após 1959, visando mapear as linhas interpretativas que orientam a compreensão deste tema pelo universo acadêmico.

Em suma, neste capítulo analisaremos as diferentes dimensões de um complexo processo que tem como ponto de partida a “fabricação” das fontes e, como ponto de chegada, a interpretação das mesmas por diversas vertentes da intelectualidade. Centrados nos aspectos materiais e argumentativos, os dois primeiros itens refletirão sobre como tais documentos se organizam de “dentro” para “fora”, isto é, como Castro conseguiu a um só tempo construir e transmitir às audiências suas interpretações sobre a memória cubana, utilizando-se para isso de estratégias retóricas que legitimavam a continuidade do regime capitaneado por ele. Focados no aspecto interpretativo, os dois últimos itens refletirão sobre como as fontes foram vistas de “fora” para “dentro”, isto é, como os agentes externos assimilaram as palavras ditas em público pelo *comandante en jefe*, dimensão dividida em duas áreas que correspondem não aos discursos castristas em si, mas às suas recepções ao longo do tempo. A primeira área compreende as interpretações político-ideológicas das fontes, conformando uma esfera opinativa e de juízos de valor a respeito das falas públicas do mandatário cubano, seja em sinal de apoio ou de reprovação ao socialismo insular. A segunda área abrange a produção de conhecimento desenvolvida no âmbito acadêmico, expressa através dos estudos empreendidos em diferentes campos das ciências humanas, os quais buscaram analisar as fontes a partir de uma visão crítica e embasada em referências teóricas-metodológicas.

1.1. Construção e transmissão de memórias nos discursos de Fidel Castro

Para compreender as funções da “palavra” de Fidel Castro em Cuba, após 1959, é necessário, em primeiro lugar, explicitar o conceito que utilizaremos para fazer referência aos seus discursos doravante. Para tanto, optamos pela mobilização do conceito de fala pública, cunhado pelos intelectuais Carlos Piovezani e Jean-Jacques Courtine, que o definiram da seguinte forma:

A história da fala pública deve ser mais ampla do que uma história da retórica, que pretendesse considerar apenas e abstratamente a *inventio*, a *dispositio*, a *elocutio*, a *actio* e a memória, ou do que uma restritiva análise dos discursos, que buscasse identificar propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas dos enunciados: trata-se antes aqui de uma história dos dispositivos materiais que produzem, transmitem e registram o exercício da fala pública; é também uma história do corpo, da voz e dos gestos dos oradores de distintos campos, épocas e lugares;

consiste, ainda, numa história que trata tanto das falas quanto dos diferentes silêncios que as atravessam, frequentam e constituem.⁸³

A fim de compreender, no contexto cubano posterior a 1959, o que Piovezani e Courtine chamam de “dispositivos materiais” que se encontram na base da comunicação política entre líder e sociedade, a seguir pormenorizaremos, segundo nossa análise das fontes, o ciclo “discursivo” que começa na enunciação e termina na rememoração das falas públicas de Fidel Castro em Cuba, com ênfase nos registros textuais, posto que são os vestígios materiais com os quais esta pesquisa trabalha primordialmente. Trata-se de um esforço interpretativo no sentido de problematizar aquilo que a literatura em geral, incluindo a acadêmica, vem chamando genericamente de “discursos”, sem que se encontre nesta produção intelectual uma ou mais definições claras a respeito do que se entende por isso, abrindo espaço para imprecisões teóricas e metodológicas a respeito de como as fontes se organizaram desde a sua confecção, passando pela sua circulação social, até a sua rememoração. Na perspectiva de preencher tais lacunas, julgamos que um estudo realizado a partir das falas públicas de Fidel Castro deve, necessariamente, apresentar uma compreensão clara a respeito de fontes tão complexas quanto volumosas, definindo-as através de critérios que possam fundamentar análises aprofundadas da memória oficial construída pelo regime socialista insular. Para fins didáticos, dividimos o complexo processo de comunicação política que, em Cuba, a partir de 1959, permeou as relações simbólicas entre líder e liderados, em quatro etapas, a saber:

1. Realização da fala pública pelo orador e visão/audição simultânea do público, interação que pode ocorrer de forma presencial (por meio da presença física dos ouvintes) ou remota (através dos meios de comunicação, tais como televisão e rádio). Nesta etapa da comunicação política, líder e liderados vivenciam experiências de intercâmbio e negociações simbólicas expressas através da relação falar-ver/ouvir, legitimando-se mutuamente no espaço público como agentes políticos “autorizados”.

2. Registro da fala pública pronunciada-vista/ouvida por meio da taquigrafia⁸⁴ estatal, responsável pela transposição do universo oral para o escrito. Além do registro

⁸³ PIOVEZANI, Carlos; COURTINE, Jean-Jacques (org.). **História da fala pública**: uma arqueologia dos poderes dos discursos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 15.

⁸⁴ Taquigrafia (do grego *tachys*, rápido, e *grafia*, escrita) é um método abreviado ou simbólico de escrita, feito à mão, que tem por objetivo aumentar a velocidade do registro da oralidade. O sistema taquigráfico trabalha com símbolos ou abreviaturas para as palavras e frases, permitindo que um indivíduo transcreva simultaneamente um discurso. Nos pronunciamentos de Fidel Castro, encontramos apenas uma menção ao registro taquigráfico, feita no dia 1º de maio de 1962, na Praça da Revolução José Martí, em Havana. Na ocasião, o mandatário afirmou que “[...] un grupo de muchachas, que trabajan hace apenas unos meses en

textual, nesta etapa podem ocorrer também, paralelamente, outros tipos de registro, tais como a captação de áudio (fonográfico) e de imagens (fotografias e filmes). No âmbito textual, nesta etapa da comunicação política as palavras pronunciadas pelo orador na tribuna são codificadas por profissionais especializados que fazem uso de um alfabeto e de um idioma⁸⁵ para tanto, por meio do suporte papel.

3. Divulgação da fala pública pronunciada-vista/ouvida-registrada, integralmente ou em partes, dentro e fora Cuba, através dos mais variados meios de comunicação (tais como jornais, revistas, livros, cinema, televisão, fotografia, entre outros). Nesta etapa da comunicação política, as palavras pronunciadas pelo orador na tribuna ganham outro tipo de materialidade, não ficando restrita apenas ao suporte papel usado pela taquigrafia estatal. No âmbito textual, os conteúdos dos discursos são difundidos através de diferentes formatos de publicações, que podem envolver volumes temáticos avulsos ou coletivos, apresentando autoria individual ou coautoria.

4. Rememoração da fala pública pronunciada-vista/ouvida-registrada-divulgada em momentos posteriores ao ato de fala original, seja através de um novo discurso seja por outros meios de comunicação de grande circulação social. Semelhante a uma metalinguagem, nesta última etapa da comunicação política as palavras pronunciadas anteriormente pelo orador na tribuna são lembradas pelo próprio autor em ocasiões futuras, configurando uma constante atualização dos conteúdos abordados originalmente a fim de legitimar as teses, narrativas e opiniões históricas, políticas e ideológicas que visavam justificar a existência e a manutenção do regime socialista cubano.

À luz da história da fala pública, proposta por Piovezani e Courtine, a identificação das quatro etapas do processo de comunicação política acima expostas (falar-ver/ouvir, registrar, divulgar e rememorar)⁸⁶ visa aprofundar a compreensão dos discursos de Fidel Castro. Dentro desta teia comunicativa de alta complexidade seria equivocado pensar que apenas o acesso às transcrições das falas castristas pela taquigrafia estatal possibilita uma via de acesso “direta” ao evento em si, às experiências coletivas da fala e da audição em

el servicio doméstico, hoy están tomando taquígraficamente este discurso desde esta tribuna!”. CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, en el acto conmemorativo del Primero de mayo, en la Plaza de la Revolución, el 1º de mayo de 1962.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f010562e.html>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

⁸⁵ Neste caso o espanhol, idioma oficial de Cuba. Tudo indica que somente após este primeiro registro escrito é que as traduções para outros idiomas foram realizadas.

⁸⁶ Complementar a estas quatro etapas, uma outra dimensão deve abarcar a recepção dos conteúdos dos discursos de Fidel Castro pela opinião pública cubana. Tal tarefa necessitaria de outros tipos de fontes, conceitos e instrumentos de pesquisa, não sendo, portanto, o objetivo da presente pesquisa.

espaços públicos, à dimensão do vivido e do compartilhado ou às percepções e conclusões tanto do orador quanto dos seus interlocutores, menos ainda da memória criada em torno das mensagens veiculadas pelo estadista cubano. Assim, as fontes escritas não permitem acessar todas as instâncias das relações entre líder e liderados, mas apenas a leitura de registros considerados fidedignos e merecedores de fé pública daquilo que originalmente foram palavras ditas e ouvidas em ambientes coletivos, inscritas no universo efêmero da oralidade e da visualidade. Metodologicamente, seria mais apropriado afirmar que nesta tese analisamos, prioritariamente, os conteúdos dos discursos, aqui entendidos como os registros textuais das falas públicas de Fidel Castro, produzidos pelo Estado cubano (uma das dimensões inscritas na etapa 2), e não propriamente os discursos enquanto um evento em si, em todos os seus âmbitos e dimensões, o que envolveria uma série de fatores que não se limitam apenas aos registros escritos legados pelo passado.

A etapa 1, relativa à “fala”⁸⁷, revela a construção e a transmissão oral de quais (e de como) eventos e personagens inscritos no passado nacional os cubanos deveriam se lembrar. Revela ainda uma dimensão da experiência coletiva entre orador e ouvintes, potencializada pela aglomeração de uma grande quantidade de pessoas em um mesmo espaço público, a fim de expressar uma mensagem político-ideológica unificada, gerando a sensação de que orador e interlocutores eram “parte” de um “todo”. Nesta etapa, o emissor busca se qualificar como uma testemunha ocular da história⁸⁸, emitindo relatos que são divulgados à opinião pública como a única expressão da verdade, pois produzidos pelo protagonista dos acontecimentos narrados, isto é, por alguém que soube interpretar “las claves de su tempo y conducir a la nación a su destino”⁸⁹. No âmbito da auto

⁸⁷ Em entrevista concedida aos jornalistas norte-americanos Mervin Dymally e Jeffrey Elliot, em 1985, Fidel Castro abordou as diferenças entre o discurso “falado” e “escrito”, uma das raras vezes em que falou publicamente sobre este assunto: “Uno se queda pensando si en un discurso incluyó todos los elementos, todos los datos y el orden más correcto de la exposición. [...] Muchas veces me ocurre algo más: hago un discurso, en ocasiones tengo que hablar con determinada extensión, porque mi tarea es tratar de persuadir, de argumentar, as veces insistir, reiterar, y por lo general cuando concluyo me quedo insatisfecho; después lo veo ya transcripto, no son discursos escritos previamente, suelo tener entonces una mejor impresión que cuando termino de hacer el discurso. [...] uno tiene que estar constantemente analizando cada palabra que diga, cada cosa que plantea, la forma en que la plantea, el momento en que la plantea, porque uno debe estar incesantemente analizando lo que hace”. CASTRO, Fidel. **Fidel Castro y la historia como ciencia** (Selección temática 1959-2003). Tomo II. Havana: Ediciones Especiales, 2007, p. 32.

⁸⁸ Segundo Silvia Giraudó, uma das principais formas que Fidel tinha de legitimar seu poder diante da opinião pública cubana consistia em evocar sua participação e as experiências adquiridas por ele naqueles que seriam os principais acontecimentos envolvendo a história da Revolução Cubana, os quais encerravam um conjunto de virtudes, lições e significados divulgados socialmente como atributos de sua liderança política. GIRAUDO, Silvia. **Revolución es más que una palabra**, op. cit., p. 190.

⁸⁹ ROJAS, Rafael. **La maquina del olvido**, op. cit., p. 131.

representação⁹⁰, as memórias de *Sierra Maestra* visavam produzir na plateia a sensação de estar escutando histórias da boca de quem esteve “lá”, “viu” e, por isso, podia “falar” com propriedade sobre o que aconteceu. Em 1999, durante a cerimônia oficial do 40º aniversário do triunfo da Revolução Cubana, Fidel Castro afirmou que ainda era capaz de “viver” e “perceber” os detalhes do 1º de janeiro de 1959, sobretudo do momento em que dirigiu as primeiras palavras ao povo cubano, logo após a fuga de Fulgêncio Batista. Falando do “mesmo lugar”, a cidade de Santiago, o mandatário representou o fato original como um “milagre militar e político”⁹¹ produzido pelos guerrilheiros em pouco mais de dois anos de batalhas contra as tropas batistianas.

Nas etapas 2 e 3, relativas ao registro e publicação, os discursos castristas são veiculados através dos meios de comunicação controlados pelo Estado cubano (tais como televisão, livros, livretos, periódicos, revistas, jornais, *outdoors*, panfletos, cartazes, entre outros)⁹². Ao ultrapassar o universo efêmero da palavra falada-ouvida, capaz de gerar, inicialmente, uma sensação de “proximidade” entre líder e liderados, os impressos transformaram as alocações de Fidel Castro em conteúdos de fácil acesso à população após a realização dos respectivos atos de fala, conseguindo socializar suas mensagens através da “estocagem de informações” contidas em suportes físicos, e disponibilizando-a em situações que exigissem argumentos de autoridade para chancelar determinados posicionamentos político-ideológicos. A reprodução das falas públicas de Castro através

⁹⁰ Ao longo de seu governo, foram raras as vezes em que Fidel Castro discorreu sobre o seu papel na Revolução Cubana. Pouco tempo após o triunfo revolucionário, ao falar na Plenária dos Trabalhadores Açucareiros, ocorrida em Havana, em 9 de fevereiro de 1959, o então primeiro ministro lançou mão de outra auto representação que não a de testemunha ocular da história para justificar sua liderança, dizendo-se “obrigado a opinar sobre distintas questões” em virtude da “moral” que havia acumulado como “defensor do povo”. Ao melhor estilo Jean-Paul Marat, revolucionário francês conhecido como o “amigo do povo”, naquela ocasião Castro disse se considerar o “melhor amigo” dos trabalhadores, explorados, humildes, camponeses e das crianças descalças e famintas. Em outra ocasião, no início do século XXI, Castro abordou o tema da auto representação no documentário produzido por Oliver Stone, quando indagado pelo diretor sobre a natureza de seu poder. Na ocasião, rechaçou o uso do termo *caudillo* empregado por Stone, afirmando-se “chefe espiritual” e “moral” da Revolução. Seu poder, segundo ele, estava resguardado e, ao mesmo tempo, limitado pela constituição vigente em Cuba. O mandatário também se autorretratou como um “ativista político”, e não um teórico, no sentido de que não era seu objetivo conceber ideias e teses, mas executá-las a partir do que chamou de “posto de combate”, em referência aos cargos ocupados por ele de 1959 até 2004, quando o documentário *Looking for Fidel* foi lançado.

⁹¹ CASTRO, Fidel. **Discurso del Presidente de la República de Cuba, Fidel Castro, en el acto central por el 40º aniversario del triunfo de la Revolución, efectuado en el Parque Céspedes, Santiago de Cuba, el día 1º de enero de 1999.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1999/esp/f010199e.html>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

⁹² Nesta seara, destacam-se duas publicações cubanas, intituladas *Obra Revolucionária e El Orientador Revolucionário*, que circularam na ilha durante as décadas de 1960 e 1970. Ana Corraello destacou que, internamente, a circulação dos discursos esteve a cargo das publicações autorizadas pelo Departamento de Estado através, sobretudo, da editora estatal intitulada *Política*. CORRARELLO, Ana. **Fidel Castro**. De la etapa fundacional al proyecto socialista soviético, op. cit., p. 42.

da escrita, seja na íntegra ou em partes, colaborou de maneira decisiva para a ampliação do alcance dessas mensagens junto ao povo cubano. A repetição massiva de tais conteúdos tinha como objetivo disseminar no imaginário popular uma memória oficial do processo revolucionário pautada na luta armada, transmitindo-a de modo “mediatizado”, isto é, através de suportes materiais capazes de colocar em circulação, de forma rápida, versões didáticas dos temas abordados pelo estadista nos palanques. No âmbito editorial, o fato de seus discursos terem ganhado títulos⁹³ evidencia a intenção do regime socialista de transformá-los em “referência visual” capaz de orientar “as memórias individuais em uma mesma direção”, dotando-as de “significações particulares” que terão “grandes possibilidades de serem compartilhadas”⁹⁴.

Ainda na etapa relativa ao “publicar”, é possível encontrar outro tipo de registro de discursos em um volume temático que compilou as intervenções orais de Fidel Castro em cúpulas multilaterais ocorridas entre 1991 e 1996⁹⁵. O organizador da edição, Pedro Álvarez Tabío, salientou que pela primeira vez um livro dedicado às falas do mandatário trazia em anexo reproduções *fac-símiles* dos manuscritos lidos por Castro nas tribunas (figuras 1 a 8). Segundo Tabío, o ineditismo do material possibilitaria ao leitor entrar em contato com o processo “criativo” que resultou na confecção dos discursos, permitindo acessar o universo da composição discursiva que nem Fidel Castro nem o alto escalão estatal da ilha haviam divulgado até aquele momento. O volume temático intitulado *Por un mundo de paz, justicia y dignidade* talvez seja o único documento a apresentar as anotações de próprio punho realizadas por Castro antes de sua participação em eventos internacionais. Nas reproduções *fac-símiles* divulgadas é possível encontrar anotações marginais, riscos, rabiscos, rasuras, setas, inserções, acréscimos, emendas, esboços, antecipações de frases, preferências por algumas palavras em detrimento de outras, ou seja, uma série de indícios de que, ao menos quando lia seus pronunciamentos, Castro burilava suas palavras a fim de adequá-las às mais variadas circunstâncias e plateias, o que não se pode assegurar em relação aos discursos tidos como improvisados.

⁹³ A seguir listamos, em ordem cronológica, alguns exemplos desta prática: *La historia me absolverá* (1953), *Primera Declaración de La Habana* (1960), *Palabra a los intelectuales* (1961), *Segunda Declaración de La Habana* (1962), *Autocrítica* (1970), *Ni Cuba puede exportar la Revolución, ni Estados Unidos puede impedirlo* (1984), *Socialismo: ciencia del ejemplo* (1989), *Esta es la guerra de David contra Goliath* (1990), *Independientes hasta siempre* (1991), *Unidos bajo una sola bandera* (1991), *Una revolución solo puede ser hija de la cultura y las ideas* (1999), *La conducta diferente* (2005).

⁹⁴ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**, op. cit., p. 108, 110.

⁹⁵ CASTRO, Fidel. **Por un mundo de paz, justicia y dignidad**. Discursos em conferencias cumbre (1991-1996). Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 1996.

Na etapa 4, relativa ao “rememorar”, algumas falas públicas revelam que Fidel Castro se representou como uma referência para a compreensão da Revolução Cubana, assim como para assegurar a manutenção do regime socialista em seu país. Em 1984, durante a comemoração da efeméride de 1º de janeiro, que naquele ano relembrava o 25º aniversário do triunfo guerrilheiro, o mandatário leu um extenso trecho do discurso pronunciado por ele em 1959, logo após a fuga de Fulgêncio Batista de Cuba. Antes de proceder à leitura, logo no início de sua fala, compartilhou a seguinte reflexão:

Santiagueros; compatriotas de toda Cuba: hace 25 años nos reunimos en este mismo parque, casi a la misma hora, para hablar por primera vez al pueblo desde este mismo balcón. No será inútil recordar, por su permanente vigencia, por su valor moral y por su carácter histórico, algunas palabras pronunciadas aquella noche en que los trascendentales acontecimientos del momento exigían considerable atención, pero en que se expresaba también, de modo categórico y definitivo, lo que sería la línea fundamental de nuestra conducta revolucionaria.⁹⁶

No excerto acima reproduzido chama a atenção o uso reiterado que Castro fez da palavra “mesmo”, indicando uma conexão entre a data original, a vitória sobre Batista, e a rememoração deste fato. A alusão ao lugar em que ambos os discursos foram realizados, o Parque Céspedes, localizado no centro de Santiago, à hora em que ocorreram, segundo ele semelhante, e à edificação na qual falou aos seus compatriotas, a sacada do antigo *Ayuntamiento* da cidade, demonstram como ele tentou criar uma narrativa que conectava o “passado do triunfo” ao “presente da continuidade”, sugerindo que em 1984 todos estavam ali reunidos para reiterar a “vigência” e o “valor moral” do “transcendental acontecimento” que teria inaugurado uma ruptura nunca antes vista na história de Cuba. Castro voltava ao antigo *Ayuntamiento* de Santiago com o propósito de reencenar o ato que simbolizou a vitória sobre Batista, mimetizando-a a fim de atualizar uma determinada visão sobre o passado, a qual deveria ser permanentemente resgatada para que a opinião pública continuasse a celebrar o papel histórico dos guerrilheiros de *Sierra Maestra*. A menção ao discurso original, o de 1959, buscava corroborar o protagonismo do então líder do M 26-7, atribuindo-lhe um papel de relevância na inauguração do que a propaganda

⁹⁶ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en la velada solemne con motivo del XXV aniversario del triunfo de la Revolución y la entrega del título honorífico de “Heroe de la Republica de Cuba” y la orden “Antonio Maceo” a la ciudad de Santiago de Cuba, en el antiguo ayuntamiento de esa ciudad, el 1ro. de enero de 1984, “Año del XXV aniversario del triunfo de la Revolución”.** Disponível: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1984/esp/f010184e.html>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

oficial julgava ser uma nova era. Sobre o tempo presente de 1984, a fala pública de Fidel reforçava a sua liderança política, enaltecendo a si mesmo em ambos os contextos.

Além da massiva divulgação dos discursos castristas através dos mais variados mecanismos de difusão social, na etapa 4, relativa ao “rememorar”, destacam-se também as iniciativas governamentais no âmbito do que o antropólogo Joel Candau chamou de “iconorréia”⁹⁷, isto é, uma produção intencional de imagens em larga escala, divulgadas por diferentes meios de comunicação, com o objetivo de corroborar uma determinada mensagem a ser assimilada pela opinião pública. No caso de Cuba, onde se observa a centralidade do Estado nesta área, a “iconorréia” se expressou através de canais como televisão, cinema, internet, livros, revistas, jornais, *banners*, *outdoors*⁹⁸, cartazes⁹⁹ e materiais de cunho político-ideológico em geral, como calendários, selos, emblemas, condecorações, moedas comemorativas e notas de dinheiro, suportes materiais que visavam divulgar as “palavras” ditas por Fidel Castro em cerimônias e eventos oficiais, colaborando tanto para o registro quanto para a circulação delas na sociedade cubana¹⁰⁰, e até mesmo fora dos limites territoriais da ilha caribenha.

Um exemplo das práticas estatais pode ser visto no bilhete de 10 pesos (figura 9) que circulou em Cuba entre 1961 e 1989. Inspirada em fotografias que retratam um ângulo semelhante, a cena reproduzida no verso da nota de dinheiro representa Fidel Castro de costas, com o rosto ligeiramente inclinado para a direita e o dedo em riste, em sinal de fala pública, se dirigindo a uma multidão reunida na Praça da Revolução, em Havana, em discurso conhecido como *Declaración de La Habana*¹⁰¹, ocorrido em 2 de setembro de

⁹⁷ CANDAU, Joel. **Antropologia da memória**, op. cit., p. 72.

⁹⁸ PEDRESCHI, Guilherme Barbosa. **Na estrada com Fidel**. O outdoor na Revolução Cubana. São Paulo: Contradanza, 2018.

⁹⁹ CASTRO, Claudia Gomes de. **Imagens da Revolução Cubana**. Os cartazes de propaganda política do Estado socialista (1960-1986). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

¹⁰⁰ Um dos suportes materiais que expressam o fenômeno da “iconorreia” em Cuba, após 1959, consiste no registro e divulgação de gravações fonográficas patrocinadas por instituições estatais, no formato *long play*, dos seguintes discursos de Fidel Castro: *Primera Declaración de La Habana* (1960), *Segunda Declaración de La Habana* (1962), *Carta del ‘Che’ leída por Fidel* (1965), *Fragmentos del discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro en la velada solemne en memoria del Comandante Ernesto ‘Che’ Guevara* (1967), *Clausura del Segundo Congreso de la Federación de las Mujeres Cubanas* (1974), *Concentración popular efectuada en la Plaza de la Revolución ‘José Martí’, en honor del compañero Leonid Ilich Brezhnev, Secretario General del Comité Central del Partido Comunista de la Unión Soviética, y la delegación que lo acompaña* (1974), *Acto de masas en apoyo a los acuerdos y resoluciones del Primer Congreso del Partido Comunista de Cuba* (1975).

¹⁰¹ Segundo Ana Corraello, as relações políticas entre Cuba e América Latina, após 1959, se expressaram através de um tipo específico de discurso de Fidel Castro, batizado pela propaganda política socialista como “Declaração”, e chamada pela autora de “acontecimento discursivo”. São eles: a “Primeira Declaração de Havana” (02/09/1960), em resposta à reunião dos chanceleres latino-americanos ocorrida na Costa Rica, quando o governo dos EUA classificou o regime cubano como um perigo para a região; a “Segunda

1960. Neste caso, o enaltecimento do líder cubano se baseou em sua oratória, criando uma espécie de personalismo “falado” a partir do qual Castro se tornou sinônimo de discurso e vice versa. De baixo valor monetário e, por isso, alta circulação, o referido papel-moeda exemplifica uma das estratégias de comunicação criadas pelo regime socialista a fim de difundir a “palavra” do mandatário e consolidar uma memória dos seus atos de fala. Tal intenção também pode ser atestada, entre outras evidências, pelo curto intervalo de tempo compreendido entre a realização do pronunciamento e a impressão do bilhete, apenas um ano. Através deste exemplo é possível notar como a disseminação das ideias castristas ocorreu não apenas por meio dos seus discursos propriamente ditos, quando falar e ouvir aconteciam de forma simultânea, ou de suas versões editadas e massivamente publicadas dentro de Cuba, mas também por meio de suportes materiais de alta circulação social, que ajudaram a criar uma memória “discursiva” em torno do mandatário.

Após esmiuçarmos as diferentes dimensões das falas públicas do estadista cubano entendemos que, sob o governo revolucionário, seus pronunciamentos se tornaram a um só tempo mecanismos de construção e transmissão de memórias, sobretudo as que se referiam à guerrilha de *Sierra Maestra*. A memória oficial criada e difundida pelo regime socialista, que genericamente se imputa ao Estado, como se o conceito fosse portador de uma “vontade” autônoma ou extra-humana e, portanto, apartada da realidade social, se expressou através do uso dos palanques por uma liderança política que a todo momento fez uso da palavra em público, sem permissão ao contraditório, no intuito de reafirmar uma visão de mundo voltada à legitimação da luta armada como um instrumento legítimo de tomada do poder. Neste sentido, os discursos do *comandante* oferecem uma via de acesso às dimensões material e simbólica que constituíram novas formas de representar o poder a partir de 1959, associando-o ao protagonismo de Castro e dos guerrilheiros de *Sierra Maestra* que haviam lutado contra a ditadura de Fulgêncio Batista. Em suma, entendemos que as falas públicas do governante cumprem a função de, em primeiro lugar, construir e, em seguida, difundir as memórias que mais convinham à narrativa que visava explicar as “origens”, a “apoteose” e a “continuidade” da Revolução Cubana, tendo como principal fonte de legitimidade a “palavra” de Fidel.

Declaração de Havana” (04/02/1960), em resposta à expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA), formalizada na reunião promovida por este organismo em *Punta del Este*, Uruguai; e a “Declaração de Santiago de Cuba” (26/09/1964), em resposta à resolução da Organização dos Estados Americanos (OEA) que resultou no rompimento de relações diplomáticas e econômicas de uma série de países latino-americanos com Cuba. CORRARELLO, Ana. **Fidel Castro**. De la etapa fundacional al proyecto socialista soviético, op. cit., p. 267.

Segundo Joel Candau, o reconhecimento social de uma voz dotada de legitimidade para criar e transmitir memórias à opinião pública estaria diretamente relacionado com a construção de “memórias fortes”, ideia resumida por ele da seguinte forma:

A eficácia [...] de uma visão de mundo, de um princípio de ordem, de modos de inteligibilidade da vida social, supõe a existência de ‘produtores autorizados’ da memória a transmitir: família, ancestrais, chefe, mestre, preceptor, clero etc. Na medida em que estes serão reconhecidos pelos ‘receptores’ como os depositários da ‘verdadeira’ e legítima memória, a transmissão social assegurará a reprodução de memórias fortes. Ao contrário, quando os guardiões e os lugares de memórias tornam-se muito numerosos, quando as mensagens transmitidas são inúmeras, o que é transmitido torna-se vago, indefinido, pouco estruturante, e os ‘receptores’ possuem uma margem de manobra muito maior que lhes irá permitir lembrar ou esquecer à sua maneira¹⁰².

A se pensar pela chave analítica de Candau, Fidel Castro se comportou como um “produtor autorizado” de memória, o que não significa dizer que todos os cubanos tenham aceitado passivamente tal comportamento. No que se refere à maneira de se representar em público, Castro procurou se legitimar enquanto fonte oral da “verdade da Revolução”, isto é, alguém que podia ser considerado um legítimo porta-voz da mensagem política a ser assimilada pela população. Assim, a propaganda estatal buscou transformá-lo em alguém capaz de simbolizar os significados que o regime socialista desejava incutir no povo cubano¹⁰³. Tendo a luta armada e, especificamente, a guerrilha de *Sierra Maestra* como pilar de sua “visão de mundo”, “princípio de ordem” e modo de “inteligibilidade da vida social”, para tomarmos de empréstimo alguns dos termos usados por Candau no trecho acima citado, o líder revolucionário se investiu de uma aura ao mesmo tempo civil e militar, se comportando como chefe em ambas as dimensões do poder. Desde o triunfo da Revolução, o governo liderado por Fidel Castro percebeu que o controle e, no limite, o monopólio da palavra em público equivalia a centralizar o poder em torno de uma nova liderança, negando aos seus adversários um direito garantido apenas aos defensores da ordem socialista personificada em uma espécie de “homem-estado”.

¹⁰² CANDAU, Joel. **Memória e identidade**, op. cit., p. 124-125.

¹⁰³ Representado o ponto de vista defendido pela propaganda governamental, o intelectual cubano Rafael Hernández defendeu que Fidel Castro simboliza a produção do consenso, posto que “si la política tiene que ver con el arte de conseguir apoyo interno y externo, ampliar y unificar la base social, concertar alianzas, preservar la estabilidad del régimen, debilitar al máximo la oposición y las amenazas externas, obtener el respecto incluso de los enemigos, y hasta saber ganarse un cierto halo de invencibilidad, hay pocos líderes vivos con la capacidad política de Fidel Castro”. HERNÁNDEZ, Rafael. **Mirar a Cuba**. Ensayos sobre cultura y sociedad civil. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1999, p. 31.

Se para Fidel Castro e a esfera estatal o ciclo falar-registrar-publicar-rememorar¹⁰⁴ (etapas 1 a 4) visava legitimar e preservar o regime socialista, para os seus interlocutores o processo de persuasão sugere outra dinâmica, que pode ser resumida pela sequência ouvir/ver-ler/ver-replicar. Inscrita no campo da oralidade, a primeira dimensão representa o contato entre líder e liderados nos mais variados espaços públicos, facultando à plateia a possibilidade de ver e ouvir o seu líder e, de forma concomitante, do líder se legitimar politicamente através das multidões que saíam às ruas e praças para vê-lo e ouvi-lo. A segunda dimensão representa o contato massivo da população com os registros escritos e imagéticos produzidos pelos canais de comunicação controlados pelo Estado a partir dos discursos castristas. A edição e publicação destes discursos na forma de textos ou imagens buscava manter viva na memória dos cubanos não apenas os conteúdos abordados por Fidel Castro nos palanques, mas também a lembrança dos atos de fala como um evento digno de rememoração. A última dimensão diz respeito à intenção do emissor de que as “verdades da Revolução” contidas em seus discursos fossem compartilhadas socialmente pelos cubanos após terem tomado contato com elas por meio de uma voz autorizada, o que não significa que isso tenha ocorrido na prática. Em suma, tais dimensões explicitam o modo pelo qual forma, conteúdo e difusão das palavras de Fidel Castro se encontram na base da teia de comunicação política criada pelo regime socialista.

1.2. Estratégias retóricas nos discursos de Fidel Castro

Dentre os recursos retóricos utilizados por Fidel Castro para estabelecer vínculos com suas audiências, um deles pode ser entendido como a tentativa de simular diálogos entre líder e liderados. Em linhas gerais, tal estratégia consistia na realização de perguntas e votações presenciais, organizadas com o objetivo de demonstrar que a experiência revolucionária insular fora capaz de estabelecer uma “democracia direta”¹⁰⁵ protagonizada pelas “massas exploradas”. Segundo Rufo López-Fresquet, ministro da Fazenda de Cuba entre janeiro de 1959 e março de 1960, que renunciou ao cargo por

¹⁰⁴ Tal sequência se assemelha aos três primeiros mecanismos de transmissão social da memória apontados por Peter Burke, a saber: tradição oral, relato escrito e imagens. BURKE, Peter. “História como memória social”, op. cit., p. 73-75. Os outros dois, relativos às comemorações e aos usos dos espaços públicos, serão contemplados no capítulo 3, que abordará as efemérides relativas à memória da luta armada.

¹⁰⁵ Segundo Nancy Berthier, o pronunciamento de Fidel Castro conhecido como *Primera Declaración de La Habana*, ocorrido em 2 de setembro de 1960, evidencia sua intenção de construir um “modelo de governança” baseado em simulações de democracia direta e na “relação dialética” entre líder e povo. BERTHIER, Nancy. **Fidel Castro**. Arrêts sur images, op. cit., p. 53, 64.

divergir dos rumos do governo, motivo pelo qual se tornou um opositor do regime socialista insular, a ideia de comunicação política “direta” entre o dirigente e as massas populares através do rádio, televisão e praças públicas consistia em uma estratégia que visava corroer as instituições políticas construídas antes de 1959 a fim de centralizar o poder na figura do então primeiro ministro. Segundo Fresquet, Fidel Castro adequava suas mensagens ideológicas às circunstâncias do tempo presente no qual se comunicava com uma ideia genérica de “povo”, isto é, um “elemento amorfo” representado retoricamente como uma instância legitimadora do “novo” regime¹⁰⁶. Já para o escritor colombiano Gabriel García Márquez, apoiador da Revolução Cubana, a “pedagogia oratória” de Fidel Castro se caracterizava por uma grande capacidade de interação com o público, pela flexibilidade de temas e abordagens e por diálogos inusitados com a plateia.

[...] De hecho, y sobre todo fuera de La Habana, no es raro que alguien lo interpele entre la muchedumbre de una manifestación pública, y que se entable un diálogo a gritos. Tiene un idioma para cada ocasión, y un modo distinto de persuasión según los distintos interlocutores, ya sean obreros, campesinos, estudiantes, científicos, políticos, escritores o visitantes extranjeros. Sabe situarse en el nivel de cada uno, y dispone de una información vasta y variada que le permite moverse con facilidad en cualquier medio. Pero su personalidad es tan compleja e imprevisible, que cada quien puede formarse una imagen distinta de él en un mismo encuentro.¹⁰⁷

Na opinião de Fidel Castro, através da democracia direta as pessoas conseguiriam manifestar suas opiniões políticas ainda no calor dos acontecimentos, podendo assim participar de forma ativa das “votações” realizadas publicamente, e sem a necessidade de representantes ou intermediários, tais como partidos políticos, sindicatos e instituições. As simulações de votações em espaços abertos¹⁰⁸, como se as praças, ruas e avenidas das principais cidades cubanas exercessem a função de uma ágora ateniense, lugar que abrigava os debates e as deliberações políticas durante a antiguidade grega, diziam respeito a diferentes temas, podendo envolver decisões de caráter político-ideológico, como a “escolha” do nome do Partido Comunista de Cuba¹⁰⁹ ou a “ratificação” das

¹⁰⁶ LÓPEZ-FRESQUET, Rufo. **Fui ministro de Fidel**, op. cit., p. 230, 248.

¹⁰⁷ MÁRQUEZ, Gabriel García. “Fidel Castro: El oficio de la palabra hablada”. In: MINA, Gianni. **Habla Fidel**. Buenos Aires: Sudamerica, 1988, p. 18.

¹⁰⁸ Para uma análise do uso dos espaços públicos como um “lugar de encontro” entre o povo cubano e seu líder ver BERTHIER, Nancy. **Fidel Castro**. Arrêts sur images, op. cit., p. 95.

¹⁰⁹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de presentación del Comité Central del Partido Comunista de Cuba, efectuado en el Teatro “Chaplin”,**

decisões tomadas no primeiro congresso partidário comunista¹¹⁰. Em determinados momentos as simulações também serviram para defender a pena de morte por fuzilamento a ser aplicada pelos tribunais revolucionários contra os opositores do regime, sendo um deles o dissidente Hubert Matos¹¹¹, ou ainda para batizar instituições que funcionavam como peças de propaganda do governo socialista, como a fábrica têxtil da cidade de Santa Clara, intitulada *Desembarco del Granma* através de uma “votação” popular ocorrida durante o discurso realizado por Fidel Castro na comemoração do 23º aniversário da chegada dos guerrilheiros do M 26-7 à costa cubana, vindos do México¹¹².

Em Cuba, como nas sociedades contemporâneas em geral, as falas públicas de Fidel Castro ocorreram em meio a grandes distâncias físicas entre orador e público, mas ainda assim configuraram um “meio audiovisual quente”¹¹³ que remonta à democracia direta praticada em Atenas durante a Antiguidade, organizada em assembleias nas quais a emissão e a recepção dos discursos políticos aconteciam de modo simultâneo. Em virtude deste canal de comunicação “quente”, marcado pela reação imediata da audiência diante da mensagem do orador, em diferentes ocasiões as palavras do estadista deixaram entrever tensões, imprevistos, desconfortos e eventuais descontentamentos tanto do emissor das alocações quanto dos ouvintes. Um exemplo disso pode ser encontrado no trecho em que Fidel Castro, aparentemente irritado com o comportamento de parte da plateia, constrangeu alguns populares a responderem uma pergunta feita por ele sobre o trabalho voluntário defendido pela Revolução Cubana.

Que levanten la mano los que han hecho trabajo voluntario aquí (La mayor parte del público levanta las manos). Bien, ya. Ahora, que

el 3 de octubre de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f031065e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹¹⁰ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de masas con motivo de la clausura del Primer Congreso del Partido Comunista de Cuba. Plaza de la Revolución, 22 de diciembre de 1975, “Año del Primer Congreso”.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1975/esp/c221275e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹¹¹ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, ante el pueblo congregado en el Palacio Presidencial para reafirmar su apoyo al Gobierno Revolucionario y como protesta contra la cobarde agresión perpetrada contra el pacífico pueblo de La Habana por aviones procedentes de territorio extranjero, el 26 de octubre de 1959.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f261059e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹¹² Idem. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en la inauguración del Combinado Textil de Santa Clara, celebrada el 2 de diciembre de 1979, “Año 20 de la victoria”.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1979/esp/f021279e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹¹³ PIOVEZANI, Carlos. **Verbo, corpo e voz.** Dispositivos de fala pública e produção da verdade do discurso político. São Paulo: Unesp, 2009, p. 230.

levanten la mano los que no han hecho todavía trabajos voluntarios (Nadie levanta las manos). Dije que levantarán la mano los que no habían hecho trabajos voluntarios todavía; vamos. ¡Ah, pero qué poco sinceros son ustedes! Vamos, hay que ser honrados con la Revolución. Que levanten la mano los que no han hecho trabajos voluntarios (Unos cuantos levantan las manos). No, no, todavía son muy pocos; no, no, aquí hay más que no han hecho un solo día de trabajo voluntario (EXCLAMACIONES DE: “No se oye”, “Que lo repita, que lo repita.”). Yo decía que levantarán la mano los que no habían hecho trabajo voluntario (Nadie levanta las manos). Bueno, que levanten la mano los que lo han hecho (La mayor parte del público levanta las manos).

Que levanten la mano los que no lo han hecho... (El Comandante se dirige a una persona del público.) Oye, ¿por qué tú te quedas callado la boca y no la levantas ninguna de las dos veces...? Sí, y tú también. Hay muchos que no mienten para decir... Habrá algunos que la levanten y no haya hecho nada, saben, pero hay algunos más honrados que esos, que esos que la levantan sin haber hecho nada, hay algunos que cuando decimos que la levanten, tampoco la levantan. Cuando se dice: levanten la mano los que no lo han hecho, no la levantan. Eso es una falta de honradez revolucionaria.

Bueno, levanten la mano los que no han hecho trabajos voluntarios, ¡sean honrados! Los que no han hecho trabajos voluntarios que levanten la mano (EXCLAMACIONES DE: “No se oye”) Sí, ¿y cómo me oyen cuando digo que la levanten los que lo han hecho? (EXCLAMACIONES) ¿Cómo...? No, pero si no estoy diciendo nada ahora (EXCLAMACIONES DE: “¡Fidel, Fidel!”)¹¹⁴.

Ao se descontentar pelo fato de ninguém assumir que ainda não havia realizado trabalhos voluntários, Fidel Castro desconfiou de seus interlocutores ao frisar que havia mais gente em “dívida” com o governo socialista. É digno de nota o fato de o mandatário reclamar tão enfaticamente do que chamou de falta de “sinceridade” e de “honradez revolucionaria” por parte da plateia, queixas que inclusive o fizeram subir o tom das críticas a ponto de acusar dois de seus interlocutores de displicência por haverem permanecido calados e não terem levantado a mão para nenhuma das indagações feitas por ele. Além destes constrangimentos individualizados, o governante também acusou outros participantes de estarem mentindo publicamente sobre a sua pergunta. Ampliando a tensão entre audiência e emissor, terminou acusando a plateia de escutar somente aquilo que desejava, deixando de responder as perguntas consideradas inconvenientes. Mentindo ou simplesmente se recusando a participar das dinâmicas propostas por Fidel Castro no mesmo lugar em que três meses antes seus milicianos saíram vitoriosos da batalha de

¹¹⁴ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la clausura de los actos celebrados en Playa Girón, Península de Zapata, el 27 de julio de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f270761e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

Playa Girón, o trecho acima citado pode ser considerado um dos raros momentos nos quais vieram à tona, ainda que timidamente, uma possível resistência silenciosa da plateia, revelando que os eventos oficiais nos quais Castro discursava não contavam sempre com uma audiência engajada ou ávida por ouvi-lo, ou que pacificamente realizava todas as suas vontades, independentemente do tema em questão e do que fosse solicitado.

Neste sentido, as fontes não revelam apenas as reflexões de Fidel Castro sobre os mais diferentes assuntos, reverberadas em Cuba pelos meios de comunicação controlados pelo Estado, mas também as condições materiais a partir das quais ele discursou para as multidões. Em certas ocasiões, o próprio mandatário fez menção a alguns dos fatores que estariam atrapalhado a realização ou a plena compreensão de suas falas públicas. Dentre as motivações que conseguimos compulsar, destacam-se as dores de garganta¹¹⁵ e a perda da voz¹¹⁶, os problemas com o sistema de som dos alto-falantes instalados em espaços a céu aberto¹¹⁷ e os distúrbios causados pelo eco¹¹⁸, as intempéries como excesso de chuva¹¹⁹ ou de calor¹²⁰, além das reclamações relativas à grande distância que separava a tribuna do público, circunstância em que Fidel Castro se queixou de falar para uma “multidão abstrata”¹²¹. A través da leitura dos documentos é possível descobrir também

¹¹⁵ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del VIII aniversario del ataque al cuartel Moncada, en la Plaza de la Revolución “José Martí”, en La Habana, el 26 de julio de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f260761e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹¹⁶ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, resumiendo los actos del V aniversario de los CDR, en la concentración efectuada en la Plaza de la Revolución, el 28 de septiembre de 1965.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f280965e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹¹⁷ Ibidem.

¹¹⁸ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el desfile militar y concentración efectuados en la Plaza de la Revolución, con motivo del VIII aniversario de la Revolución, el 2 de enero de 1967.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f020167e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹¹⁹ Ibidem.

¹²⁰ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración en conmemoración del decimoquinto aniversario del heroico ataque al cuartel Moncada, en la Plaza de la Revolución de Santa Clara, Las Villas, el 26 de julio de 1968.** Idem. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f260768e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹²¹ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del XIV aniversario del asalto al cuartel Moncada, en Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1967.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f260767e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

informações gerais sobre o comportamento do público¹²² e a organização dos eventos, tanto no que se refere às vestimentas, indumentárias e apetrechos levados ou distribuídos aos populares, tais como *machetes* (facões, em português) e tochas¹²³, passando pela presença de convidados ilustres na tribuna de honra, tais como a militante do movimento negro norte-americano Ângela Davis¹²⁴ e o astronauta soviético Iuri Gagarin¹²⁵, quanto no que se refere à decoração das cerimônias e rituais cívicos, tais como marchas, desfiles e discursos prévios, estes quase sempre feitos por líderes das organizações de massas e instituições criadas ou diretamente vinculadas ao governo revolucionário¹²⁶.

Em algumas ocasiões a interação entre orador e audiência pareceu inusual. Uma destas situações pode ser encontrada no discurso em que Castro mostrava-se orgulho dos últimos resultados da economia cubana, que ele afirmava estar vivendo a era do pleno emprego. Todavia, no auge de sua reflexão triunfalista, foi interrompido por alguém da plateia que alegava estar desempregado, expressando um claro contraponto às suas ideias. Sem titubear, o *comandante* pediu que todos os desocupados se dirigissem imediatamente à tribuna pois ao término do evento seriam disponibilizados postos de trabalho aos interessados, desde que se dispusessem a trabalhar no setor produtivo, e não na burocracia estatal¹²⁷. Além das surpresas vindas da plateia, certas passagens revelaram comentários inesperados feitos pelo próprio Fidel Castro, a exemplo de quando repercutiu o resultado

¹²² Observado através dos *slogans* entoados pelo público durante as falas públicas do mandatário (*Fidel p'a lo que sea; Fidel, amigo, el pueblo esta contigo*), que apesar de demonstrarem interações entre líder e liderados, não devem ser tomados acriticamente como reações espontâneas dos receptores do discurso.

¹²³ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del VI aniversario de los CDR. Plaza de la Revolución, 28 de septiembre de 1966.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/f280966e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹²⁴ Idem. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la Republica de Cuba, en el resumen de la concentración popular por el XII aniversario de la creación de los Comités de Defensa de la Revolución, efectuada en la Plaza de la Revolución, el 28 de setiembre de 1972, "Año de la Emulación Socialista"**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1972/esp/f280972e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹²⁵ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz... el 26 de julio de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f260761e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹²⁶ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Secretario General del PURSC y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en conmemoración al Día Internacional de los Trabajadores, celebrada en la Plaza de la Revolución "José Martí", el 1º de mayo de 1964.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f010564e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹²⁷ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del VII aniversario de la fundación de los CDR. Plaza de la Revolución, 28 de septiembre de 1967.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f280967e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

parcial de um jogo de *baseball* da seleção cubana, realizado simultaneamente ao seu discurso, e que estaria distraíndo seus ouvintes¹²⁸, ou ainda a tentativa de recuperar a atenção da plateia após a passagem de aviões pelos céus de Havana¹²⁹. Descontraídas, certas situações abriram espaço para piadas contadas pelo estadista. Segundo uma delas, Fidel falava durante tanto tempo na tribuna que Iuri Gagarin, convidado para os festejos do 8º aniversário do assalto ao quartel *Moncada*, já teria conseguido dar duas voltas completas na terra, ocasião em que o astronauta soviético teria dito que até aquele momento pelo menos uma volta e meia já teria sido possível realizar¹³⁰.

Além das cenas descontraídas e inusitadas acima elencadas, as quais revelam aspectos não programados previamente nem por Fidel Castro nem pela alta cúpula estatal-partidária, outras práticas discursivas buscaram conferir novas camadas de significados a antigos hábitos e costumes da vida social cubana. Em 1965, por exemplo, o estadista se apropriou da tradição cristã com o objetivo de ampliar a abrangência e o significado das comemorações governamentais criadas para rememorar a declaração do caráter socialista da Revolução Cubana e da vitória militar na batalha de *Playa Girón*, ocorridas nos dias 16 e 19 de abril de 1961, respectivamente. Nesta ocasião, ele sugeriu que os festejos relacionados aos dois acontecimentos ocorressem não apenas em dois dias, mas ao longo de uma “semana de glória”, também chamada de “semana proletária”.

Y en el azúcar ya tenemos para el Primero de Mayo la meta de 5.100.000; la pusimos más alta (APLAUSOS). Y aquí, por ejemplo, algunos datos en esta semana de homenaje a los héroes de Girón; semana que coincidió con la época en que se produce la mayor baja, porque coincide con el tradicional descanso de Semana Santa. Porque, realmente, los burgueses establecieron esa costumbre; ellos eran muy católicos, pero cuando llegaba la Semana Santa se iban a pasear, de vacaciones y a parrandear. Pues nosotros tendremos nuestra semana de Girón, y será una semana proletaria, será una semana de trabajo (APLAUSOS); y sin que esto tenga ningún espíritu antirreligioso, nosotros contrarrestaremos la costumbre burguesa con nuestra semana de gloria también, que es la semana de Girón. Y la haremos coincidir

¹²⁸ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz... el 26 de julio de 1967.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f260767e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹²⁹ Idem. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario General de las ORI y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, en la concentración celebrada con motivo de conmemorarse el noveno aniversario del 26 de julio, en Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1962.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f260762e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

¹³⁰ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz... el 26 de julio de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f260761e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

con esa fecha tradicional de la Semana Santa; así que cambiará de fecha según las disposiciones del Santo Padre de Roma (APLAUSOS)¹³¹.

Em 1965, o período que na tradição católica é chamado de Semana Santa abrangeu os dias 16 a 18 de abril, intervalo compreendido entre a Sexta-feira da paixão e o Domingo de Páscoa. Desde 1962, quando se comemorou a efeméride de *Playa Girón* pela primeira vez, o recém instaurado regime socialista utilizou esta época do ano para rememorar a vitória obtida diante dos grupos exilados financiados pela CIA. Contudo, três anos depois, em 1965, Castro ressignificou a coexistência dos festejos religioso e laico vinculados ao cristianismo e à Revolução, respectivamente. De um lado os religiosos representados pelo “santo padre de Roma”, tidos como aliados da antiga burguesia cubana e seus “costumes”; grupos que antes de 1959 o dirigente acusou de terem usado o feriado para “passear” e “festejar”. Do outro lado os trabalhadores cubanos, instados a apoiarem o governo e seu líder para assim a sepultarem uma religiosidade entendida como resquício da ordem burguesa. No contexto econômico marcado pela safra de cana-de-açúcar, o *comandante* aproveitou a ocasião para comunicar ao povo cubano o aumento da meta estipulada pelo Estado para a colheita daquele ano, o que sugere uma cobrança implícita para o aumento da produtividade dos trabalhadores do campo. Temendo a diminuição da produtividade do principal produto de exportação de Cuba em virtude do descanso dos trabalhadores durante a semana santa, a memória de *Playa Girón* motivou o estímulo moral que seria capaz de impulsionar a atividade laboral nos engenhos espalhados pela ilha.

Diante do quadro apresentado, é possível apontar algumas conclusões relativas às estratégias discursivas adotadas por Fidel Castro¹³². Primeiramente, entendemos que as fontes não devem ser concebidas como o produto, mas como uma comunicação política em curso, isto é, que transcorre à medida que se lê o registro escrito do que originalmente pertence ao campo da oralidade. Na leitura das fontes tomamos contato com o “fazer-se” da relação entre orador e receptores, isto é, com a construção das relações simbólicas que mediam o contato entre enunciador e interlocutores. Em segundo lugar, destacamos o

¹³¹ CASTRO, Fidel. **Fidel Castro habla de Playa Girón**. Havana: Ocean Press-Política, 2001, p. 207-208.

¹³² Sobre tais estratégias, Silvia Giraudo aponta que a ideia de “verossimilhança” empregada por Fidel Castro em seus discursos consistia em menções a uma grande quantidade de cifras e estatísticas, citações *ipsis litteris* de trechos de documentos, tais como livros, revistas, jornais e afins, além de descrições detalhadas de fatos, personagens e contextos históricos. Cf. GIRAUDO, Silvia. **Revolución es más que una palabra**, op. cit., p. 212-215. Ana Corraello acrescentou que, do ponto de vista discursivo, Castro utilizou-se da “interrogação retórica” como forma de reforçar seus argumentos e persuadir sua plateia quanto aos conteúdos abordados por ele na tribuna. CORRARELLO, Ana. **Fidel Castro**. De la etapa fundacional al proyecto socialista soviético, op. cit., p. 215, 227.

uso da ideia de democracia “direta” como forma de legitimar o governo instaurado logo após a queda de Fulgêncio Batista, quando seu líder divulgava à opinião pública a tese de que a Revolução Cubana havia conferido protagonismo às massas exploradas, as quais começaram a participar ativamente dos debates e decisões políticas, diferentemente das democracias burguesas. Em terceiro lugar, transmitia-se a sensação de que a democracia “direta” constituiria uma relação “próxima” entre líder e liderados, permitindo que ambos os atores sociais (individual e coletivo) se legitimassem mutuamente em espaços públicos como os únicos agentes capazes de construir uma nova forma de soberania. Por fim, ressaltamos que as fontes analisadas revelam tensões e imprevistos que a princípio, em razão de seu caráter oficial, não se supõem que sejam capazes de revelar. Mesmo “senhor da palavra”, nem tudo o que Fidel Castro desejava saía conforme o esperado.

1.3. Interpretações político-ideológicas dos discursos de Fidel Castro

Uma vez que os dois primeiros itens refletiram sobre como as fontes se organizam de “dentro” para “fora”, isto é, como a comunicação política de Fidel Castro construiu e transmitiu à opinião pública uma memória estatal, este item e o próximo analisarão as fontes de “fora” para “dentro”, isto é, como as palavras de Castro foram interpretadas pela intelectualidade, sendo este item dedicado a analisar o viés político-ideológico destas interpretações. Para tanto, vale destacar que tal viés remonta à cultura greco-latina, sendo uma de suas dimensões o debate ateniense dos séculos V e IV a.C. acerca da necessidade da fala e do silêncio para a resolução dos problemas da *pólis*. Segundo Silvia Montiglio, este debate pode ser notado nas obras dos atenienses Ésquines e Demóstenes, oradores que formularam duas linhas de pensamento opostas sobre o tema. Segundo Ésquines, a concentração da fala em uma única pessoa denotava uma forma de governo autoritária associada às oligarquias, quando o direito de falar em público estaria reservado apenas a quem detinha o poder. A fala “útil” resultaria da participação política intermitente dos indivíduos, ao contrário dos discursos feitos por uma só pessoa, tidos como sinal de tirania. Assim, silenciar seria mais democrático que falar. Para Demóstenes, a fala voltada para o bem comum deveria se sobrepôr ao silêncio, caracterizando má-fé do “homem político” o silêncio diante das injustiças, sendo a fala um dever cívico do cidadão e uma virtude que atestaria a honestidade do orador diante de seus interlocutores¹³³.

¹³³ MONTIGLIO, Silvia. “Falar em público e ficar em silêncio na Grécia Clássica”. In PIOVEZANI, Carlos; COURTINE, Jean-Jacques (org.). **História da fala pública**, op. cit., p. 25-52.

Na antropologia, especificamente nos estudos voltados às sociedades indígenas, outro ponto de vista político sobre a necessidade da fala e do silêncio nos espaços públicos pode ser encontrado nas reflexões desenvolvidas por Pierre Clastres. Para o antropólogo francês, as sociedades de Estado, isto é, as que se organizam a partir da centralidade desta instituição, apresentam forte relação entre “poder” e “palavra”.

Falar é antes de tudo deter o poder de falar. Ou, ainda, o exercício do poder assegura o domínio da palavra: só os senhores podem falar. Quanto aos súditos, estão submetidos ao silêncio do respeito, da veneração ou do terror. Palavra e poder mantêm relacionamentos tais que o desejo de um se realiza na conquista do outro. Príncipe, déspota ou chefe de Estado, o homem de poder é sempre não somente o homem que fala, mas a única fonte de palavra legítima: palavra empobrecida, palavra certamente pobre, mas rica em eficiência, pois ela se chama ordem e não deseja senão a obediência do executante. Extremos inertes cada um por si, poder e palavra não subsistem senão um no outro, cada um deles é substância do outro e a permanência de sua dupla; se esta parece transcender a História, alimenta todavia seu movimento: há acontecimento histórico quando, abolido aquilo que os separa e assim os condena à inexistência, poder e palavra se estabelecem no próprio ato de seu reencontro. Toda tomada de poder é também uma aquisição de palavra¹³⁴.

Nas sociedades de Estado, entendidas por Clastres como um conjunto que engloba os “despotismos arcaicos”, os totalitarismos “modernos” e as “sociedades democráticas” liberais da era contemporânea, o exercício da fala está condicionado à detenção do poder, tornando-se um ato de reafirmação do *status quo*. Como representantes das sociedades de Estado, as lideranças políticas buscam monopolizar a comunicação no intuito de reforçar a engrenagem segundo a qual a palavra reforça o poder e vice-versa. Por “respeito”, “veneração” ou “terror”, aos subordinados caberia manter o silêncio frente às autoridades que a qualquer momento podem fazer uso da força para garantir o ordenamento e a hierarquia sociais. Diferentemente das sociedades com Estado, nas quais “a palavra é o *direito* do poder”, nas comunidades indígenas americanas a mensagem do chefe local não configura um “comando”, visto que ali o discurso é o “o *dever* do poder”. Ao transformar as palavras do líder em um ato “ritualizado” sob controle da tribo, não sendo necessário que os demais integrantes da comunidade silenciassem nem mesmo interrompessem suas atividades cotidianas para ouvi-lo, o uso público da fala nas sociedades sem Estado não encerra uma prerrogativa do poder constituído, mas a sua submissão aos interesses da

¹³⁴ CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. Pesquisas de antropologia política. São Paulo: Ubu, 2017, p. 139.

comunidade. Em síntese, as formas de vida humana sem Estado se recusam a conceber a política como uma instância acima da sociedade, evitando desta forma grande parte da violência que caracteriza a versão estatal de soberania.

Tais referências, que exprimem diferentes nexos entre fala e poder, podem ampliar a compreensão da produção discursiva de Fidel Castro em Cuba após 1959. Não se trata aqui de comparar a sociedade insular com a ateniense ou com as indígenas, mas de buscar referenciais que ajudem a compreender o papel da “palavra” castrista em seu contexto histórico. Entre outras consequências, o 1º de janeiro de 1959 facultou a Castro o direito de discursar livremente, reforçando a máxima de Clastres de que “toda tomada de poder é também uma aquisição de palavra”. Como “homem de Estado”, no sentido de encarnar uma nova ordem social, Castro passou de cerceado a potencial concentrador da fala em espaços públicos, representando por quase meio século uma voz autorizada do Estado em Cuba. Em 1967, o próprio estadista reconheceu que desde o triunfo da Revolução o uso da fala em público se concentrara em sua pessoa. Para acabar com isso, segundo ele, seria necessário alternar os dirigentes comunistas que subiriam à tribuna em eventos oficiais com o objetivo de “distribuir” a “função” de “orientar” e “conversar com o povo”. Diante do personalismo manifesto pelo monopólio da “palavra”, a rotatividade da fala pública, considerada por ele mais “justa” e “saudável”, evitaria que a tribuna se transformasse em um “privilegio” reservado aos representantes do Estado. Castro encerrou seu discurso afirmando que em breve os cubanos não entoariam mais o lema “todos com Fidel”, e sim “todos com o Partido” ou “todos com o Comitê Central do Partido”¹³⁵.

Em discurso anterior, o estadista chegou a uma conclusão distinta da comunicada em 1967, quando contava mais tempo no poder. Em 1963, ao se dirigir aos membros do recém fundado Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURSC)¹³⁶, Fidel Castro disse que havia visitado Matanzas recentemente e que, naquela ocasião, ao sair de uma reunião partidária, uma grande quantidade de pessoas reunidas do lado de fora lhe pediu de maneira entusiasmada que falasse, o que acabou não se concretizando pois o lugar não dispunha de microfone e sistema de som. Ao dizer que estava discursando para sanar uma

¹³⁵ CASTRO, Fidel. **Aniversarios del triunfo de la Revolución Cubana (1960-1967)**. Havana: Política, 1967, p. 247.

¹³⁶ Criado oficialmente em 26 de março de 1962 como desdobramento das Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), o Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURSC) resultou da fusão política dos grupos que haviam feito parte da oposição à ditadura de Fulgêncio Batista, com destaque para o M 26-7, liderado por Fidel Castro, o Partido Socialista Popular (PSP) e o Diretório Revolucionário (DR). Posteriormente, em 3 de outubro de 1965, o PURSC foi extinto para dar lugar ao Partido Comunista de Cuba (PCC), órgão político dirigente da sociedade insular desde então.

“dívida”, Castro evidenciou como a fala pública se tornou um atributo vinculado à sua função de governante. Mesmo afirmando que não seria por meio de palavras que os problemas se revolveriam ou que uma revolução se concretizaria, o uso da fala naquele contexto estava relacionado às tensões decorrentes de um atentado idealizado por grupos políticos opositores liderados por Francisco Hernández e Juan Catalá, no município de *Bolondrón*, localizado na província de Matanzas, em 24 de janeiro de 1963, pouco tempo antes do seu discurso. A presença física de Castro no local, e mais especificamente o seu uso da palavra em público, visava mostrar o controle político do governo socialista sobre a região que, segundo ele, estava sendo bombardeada pela propaganda antirrevolucionária financiada pelos EUA. Desta forma, a promessa de punição severa aos seus inimigos se manifestou por meio da voz do mais alto representante do Estado¹³⁷.

Sem fazer referências diretas a si ou ao seu papel de dirigente, mas a um genérico direito à fala na sociedade cubana, em outras circunstâncias o mandatário deixou ainda mais claro como concebia a relação entre “poder” e “palavra”, nos termos propostos por Montiglio e Clastres, e qual deveria ser a política adotada por seu governo em relação a este tema. Em 1962, durante a celebração da efeméride do 26 de julho, comemorativa do assalto ao quartel *Moncada*, Fidel Castro explicitou quem deveria ter não apenas o direito mas o monopólio da fala e da ocupação dos espaços públicos em Cuba.

Pero lo que no hay es que darle derecho al contrarrevolucionario a coger la calle. No, la calle es ahora y siempre, y para siempre de los revolucionarios. Y la calle es de nosotros (APLAUSOS); y la palabra es de nosotros; y la ofensiva es de nosotros; y cuando un gusano hable, hay que salirle al paso (APLAUSOS y EXCLAMACIONES DE: “¡Paredón:”). ¡No! Con decirle cuatro verdades allí, rápidamente, con decirle cuatro verdades rápidamente... ¡Qué!, no hace falta tanto como el paredón, no, ¡no! No, para ese gusano parlanchín... ese lo que es sembrador de bolas, ese es desmoralizador, ese hace el papel de quintacolumnista del enemigo.

Logo a seguir, Castro arrematou seu pensamento da seguinte forma:

[...] Ahora, las críticas las hacemos en los centros de trabajo, en las asambleas, donde sea, en los seccionales, en las organizaciones de masa. Todas las cosas que estén mal, allí tenemos que discutir las; no es

¹³⁷ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Secretario General de las ORI y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, a los miembros del Partido Unido de la Revolución Socialista de Matanzas, efectuado en el campo deportivo “René Fraga”, el 30 de marzo de 1963.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f300363e.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

en la calle, no es en la calle, donde se aprovechan los enemigos. Lo que esté mal tenemos que discutirlo en nuestros sindicatos, en nuestros comités de base de las organizaciones de masa, en nuestros núcleos revolucionarios, en las aulas. Ahí es donde tenemos que discutir lo que esté mal. En la calle, somos defensores de la Revolución¹³⁸.

De acordo com os excertos discursivos acima citados, o direito de “ocupar a rua” pertencia, exclusivamente, aos revolucionários. Além da “rua”, a “palavra” também pertenceria aos apoiadores do regime socialista, estando vetada aos seus opositores. Se a “rua” foi concebida por Castro como sinônimo de espaço público, a “palavra” simboliza o direito que os agentes sociais teriam de utilizar este espaço com o objetivo de pensar, criticar, dialogar, debater, protestar e emitir suas opiniões sem nenhum tipo de restrição ou censura por parte do Estado. A defesa veemente do que chamou de posicionamento “ofensivo” frente aos inimigos da Revolução, denominados pejorativamente de *gusanos* (vermes, em português), parece inclusive ter insuflado a plateia a pedir a morte sumária dos inimigos do regime através do *paredón*, isto é, da pena de morte por fuzilamento. A virulência do discurso de Castro evidencia sua concordância com uma política de Estado baseada no cerceamento dos direitos políticos dos grupos opositores, vetando-lhes a “rua” e a “palavra”. Às ideias contidas no primeiro trecho adicionou-se, no segundo, a exigência de que as críticas ao governo ocorressem apenas em espaços “fechados” controlados pelas instituições político-partidárias e estatais, com destaque para as organizações de massas, e não de forma pública e visível, como as “ruas”, sob pena de que os adversários internos da Revolução Cubana se aproveitassem de tais críticas para tentar enfraquecer o governo e o sistema socialista, tornando-os assim mais vulneráveis.

Em outros contextos, Fidel Castro afirmou que suas falas públicas não deveriam ser consideradas discursos propriamente ditos, segundo se infere de frases como “no vine aquí a decir un discurso político”¹³⁹, proferida ao fim do X Congresso Médico Nacional, em 1963, e “esto que traigo aquí no es un discurso, no es un discurso no señor”¹⁴⁰, dita

¹³⁸ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz... el 26 de julio de 1962**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f260762e.html>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

¹³⁹ Idem. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario de las ORI y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la clausura del X Congreso Médico y Estomatológico Nacional, el 24 de febrero de 1963**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f240263e.html>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

¹⁴⁰ Idem. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración conmemorativa del XVII aniversario del asalto al cuartel Moncada, efectuada en la Plaza de la Revolución, el 26 de julio de 1970**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1970/esp/f260770e.html>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

durante a comemoração oficial do 26 de julho, em 1970, no pronunciamento conhecido como “Autocrítica”. Em ambos os casos, o orador visava demonstrar que suas alocações não resultavam de imposições, diferentemente do que fez questão de frisar em 1962 e 1963, quando defendeu explícita e enfaticamente o seu direito hierárquico à fala e, por conseguinte, a negação deste mesmo direito aos opositores do regime socialista. Na perspectiva aberta pela antiga discussão ateniense sobre a conveniência da fala e do silêncio, entendemos que a Revolução Cubana não assegurou o direito de todos os cidadãos fazerem uso da palavra de forma igualitária, chamado pelos gregos de *isêgoria*, bem como do direito de expressarem livremente suas opiniões políticas, conhecido como *parrésia*¹⁴¹. Neste sentido, entendemos que a partir de 1º de janeiro de 1959 o uso da fala pública acabou sendo progressivamente concentrado nas figuras que compunham o alto escalão político-partidário socialista cubano, sobretudo em Fidel Castro, que através de seus discursos buscou construir um “sentimento de onipresença”¹⁴² na vida social insular, passando a representar a principal voz de autoridade do Estado.

A percepção de que Fidel Castro tornou-se uma voz de Estado pode ser encontrada nas opiniões emitidas por diferentes intelectuais que se debruçaram sobre a função dos seus discursos após 1959. Entusiasta das transformações político-sociais que começavam a ocorrer logo após o triunfo guerrilheiro em Cuba, para onde viajou em 1960, o argentino Silvio Frondizi afirmou que Castro conseguiu ganhar a “confiança” da opinião pública ao cumprir o papel de “herói popular”, característica “imprescindível” para convencer um povo como o cubano. Isso se expressou, segundo o autor, por meio da propaganda política construída em torno do novo líder, baseada em suas aparições públicas, em especial nos discursos que expunham uma “linguagem” popular de “inegável valor”. Revelando certa contradição, poucas linhas antes Frondizi afirmara que a Revolução Cubana surgiu em meio a um “povo jovem”, “inocente” e “até primitivo”, sendo este último atributo “uma grande virtude”, pois responsável pelo “triunfo” e “aprofundamento” de um processo revolucionário levado a cabo por pessoas que lutariam até a morte contra os “invasores imperialistas” sem deixar de manter o “sorriso nos lábios”. Antes mesmo da declaração do caráter socialista do governo insular, que ocorreria em abril de 1961, Frondizi parece ter sido um dos primeiros intelectuais a perceber que o então primeiro ministro governava

¹⁴¹ MONTIGLIO, Silvia. “Falar em público e ficar em silêncio na Grécia Clássica”, op. cit., p. 25.

¹⁴² BERTHIER, Nancy. **Fidel Castro**. Arrêts sur images, op. cit., p. 138.

também por meio do uso massivo da fala pública, o que não necessariamente representava uma virtude de Fidel Castro, mas uma demanda de seu tempo-espaço.¹⁴³

Neste sentido, a alta produtividade discursiva de Fidel Castro seria um elemento necessário à sociedade insular, vista pelo argentino como o resultado da mescla entre “inocência” e “primitivismo”, e que, por isso, precisava de um líder “falador” capaz de lhe apontar o caminho a ser seguido. Para Frondizi, um apoiador da Revolução Cubana, os discursos castristas guiavam um povo que ainda não dispunha de capacidade para chegar a certas conclusões sozinho, nem da racionalidade requerida para compreender as mudanças políticas, econômicas e sociais que o novo regime vinha colocando em prática desde 1959. Naquele contexto, o militante socialista defendia que Castro se portasse como um “professor” disposto a ensinar seus compatriotas, “atrasados”, a pôr em prática uma autêntica revolução, posto que os cubanos, por mais “sorridentes” e “inocentes” que fossem aos olhos do autor, ainda não apresentavam a maturidade necessária para efetivar as transformações que uma nação historicamente explorada requeria. Esta interpretação das falas públicas castristas abre precedente, de forma implícita, para a criação de uma espécie de “paternalismo revolucionário”, isto é, a atribuição de um caráter positivo à comunicação de Fidel Castro a partir da subestimação da capacidade de conscientização e mobilização política do povo cubano. Em síntese, para Silvio Frondizi a oratória de Castro vicejou em função da insuficiência ideológica da sociedade insular, sendo assim necessária para que uma “verdadeira” transformação ocorresse em Cuba.

Ambíguas e até certo ponto contraditórias, as observações feitas pelo intelectual argentino expressam de forma particular como, logo após a chegada dos guerrilheiros ao poder, as interpretações a respeito das funções políticas e sociais dos discursos de Fidel Castro ainda não haviam sido aprofundadas, mesmo entre os apoiadores e simpatizantes da Revolução Cubana, como Frondizi. Com o passar do tempo, e de forma concomitante, o debate político-ideológico em torno da oratória do *comandante* acabou cristalizando duas formas de interpretar a vasta produção discursiva do mandatário, baseadas em pressupostos, pontos de vista e conclusões diametralmente opostas.

Do ponto de vista político-ideológico, a primeira forma de interpretar os discursos castristas se mostrou extremamente crítica à Revolução Cubana, aos rumos do governo revolucionário e ao papel desempenhado por Fidel Castro nos espaços públicos. Com o objetivo de analisarmos os argumentos que embasaram a construção desta perspectiva

¹⁴³ FRONDI, Silvio. **La Revolución Cubana**. Su significación histórica. Montevideo: Ciencias Políticas, 1960, p. 61-62, 69.

analítica, enfocaremos a seguir os escritos de dois autores que servirão como exemplos desta vertente interpretativa. O primeiro deles é o intelectual cubano Carlos Franqui, que participou ativamente do M 26-7 durante a década de 1950, e que inclusive chegou a ocupar importantes postos de comando nos primeiros anos após o triunfo da Revolução, sendo o mais importante o de editor do jornal *Revolución*, periódico oficial do grupo insurgente liderado por Fidel Castro. Em fins dos anos 1960, contudo, o jornalista acabou se distanciando do regime socialista insular, sobretudo após o apoio do governo cubano à invasão da Tchecoslováquia pela URSS. Em virtude de uma série de divergências acumuladas, Franqui decidiu buscar refúgio na Itália e na Espanha e, posteriormente, já nos anos 1990, em Porto Rico, onde residiu até o fim da vida, em 2010. Ao analisar a complexa relação de Fidel Castro com a “palavra”, o intelectual cubano destacou que o estadista falava muito mais do que ouvia, impedindo assim que seus interlocutores postulassem argumentos contrários aos seus. Sobre esta característica, em particular, o autor resumiu sua opinião da seguinte forma:

Monstruo oral, pienso que nadie ha hablado nunca más en el mundo, no solo en privado, en público, en televisión. Es el primer gobernante televisivo del siglo XX. [...] El micrófono es otra de sus armas de actor; su juego de mano con el micro, su socio predilecto, son de todo tipo: lo acaricia, toca suavemente, como a un amante, lo golpea, se enfurece con él, lo pasa de una parte a otra, de arriba para abajo, se lo aleja, lo sube, lo baja, no un solo micrófono, muchos micrófonos [...] ¹⁴⁴

Ao definir Fidel Castro como um “monstro oral”, Franqui visava explicar e, ao mesmo tempo, reprovar o uso da fala pública pelo estadista, abrangendo desde os rituais cênicos até a difusão de seus discursos pelos meios de comunicação, processo que teria produzido uma dominação política do líder sobre os liderados. Logo após o 1º de janeiro de 1959, o autor afirmou que as falas castristas transcorriam de modo mais “livre”, “improvisado”, “espontâneo” e “interativo”, incluindo interrupções para cantos, danças e diálogos que entretinham a plateia por meio da “fascinação coletiva” despertada por um orador atento aos humores e ao comportamento de sua audiência. Com o passar do tempo, todavia, esta atmosfera festiva acabou sendo substituída por condutas cada vez mais padronizadas e controladas pelo Estado, sepultando as “esperanças”, os “sonhos” e a “loucura” de uma revolução popular que em pouco tempo se viu cerceada pelas normas criadas pelas estruturas estatais. Neste contexto de desencantamento descrito por Franqui,

¹⁴⁴ FRANQUI, Carlos. **Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro**, op. cit., p. 246-247.

Fidel Castro teria se tornado ainda mais prolífico na arte de falar em público, sendo acometido de uma “verborragia incurável” que o levou a proferir um “mar de palavras”. Isso teria causado na opinião pública interna não a animação observada no início da Revolução Cubana, mas a “fanatização” e os “comportamentos mecânicos” em sinal de obediência ao governante que mais parecia um “psicólogo das multidões”, isto é, alguém que estabelecia as regras a serem seguidas por seus interlocutores.

Para Carlos Franqui, a “palavra” falada de Fidel Castro exprime uma manifestação autoritária do exercício do poder, diferentemente da “palavra” escrita, empregada por este durante a guerrilha contra a ditadura de Fulgêncio Batista. Segundo o autor, Castro teria vencido o conflito travado na segunda metade dos anos 1950 mais com a “caneta” do que com as “armas”, posto em *Sierra Maestra* esteve impedido de falar em público. Já como primeiro-ministro, a partir de 1959, o mandatário pautou sua atuação política através da fala pública, deixando em segundo plano a comunicação escrita. Do pensamento crítico de Franqui se infere a construção de uma dicotomia segundo a qual a oralidade caracteriza o Fidel Castro “estadista”, sendo um dos mais importantes instrumentos de repressão por parte do governo socialista, enquanto a escrita seria o principal atributo do Fidel Castro “guerrilheiro”, ou seja, uma estratégia de propaganda político-ideológica voltada à conquista do Estado. Seguindo a máxima “palavra é poder”, que Franqui classificou como um dos pilares do governo surgido na ilha em 1959, o *comandante* teria se mostrado um “magnífico ator”, sendo capaz de “fascinar” e “convencer” ao manipular as emoções de sua audiência. O intelectual dissidente da Revolução Cubana encerrou sua reflexão sobre o caráter político-ideológico dos discursos castristas afirmando que, assim como outros autocratas ao longo da história mundial, Castro se caracterizou pela “abundância verbal”, posto que o poder o tornou incapaz de permanecer “quieto”¹⁴⁵.

Na mesma direção de Franqui, outro intelectual cubano dissidente, Carlos Alberto Montaner, criticou o papel exercido por Fidel Castro e seus discursos após 1959. Logo no primeiro capítulo da biografia que escreveu sobre o estadista o autor reforçou o mote do “monstro oral” criado anteriormente por Franqui, acrescentando que Castro sofria de “incontinência oral” quando subia nos palanques, e que sua fala tinha um “poder devastador” dentro da ilha, podendo designar a “vida” ou a “morte” de seus interlocutores, a depender de como reagiriam à “imposição” de suas ideias. Empregando um vocabulário que enfatizava os aspectos negativos imputados a Fidel Castro, Montaner interpretou as

¹⁴⁵ Idem, p. 247-249, 252, 280, 282.

alocações do dirigente como um dos mais importantes instrumentos de governo criados pelo regime socialista, em função do qual se construiu uma “liturgia” política centrada nas aparições “faladas” do estadista, bem como na propaganda política oficial que a todo momento reafirmou a fidelidade que o povo cubano deveria ter em relação ao mandatário. Como voz do Estado e, portanto, mecanismo de legitimação do governo, as falas castristas objetivavam fixar no imaginário popular noções didáticas, estanques e definitivas de “verdade” e “mentira”, estabelecendo de forma unilateral e autoritária os critérios a partir dos quais a opinião pública insular deveria interpretar a realidade social interna e externa, consolidando desta forma os valores, condutas e padrões de comportamento vocalizados desde as tribunas por quem se comportava como “dono da palavra”.

Esos largos discursos tienen, además, una trascendental función litúrgica: ahí, en ese torrente de palabras desordenadas se define lo que es verdad o mentira [...] La palabra de Castro es el libro sagrado del pueblo, la biblia revolucionaria que sirve de marco teórico para poder establecer juicios de valor o para amparar o condenar determinadas conductas. Es la referencia dogmática que permite precisar si un pensamiento o una opinión tienen contenido revolucionario o lo contrario. Si Fidel lo afirmó, es correcto; si lo desaprobó, hay que rechazarlo. [...] En Cuba, Fidel es la única autoridad moral e intelectual. La lealtad al jefe, además, se demuestra en la fidelidad con que se asumen las palabras y los juicios de Castro. Ser revolucionario es ser fidelista; y ser fidelista es repetir fiel y ciegamente el discurso de Castro, apoderarse de sus palabras y devolvérselas con la fidelidad de los gramófonos. Y en la repetición mecánica, en la mímica exacta, radica precisamente el talento de sus acólitos y una de las mayores gratificaciones emocionales que obtienen los caudillos: la creación de sociedades corales.¹⁴⁶

Ao contrário das opiniões acima analisadas, a segunda forma de interpretar os discursos de Fidel Castro se mostrou simpática à Revolução Cubana. Na contramão das interpretações desabonadoras formuladas por Franqui e Montaner, o intelectual argentino Alfredo Varela registrou reflexões permeadas de entusiasmo em relação a Castro, a quem descreveu como “cordial”, “vigoroso”, “inquieta”, “pleno de vida exuberante”, “risinho”, “veemente”, “simples”, “jovial”, entre outros atributos positivos. Em termos políticos, foi descrito como um “líder indiscutido” e “centro unificador” das diferentes forças que sustentavam o regime criado após o triunfo guerrilheiro, além de personificar a primeira revolução anti-imperialista vencedora da América, motivo pelo qual teria se transformado em um líder “popular” e “querido” na região. Segundo Varela, quando o líder discursava

¹⁴⁶ MONTANER, Carlos Alberto. **Viaje al corazón de Cuba**. Barcelona: Plaza y Janes, 1999, p. 7-8.

os cubanos se recolhiam às suas casas para acompanharem atentamente, através do rádio, as palavras pronunciadas por Castro, ficando as ruas das cidades vazias, o que denotava uma “crescente consciência política” iniciada com a ascensão dos guerrilheiros ao poder. O escritor argentino afirmou ainda que a “palavra” de Fidel Castro conseguia exprimir os “desejos coletivos” da população cubana, acompanhado da realização de uma série de transformações socioeconômicas que seu governo vinha conseguindo implementar desde a deposição de Fulgêncio Batista. Sobre a estrutura e a função das falas públicas castristas, Varela sintetizou sua opinião da seguinte forma:

En sus discursos, anuncia las medidas a adoptarse en el período inmediato y da cuenta de los resultados ya obtenidos, hace un balance periódico de las conquistas revolucionarias; no oculta las dificultades ni los peligros: por el contrario, prepara al pueblo para la resistencia [...] Así, sus intervenciones alientan a los cubanos, les añaden coraje y un optimismo basado en una serena convicción. [...] La suya [oratória] es sencilla, clara, y sigue una línea eminentemente didáctica. Explica, analiza, razona, rebate. Y a veces conversa con sus oyentes [...] sus discursos son clases que hacen accesible a todos, intelectuales y guajiros, el curso de la Revolución. Actúa así como un educador, haciendo comprensibles a los más los problemas económicos, políticos, sociales que enfrenta Cuba [...] Sus frases, sus dichos, incisivos y jugosos, se vuelven rápidamente populares, porque condensan el sentido del momento con esa gracia peculiar del cubano.¹⁴⁷

O trecho acima reproduzido deixa explícito que o autor compreende a recorrência e o conteúdo das falas públicas de Castro como um dos aspectos positivos decorrentes das mudanças observadas na ilha a partir de 1959. Segundo as observações realizadas *in loco* por Varela, fruto de sua viagem à capital cubana em 1960, antes da declaração do caráter socialista da Revolução, o papel pedagógico dos discursos castristas seria uma das principais virtudes de um dirigente que através da fala conseguia ensinar o povo a colocar em prática as transformações defendidas pelos guerrilheiros de *Sierra Maestra*. Nos espaços públicos, entendidos com uma grande “escola” a céu aberto, o “educador” Fidel Castro realizava “aulas” nas quais relacionava o passado nacional cubano com os avanços e as dificuldades enfrentados pelo governo nos sucessivos tempos presentes posteriores a 1959, extraíndo desta simbiose o caminho que enfim construiria uma sociedade justa e igualitária. Em suas simulações de diálogo, Castro se constituía em uma voz de autoridade da Revolução, alguém que merecia ser ouvido porque sabia explicar aos ouvintes o que estava acontecendo dentro e fora da Cuba, e o que deveria ser feito para que os objetivos

¹⁴⁷ VARELA, Alfredo. **Cuba con toda la barba**. Buenos Aires: Esfera, 1960, p. 173-175.

traçados inicialmente fossem alcançados de maneira coletiva. Para Varela, o didatismo da retórica castrista atingia de igual modo os diferentes extratos sociais, representando uma fonte de informação “segura” para a população cubana, que de suas palavras obtinha estímulos positivos como “alento”, “coragem” e “otimismo”.

Em convergência com Varela, o escritor Gabriel García Márquez¹⁴⁸ interpretou a produção discursiva de Castro como uma demonstração da capacidade que o mandatário tinha de politizar os espaços públicos ao conchamar as massas trabalhadoras, até então exploradas, para tomadas de decisão conscientes. Além de reforçar o anedotário em torno do hábito de falar e da extensão dos discursos¹⁴⁹, o autor afirmou que a “devoção” de Castro pela “palavra” era quase mágica, sendo o personagem em questão um profundo conhecedor do “delicado ofício da palavra falada”. O literato colombiano, que ao longo da vida foi apoiador da Revolução Cubana, acrescentou que a “palavra” de Castro se fazia onipresente na ilha. Isso porque, segundo o seu relato, logo após sua chegada a Havana, ocorrida pouco tempo após a vitória dos guerrilheiros sobre Fulgêncio Batista, Márquez disse ter começado a escutar um discurso do dirigente ainda no quarto do hotel em que se hospedara. Ao sair do quarto percebeu que em todos os lugares por onde passava era possível ouvir a voz de Fidel Castro: no elevador, no táxi, nos restaurantes ou dentro das casas, de modo que teria conseguido acompanhar as ideias do orador sem a necessidade de estar presente diante do líder ou munido de um aparelho de rádio. Independentemente da factibilidade desta narrativa, a qual carrega uma forte dose de subjetividade, chama atenção o fato de que, para Márquez, a voz do governante cubano pareceu preencher todos os espaços, ecoando de maneira “sedutora” pela capital e país afora.

Sobre a organização dos discursos, Gabo, como ficou conhecido o ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1982, afiançou que a partir da década de 1960 Fidel Castro passou a redigir de próprio punho o conteúdo de suas alocuções. Mesmo escritos de forma precisa, como “peças de relojoaria”, o orador quase nunca lia tais pronunciamentos pois este formato representava uma “camisa de força” que inibia a suposta espontaneidade da interação entre líder e liderados. No calor do momento da fala, quando se comunicava com as multidões reunidas nas principais cidades da ilha, Castro cedia aos impulsos, alterando o tom de voz, as palavras, o estilo e tudo que fosse necessário, seguindo sua

¹⁴⁸ MÁRQUEZ, Gabriel García. “Fidel Castro: El oficio de la palabra hablada”, op. cit.

¹⁴⁹ Para efeito de exemplificação, destacamos o discurso pronunciado por Fidel Castro na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 26 de setembro de 1960, que teve a duração de quatro horas e vinte e nove minutos ininterruptos.

intuição e “imaginação criativa”. Foi burlando a previsibilidade da escrita que o dirigente teria feito do improvisado a principal forma de se comunicar com público.

Empieza siempre con voz casi inaudible, de veras entrecortada, avanzando entre la niebla con un rumbo incierto, pero aprovecha cualquier destello para ir ganando terreno palmo a palmo, hasta que da una especie de zarpazo y se apodera de la audiencia. Entonces se establece entre él y su público una corriente de ida y vuelta que los exalta a ambos y se crea entre ellos una especie de complicidad dialéctica, y es en esa tensión insoportable donde está la esencia de su embriaguez. Es la inspiración: el estado de gracia irresistible y deslumbrante, que sólo niegan quienes no han tenido la gloria de vivirlo.¹⁵⁰

Márquez acreditava que a oratória de Fidel Castro não expressava o autoritarismo do Estado frente aos cidadãos. Ao contrário, acreditava que através de seus discursos o estadista conseguiu criar uma comunicação política de grande alcance, estabelecendo vínculos profundos com a audiência. Chamada de “cumplicidade dialética” pelo escritor colombiano, a conexão entre líder e liderados começava “fria” e “esquentava” conforme Castro sentia que ganhava “terreno”, até enfim conseguir conquistar a confiança da plateia em definitivo. Ao término do excerto acima reproduzido, Gabo embasou sua observação sustentando que somente as pessoas que haviam passado pela experiência de ver e ouvir o *comandante*, como ele próprio muitas vezes teve a “glória” de presenciar ao longo da vida, conseguiriam compreender o “estado de graça irresistível e deslumbrante” que se abateria sobre os ouvintes e espectadores. Tal opinião se encontra tomada por grande admiração e apoio não apenas ao regime socialista, mas também ao personagem que o encabeçava, a quem chamou de “um dos grandes idealistas do nosso tempo” e alguém “incapaz de conceber uma ideia que não seja descomunal”. Fruto das paixões ideológicas inscritas no campo da subjetividade, os argumentos levantados por Márquez, assim como por Varela, buscaram construir uma imagem positiva do líder cubano, destacando que os usos políticos de seus discursos apresentavam objetivos justificáveis em uma sociedade que passava por um profundo processo revolucionário.

Diante do quadro acima analisado, nota-se que o debate político-ideológico sobre os discursos de Fidel Castro se dividiu, em linhas gerais, em dois blocos. Simbolizado por intelectuais cubanos dissidentes, como Franqui e Montaner, uma forma de interpretar as fontes centrou-se em seus aspectos “negativos”, dimensão em que os pronunciamentos

¹⁵⁰ Idem, p. 4.

castristas manifestam o autoritarismo do Estado cubano após 1959, o qual teria impedido o surgimento de manifestações contrárias às diretrizes governamentais e imposto como verdade absoluta à opinião pública interna determinadas narrativas, versões, opiniões e padrões de comportamento. Para esta corrente de pensamento as falas públicas de Fidel Castro excluía e reprimiam o povo cubano. Simbolizada por intelectuais da esquerda latino-americana apoiadores do regime socialista insular, como o argentino Varela e o colombiano García Márquez, a outra forma de interpretar as fontes centrou-se em seus aspectos “positivos”, concluindo que as intervenções castristas demonstravam um projeto bem sucedido de politização do espaço público após 1959, o qual teria fundado novas formas de relacionamento entre o líder deste processo histórico e as massas populares formadas por trabalhadores, camponeses e demais grupos explorados que jamais haviam participado politicamente das deliberações responsáveis pelo futuro da nação caribenha. Em síntese, para esta vertente interpretativa as falas públicas de Fidel Castro libertaram a população cubana do passado de exclusão social¹⁵¹.

Difuso, o debate político-ideológico em torno da oralidade castrista não se pensou como tal, isto é, os autores que refletiram sobre esta temática limitaram-se a transmitir opiniões e sensações carregadas de paixões políticas, o que acabou reforçando os pressupostos ideológicos responsáveis pela construção de seus relatos, seja para apoiar seja para divergir do regime socialista insular. Cada um a seu modo, os intelectuais acima analisados conceberam suas narrativas através de suas relações pessoais com Cuba e com Fidel Castro, e não através da tópica da “fala” e do “silêncio” ou da relação entre Estado e sociedade. Com o objetivo de problematizar os argumentos mobilizados pelos dois blocos, um em apoio e outro crítico à Revolução Cubana e ao sistema socialista liderado por Castro, procuramos aqui refletir sobre os discursos do mandatário a partir de referências que pudessem trazer novos olhares e perspectivas para fontes tão específicas quanto polêmicas e complexas. Se por um lado objetivamos romper com a narrativa oficial que inibe a crítica das fontes, por outro lado, com igual intensidade, também buscamos questionar as interpretações que cindem o debate em dois grandes blocos

¹⁵¹ As escolhas dos autores citados ao longo deste item se basearam em três critérios. Em primeiro lugar, por serem intelectuais que não faziam parte do universo acadêmico e, portanto, não buscavam realizar análises teórico-metodológicas dos discursos de Fidel Castro, mas relatar suas experiências e opiniões sobre o tema. Em segundo lugar, pelo fato de tais pensadores terem focado nos discursos do estadista enquanto peça de propaganda política formulada pelo governo cubano após 1959. Em terceiro lugar, pois ao longo da pesquisa identificamos nos escritos de tais autores posicionamentos que pareceram ter a capacidade de sintetizar as correntes político-ideológicas favorável e contrária ao papel das falas públicas do governante desde o triunfo da Revolução Cubana, explicitando dois paradigmas interpretativos a este respeito.

antagônicos como sendo a única possibilidade de abordar e de interpretar a produção discursiva de Fidel Castro enquanto estadista. Para tanto, ao longo deste item vinculamos a dicotomia “pró” *versus* “contra” a dois eixos analíticos, os quais expressam as bases do debate relativo à oralidade do *comandante*.

O primeiro eixo remonta a uma discussão surgida na antiga Atenas acerca da conveniência da fala e do silêncio em espaços públicos. A partir desta tópica, nota-se que algumas questões surgidas na Antiguidade podem ser pensadas também para o contexto histórico cubano posterior a 1959. Como fala e silêncio se relacionam com democracia e autoritarismo? Quais critérios orientam a análise dos atos de fala e seus significados? Até que ponto falar em público, muito e por muito tempo, configura um ato democrático ou autoritário? Se nem todas estas questões foram inteiramente respondidas até agora, algumas possibilidades podem ser aventadas. Em primeiro lugar, observa-se que, desde muito cedo, o governo revolucionário usou a oratória de seu principal líder, de forma constante e massiva, para intervir politicamente na sociedade insular. Ou seja, aos poucos o “novo” regime tentou construir a ideia de que Fidel Castro precisava falar para explicar a realidade e que sem a sua “palavra” nada poderia ser compreendido pelos cubanos¹⁵². Além de extensa, se comparada à de outros chefes de Estado contemporâneos, a produção discursiva castrista é extremamente relevante para a compreensão da Revolução Cubana, pois nela se observa a construção de uma narrativa histórica sobre a nação em sentido amplo. Dialogando e, ao mesmo tempo, intervindo nos sucessivos tempos presentes posteriores a 1959, as falas públicas de Fidel Castro ajudaram a construir interpretações sobre o passado e, de igual modo, sobre o futuro de Cuba.

Outro eixo de análise através do qual abordamos os debates político-ideológicos travados entre intelectuais inimigos e apoiadores da Revolução Cubana partiu do fato de ambos os grupos identificarem em Fidel Castro alguém ligado às estruturas de Estado, isto é, um agente histórico que vocalizou ideias e pautou o debate junto à opinião pública a partir de um posto de poder que reflete uma posição política e social superior ao restante da população. Neste caso, aqui faz-se uso do termo estadista em sentido mais amplo do que é empregado comumente, posto que além dos cargos burocráticos ocupados por Fidel Castro, e até em razão do longo período de tempo em que neles permaneceu, entre os anos de 1959 e 2006, o líder revolucionário pode ser considerado não apenas *uma*, mas *a* voz do Estado na ilha após a deposição de Fulgêncio Batista do poder. Em síntese, o termo

¹⁵² GIRAUDDO, Silvia. **Revolución es más que una palabra**, op. cit., p. 255; CORRARELLO, Ana. **Fidel Castro**. De la etapa fundacional al proyecto socialista soviético, op. cit., p. 110, 218.

estadista parece ser o mais apropriado para definir o papel histórico de alguém que liderou de forma altamente centralizada uma “sociedade de Estado” como Cuba, país em que, mesmo após a adesão ao socialismo, em abril de 1961, quando os guerrilheiros julgavam ser possível destruir o Estado como forma de construir a utopia comunista, a “sociedade revolucionária” continuou sendo organizada a partir de estruturas estatais nas quais, segundo a máxima de Carlos Franqui, “palabra es poder”¹⁵³.

Identificar em Fidel Castro uma série de representações de caráter ideológico e, ao mesmo tempo, a expressão dos interesses políticos de grupos que passaram a controlar o Estado na ilha após 1959, nos termos de Pierre Clastres, não significa formular um juízo de valor sobre a Revolução Cubana, mas chegar a uma constatação a partir da qual é possível estabelecer com exatidão o lugar social ocupado por este personagem histórico no contexto em que viveu. Além do monopólio legítimo da força e da coerção oriundo da tradição intelectual weberiana poderíamos acrescentar, com base nas ideias de Clastres, que o Estado, mesmo em sua versão “revolucionária”, que neste caso não se diferencia de outros tipos de Estado, também almejou deter o monopólio legítimo da fala pública, reservando-a a quem detinha o poder para tanto e usando-a como uma estratégia de constante reafirmação do *status quo*, mesmo que de um “novo” *status quo*, tal como a Revolução Cubana pensava estar criando. Em Cuba, portanto, entendemos que Fidel Castro se tornou, com o passar do tempo, um autêntico “homem-Estado”, pois em momento algum deixou de tentar exercer monopólio sobre a fala em espaços públicos, usando para isso todo tipo de repressão contra indivíduos e grupos contrários ao regime socialista, que em seu governo tiveram o direito à palavra cerceado.

1.4. O debate acadêmico sobre os discursos de Fidel Castro

Após analisarmos as interpretações político-ideológicas dos discursos de Fidel Castro, este item abordará o debate acadêmico sobre a imagem pública e as funções sociais de seus pronunciamentos após 1959¹⁵⁴. O principal objetivo deste item consiste em apresentar e sintetizar como surgiu e se desenvolveu o debate acadêmico a respeito

¹⁵³ FRANQUI, Carlos. **Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro**, op. cit., p. 282.

¹⁵⁴ Para análises sobre o período anterior a 1959 ver CALVO, Patricia. **¡Hay un barbudo en mi portada!** La etapa insurreccional cubana a través de los medios de comunicación y propaganda (1952-1958). Madrid: Iberoamericana-Vervuert, 2021; ALVES, Hélio de Souza. **Entre a insurreição e o poder**. A construção da imagem pública de Fidel Castro Ruz (1952-1959). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2021.

da produção discursiva do líder cubano, esforço que servirá também como uma espécie de estado da arte acerca das diferentes vertentes interpretativas que refletiram sobre este tema ao longo do tempo. A partir de agora buscaremos compreender como distintas áreas das ciências humanas analisaram a produção discursiva do *comandante*, valendo-se para isso de referenciais teórico-metodológicos que permitiram estabelecer uma compreensão crítica das fontes. Para fins didáticos, dividimos nossa abordagem em quatro dimensões, a saber: análise do discurso, iconografia, sociologia e, por fim, história e memória, sendo esta última a área em que esta pesquisa se insere.

No âmbito da análise do discurso, para a linguista argentina Silvia Giraudo a Revolução Cubana se expressou não somente através de “práticas”, mas também de “palavras”, sobretudo as proferidas por Fidel Castro, segundo ela um fator essencial para a consolidação e a estabilidade do governo socialista ao longo das décadas.

[...] para un alto porcentaje del pueblo cubano [Fidel] era la piedra angular sobre la que se asentaba tanto el gobierno como el proceso revolucionario cubano: líder, referente, conductor, figura paternal, Fidel Castro no fue nunca ni “doctor Castro” ni “señor presidente”, sino “comandante”, “compañero Fidel” o, simplemente, “Fidel”. Su autoridad emanaba, no tanto de los cargos que ocupó – los más altos de la república y de las Fuerzas Armadas –, cuanto de la construcción histórica de su papel como jefe de un movimiento de masas iniciado hace más de cincuenta años¹⁵⁵.

Ao longo de sua obra, que pode ser considerada um dos marcos fundadores do debate acadêmico sobre a produção discursiva de Fidel Castro, a autora elencou alguns dos significados adquiridos pelas falas públicas do *comandante*, com destaque para o de “matriz significante” da “vida política, social e econômica cubana” e o de “instrumento de propaganda, doutrinação e docência”. Segundo a autora, os pronunciamentos castristas foram responsáveis pela elaboração de um conceito de revolução pensado para atender as especificidades da realidade social insular, daí o papel central do passado nacional na narrativa que explicava a Revolução Cubana e, posteriormente, a adesão ao socialismo, fatores que se associaram à salvaguarda da autonomia política da ilha. Na perspectiva defendida por Giraudo, a oralidade castrista adquire duas funções principais. Circunscrita a Cuba, lugar em que a “palavra” de Fidel Castro tinha um “peso decisivo” na criação e consolidação do que a autora chamou de “visão de mundo”, a primeira função seria a de legitimar o antigo líder guerrilheiro como porta-voz de um Estado que detinha o “discurso

¹⁵⁵ GIRAUDO, Silvia. **Revolución es más que una palabra**, op. cit., p. 183.

dominante” e, desta forma, desfrutava da “aceitação antecipada” da opinião pública. A segunda função, voltada ao cenário internacional marcado pela Guerra Fria, transformou a “palavra” do mandatário em um “discurso de resistência” frente aos EUA, então representados como um país imperialista e o principal inimigo político-ideológico a ser combatido pelos revolucionários cubanos e latino-americanos.

Ainda no âmbito acadêmico da análise do discurso, outra pesquisadora argentina, Ana Corraello, que assim como Silvia Giraudó pode ser considerada uma das referências pioneiras e obrigatórias no estudo da produção discursiva de Fidel Castro, identificou no triunfo da Revolução Cubana a “fundação” de uma “voz legítima e autorizada” capaz de repactuar a relação entre “enunciador” e “povo”. Deste “acontecimento fundacional”¹⁵⁶, o 1º de janeiro de 1959, decorreu a construção de um novo espaço político-social e, igualmente, de uma nova memória nacional, dimensões elaboradas com o objetivo de legitimar o processo revolucionário insular e a manutenção do regime socialista. É neste contexto histórico que os discursos de Fidel Castro adquiriram a função de expressar um novo exercício de poder dentro da ilha, se apropriando do passado nacional cubano com o intuito de produzir um “sentido de verdade” que pudesse “ordenar intelectualmente a experiência comum” e repactuar os vínculos identitários entre líder e liderados. Enquanto “voz de memória”, Castro teria conseguido conferir inteligibilidade à história insular, articulando o passado de Cuba com o presente da Revolução no poder, isto é, com a tentativa de refundar as bases de uma sociedade explorada, injusta e desigual herdada dos períodos colonial e neocolonial, representadas por Espanha e EUA, respectivamente, e contra os quais a insurgência armada simbolizada pela guerrilha de *Sierra Maestra* se apresentou como estratégia legítima de tomada do poder.

Cuando hablamos de la voz de la memoria estamos pensando en la construcción estable de un discurso que fija una sola y excluyente interpretación de los hechos y que lo hace “inventando” una memoria popular que se sostiene en el pasado reciente, que se recorta en la mirada de los “enemigos” de la Revolución y que construye un horizonte de futuro a la manera de una memoria anticipada. La voz de la memoria

¹⁵⁶ Segundo Corraello, de 1959 a 1962, período compreendido entre o triunfo da Revolução e a crise dos mísseis instalados em Cuba pela URSS, teria ocorrido a construção do que chamou de “universo revolucionário”, isto é, um conjunto de significados expressos por meio da narrativa política veiculada pelo governo instaurado após a deposição de Fulgêncio Batista. Já a partir de 1963, teria havido uma paulatina adequação do discurso revolucionário aos parâmetros soviéticos, modelo que vigente na ilha até 1989, contexto histórico marcado pela crise e desagregação do socialismo no leste da Europa. Para a autora, ao longo destas quase três décadas é possível identificar uma forte incidência da “discursividade soviética” sobre o “discurso castrista”, fenômeno conhecido como “copismo”.

participa así del gesto político del Estado Cubano para disciplinar las memorias colectivas.¹⁵⁷

Em suas análises, Corrarello procurou enfatizar a “coerência”, o “funcionamento”, os “efeitos” e os “mecanismos” retórico-argumentativos presentes na oralidade castrista, que tinha como principal função organizar o “acontecer revolucionário” e o “fazer político da Revolução”. Tais procedimentos foram resumidos pela autora através da expressão “didatismo reflexivo”, segundo ela uma característica central da produção discursiva do estadista a partir de 1959. Para se fazer compreender, convencer e angariar a adesão da opinião pública interna, este didatismo identificado nas falas de Fidel Castro se expressou através do “uso estratégico do tempo”, que visava justificar o processo revolucionário e a vigência do regime socialista na ilha. Ademais, o referido didatismo revelaria também relações de poder hierárquicas caracterizadas por um “agente possuidor de saberes” e “destinatários” que necessitavam ser permanentemente esclarecidos a respeito de uma verdade prévia a partir da qual deveriam adequar suas ideias e práticas. Em suma, a consolidação de Fidel Castro como uma voz de autoridade à frente do Estado, e, sobretudo, de um processo histórico marcado por profundas transformações políticas, econômicas e sociais, implicava em procedimentos que visavam

[...] actuar sobre los sujetos, influir en su comprensión e imponer una reflexión, solo posibles, si se abordan desde una dimensión pedagógica, didáctica, que estructure el discurso y que pueda estar al servicio de los cambios coyunturales. [...] Desde lo discursivo, se impone la imagen de un guía espiritual, de un defensor del pueblo oprimido, interesado en los valores humanos y que puede hablar en nombre del interés general [...] La transformación de la sociedad que postula la Revolución Cubana y el discurso de Fidel Castro, necesita de un enunciador que actúe sobre las consciencias y de un discurso que facilite la comprensión del socialismo a amplios sectores [...] Además, esta dimensión didáctica, permite introducir los aspectos programáticos, tanto los ya realizados por la Revolución como los a realizar, contribuyendo al aumento de la adhesión y al espacio de lo posible, en un nuevo mundo y para un nuevo hombre.¹⁵⁸

Refletindo sobre as apropriações políticas da iconografia associada a Fidel Castro, a pesquisadora francesa Nancy Berthier identificou nos discursos do mandatário uma das principais fontes de legitimação do regime socialista e do longo personalismo político

¹⁵⁷ CORRARELLO, Ana. **Fundación de la memoria revolucionaria**, op. cit., p. 101.

¹⁵⁸ CORRARELLO, Ana. **Fidel Castro**. De la etapa fundacional al proyecto socialista soviético, op. cit., p. 217-218.

construído na ilha após o triunfo da Revolução. A autora sustentou que a partir de 1959 houve um “fenômeno de fixação icônica” responsável por transformar o “corpo natural” de Castro em um “corpo político”, construindo assim uma imagem eminentemente militar que remontava aos tempos em que o líder guerrilheiro deixou-se fotografar, em 1957, durante a entrevista concedida ao jornalista norte-americano Herbert Matthews¹⁵⁹, enviado pelo jornal *New York Times* para desmentir os boatos de que o líder do M 26-7 havia sido morto após o desembarque do iate *Granma*, ocorrido em dezembro de 1956. Após a ascensão de Fidel Castro ao poder, sua figura pública ficaria conhecida, muito em virtude de sua própria atuação, como a de um estadista-guerrilheiro, isto é, um chefe de Estado que chegou ao poder graças às armas, atestado pelo fato de continuar vestindo uniforme militar e portando a barba volumosa que o tornou conhecido desde o período de *Sierra Maestra*. Segundo Berthier, tais elementos visuais buscavam causar na opinião pública a sensação de que em Cuba, mesmo após 1959, continuava havendo uma “revolução em marcha” ou uma “revolução jamais concluída”, reforçando a estratégia da luta armada como um meio de conquista e, simbolicamente, de manutenção do poder.

Ao trocar o “fuzil” pelo “microfone”, quando a guerra de guerrilha contra o regime de Fulgêncio Batista chegou ao fim, a palavra falada tornou-se a nova “arma” de Fidel Castro, fazendo de suas memórias, sobretudo as relativas ao período de *Sierra Maestra*, uma das formas de tentar controlar as narrativas sobre o passado, o presente e o futuro de Cuba. Neste sentido, Berthier definiu da seguinte forma o *mise en corps* de Castro:

Pendant plusieurs décennies en effet, pour les cubains, ces discours publics furent tout autant des mots que de vastes dispositifs scéniques savamment orchestrés, dont les corps de Fidel Castro était le point de mire. Leur omniprésence dans l’espace public, soit *in vivo*, dans des lieux symboliques, soit sous une forme médiatisée, en particulier à la télévision, a substitué au culte de la personnalité un culte de la ‘relation iconique’: la relation entre le peuple et le pouvoir – incarné par Fidel Castro – a pris un tour radicalement nouveau dans l’histoire politique contemporaine, fondé sur un principe de symbiose, où le désir de savoir (entendre les mots prononcés par le leader) n’avait d’égal qu’un désir de croire et de communier et était justifié par l’avènement d’un nouvel ordre démocratique. Le dispositif, mis en place dès janvier 1959, n’a guère évolué dans ses modalités au cours des décennies, sa réitération fonctionnant tout au contraire comme une source de légitimation constamment renouvelée, jusqu’à la dernière apparition publique de Castro, le 26 juillet 2006¹⁶⁰.

¹⁵⁹ Cf. DEPALMA, Anthony. **O homem que inventou Fidel**. Cuba, Fidel e Herbert L. Matthews do New York Times. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

¹⁶⁰ BERTHIER, Nancy. **Fidel Castro**. Arrêts sur images, op. cit., p. 51-52.

De um ponto de vista histórico-sociológico, o pesquisador brasileiro Rafael Saddi analisou a construção da liderança de Fidel Castro através do conceito de “dominação carismática” criado pelo intelectual alemão Max Weber¹⁶¹. Tal categoria embasou a compreensão de como a propaganda política do regime socialista cubano construiu uma narrativa fundada na ideia de fidelidade absoluta ao líder guerrilheiro. Sob esta ótica, a autoridade de Fidel Castro se manifestou por meio de um carisma individualizado, isto é, personificado em alguém que exerceu poder sobre seus subordinados não em virtude das tradições ou das leis, mas, fundamentalmente, porque os liderados acreditaram na sua “palavra”, transformando-o em uma figura portadora de “qualidades extraordinárias”. Segundo Saddi, entre o golpe militar de Fulgêncio Batista e o triunfo da Revolução (1952-1958), o “ambiente de guerra” observado em Cuba propiciou a formação de um “espírito revolucionário voltado para o sacrifício”. Mesmo após o 1º de janeiro de 1959, quando teria ocorrido um “processo de rotinização do carisma”, momento em que os supostos atributos extraordinários do líder guerrilheiro começaram a rivalizar com o domínio das leis e das tradições, o autor sustentou que a “dominação carismática” de Castro continuou representando a principal maneira de legitimar seu poder à frente do Estado, demonstrada, entre outros exemplos, através de sua “volta triunfal” ao posto de primeiro-ministro, em 26 de julho de 1959, poucos dias após a sua renúncia¹⁶².

Assim como Rafael Saddi, o sociólogo cubano Nelson Valdés também partiu do referencial teórico criado por Max Weber com o objetivo de interpretar o papel político e a produção discursiva de Fidel Castro em Cuba. No contexto histórico marcado pela crise da ditadura de Fulgêncio Batista e pela ruptura institucional que inaugurou um novo regime na ilha, o autor advogou que o colapso da “autoridade política”, da “maquinaria estatal burguesa” e das “instituições tradicionais” que sustentaram a república desde o seu início, valendo-se para isso de um “sistema jurídico-racional codificado”, possibilitou que ocorresse uma associação dos atributos da “autoridade carismática” com a figura de Fidel Castro, governante que a partir de 1º de janeiro de 1959 prescindiu de um arcabouço formal ou burocrático para exercer o poder. O cenário do final dos anos 1950, chamado pelo autor de “momento carismático”, reuniria as características necessárias à ascensão

¹⁶¹ As outras duas formas se referem à “dominação tradicional”, baseada em conjunto de valores e crenças herdado do passado, e à “dominação burocrática”, oriunda da legalidade enquanto um sistema de regras que ordenam a sociedade. Cf. WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Unb, 1999, p. 198, 234.

¹⁶² SADDI, Rafael. **A dominação carismática de Fidel Castro (1952-1960)**, op. cit.

de um dirigente com traços pessoais como os do líder guerrilheiro de *Sierra Maestra*, interpretados por amplos setores da sociedade civil cubana como “extraordinários”, “sobrenaturais” e “sobre-humanos”. Para além do estilo pessoal e do apelo à emoção do público, fatores que também teriam colaborado para despertar na opinião pública interna um fascínio pelo *comandante*, Nelson Valdés chamou atenção para o fato da “autoridade carismática” de Castro ter sido construída, fundamentalmente, por meio da mobilização de conteúdos político-ideológicos em seus pronunciamentos.

El debate sobre los atributos personales de Fidel Castro subraya que posee habilidades oratorias; pero no menciona el contenido de los discursos, como si al pueblo lo hipnotizara la voz, la dicción, la cadencia, la manera, el movimiento de las manos o cualquier otra manifestación exterior del comportamiento de una persona y no lo que estuviera diciendo en realidad. En otras palabras, casi toda la literatura sobre el carisma revolucionario se ha despolitizado. Sencillamente no hay contenido, mensaje, valores, ideas, intereses u objetivos políticos. El carisma se convierte en un mero término que representa como un objeto al estilo y este se presenta como si fuera el mensaje real.¹⁶³

Pouco tempo após o triunfo da Revolução, Valdés identificou, assim como Saddi, o início do que a terminologia weberiana denomina “rotinização do carisma”. No caso insular, este processo teve como ponto de partida a fundação do Partido Comunista de Cuba (PCC), ocorrida em 1965, medida responsável por reorganizar o espaço político da ilha através de um conjunto de regras “escritas” e “codificadas”, e que atingiu seu ápice entre 1975 e 1976, quando da realização do I Congresso do Partido Comunista de Cuba e da promulgação da primeira constituição de caráter socialista, respectivamente. Com a institucionalização do regime teria terminado, em tese, a “conexão” de Fidel Castro com o povo cubano por meio do carisma, posto que sua autoridade passou a ser enquadrada nos limites impostos pelas regras da estrutura partidária que organizava oficialmente as diferentes instâncias do Estado e da sociedade. No contexto posterior ao biênio 1975-1976, Valdés entendeu que Fidel Castro conseguiu solucionar a contradição original entre as diferentes formas de dominação preconizadas pela tradição weberiana ao participar ativamente da criação de instituições responsáveis pela estruturação e pela manutenção do governo socialista, que naquele contexto se justificava não apenas através do carisma de seu líder, como nos tempos iniciais da Revolução no poder. De acordo com esta chave

¹⁶³ VALDÉS, Nelson. El contenido revolucionario y político de la autoridad carismática de Fidel Castro, op. cit., p. 6.

interpretativa, a “autoridade carismática” de Fidel Castro não teria sido um entrave à institucionalização revolucionária, tendo em vista que

“Institucionalización” [...] Significaba, en esencia, la transferencia progresiva del poder de una autoridad carismática (y las organizaciones que conlleva) a una autoridad burocrática legal con procedimientos codificados y definidos niveles de responsabilidades. La “institucionalización” es una fase transitoria a través de la cual un Estado dominado por un poder carismático se convierte en uno basado en el poder legalizado. Durante esa transición, la autoridad carismática elabora y define los reglamentos de la nueva estructura política, con sus estatutos. Por consiguiente, los parámetros de poder para el nuevo sistema quedan delineados por el que lo precede. La institucionalización es la oficialización de una autoridad nueva.¹⁶⁴

O quarto enfoque relativo às interpretações dos pronunciamentos de Fidel Castro no âmbito acadêmico diz respeito às relações entre história e memória, área de estudos onde se destaca a obra de Giliard Prado, e na qual esta pesquisa se insere. De acordo com sua perspectiva, os discursos castristas legitimaram a Revolução Cubana ao “criarem” e, ao mesmo tempo, “gerirem” a memória não apenas do processo revolucionário, isto é, de como os guerrilheiros conquistaram o poder, mas também de como os fatos e personagens anteriores a 1959 se conectaram com o que a propaganda política socialista entendia ser a história da Revolução Cubana. Inovador, o estudo de Prado evidenciou como a criação de datas festivas pelo Estado contou com a participação ativa de Castro, que através de sua comunicação política com as massas criou uma memória expressa, entre outras formas, através de comemorações que amalgamavam o passado, o presente e o futuro da ilha em torno de uma narrativa histórica que objetivava ser coesa e linear. Ainda segundo o enfoque pioneiro de Prado, as lembranças oficiais do assalto ao quartel *Moncada*, ocorrido em 26 de julho de 1953, permitem compreender a construção da ideia de ruptura que teria instaurado uma nova era na história de Cuba. Como elemento fundador do processo revolucionário, a efeméride do 26 de julho serviu como marco temporal capaz de diferenciar o passado “pré” revolucionário do “presente” revolucionário, atrelando tais temporalidades à defesa do nacionalismo e do socialismo¹⁶⁵.

Frente às distintas perspectivas e ângulos de análise acima expostas, entendemos que a figura de Fidel Castro e de um de seus principais instrumentos de governo, a fala pública, ganharam diferentes significados e interpretações por parte da intelectualidade

¹⁶⁴ Idem, p. 13.

¹⁶⁵ PRADO, Giliard. **A construção da memória da Revolução Cubana**, op. cit., p. 281-292.

acadêmica que se dedicou a estudar sua comunicação política ao longo do tempo¹⁶⁶. Para além dos enfoques político-ideológicos, cindidos, conforme analisado no item anterior, entre versões favoráveis e contrárias ao regime socialista cubano e seu líder, os estudos acadêmicos aprofundaram a compreensão dos mecanismos usados por Castro para tentar se legitimar à frente do aparato partidário-estatal. Neste sentido, esta pesquisa é tributária de um debate multifacetado que abrange a análise do discurso, onde vicejaram os estudos pioneiros de Silvia Giraudo e Ana Corrarello, da iconografia, na qual se destaca a pesquisa de Nancy Berthier, da “dominação carismática” de matriz weberiana, ideia discutida nos trabalhos de Rafael Saddi e Nelson Valdés, e, em particular, da abordagem de Giliard Prado, que explorou as interfaces entre história e memória na produção discursiva do líder revolucionário. Longe de exaurir o debate ou de esmiuçar todas as facetas e dimensões de uma discussão vasta e interdisciplinar, nosso objetivo aqui foi tentar oferecer uma visão panorâmica a respeito da “palavra” de um personagem que ainda hoje continua despertando paixões político-ideológicas, e sobre a qual diferentes áreas da academia vêm formulando novos olhares e interpretações.

Por mais que os estudos acima elencados também explicitem aspectos valorativos sobre a Revolução Cubana e seu líder, Fidel Castro, é inegável que os trabalhos intelectuais produzidos em diferentes áreas das ciências humanas revelaram conclusões distintas das opiniões enfocadas no item anterior, quando analisamos as interpretações político-ideológicas de autores como Gabriel García Márquez e Alfredo Varela, favoráveis à Revolução, e Carlos Franqui e Carlos Alberto Montaner, contrários à Revolução. Entre outras possíveis explicações, isso deve ao fato de que a produção de conhecimento no âmbito acadêmico necessitou adotar referências teórico-metodológicas para desenvolver suas reflexões, aumentando assim a complexidade das fontes analisadas e extrapolando o debate baseado apenas em juízos de valor favoráveis ou contrários ao regime socialista insular. Desta forma, os trabalhos acadêmicos acima abordados evitam que a compreensão dos discursos de Fidel Castro permaneça restrita à esfera dos embates político-ideológicos, tornando-os objetos históricos que devem ser compreendidos à luz do contexto social em que foram pronunciados, registrados e postos em circulação dentro e fora de Cuba. Em síntese, a adoção de procedimentos acadêmicos de pesquisa revelou

¹⁶⁶ Além dos trabalhos acadêmicos acima mencionados, vale ressaltar a recente contribuição historiográfica de Abel Sierra Madero, que analisou a construção da imagem pública de Fidel Castro a partir dos periódicos editados nos EUA, em especial da revista masculina *Playboy*. Cf. MADERO, Abel Sierra. **Fidel Castro. El Comandante Playboy: Sexo, Revolución y Guerra Fria**. Madri: Hypermedia, 2019.

tanto as estratégias de comunicação empregadas pelo mandatário quanto as mudanças, lacunas e contradições identificadas em seu pensamento ao longo do período em que ocupou cargos de liderança na estrutura estatal-partidária da ilha.

Portanto, concluímos que o caráter de fonte histórica adquirido pelos discursos de Fidel Castro não se deve exclusivamente aos aspectos “internos” de suas falas públicas, mas às análises “externas” realizadas por intelectuais que se debruçaram sobre os seus significados históricos, em particular os estudos acadêmicos. Por tal razão este capítulo foi dividido em duas partes, sendo os dois primeiros itens voltados a analisar a estrutura “interna” dos discursos, o que abrange suas etapas e estratégias comunicativas, e os dois últimos voltados à recepção das falas públicas castristas pela intelectualidade de dentro e de fora da academia. Esta estrutura bipartida visou abranger o processo através do qual a produção discursiva do líder da Revolução Cubana tornou-se não apenas um fator que embasou posicionamentos favoráveis ou contrários ao regime socialista, mas um objeto histórico relevante para se compreender a sociedade insular após 1959. A premissa de que os discursos do estadista devem ser encarados como fontes históricas passa pela percepção de que além dos seus conteúdos “internos”, isto é, como se organizam do ponto de vista argumentativo, outros fatores devem ser levados em consideração. Sob o ponto de vista acadêmico, constatamos que apesar das obras produzidas sobre este tema em diferentes âmbitos das ciências humanas ainda serem poucas e pulverizadas, os seus enfoques e contribuições colaboraram de maneira decisiva para consolidar a “palavra” de Fidel Castro como um campo de estudos à espera de novas contribuições.

CAPÍTULO 2. CALENDAS CUBANAS: TEMPO E TEMPORALIDADES SOB A LUTA ARMADA

Le temps [...] n'a pas été seulement le cadre formel dans lequel s'est déroulée la Révolution, mais aussi la metière sur laquelle elle a obstinément travaillé.¹⁶⁷

Nas situações histórico-culturais em que predominam a cólera e o espírito de rebelião, a exigência de um passado é frequentemente tão forte quanto a que diz respeito ao futuro.¹⁶⁸

O tempo, eis uma obsessão de Fidel Castro como chefe de Estado, entre 1959 e 2006, quando deixou provisoriamente seus cargos políticos em Cuba em virtude de problemas de saúde. Ao longo de sua vasta produção discursiva, tal obsessão manifestou-se, em um primeiro nível, através das recorrentes menções à cronologia da Revolução Cubana e da luta armada, que abrange desde o assalto ao quartel *Moncada*, em 26 de julho de 1953, até o triunfo de 1º de janeiro de 1959. Em 1975¹⁶⁹ e 1999¹⁷⁰, por exemplo, o estadista afirmou que o êxito da Revolução havia sido alcançado cinco anos, cinco meses e cinco dias contados a partir do ataque à fortaleza militar de Santiago, sendo a segunda ocasião também uma data curiosa pois marcava os quarenta e cinco anos, cinco meses e cinco dias da “luta heroica” iniciada em *Moncada*. Em 2002, Castro voltou a contabilizar o tempo a fim de representar a resistência da ilha frente às dificuldades encontradas desde a chegada dos guerrilheiros ao poder: “Nosotros mismos intentamos comenzar a realizar la Revolución en 1953 y tuvimos después que resignarnos a esperar cinco años, cinco meses y cinco días, parece una cosa cabalística, ¿no?”¹⁷¹. Um ano antes, ao rememorar os

¹⁶⁷ Tradução do autor: “O tempo não foi apenas o quadro formal em que a Revolução ocorreu, mas também o ofício no qual ela obstinadamente trabalhou”. OZOUF, Mona. *La Fête Révolutionnaire (1789-1799)*. Paris: Gallimard, 1976, p. 260.

¹⁶⁸ PAOLO, Rossi. *O passado, a memória, o esquecimento*, op. cit., p. 25.

¹⁶⁹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto central en conmemoración del XXII aniversario del ataque al cuartel Moncada, efectuado en la ciudad de Santa Clara, Las Villas, el 26 de julio de 1975, “Año del Primer Congreso”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1975/esp/f260775e.html>>. Acesso em: 15 set. 2022.

¹⁷⁰ Idem. **Discurso del Presidente de la República de Cuba, Fidel Castro, en el acto central por el 40º aniversario del triunfo de la Revolución, efectuado en el Parque Céspedes, Santiago de Cuba, el día 1º de enero de 1999**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1999/esp/f010199e.html>>. Acesso em: 15 set. 2022.

¹⁷¹ Idem. **Discurso de Fidel Castro, Presidente de la República Cuba, en la clausura del IV Encuentro Internacional de Economistas. Palacio de las Convenciones, 15 de febrero de 2002**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2002/esp/f150202e.html>>. Acesso em: 15 set. 2022.

percalços enfrentados pelos combatentes do M 26-7, o presidente cubano destacou os quarenta e oito anos, quatro meses e seis dias que separavam seu discurso do assalto ao quartel *Moncada*, bem como o intervalo temporal de três anos, quatro meses e sete dias que separavam *Moncada* do *Granma*¹⁷². Em diversas outras passagens de suas falas públicas, também mencionou os vinte e quatro meses entre a viagem no iate *Granma* e o término do regime autoritário comandado por Fulgêncio Batista.

A insistência de Fidel Castro em estabelecer uma cronologia exata dos eventos da Revolução Cubana, tomando como referência a memória da luta armada representada pelo núcleo guerrilheiro instalado na região de *Sierra Maestra* durante a segunda metade dos anos 1950, expressa seu anseio de exercer controle sobre os significados político-ideológicos relativos à passagem do tempo. Tal insistência de Castro parece também querer instituir uma linha temporal ascendente que faz com que a camada temporal do passado insurrecional, centrada no mote das armas, “encontre” o presente pós 1959 à medida em que a contagem dos dias, anos e décadas parte de uma origem fixa (um ou mais fatos rememorados) em direção a um desfecho, isto é, o momento no qual a fala pública castrista é proferida e ouvida, simultaneamente, pela plateia presencial e remota. Além deste tipo de contagem, caracterizada pela linearidade que, em tese, seria capaz de conectar os “pontos” de uma narrativa, conferindo nexos entre eles independentemente das temporalidades em que se inseriam, observa-se nas palavras do mandatário cubano uma forma paralela de explorar a cronologia, caracterizada pela divisão por décadas ou respeitando o intervalo de cinco anos, contagem quase sempre relativa a um único evento histórico. Em discurso realizado em abril de 1971, em memória dos dez anos da vitória revolucionária na batalha de *Playa Girón*, Fidel Castro elaborou a seguinte digressão sobre esta temática ao comparar dois contextos históricos:

¿Que llevamos 10 años después de Girón? También los cubanos lucharon de 1868 a 1878, 10 años. Desgraciadamente, conocida es la dolorosa experiencia del Zanjón: el derrotismo, el pesimismo, condujeron a la deposición de las armas. Claro, nuestro pueblo ha recogido esa experiencia, esa larga experiencia. Por eso los [...] yankis [...] no tienen ningún derecho ni ninguna base para soñar en ningún tipo de normalización de relaciones con Cuba ni de conciliaciones con Cuba. [...] ¡Hemos sobrevivido durante diez años, y sobreviviremos el

¹⁷² Idem. **Discurso del Presidente de la República de Cuba Fidel Castro Ruz, en el acto para conmemorar el aniversario 45 del desembarco de los expedicionarios del Granma y el nacimiento de las Fuerzas Armadas Revolucionarias, en la Plaza “Antonio Maceo”, de Santiago de Cuba, el 2 de diciembre del 2001.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2001/esp/f021201e.html>>. Acesso em: 15 set. 2022.

tiempo que sea necesario! ¡Hemos resistido diez años — desde Girón —, y resistiremos el tiempo que sea necesario!¹⁷³

Focado na contabilização de decênios, Fidel Castro se remeteu, primeiramente, a um passado mais distante, relativo à primeira guerra de independência de Cuba (1868-1878). Dando um salto temporal em direção ao século seguinte, comparou esta parte da história insular com o período compreendido entre 1961 e 1971, ao término do qual a vitória conquistada em *Playa Girón* completou uma década. Ao longo deste período, vale lembrar, a batalha foi intensamente comemorada pelo governo cubano, consolidando-se como uma das principais datas cívicas do regime socialista. Juntas, segundo Fidel, as duas décadas evocadas (1868-1878 e 1961-1971) sintetizariam a capacidade de resiliência da ilha frente às tentativas de dominação estrangeira, leia-se o colonialismo espanhol e o imperialismo dos EUA. Nos dois casos, nota-se que o argumento que explica a capacidade de mobilização e de resistência dos cubanos se encontra simbolizado pela apologia às armas, responsáveis pela defesa dos interesses nacionais diante de ameaças estrangeiras. Nas entrelinhas, sua fala revela o anseio de filiar o método insurrecional usado contra Fulgêncio Batista, a guerrilha de *Sierra Maestra*, à primeira guerra independentista de Cuba. Centrada na exaltação da luta armada como estratégia de tomada do poder, tal narrativa estabelecia continuidades entre o presente “revolucionário”, isto é, o contexto histórico em que Fidel Castro falava, e o passado de “anticolonial”, protagonizado pelos grupos independentistas atuantes na segunda metade do oitocentos.

Em sua apologia à geração de 1868 Castro frisou que após uma década de conflitos todos os esforços emancipacionistas resultaram na “dolorosa experiência de *Zanjón*”, em alusão ao tratado de paz que pôs fim à primeira guerra independentista de Cuba, frustrada. Fundidos pelo mote das armas, o presente se mostrava superior ao passado pois a partir de 1959, e mais especificamente de 1961, quando da vitória na batalha de *Playa Girón*, os guerrilheiros conquistaram a independência política que, segundo a versão castrista, nenhum outro agente social havia conseguido até aquele momento, nem mesmo os *mambises* do século XIX. Em outras palavras, o estadista entendia que o regime socialista superou todas as formas anteriores de soberania experimentadas pela ilha por concretizar o antigo anseio de libertação nacional, conformando uma narrativa política de caráter ascendente. Além de pautar suas interpretações históricas, projetando intencionalidades relativas ao contexto de 1971 para fatos pregressos a este ano, observa-se que a concepção

¹⁷³ CASTRO, Fidel. **Fidel Castro habla de Playa Girón**, op. cit., p. 263, 265.

de presente de Fidel Castro se dilatou, abrangendo o período compreendido entre a vitória de *Playa Girón* e o “agora” no qual discursava, de modo a não tornar a Revolução Cubana um tema inscrito no passado, mas no presente. Assim, o período 1961-1971 passou a ser interpretado a partir de uma visão enaltecedora dos guerrilheiros que tomaram de assalto o Estado, transformando-os em agentes históricos que conseguiram consolidar a nação cubana por meio das armas, e não pelas vias institucionais.

As referências do estadista ao passado anticolonial e ao presente “dilatado” fruto da vitória em *Playa Girón*, simbolizado pelo período 1961-1971, têm como eixo temático a defesa da luta armada como tática legítima de tomada do poder pelos revolucionários. Ademais, as duas principais formas de cronologia usadas por Castro em seus discursos (a linear, feita a partir do elo entre dois ou mais eventos históricos, e a baseada em decênios ou a cada cinco anos, geralmente associada a um único fato histórico) explicitam como a forma e o conteúdo da narrativa política criada pelo governo socialista foram impactadas pela experiência guerrilheira, que acabou se tornando o ponto de partida para as reflexões históricas do mandatário. Isso significa dizer que as temporalidades (presente, passado e futuro) e a cronologia (linear ou por decênios), entendida aqui como uma dimensão da temporalidade¹⁷⁴, foram presididas pela lembrança dos acontecimentos relativos à luta armada praticada pelo M 26-7 durante a década de 1950, conformando um projeto de memória estatal que deveria ser divulgado à opinião pública interna como a única expressão da verdade. Dito de outra forma, o anedotário sobre a “obsessão” de Fidel Castro pela cronologia¹⁷⁵ esconde uma escolha deliberada de marcos históricos calcados na experiência e na permanente lembrança da luta armada, entendida pelo guerrilheiro-estadista como a única origem capaz de explicar o êxito da Revolução Cubana, e por isso instituidora de uma premissa que não deveria ser contestada.

Com o intuito de compreender como o tempo em suas diferentes acepções também foi alvo das transformações decorrentes da Revolução Cubana, este capítulo analisará o papel da luta armada na temporalidade e na cronologia construídas por Fidel Castro em

¹⁷⁴ Para a compreensão do conceito de temporalidade segundo o conhecimento histórico ver BARROS, José D’Assunção. A historiografia e os conceitos relacionados ao tempo. **Dimensões**, vol. 32, 2014, p. 245-247. Para a análise das temporalidades a partir de conceitos como revolução, progresso, utopia e distopia ver PIMENTA, João Paulo. **O livro do tempo: uma história social**. São Paulo: Edições 70, 2021, p. 343-390.

¹⁷⁵ Além de Castro, a propaganda política socialista como um todo investiu fortemente no uso das cronologias como forma de compilar e legitimar a narrativa política assentada naqueles que seriam os principais acontecimentos ocorridos em Cuba a partir de 1959. Como exemplo desse uso extensivo e ideológico da cronologia citamos duas obras organizadas pelo Centro de Documentação do Departamento de Orientação Revolucionária do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba (PCC). NAVARRO, Carina (ed.). **Cronología**. 25 años de Revolución (1959-1983). Havana: Política, 1987; GUERRA, Elsa; FHAN, Minerva (ed.). **Cronología de la Revolución (1984-1989)**. Havana: Política, 1991.

seus discursos. Para tanto, o primeiro item analisará de quais maneiras as categorias passado, presente e futuro foram utilizadas pelo mandatário como recurso discursivo para contextualizar e, paralelamente, legitimar o processo revolucionário cubano. O segundo item abordará a temática tendo em vista o recorte cronológico que vai de 1959 até 1970, período no qual se observa, na produção discursiva do estadista, a construção e o apogeu da concepção de “aceleração” do tempo, ideia diretamente associada à apologia da luta armada como estratégia política, fenômeno chamado por nós aqui de *calendas* cubanas. O terceiro e último item atentará para a questão a partir do recorte cronológico que vai de 1970, quando a ideia de “aceleração” do tempo passou a apresentar desgastes, até o início do século XXI, já no final do governo de Fidel Castro. Neste período se nota a crise, a decadência e o fim das *calendas* cubanas em seus pronunciamentos, sobretudo no que se refere ao apoio do regime socialista insular aos movimentos insurgentes da esquerda latino-americana; muitos deles adeptos da luta armada por influência, justamente, da experiência e do exemplo fornecidos pelos guerrilheiros de *Sierra Maestra*, que haviam decidido transformar Cuba pela força das armas.

2.1. A memória da luta armada entre presente, passado e futuro

Não por acaso o título deste item inverte a ordem “tradicional” das temporalidades históricas, quase sempre mencionadas seguindo a sequência passado, presente, futuro. Tal opção é fruto da nossa observação relativa aos usos das temporalidades nos discursos de Fidel Castro, para quem o presente organizou suas interpretações sobre o passado e o futuro, procedimento denominado por Ana Corraello de “presente da enunciação”¹⁷⁶. Em outras palavras, tanto o passado quanto o futuro se submetem às demandas decorrentes do contexto histórico do presente. Em diferentes circunstâncias, o mandatário maneja as temporalidades a partir da realidade apresentada pelos sucessivos presentes com o objetivo de submetê-las à narrativa ideológica assentada na lembrança da guerrilha de *Sierra Maestra*, entendida pela propaganda oficial do regime como uma das principais formas de legitimar o processo revolucionário bem como a continuidade do sistema socialista cubanos. Tendo em vista o recorte temático da defesa das “armas”, uma das oportunidades em que Fidel Castro conferiu destaque ao presente pode ser notada no

¹⁷⁶ CORRARELLO, Ana. **Fidel Castro**. De la etapa fundacional al proyecto socialista soviético, op. cit., p. 107.

discurso feito por ele em abril de 1968, em homenagem ao sétimo aniversário da vitória na batalha de *Playa Girón*, no qual elaborou a seguinte reflexão:

Hace siete años de Girón, hace unos 10 años del 1ro de enero de 1959, unos 12 años del “Granma”, unos 15 años del 26 de Julio, y es imposible que un pueblo haya cambiado más en tan breve tiempo [...] ¡Cuánto desearon las generaciones pasadas ver esto de hoy, cuánto desearon ver a un pueblo triunfante y marchando hacia adelante, un pueblo revolucionario como este [...] esta generación, al revés que otras frustradas por unas causas o por otras —fundamentalmente frustradas por el imperialismo, por la intervención yanqui, que cortó el proceso revolucionario, que nos impuso la corrupción y el neocolonialismo durante cincuenta años—, generaciones que no pudieron ver el fruto de las luchas de este pueblo, luchas abnegadas y sangrientas; al revés que esas generaciones menos afortunadas que nosotros, nosotros podemos mirar el presente, mirar el pasado y mirar el futuro con más tranquilidad, con más satisfacción y con más optimismo de lo que pudo mirarlos ninguna otra generación anterior.¹⁷⁷

No excerto acima citado nota-se que Castro submeteu o passado “anticolonial” ao seu tempo presente, tendo como fio condutor a memória da luta armada simbolizada pelas datas comemorativas relativas aos eventos de *Moncada*, *Granma*, triunfo da Revolução Cubana e *Playa Girón*, seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos. A partir de uma cronologia baseada, em grande medida, nos principais marcos temporais da guerrilha de *Sierra Maestra*, Fidel Castrou apresentou-se como porta-voz autorizado de agentes sociais inscritos em diferentes contextos históricos. Em primeiro lugar, das “gerações passadas”, a fim de atestar que elas estariam satisfeitas com os resultados obtidos por um “povo triunfante” no ano em que Cuba comemorava o centenário de sua primeira tentativa de independência, conhecida como *Grito de Yara*, ocorrida em 1868. Em segundo lugar, dos guerrilheiros do M 26-7, que por meio das armas conseguiram concretizar o anseio de libertação nacional, redimindo assim as derrotas e frustrações dos *mambises* no século XIX, representados como uma geração “menos sortuda” por não ter colhido os “frutos” de sua luta. Em terceiro lugar, da plateia que acompanhava sua fala pública em abril de 1968. Presidida pela memória da luta armada contra Fulgêncio Batista, a sobreposição destas três camadas temporais resultou na centralidade de um tempo presente que buscava

¹⁷⁷ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el resumen de los actos conmemorativos por el VII aniversario de la derrota del imperialismo yanqui en Playa Girón, celebrado en Playa Girón, el 19 de abril de 1968.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f190468e.html>>. Acesso em: 15 set. 2022.

controlar os significados políticos atribuídos ao passado, intenção também expressa pelo uso de termos como “tranquilidade”, “satisfação” e “otimismo”.

Outro exemplo de sobreposição das temporalidades históricas a partir da memória da luta armada pode ser visto no discurso realizado por Fidel Castro em 1º de janeiro de 1994, momento em que Cuba atravessava uma profunda crise política e econômica decorrente do esfacelamento da URSS e, por conseguinte, do bloco socialista do leste europeu sob o comando de Moscou.

No teníamos la menor duda de que el pueblo santiaguero le habría dado el puntillazo final a la tiranía en Santiago de Cuba. [...] La ciudad, por ello, ganó no solo un prestigio enorme, sino que recibió el merecido honor de ser declarada Ciudad Héroe y recibir la Orden “Antonio Maceo”. Esto ocurrió hace diez años, y también lo conmemoramos hoy.

Como aquí se dijo, hace cinco años, desde esta misma tribuna, se proclamó la valiente consigna de ¡Socialismo o Muerte! (APLAUSOS)

Tres aniversarios históricos, en número redondo, conmemoramos hoy: el XXXV del Primero de Enero, el X de la declaración de Ciudad Héroe y de la condecoración, la entrega de la orden, y el V de la proclamación de la consigna de ¡Socialismo o Muerte! Les pregunto a los santiagueros: ¿Podíamos dejar de conmemorar digna, aunque austeramente, estos tres aniversarios en el día de hoy? (EXCLAMACIONES DE: “¡No!”) [...] Vean cómo en la historia los hechos se combinan y se coordinan, incluso los símbolos. Sí, larga ha sido la lucha, pero esa lucha no ha cesado.¹⁷⁸

A exemplo do discurso de 1968, no trecho acima reproduzido a lembrança do 1º de janeiro adquiriu múltiplas dimensões. Primeiramente, pelo fato de Castro enaltecer Santiago em virtude de sua resistência à “tirania” de Fulgêncio Batista, isto é, por ter abrigado, na segunda metade dos anos 1950, um forte setor urbano do M 26-7, a chamada *lucha clandestina*, liderada por Frank País. Tendo em vista a resistência à ditadura batistiana, em 1984 o Conselho de Estado conferiu a Santiago o título de *Ciudad Héroe* juntamente com a *Orden Antonio Maceo*¹⁷⁹. Em 1994, dez anos após a concessão destas honorarias, Castro utilizou seu discurso para submetê-las, mais uma vez, à memória das “armas”. Em terceiro lugar, aproveitou o ensejo para comemorar o quinto aniversário da

¹⁷⁸ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el 35 aniversario del triunfo de la Revolución, efectuado en el parque “Carlos Manuel de Céspedes”, Santiago de Cuba, el 1º de enero de 1994, “Año 36 de la Revolución”.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1994/esp/f010194e.html>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

¹⁷⁹ Antes das condecorações concedidas pelo governo socialista, Santiago de Cuba já acumulava as seguintes condecorações: *Ciudad Noble* (1712), *Ciudad Hospitalaria de las Américas* (1822), *Fiel Ciudad* (1874), *Municipio Benemérito de las Américas* (1955).

proclamação do lema “socialismo ou morte!”¹⁸⁰, proferido em 1989 como estratégia de propaganda política para tentar conter os possíveis efeitos da crise do socialismo soviético na ilha. A partir destas constatações conclui-se que, no presente, a memória da guerrilha unificou as diferentes comemorações, já que a menção às camadas temporais anteriores e posteriores ao 1º de janeiro de 1959 ampliou a abrangência do marco que designa o triunfo da Revolução Cubana. A sobreposição das temporalidades fez da memória da luta armada uma fonte de legitimação que extrapolava a referência à vitória dos guerrilheiros sobre Batista, conferindo significado histórico também às condecorações de Santiago e ao lema “socialismo ou morte”, fatos posteriores ao 1º de janeiro.

O fenômeno da sobreposição das temporalidades históricas pode ser averiguado não somente nas falas públicas de Castro acima analisadas, mas também em outros meios de propaganda política. Um deles diz respeito ao cartaz produzido pelo Departamento de Orientação Revolucionária do Partido Comunista de Cuba (PCC) em 1976, ano em que se promulgou a primeira constituição socialista da ilha (figura 10). Nele, vê-se, ao fundo, números que aludem ao 26 de julho de 1953, data do assalto ao quartel *Moncada*, ação comandada por Fidel, juntamente com as cores vermelha e preta adotadas pelo M 26-7 após o frustrado ataque à fortaleza de Santiago. Atrás do número 26, a disposição das cores na forma de raios sugere a memória de *Moncada* como o “sol” que ilumina todos os planos da imagem, representando tal fato como a origem da luta armada responsável pela vitória dos guerrilheiros sobre Fulgêncio Batista. No plano intermediário, isto é, a parte de cor azul no centro da imagem, faz-se alusão, do lado direito, ao mar e ao iate *Granma*, embarcação que, em 1956, transportara os combatentes do M 26-7 do porto de Tuxpán, no México, até a região de *Las Coloradas*, na costa cubana. Segundo a narrativa oficial criada após 1959, o desembarque realizado em 2 de dezembro de 1956 simbolizou a retomada das ações armadas contra o regime batistiano, entrando para a história da Revolução Cubana como uma reafirmação da tese de que a guerrilha seria a única forma de derrotar o Estado de exceção vigente na ilha desde 1952.

Do lado esquerdo do iate vê-se os números romanos que indicam a comemoração da efeméride do desembarque dos guerrilheiros em Cuba, reforçando a resolução estatal que estabeleceu 1976 como o *Año del XX Aniversario del Granma*. Do ponto de vista das temporalidades, tanto o fundo (os raios de “sol” nas cores vermelha e preta) quanto o

¹⁸⁰ Tal máxima apresenta inspiração no célebre lema “pátria ou morte!”, criado por Fidel Castro ao término de um discurso realizado em Havana, em março de 1960, durante a cerimônia fúnebre em homenagem às vítimas da explosão do navio francês *La Coubre* no porto da capital cubana.

centro (o mar na cor azul) da imagem fazem alusão a distintas camadas do passado (*Moncada*-1953, *Granma*-1956), cada qual com um significado histórico específico, mas ambas relativas à memória da luta armada do M 26-7. Na mensagem que se encontra abaixo, escrita na cor vermelha, lê-se que no país estariam sendo cumpridas as decisões tomadas um ano antes, em 1975, pelo 1º Congresso do Partido Comunista de Cuba (PCC), evento inscrito no passado recente da nação. Apenas em uma pequena parte da mensagem escrita, relativa à palavra *cumpliendo*, é que se menciona, indiretamente, o ano no qual o cartaz foi produzido, 1976. Por se localizarem abaixo das duas cenas representativas da história da guerrilha que se queria narrar e, ao mesmo tempo, enaltecer (*Moncada* e *Granma*), tais escritos buscavam legitimar as decisões institucionais do primeiro grande evento de balanço promovido pela cúpula partidária comunista desde o triunfo da luta armada levada a cabo pelos guerrilheiros de *Sierra Maestra*, considerados por Fidel Castro os únicos responsáveis pelo triunfo da Revolução Cubana e pela implantação do socialismo na ilha, a partir da vitória obtida em *Playa Girón*, em abril de 1961.

Representando diferentes camadas históricas a partir da memória da luta armada, o referido cartaz exemplifica o que chamamos aqui de sobreposição ou, em último caso, de fusão das temporalidades. Nesta propaganda política estatal-partidária observa-se que as escolhas feitas nos sucessivos tempos presentes definiram quais e de que forma os fatos e personagens do passado, pinçados em meio a tantos outros esquecidos, deveriam compor uma história ascendente da luta armada travada em Cuba ao longo de grande parte da década de 1950. Neste sentido, o assalto ao quartel *Moncada* significava a “origem”, enquanto o desembarque do iate *Granma* significava o “renascimento” da guerrilha como estratégia legítima de tomada do poder pelos revolucionários. Ademais, a simbologia vinculada à memória das “armas” se valeu de representações visuais de fácil compreensão pela audiência, tais como sol e mar. O sol, que pode ser visualizado tanto no número 26 quanto na embarcação, adquiriu o significado de “luz”, enquanto o mar simbolizaria as “dificuldades” enfrentadas pelos combatentes do M 26-7 durante o período insurrecional da Revolução Cubana, entre os anos de 1953 e 1959. Polissêmicos, os elementos cênicos sol e mar operam como metáforas visuais capazes de atribuir valores morais positivos à guerrilha de *Sierra Maestra*, colaborando para a construção de uma narrativa histórica que identificava em suas atribuídas virtudes e heroísmo a origem e a fonte de legitimação do regime político instituído em Cuba em 1º de janeiro de 1959.

Presidido pela memória da luta armada, neste caso simbolizada por duas das mais relevantes datas comemorativas vinculadas a diferentes etapas da guerrilha do M 26-7, a

sobreposição de temporalidades históricas e o protagonismo adquirido pelos sucessivos presentes sobre fatos e personagens pretéritos podem ser entendidos como estratégias de comunicação utilizadas por Fidel Castro e pela propaganda política estatal para tentar controlar ideologicamente a narrativa sobre o passado de Cuba. Além das sobreposições, detectamos outro tipo de manejo das temporalidades na produção discursiva castrista que também diz respeito ao papel exercido pelo presente em relação ao passado e ao futuro. Em discurso realizado em 19 de abril de 1962, alusivo ao aniversário de um ano da batalha de *Playa Girón*, travada contra os expedicionários financiados pelo governo dos EUA, o mandatário iniciou seu discurso enfatizando que tal combate representou a vitória do povo cubano sobre o passado, considerado então uma temporalidade negativa por simbolizar o atraso econômico-social herdado pela Revolução.

Cuando combatíamos a las fuerzas del imperialismo, no pensábamos que venían a destruirnos el presente; pensábamos, sobre todo, que nos querían destruir el porvenir (APLAUSOS). Porque el presente nuestro no podía ser otra cosa que lo que nos dejaron, no podía ser otra cosa que una economía pobre, subdesarrollada, una industria atrasada, la dependencia absoluta de un solo mercado; no podíamos tener otro presente que el que nos dejaron. Lo que hemos hecho es repartir mejor lo que teníamos, distribuir mejor lo que nos quedó. [...] Y esa es nuestra gran tarea: el futuro.¹⁸¹

Em virtude do pouco tempo decorrido entre o triunfo da Revolução e o discurso proferido em abril de 1962, no trecho acima citado o tempo presente foi interpretado como uma extensão do passado, visto que, segundo Castro, até aquele momento ainda não havia sido possível superar todos os problemas herdados pelos guerrilheiros que tomaram o poder em 1959. No início dos anos 1960, é curioso notar que a compreensão do então primeiro-ministro sobre seu presente carregava uma carga negativa, tendo em vista a continuidade dos alegados males frutos da exploração colonial e neocolonial expressos por termos como atraso, pobreza, dependência e subdesenvolvimento. Ao conceber a realidade como um incômodo legado do regime de Fulgêncio Batista, no discurso de 1962 inexistem rupturas entre passado e presente, ao contrário do que a propaganda oficial apregoava como forma de demarcar o “antes” e o “depois” da Revolução. Assim, o tempo

¹⁸¹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante doctor Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario y Primer Secretario de las ORI, en el acto homenaje a los mártires caídos en Playa Girón y conmemoración de la victoria contra la invasión mercenaria perpetrada hace un año por Playa Girón y Playa Larga, celebrado en el Teatro “Chaplin”, el 19 de abril de 1962.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f190462e.html>>. Acesso em: 11 maio 2020.

presente foi entendido por Castro como “o que nos deixaram”, e não como o resultado do esforço dos guerrilheiros que chegaram ao poder pela força das armas. Fundidos, passado e presente precisavam ser radicalmente transformados, motivo pelo qual o futuro ganhou conotação positiva, a ele sendo atribuídos os êxitos da Revolução. Tal argumento se tornou ainda mais evidente na parte em que Fidel Castro imputou aos seus inimigos na batalha de *Playa Girón* a intenção de “destruir o porvir” da ilha, deixando implícito que o futuro seria o tempo a ser preenchido com as obras do socialismo.

Outro caso de manejo das temporalidades históricas nos discursos de Fidel Castro ocorreu em 19 de abril de 1964, durante a comemoração oficial do terceiro aniversário da vitória de *Playa Girón*. Assim como em 1962, ao término de sua fala pública o mandatário também enalteceu o futuro em detrimento do binômio passado-presente.

Sí, estamos trabajando por el porvenir y deseamos la paz. Deseamos cosechar un día los frutos de nuestro esfuerzo, y no deben desalentarnos estos riesgos en el trabajo creador; el revolucionario trabaja para el mañana sin importarle que llegue o no a ver ese mañana. Porque los que avanzaron frente a las hordas mercenarias que nos invadieron en Girón, los que fueron allí a la muerte, luchaban por un ideal, por una causa; ellos no se preguntaban si iban a ver esa causa. Como los que en la guerra murieron antes del triunfo, no se preguntaban si iban a ver el triunfo. Y nosotros no tenemos que hacernos esa pregunta. Trabajar por el futuro, pero estar siempre dispuestos a sacrificarlo todo a ese futuro, todo, por defender el derecho a tener ese futuro. Porque hay que defender no solo ese futuro por el cual se trabaja, sino el derecho a tenerlo. Y nuestro derecho a tener ese futuro lo tenemos que defender con lo que sea, a cualquier precio. Y así actuaremos.¹⁸²

Atrelado a virtudes como idealismo e sacrifício, que para Castro caracterizaram a luta armada contra Batista e a vitória militar em *Playa Girón*, o enaltecimento do futuro se mostrou um argumento que visava eximir seu governo das dificuldades enfrentadas por Cuba após 1959. Na mesma linha de raciocínio do discurso feito dois anos antes, Fidel não mobilizou nem o passado nem o presente para defender o regime socialista adotado pouco antes da batalha de *Playa Girón*¹⁸³. Em 1964, o tempo presente continuou

¹⁸² CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario y Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba, en la velada solemne para resumir los actos de celebración del tercer aniversario de la victoria del pueblo de Cuba en Playa Girón, efectuada en el Teatro Chaplin, el 19 de abril de 1964.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f190464e.html>>. Acesso em: 11 maio 2020.

¹⁸³ Para análises sobre a construção da memória oficial da batalha de *Playa Girón* ver RODRIGUES, Bruno Romano. Memórias da Batalha de *Playa Girón*: estratégias de comunicação nos discursos de Fidel Castro (1964-1976). **Revista Extraprensa**, [S. l.], vol. 16, n. 1, 2023, p. 98-118; Idem. A memória de *Playa Girón* e o socialismo cubano: reflexões sobre os discursos de Fidel Castro na efeméride do 19 de abril (1971-2001). **Fênix. Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, vol. 18, n. 2, 2021, p. 416-433.

sendo interpretado como a transição entre dois universos, um a ser extinto, associado a Fulgêncio Batista e representado pelo binômio passado-presente, e outro a ser construído, simbolizado pelo futuro. Diferentemente da versão formulada em 1962, Castro procurou suavizar a narrativa de que o presente seria uma simples extensão do passado de atraso e subdesenvolvimento, já que, após o triunfo da Revolução Cubana, em 1º de janeiro de 1959, quanto mais os anos passavam mais difícil ficava sustentar uma interpretação que poderia ir contra o protagonismo da guerrilha de *Sierra Maestra* e dos guerrilheiros que passaram a ocupar postos de comando em Cuba. Isto significa que a ideia de separação e de transição entre dois mundos opostos, um considerado velho e ruim e outro considerado novo e bom, não foi construída imediatamente após a deposição de Batista do poder, consistindo em um processo que envolveu o manejo das temporalidades de acordo com as demandas e os interesses políticos de cada conjuntura histórica.

Mais um exemplo de manejo das temporalidades na produção discursiva castrista ocorreu em 19 de abril de 1976, durante a comemoração oficial do décimo quinto aniversário da vitória de *Playa Girón*, contexto histórico marcado pela consolidação do processo de institucionalização do regime socialista que culminou com a promulgação da primeira constituição de Cuba após o triunfo revolucionário¹⁸⁴.

Esta alternativa entre el pasado y el futuro, la reacción o el progreso, la traición o la lealtad a los principios, el capitalismo o el socialismo, el dominio imperialista o la liberación, fue lo que se decidió en Girón aquel 19 de abril de 1961. Tres días antes, frente a las tumbas de los primeros mártires de la brutal agresión, el pueblo proclamó el carácter socialista de nuestra Revolución, y los hombres y mujeres de nuestra patria se dispusieron a morir por ella.¹⁸⁵

Suprimindo mais uma vez o presente, como nos discursos de 1962 e 1964, o trecho acima reproduzido revela conflitos entre passado e futuro, temporalidades que segundo Fidel Castro exprimiam atributos negativos e positivos, respectivamente. Enquanto o passado foi representado com termos pejorativos, tais como reação, traição e domínio imperialista, o futuro representava valores nobres como progresso, lealdade e libertação.

¹⁸⁴ AYERBE, Luis. **A Revolução Cubana**, op. cit., p. 74-77; CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**, op. cit., p. 66-67; LEGRA, Ángel. **El proceso de institucionalización de la Revolución Cubana**, op. cit.

¹⁸⁵ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro, Presidente de la República de Cuba, en el acto central por el XV aniversario de la victoria de Girón y la proclamación socialista de nuestra Revolución, celebrado en el Teatro “Carlos Marx”, el 19 de abril de 1976, “Año del XX aniversario del Granma”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1976/esp/f190476e.html>>. Acesso em: 10 maio 2020.

Binária e maniqueísta, esta interpretação buscava legitimar tanto a memória das “armas” relativa ao período anterior ao triunfo da Revolução, com destaque para a ditadura de Fulgêncio Batista, quanto a formação do governo que após 1959 garantiria, segundo Castro, um porvir de felicidade ao povo cubano. Com o passar dos anos, contudo, a historiografia aponta que na propaganda política estatal a ideia de presente deixou de ser suprimida para ser progressivamente ampliada a fim de criar continuidade temporal entre o 1º de janeiro de 1959 e os demais eventos ocorridos na ilha após a derrocada de Batista. Em outras palavras, tanto a propaganda política do regime socialista quanto as falas públicas castristas passaram a considerar o 1º de janeiro de 1959 como a “fundação” do presente. Por esta razão, as recorrentes menções de Castro à cronologia da Revolução Cubana, conforme exposto no início deste capítulo, podem ser entendidas como uma maneira de oferecer concretude a um passar do tempo que de 1959 em diante não admitiu rupturas, quebras e descontinuidades temporais.

Esta ideia de presente “dilatado” observada na política cubana foi percebida por diferentes intelectuais que se debruçaram sobre a função social dos discursos de Fidel Castro. Atentando para as relações entre tempo e utopia, Corrarelo afirmou que a oratória castrista operava por meio da divisão “antes” e “depois” da Revolução, criando assim uma concepção de presente que representava a ordem política fundada em 1959 como um “espaço/tempo metahistórico sem opressores e oprimidos”; diferentemente do passado, representado como sinônimo de repressão e autoritarismo, quando fazendo referência ao regime de Batista e aos inimigos dos guerrilheiros, ou como um tempo “prometido” no qual uma sociedade igualitária começaria a ser construída através da ação transformadora dos revolucionários sobre a realidade político-social da ilha. A autora também identificou nos pronunciamentos do *comandante* a construção do que chamou de “futuro antecipado” ou “presente antecipatório”¹⁸⁶, que consiste no uso racional do tempo tendo em vista a realização das expectativas do “agora” no porvir. Entre outras manifestações, tal ideia pode ser averiguada na criação do lema *Patria o muerte. ¡Venceremos!*, que reserva ao futuro uma vitória prevista no momento em que Fidel Castro e a plateia entoam juntos aquela que se transformou numa das principais expressões empregadas ao fim de seus discursos, empregada com o intuito de animar o público e dotá-lo de otimismo. Tal forma de conceber o tempo foi resumida pela autora da seguinte forma:

¹⁸⁶ CORRARELLO, Ana. **Fidel Castro**. De la etapa fundacional al proyecto socialista soviético, op. cit., p. 108, 219.

Un tiempo retrospectivo en tensión con un tiempo de anticipación regulan el aparato enunciativo castrista dando lugar a la construcción de un presente que articula el “antes” y el “después” revolucionario. Un “antes” y un “después” que exigen una actualizada explicación por parte del enunciador político. La finalidad es la comprensión del destinatario [...] La organización binaria del tiempo revolucionario permite la constatación de los hechos revolucionarios y da forma a un esquema anticipatorio que valoriza las acciones del futuro sobre la posible pérdida de los logros del presente, como también por la amenaza de volver al pasado oscuro de la tiranía de Batista¹⁸⁷.

Além da linguista Ana Corraello, o historiador Giliard Prado também realizou apontamentos pertinentes acerca da sobreposição das temporalidades históricas, e mais especificamente sobre a construção da ideia de presente “dilatado” nos discursos de Fidel Castro, como se pode averiguar no excerto reproduzido a seguir:

Importantes para a construção de significados em torno da experiência revolucionária, as referências ao passado – fosse ele objeto de enaltecimento ou de execração – no discurso oficial cubano estiveram relacionadas fundamentalmente ao período pré-revolucionário. Isto porque discursar acerca da Revolução Cubana significou abordá-la como um fenômeno inscrito em um eterno tempo presente, uma “Revolução inconclusa”, cujo caráter processual estava relacionado à necessidade de construção do socialismo e ao cumprimento de uma teleologia histórica que levaria ao comunismo. Essa ideia de um “processo revolucionário” ou de uma “Revolução inconclusa” ganhou força no discurso oficial a partir de 1961, ano em que Revolução Cubana conheceu sua primeira e mais significativa metamorfose ideológica, declarando o seu caráter socialista e, em seguida, adotando o marxismo-leninismo como ideologia oficial.¹⁸⁸

Acrescentando outro ponto de vista às perspectivas de Ana Corraello e Giliard Prado, e chamando a atenção para uma dimensão positiva do passado no discurso oficial, o antropólogo João Gonçalves enfatizou em sua análise sobre as relações entre revolução e nacionalismo em Cuba os diferentes significados adquiridos pelas temporalidades históricas construídos pelo regime socialista insular.

O que o discurso oficial sobre a “Revolução” enfatiza e glorifica não é o *têlos* de um futuro mais ou menos distante, mas a presença contínua de um passado de lutas e injustiças, uma conexão íntima entre lutas e heróis do passado e lutas e heróis do presente. [...] Seu foco principal é o passado – que nunca é totalmente passado, pois está sempre presente [...] Várias técnicas discursivas e visuais estabelecem essa conexão e

¹⁸⁷ Idem, p. 219-221.

¹⁸⁸ PRADO, Giliard. **A construção da memória da Revolução Cubana**, op. cit., p. 283.

compõem um verdadeiro monopólio da narrativa pública sobre o independentismo cubano, que só pode ser narrado publicamente como antecessor e legitimador da luta armada da década de 1950 e, por conseguinte, do governo cubano atual¹⁸⁹.

A partir da análise das fontes, realizadas também por intelectuais oriundos de diferentes áreas das ciências humanas, é possível extrair algumas conclusões relativas aos usos políticos da tríade passado-presente-futuro, em particular do que chamamos aqui de “presente dilatado”. De forma ampla, destacamos a habilidade de Fidel Castro para mobilizar as temporalidades históricas de acordo com as especificidades de cada contexto e plateia. De forma específica, nota-se que em sua produção discursiva as temporalidades não se mantiveram estanques, mas mudaram de significado segundo a conveniência que apresentavam à defesa do regime socialista insular. Em razão desta adaptabilidade, chama a atenção o protagonismo do presente em suas reflexões sobre o passado e o futuro. Tal centralidade explica como a referida sobreposição de temporalidades conferiu diferentes significados ao presente, entendido tanto como resultado negativo das mazelas criadas no passado quanto herança do anticolonialismo simbolizado pelas guerras independentistas movidas contra os espanhóis. Em síntese, a ideia de presente se mostrou elástica a ponto de, “suprimida” ou “dilatada”, conforme analisado anteriormente, compor a base das interpretações realizadas por Fidel Castro sobre o tempo. Após analisarmos as funções das temporalidades para fins de legitimação da Revolução Cubana, com destaque para a memória da guerrilha, a seguir analisaremos como a lembrança das “armas” impactou outras dimensões nos sucessivos tempos presentes após 1º de janeiro de 1959.

2.2. Das *calendas* gregas às cubanas: a “aceleração” guerrilheira do tempo

Na Roma Antiga, a palavra *calendas* designava, inicialmente, o primeiro dia de cada mês, tornando-se, posteriormente, a base do próprio conceito de calendário enquanto mecanismo racional de organização do tempo humano¹⁹⁰. Em paralelo, ao fazerem menção aos gregos, que não usavam o termo em sua contagem de tempo, os romanos passaram a utilizar a expressão *ad calendas græcas* para se referirem ao adiamento de uma solução para o futuro, uma data que, na prática, nunca existiria. Como um tempo

¹⁸⁹ GONÇALVES, João Felipe. Revolução, voltas e reveses. Temporalidade e poder em Cuba. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 32, 2017, p. 5.

¹⁹⁰ Para uma explicação mítica e etimológica dos primeiros meses do calendário juliano consultar OVÍDIO. **Fastos/Fasti**. Ed. bilíngue: português/latim. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

imaginado e, de certa forma, inatingível, a ideia subjacente às *calendas* gregas parece resumir, em termos metafóricos, o que acabou se tornando uma das principais questões enfrentadas pelas utopias¹⁹¹ do mundo contemporâneo, sendo uma de suas expressões a atuação de grupos político-ideológicos inspirados no comunismo concebido no século XIX pelo filósofo alemão Karl Marx¹⁹². A tese de que para acabar com as injustiças sociais e econômicas da ordem burguesa criada pela Revolução Francesa haveria a necessidade urgente de construir um novo mundo sobre os escombros do capitalismo e de sua classe dominante, no qual o proletariado tomaria o poder em suas mãos, acabou se disseminando como um rastilho de pólvora mundo afora no século XX, povoando o imaginário de inúmeras gerações de militantes anarquistas, socialistas e comunistas que nos mais variados continentes decidiram se integrar aos diferentes tipos de movimentos insurgentes dedicados a colocar fim ao capitalismo e suas injustiças.

Se o século XIX ficou marcado pelas revoluções burguesas que visavam extinguir o absolutismo régio, então chamado de “antigo regime”, o século XX veria surgir, em grande número, as revoluções de caráter socialista, voltadas à construção de uma nova ordem política baseada na propriedade coletiva dos meios de produção, conforme apontou Emília Viotti da Costa¹⁹³. A partir da Revolução Russa, em 1917, e da formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), pouco tempo depois, a utopia da revolução comunista mostrou-se particularmente operativa em um século que se caracterizou, entre outras coisas, por constantes e violentos choques entre ideologias políticas como capitalismo, socialismo e nazifascismo. Não somente antes, como também durante a Guerra Fria, quando ocorria, em paralelo, o processo de descolonização de grande parte dos continentes africano e asiático, intensificado após o término da II Guerra Mundial, em 1945, o “breve século XX”¹⁹⁴ viu o “fantasma” da revolução comunista ganhar força, rondando não apenas a Europa, mas o mundo. No campo das esquerdas, ao longo dos novecentos as vertentes políticas oriundas do chamado socialismo científico criado por Karl Marx, bem como de outras matrizes ideológicas defensoras do proletariado, a

¹⁹¹ Para uma análise histórica e conceitual de utopia ver SZACKI, Jerzi. **As Utopias ou a Felicidade Imaginada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972; CLAEYS, Gregory. **Utopia: a história de uma ideia**. São Paulo: Edições SESC-SP, 2013, p. 140-149.

¹⁹² MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007; Idem. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

¹⁹³ COSTA, Emília Viotti da. “Apresentação da coleção”. In: AYERBE, Luís Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 5.

¹⁹⁴ HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**. O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

exemplo do anarquismo¹⁹⁵, propuseram distintos caminhos para a luta de classes no âmbito do capitalismo, assim como estratégias políticas que visavam desencadear os processos revolucionários responsáveis pelo fim do poder da classe burguesa.

Tendo em vista a realidade político-social do continente americano na segunda metade do século XX, chama a atenção as transformações ocorridas em Cuba a partir de 1959, quando ali triunfou uma revolução de viés nacionalista que pouco tempo depois, em 16 de abril de 1961, aderiu ao socialismo como doutrina estatal. Neste sentido, Cuba adquiriu um papel de extrema importância na geopolítica e nas relações internacionais ao se autodeclarar o primeiro país socialista das Américas, anúncio realizado pelo então primeiro ministro Fidel Castro, em Havana, poucas horas antes do início da batalha de *Playa Girón*. A adesão do novo governo da ilha caribenha à ideologia comunista, bem como as consequências geopolíticas desta atitude, acabou inserindo um novo ingrediente à já tensa Guerra Fria, conflito militar-ideológico que opôs EUA e URSS por quase cinco décadas, até a desintegração do bloco oriental liderado por Moscou, ocorrida em 1991. A fim de legitimar as transformações ideológicas observadas na “maior das Antilhas” após 1959 e, sobretudo, após 1961, as primeiras e principais medidas colocadas em prática pelo governo formado por grupos insurrecionais que haviam organizado a resistência ao regime ditatorial de Fulgêncio Batista, com destaque para o jovem Fidel Castro, líder do M 26-7, visavam sepultar o que julgavam ser o domínio neocolonialista levado a cabo até aquele momento pelos EUA, a maior das potências capitalistas, localizada a poucos quilômetros de distância do território insular.

É consenso entre os historiadores que a inserção do socialismo como doutrina oficial do Estado em Cuba acrescentou ao ideário revolucionário novas estratégias de legitimação política¹⁹⁶. A partir de abril de 1961, portanto, não estava mais em questão apenas a defesa do nacionalismo que caracterizou a atuação política de Fidel Castro e do M 26-7 até aquele momento, assim como a de outros setores reformistas durante a etapa insurrecional e nos primeiros anos após a deposição de Fulgêncio Batista do poder, quando se formou na ilha uma espécie de governo de coalisão que congregava diferentes correntes político-ideológicas oriundas da antiga oposição à ditadura iniciada pelo golpe de Estado ocorrido em 1952. Paralelamente, e em muitas ocasiões se misturando ao próprio nacionalismo cubano, as alusões de Fidel Castro ao socialismo passaram a ocupar um lugar de destaque da arena política insular, servindo como estratégia de legitimação

¹⁹⁵ PRÉPOSIET, Jean. **História do anarquismo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

¹⁹⁶ ROJAS, Rafael. **La máquina del olvido**, op. cit., p. 135-154.

do “novo” regime frente ao “antigo”. Retoricamente, a defesa feita pelo mandatário do processo revolucionário ocorrido em Cuba passou a recorrer aos supostos avanços (tais como econômico, político, educacional, social etc.) que a implementação do sistema socialista traria para a efetivação das transformações que a sociedade cubana almejava, as quais o estadista-guerrilheiro julgava ter sintetizado no discurso que elaborou para se defender da acusação de mandante do assalto ao quartel *Moncada*, ocorrido em 26 de julho de 1953, em Santiago, conhecido como *A historia me absolverá*¹⁹⁷.

A inclusão do socialismo na propaganda ideológica governamental não impactou apenas o cenário político cubano. Externamente, sobretudo no que diz respeito às relações da ilha com a América Latina¹⁹⁸, difundiu-se entre as esquerdas da região o entusiasmo em torno do “inovador” método guerrilheiro cubano voltado à tomada do poder, o qual ganharia adeptos que começariam a tentar implementar tal estratégia em seus respectivos países. Nas décadas de 1960 e 1970, ganhou força entre estes movimentos a tese de que, a exemplo de Cuba, a implementação do socialismo aconteceria por força das armas¹⁹⁹, ideia defendida por Fidel Castro e pelo alto escalão estatal-partidário que visavam “exportar” o modelo revolucionário insular para outros lugares. Nos termos propostos pelo governo cubano naquele contexto histórico, marcado pelo sucesso interno da luta armada sobre o regime de Fulgêncio Batista, a guerrilha teria o poder de acelerar o acesso das classes exploradas ao Estado, garantido assim que a resolução dos problemas sociais enfrentados pelos povos latino-americanos não fosse protelada, como interessaria às burguesias nacionais que haviam estabelecido uma aliança econômica com os EUA e sua ordem capitalista²⁰⁰. Portanto, para Fidel Castro e o seu governo a guerrilha seria um

¹⁹⁷ Após 1959, este discurso conheceu inúmeras publicações dentro de Cuba. Para uma edição comentada ver CASTRO, Fidel. **La historia me absolverá**. Edición anotada. Edición y notas de Pedro Álvarez Tabío y Guillermo Alonso Fiel. Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 1993.

¹⁹⁸ Segundo Corraello, após 1959 as relações políticas entre Cuba e os países da América Latina revelaram tensões entre as ideias de integração e revolução, podendo ser divididas em três etapas. Na primeira (1959-1964), o governo insular justificou a integração latino-americana com base na opressão do colonialismo europeu e do imperialismo dos EUA que tanto Cuba quanto o restante do continente teriam sido vítimas, motivando a tese de que a ilha seria uma parte “natural” da região e, por isso, compartilharia um “destino” comum com os latino-americanos. Na segunda etapa (1964-1986), o governo cubano submeteu a ideia de integração latino-americana ao êxito dos processos revolucionários no continente, propondo que somente a revolução traria a integração. Na terceira etapa (1986 em diante), as relações políticas de Cuba com a América Latina voltaram ao patamar inicial, com a ideia de integração se sobrepondo novamente à de revolução, em meio ao cenário de crise atravessado pela ilha após a dissolução da URSS. CORRARELLO, Ana. **Fidel Castro**. De la etapa fundacional al proyecto socialista soviético, op. cit., p. 267-293.

¹⁹⁹ Para uma análise do tema a partir da realidade brasileira durante o regime militar ver DENISE, Rollemberg. **O apoio à luta armada no Brasil**: o treinamento guerrilheiro. Rio de Janeiro: MAUAD, 2001.

²⁰⁰ Nas décadas de 1960 e 1970, Cuba manteve estreitas relações com os movimentos revolucionários latino-americanos, pregando abertamente que utilizassem a luta armada para a tomada do poder. Na “Declaração de Santiago de Cuba”, realizada em 26 de julho de 1964, Fidel Castro defendeu o direito de Cuba apoiar as guerrilhas contra os países que de alguma forma contribuíam para isolar e desestabilizar a

método insurrecional que, caso adotado em outras realidades sociais, sobretudo nos países latino-americanos colonizados por europeus, faria a marcha da história “andar” depressa, conduzindo tais povos mais rapidamente à tão sonhada libertação.

Diante da postura dos partidos comunistas alinhados às diretrizes de Moscou, que advogavam a coexistência pacífica com o capitalismo²⁰¹, a luta armada praticada contra o regime batistiano e defendida pelo governo de Cuba após 1959 se revelou uma inovação política²⁰² para os revolucionários que buscavam “antecipar” o futuro para o “agora”, perspectiva que Corraello chamou de “futuro antecipado” ou “presente antecipatório”²⁰³. Frente à tese sustentada pelos partidos comunistas sob a órbita da URSS, a Revolução Cubana inovou não somente ao defender a luta armada como forma de conquistar o poder, mas também, do ponto de vista temporal, como modo de conferir previsibilidade a um futuro que obedeceria a intencionalidade forjada no presente. Entendida como uma ação política com efeito imediato sobre a realidade, a guerrilha passou a ser divulgada pelo regime insular, e ecoada por uma série de organizações revolucionárias nos anos 1960 e 1970, como a única estratégia capaz de derrotar o imperialismo que explorava os países pobres, afastando assim qualquer possibilidade de convivência ou aliança temporária com as burguesias nacionais e internacionais. A partir da experiência cubana, a própria ideia de que a classe operária lideraria os processos revolucionários anticapitalistas entrou em cheque, posto que a associação entre revolta armada e revolução²⁰⁴ se encontra na base do *foquismo* formulado por Ernesto “Che” Guevara, segundo o qual a ação voluntarista dos revolucionários seria o suficiente para a instalação de focos de resistência armada.

Sobre este aspecto, Michael Löwy ofereceu o seguinte ponto de vista:

Bajo la influencia de la obra y del ejemplo del Che, los discursos y escritos de Fidel Castro, los documentos programáticos del liderazgo cubano –la Primera y la Segunda Declaraciones de La Habana (1960 y 1962)– y, sobre todo, el ejemplo concreto de la propia Revolución Cubana, una nueva corriente revolucionaria en América Latina: el castrismo (o guevarismo). Una de las características más fundamentales

Revolução. Cf. GUERRA, Sergio; MALDONADO, Alejo. **Historia de la Revolución Cubana**, op. cit., p. 124-125.

²⁰¹ DE DECCA, Edgar. **1930. O silêncio dos vencidos**. Memória, história e revolução. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, p. 21.

²⁰² Para uma análise panorâmica dos movimentos guerrilheiros ao longo da história ver BONNET, Gabriel. **Guerrilhas e Revoluções**, op. cit.; Idem. **Guerras insurrecionais e revolucionárias**, op. cit.; POMEROY, William. **Guerrillas y contraguerrillas**, op. cit.; TABER, Robert. **La guerra de la pulga**, op. cit.; VISACRO, Alessandro. **Guerra irregular**, op. cit.

²⁰³ CORRARELLO, Ana. **Fidel Castro**. De la etapa fundacional al proyecto socialista soviético, op. cit., p. 108, 219.

²⁰⁴ DE DECCA, Edgar. **1930. O silêncio dos vencidos**, op. cit., p. 21-23.

de la interpretación del marxismo de esta corriente es cierto “voluntarismo revolucionario”, político y ético, en oposición a todo determinismo pasivo y fatalista²⁰⁵.

Na perspectiva “voluntarista”²⁰⁶ defendida pelo governo de Castro, pegar em armas seria a forma mais adequada de se rebelar contra as classes exploradoras nacionais e estrangeiras, consistindo no modelo de insurreição que o estadista jugava ser capaz de iniciar uma onda revolucionária que se espalharia por povos e continentes espoliados pelo capitalismo. Entre o triunfo revolucionário em Cuba, em janeiro de 1959, até pouco tempo após a morte de “Che” Guevara na Bolívia, em outubro de 1967, a tese da “guerra de guerrilhas”²⁰⁷ alimentou e renovou as esperanças de que a revolução não ficaria para um futuro indeterminado, isto é, para as *calendas* gregas. No contexto histórico caracterizado pela ascensão de ditaduras militares na América Latina, via de regra apoiadas pelo governo dos EUA, a concepção revolucionária baseada em levantes armados entrou definitivamente para os imaginários nacionais da região, permeando grande parte das estratégias políticas das esquerdas, seja para apoiar seja para discordar ou mesmo negar a viabilidade do modelo cubano de insurgência. Neste sentido, estamos de acordo com a interpretação realizada por Michael Löwy, para quem a Revolução Cubana representou uma profunda transformação na história das ideias marxistas na América Latina, assim como na história do continente americano, não apenas pelo radicalismo das medidas de cunho social colocadas em prática logo após 1959, mas também pelo método empregado pelo grupo liderado por Fidel Castro para chegar ao poder.

Libre de los esquemas etapistas paralizantes del PSP, el liderazgo castrista no le tuvo miedo a tomar medidas anticapitalistas. Por tanto, no fue por azar que la primera revolución socialista de América fue hecha bajo el liderazgo de revolucionarios ajenos al molde ideológico del comunismo *stalinista*, con su concepción evolucionista del proceso histórico y su interpretación economicista del marxismo. [...] La Revolución Cubana subvirtió claramente la problemática tradicional de la corriente marxista hasta entonces hegemónica en América Latina. Por un lado, demostró que la lucha armada podía ser una manera eficaz de destruir un poder dictatorial y pro-imperialista y abrir camino hacia el socialismo. Por otro lado, demostró la posibilidad objetiva de una revolución combinando tareas democráticas y socialistas en un proceso revolucionario ininterrumpido. Esas lecciones, en nítida contradicción con la orientación de los partidos comunistas, obviamente estimularon el surgimiento de corrientes marxistas inspiradas en el ejemplo cubano.

²⁰⁵ LÖWY, Michael. **El marxismo en América Latina**. Santiago: LOM, 2007, p. 48-49.

²⁰⁶ CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**, op. cit., p. 61.

²⁰⁷ GUEVARA, Ernesto. **A guerra de guerrilhas**. 3ª edição. São Paulo: Edições Populares, 1982.

La principal limitación de la experiencia cubana, que se volvió evidente a partir de finales de los años 60, fue la estructura autoritaria del poder revolucionario, la ausencia del pluralismo político, de libertad de expresión y de formas de control democrático de la población sobre las instancias políticas (salvo a nivel local)²⁰⁸.

Além das questões relativas ao campo prático e teórico do marxismo, dimensões exploradas por Löwy, outros trabalhos contextualizaram o papel de Cuba na luta armada a partir de aspectos que ultrapassam o debate envolvendo as divergências com os partidos comunistas sob a órbita soviética, influenciados pela tese da coexistência pacífica com o capitalismo representado pelos EUA. Ao analisar as estratégias utilizadas pelas esquerdas latino-americanas a fim de conquistarem o poder, Jorge Castañeda defendeu que entre o triunfo da Revolução Cubana e a derrota eleitoral dos sandinistas na Nicarágua (1959-1990) a luta armada mostrou-se uma opção viável para os revolucionários da região.

Fidel Castro e os cubanos não inventaram a luta armada na América Latina e no Caribe. Havia na região uma longa tradição de recurso às armas, que remonta ao século XIX e se prolonga até a véspera da Revolução Cubana [...] Fidel e seu 26 de Julio tinham muitos antepassados. Mas os cubanos redefiniram uma tradição e converteram-na em política de Estado e de partido. Sem tradição, a tentativa deliberada de estender a luta armada aos lugares mais recônditos teria sido arrasada por completo (em todo caso, não é que tenha sido exatamente um êxito). Se não fosse por uma política patrocinada pelo Estado, a tradição teria ficado apenas nisso: uma lembrança e um incômodo.²⁰⁹

Logo a seguir, fechando seu raciocínio, Castañeda fez a seguinte ponderação:

[...] o argumento dominante da estratégia cubana nos anos 1960 [...] postulava que a revolução continental e socialista só poderia ser levada a cabo e resultar vitoriosa por meio de uma *luta armada*, em oposição às “vias pacíficas” tradicionais que a esquerda havia previamente defendido, sobretudo os partidos comunistas [...] Na verdade, com o tempo converteu-se na premissa estratégica que permitiu conservar a pureza revolucionária em grupos que nunca adotaram outras propostas fundamentais (o M-19 da Colômbia ou os Montoneros da Argentina, por exemplo). Esta é o ponto crucial da controvérsia que colocou, de um lado, Cuba e, de outro, as organizações comunistas latino-americanas e também a União Soviética.²¹⁰

²⁰⁸ LÖWY, Michael. **El marxismo en America Latina**, op. cit., p. 46-47.

²⁰⁹ CASTAÑEDA, Jorge. **Utopia desarmada**. Intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 69.

²¹⁰ Idem, p. 71

Segundo Daniel Pereyra, a luta armada como linguagem política esteve presente na história da América Latina desde o início da colonização até a formação dos estados nacionais, conformando uma longa tradição de resistência cívica. Assim, a Revolução Cubana não deveria ser entendida como a única fonte de inspiração das guerrilhas surgidas nesta região após 1959. Neste sentido, a ascensão da luta armada na América Latina não seria apenas uma “aplicação” ou uma “cópia” do modelo insurgente praticado em Cuba contra Fulgêncio Batista, mas uma proposta que dialoga diretamente com a história de violência que caracterizou o continente desde a chegada dos europeus e a consolidação do processo colonizador. Para além da influência da Revolução Cubana sobre os diferentes grupos que optaram pela guerrilha, segundo Pereyra a luta armada deve ser compreendida como uma resposta “autóctone” desses grupos diante da violência praticada por regimes autoritários impostos durante a Guerra Fria em cooperação com o governo dos EUA. Fruto de múltiplos fatores “internos” de cada país latino-americano, e não um mero reflexo das ideias castristas ou guevaristas, o autor entende que as guerrilhas foram potencializadas, e não exatamente “criadas”, pela Revolução Cubana; que de 1959 em diante passou a ser divulgada, dentro e fora da ilha, como um exemplo vitorioso de conquista do poder pelas armas, visão sintetizada no *foquismo* colocado em prática por “Che” Guevara na Bolívia até a sua morte, em outubro de 1967²¹¹.

Ao defender a luta armada como estratégia capaz de solucionar as mazelas sociais enfrentadas por Cuba e demais países da América Latina, em diversos momentos Fidel Castro pareceu obstinado pela ideia de “acelerar” o tempo com o objetivo de efetivar tais transformações. Para ele, o 1º de janeiro de 1959 representava a esperança de derrotar o capitalismo no continente americano num curto espaço de tempo, podendo influenciar os destinos dos demais países pobres mundo afora. Segundo Castro, era chegada a hora de superar o passado colonial compartilhado pelos latino-americanos, assim como enfrentar o presente marcado pelo imperialismo dos EUA sobre a região. Em outras palavras, Castro instigou e, na mesma medida, acreditou estar presenciando o início do processo de libertação dos povos explorados, propondo para isso que pegassem em armas de forma simultânea e unida a fim de colocar termo aos males sociais que assolavam os países subdesenvolvidos até a segunda metade do século XX. Portanto, nada nem ninguém podia adiar a conquista da liberdade para um futuro indeterminado, o que equivaleria a detê-la. A exemplo de Cuba, as revoluções latino-americanas não podiam ficar para as *calendas*

²¹¹ PEREYRA, Daniel. **Del Moncada a Chiapas**. Historia de la lucha armada en América Latina. Buenos Aires: RyR, 2011, p. 37, 42, 55.

gregas, entendidas como um tempo que nunca acontece. E para evitar tal protelação o guerrilheiro-estadista propôs o que chamamos aqui de *calendas* cubanas, isto é, a ideia de “aceleração” do tempo histórico fruto da adesão à luta armada. Em suma, a revolução não podia mais esperar, deveria acontecer de forma imediata.

A partir de agora investigaremos como a ideia de “aceleração” do tempo histórico a partir da luta armada se formou, se fortaleceu e se justificou nos discursos feitos por Fidel Castro durante os anos 1960²¹², período em que os guerrilheiros julgavam construir um mundo inteiramente “novo” em substituição ao “antigo”. Em fala pública proferida nas escadarias da universidade de Havana, no dia 13 de março de 1961, como parte das comemorações oficiais em memória ao assalto ao palácio presidencial pelo Diretório Revolucionário, ocorrido em 1957, o mandatário fez uma de suas primeiras menções explícitas ao tema. Ao discorrer sobre o recente desempenho da economia local, afirmou que Cuba se encontrava no caminho certo para a superação da monocultura da cana-de-açúcar herdada da colonização espanhola. A fim de reafirmar a luta armada como o único caminho para a superação da miséria, disse ainda que em apenas dois anos seu governo oferecia à América Latina o que o então presidente dos EUA, John Kennedy, deixava para as *calendas* gregas²¹³, isto é, para um futuro incerto. Segundo ele, em pouco tempo a Revolução teria conseguido beneficiar a maioria do povo cubano, bem como dos latino-americanos, ao contrário do programa econômico dos EUA, batizado de “Aliança para o Progresso”, vigente entre 1961 e 1970. Em síntese, a ideia de “andar para frente”, e de forma rápida, usando a luta armada para tanto, teria o poder de corrigir as desigualdades socioeconômicas acumuladas ao longo da história.

Em 15 de janeiro de 1963, durante a cerimônia de encerramento do *Congreso de Mujeres de toda America*, realizado em Havana, no antigo teatro *Charles Chaplin*, posteriormente rebatizado de *Karl Marx*, Fidel Castro dedicou atenção ao que imaginava ser o futuro próximo do continente, tendo em vista a composição de sua plateia. Nesta oportunidade, atribuiu às “falsas interpretações da história” a criação de um clima de “conformismo” e “resignação” que beneficiava os interesses norte-americanos na região,

²¹² Período em que grande parte dos historiadores identificou a ocorrência das principais transformações colocadas em prática pela Revolução Cubana. Cf. MCCAUGHAN, Edward. **Reiventando la Revolución**, op. cit., p. 48; CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**, op. cit., p. 54, PÉREZ-STABLE, Marifeli. **La revolución cubana**, op. cit., p. 209; ROJAS, Rafael. **La máquina del olvido**, op. cit., p. 53.

²¹³ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de recordación a los mártires del asalto al palacio presidencial el 13 de marzo de 1957, celebrado en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 13 de marzo de 1961**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f130361e.html>>. Acesso em: 15 set. 2021.

frisando que o início dos processos revolucionários nos países herdeiros do colonialismo europeu e do imperialismo dos EUA não podia ficar para as *calendas gregas*²¹⁴. Ao insistir na ideia de que a história não deveria ser falseada, sem esclarecer o que queria dizer com isso, bem como que a história deveria servir para construir as condições subjetivas que efetivassem revoluções sociais protagonizadas pelos povos explorados, Castro sustentou que tais condições não seriam criadas “diciendo que en Cuba hubo un beatífico tránsito pacífico”²¹⁵, em referência ao método da luta armada que possibilitou a tomada do poder pelos guerrilheiros de *Sierra Maestra*. Segundo o estadista-guerrilheiro, a maneira mais rápida de realizar uma revolução na América Latina, e não a postergar *ad aeternum*, seria seguir o exemplo de sucesso fornecido pelos combatentes do M 26-7 que recorreram às armas com o objetivo de derrotar a ditadura de Fulgêncio Batista, e não aos métodos e às instâncias institucionais da política dita tradicional.

Pouco tempo depois, em pronunciamento realizado no dia 26 de julho de 1963, na Praça da Revolução de Havana, por ocasião do décimo aniversário do assalto ao quartel *Moncada*, Fidel Castro referiu-se mais uma vez às *calendas gregas* para expressar suas ideias acerca da importância e da viabilidade da luta armada no contexto histórico que a América Latina atravessava. Ao refletir sobre a existência do que chamou de “condições pré-revolucionárias” no continente, o líder cubano resumiu da seguinte forma a estratégia que deveria ser adotada pelos movimentos insurgentes da região:

[...] el deber de los revolucionarios no consiste solo en aprender y conocer y sentir la convicción de una concepción de la vida, y de la historia y de la sociedad revolucionaria, sino también en la concepción de un camino, de una táctica, de una estrategia que lo conduzca al triunfo de esas ideas (EXCLAMACIONES DE: “¡Fidel, Fidel!”).

Ese es el deber de los revolucionarios, y no esperar hasta las calendas griegas para ver si los caminos se abren solos, o si por obra de milagro los regímenes explotadores desaparecen.

Y el deber de los revolucionarios, sobre todo en este instante, es saber percibir, saber captar los cambios de correlación de fuerzas que han tenido lugar en el mundo, y comprender que ese cambio facilita la lucha de los pueblos. El deber de los revolucionarios, de los revolucionarios latinoamericanos, no está en esperar que el cambio de correlación de fuerzas produzca el milagro de las revoluciones sociales en América Latina (APLAUSOS), sino aprovechar cabalmente todo lo que favorece al movimiento revolucionario ese cambio de correlación

²¹⁴ CASTRO, Fidel. **Fidel Castro y la historia como ciencia**. Selección temática 1959-2003. Tomo I. Havana: Centro de Estudios Martianos, 2007, p. 178.

²¹⁵ *Ibidem*.

de fuerzas, ¡y hacer las revoluciones! (APLAUSOS) Esa es una cuestión demasiado clara y demasiado evidente²¹⁶.

No trecho acima citado nota-se que Fidel Castro enfatizou a luta armada como a única estratégia eficaz para a realização das revoluções que, segundo ele, a América Latina necessitava realizar para superar seus problemas sociais. Como forma de efetivar seus ideais, os revolucionários latino-americanos deveriam adotar a tática da guerrilha a fim de construir sociedades baseadas em princípios comunistas. No começo dos anos 1960, pouco mais de dois anos após a adesão ao socialismo, o governo cubano colocava-se na cena pública como exemplo exitoso de sublevação organizada a partir de setores populares, com destaque para o campesinato, que através da guerrilha efetivaram um processo revolucionário o qual o discurso oficial julgava ser possível replicar em nações pobres e exploradas da América, África e Ásia²¹⁷. Neste contexto, a propaganda política vocalizada por Fidel Castro associou o sucesso de uma revolução ao uso da luta armada pelos povos espoliados em busca de liberdade, tática que também se mostraria o caminho mais rápido para derrotar o capitalismo e assim fundar um mundo “novo” e “justo”. Não apenas para a realidade da ilha, mas também para outras realidades, o regime cubano advogava a tese de que a adesão às armas pelos movimentos de esquerda evitaria que a superação da miséria em seus respectivos países ficasse para as *calendas* gregas, isto é, se tornasse uma promessa irrealizável caso a atuação desses grupos não se baseasse no modelo revolucionário inspirado nos guerrilheiros de *Sierra Maestra*.

Castro insistia na necessidade de os revolucionários “apressarem” o passo para realizar a revolução o quanto antes, sem esperarem que o capitalismo fosse implodido por suas contradições internas. Inspirado na experiência cubana, o caminho para derrotar a “velha” ordem capitalista e construir o “novo” mundo comunista pressupunha por parte dos revolucionários uma ruptura com os dogmas defendidos pelos partidos comunistas

²¹⁶ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba y Primer Secretario General del PURSC, en la conmemoración del X aniversario del 26 de julio, celebrada en la Plaza de la Revolución, el 26 de julio de 1963.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f260763e.html>>. Acesso em: 15 set. 2021.

²¹⁷ Neste sentido, destaca-se a participação do governo cubano na 1ª Conferência Tricontinental dos Povos da África, Ásia, e América Latina, realizada em Havana, entre os dias 3 e 15 de janeiro de 1966, e na fundação da Organização de Solidariedade dos Povos da África, Ásia, e América Latina (OSPAAAL). Para uma análise da propaganda político-ideológica criada pelo regime socialista insular ver GENEROSO, Lídia Abreu. **“O povo colonizado não está sozinho”**: Terceiro Mundo, anti-imperialismo e revolução nas páginas da revista Tricontinental (1967-1976). Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

sob a influencia soviética, conforme a análise de Michael Löwy citada anteriormente²¹⁸. A mudança na “correlação de forças” mencionada pelo estadista significava que, segundo ele, a luta armada como fator desencadeador do processo revolucionário necessitava ser colocada em marcha com a rapidez que aquele contexto de acirramento ideológico exigia, e para isso a Revolução Cubana oferecia o seu exemplo. Ainda de acordo com Fidel, a tomada do poder pelos guerrilheiros de *Sierra Maestra* representou um ponto de inflexão na história da América Latina e da Guerra Fria, pois teria facilitado a “luta dos povos” ao inspirar os movimentos que lutavam por liberdade política e transformações econômicas no seio das sociedades em que haviam surgido. Mais do que uma ingênua sugestão de Castro aos povos explorados, o apotegma da revolução para “ontem” se transformou, indiretamente, em uma cobrança pública do estadista para que os grupos revolucionários latino-americanos iniciassem de forma imediata suas ações armadas em vez de esperarem pelas *calendas* gregas que jamais aconteceriam: o fim “natural” do capitalismo.

Três anos depois, em 26 de julho de 1966, durante as comemorações oficiais do décimo terceiro aniversário do assalto ao quartel *Moncada*, quando discursou para uma multidão reunida na Praça da Revolução, em Havana, Fidel Castro refletiu novamente sobre a necessidade de “acelerar” o tempo a fim de colocar em prática as ideias que levariam às transformações sociais almejadas pelos revolucionários.

Lo interesante de un proceso revolucionario es que en la medida que lucha, que avanza, interpretando realmente las leyes de la sociedad humana, interpretando las necesidades y los anhelos de las masas, va creando la conciencia revolucionaria.

Y esto, esta pregunta que yo les he hecho hoy, eso demuestra la justicia del planteamiento que estamos haciendo. Porque con esa frase de las condiciones objetivas y de las condiciones subjetivas, algunos esperarán por las *calendas* griegas a que venga la Revolución.

Si a mí me preguntaran cuáles son los más importantes aliados del imperialismo en América Latina, yo no diría que son los ejércitos profesionales, yo no diría que es la Infantería de Marina yanqui, yo no diría que son las oligarquías ni las clases reaccionarias, yo diría que son los pseudorrevolucionarios (APLAUSOS).

Y es que hay que acabar de saber qué es un revolucionario. Si acaso un revolucionario es simplemente aquel que se arma de una teoría revolucionaria, pero no la siente, tiene una relación mental con la teoría revolucionaria, pero no tiene una relación afectiva, no tiene una relación emocional, no tiene una actitud realmente revolucionaria, y acostumbra a ver los problemas de la teoría revolucionaria como una cosa fría, que no tiene nada que ver con las realidades²¹⁹.

²¹⁸ LÖWY, Michael. *El marxismo en América Latina*, op. cit., p. 46-49.

²¹⁹ CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario*,

No excerto discursivo acima reproduzido Fidel Castro enfatizou a ideia de que a experiência, e não apenas a assimilação da teoria socialista, seria responsável pela criação do que chamou de “consciência revolucionária”, isto é, a criação de relações “afetivas” e “emocionais” dos revolucionários com a revolução. A narrativa castrista baseada na defesa da luta armada como método legítimo de conquista do Estado apontava para Cuba como exemplo a ser seguido por outras nações pobres e exploradas, divulgando tal estratégia política como a única capaz de derrotar as estruturas de poder da ordem burguesa. Neste trecho, em particular, Castro criticou os revolucionários que segundo ele manifestavam um comportamento passivo, permanecendo à espera das condições ideais que possibilitariam o surgimento, o fortalecimento e, enfim, o êxito dos movimentos socialistas e da revolução propriamente dita. Oriunda da conjugação entre as condições objetivas e subjetivas necessárias a uma revolução, a “eterna” espera dos movimentos político-ideológicos de esquerda resultaria no constante adiamento das revoluções socialistas nos países pobres, comportamento que no entender de Fidel Castro se mostrava infrutífero no contexto histórico dos anos 1960. Suas críticas a quem chamou de “pseudo revolucionários” chegaram ao ponto de representá-los como o mais importante entrave para a realização de processos revolucionários na América Latina, descritos também como aliados involuntários do imperialismo estadunidense na região.

Ao tentar comover seus interlocutores através dos afetos, e não apenas através da racionalidade, Castro buscava definir os atributos de um verdadeiro revolucionário. Parte considerável deste perfil compunha-se da virtude de conseguir produzir as condições para que uma nova realidade social surgisse como resultado de seu engajamento político. Representativo quase que de uma essência do pensamento castrista nos anos 1960, o trecho acima reproduzido revela que para o estadista o militante socialista ideal não deveria esperar as condições “adequadas” para começar a intervir na realidade em que vivia e pensava. Ao contrário, ele é que deveria produzir as condições “adequadas” ao submeter o tempo histórico em que vivia e pensava aos seus objetivos políticos, que consistiam basicamente em realizar uma revolução capaz de construir uma sociedade comunista, forma de organização considerada o ápice da evolução humana. Entendida como uma obra humana, a revolução socialista poderia avançar ou recuar de acordo com

a ação ou inação dos militantes envolvidos nesta causa. Por esta razão, Castro sustentava ser possível fazer com que a consciência dos revolucionários sobre seus atos avançasse rapidamente, pavimentando o caminho que conduziria os povos explorados a padrões civilizatórios mais avançados. Em último caso, o próprio mandatário se compreendia e se representava como alguém que não se submetia às condições impostas pela realidade político-social, mas que a produzia através de suas ações sobre a realidade.

Em 1969, na comemoração oficial da primeira década do triunfo da Revolução Cubana, Fidel Castro iniciou seu discurso de 1º de janeiro com as seguintes palavras:

[...] comienza un año también de mucho esfuerzo, ¡comienza un año de dieciocho meses! (APLAUSOS) Porque este año tenemos que hacer la zafra de 1969 y parte de la zafra de 1970 (APLAUSOS). Tenemos que hacer, pues, dos zafras.

Y el próximo año, el próximo año tradicional, es decir: el próximo mes de diciembre, y con toda seguridad el próximo 2 de enero, posiblemente no podamos reunirnos en esta Plaza, porque un gran número de ciudadanos de este país estaremos cortando caña (APLAUSOS). Entonces el próximo Año Nuevo será posiblemente el 1ro de julio, las próximas Navidades serán más o menos entre el 1ro y el 26 de julio (APLAUSOS).

No es que nos proponamos cambiar las tradiciones, no es que renunciemos definitivamente a las épocas clásicas a las cuales se han habituado nuestros reflejos. Volveremos a los fines de año normales, volveremos a las Navidades normales, pero de ello tendrán que encargarse las máquinas. ¡Las máquinas tendrán que venir en rescate de nuestras tradiciones!²²⁰

Embora prometida em ocasiões anteriores, a cerimônia em homenagem ao décimo aniversário da vitória sobre Fulgêncio Batista não contou com um desfile militar pelas ruas de Havana, o que refletia, segundo Fidel Castro, a “simplicidade” e o “trabalho duro” da sociedade cubana em um momento de extrema importância para a economia da ilha. Na prática, os “grandes esforços” mencionados no início de seu discurso se referiam à ambiciosa colheita da cana-de-açúcar prevista para a metade do ano seguinte, 1970, chamada oficialmente de “safra dos 10 milhões”²²¹. Assim, o tal ano de 18 meses proposto pelo então primeiro ministro de Cuba seria o resultado da soma dos doze meses de 1969

²²⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, al conmemorarse el X aniversario del triunfo de la rebelión, en la Plaza de la Revolución, el 2 de enero de 1969.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f020169e.html>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

²²¹ Para uma análise dos antecedentes e das estratégias adotadas pelo governo cubano para a realização da safra de cana-de-açúcar de 1970 ver VASCONCELOS, Joana Salém. **História agrária da Revolução Cubana.** Dilemas do socialismo na periferia. São Paulo: Alameda, 2016, p. 255-330.

com o primeiro semestre do ano subsequente, totalizando o intervalo temporal no qual o governo socialista conseguiria viabilizar a produção das 10 milhões de toneladas de açúcar previstas inicialmente, a despeito das dificuldades logísticas e de outras evidências em contrário²²². De acordo com o plano vocalizado em público pelo *comandante* naquele 1º de janeiro “especial”, pois demarcava uma década do triunfo da Revolução Cubana, os resultados do que chamou de “duas safras” possibilitariam ao regime socialista insular atingir uma produtividade nunca vista na história agrária da ilha²²³, transformando tal objetivo em um assunto de Estado da mais alta relevância econômica, além de peça de propaganda política que objetivava transformar tal safra numa das maiores conquistas²²⁴ da Revolução Cubana desde o 1º de janeiro de 1959.

Para superar o dito ano tradicional, de doze meses, Castro inscreveu sua audaciosa meta açucareira em uma forma mais alongada de contabilizar o tempo, que totalizava 18 meses. Para tanto, propôs o adiamento de certas festividades cívicas e religiosas em 1969, tais como o ano novo e o Natal, incluindo as de caráter político, como o 1º de janeiro, que simbolizava o triunfo da Revolução Cubana²²⁵. Segundo sua projeção, entre janeiro de 1969 e julho de 1970 grande parte da população estaria ocupada com o corte da cana-de-açúcar nas zonas rurais do país. Prevendo que o futuro próximo de Cuba resultaria do programa econômico implementado pelo Estado no presente, sua fala pública subverteu o calendário gregoriano ao adiar em seis meses a realização do *réveillon* de 1970, que

²²² Segundo Vasconcelos, em diferentes momentos Fidel Castro foi alertado por economistas e especialistas de que a safra de cana-de-açúcar de 1970 estipulava uma cifra inviável diante da capacidade produtiva de Cuba. VASCONCELOS, Joana Salém. **História agrária da Revolução Cubana**, op. cit., p. 324.

²²³ Para uma análise da produção de açúcar em Cuba durante os períodos colonial e republicano ver LE RIVEREND, Julio. **Historia económica de Cuba**. Havana: Ciencias Sociales, 1985. Para um exame da “concepção agrícola-açucareira” vigente em Cuba entre 1964 e 1975 ver LEÓN, Arnaldo Silva. “La Revolución en el poder (1959-1995)”. In: CIVEIRA, Francisca López; VEJA, Oscar Loyola; LEÓN, Arnaldo Silva (orgs.). **Cuba y su historia**. Havana: Gente Nueva, 1998, p. 260-262.

²²⁴ Em 1963, diante do fracasso do projeto estatal de industrialização, o governo revolucionário decidiu retomar e, logo a seguir, intensificar a produção de açúcar como forma de aumentar a capacidade de importação da ilha. A partir desta reorientação econômica, o papel do açúcar, que até aquele momento simbolizava uma herança da colonização e o atraso econômico insular, acabou sendo redimensionado. Em janeiro de 1964, Cuba e URSS assinaram o primeiro tratado econômico de longo prazo, extensivo até 1970, o qual estabelecia preços estáveis para o produto além de ampliar o acesso ao mercado soviético, o que motivou o alto escalão estatal cubano a incrementar a política açucareira como forma de conseguir mais divisas num curto espaço de tempo. GUERRA, Sérgio, MALDONADO Alejo. **Historia de la Revolución Cubana**, op. cit., p. 117-118; CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**, op. cit., p. 61.

²²⁵ Sobre os usos político-ideológicos do tempo por Fidel Castro, algumas leituras críticas de intelectuais cubanos dissidentes chamaram a atenção para as características negativas do “gigantismo” do dirigente à frente do Estado. Na opinião de Carlos Franqui, um deles, “Fidel [...] cambia el campesinado, como la clase media, el comercio, termina bares y *cabarets*, centros nocturnos, bailes y fiestas, Navidades, Año Nuevo, Día de Reys, decreta la ley seca, que más tarde tendrá que abolir. *El Comandante* es agrónomo, científico, ganadero, cañero, arrocero, cafetalero, pescador, agricultor, heladero, yogurcero, pangolero y también cocina”. FRANQUI, Carlos. **Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro**, op. cit., p. 255.

desta forma passaria a ser comemorado apenas na metade deste ano. Assim, as referidas celebrações cívica, política e religiosa ocorreriam entre os dias 1 e 26 de julho de 1970, esta última data alusiva à memória do assalto ao quartel *Moncada*. Em síntese, o estadista propunha alterar a ordem cronológica das festas do fim de ano, adiando-as para um futuro próximo. Concebendo as temporalidades como resultado da intencionalidade humana, tal procedimento visava alterar momentaneamente o que ele chamou de “época clássica”, submetendo os demarcadores temporais que regravam a vida sociocultural em Cuba a um projeto econômico concebido e organizado pelo Estado, o qual estipulava audaciosas metas a serem cumpridas em um curto espaço de tempo.

No discurso de 1969 nota-se ainda que o retorno dos cubanos às datas ritualísticas do calendário dependeria, segundo Fidel, da “eficiência” das máquinas, que ao agilizarem a colheita da cana-de-açúcar “devolveriam” a cronologia convencional à ilha. Sobre este aspecto, chama a atenção a função assumida pela tecnologia na tentativa castrista de exercer controle sobre a contabilização e os significados do tempo entre os anos de 1969 e 1970. Entre outras consequências, a demanda econômica estatal vocalizada por Castro redundaria na ideia de “suspensão” do tempo ou, em último caso, em uma espécie de “sequestro” do tempo, até que a audaciosa tarefa agrária imposta de cima para baixo fosse cumprida pela população. Simbolicamente, as palavras do governante condicionavam a reinserção de Cuba no “ano tradicional” ao sucesso da meta de 10 milhões de toneladas de açúcar em uma única safra de dezoito meses, o que se mostraria um feito histórico inédito até aquele momento. Em um futuro próximo, previsto para ocorrer dali cerca de um ano e meio, isto é, em julho de 1970, e desde que a meta estipulada previamente pela burocracia estatal fosse cumprida integralmente, o líder prometia “devolver” o dito ano tradicional aos seus compatriotas. Em suma, as ideias de “suspensão” do tempo e, em caso de êxito econômico, de devolução do ano “normal” ao povo cubano são submetidas ao projeto estatal de produtividade açucareira, o qual alterou os marcos que organizavam a vida pública da ilha de acordo com os interesses do regime socialista insular.

Ainda sobre o discurso realizado em 1º de janeiro de 1969, identificamos três dimensões da ideia de “aceleração” do tempo histórico, isto é, das *calendas* cubanas que pregavam encurtar o caminho capaz de conduzir os povos explorados ao triunfo da revolução e, posteriormente, à superação do histórico de pobreza e atraso. Em primeiro lugar, destaca-se a tensão criada por Fidel Castro entre o que poderíamos chamar de tempo da “natureza”, com suas regras próprias, *versus* tempo “estatal”, revestido de intencionalidade humana e que, neste caso, visava otimizar o cultivo do açúcar, então o

principal produto de exportação cubano. Revela-se aqui um choque entre um tempo “incontrolável”, o da agricultura, sujeito a variações e mudanças sobre as quais a vontade humana é impotente, e um tempo “controlável”, simbolizado pelo desejo castrista de apressar, por meio da tecnologia, o plantio, a colheita e o beneficiamento da cana-de-açúcar a despeito das condições climáticas e geográficas que influenciam a produtividade agrícola. Com o intuito de submeter o tempo “natural” ao “estatal”, reduzindo assim as etapas necessárias ao êxito da “safra dos 10 milhões”, Castro defendia que o governo centralizasse as ações que levariam ao sucesso da política açucareira. Ao tentar subordinar o tempo da natureza, considerado mais lento, ao tempo da burocracia estatal, considerado mais rápido, o estadista julgava ser possível manejar elementos como solo, maquinário, insumos e mão de obra a fim de que a previsão inicial se realizasse no futuro.

Em segundo lugar, Fidel também refletiu sobre o tempo estabelecendo paralelos entre dois referenciais. De um lado, no âmbito político, evocou a data que a propaganda oficial considerava a “fundação” da luta armada contra o regime de Fulgêncio Batista: o assalto ao quartel *Moncada*, além de uma alusão indireta à criação do M 26-7. Do outro lado, no âmbito religioso, evocou o demarcador histórico que designa o início da era cristã: o Natal. A comparação dos universos político e religioso resultou na representação do 26 de julho como uma espécie de marco “zero” da Revolução Cubana, leia-se da luta armada que possibilitou a vitória guerrilheira sobre a ditadura batistiana, sacramentada em 1º de janeiro de 1959. A alusão do *comandante* à origem da guerrilha de *Sierra Maestra* visava estabelecer o 26 de julho como a data cívica mais relevante do calendário comemorativo instituído pelo governo socialista. No limite do argumento defendido por Fidel Castro, a apropriação da matriz cristã de contabilização do tempo objetivava fazer do assalto ao quartel *Moncada*, ocorrido em 26 de julho de 1953, o início da Revolução Cubana, simbolizando a redenção da sociedade insular frente a um passado marcado por aspectos negativos (tais como autoritarismo, pobreza, violência e exploração); tendo como protagonistas desta memória “armada” que “acelerou” a marcha histórica na ilha os guerrilheiros do M 26-7 que se embrenharam nas matas de *Sierra Maestra*, na segunda metade dos anos 1950, para conquistar a autonomia política de Cuba.

Em terceiro lugar, a ideia de tempo expressa por Castro aparece como uma marcha ascendente em direção ao que ele julgava ser o progresso econômico de Cuba, buscando desta forma convencer e mobilizar a opinião pública interna em torno de um objetivo formulado pelo alto escalão da burocracia estatal. À primeira vista, o alongamento do ano “tradicional” pode parecer, e em alguma medida o é, uma simples extensão do prazo para

o cumprimento da inédita safra açucareira. Contudo, além de “alongar” 1969 e “encurtar” 1970, lançando mão mais uma vez da estratégia retórica que Corraello chamou de “futuro antecipado” ou “presente antecipatório”²²⁶, as palavras de Fidel revelam uma tentativa de disciplinar ideologicamente a força de trabalho a ser empregada na produção de açúcar. Mais do que a defesa da luta armada que caracterizou sua retórica ao longo dos anos 1960, tática que o guerrilheiro-estadista dizia ser capaz de agilizar os processos revolucionários dentro e fora de Cuba, a chegada dos barbudos de *Sierra Maestra* ao poder revelou que outras tarefas de alta complexidade também obedeceram à velocidade das *calendas* cubanas, sendo a fracassada safra de 1970 o epílogo desta busca pela “aceleração” do tempo, ideia que seria paulatinamente abandonada por Castro a partir de então. Em janeiro de 1969, quando submeteu a cronologia ao projeto econômico estatal voltado à produção de açúcar, sua fala pública demonstra como o tempo sob a Revolução se transformou em uma área que, assim como outras, também deveria ser governada.

Relativas ao período compreendido entre os anos de 1959 e 1970, ou seja, entre o triunfo da Revolução Cubana e o término da fracassada “safra dos 10 milhões”²²⁷, as fontes analisadas ao longo deste item revelaram os usos discursivos da memória da luta armada a partir da ideia de tempo construída por Fidel Castro em seus discursos. Nossa atenção esteve voltada não às ações e práticas institucionais do regime socialista insular relativas ao financiamento e apoio logístico fornecido ao grupos guerrilheiros latino-americanos ou de outras regiões do mundo, mas aos usos político-ideológicos (da memória) das “armas” responsáveis pela derrocada da ditadura de Fulgêncio Batista. Entre 1959 e 1970, detectamos na produção discursiva castrista a formação, a ascensão e o apogeu da ideia de “aceleração” do tempo decorrente da adesão à luta armada como forma de conquista do poder, época que poderíamos chamar de “era de ouro” das *calendas* cubanas, contexto histórico no qual as lideranças revolucionárias e setores expressivos da

²²⁶ CORRARELLO, Ana. **Fidel Castro**. De la etapa fundacional al proyecto socialista soviético, op. cit., p. 108, 219.

²²⁷ Segundo Guerra e Maldonado, o fracasso da safra de 1970, que chegou ao recorde de 8,5 milhões de toneladas de açúcar, aliado a fatores geopolíticos externos, ocasionaram uma “profunda reflexão nacional” e uma “mudança substancial na política econômica cubana”. GUERRA, Sergio, MALDONADO Alejo. **Historia de la Revolución Cubana**, op. cit., 125-126. Refletindo sobre as consequências da política açucareira, Chomsky destacou que a safra de 1970 desestruturou a economia cubana ao concentrar a mão de obra disponível, fazendo com que outros setores entrassem em colapso. CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**, op. cit., p. 66. Parte da decepção pelo não cumprimento da meta de 10 milhões de toneladas de açúcar pode ser averiguada na tensão que permeou o discurso realizado por Fidel Castro em 26 de julho de 1970, conhecido como “Autocrítica”. CASTRO, Fidel. **Autocrítica**. São Paulo: Global, 1978. Para uma análise dos erros assumidos publicamente por Fidel Castro neste discurso, bem como das consequências políticas, econômicas e sociais da safra de 1970 ver VASCONCELOS, Joana Salém. **História agrária da Revolução Cubana**, op. cit., p. 324-330.

população cubana acreditavam ser possível refundar todos os âmbitos que constituíam a nação, tais como a política, a economia, a cultura, entre outros. Neste item, portanto, demonstramos como Castro manejou a memória da luta armada travada contra o regime de Batista de forma a produzir a sensação de que a guerrilha do M 26-7 aumentara a velocidade da marcha histórica em Cuba, estratégia que nos anos 1960 o *comandante* acreditava ser aplicável também a outros povos e nações explorados pelo capitalismo.

Por fim, vale salientar que a concepção de tempo expressa por Fidel Castro, e em particular a ideia de que ele poderia ser “acelerado” pela ação humana no presente, revela uma interpretação inscrita no contexto histórico no qual a Revolução Cubana e as guerrilhas latino-americanas buscavam comprovar a viabilidade da luta armada dentro e fora da ilha. Não se trata de individualizar as perspectivas defendidas por Castro, mas de compreender que ao mesmo tempo em que formulou sínteses capazes de representar a realidade política cubana e continental ele vocalizou ideias que também circulavam nas esquerdas da América Latina e que o ajudaram a formalizar argumentos em favor da tese de que a guerrilha seria o caminho mais rápido e efetivo para colocar em prática uma revolução socialista. Se para os tempos atuais, decorrentes da derrota do bloco soviético e da consequente hegemonia do capitalismo, as palavras do estadista-guerrilheiro parecem de “antemão” condenadas ao fracasso, visto que já se conhece o “desfecho” da luta armada, no contexto em que elas foram proferidas os caminhos ainda não haviam sido fechados, estando abertas as possibilidades de influenciarem o futuro de Cuba e da América Latina. Dito de outra forma, as ideias de Fidel não “pairam” acima do contexto em que ele atuou e pensou por meio de palavras pois ao mesmo tempo influenciaram e foram influenciadas pela “utopia armada”²²⁸ que objetivava transformar a guerrilha em um instrumento legítimo de tomada do poder pelos revolucionários.

2.3. Da crise ao fim das *calendas cubanas*

Subordinado ao item anterior, no qual enfocamos a “aceleração” guerrilheira do tempo, este item analisará como esta interpretação de Fidel Castro entrou em crise até deixar de protagonizar a propaganda política estatal voltada à legitimação da Revolução Cubana e da “exportação” de seu modelo de insurgência. Para se compreender o período

²²⁸ Empregamos aqui o termo “utopia armada” em diálogo com a ideia de “utopia desarmada” usada por Jorge Castañeda ao analisar as perspectivas e o papel político-ideológico das esquerdas latino-americanas após a dissolução do bloco socialista soviético. Cf. CASTAÑEDA, Jorge. **Utopia desarmada**, op. cit.

áureo da ideia de “aceleração” do tempo, entre os anos de 1959 e 1970, entendemos que se faz necessária uma análise de como esta temática foi manejada pelo *comandante* no contexto histórico das décadas de 1980 e 1990²²⁹, momento em que as *calendas* cubanas entraram em decadência até deixarem de existir como justificativa político-ideológica capaz de legitimar a eclosão de processos revolucionários na América Latina, ao menos do ponto de vista do Estado insular. Durante os anos 1980 e 1990, nas etapas conhecidas como “Retificação de erros e tendências negativas” e “Período Especial em tempos de paz”, nomes criados pela burocracia estatal-partidária para legitimar a continuidade do regime socialista cubano, as palavras pronunciadas por Fidel Castro dialogaram não com a perspectiva de expansão do socialismo através das armas, como nas décadas anteriores, mas com o paulatino isolamento da ilha na geopolítica internacional, marcada pela crise e, enfim, pela dissolução da URSS. Neste sentido, a compreensão do período posterior às *calendas* cubanas visa demonstrar como o “tempo da revolução” criado à luz da memória da luta armada teve fim, deixando apenas rastros de sua existência.

A despeito da decepção gerada pelo fracasso da “safra dos 10 milhões”, a ideia de que a luta armada desencadearia, de forma rápida, uma série de revoluções sociais em países explorados, com destaque para os da América Latina, marcou presença em outros discursos de Fidel Castro após 1970, em diálogo com diferentes contextos históricos. Todavia, a partir do início dos anos 1970, a memória das “armas” que embasou o entusiasmo observado entre o triunfo da Revolução Cubana e a malfadada política açucareira, período em que Castro subiu às tribunas para explicar aos seus compatriotas como seu governo refundaria o país em pouco tempo, foi ganhando novos contornos, lacunas e desgastes. Já na segunda metade dos anos 1960, é possível identificar na retórica castrista indícios de certa desconfiança quanto à possibilidade de refundar no tempo presente todos os âmbitos da sociedade herdada do período colonial e, em especial, da época em que Fulgêncio Batista esteve no poder. Na produção discursiva de Fidel Castro, o ápice do culto cívico à luta armada como mecanismo de “aceleração” do tempo histórico conviveu também com as primeiras demonstrações indiretas de limitação do método guerrilheiro, gerando uma tensão a partir da qual é possível perceber, ainda na década de 1960, a presença de duas perspectivas antagônicas no pensamento castrista. Em 1966, no

²²⁹ Nesta perspectiva, este item não tem como objetivo desenvolver uma discussão aprofundada sobre o contexto histórico insular das décadas de 1980 e 1990, posterior ao auge das *calendas* cubanas, nem analisar como tal época foi retratada por Fidel Castro em seus discursos, mas apenas explicitar, através do “contraste” com o período 1959-1970, como a ideia de “aceleração” do tempo foi empregada pelo estadista com o objetivo de legitimar a Revolução Cubana e justificar a vigência do sistema socialista na ilha.

pronunciamento realizado na cerimônia oficial do 1º de maio, na Praça da Revolução, em Havana, Castro elaborou a seguinte reflexão sobre o assunto:

La esperanza más grande que ponen los reaccionarios en el fracaso de las revoluciones es la idea de que los trabajadores, los explotados, nuestros obreros y nuestros campesinos, serían incapaces de administrar a la nación. Y es esta, a la vez, una de las contradicciones importantes en una revolución, y es —como hemos dicho en otras ocasiones— la necesidad de hacer nuevo todo en un país, hacer nueva enteramente su administración, hacer nueva enteramente su Estado, hacer nuevas enteramente sus fuerzas armadas, hacer nueva enteramente su estructura económica, sustituir a los que han estado al frente de las instituciones públicas, de las fábricas, de los centros de producción, con la poca, con la escasa, con la ninguna experiencia con que los trabajadores puedan contar en una primera etapa para llevar a cabo esa tarea²³⁰.

Fundar uma nova sociedade, principal objetivo vocalizado pelos dirigentes da Revolução Cubana a partir de 1959, mostrou-se um processo extremamente complexo, segundo se infere das palavras de Fidel Castro. A falta de experiência e conhecimento dos integrantes e lideranças do que chamou de classe trabalhadora revelaram a existência de entraves inesperados para a consolidação das mudanças políticas, econômicas e sociais almejadas pelos antigos guerrilheiros de *Sierra Maestra* transformados em homens de Estado. A incapacidade dos “explorados” para manejar o aparelho estatal configuraria uma profunda “contradição” do processo revolucionário, dificuldade que Fidel Castro dizia estar sendo utilizada por seus inimigos para desqualificar a Revolução Cubana. Para além da dicotomia tempo “lento” *versus* tempo “rápido”, isto é, entre as *calendas* gregas e cubanas analisadas no item anterior, o trecho discursivo acima citado evidencia as dificuldades apresentadas aos revolucionários após a vitória sobre a ditadura de Fulgêncio Batista, quando estava em jogo a implementação de ações que levariam a um conjunto de transformações radicais no presente. No horizonte dicotômico dos revolucionários que chegaram ao poder em 1º de janeiro de 1959, a vitória da guerrilha de *Sierra Maestra* significava que o mundo considerado “velho”, simbolizado pelo regime autoritário de Batista, precisava ser destruído para que um mundo inteiramente “novo”, socialista e sem resquícios do passado, pudesse ser construído.

²³⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del Primero de Mayo, Día Internacional del Trabajo, en la Plaza de la Revolución, el 1ro de Mayo de 1966.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/f010566e.html>>. Acesso em: 15 set. 2020.

Nesta linha de raciocínio, em 1971, durante a cerimônia oficial de comemoração do 1º de maio, em Havana, Fidel Castro fez a seguinte afirmação:

Este cambio drástico ocurrido en una sociedad: la desaparición de la explotación, la desaparición de la propiedad privada con esas condiciones de trabajo, en un país donde las fuerzas productivas estaban considerablemente atrasadas, nos crea la contradicción principal. Si no se hacía una revolución no podríamos avanzar; sin revolución ningún país subdesarrollado se desarrolla hoy. Pero cuando se hace la revolución se crean otros tipos de problemas y de contradicciones: desaparecen las condiciones horribles en que se realiza el trabajo y en que se lleva a cabo la producción de bienes materiales y de servicios, y sin embargo, perdura el atraso en las fuerzas productivas, el atraso en la productividad del trabajo²³¹.

As profundas transformações operadas até aquele momento, com vista a erradicar o que o dirigente cubano julgava ser uma exploração ocasionada pelo sistema capitalista patrocinado pelo governo dos EUA, apresentariam também “contradições” difíceis de serem superadas em um curto espaço de tempo. No excerto supracitado, relativo a maio de 1971, nota-se não apenas o voluntarismo presente na premissa castrista de que apenas um processo revolucionário levado a cabo por força das armas seria capaz de solucionar a pobreza e o atraso, mas também o pragmatismo de um estadista atento às condições históricas apresentadas pelo seu tempo presente. A primeira das transformações sociais almejadas, resumida por Castro como o desejo de superar as “condições horríveis em que se realiza o trabalho”, revelava um estágio ainda distante do objetivo final da revolução que visava refundar a nação rapidamente. Refletindo seus mais de dez anos no poder, que no trecho acima citado o fizeram parecer rendido ao atraso das “forças produtivas” e da “produtividade do trabalho” observados em Cuba, sobretudo após o insucesso da “safra dos 10 milhões” finalizada há pouco menos de um ano, em julho de 1970, as palavras proferidas pelo mandatário revelam um arrefecimento da ideia segundo a qual a ilha poderia ser reconstruída a partir do “nada”, objetivo bastante presente em suas falas públicas da década de 1960, quando o governo revolucionário procurou construir sua legitimidade sobre dos escombros da “velha” ordem batistiana.

²³¹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto central por el 1ro de Mayo, efectuado en el teatro de la CTC, el 1ro de mayo de 1971.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1971/esp/f010571e.html>>. Acesso em: 15 set. 2020.

A compreensão de que as consequências da “safra dos 10 milhões” representaram um ponto de inflexão não apenas do ponto de vista econômico, mas também no que se refere à concepção de tempo dentro da ilha, reverberou de maneira mais explícita no discurso pronunciado por Fidel Castro na cerimônia de encerramento do I Congresso do Partido Comunista de Cuba (PCC), evento realizado em Havana, entre os dias 17 e 22 de dezembro de 1975. Nesta ocasião, o estadista afirmou que o tempo da utopia havia ficado para trás, visto que a Revolução se encontrava em outra etapa histórica.

Las revoluciones suelen tener sus períodos de utopía en que sus protagonistas, consagrados a la noble tarea de convertir en realidad sus sueños y llevar a la práctica sus ideales, creen que las metas históricas están mucho más próximas y que la voluntad, los deseos y las intenciones de los hombres por encima de los hechos objetivos lo pueden todo²³².

Primeiramente, Fidel Castro filiou a Revolução Cubana a uma série de revoluções sociais ocorridas na história da humanidade, entendendo que tais processos representam momentos de excepcionalidade em relação aos demais fatos históricos. Tendo em vista o contexto cubano, também buscou evidenciar, em 1975, a ruptura com o “idealismo” que tomou conta da ilha após o triunfo da Revolução, caracterizando a década de 1960. Chama a atenção o fato de Castro ter mencionado a ideia de utopia para se referir aos equívocos cometidos até aquele momento pelos “protagonistas” da Revolução, grupo no qual ele próprio se incluía. Neste caso, sua alusão à utopia soa não como uma confissão de culpa, mas como uma crítica velada ao “romantismo” e “ingenuidade” que teriam caracterizado a etapa inicial de seu governo. Como voz de autoridade do processo que almejava realizar profundas transformações sociais em Cuba, Fidel reconheceu num evento partidário de extrema relevância para a institucionalização²³³ do socialismo insular que entre os anos de 1959 e 1975 seu governo não conseguiu converter todos os “sonhos” em “realidade”, conforme a previsão inicial, visto que certas “metas históricas” não seriam tão fáceis de concretizar. Ainda segundo ele, seria equivocada supor que todas as mudanças almejadas pela guerrilha de *Sierra Maestra* estivessem “próximas” de ocorrer independentemente da realidade dos “fatos objetivos”, ou ainda que apenas a “vontade”, os “desejos” e as “intenções” dos revolucionários bastariam para efetivar o progresso de Cuba.

²³² CASTRO, Fidel. **La Unión nos dio la victoria**. Havana: Departamento de Orientación Revolucionaria del Comité Central del Partido Comunista de Cuba (DOR-PCC), 1976, p. 159.

²³³ LEGRÁ, Ángel. **El proceso de institucionalización de la Revolución Cubana**, op. cit.; CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**, op. cit., p. 66-68.

Comparado com outros discursos de Castro nos anos 1960, os quais acentuavam a “aceleração” guerrilheira do tempo, a fala pública de 1975, realizada na cerimônia de encerramento do I Congresso do Partido Comunista de Cuba (PCC), destoou das ideias defendidas por ele logo após sua chegada ao poder, em 1959, quando a todo momento incentivava os grupos revolucionários latino-americanos a se inspirarem na luta armada empreendida pelo M 26-7. Falando mais como estadista do que como guerrilheiro, em 1975 Fidel demonstrou ter ciência de que a marcha da história dependeria de outros fatores e agentes sociais que não apenas a guerrilha de *Sierra Maestra*. De 1959 a 1970, portanto, Castro se comportou publicamente como um guerrilheiro-estadista, no sentido de afirmar que a luta armada seria a única forma de os revolucionários tomarem o Estado, ao passo que de 1975 em diante Castro se comportou publicamente como um estadista-guerrilheiro, demonstrando que a manutenção da estrutura de poder criada após 1959 havia se tornado sua prioridade como líder político, lançando mão da memória da luta armada como fonte de legitimação da “nova” ordem. Em 1975, suas palavras sugerem que o espaço para eventuais transformações em Cuba deveria ser restringido e controlado politicamente pelo aparato estatal-partidário, premissa sobre a qual se baseou a mensagem de que dali em diante o regime socialista deveria apenas preservar, e não mais criar, os supostos avanços instituídos na ilha após o triunfo da Revolução.

A partir das análises dos discursos realizados por Fidel Castro em 1966, 1971 e 1975, observa-se o início e a consolidação de sua dúvida sobre a possibilidade de um processo revolucionário conseguir criar, de maneira rápida, uma nova sociedade que fosse capaz de superar todos os resquícios de dominação e injustiça atribuídas ao capitalismo. Estas três ocasiões demonstram como a tese castrista construída nos anos 1960, segundo a qual a revolução devia ocorrer o quanto antes, no “agora”, e que não podia ser adiada para as calendas *gregas*, sofreria abalos e retrações, em particular no período entre a safra de cana-de-açúcar de 1970 e o I Congresso do Partido Comunista de Cuba (1975). Na primeira metade dos anos 1970 nota-se que a defesa intransigente da luta armada como tática legítima de conquista do poder entrou em crise diante do cenário geopolítico interno e externo. Após 1959, o passar do tempo revelou ao antigo líder guerrilheiro que a questão não se resumia apenas à tomada do poder, mas, posteriormente, como seriam colocadas em prática as transformações pelas quais os revolucionários justificaram sua chegada ao poder pelas armas. A partir de 1975, nota-se o silêncio de Fidel Castro quanto à ideia de “aceleração” do tempo resultante da luta armada, o qual se estendeu até a década de 1990, quando a geopolítica mundial se encontrava marcada pela desagregação da URSS e pela

Nova Ordem Mundial capitaneada pelos EUA, contexto em que revisitou suas reflexões anteriores relativas à necessidade de mudanças políticas na América Latina.

Em 1991, durante uma entrevista concedida à jornalista Beatriz Pagés, diretora do semanário mexicano *Siempre*, Fidel Castro elaborou, de maneira indireta, uma autocrítica de suas opiniões no contexto histórico dos anos 1960, evidenciando mais uma faceta da crise e, posteriormente, do término das *calendas* cubanas.

En general, los revolucionarios siempre se han equivocado al calcular el tiempo; casi todos los revolucionarios en todas las épocas han creído ver el triunfo de sus ideas a la vuelta de la esquina. [...] Los revolucionarios – entre ellos Lenin; un genial revolucionario, no creo que lo pueda negar nadie – creyeron que inmediatamente después de la Revolución Rusa se habría de producir la revolución mundial. Antes de Lenin, los comuneros de París creían que la revolución socialista vendría de inmediato. Marx creyó que sus ideas triunfarían mucho más rápido. [...] En general, los revolucionarios creen siempre que aquellas que consideran ideas justas han de triunfar sin dilación; los revolucionarios corremos el riesgo de pensar en reducir con la imaginación el período de vida del capitalismo [...] Ese mundo tiene que cambiar, y cambiará, pero nadie te podría decir cuando.²³⁴

Em 1998, ao refletir sobre a economia mundial após o fim da URSS, Fidel Castro afirmou que o “mundo caótico” criado pelo neoliberalismo ocasionaria, inevitavelmente, uma série de crises. Todavia, a proposta defendida por ele para enfrentar o isolamento econômico e diplomático de Cuba (e o ideológico das esquerdas na latino-americanas) não recorreu à luta armada conforme observado nos anos 1960. Nesta ocasião, assegurou que “[...] los metodos del siglo pasado no eran precisamente los aconsejables, ni los de la primeira mitad de este siglo, ni siquiera los de después del triunfo de la Revolución, por que había un momento de equilibrio mundial”²³⁵. Neste trecho, nota-se a alteridade estabelecida por ele entre as décadas de 1960 e 1990. Não apenas o tempo era diferente mas o instrumental político-ideológico para analisar e atuar nas duas realidades históricas também deveria sê-lo. Castro acrescentou que embora as condições objetivas tivessem sido criadas na América Latina as condições subjetivas não teriam sido, motivo pelo qual a região não havia conseguido realizar uma revolução como a cubana. Por fim, Fidel aprofundou sua análise afirmando que naquele tempo presente (1998) o triunfo de um processo revolucionário em algum país do continente seria facilmente reprimido pelo sistema capitalista internacional, sem que para isso fosse necessário disparar “um único

²³⁴ CASTRO, Fidel. **Fidel Castro y la historia como ciencia...** tomo II, op. cit., p. 131-132.

²³⁵ CASTRO, Fidel. **Fidel Castro y la historia como ciencia...** tomo I, op. cit., p. 36.

tiro”, pois a força do capital estrangeiro, sobretudo dos EUA, seria suficiente para derrotar qualquer movimento de esquerda que por ventura chegasse ao poder.

Se na década de 1960 Fidel Castro defendeu enfaticamente que o “dever de todo revolucionário”, a despeito das dificuldades, era “fazer a revolução”²³⁶, a proximidade com o século XXI arrefeceu seu entusiasmo com as armas. Nos anos 1990, o *comandante* aconselhava os revolucionários a terem paciência, e não pressa. Flagrantemente destoante de seus discursos nos anos 1960, época em que exortou os latino-americanos a optarem pela via guerrilheira, a exemplo de Cuba, nos últimos anos do século XX observa-se o desgaste da narrativa que pregava a luta armada como estratégia legítima para a conquista do poder pelos revolucionários. No contexto marcado pela decadência das guerrilhas e de grande parte das ditaduras militares instauradas na América Latina durante a Guerra Fria, muitas delas já substituídas por regimes democráticos, Fidel Castro direcionou elogios ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), dizendo que seus militantes não esperavam as calendas gregas para exigirem o início da reforma agrária em um país tão injusto socialmente como o Brasil²³⁷. A despeito do tom elogioso, o mandatário concluiu afirmando que naquela conjuntura “outras táticas” deveriam ser criadas, diferentes das praticadas pelos bolcheviques russos, em 1917, e, surpreendentemente, dos guerrilheiros cubanos de *Sierra Maestra*. Alegando que o método da insurgência armada fazia parte de “um mundo diferente” do de 1998, Fidel desaconselhou explicitamente qualquer tentativa de cópia do modelo insurrecional da Revolução Cubana.

Ao desaconselhar a guerrilha como instrumento de tomada do Estado, quando afirmou que a “marcha” seria “lenta” diante dos “gigantescos obstáculos”²³⁸ enfrentados por Cuba, o dirigente propôs a adoção de “novas táticas”, “outros caminhos” e “outras vias”. Ao longo do chamado Período Especial em Tempo de Paz (1990-2000), medida decretada como forma de amenizar a crise decorrente da dissolução da URSS, as palavras de Fidel Castro já não transpareciam o otimismo e a assertividade observados em suas falas públicas nos anos 1960. Demonstrando a fragilidade política e econômica de Cuba diante dos desafios colocados pela Nova Ordem Mundial, sob a liderança dos EUA, suas conclusões sobre como construir novas alternativas de enfrentamento ao capitalismo

²³⁶ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario de la dirección nacional de las ORI y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la Segunda Asamblea Nacional del Pueblo de Cuba, celebrada en la Plaza de la Revolución, el 4 de febrero de 1962.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f040262e.html>>. Acesso em: 28 set. 2023.

²³⁷ Idem, p. 37.

²³⁸ *Apud* CORRARELLO, Ana. **Fundación de la memoria revolucionaria**, op. cit., p. 119.

revelam a debilidade em que a ilha caribenha se encontrava naquele contexto histórico. Se a revolução socialista dentro e fora de Cuba não podia ficar para as *calendas* gregas, como o próprio Fidel subiu à tribuna para denunciar logo após a vitória sobre a ditadura de Fulgêncio Batista, nos anos 1990 a revolução também não poderia mais ser regida pela velocidade das *calendas* cubanas, entendidas como a “aceleração” guerrilheira do tempo na direção de construir o socialismo. Do entusiasmo observado entre 1959 e 1970, quando o guerrilheiro-estadista fazia crer à opinião pública interna e externa que a estratégia da luta armada praticada em Cuba abriria caminho para as revoluções latino-americanas, pouco parece ter restado no apagar das luzes do século XX.

Outra prova disso pode ser encontrada naquela que talvez seja uma das últimas alusões do dirigente às *calendas* gregas como sinônimo de postergação de algo que se espera realizar num curto período de tempo, embora já não mais associada à luta armada. Em discurso feito em 1º de maio de 2000 na *Tribuna Aberta da Juventude, dos Estudantes e dos Trabalhadores*, Castro utilizou tal expressão ao se referir ao caso do menino cubano Elián González, então com seis anos de idade, retido nos EUA após ser resgatado em alto mar por pescadores, em 25 de novembro de 1999. Sobrevivente de uma tentativa frustrada de fuga na qual sua mãe morreu afogada, a criança se encontrava em Miami sob a tutela do tio-avô paterno, fato que inaugurou uma batalha judicial entre Cuba e EUA em torno de seu futuro. Na ilha, seu pai, Juan González, reivindicava a volta imediata do filho, tese também defendida pelo regime socialista através dos meios diplomáticos. Em meio às incertezas quanto ao retorno do menino, Fidel afirmou que tratavam de “retenerlo hasta las calendas gregas con la esperanza de seducirlo. Todos al unísono buscando el mismo objetivo: que el niño no regrese jamás a Cuba para golpear moralmente a un pueblo altivo y heroico, de donde surgieron Juan Miguel y Elián”²³⁹. Conhecida como *Batalha de Ideias*²⁴⁰, a luta pela libertação de Elián foi resolvida pouco tempo depois, em 29 de junho de 2000, quando seu pai conseguiu levá-lo de volta a Cuba, encerrando o episódio que não ficou para as *calendas* gregas, ao contrário do prognóstico do *comandante*.

²³⁹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, en la Tribuna Abierta de la Juventud, los Estudiantes y los Trabajadores por el Día Internacional de los Trabajadores, en la Plaza de la Revolución, el Primero de Mayo del 2000.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2000/esp/f010500e.html>>. Acesso em: 15 set. 2020.

²⁴⁰ GUERRA, Sergio; MALDONADO, Alejo. **Historia de la Revolución Cubana**, op. cit., p. 146-147.

Em fevereiro de 2002, quando contabilizava mais de quarenta anos à frente do Estado, Fidel Castro deu outra mostra de decadência das *calendas* cubanas, como se pode averiguar no excerto discursivo reproduzido a seguir.

Toda mi vida he tratado de encontrar la esencia de los hechos y, a partir de esa esencia, tratar de adivinar lo que va a ocurrir o puede ocurrir. A veces las cosas no ocurren cuando se desea que ocurran, o no ocurren tan pronto y después ocurren; no creo que sea el único que se haya equivocado en algunas previsiones. Todo el mundo sabe que los revolucionarios siempre desean que las cosas ocurran pronto y estas tardan un poco más.²⁴¹

No trecho acima citado, Fidel Castro afirmou querer “adivinhar” o que poderia acontecer no futuro a partir do exame do que ele julgava ser a “essência dos fatos”, em nova demonstração da estratégia retórica chamada por Corrarello de “futuro antecipado” ou “presente antecipatório”²⁴². Ademais, se comparada ao contexto histórico da década de 1960, quando sua capacidade de “prever” o futuro voltava-se à defesa da luta armada em Cuba e na América Latina, em 2002 o uso deste argumento apontava não apenas para o futuro, mas também para o passado. É sintomático que no início do século XXI o dirigente tenha identificado no anseio de prever o futuro uma característica marcante de sua extensa trajetória política, a qual demonstrava seu interesse em saber o que ocorreria a ele, a Cuba e à Revolução tendo como base as ações tomadas no presente. Naquele ano, em especial, quando contabilizava pouco mais de quatro décadas à frente do Estado, Fidel reconheceu que nem sempre conseguiu acertar seus prognósticos ou a velocidade em que os fatos ocorreriam, mencionando que em certas ocasiões ele se equivocou ao tentar decifrar o futuro. Por fim, na última parte do trecho acima citado, a mais interessante para a nossa reflexão em torno do caso das *calendas* cubanas, o mandatário reconheceu não apenas que os revolucionários tinham pressa para construir o futuro, mas, paralelamente, como consequência de sua longa experiência na vida pública, que os resultados históricos demoravam mais a acontecer do que o esperado.

²⁴¹ CASTRO, Fidel. **Discurso de Fidel Castro, Presidente de la República Cuba, en la clausura del IV Encuentro Internacional de Economistas. Palacio de las Convenciones, 15 de febrero de 2002.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2002/esp/f150202e.html>>. Acesso em: 15 set. 2022.

²⁴² CORRARELLO, Ana. **Fidel Castro.** De la etapa fundacional al proyecto socialista soviético, op. cit., p. 108, 219.

Levando-se em consideração a análise das fontes, identificamos na “safra dos 10 milhões”, iniciada em 1969 e finalizada em meados de 1970, quando Castro proferiu o discurso conhecido como “Autocrítica”, o ponto de inflexão que evidencia o progressivo declínio da ideia de “aceleração” do tempo decorrente da guerrilha. Conforme analisado no item anterior, no início de 1969 o dirigente mostrou-se eufórico com a possibilidade de “apressar” o tempo para atingir uma produção açucareira capaz, segundo ele, de desenvolver rapidamente a economia insular. Muito embora não se possa atribuir a crise, a decadência e o fim das *calendas* cubanas ao insucesso da safra de 1970, ignorando uma série de fatores internos e externos que contribuíram para isso, é inegável que a partir do malogro da empreitada agrícola a retórica castrista defensora da revolução “imediate” não conseguiu recuperar o vigor apresentado entre 1959 e 1970. Destoando do entusiasmo observado no período que se estende do triunfo da Revolução Cubana até a grande safra açucareira, as diferentes conjunturas históricas apresentadas ao regime socialista insular a partir de 1970 se mostraram particularmente duras com as expectativas alimentadas por Fidel Castro, para quem, inicialmente, as transformações sociais desencadeadas pela luta armada conseguiriam pôr fim a todas as injustiças sociais e sepultar definitivamente o atraso e a pobreza de Cuba e demais países da América Latina, atribuídos historicamente à colonização europeia bem como ao imperialismo norte-americano.

Ao interpretar o futuro como resultado da intencionalidade humana no presente, Castro acreditava, inicialmente, que a luta armada levaria Cuba, a América Latina e outras regiões exploradas pelo capitalismo a superarem os atrasos econômico, político e social. Todavia, a partir de 1970, nota-se que o paradigma da revolução “inadiável”, segundo o qual as almejadas transformações não poderiam ficar para as *calendas* gregas, sofreu uma considerável erosão, levando ao progressivo enfraquecimento das “armas” como tática de enfrentamento ao capitalismo dentro e fora da ilha. Entre 1971 e 2002, o mandatário explicitou cada mais desconfiança quanto à tese de que as revoluções deveriam ocorrer rapidamente e pela força das armas. Em fins da década de 1990, as *calendas* cubanas declinaram a ponto de Fidel Castro pedir publicamente paciência aos movimentos sociais latino-americanos em suas reivindicações, desaconselhando, neste contexto, a aplicação do modelo cubano de insurgência. Se ao longo dos anos 1960 o líder da guerrilha de *Sierra Maestra* se mostrou um fervoroso defensor da revolução “para já”, com o passar do tempo e o acúmulo de experiências o *comandante* acabou relativizando, indiretamente, a tática da conquista do poder pelas armas e, em último caso, a própria possibilidade de um movimento insurgente conseguir destruir o “velho” mundo associado ao capitalismo

dos EUA a fim de construir um “novo” mundo, este concebido como a implementação exitosa do socialismo em diferentes regiões pobres do globo.

Do triunfo da Revolução Cubana até 1970 houve a construção de uma maneira específica de compreender, organizar e difundir a concepção de tempo enquanto narrativa associada à guerrilha do M 26-7. Criada e vocalizada pelo alto escalão estatal-partidário cubano personificado em seu máximo dirigente, Fidel Castro, a partir de 1º de janeiro de 1959 o discurso oficial assentado nas categorias de passado, presente e futuro sofreu tantas alterações quanto as instituições que até aquele momento regiam a sociedade insular, abalando as estruturas da soberania política de viés burguês então vigente na ilha e em outros países, com destaque para os da América Latina. Neste sentido, imputamos a este efervescente período de onze anos o início, a ascensão e o declínio da narrativa oficial baseada na premissa de que o tempo poderia ser conscientemente manejado pelo governo revolucionário a fim de aumentar a velocidade da realização dos objetivos que haviam justificado tanto o surgimento quanto o êxito da guerrilha de *Sierra Maestra* enquanto instrumento legítimo de combate ao regime autoritário de Fulgêncio Batista. Em outras palavras, entre os anos de 1959 e 1970 Fidel Castro tornou-se o porta-voz de um projeto estatal de transformação político-social que se valeu da memória da luta armada para direcionar e, em certo sentido, submeter a marcha do tempo histórico ao *telos* comunista imaginado pela e para a Revolução Cubana, sobretudo após abril de 1961, quando a ilha se tornou oficialmente uma nação socialista.

Para viabilizar a construção de novos marcos históricos que legitimassem o poder dos guerrilheiros, Fidel Castro manejou as temporalidades tendo como ponto de partida a memória da luta armada travada em Cuba durante a década de 1950. Para efeito de sistematização, entre 1959 e 1970 o governante usou as principais datas comemorativas associadas à memória da luta armada com o intuito de difundir a tese de que a guerrilha resultou na “aceleração” do tempo e, conseqüentemente, na realização “imediata” das mudanças defendidas pelos guerrilheiros, corroborando a imagem da Revolução Cubana como exemplo bem sucedido de transformação social. Segundo nosso levantamento, das cinco vezes em que Fidel mencionou de forma explícita as ideias que se encontram na base das *calendas* cubanas apenas uma não apresenta relação direta com a lembrança de algum evento inscrito na história da Revolução e, em particular, da guerrilha de *Sierra Maestra*. A exceção ficou por conta do discurso feito na cerimônia de encerramento do *Congreso de Mujeres de toda America*, em Havana, no dia 15 de janeiro de 1963. Nas outras quatro ocasiões, destacam-se os papéis desempenhados pelas seguintes efemérides

da luta armada: 26 de julho, relativa ao assalto ao quartel *Moncada* ocorrido em 1953 (duas vezes, 1963 e 1966), seguida pela do 13 de março, relativa ao assalto ao Palácio Presidencial ocorrido em 1957 (uma vez, 1961), e do 1º de janeiro, relativa ao triunfo da Revolução Cubana ocorrido em 1959 (uma vez, 1969).

Entre 1959 e 1976, do triunfo da Revolução Cubana até o ápice do processo de institucionalização²⁴³ explicitado pelo I Congresso do Partido Comunista de Cuba (PCC), pela elaboração de uma nova constituição e pela fundação da Assembleia Nacional do Poder Popular (ANPP), Fidel Castro oscilou entre a noção de tempo “rápido”, as *calendas* cubanas, e tempo “devagar”, as *calendas* gregas. Se o tempo “rápido” consistia em pregar abertamente a adesão à luta armada como única alternativa capaz de efetivar a revolução social em Cuba e na América Latina, o tempo “lento” consistia no reconhecimento implícito de que não seria possível superar o atraso político, econômico e social legado pelo passado tão rapidamente quanto o governante desejava. De 1959 a 1976, portanto, observa-se a ascensão, os primeiros sinais de crise e, enfim, o arrefecimento de uma ideia de tempo segundo a qual a revolução podia ser “acelerada” pela vontade e ação humanas. Conforme demonstrado, o desencantamento de Fidel Castro com o tempo do “agora” teve como ponto de inflexão a safra de cana-de-açúcar de 1970, que resultou no fracasso não apenas da política açucareira, reconhecido por ele em seu discurso “Autocrítica”, mas também das suas tentativas de “acelerar” o tempo. Entre a vitória sobre Fulgêncio Batista e a promulgação da primeira constituição socialista as *calendas* cubanas se aproximaram cada vez mais das *calendas* gregas, desfazendo em grande parte a oposição entre ambas que caracterizou início da Revolução no poder.

²⁴³ GUERRA, Sergio; MALDONADO, Alejo. **Historia de la Revolución Cubana**, op. cit., p. 130; CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**, op. cit., p. 54. Coincidindo com parte do processo de institucionalização, Ambrosio Fornet referiu-se ao período entre 1971 e 1976 como *quinquenio gris* em virtude da intensificação da repressão política promovida pelo regime socialista cubano contra seus críticos e opositores. Cf. FORNET, Ambrosio. “**El Quinquenio Gris: revisitando el término**”, op. cit. Segundo Silvia Miskulin, no início dos anos 1970 aconteceu em Cuba um “endurecimento e fechamento do campo cultural” simbolizados pelo I Congresso Nacional de Educação e Cultura, evento realizado em Havana. MISKULIN, Sílvia. **Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução**, op. cit., p. 223.

CAPÍTULO 3. O CALENDÁRIO CÍVICO REVOLUCIONÁRIO COMO MEMÓRIA DA LUTA ARMADA

O calendário, órgão de um tempo que recomeça sempre, conduz paradoxalmente à instituição de uma história cronológica dos acontecimentos. À data, ao ano e, possivelmente, também ao mês e ao dia agarram-se os acontecimentos.²⁴⁴

Le calendrier et la création de fêtes ne peuvent se séparer: pas de calendrier qui ne soit aussi calendrier de fêtes.²⁴⁵

Conforme analisado nos capítulos anteriores, em Cuba, sobretudo após o triunfo da Revolução, discurso, tempo e poder se tornaram dimensões indissociáveis. Entre outras manifestações, nas falas públicas de Fidel Castro a memória da luta armada se expressou também através da construção de um calendário cívico²⁴⁶ dedicado a enaltecer as principais datas relacionadas à guerrilha do M 26-7, construindo uma linha cronológica que estabelecia nexos entre os fatos e personagens responsáveis pelo êxito das “armas”. Como instrumento de medida do tempo individual e coletivo, segundo Le Goff²⁴⁷, o calendário cívico cubano criado a partir de 1959 revela as relações entre “lembrar” e “governar”. Representativo das relações sociais e das disputas pelo poder, tal mecanismo

²⁴⁴ LE GOFF, Jacques. **História e memória**, op. cit., p. 477.

²⁴⁵ Tradução do autor: “O calendário e a criação de festas não podem ser separados: não há calendário que não seja também um calendário de festas”. OZOUF, Mona. **La fête révolutionnaire**, op. cit., p. 266.

²⁴⁶ Consideramos necessário esclarecer os motivos da nossa preferência pelo termo calendário cívico em detrimento de calendário revolucionário. Em Cuba, após 1959, não houve a invenção de um novo calendário, isto é, a alteração da forma de medir o tempo. Por este motivo, não se pode afirmar que um calendário tenha sido criado na ilha com o objetivo de substituir o antigo, como aconteceu na Revolução Francesa, quando o Estado instaurou um novo calendário visando combater os poderes do clero e da nobreza. Em Cuba, após a ascensão dos guerrilheiros ao poder, começou a ser formulada uma narrativa sobre os fatos e personagens que deveriam ser lembrados ao longo do ano como forma de explicar o êxito da Revolução Cubana. Portanto, no governo de Fidel Castro o calendário gregoriano permaneceu vigente, já os significados dos fatos e da cronologia foram profundamente alterados em relação ao período anterior a 1959. Daí a necessidade de se fazer uso da expressão calendário cívico, pois neste caso a ideia de cívico se refere não à forma mas ao conteúdo daquilo que é rememorado publicamente, ganhando carga simbólica positiva ou negativa a depender da mensagem político-ideológica a ser difundida. Para uma investigação sobre tempo e calendário ao longo da história ver LEFORT, Jean. **La saga des calendriers ou le frisson millénariste**. Paris: Belin, 2000; LE GOFF, Jacques, LEFORT, Jean, MANE, Perrine (org.). **Les calendriers. Leurs enjeux dans l'espace et dans le temps**. Paris: Somogy, 2002. Para a análise do “sistema calendário” mesoamericano ver SANTOS, Eduardo Natalino. **Tempo, espaço e passado na mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas**. São Paulo: Alameda, 2009. Para o exame do calendário da Revolução Francesa ver LE GOFF, Jacques. **História e memória**, op. cit., p. 446-449. Para a análise das relações entre calendário e Revolução Cubana ver PRADO, Giliard. **A construção da memória da Revolução Cubana**, op. cit., p. 26, 27, 52, 53, 191.

²⁴⁷ LE GOFF, Jacques. **História e memória**, op. cit., p. 441-482.

de controle do tempo se expressou através de símbolos que deveriam ser periodicamente lembrados em nome da manutenção do governo formado após a derrota de Fulgêncio Batista²⁴⁸. Assim como em outros países²⁴⁹, em Cuba o calendário cívico também se mostrou um instrumento vinculado ao Estado, bem como aos grupos político-ideológicos que buscavam controlá-lo. Contudo, a particularidade do caso cubano pode ser resumida no fato de que as lembranças da luta armada praticada entre o assalto ao quartel *Moncada* e o triunfo das “armas” sobre Batista (1953-1959) se tornaram o epicentro do projeto de memória estatal voltado ao enaltecimento da guerrilha de *Sierra Maestra*.

Concebido como mecanismo “organizador” da identidade coletiva em Cuba, o calendário cívico revolucionário buscou repactuar a comunidade nacional a partir dos anseios alimentados pelo grupo vencedor do processo político que se pensou como uma profunda mudança com o passado da ilha, daí a relevância da luta armada como fator *sine qua non* desta ruptura. Contudo, quando e quem criou o que se convencionou chamar de calendário cívico da Revolução Cubana? Por um lado, não se pode afirmar que ele é fruto do acaso, da espontaneidade ou da simples contingência dos acontecimentos históricos, visto que a extensa produção discursiva de Fidel Castro demonstra a intencionalidade dos procedimentos adotados para a construção de uma memória oficial. Por outro lado, não é

²⁴⁸ Misturando-se à memória da luta armada, destacamos a existência de um amplo conjunto de datas comemorativas inscritas no calendário cívico da Revolução Cubana, tais como a primeira e segunda tentativas de independência de Cuba (10 de outubro 1868 e 24 de fevereiro de 1895), o nascimento do líder independentista José Martí (28 de janeiro de 1853), o dia do trabalho (1º de maio), a declaração do caráter socialista da Revolução Cubana (16 de abril de 1961), a vitória militar de *Playa Girón* (19 de abril de 1961), a morte dos líderes revolucionários Ernesto “Che” Guevara (9 de outubro de 1967) e Camilo Cienfuegos (28 de outubro de 1959), e a fundação dos Comitês de Defesa da Revolução (28 de setembro de 1960). Para uma análise dos discursos de Fidel Castro nesta última efeméride ver RODRIGUES, Bruno Romano. A mão visível do Estado: representações dos Comitês de Defesa da Revolução nos discursos de Fidel Castro (1961-1977). **Revista Crítica Histórica**, vol. 12, n. 23, 2021, p. 361-377.

²⁴⁹ Longe de representar um ineditismo ou exclusividade da Revolução Cubana, os usos político-ideológicos do calendário e das datas comemorativas pelo Estado podem ser notados em outros contextos históricos, com destaque para o período contemporâneo, revelando como diferentes governos utilizaram tal dispositivo com o objetivo de construir suas simbologias de poder. Na França, destaca-se o 14 de julho, dia da tomada da Bastilha, que passou a simbolizar o início da Revolução Francesa e da idade contemporânea. Cf. SANSON, Rosemonde. **Les 14 juillet (1789-1975)**. Fête et conscience nationale. Paris: Flammarion, 1976; BOIS, Jean-Pierre. **Histoire des 14 Juillet (1789-1919)**. Rennes: Ouest-France, 1991. Na Colômbia, destacam-se as datas relativas à independência frente aos espanhóis e à formação do estado. Cf. ÁLVAREZ, Sebastián Vargas. La investigación sobre las conmemoraciones rituales en Colombia (siglos XIX-XXI): balance historiográfico. **Anos 90**, Porto Alegre, vol. 22, n. 42, 2015, p. 207-235. Na Argentina, destacam-se o 1º de maio e o 17 de outubro, que designam o dia do trabalho e o dia da “lealdade” ao presidente Juan Domingo Perón, respectivamente. Cf. PLOTKIN, Mariano Ben. **Mañana es San Perón**. Propaganda, rituales políticos y educación en el régimen peronista (1946-1955). Buenos Aires: EDUNTREF, 2013, p. 81-143. No Brasil, destaca-se o 7 de setembro, dia da proclamação da independência. Cf. SCHWARCZ, Lilia; JUNIOR, Carlos; STUMPF, Lúcia. **O sequestro da independência: uma história da construção do 7 de setembro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. Para análises de datas cívicas relativas às ditaduras militares em países como Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Chile ver JELIN, Elizabeth (org.). **Las conmemoraciones: las disputas en las datas “in-felices”**. Madri: Siglo Veintiuno, 2002.

possível identificar apenas uma origem que de forma isolada seja capaz de explicar integralmente tanto a elaboração quanto a reiteração das efemérides que passaram a compor o calendário cívico da Revolução Cubana após a deposição de Fulgêncio Batista. Indício de um conjunto de ideias e práticas que ultrapassaram o universo da oralidade, se disseminando na sociedade insular através de diferentes suportes materiais, os discursos de Fidel Castro evidenciam menos um suposto poder absoluto responsável pela imposição unilateral de determinadas interpretações sobre o passado nacional, por maior que tenha sido o seu poder após 1959, e mais a sua capacidade de construir uma narrativa histórica, fundada nas “armas”, que o legitimava como porta-voz das diretrizes estatais.

Após 1959, e durante todo o período em que ocupou postos de poder na ilha, Fidel Castro buscou fazer da memória da luta armada a base do calendário cívico nacional, transformando este tema no fundamento do que Prado e Le Goff denominaram “gestão da memória”²⁵⁰ e “políticas de memória”²⁵¹. Em meio a intensos conflitos político-ideológicos, a produção discursiva castrista colaborou decisivamente para a consolidação, junto ao imaginário popular, de datas comemorativas relacionadas à luta armada praticada pelo M 26-7 como estratégia de enfrentamento à ditadura de Fulgêncio Batista. Nas falas públicas do *comandante*, assim como na propaganda político-ideológica governamental, a criação de marcos temporais representativos da formação e do desenvolvimento da guerrilha de *Sierra Maestra* se expressou através da confecção de um calendário cívico de caráter rememorativo e, ao mesmo tempo, comemorativo, o qual se mostrou um artefato cultural de grande utilidade na tarefa de interpretar o passado de modo mais conveniente à forma de soberania que se queria legitimar no presente. Baseados no protagonismo das “armas”, os novos marcos temporais, que também podem ser chamados de efemérides²⁵², dispunham de forma teleológica uma série de acontecimentos, contextos e personagens considerados relevantes para a narrativa histórica que objetivava explicar e legitimar a origem, o fortalecimento e o sucesso do núcleo guerrilheiro estabelecido em *Sierra Maestra* durante a segunda metade dos anos 1950.

Inscritas em uma dimensão cíclica e “eternamente” repetível, segundo Le Goff²⁵³ uma das principais características do calendário enquanto instrumento de controle do

²⁵⁰ PRADO, Giliard. **A construção da memória da Revolução Cubana**, op. cit., p. 47, 48, 54, 191, 281.

²⁵¹ Idem, p. 21, 25, 26, 43; LE GOFF, Jacques. **História e memória**, op. cit., p. 397.

²⁵² Cf. BONALDO, Rodrigo Bragio. **Comemorações e efemérides: ensaio episódico sobre a história de dois paralelos**. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

²⁵³ LE GOFF, Jacques. **História e memória**, op. cit., p. 476-477.

tempo, na Cuba pós 1959 as inúmeras cerimônias oficiais dedicadas à memória da luta armada almejavam controlar os significados históricos do passado através da realização de “festas revolucionárias”²⁵⁴ sob o controle do Estado, dedicadas a inculcar na opinião pública a ideia de consenso em torno do regime socialista e de suas autoridades. Tendo isso em vista, entendemos que os usos político-ideológicos da memória surgiram e se consolidaram entre os anos de 1959 a 1976, isto é, do triunfo da Revolução Cubana até elaboração da primeira constituição após a deposição de Fulgêncio Batista, evento que estabeleceu as bases jurídico-legais do sistema socialista insular. Ao longo deste período é possível notar o surgimento e a consolidação da propaganda estatal que disseminou junto ao imaginário popular cubano uma série de datas comemorativas relacionadas ao processo revolucionário, e, em particular, à luta armada promovida pelo grupo político de Fidel Castro, o M 26-7. Tal constatação não significa que a constituição de 1976 por si só instituiu uma forma específica de gerir a memória oficial em Cuba ou mesmo que tenha trazido inovações em seu conteúdo. Todavia, é inegável que tal marco histórico simboliza a cristalização de um conjunto de lembranças que dali em diante constituíram a espinha dorsal do projeto de memória concebido pela estrutura estatal-partidária.

Prova disso pode ser notada no preâmbulo da carta magna socialista promulgada em 1976, que após mencionar e enaltecer a luta pela independência de Cuba frente aos espanhóis, no século XIX, afirmou o seguinte:

DECIDIDOS a llevar adelante la Revolución triunfadora del Moncada y del Granma, de la Sierra e de Girón encabezada por Fidel Castro que, sustentada en la más estrecha unidad de todas las fuerzas revolucionarias y del pueblo, conquistó la plena independencia nacional, estableció el Poder revolucionario, realizó las transformaciones democráticas, inició la construcción del socialismo y, con el Partido Comunista al frente, la continúa con el objetivo de edificar la sociedad comunista.²⁵⁵

²⁵⁴ Do ponto de vista teórico, Mona Ozouf identificou “duas grandes filosofias da festa”. A primeira, originária das teses de Émile Durkheim, a interpreta como a reunião da comunidade em torno da exaltação coletiva. A segunda, baseada no pensamento de Sigmund Freud, a compreende como uma transgressão das proibições, com ênfase no “excesso”. Ainda segundo Ozouf, existiram dois modelos historiográficos de interpretação das festas revolucionárias. O primeiro, elaborado pelos historiadores favoráveis à Revolução Francesa, com destaque para Jules Michelet, interpretou as festas como movimentos espontâneos que refletiam os interesses políticos das massas populares que passaram a ocupar os espaços públicos em nome da liberdade. O segundo, difundido por historiadores hostis à Revolução Francesa, considerava que as massas populares ocuparam os espaços públicos de modo “forçado”, simulando desfiles organizados em batalhões. OZOUF, Mona. **La Fête Révolutionnaire**, op. cit., p. 50-51, 56-57.

²⁵⁵ **Constitución de la Republica de Cuba**. Havana: Orbe, 1977, p. 4.

No texto constitucional supracitado nota-se que os fatos históricos conhecidos como *Moncada* (1953), *Granma* (1956), *Sierra Maestra* (1956-1958), *Triunfo* (1959) e *Playa Girón* (1961) foram representados como balizas temporais que sintetizam o papel central da luta armada na Revolução Cubana²⁵⁶. Encadeados teleologicamente, tais fatos operam como marcos cronológicos definidores do curso revolucionário, simbolizando, respectivamente, o início, o ressurgimento, a ascensão, a vitória e a reafirmação das “armas”. Por constar no preâmbulo da carta magna, na parte intitulada “decidimos”, escrito em caixa alta como forma de sugerir a existência de um pacto social impossível de ser contestado, a memória das diferentes etapas da luta armada foi mobilizada com o intuito de legitimar a Revolução e, por conseguinte, a própria constituição que a legalizou como um sistema de governo composto por regras, direitos e deveres a serem observados pela sociedade. A partir destes indícios, podemos afirmar que em 1976 a memória da guerrilha de *Sierra Maestra* foi “legalizada” ou “constitucionalizada”²⁵⁷ como fonte de legitimidade do regime instaurado em Cuba desde 1959. Seguindo a linha de raciocínio expressa no preâmbulo da primeira constituição socialista, o processo revolucionário insular não teria sido fruto da mobilização dos diferentes setores da sociedade civil por meio das instituições político-ideológicas então existentes, mas consequência direta do emprego das “armas” pelo grupo comandado por Fidel Castro, o M 26-7.

Paralelamente ao que chamamos de “constitucionalização” da memória da luta armada, fato consolidado com a promulgação da carta magna de 1976, os discursos de Fidel Castro entre 1959 e 2006 revelam o quanto ele explorou as datas cívicas relativas à história da guerrilha (figura 11)²⁵⁸. A partir da tabulação dos dados conclui-se que de 1959 em diante as falas públicas castristas focaram nos eventos históricos protagonizados pelas “armas”. Nota-se também a longevidade destas comemorações durante as quase cinco décadas em que Castro esteve à frente do Estado, particularmente em relação ao 26

²⁵⁶ No âmbito cinematográfico e audiovisual, as referências ao assalto ao quartel *Moncada* (26 de julho de 1953) e ao triunfo da Revolução Cubana (1º de janeiro de 1959) apresentam as duas maiores incidências dentre as cinco principais datas comemorativas do calendário cívico revolucionário. Cf. BORRERO, Juan Antonio. “Les dates patriotiques et le récit national”. In : BERTHIER, Nancy; ARÊAS, Camila (org.). **Noticiero ICAIC. 30 ans d’actualités cinématographiques à Cuba**. Paris: INA, 2022.

²⁵⁷ A intenção de consolidar a memória de fatos do passado no imaginário nacional através da constituição não configura uma novidade de Cuba, remontando ao contexto histórico da Revolução Francesa. Para efeito comparativo, no primeiro capítulo da constituição francesa promulgada em 1791, a primeira após o término do Antigo Regime, lê-se a seguinte mensagem: “Serão estabelecidas festas nacionais para conservar a recordação da Revolução Francesa”. *Apud* LE GOFF, Jacques. **História e memória**, op. cit., p. 423.

²⁵⁸ A efeméride de *Playa Girón* foi suprimida da tabela em anexo por não fazer parte da etapa insurrecional, isto é, da história da luta armada praticada em Cuba entre 1953 e 1959. Para uma análise da memória de *Playa Girón* ver RODRIGUES, Bruno Romano. *A memória de Playa Girón e o socialismo cubano*, op. cit.

de julho, que simboliza o assalto ao quartel *Moncada*, em 1953. Considerada o início da guerrilha, tendo a data deste acontecimento histórico servido para batizar uma das mais conhecidas organizações políticas contrárias ao regime de Fulgêncio Batista, o M 26-7, a comemoração da tentativa de tomada da fortificação localizada em Santiago marcou presença em quase todo o período em que Fidel Castro esteve no poder, com exceção dos anos de 1969 (em razão dos preparativos para a safra dos 10 milhões), 1994, 1997 e 2001. Já as datas 13 de março, concernente ao assalto ao Palácio Presidencial, ação armada organizada pelo Diretório Revolucionário, em 1957, e 1º de janeiro, relativa ao triunfo da Revolução Cubana, em 1959, contaram com falas públicas do *comandante* desde o início de seu governo até 1969, quando deixaram de contar com a “palavra” do mandatário, que a partir de então discursou em tais festividades de forma esparsa.

Sobre o processo de “constitucionalização” da memória da luta armada, foi nos anos 1960, mais precisamente até 1969, que o governo cubano selecionou quais datas históricas vinculadas à guerrilha seriam lembradas através de cerimônias oficiais. A partir da fracassada safra de cana-de-açúcar de 1970, a maior parte dos discursos castristas nas efemérides relativas ao assalto ao Palácio Presidencial e ao triunfo da Revolução seguiu o intervalo de cinco e dez anos. No caso do 13 de março, o “tempo redondo”²⁵⁹ corresponde à metade das falas realizadas após 1969, precisamente em 1997 e 2002, durante o 40º e 45º aniversários da ação do Diretório Revolucionário, respectivamente. Exceto pelo discurso de 1973, no caso do 1º de janeiro o “tempo redondo” pode ser visto em todos os restantes: 1979, 1989 e 1999 (20º, 30º e 40º aniversários da Revolução) e 1984, 1994 e 2004 (25º, 35º e 45º aniversários da Revolução). De 1970 a 1976, ambas as efemérides foram suplantadas pelo 26 de julho, que passou a centralizar a mensagem das “armas” em *Moncada*. A partir destas constatações, as quais serão desdobradas ao longo deste capítulo, entendemos que a memória da luta armada representou o eixo estruturante

²⁵⁹ Uma reflexão de Fidel Castro sobre a contagem do tempo baseada em décadas pode ser vista no discurso feito durante a comemoração oficial do centenário da *Protesta de Baraguá*, quando fez a seguinte reflexão: “Ha coincidido este centenario con muchas cosas. Ha coincidido con el 5 de marzo, fecha de la fundación del III Frente (APLAUSOS); ha coincidido con el 11 de marzo, fecha del 20 aniversario de la fundación del II Frente (APLAUSOS). Y otros muchos 20 aniversarios se conmemorarán este año. Es decir, va parejo el centenario con los 20 aniversarios. Van parejos. Cuando la Protesta de Baraguá cumpla el 110 aniversario, el III y el II Frentes conmemorarán también su 30 aniversario. Van de 10 en 10 (APLAUSOS). Cuando se cumpla ahora el 25 aniversario del Moncada, se cumplirá el 125 aniversario del nacimiento de Martí (APLAUSOS). Van también parejos. De cinco en cinco, de 10 en 10, y de 100 en 100, como si los números quisieran expresar, con su simbolismo, las estrechas relaciones que existen entre estos acontecimientos”. CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto de conmemoración del centenario de la Protesta de Baraguá, municipio “Julio Antonio Mella”, Santiago de Cuba, 15 de marzo de 1978, “Año del XI Festival”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1978/esp/f150378e.html>>. Acesso: 6 fev. 2023.

do calendário cívico criado pela Revolução Cubana. Em outras palavras, a consolidação da memória da guerrilha de *Sierra Maestra* não foi apenas o resultado do “novo” governo, mas um instrumento que colaborou decisivamente para legitimar e, no limite, criar a ideia de que em Cuba, após 1959, passou a existir de fato um “novo” governo.

Tendo em vista o aprofundamento das questões acima esboçadas, este capítulo se divide em duas partes. Na primeira, que atenta para os aspectos mais amplos, discutiremos a memória oficial criada pela Revolução Cubana a partir da crítica à ideia de “máquina do esquecimento” formulada pelo historiador Rafael Rojas. Em seguida, demonstraremos como o regime socialista insular formulou um projeto de memória baseado não apenas em esquecimentos intencionais, mas também em lembranças de acontecimentos ligados à luta armada, com o objetivo de construir uma narrativa legitimadora dos seus interesses político-ideológicos. A partir da compreensão da teleologia que conectou as efemérides protagonizadas pelos guerrilheiros, exporemos como a lembrança das “armas” presente nos discursos de Fidel Castro representam o eixo estruturante do calendário cívico cubano após 1959, orientando suas percepções de tempo, história e memória. Na segunda parte, que atenta para as particularidades, analisaremos como as datas comemorativas 26 de julho, 13 de março e 1º de janeiro foram manejadas pelo mandatário e pelo Estado com a finalidade de representar a luta armada como o único fator histórico responsável pelo êxito da Revolução Cubana. A partir da análise das fontes, entendemos que nos discursos castristas as “efemérides guerrilheiras” simbolizam uma narrativa histórica ascendente sobre a “saga” protagonizada pelos combatentes que decidiram derrotar o autoritarismo de Fulgêncio Batista pela força das armas.

3.1. “Máquina da memória”: a luta armada como eixo estruturante do calendário cívico da Revolução Cubana

Antes de analisarmos as particularidades das datas comemorativas ligadas à luta armada na produção discursiva de Fidel Castro, tema do próximo item, faz-se necessário estabelecer as bases sobre as quais o projeto de memória da Revolução Cubana se erigiu. Para tanto, este item discutirá os pressupostos que orientaram a compreensão da memória oficial do regime socialista cubano, assunto que vem ganhando cada vez mais espaço no debate intelectual no âmbito das ciências humanas. Nesta seara, chamamos atenção para o trabalho do historiador cubano Rafael Rojas, que dedicou à temática o livro intitulado *La máquina del olvido*. Valendo-se da expressão “máquina do esquecimento” criada pelo

intelectual negro Aimé Césaire, nascido em Martinica, Rojas afirmou ter identificado na Revolução Cubana dispositivos de legitimação²⁶⁰ do socialismo compatíveis com o termo cunhado por Césaire, o qual, originalmente, dizia respeito às consequências nocivas do colonialismo e do imperialismo praticados ao longo dos séculos por países europeus e pelos norte-americanos na América, África e Ásia. Registrada pela primeira vez no *Discurso sobre o colonialismo*, publicado em 1955, a expressão apareceu uma única vez ao longo desta obra, especificamente quando o autor se referiu à violenta dominação francesa sobre o Vietnã. Na ocasião, Césaire afirmou que os europeus haviam criado uma “máquina do esquecimento”²⁶¹ com o objetivo de silenciar e apagar a “cultura ancestral” de um povo que resistia ao domínio estrangeiro de seu território.

A explicação sobre o uso da metáfora de Césaire consta na introdução do livro de Rojas, quando o autor reconheceu que a expressão “máquina do esquecimento” fora criada pelo intelectual francófono para se referir à “colonização cultural”, à “limitação da soberania” e ao “saque de recursos naturais” levados a cabo pelos “grandes impérios do Ocidente”, afirmando ainda que a tradição intelectual europeia, sobretudo a francesa, “havia defendido o colonialismo em nome da civilização”, cabendo então à memória “justificar” ou “tolerar” a “aplicação de políticas de barbárie e desmemória sobre os povos colonizados de Ásia, África e América Latina”²⁶². Baseado na premissa de que a memória foi mobilizada com o intuito de facilitar a dominação política, econômica, cultural e social dos europeus e norte-americanos sobre povos considerados inferiores, Rojas alegou ter identificado tal característica na maneira como o governo socialista cubano se relacionou com a sociedade insular a partir de 1º de janeiro de 1959. Ao adotar esta “similaridade” como ponto de partida de sua análise sobre a memória oficial da Revolução Cubana, Rojas extrapolou o contexto histórico das expansões das economias capitalistas do hemisfério norte que resultaram no binômio colonialismo-imperialismo, dando um salto espaço-temporal com o objetivo de encaixar a metáfora de Aimé Césaire na Cuba revolucionária e no regime político que em pouco tempo de existência passaria a adotar formalmente o socialismo como ideologia oficial de Estado.

²⁶⁰ Segundo Rafael Rojas, o conceito de legitimidade compreende uma “estrutura jurídica” e “simbólica” responsável pela normatização de uma “nova ordem política”, valendo-se para isso de um conjunto de regras sociais (leis, constituição e ideologia), de uma política cultural-educativa (literatura, artes, ciências sociais) e de meios de comunicação de massa (imprensa, jornal, rádio, televisão e cinema). ROJAS, Rafael. **La máquina del olvido**, op. cit., p. 54.

²⁶¹ CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2020, p. 40.

²⁶² ROJAS, Rafael. **La máquina del olvido**, op. cit., p. 11.

Conectando o contexto histórico do colonialismo-imperialismo (século XVI-XIX) com o da Revolução Cubana (século XX), Rafael Rojas investiu na tese de que em ambos os casos houve o uso deliberado da (des)memória como política de Estado organizada com o objetivo de exercer dominação política sobre a sociedade.

[...] La máquina del olvido del colonialismo no era diferente a la de cualquier Estado autoritario o totalitario moderno que se propusiera excluir o jerarquizar moralmente a los sujetos del pasado. Tampoco deja de ser irónica la pertinencia de estas ideas de Césaire para pensar el rol que ha jugado la historia oficial dentro del aparato de legitimación del socialismo cubano durante el último medio siglo. El proceso de colonización mental emprendido por los imperios atlánticos es sumamente parecido al que puso en práctica el Estado insular con el propósito de incorporar, a las formas de identificación política de la ciudadanía, un relato hegemónico sobre el pasado nacional. La paradoja reside en que esa colonización mental se llevó a cabo en nombre de la descolonización de Cuba, es decir, del rescate de una soberanía nacional limitada o perdida. La recuperación de la soberanía por parte del Estado cubano implicó una confiscación de la memoria de la ciudadanía²⁶³.

Segundo o autor, após 1959 o governo cubano se tornou um Estado totalitário que controlou as interpretações dos cidadãos sobre o passado nacional, característica que o igualaria ao colonialismo-imperialismo e suas estratégias de memória elaboradas a fim de estruturar e justificar sua dominação sobre os demais povos do globo. Contestável, visto que produz a sensação de “verdade” a partir de uma comparação que desvincula os meios dos fins, o principal problema da abordagem historiográfica de Rojas pode ser resumido no que consideramos uma falsa equivalência entre o processo revolucionário cubano de viés reformista e, posteriormente, socialista (ocorrido em um país rural, latifundiário, agrário, de tradição escravocrata e um dos últimos das Américas a se tornar independente de uma metrópole europeia, a Espanha) e o amplo conjunto de sistemas coloniais-imperialistas organizados a partir da Europa e EUA com o objetivo explícito de explorar política e economicamente outros povos e nações valendo-se de toda sorte de mecanismos de dominação que viabilizassem a realização desta meta. Considerando as práticas que originaram a memória oficial da Revolução Cubana, escopo desta pesquisa, a “máquina do esquecimento” de Rojas soa como uma tentativa até certo ponto anacrônica

²⁶³ Idem, p. 13.

ao igualar as estratégias do Estado insular após 1959 às do colonialismo-imperialismo²⁶⁴, tendo como único critério de comparação entre as duas realidades históricas ideias vagas como “exclusão” e “hierarquização moral” dos “sujeitos do passado”.

O historiador cubano radicado no México afirmou que em ambos os contextos históricos os dominadores visaram criar uma “colonização mental” sobre os dominados, com a diferença de que no regime socialista cubano a consolidação de um “relato hegemônico sobre o passado nacional” ocorreu sob a justificativa de “descolonizar” o país, sendo a memória uma forma de os guerrilheiros viabilizarem seu controle político-ideológico sobre a população. Escondidos sob a causa da soberania nacional cubana, os barbudos de *Sierra Maestra* liderados por Fidel Castro teriam construído uma narrativa anti-imperialista com o objetivo de dominarem política e ideologicamente a sociedade insular, sendo este, segundo se infere do excerto supracitado, o “real” sentido da luta armada empreendida contra a ditadura de Fulgêncio Batista. Em nome da conquista da soberania nacional, a Revolução Cubana teria “confiscado” a memória como um direito social dos cidadãos, delineando um projeto estatal de “amnésia coletiva” que garantiu a construção e a manutenção, ao longo do tempo, de um poder essencialmente autoritário e de uma espécie de esmagamento da sociedade pelo Estado. Neste caso, tal perspectiva revela o duplo caráter da memória oficial revolucionária. Por um lado, ela comprova, para Rojas, a construção de um governo totalitário em Cuba após 1º de janeiro de 1959. Por outro lado, ela se apresenta como sinônimo de um esquecimento decretado de “cima” para “baixo”, impossibilitando a população de resistir aos ditames do Estado.

Pressupor que somente o esquecimento, desacompanhado da lembrança, tenha orientado a construção da memória oficial implica negar as inúmeras apropriações do passado nacional insular que Fidel Castro realizou em seus discursos, resumidas através da ideia de que em Cuba teria ocorrido “uma só revolução”²⁶⁵ desde a primeira tentativa

²⁶⁴ Para uma análise das violências do imperialismo britânico durante o século XIX, com ênfase nas relações entre gênero, raça e classe, consultar MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial**. Campinas, SP: Unicamp, 2010.

²⁶⁵ Esta ideia foi explorada em profundidade por Fidel Castro no seu discurso em homenagem ao centenário da primeira tentativa de independência de Cuba. Cf. CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el resumen de la Velada Conmemorativa de los Cien Años de Lucha, efectuada en la Demajagua, Monumento Nacional, Manzanillo, Oriente, el 10 de octubre de 1968**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f101068e.html>>. Acesso: 6 fev. 2023. Para além da relação estabelecida por Castro entre o *Grito de Yara* e o triunfo da Revolução, com o passar do tempo sua contagem extrapolou o ano de 1959 como referência cronológica. Em discurso pronunciado no dia 26 de julho de 1998, durante a comemoração do aniversário do assalto ao quartel *Moncada*, o mandatário afirmou que a luta dos cubanos por independência política somava naquela altura 130 anos, contados a partir da

de independência da ilha até o triunfo da Revolução (1868-1959). A partir das relações e, das tensões entre “lembrar” e “esquecer”, e não da dicotomia entre estas duas dimensões que compõem a memória social²⁶⁶, entendemos que a compreensão da memória oficial em Cuba após 1959 deve levar em conta que o regime socialista apresentou forte intencionalidade ao formatar uma narrativa veiculada dentro da ilha como expressão da verdade, e que tal prática, em diversas ocasiões, ofereceu pouca abertura a setores sociais e político-ideológicos que inicialmente não haviam feito parte da oposição à ditadura batistiana, ou àqueles que, por diferentes razões, não aderiram à ideologia socialista, além dos grupos que se opuseram ao processo revolucionário desde o início. Diferentemente de Rojas, vemos na memória oficial não uma “ausência”, isto é, a supressão absoluta da cidadania pelo Estado, mas uma “presença”, isto é, a produção de nexos históricos que atribuíram significados ao passado e indicaram um “lugar” onde a Revolução pretendia chegar no futuro a partir da constante atualização do legado da luta armada.

Portadora de esquecimentos²⁶⁷, mas não se resumindo a isso, a memória oficial cubana após 1959 é por nós compreendida como um organismo vivo que se transformou ao longo dos sucessivos tempos presentes a partir dos quais as interpretações sobre o passado e a vida em sociedade foram atualizadas frente aos novos eventos e contextos históricos. Se tivéssemos que cunhar um termo capaz de exprimir as relações entre poder e memória em Cuba, após 1959, ele certamente não estaria subordinado apenas ao esquecimento, mas também à reiteração de uma série de lembranças que apontam para a

rebelião liderada por Carlos Manuel de Céspedes, em 10 de outubro de 1868. CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Presidente de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, en el acto central por el 45 aniversario del asalto a los cuarteles Moncada y Carlos Manuel de Céspedes, efectuado en Santiago de Cuba, el día 26 de julio de 1998.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1998/esp/f260798e.html>>. Acesso: 6 fev. 2023.

²⁶⁶ Segundo Paolo Rossi, o “entrelaçamento de memória-esquecimento” se mostra “muito profundo” em cenários de “transformações radicais” e “rupturas totais e irreparáveis”. PAOLO, Rossi. **O passado, a memória, o esquecimento**, op. cit., p. 25. Para outras análises sobre as relações entre lembrança e esquecimento ao longo da história consultar RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**, op. cit.; Idem. **La lectura del tiempo pasado: memoria y olvido**, op. cit.; CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**, op. cit.; TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**, op. cit.; CANDAU, Joel. **Memoria e identidade**, op. cit., p. 72, 127; POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio...** op. cit.; SVAMPA, María Lucila. **Historia en disputa. Memoria, olvido y usos del pasado**, op. cit.; ÁLVARO, Francesc-Marc. **Entre la mentira y el olvido: el laberinto de la memoria colectiva**, op. cit.; YERUSHALMI, Yosef; MOMMSEN, Hans; MILNER, Jean-Claude; VATTIMO, Gianni; LORAUX, Nicole. **Usos do esquecimento**, op. cit.; AUGÉ, Marc. **As formas do esquecimento**, op. cit.; LORAUX, Nicole. **La ciudad dividida**, op. cit.; JELIN, Elizabeth. **La lucha por el pasado**, op. cit.; Idem. **Los trabajos de la memoria**, op. cit.; BURKE, Peter. **História como memória social...** op. cit., p. 67-89.

²⁶⁷ As estratégias, características e particularidades dos esquecimentos e silenciamentos promovidos pelo regime socialista cubano contra seus dissidentes e inimigos serão abordados em profundidade no próximo capítulo, que analisará como a construção da memória da luta armada nos discursos de Fidel Castro resultou de intensas disputas político-ideológicas com grupos concorrentes e opositores à Revolução Cubana.

construção de uma autêntica “máquina da memória”²⁶⁸, isto é, um amplo conjunto de procedimentos que visava difundir uma narrativa sobre o passado nacional da ilha tendo como ponto de partida o papel da luta armada na Revolução Cubana. Neste sentido, o calendário cívico elaborado pelo governo revolucionário, a partir do qual se organizaram uma série de cerimônias públicas rememorativas nas quais Fidel Castro discursava para multidões, evidencia como a memória se tornou um tema de alta relevância no cenário político insular. Em eventos desta natureza, o apelo ao dever de lembrar e relembrar, de não esquecer, tópicas mobilizadas à exaustão pelo estadista e pela propaganda oficial socialista, serve como forte indício de que na Revolução Cubana houve “excesso” de memória, e não “escassez” ou apenas “negação”, interessando, portanto, que se estude o fenômeno do *mnemotropismo*²⁶⁹ enquanto prática de Estado.

Com vista a superar a dicotomia entre “lembrar” e “esquecer”, interessa-nos aqui compreender como o regime comunista utilizou a memória da Revolução Cubana com o objetivo de incluir amplos setores da sociedade insular na narrativa político-ideológica protagonizada pela guerrilha de *Sierra Maestra*. Tal qual uma engrenagem em intenso e constante movimento, para continuar na metáfora das “máquinas” proposta por Rafael Rojas a partir de sua leitura da obra de Aimé Césaire, entendemos que a memória oficial do regime socialista trabalhou incessantemente e das mais variadas formas, sendo as falas públicas de Fidel Castro apenas uma das dimensões do vasto universo simbólico dedicado a enaltecer as datas que simbolizavam a história ascendente das “armas”. Na Cuba pós 1959, a memória oficial não é apenas o resultado, mas o próprio funcionamento de uma “máquina” trabalhando a pleno vapor e que não cessa de funcionar para que suas “engrenagens” sejam desmontadas a fim de serem analisadas e depois devolvidas aos seus devidos lugares. Universo simbólico ligado à visão de mundo forjada pelas experiências e lembranças de *Sierra Maestra*, a “máquina da memória” também se manifestou através de um calendário cívico que “guerrilheirizou” o passado de Cuba, isto é, selecionou os acontecimentos e personagens do passado segundo a utilidade que apresentavam, nos sucessivos tempos presentes, para a legitimação da luta armada como estratégia legítima de conquista do poder pelo grupo político chefiado por Fidel Castro.

²⁶⁸ Na literatura acadêmica sobre memória social é possível encontrar análises que apontam nesta direção. Ao analisar o papel do Estado francês na produção de rituais de memória entre as décadas de 1980 e 1990, Joel Candau afirmou que tais eventos funcionaram como uma “máquina de fabricar consensos”. CANDAU, Joel. **Memória e identidade**, op. cit., p. 148.

²⁶⁹ Característico do mundo contemporâneo, este fenômeno foi definido por Joel Candau como uma “força que age no seio das sociedades contemporâneas que as leva a manifestar uma ligação poderosa ao passado”. CANDAU, Joel. **Antropologia da memória**, op. cit., p. 208.

Uma das maneiras do Estado cubano tentar exercer controle ideológico sobre a memória do processo revolucionário se manifestou através dos discursos de Fidel Castro, sobretudo dos realizados em datas associadas à luta armada, cerimônias rememorativas que se tornaram peças de propaganda política de grande relevância para o funcionamento da “máquina da memória” criada na ilha após 1959. Comunicando para grandes plateias, reunidas em espaços públicos, um amplo conjunto de teses e ideias emanadas da estrutura estatal-partidária, o mandatário se tornou um agente ativo na consolidação dos marcos temporais que deveriam orientar, a seu juízo, a gestão da memória em Cuba, a começar pela oposição entre a “nova” ordem, inaugurada em 1959, graças à luta armada, e a “antiga”, representada pela ditadura de Fulgêncio Batista. Entre outras consequências, as aparições de Castro em eventos desta natureza colaboraram para construir e reforçar seu protagonismo na cena pública, tendo em vista que ao se comunicar com suas audiências o estadista o fazia ao mesmo tempo como narrador e como ator protagonista das ações do passado evocadas em seus atos de fala. Misturando a história de Cuba e da guerrilha de *Sierra Maestra* com a sua biografia no intuito de fundir tais dimensões numa narrativa coerente e homogênea, Fidel Castro utilizou as datas relativas às “armas” para legitimar a trajetória do M 26-7 durante o período insurrecional, etapa compreendida entre o assalto ao quartel *Moncada* e o triunfo da Revolução Cubana (1953-1959).

Em outras palavras, a memória oficial da Revolução Cubana foi pautada quase que exclusivamente nas lembranças dos eventos históricos relacionados à luta armada, os quais foram empregados na produção discursiva castrista como marcos cronológicos com a função de organizar a contagem e, sobretudo, os significados da passagem do tempo dentro da ilha. Tais marcos temporais se expressaram através de um conjunto articulado de comemorações que tem a guerrilha e, conseqüentemente, a figura de Fidel Castro, como centro de gravidade de uma narrativa alicerçada na apologia às “armas”. Cultuada através de datas comemorativas, no caso do 26 de julho de forma quase ininterrupta, como é possível observar na tabela em anexo (figura 11), a memória da luta armada ganhou visibilidade através da realização periódica de cerimônias e rituais que visavam fazer do núcleo de *Sierra Maestra* a única fonte de legitimidade do governo instaurado em Cuba após 1959. Nos discursos de Fidel Castro, a “máquina da memória” pode ser notada na utilização do calendário cívico como forma de reiterar que a Revolução Cubana era o resultado direto das ações dos guerrilheiros no passado, sem as quais a vitória sobre o regime autoritário de Fulgêncio Batista não teria sido possível. Numa das vezes em que reafirmou esta mensagem, em 19 de abril de 1965, durante a comemoração do quarto

aniversário da batalha de *Playa Girón*, o estadista abriu seu discurso refletindo sobre os significados das datas históricas em Cuba.

El 19 de abril se ha convertido en una fecha histórica para nuestro país. El 19 de abril se une a las demás fechas con las que se ha ido escribiendo la historia de nuestra Revolución. Pertenece, al igual que el 26 de Julio, el 1^{ro} de Enero, el 13 de Marzo, el 2 de Diciembre, a la historia de esta Revolución.

Para que una fecha adquiriera carácter histórico es necesario que la idea que esa fecha representa se haga realidad. El 10 de Octubre, el 24 de Febrero y todas las otras fechas que marcan momentos culminantes de la vida de nuestra nación se hacen realidad en el triunfo de la Revolución.

Si los mercenarios invasores hubiesen logrado el imposible de aplastar a la Revolución, ellos habrían señalado el 17 de abril como su fecha histórica; al igual que el régimen derrotado por la Revolución tenía también sus fechas históricas: su 10 de marzo, su 4 de septiembre.

Lo que la Revolución ha hecho es barrer todas esas fechas que no significaban ninguna cosa digna para nuestro pueblo, que no significaban ningún avance real para nuestro país. Y en su lugar ha ido situando las fechas que sí significaron algo trascendental para nuestra patria.

Para nosotros el 10 de Octubre es también una fecha histórica; para nosotros el 24 de Febrero, en que se inició la revolución de José Martí, es una fecha histórica; para nosotros el 20 de mayo no es una fecha histórica, porque esa fecha nos recordaba aquella independencia falsa, aquella pseudo independencia que nos impusieron los intervencionistas yanquis con Enmienda Platt y las demás cosas por el estilo. Y para nosotros las fechas que han hecho o han significado en este proceso revolucionario los momentos culminantes son fechas históricas, porque podemos decir con satisfacción todos nosotros que nuestra Revolución culminó la obra de nuestros libertadores, y nuestra Revolución barrió todos los símbolos falsos, barrió todas las falsas fechas, y reivindicó todas las verdaderas y dignas fechas históricas de nuestra patria. [...]

Si el 26 de Julio marcó el inicio de la lucha armada del pueblo, el 19 de abril marcó el día en que los planes trazados por los sesudos generales del Pentágono, por las lumbreras de la Agencia Central de Inteligencia, se vinieron abajo, se vinieron abajo estrepitosamente, y se vinieron abajo en cuestión de horas.²⁷⁰

Ao abordar a importância do 19 de abril para o calendário cívico cubano, Fidel Castro o adicionou na lista de datas que vinham “escrevendo” a história do processo revolucionário insular. Desta maneira, o dia da vitória em *Playa Girón* entrou no seletivo grupo composto por mais quatro efemérides da luta armada: 26 de julho (assalto ao

²⁷⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro, Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de conmemoración de la victoria de Playa Girón, celebrado en el Teatro “Chaplin, el 19 de abril de 1965.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f190465e.html>>. Acesso em: 6 fev. 2023.

quartel *Moncada* - 1953), 2 de dezembro (desembarque do iate *Granma* em Cuba - 1956), 13 de março (assalto ao Palácio Presidencial - 1957) e 1º de janeiro (triunfo da Revolução Cubana - 1959). Todavia, no trecho acima citado estas datas não foram mencionadas seguindo a cronologia dos fatos, isto é, tendo como início o assalto ao quartel *Moncada* e como fim o triunfo da Revolução. Tal supressão objetivava conferir protagonismo à guerrilha de *Sierra Maestra*, conectando o 26 de julho ao 1º de janeiro a fim de expressar uma teleologia pautada na “origem” e na “apoteose” da luta armada, respectivamente. Em segundo plano, observa-se a presença do 13 de março e do 2 de dezembro, datas que embora ajudassem a contar a história da Revolução, por se tratarem de ações armadas contra a ditadura de Fulgêncio Batista, se mostraram menos relevantes que o 26 de julho e o 1º de janeiro. Nesta espécie de “genealogia” da luta armada, com destaque para as ações do M 26-7, chama atenção o fato da vitória de *Playa Girón*, em 19 de abril 1961, ter sido interpretada por Castro como uma continuidade da guerrilha de *Sierra Maestra*, a despeito do evento ter ocorrido após a deposição de Fulgêncio Batista.

Para chegar a esta narrativa, o estadista expôs o critério usado para aferir o “caráter histórico” das datas do passado. Em sua opinião, era preciso que a “ideia” representativa de uma determinada data se tornasse “realidade” no futuro, deixando subentendido que esta “ideia” estaria subordinada às interpretações elaboradas após os fatos ocorrerem, e não durante. Para exemplificar seu “método”, Castro mencionou o 10 de outubro (1868) e o 24 de fevereiro (1895), que marcam o início das duas guerras de independência de Cuba, respectivamente. A seu juízo, ambas as datas não apresentavam valor histórico em si mesmas, posto que não chegaram a atingir suas metas, mas em razão do triunfo da Revolução Cubana, que teria conseguido realizar os objetivos políticos almejados em 1868 e 1895. Mais do que uma continuidade com a tradição independentista do século XIX, o 1º de janeiro de 1959 passou a conferir sentido histórico tanto ao 10 de outubro de 1868 quanto ao 24 de fevereiro de 1895, visto que, nesta linha de raciocínio, somente a ascensão dos guerrilheiros de *Sierra Maestra* ao poder havia conseguido consolidar as “ideias” representadas pelas duas tentativas de independência da ilha, concretizando os anseios alimentados por inúmeras gerações de combatentes nacionalistas. Em síntese, no entender de Castro o passado se encontra submetido às demandas surgidas nos sucessivos tempos presentes após o triunfo da Revolução, quando os ditos “momentos culminantes” e “transcendentais” da nação cubana teriam ganhado sentido pleno.

Às datas históricas vinculadas ao processo revolucionário insular o mandatário opôs as que chamou de “datas falsas”, isto é, os eventos que não representavam significados

“dignos” ou “avanços reais” para o povo cubano. Com o intuito de reforçar a relevância do triunfo da Revolução e, conseqüentemente, do 10 de outubro de 1868 e do 24 de fevereiro de 1895, Fidel Castro realizou no trecho discursivo supracitado um exercício de memória “inversa” ou “contrarrevolucionária”, simulando outra realidade histórica a partir de uma hipotética vitória dos expedicionários financiados pelos EUA na batalha de *Playa Girón* (1961). Admitindo, de forma indireta, a memória social como um campo de intensas disputas político-ideológicas²⁷¹, o *comandante* afirmou que caso seus inimigos tivessem vencido o referido conflito a memória oficial do “novo” regime transformaria o dia 17 de abril de 1961 na sua mais importante data comemorativa, associando-se a outras duas datas vinculadas ao passado de autoritarismo em Cuba: 10 de março (golpe de Estado de Fulgêncio Batista - 1952) e 4 de setembro (golpe de Estado que depôs Carlos Manuel de Céspedes - 1933). A estas três datas negativas (17 de abril, 10 de março e 4 de setembro) Castro adicionou outra, o 20 de maio (independência e fundação da República cubana - 1902), considerada por ele o símbolo de uma “falsa independência”, visto que este fato histórico teria beneficiado apenas os interesses políticos e econômicos norte-americanos instalados na ilha durante o período republicano.

Ao dividir o passado em duas partes, uma “reivindicada” e outra “condenada”, as palavras acima citadas permitem observar os parâmetros que permitiram a Fidel Castro atribuir sentidos negativos e positivos ao passado, em particular às datas. Em primeiro lugar, destacamos o critério da utilidade que orientou sua interpretação do passado segundo as demandas do presente, procedimento que esvaziou os eventos pretéritos de significados “neutros”, “espontâneos” ou “ínatos”. Em vez disso, o passado precisava ser constantemente interpretado por agentes históricos posteriores aos fatos evocados a fim de que, de acordo com seus interesses, elaborassem uma narrativa capaz de legitimar as opiniões de determinados agentes sociais no presente. Em segundo lugar, destacamos que

²⁷¹ A consciência de Fidel Castro a este respeito pode ser averiguada em outro discurso, feito no dia 5 de setembro de 1992, no qual fez a seguinte afirmação: “Porque sabemos que si un día el imperialismo pudiera apoderarse otra vez de esta tierra [...] la memoria de nuestros mártires y héroes sería barrida, la lucha de más de 120 años estaría perdida; ni los restos de nuestros héroes quedarían, nada que recordara su historia, un solo símbolo, una sola estatua, una sola tumba, un solo nombre de mártir en cualquiera de nuestros hospitales, de nuestras escuelas, de nuestras cooperativas, de nuestras fábricas.” CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto por el XXXIX aniversario del asalto al cuartel Moncada y el XXXV del levantamiento de Cienfuegos, efectuado en Cienfuegos, el 5 de septiembre de 1992, “Año 34 de la Revolución”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1992/esp/ff050992e.html>>. Acesso em: 5 fev. 2023.

a memória das onze datas citadas²⁷², tanto as positivas, chamadas pelo estadista de “históricas”, “verdadeiras” e “dignas”, quanto as negativas, chamadas de “falsas”, foram colocadas a serviço da legitimação da Revolução Cubana. Para tanto, Castro elaborou duas teleologias que sintetizavam distintos caminhos apresentados à nação. Entendido como autoritário e contrário aos interesses populares, um deles exprimiu-se através da sequência 20 de maio (1902), 4 de setembro (1933), 10 de março (1952) e 17 de abril (1961). O outro, representado como libertário e favorável aos interesses populares, expressou-se na sequência 10 de outubro (1868), 24 de fevereiro (1895), 26 de julho (1953), 2 de dezembro de 1956, 13 de março (1957) e 1º de janeiro (1959).

A utilização de datas inscritas tanto no passado mais distante quanto no mais recente evidencia como a “máquina da memória” criada pela Revolução Cubana e vocalizada por Fidel Castro nos palanques espalhados pela ilha se pautou nas lembranças da luta armada, tendo em vista que sete das onze datas mencionadas em seu discurso (no período 1952-1961: 10 de março, 26 de julho, 2 de dezembro, 13 de março, 1º de janeiro, 17 de abril e 19 de abril) dizem respeito a eventos presenciados ou protagonizados pelo mandatário e seu grupo político, os quais se tornaram símbolos da Revolução Cubana. Tais evocações visavam justificar o surgimento e a ascensão da guerrilha contra a ditadura de Batista, bem como a chegada “apoteótica” e a continuidade dos guerrilheiros no poder, esta última característica associada à memória da batalha de *Playa Girón*. Já as quatro datas restantes (no período 1868-1933: 10 de outubro, 24 de fevereiro, 20 de maio e 4 de setembro) comprovariam a ancestralidade e a viabilidade da luta armada como tática mais adequada para conquistar os direitos político-sociais que vinham sendo negados ao povo cubano ao longo do tempo. Esta dupla legitimidade se expressou através das tentativas frustradas de independência de Cuba, no século XIX, e dos reveses sofridos durante o período republicano, resultantes do reacionarismo das elites econômicas insulares aliadas aos interesses norte-americanos, que mesmo assim não conseguiram derrotar a tática das “armas” adotada, posteriormente, pelos guerrilheiros de *Sierra Maestra*.

A tese de que em Cuba a luta armada remontava à causa independentista²⁷³, não estando restrita apenas ao combate ao regime de Fulgêncio Batista, pode ser averiguada

²⁷² Em ordem cronológica: 10 de outubro de 1868, 24 de fevereiro de 1895, 20 de maio de 1902, 4 de setembro de 1933, 10 de março de 1952, 26 de julho de 1953, 2 de dezembro de 1956, 13 de março de 1957, 1º de janeiro de 1959, 17 de abril e 19 de abril de 1961.

²⁷³ Além dos discursos, Fidel Castro teceu comparações entre as datas comemorativas da guerrilha e da luta independentista cubana em diferentes oportunidades. Uma delas ocorreu na entrevista concedida ao diretor Santiago Álvarez no documentário *La Guerra Necesaria* (1980), quando fez a seguinte afirmação: “Pienso que cada generación tiene sus fechas históricas. Si los mambises tuvieron el 10 de Octubre, nosotros

em outras oportunidades nas quais Fidel Castro interpretou as ações dos guerrilheiros do M 26-7 a partir da estratégia adotada pelos *mambises* contra os espanhóis. Em discurso realizado no dia 17 de dezembro de 1975, o mandatário elaborou a seguinte reflexão:

El asalto al cuartel Moncada no significó el triunfo de la Revolución en ese instante, pero señaló el camino y trazó un programa de liberación nacional que abriría a nuestra patria las puertas del socialismo. No siempre en la historia los reveses tácticos son sinónimos de derrota. [...] Lo importante para abrir el camino hacia el futuro en determinadas circunstancias es la voluntad inquebrantable de lucha y la propia acción revolucionaria. Sin Moncada no habría existido el “Granma”, la lucha de la Sierra Maestra y la victoria extraordinaria del 1º de enero de 1959. De igual modo, sin la epopeya del 68 y el 95, Cuba no sería independiente y el primer país socialista de America, sino casi con toda seguridad, un estado más del odioso imperialismo yanqui.²⁷⁴

Para Fidel Castro, a trajetória histórica que conduziu Cuba da libertação nacional ao socialismo havia sido iniciada, indubitavelmente, pelo assalto ao quartel *Moncada*, em 26 de julho de 1953. A partir desta referência factual, a lembrança do evento deu saltos no tempo e se projetou tanto para “trás” quanto para “frente”. Interpretado pelo estadista como um “revés tático”, e não como uma derrota definitiva, o assalto à fortaleza de Santiago entrou para a memória oficial da Revolução Cubana com um duplo significado, ambos relacionados à luta armada. Primeiramente, no que diz respeito ao período pré *Moncada*, tal evento histórico foi entendido como continuidade e, sobretudo, como ápice de uma tradição de resistência armada oriunda da segunda metade do século XIX, quando a ilha buscou se autonomizar da Espanha através de duas grandes insurgências, a primeira em 1868, conhecida como *Grito de Yara*²⁷⁵, e a segunda em 1895, conhecida como *Grito de Baire*²⁷⁶. Em segundo lugar, no que se refere ao período pós *Moncada*, tal fato histórico foi retratado não apenas como o reinício da luta armada no começo da segunda metade do século XX, mas também como o elemento desencadeador de uma série de outros acontecimentos históricos relacionados à guerrilha do M 26-7, tais como o desembarque

tuvimos nuestra fecha histórica el 26 de Julio; si ellos tuvieron el 24 de Febrero, el inicio de la segunda Guerra de Independencia, eso exactamente significó para nosotros el desembarco del Granma”. CASTRO, Fidel. **José Martí en el ideario de Fidel Castro**. Havana: Ediciones Especiales, 2004, p. 214.

²⁷⁴ CASTRO, Fidel. **Fidel Castro: el Moncada y La historia me absolverá** (selección temática 1953-2003). Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 2009, p. 122.

²⁷⁵ No atual município de *Yara*, localizado na província de *Granma*, ocorreu o primeiro confronto armado entre cubanos e espanhóis, que contou com a participação direta do general do Exército de Libertação Carlos Manuel de Céspedes, passando a ser considerado o início da luta anticolonial em Cuba.

²⁷⁶ Nome dado às sublevações simultâneas consideradas o início da segunda tentativa de independência de Cuba, contexto histórico marcado pela ativa participação político-militar de José Martí, que em virtude de seu engajamento neste conflito acabou morrendo em campo de batalha, na região de *Dos Ríos*.

do iate *Granma* em Cuba (2 de dezembro de 1956), a fixação dos guerrilheiros liderados por Fidel Castro na região de *Sierra Maestra* (1956-1958) e, por fim, o próprio triunfo da Revolução Cubana (1º de janeiro de 1959).

Quando fazendo referência ao período anterior a 1953, em especial às guerras de independência, a representação castrista do assalto ao quartel *Moncada* expressa a ideia de continuidade da luta armada, buscando equiparar tal ação histórica aos dois principais eventos fundadores da nacionalidade cubana, as tentativas de emancipação iniciadas em 1868 e 1895. Quando fazendo referência ao contexto posterior a 1953, em particular ao período insurrecional (1953-1959), a representação do assalto ao quartel *Moncada* expressa a ideia de fundação da guerrilha. Seja como ponto de chegada do século XIX ou ponto de partida do século XX, a memória do ataque armado à fortaleza de Santiago organizou a compreensão temporal de Fidel Castro, transformando-se no epicentro da “máquina de memória” responsável pela produção de significados relativos à história de Cuba e da luta armada. Combinadas, mescladas e, até certo ponto, fundidas, as ideias de continuidade e origem da guerrilha em Cuba, criadas como forma de representar a ação armada levada a cabo no dia 26 de julho de 1953, embasaram a maneira pela qual Fidel Castro procurou legitimar a estratégia utilizada por seu grupo político para tentar sacar Fulgêncio Batista do poder. Em síntese, neste caso a memória de *Moncada* operou como uma zona de intersecção entre as revoltas armadas ocorridas na ilha nos séculos XIX (de caráter independentista) e XX (a guerrilha da *Sierra Maestra*), legitimando uma “longa” duração da guerrilha²⁷⁷ que desembocava no triunfo da Revolução Cubana.

Outros paralelos históricos entre as guerras independentistas cubanas e a guerrilha de *Sierra Maestra* podem ser observados no discurso pronunciado por Fidel Castro em 15 de março de 1978, encerrado da seguinte maneira:

Dediquemos los minutos finales de este acto a la Protesta de Baraguá y a Antonio Maceo, y consagrémosles, desde lo más profundo de nuestros corazones, la obra revolucionaria. A Maceo, a Gómez, a Céspedes, a Agramonte, a Martí, a Yara, a Baraguá y a Baire, consagramos el homenaje de nuestro esfuerzo revolucionario, del esfuerzo

²⁷⁷ Nossa compreensão de longa duração da luta armada em Cuba tem como objetivo sintetizar o anseio de Fidel Castro e da propaganda política estatal em se filiarem à tradição independentista e anti-imperialista que remontava ao século XIX, a qual serviu de inspiração para os guerrilheiros do M 26-7 se legitimarem publicamente como “continuadores” dos *mambises*. Neste caso, portanto, nossa interpretação não se baseou no conceito de longa duração formulado por Fernando Braudel, que analisou os fenômenos sociais a partir de uma ampla perspectiva temporal, com destaque para os elementos histórico-geográficos. Para averiguar o conceito de longa duração na obra do historiador francês ver BRAUDEL, Fernand. **O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II**. 2 volumes. Lisboa: Dom Quixote, 1983-1984; Idem. História e Ciências Sociais: a longa duração. **Revista de História**, [S. l.], vol. 30, n. 62, 1965, p. 261-294.

revolucionario de nuestra generación. A ellos dedicamos el Moncada, el Granma, la Sierra, el 13 de Marzo, Girón [...] A ellos consagramos nuestros esfuerzos y nuestras luchas. Un día como hoy propongámonos seguir adelante, como hemos marchado hasta hoy, enriqueciendo las páginas de la historia de la patria.²⁷⁸

Nota-se aqui a construção de três linhas históricas teleológicas. Acompanhada dos nomes de seus respectivos líderes político-militares, a primeira diz respeito às guerras independentistas ocorridas na segunda metade do século XIX, tais como o *Grito de Yara* (10 de outubro de 1868), *La Protesta de Baraguá*²⁷⁹ (15 de março de 1878) e o *Grito de Baire*²⁸⁰ (24 de fevereiro de 1895). Vinculada à primeira linha, pois estruturada na forma de causa e efeito, a segunda aborda os eventos “armados” ocorridos na segunda metade do século XX, tais como *Granma* (2 de dezembro de 1956), *Sierra Maestra* (1956-1958), assalto ao Palácio Presidencial (13 de março de 1957) e *Playa Girón* (17 a 19 de abril de 1961), que compõem uma narrativa elaborada com a finalidade de justificar a origem, a ascensão e o apogeu da guerrilha que visava depor Batista do poder. A última linha se trata da junção das duas primeiras, isto é, da fusão do contexto histórico dos oitocentos com o dos novecentos, de forma que as palavras pronunciadas por Fidel Castro produzissem na opinião pública a sensação de continuidade entre ambas as realidades sociais. Nesta história de “longa” duração da guerrilha, a qual conferia significados tanto às ações dos *mambises* contra os espanhóis quanto às dos combatentes do M 26-7 contra Batista, a luta armada representou o amálgama entre contextos distintos, isto é, o eixo estruturante de uma narrativa político-ideológica que submeteu as diferenças entre ambos os contextos históricos ao tempo presente em que Fidel Castro se inseria.

²⁷⁸ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz... 15 de marzo de 1978**, op. cit.

²⁷⁹ Realizada em *Mangos de Baraguá*, na parte oriental do território cubano, e liderada por Antonio Maceo, a *Protesta de Baraguá* consistiu em um ato de recusa ao acordo de paz entre cubanos e espanhóis conhecido como *Pacto de Zanjón*, o qual encerrou a Guerra dos Dez Anos (1868-1878) sem o reconhecimento formal da independência de Cuba pela metrópole europeia.

²⁸⁰ Os usos políticos da memória do *Grito de Baire* e da *Protesta de Baraguá* podem ser notados em diversos discursos de Fidel Castro, sendo um exemplo disso o trecho citado a seguir: “No en balde celebramos las elecciones el 24 de febrero, fecha en que se inicia la segunda guerra de independencia; no en balde hemos constituido esta Asamblea el 15 de marzo, fecha de la Protesta de Baraguá. [...] ¿Somos o no somos dignos herederos de aquellos hombres? (EXCLAMACIONES DE: ‘¡Sí!’) ¿Somos o no somos dignos de honrar aquellas fechas? (EXCLAMACIONES DE: ‘¡Sí!’) ¿Somos o no capaces de hacer lo que ellos hicieron? (EXCLAMACIONES DE: ‘¡Sí!’) ¿Seremos capaces de cumplir los deberes que corresponden a esta generación de cubanos? (EXCLAMACIONES DE: ‘¡Sí!’)”. CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en la clausura de la Sesión de Constitución de la Asamblea Nacional, en su cuarta legislatura, y del Consejo de Estado, celebrada en el Palacio de las Convenciones, el 15 de marzo de 1993, “Año 35 de la Revolución”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1993/esp/fl50393e.html>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

O terceiro excerto discursivo selecionado para exemplificar como a “máquina da memória” criada após 1959 se caracterizou pela teleologia das “armas” foi extraído da fala pública realizada por Fidel Castro em 1º de janeiro de 1989, durante a comemoração oficial do 30º aniversário do triunfo da Revolução Cubana.

[...] Fueron esos sentimientos que empezaron a sembrarse en Yara, esos sentimientos patrióticos y además de patrióticos, internacionalistas; esos sentimientos que se sembraron en Baraguá, esos sentimientos que prosiguieron en Baire, esos sentimientos que se continuaron en el Moncada y el “Granma”, y que emergieron luminosos aquel primero de enero de 1959 [...] tengo la convicción de que esos sentimientos han sido capaces de alcanzar un grado muy alto, ¡un grado muy alto! (APLAUSOS), de lo cual hoy podemos enorgullecernos, y estoy seguro de que se enorgullecerían de ello también nuestros antepasados, los que lucharon en nuestras guerras de independencia, nuestros mambises sembradores de esa fecunda semilla, los que lucharon y cayeron a lo largo de nuestra historia, los que lucharon y cayeron en el Moncada, en el “Granma” y en la Sierra Maestra, y los que han dado su generosa contribución de sangre en las nobles e insuperables misiones internacionalistas llevadas a cabo por nuestro pueblo (APLAUSOS).²⁸¹

Apelando mais uma vez ao “sentimento” patriótico que remontava às guerras de independência do século XIX, expresso por meio de fatos históricos como *Yara* (1868), *Baraguá* (1878) e *Baire* (1895), Fidel Castro estabeleceu conexões entre estes marcos temporais e a guerrilha do M 26-7, a qual teria elevado ao mais alto grau o nacionalismo forjado pelos *mambises* através de eventos da luta armada como *Moncada* (1953), *Granma* (1956), *Sierra Maestra* (1956-1958) e triunfo da Revolução (1959). Conforme observado no discurso de 1978, neste, feito dez anos depois, quando Castro completava sua terceira década no poder, também é possível notar linhas históricas teleológicas responsáveis pela fusão de contextos sociais distintos. Tal narrativa buscava construir não apenas a ideia de saga da nação cubana em sua busca por independência política e justiça social, ligando os “pontos” de uma cronologia feita a partir de rebeliões reprimidas, mas expressar como a sucessão de fracassos resultou no 1º de janeiro de 1959. Assim, em 1988, Castro vocalizou a tese de que as “armas”, e somente elas, teriam sido responsáveis pela vitória de uma causa justa que, ao longo do tempo, não havia conseguido conquistar o poder de forma pacífica, isto é, pelas vias institucionais, necessitando da guerrilha para

²⁸¹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto solemne en conmemoración del XXX aniversario del Triunfo de la Revolución, en Santiago de Cuba, el 1º de enero de 1989, “Año 31 de la Revolución”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1989/esp/f010189e.html>>. Acesso em: 6 fev. 2023.

concretizar os anseios libertários acumulados durante quase noventa anos, entre o *Grito de Yara* (1868) e o triunfo da Revolução Cubana (1959).

Mais do que o interesse pelo passado em si, desprovido de intencionalidades, os argumentos castristas visavam recuperar a “longa duração” da guerrilha em Cuba como forma de atribuir à luta armada uma origem justa e legítima. Uma decorrência desta “ancestralidade das armas” pode ser notada na caracterização da guerrilha de *Sierra Maestra* um movimento representativo da ideologia socialista, além do verde-oliva que expressaria o viés nacional da Revolução Cubana. A mescla destas “tonalidades” políticas dialogava com o contexto histórico no qual a ilha se encontrava cada vez mais isolada política, econômica e diplomaticamente, sobretudo a partir da crise e desintegração da URSS e do bloco socialista do leste europeu, em 1991. No discurso realizado durante a comemoração oficial do 42º aniversário do assalto ao quartel *Moncada*, em 26 de julho de 1995, Fidel Castro elaborou a seguinte reflexão:

Contra todo lo que ocurría en aquella Cuba de Batista, servidor contumaz de los intereses del imperio y de su ideología reaccionaria, se llevó a cabo en 1953 el levantamiento armado del 26 de Julio. La Revolución, surgida en el Moncada y proseguida en las prisiones, el “Granma”, la Sierra Maestra, la lucha clandestina, en ciudades, llanos y montañas, nos condujo a la victoria del Primero de Enero de 1959. Fuimos dueños de nuestro destino por primera vez en la historia. [...] Si en la Sierra Maestra se combatió por el programa del Moncada, en Girón nuestro pueblo heroico derramó ya su sangre por el socialismo, y a la vista de una poderosa escuadra norteamericana a pocas millas de la costa, lista para intervenir.²⁸²

Presente em outros discursos castristas, no trecho supracitado a representação do período compreendido entre 1953 e 1961 pautou-se também na sequência cronológica *Moncada* (1953), *Granma* (1956), *Sierra Maestra* (1956-1958), *Triunfo* (1959) e *Playa Girón* (1961). A través destes eventos, a guerrilha do M 26-7 foi retratada por Fidel Castro como um movimento autóctone e, ao mesmo tempo, socialista, fundada como resposta aos problemas político-sociais do contexto histórico em que surgiu e se desenvolveu, resumido como a “Cuba de Batista”. Na “máquina da memória” criada após 1959, a luta armada adquiriu as tonalidades “verde oliva”, representativa do Exército Rebelde, e

²⁸² CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el aniversario 42 del asalto a los cuarteles Moncada y “Carlos Manuel de Céspedes”, en la Plaza de la Revolución “Mariana Grajales”, el 26 de julio de 1995, “Año del centenario de la caída de José Martí”.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1995/esp/f260795e.html>>. Acesso em: 6 fev. 2023.

“vermelha”²⁸³, representativa do socialismo, tendo como base a defesa da nação frente ao seu inimigo interno, o ditador Fulgêncio Batista, e externo, o imperialismo dos EUA e sua “ideologia reacionária”, o capitalismo. Centrado nas demandas do tempo presente em que o discurso foi proferido e ouvido, a opção do grupo político liderado por Fidel Castro pela luta armada apareceu contextualizada pela realidade insular da década de 1950 e, anacronicamente, pela posterior adesão do governo revolucionário à ideologia socialista, ocorrida apenas em 1961; ambos os fatores embasando a decisão radical pelas “armas”, tendo em vista que as vias institucionais de participação política se encontravam vedadas a agentes sociais contrários ao regime autoritário de Batista.

Para além das conexões entre as guerras independentistas e a luta armada do M 26-7, a “máquina da memória” criada em Cuba após 1959 também utilizou as lembranças dos principais fatos históricos vinculados ao movimento guerrilheiro de *Sierra Maestra* a fim de legitimar a adesão da Revolução Cubana ao socialismo. Sobre esta temática, o discurso realizado por Fidel Castro em 5 de dezembro de 1988 apresentou os principais marcos históricos da luta armada tendo o marxismo como referência teórica.

Fue, en primer término, el marxismo-leninismo y su ideal socialista el que nos llevó hasta aquí [...] Fue el marxismo-leninismo lo que nos alumbró, lo que nos hizo ver con claridad; fue el marxismo-leninismo, la interpretación correcta de nuestra realidad lo que hizo posible la victoria, y fue la aplicación consecuente de sus principios lo que le dio contenido, grandes objetivos sociales históricos a nuestra lucha; fue lo que le dio sentido al Granma, ¿y qué sentido habría tenido el Granma sin esto de hoy?, ¿qué sentido habría tenido nuestra lucha en el Moncada, o la salida de México, o el desembarco en Cuba, o la lucha en las montañas, o la victoria el 1º de enero; o la victoria contra la guerra sucia, la victoria en Girón, la proclamación del socialismo, el que nuestro país sea hoy lo que es y primero entre todos los países del mundo en muchas cosas: primero en educación, primero en salud, primero en seguridad social, primero en empleo, uno de los primeros en alimentación, que se prueba en ausencia total de personas desnutridas?²⁸⁴

²⁸³ Para uma discussão aprofundada sobre a utilização destas “tonalidades” políticas nos discursos de Fidel Castro ver PRADO, Giliard. **A construção da memória da Revolução Cubana**, op. cit., p. 71-87.

²⁸⁴ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto en conmemoración del XXXII aniversario del desembarco del “Granma” y de la fundación de las Fuerzas Armadas Revolucionarias, y la proclamación de ciudad de La Habana lista para la defensa en la primera etapa, en la Plaza de la Revolución, el 5 de diciembre de 1988, “Año 30 de la Revolución”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1988/esp/f051288e.html>>. Acesso em: 6 fev. 2023.

Pronunciadas no final dos anos 1980, contexto histórico marcado pela crise do socialismo soviético, as palavras de Castro soam como uma tentativa de evitar que as instabilidades observadas no leste europeu, que vivenciava os primeiros resultados dos processos político-econômicos conhecidos como *perestroika* e *glasnost*, chegassem a Cuba. Como eixo estruturante do calendário cívico revolucionário, a memória da luta armada foi manejada pelo *comandante* não no sentido de comprovar a ancestralidade da guerrilha, oriunda, segundo ele, das guerras anticoloniais do século XIX, mas de relacioná-la com a defesa do sistema socialista insular. No trecho supracitado, a teleologia das “armas” baseada na sequência *Moncada, Granma, Sierra, Triunfo e Girón* visava comprovar que tais etapas históricas, desde o período insurrecional (1953-1959) até a instauração do socialismo, haviam sido cumpridas de acordo com o cânone marxista-leninista, representado como a origem do que Castro chamou de “milagre” operado em Cuba desde 1959. Para além das relações entre luta armada e guerras independentistas, as relações entre luta armada e socialismo²⁸⁵ podem ser interpretadas como uma vertente da “máquina da memória” construída pelo Estado cubano, responsável pelo encadeamento dos marcos temporais que resumiriam as diferentes etapas do processo revolucionário de forma mais adequada à defesa do regime socialista insular.

Reveladora da flexibilidade da memória das “armas” que orientou a confecção do calendário cívico em Cuba após 1959, as interpretações da guerrilha a partir da construção do socialismo apresentam suas particularidades. Sob o argumento de que a “aplicação consequente dos princípios” marxista-leninistas trouxe “iluminação” e “clareza” às suas opiniões, uma das particularidades se refere ao anacronismo das reflexões de Fidel Castro sobre o passado ao interpretá-lo por meio de termos e ideias posteriores a ele. Tal chave de leitura condicionou a compreensão dos fatos relativos à guerrilha do M 26-7 ao tempo presente de 1988, quando o discurso foi pronunciado. As entrelinhas do trecho acima reproduzido sugerem que somente o cenário posterior aos fatos históricos ocorridos entre 1953 e 1961 poderia dotá-los de significados “definitivos”. Nesta perspectiva, o marxismo-leninismo conferiu “conteúdo” e “sentido” à narrativa que tem o socialismo

²⁸⁵ Além da luta armada, em algumas ocasiões Fidel Castro conectou o socialismo às lutas independentistas cubanas do século XIX, como pode ser observado no seguinte trecho, extraído do discurso realizado pelo mandatário durante o ato de fundação do Partido Comunista de Cuba (PCC): “Los imperialistas, como si nos fuesen a ofender, o como si fuese una ofensa, hablan del gobierno comunista de Cuba, al igual que también la palabra ‘mambí’ la emplearon contra nuestros libertadores como una ofensa, así también intentan emplear la palabra ‘comunista’ como una ofensa, y la palabra ‘comunista’ no es para nosotros una ofensa, sino una honra (APLAUSOS)”. CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz... el 3 de octubre de 1965**, op. cit.

como *telos*, conectando o assalto ao quartel *Moncada* (26 de julho de 1953) à proclamação do caráter socialista da Revolução Cubana (16 de abril de 1961) e à vitória em *Playa Girón*, três dias depois. Em outras palavras, o mandatário interpretou a luta armada contra o regime de Fulgêncio Batista descontextualizando-a do seu cenário original, visto que ao longo do período insurrecional (1953-1958) o M 26-7 nunca elaborou um programa político-ideológico socialista ou comunista, como sugeriu Fidel Castro.

As fontes acima analisadas evidenciam como os discursos castristas tiveram papel central no processo de criação da narrativa histórica que buscava explicar para a opinião pública interna as diferentes etapas da Revolução Cubana através das “armas”, isto é, tendo a memória da guerrilha como eixo temático responsável por fazer os fatos pretéritos extrapolarem seus respectivos contextos sociais a fim de dotar a história nacional de sentido unívoco. Para tanto, ao longo do tempo, Fidel Castro recorreu à teleologia baseada nas lembranças da guerrilha como “pontos” que se ligavam pelo mote das armas para assim construírem uma linha histórica ascendente, a qual apresentava três marcos bem definidos. Tendo em vista a história insular anterior a 1959, o primeiro marco consiste na representação do assalto ao quartel *Moncada* (26 de julho de 1953) como evento histórico que melhor simbolizava, no século XX, as ideias de “continuidade” ou “reinício” da luta armada atribuída aos *mambises* do século XIX. Reforçando a mística “verde-oliva” do Exército Rebelde, o segundo marco consiste no triunfo da Revolução (1º de janeiro de 1959), entendido como desfecho vitorioso do processo histórico que teria se iniciado nas guerras de independência da segunda metade dos oitocentos. O terceiro marco consiste na adesão ao socialismo (16 de abril de 1961), utilizado no sentido de divulgar a guerrilha como tática viável para combater ao capitalismo dentro e fora de Cuba.

Para diferentes finalidades, tais marcos demonstram a versatilidade da memória das “armas” manejada por Fidel Castro com a intenção de legitimar a guerrilha enquanto tática legítima para a tomada do poder, bem como para a manutenção dos guerrilheiros no Estado após o fim da “velha” ordem. Para além dos marcos, destacamos a longevidade e vitalidade do mote das “armas” como eixo estruturante do calendário cívico criado pela e sobre a Revolução Cubana após a queda do regime de Fulgêncio Batista. Em outras palavras, a luta armada representa o âmago do que entendemos aqui como “máquina da memória”, isto é, o conjunto de mecanismos que visava difundir uma narrativa sobre o passado nacional da ilha tendo como ponto de partida o papel histórico da guerrilha do M 26-7 na Revolução Cubana. Neste item analisamos o eixo estruturante do calendário cívico insular após 1959 a partir de uma perspectiva ampla, levando em consideração o

somatório e as inúmeras combinações de datas que simbolizam a relevância das “armas” na produção discursiva castrista. A partir das análises das fontes, entendemos que a luta armada representa a essência da memória oficial criada pelo regime socialista cubano ao longo do tempo. Mais do que simples “pedaços”, as datas alusivas à guerrilha formam, juntas, um “todo”, isto é, um fio narrativo que une os fatos do passado ao fazê-los apontar para a mesma direção: a “longa” duração da luta armada em Cuba.

Após o triunfo da Revolução Cubana, quando uma série de forças políticas que haviam feito parte da oposição ao regime de Batista passaram a disputar o poder, como o Partido Socialista Popular (PSP) e o Diretório Revolucionário (DR)²⁸⁶, Fidel Castro e seu grupo político viram-se na necessidade premente de legitimar a guerrilha do M 26-7 como a única causa da derrota do tirano que governou Cuba desde 1952, graças a um golpe de Estado. Neste contexto histórico, lembrar as etapas da Revolução Cubana consistia em um ato carregado de intencionalidade política e ideológica por parte dos agentes sociais que o fizeram. Fidel Castro, um destes agentes, líder do núcleo armado de *Sierra Maestra*, desde o início do novo governo, em 1959, mostrou-se habilidoso na arte de manejar a memória da Revolução Cubana de forma a contemplar os interesses de seu grupo político. Diante das multidões que entraram em contato com a “pedagogia revolucionária”²⁸⁷, a memória das “armas” narrada à exaustão por Castro se apropriou das diferentes camadas do passado que se mostraram úteis para legitimar suas causas políticas no presente, em particular a guerrilha do M 26-7. Nos discursos do *comandante*, a memória da luta armada se encontra na base da legitimação da Revolução Cubana, do sistema socialista insular e, inclusive, do seu papel histórico à frente da guerrilha e, após 1959, do Estado. Em resumo,

²⁸⁶ Vale lembrar que durante a maior parte do período insurrecional (1953-1959) o Partido Socialista Popular (PSP) expressou posições críticas em relação à luta armada praticada pelo M 26-7, chegando a caracterizá-la como um método pequeno-burguês de conquista do poder. Contudo, após o apoio tardio à luta armada liderada por Fidel Castro em *Sierra Maestra* e, sobretudo, o triunfo da Revolução Cubana, os socialistas passaram a ocupar cargos importantes na estrutura estatal no início dos anos 1960, tais como Carlos Rafael Rodríguez, presidente do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA), Aníbal Escalante, secretário das Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), Joaquín Ordoqui, vice-ministro das Forças Armadas Revolucionárias (FAR), Augusto Martínez, ministro da Defesa e ministro do Trabalho, Nicolás Guillén, fundador e primeiro presidente da União de escritores e artistas de Cuba (UNEAC), e Edith García Buchaca, vice presidente do Conselho Nacional de Cultura (CNC). Cf. CALEGARI, Ana Paula Cecon. **Trajetória partidária e cultura política dos comunistas em Cuba entre as décadas de 1920 e 1960.** Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2021; ROJAS, Rafael. Anatomía del entusiasmo. Cultura y revolución en Cuba (1959-1971). In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). **Historia de los intelectuales en América Latina.** Vol. II. Madri: Katz, 2010, p. 45-61.

²⁸⁷ GIRAUDO, Silvia. **Revolución es más que una palabra**, op. cit., p. 191. Para Valdés, a pedagógica dos discursos de Fidel Castro pode ser notada na forma como ele narrou o passado de Cuba à luz de seu tempo presente. Segundo o autor, “narrar la historia constituía un medio de elevar la conciencia política, porque la narración ofrece ejemplos que imitar, lecciones que aprender, valores que adoptar”. VALDÉS, Nelson. El contenido revolucionario y político de la autoridad carismática de Fidel Castro, op. cit., p. 9.

suas constantes alusões às experiências da guerrilha de *Sierra Maestra* objetivavam transformá-la na principal fonte de legitimidade do poder na ilha.

Na Cuba governada por Fidel Castro, a memória das “armas” expressa através do calendário cívico revolucionário transformou-se em um artefato com potencial de manter constantemente atualizada e acessível à opinião pública interna, nos sucessivos tempos presentes, a narrativa histórica que atrelava a Revolução Cubana à luta armada. Como um “espelho”²⁸⁸ que reflete as distintas etapas da guerrilha do M 26-7 por meio de rituais de memória controlados pelo Estado, o calendário cívico insular tornou-se, com o passar dos anos, uma projeção do processo revolucionário ao eleger como “dignos” de lembrança apenas os fatos históricos ligados à guerrilha do M 26-7, força política que o mandatário considerava protagonista frente aos demais setores que também haviam colaborado para o término do regime de Fulgêncio Batista, tais como o Partido Socialista Popular (PSP) e o Diretório Revolucionário (DR). Pertencente a apenas um dos grupos políticos da antiga oposição batistiana, após 1959 a memória da guerrilha de *Sierra Maestra* passou por um processo de “estatização”, adotando práticas que se valeram da institucionalidade para disseminá-la nas mais diversas instâncias da sociedade cubana. Antes restrita ao M 26-7, de 1959 em diante a memória das “armas” tornou-se a principal referência através da qual Castro representou um passado massivamente compartilhado como a única expressão possível do que ele e o regime socialista consideravam a verdade histórica, indicando a construção de uma “memória monopolizadora”²⁸⁹.

3.2. Efemérides da luta armada: as “engrenagens” da memória da Revolução Cubana

Após analisarmos os aspectos mais amplos da memória oficial criada pela e sobre a Revolução Cubana, neste item discutiremos as particularidades das lembranças da guerrilha de *Sierra Maestra* evocadas por Fidel Castro em seus discursos. A análise dos aspectos gerais e específicos das datas comemorativas relativas às “armas” inscritas no calendário cívico cubano após 1959, temas do primeiro e do segundo item deste capítulo, respectivamente, visam demonstrar como a apologia à estratégia da guerrilha se tornou o cerne da “máquina da memória” vigente na Cuba socialista. Se no primeiro item do capítulo as atenções estiveram voltadas ao funcionamento da “máquina” como um todo,

²⁸⁸ OZOUF, Mona. *La fête révolutionnaire*, op. cit., p. 44.

²⁸⁹ CANDAU, Joel. *Memória e identidade*, op. cit., p. 185.

revelando com qual “combustível” ela operou ao longo do tempo, neste segundo item investigaremos como suas “engrenagens” foram construídas, ganhando importância em razão das mensagens vinculadas à luta armada que se manifestaram através da evocação de determinados eventos e datas consideradas históricas. Do ponto de vista prático, tais “engrenagens” consistem nas efemérides²⁹⁰ relativas ao assalto ao quartel *Moncada* (26 de julho de 1953), ao assalto ao Palácio Presidencial (13 de março de 1957) e ao triunfo da Revolução Cubana (1º de janeiro de 1959), que foram utilizadas por Fidel Castro com o objetivo de expressar, de forma sintética e sob o controle político-ideológico do regime socialista, a centralidade da guerrilha de *Sierra Maestra* durante o período insurrecional (1953-1959), etapa na qual se desenvolveu a luta armada contra Batista.

As efemérides relativas à luta armada analisadas a seguir devem ser entendidas como “atos de memória coletiva”²⁹¹ através dos quais o governo socialista representado por Fidel Castro divulgava quais e como determinados fatos do passado deveriam ser lembrados em Cuba. A memória das “armas” inscrita no calendário cívico didatizava, usando para isso relações de causa e efeito, os significados de datas do passado a partir do presente em que as lembranças eram invocadas em público pelo estadista. Assim, as efemérides não devem ser confundidas com os fatos em si²⁹², posto que são um tipo de memória construído a partir deles, e que, como tal, se submete aos anseios dos grupos sociais que fazem uso destas lembranças, configurando “uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo”²⁹³. Geradora de rituais de memória como as “festas revolucionárias”²⁹⁴, tais efemérides resumiram as

²⁹⁰ Segundo Peter Burke, uma das formas de transmissão social da memória ocorre através das efemérides e celebrações cívicas que se apropriam do passado a partir das demandas do tempo presente. Como “representações coletivas”, tais “atos de memória” têm a função de “transmitir aptidões” através de rituais que visavam “reencenar o passado” a fim de “impor interpretações”, “formar a memória, e assim reconstruir a identidade social”. BURKE, Peter. *História como memória social*, op. cit., p. 75.

²⁹¹ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**, op. cit., p. 35.

²⁹² A este respeito, citamos a seguir o elucidativo trecho de um discurso de Fidel Castro, proferido em 26 de março de 1962, no qual o mandatário explicou a construção da teleologia das “armas” a partir de seu tempo presente: “E houve quem dissesse também que o assalto a Moncada foi um erro e que o desembarque do Granma foi um erro. [...] O que estamos falando de Moncada e do desembarque do Granma não é sobre os eventos em si, mas do rumo que tomaram – o rumo certo, revolucionário, o rumo da luta armada; não o rumo politiquês, eleitoral, mas o rumo de luta armada contra Batista, o rumo que a história declarou ter sido correto”. FRANQUI, Carlos. **Retrato de família com Fidel**, op. cit., p. 226.

²⁹³ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**, op. cit., p. 9.

²⁹⁴ Segundo Ozouf, estudiosa da memória da Revolução Francesa, a festa revolucionária “[...] doit rendre manifeste, éternel, intangible, le lien social tout neuf. Aussi rien en elle ne peut être indifférent: ni les objets qu’elle propose à la contemplation et à l’admiration, qui doivent clairement apparaître comme le bien de tous; ni la mise en images de l’histoire révolutionnaire, où doit sans équivoque se célébrer l’événement fondateur; ni la répétition des chœurs, la psalmodie des invocations par où doit s’exprimer une volonté commune; ni le spectacle que créent les cortèges, restructurant en communauté organisée l’immense foule solitaire; ni la publicité donné à l’engagement privé, ni la solennité donné à l’engagement public; ni la

interpretações oficiais relativas ao período insurrecional (1953-1959). Em sentido amplo, as efemérides da luta armada se associaram à organização e preservação de informações do passado que o regime socialista insular buscava transmitir às próximas gerações²⁹⁵. Em sentido específico, também funcionaram como “canais” e “receptáculos”²⁹⁶ da memória, tendo como função primordial reforçar as “armas” como eixo temático estruturante do calendário cívico criado a partir do triunfo da Revolução Cubana.

O calendário cívico baseado na luta armada, com destaque para eventos históricos como os assaltos ao quartel *Moncada* (1953) e ao palácio residencial (1957) e o triunfo da Revolução Cubana (1959), indicam a intenção do Estado, através dos discursos de Castro, de transformar o calendário numa “área de circulação de lembranças”²⁹⁷ ou num “campo memorável”²⁹⁸, atribuindo significado não apenas aos fatos isolados mas à sua sucessão ao longo do período que a propaganda política oficial convencionou chamar de insurrecional. Longe de indicar a aceitação passiva da opinião pública frente as instâncias de poder na ilha, o calendário cívico tornou visível o esforço estatal de elaborar uma “trama narrativa” embasada na “ilusão de seu compartilhamento absoluto e unânime”²⁹⁹, ou seja, um inventário de marcos temporais que atribuía sentido unívoco ao passado, ligando o “início” da luta armada, o 26 de julho de 1953, à sua “apoteose”, o 1º de janeiro de 1959. Assim, as balizas cronológicas que demarcam as diferentes etapas da guerrilha contra Fulgêncio Batista podem ser interpretadas, primeiramente, como “representações factuais”³⁰⁰ do passado, isto é, a evocação de acontecimentos considerados relevantes na história insular. Carregadas de simbolismos, a rememoração das etapas que organizaram a guerrilha *Sierra Maestra* também visava consolidar “representações semânticas”³⁰¹, isto

recherche d’une transcendance. L’élaboration de la fête, lieu où se nouent le désir et le savoir, où l’éducation des masses se plie à la jouissance, marie la politique à la psychologie, l’esthétique à la morale, la propagande à la religion”. OZOUF, Mona. **La fête révolutionnaire**, op. cit., p. 20-21. Tradução do autor: “[a festa revolucionária] deve tornar manifesto, eterno, intangível, um laço social inteiramente novo. Também nada nela pode ser indiferente: nem os objetos que oferece para contemplação e admiração, que devem aparecer claramente como o bem de todos; nem a representação da história revolucionária, onde o acontecimento fundador deve ser inequivocamente celebrado; nem a repetição de coros, a salmodia de invocações através das quais se deve exprimir uma vontade comum; nem o espetáculo criado pelas procissões, reestruturando a imensa multidão solitária em uma comunidade organizada; nem a publicidade dada ao compromisso privado, nem a solenidade dada ao compromisso público; nem a busca pela transcendência. A elaboração da festa, um lugar onde o desejo e o saber se unem, onde a educação das massas se curva ao gozo, combina a política com a psicologia, a estética com a moral, a propaganda com a religião”.

²⁹⁵ PAOLO, Rossi. **O passado, a memória, o esquecimento**, op. cit., p. 90.

²⁹⁶ YERUSHALMI, Yosef; MOMMSEN, Hans; MILNER, Jean-Claude; VATTIMO, Gianni; LORAUX, Nicole. **Usos do esquecimento**, op. cit., p. 15.

²⁹⁷ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**, op. cit., p. 35.

²⁹⁸ Idem, p. 100.

²⁹⁹ Idem, p. 182.

³⁰⁰ Idem, p. 39.

³⁰¹ Ibidem.

é, um conjunto os significados atribuídos aos fatos históricos evocados periodicamente através do calendário cívico da Revolução Cubana³⁰².

Exemplo de “memória forte” ou “grande memória organizadora”, termos usados por Joel Candau para resumir “uma dimensão importante da estruturação de um grupo” e da “representação que ele vai ter de sua própria identidade”³⁰³, o calendário cívico cubano após 1959 elegeu, através de lembranças e esquecimentos, quais, quando, como e onde ocorreram os eventos históricos que explicariam a Revolução e, ao mesmo tempo, tentou exercer controle, através de comemorações públicas controladas pelo Estado, sobre a narrativa das “armas” que começa em *Moncada* e termina na vitória sobre Fulgêncio Batista. Uma das expressões mais relevantes da “máquina da memória” criada e colocada a serviço do regime socialista cubano, o calendário cívico revolucionário é por nós interpretado como uma “vontade” do poder constituído de que os eventos históricos “dignos” de memória fossem interpretados de uma única maneira, o que não significa supor que toda a sociedade cubana concordou e reproduziu tal versão de forma automática ou acrítica. Neste sentido, a existência do calendário cívico revolucionário revela mais as intencionalidades da alta cúpula do poder em Cuba, representada na figura de Fidel Castro, que vocalizou em público os anseios deste grupo através dos usos e apropriações político-ideológicas que realizou do passado nacional, do que comprova empiricamente o que e como a opinião pública insular absorveu das mensagens propagadas em larga escala pela propaganda estatal a partir de 1º de janeiro de 1959.

3.2.1. Assalto ao quartel *Moncada*: o “nascimento” da luta armada

A mais importante efeméride do calendário cívico revolucionário, o 26 de julho, alusivo ao assalto ao quartel *Moncada*³⁰⁴, tornou-se a data comemorativa em que Castro

³⁰² Segundo Candau, as representações “factuais” e “semânticas” tendem a apresentar diferentes níveis de disseminação, sendo mais frequente que as “factuais” tenham maior grau de compartilhamento que as “semânticas”. De forma resumida, seus estudos mostraram que os membros de uma sociedade podem se lembrar, em linhas gerais, dos mesmos acontecimentos, geralmente considerados fundadores das comunidades nacionais em que se inserem, embora constantemente atribuam diferentes significados a eles.

³⁰³ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**, op. cit., p. 44.

³⁰⁴ Em Santiago, além do quartel *Moncada*, o plano de ataque previa a ocupação do hospital *Saturnino Lora* e do Palácio de Justiça. Simultaneamente, em Bayamo, cidade próxima a Santiago, a programação envolvia a ocupação de outro quartel, *Carlos Manuel de Céspedes*, com o objetivo de dispersar as tropas de Batista e oferecer suporte para a tomada de *Moncada* pelas forças comandadas por Castro. Todavia, os planos não saíram conforme o previsto e o exército cubano conseguiu derrotar os insurgentes em pouco tempo, resultando na morte ou encarceramento da maior parte dos envolvidos. Fidel Castro, mentor da ação, e Raul, seu irmão, foram parar no banco dos réus. Durante o julgamento, ocorrido entre 21 de setembro e 6 de outubro de 1953, Fidel, recém-formado em Direito pela Universidade de Havana, assumiu a tarefa de

mais discursou ao longo do período em que exerceu cargos de liderança em Cuba, entre 1959 e 2006. Durante os quarenta e oito anos em que esteve no poder, o *comandante* falou em eventos oficiais dedicados a celebrar os aniversários do assalto à fortaleza de Santiago em quarenta e quatro oportunidades, sendo que em 1969 não houve evento oficial em razão dos preparativos para a grande safra de cana-de-açúcar³⁰⁵ a ser finalizada em 1970. Tendo em vista estes dados, entendemos que a recorrência dos discursos castristas não pode ser interpretada apenas como o resultado da importância histórica que a efeméride *moncadista* teria *a priori*, mas como um mecanismo que colaborou decisivamente para que o 26 de julho fosse divulgado junto à opinião pública interna como a origem ou o reinício da luta armada no século XX. Atrelado às “armas”, o simbolismo de *Moncada* pode ser observado logo após o triunfo da Revolução, quando o novo governo instituiu o 26 de julho como o *Día de la Rebelión Nacional*. Sobre esta decisão, muito tempo depois, Fidel Castro realizou a seguinte reflexão:

[...] La lucha armada empezó antes [do triunfo da Revolução Cubana], pero la Revolución empieza después del triunfo; aunque, claro, para simplificar las cosas siempre se habla del triunfo de la Revolución tal día, tal fecha. Fíjate que nosotros al 26 de julio le pusimos Día de la Rebelión Nacional, porque no se puede decir que se inició ese día la Revolución; se inició la lucha armada revolucionaria, y triunfa la lucha armada el día 1º de enero. En ese momento empezaba la Revolución, yo creo que empezó el 1º de enero³⁰⁶.

Junto a outros fatores, o universo composto por quarenta e quatro falas públicas³⁰⁷ de Fidel Castro nas comemorações oficiais do 26 de julho colaborou para transformar a memória *moncadista* na maior, mais lembrada e mais constante dentre as efemérides relacionadas à luta armada, a despeito de na década de 1990 apresentar uma incidência discursiva ligeiramente menor em relação à média, como se pode constatar na tabela em

sustentar oralmente sua defesa através do discurso que ficaria conhecido como “a história me absolverá”. Condenados à prisão, os irmãos Castro e demais sobreviventes do assalto ao *Moncada* cumpriram pena em Santiago e, depois, no presídio modelo, na *Isla de Pinos*. ROJAS, Marta. **La generación del centenario en el juicio del Moncada**. Havana: Ciencias Sociales, 1973; Idem. **El juicio de Moncada**. Havana: Ciencias Sociales, 1988; MENCÍA, Mario. **El grito del Moncada**. 2 volumes. Havana: Política, 1986.

³⁰⁵ Excluindo 1969, em razão dos preparativos para a “safra dos 10 milhões”, Fidel Castro discursou na efeméride de *Moncada* em mais de 93% das ocasiões ao longo do período em que esteve no poder.

³⁰⁶ CASTRO, Fidel. Diálogo con periodistas de la televisión cubana, en el programa “hoy mismo”. La Habana, 1º de marzo de 1993. In CASTRO, Fidel. **Fidel Castro: el Moncada y La historia me absolverá** op. cit., p. 173.

³⁰⁷ No âmbito editorial cubano, nota-se o esforço em vincular os discursos castristas relativos ao assalto ao quartel *Moncada* com o que ficou conhecido como “A história me absolverá”. Em 2009, publicou-se em Cuba um volume temático contendo seu discurso de defesa junto a uma seleção de trechos discursivos sobre o assunto. Cf. CASTRO, Fidel. **Fidel Castro: el Moncada y La historia me absolverá**, op. cit.

anexo (figura 11). Entre 1959 e 2006, o 26 de julho se manteve como a data mais festejada do calendário cívico criado pela Revolução Cubana, sendo disparadamente a que Castro mais discursou estando no poder. No recorte temporal 1959-1976, seus discursos revelam como o regime socialista insular organizou um “modelo festivo” voltado especificamente a esta efeméride. Sobre isso, em 1965, o mandatário vocalizou a seguinte proposta:

Como la patria hoy es una, como es una sin distingo de regiones ni de provincias, como es una sin discriminación ni opresión, como es una sin privilegios, este 26 recorrerá la Isla, en occidente, en el centro y en oriente, un año en cada región del país llevando el mensaje de la unión y de la hermandad entre todos, llevando las banderas gloriosas de nuestros caídos, el espíritu de nuestros mártires, que surgieron de todos los rincones de la Isla para conquistar la libertad de todos, la dignidad de todos, el triunfo de todos. Y se rotará año por año, y año por año será como un plebiscito, año por año será como un juicio, porque juzga el pueblo los actos de la Revolución, es el pueblo quien tiene la palabra y no los calumniadores.³⁰⁸

Segundo Fidel Castro, o “modelo festivo” a ser adotado para o 26 de julho deveria se basear no princípio da rotatividade. A partir de então, os eventos comemorativos em memória ao quartel *Moncada* passariam a ocorrer em lugares diferentes, sendo escolhida uma nova sede a cada ano. De forma alternada, respeitando a sequência ocidente-centro-oriental, as três regiões do país passariam a receber os festejos relacionados à efeméride *moncadista* em seus respectivos territórios nos anos subsequentes. Em 1965, o estadista inaugurou, portanto, o que julgava ser um modo itinerante de homenagear as “bandeiras gloriosas” e os “mártires” da Revolução Cubana. Segundo ele, tal medida descentralizaria os rituais de memória, minimizando o protagonismo desfrutado por Havana até aquele momento. Sua justificativa apelava para o fato de que a rotatividade faria jus à igualdade instituída após 1959, possibilitando assim que cada cidade cubana disputasse o direito de realizar o que Castro entendia ser o “juízo” das decisões políticas do Estado. Antes disso, entre 1959 e 1964, todos os aniversários do 26 de julho haviam sido festejados em Havana ou Santiago, com exceção de 1960, quando a região de *Sierra Maestra* sediou o evento em razão da vontade do novo regime de associar a data que simbolizava o início da luta armada com o lugar que abrigou os guerrilheiros entre 1956 e 1959. Somente em

³⁰⁸ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, Primer Secretario del PURSC y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el XII aniversario del ataque al cuartel Moncada, en la ciudad de Santa Clara, el 26 de julio de 1965.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f260765e.html>>. Acesso em: 3 fev. 2023.

1965 é que a comemoração de *Moncada* aconteceu fora das duas maiores cidades cubanas, sendo Santa Clara a primeira a romper esta “hegemonia comemorativa”.

De acordo com o anúncio realizado no ano anterior, a partir de 1966 aplicou-se o novo sistema de festejos, sendo escolhida Havana como sede da região ocidental. Na ocasião, o mandatário chegou a afirmar que representantes de Pinar del Río e Artemisa exerceram pressão para sediar a efeméride *moncadista*, não logrando êxito, segundo ele, em virtude de ambas as cidades não apresentarem infraestrutura suficiente para uma celebração deste porte. Além da capital, o estadista destacou a localização privilegiada e as rotas de acesso a Santa Clara e Santiago, fatores que lhes conferiam favoritismo como representantes do centro e do oriente³⁰⁹, respectivamente. Após a adoção do novo “modelo festivo”, a rotatividade entre as três regiões seguiu conforme o previsto até 1968, pois no ano seguinte não houve comemoração do 26 de julho em virtude dos preparativos para a “safra dos 10 milhões”. Rompendo a iniciativa itinerante anunciada em 1965, nos anos de 1970, 1971 e 1972 as homenagens a *Moncada* voltaram a Havana. Somente em 1973, quando o assalto à fortaleza completou duas décadas, é que Santiago voltou a sediar outro evento comemorativo. A partir daí, os festejos oficiais do 26 de julho se expandiram para outras localidades sem apresentar critérios de conhecimento público. Logo a seguir, as escolhas de cidades como Matanzas (1974), Pinar del Río (1976) e Camaguey (1977) visaram descentralizar a memória *moncadista*, transformando tais eventos num prêmio destinado aos lugares que apresentassem comportamento “exemplar”.

Responsável por “desterritorializar” a memória *moncadista* de Santiago, onde o acontecimento histórico evocado ocorreu, a itinerância comemorativa envolvendo as lembranças do assalto ao quartel foi alvo de explicações por parte de Fidel Castro, que em diferentes contextos explicou os motivos que levaram o governo cubano a escolher determinado local para sediar os festejos oficiais. Em 1974, a preferência por Matanzas foi justificada pelo sucesso da indústria açucareira local e pelo fato da cidade abrigar o protótipo da Assembleia Nacional do Poder Popular (ANPP), experiência que serviu como base para a futura ampliação do sistema eleitoral consolidado na constituição socialista, promulgada dois anos depois. Em 1975, a escolha de Santa Clara foi justificada pelo cumprimento de suas metas econômicas nos últimos anos. Sem oferecer mais explicações, nesta oportunidade o mandatário afirmou que as cidades da região central

³⁰⁹ Em diferentes ocasiões, Fidel Castro imputou ao território oriental de Cuba uma tradição de resistência político-militar que remontava às guerras de independência. Cf. CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro... el 26 de julio de 1962**, op. cit.

entrariam numa disputa para sediar a efeméride *moncadista* no futuro, cabendo à direção partidária comunista a decisão final. A partir daí, os preâmbulos dos discursos de Fidel Castro a cada 26 de julho passaram a explicitar os fatores que haviam embasado a escolha dos locais em que discursava, em muitas ocasiões vinculados à produtividade do açúcar, o principal produto de exportação da ilha. Em paralelo, atribuía-se importância histórica ao território escolhido como sede do ato comemorativo, se possível relembrando eventuais colaborações da região para o êxito da guerrilha contra Fulgêncio Batista.

No que toca ao papel de Santiago nos festejos do 26 de julho, a cidade ocupa o primeiro lugar no *ranking* composto a partir dos quarenta e quatro discursos *moncadistas* realizados por Fidel Castro. Em termos históricos, tal predominância pode ser explicada pelo fato da cidade ter sido palco do assalto ao quartel *Moncada*, em 26 de julho de 1953. Assim sendo, a antiga fortaleza de Batista tornou-se um autêntico “lugar de memória”³¹⁰ para a Revolução Cubana, isto é, uma edificação preenchida de significados históricos vinculados à luta armada e por meio da qual o governo socialista construiu uma narrativa autolegitimadora (figura 12). Em termos territoriais, observa-se que dez dos quarenta e quatro discursos castristas ocorreram nas dependências do antigo quartel convertido em complexo educacional, lugar considerado pela propaganda política oficial como “berço” da luta armada contra Batista. Proporcionalmente, o uso do antigo espaço militar equivale a 22,7% de todas as falas públicas de Fidel Castro no 26 de julho ao longo das quase cinco décadas em que governou Cuba. Com o término do “modelo festivo” tripartido (ocidente-centro-oriente), em fins dos anos 1960, Santiago ganhou uma função específica nos rituais de memória *moncadistas*, passando a sediar eventos deste tipo a cada cinco anos, nas chamadas datas “cheias”. Desta maneira, observa-se sua utilização para fins político-ideológicos nos 20º (1973), 30º (1983), 40º (1993) e 50º (2003), bem como no 25º (1978), 35º (1988) e 45º (1998) aniversários do 26 de julho.

Na segunda colocação no *ranking* de cidades que mais receberam comemorações oficiais do 26 de julho entre os anos de 1959 e 2006 aparece Havana, com nove discursos castristas, o equivalente a 20,4% do montante integral. Palco tradicional de grande quantidade dos festejos cívicos criados pela Revolução Cubana, ao longo das décadas de 1960 e 1970 a capital sediou a mais importante efeméride da luta armada três vezes por decênio. Após um longo período de ausência, a cidade voltou a abrigá-la em 1990, em meio à crise do socialismo soviético, e 2005, um ano antes do afastamento provisório de

³¹⁰ NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, vol. 10, 1993, p. 7-28.

Fidel Castro de seus cargos na estrutura estatal-partidária cubana em virtude de problemas de saúde. Completando a tríade das principais cidades-sedes da efeméride *moncadista* aparece Santa Clara, onde o *comandante* realizou cinco de suas quarenta e quatro falas públicas, o equivalente a 11,3% de sua produção discursiva no 26 de julho. Em 1965 e 1968, de acordo com o princípio de rotatividade anunciado por Fidel Castro como forma de “democratizar” a memória de *Moncada*, Santa Clara exerceu sozinha o papel de representante da região central de Cuba. Todavia, com a extinção do “modelo festivo” tripartido (ocidente-centro-oriente) proposto pelo mandatário em meados dos anos 1960, conforme acima analisado, a cidade que hoje abriga os restos mortais do revolucionário argentino Ernesto “Che” Guevara acolheu a maior cerimônia em memória à luta armada somente em mais três ocasiões: 1975, 2000 e 2004.

Para além da prioridade conferida pela burocracia socialista a Santiago (22,7%), Havana (20,4%) e Santa Clara (11,3%), que juntas somam 54,4% de todos os discursos realizados por Fidel Castro no 26 de julho, a efeméride *moncadista* marcou presença também em mais doze cidades da ilha entre os anos de 1959 e 2006. Mesmo apresentando um índice de recorrência menor, as características observadas neste grupo minoritário podem revelar como a memória do assalto ao quartel foi utilizada pela propaganda política da Revolução Cubana, com destaque para o constante reforço da autoridade de Castro neste processo de legitimação. Quatro localidades sediaram os atos em memória do 26 de julho apenas uma vez³¹¹. As oito restantes, em não mais que duas ocasiões³¹². A partir de meados dos anos 1970 e, sobretudo, na década seguinte, observa-se que o Estado cubano priorizou o ineditismo das sedes como uma estratégia de memória capaz de contemplar grande parte do território nacional. Entre 1977 e 1987, quase todas as cidades escolhidas para sediar a efeméride *moncadista* nunca haviam recebido tal evento. Ao longo destes anos, somente em duas oportunidades a direção partidária comunista não escolheu uma região inédita, e por motivo conhecido. Em ambos os casos, relativos a 1978 e 1983, os festejos cívicos envolveram datas “redondas” contabilizadas a cada cinco anos, marcos cronológicos nos quais as comemorações da ação armada retornaram ao seu sítio original, o quartel *Moncada*, localizado em Santiago³¹³.

³¹¹ Sierra Maestra (1960), Las Tunas (1981), Sancti Spiritus (1986) e Artemisa (1987).

³¹² Matanzas (1974, 1991), Pinar del Río (1976, 2000), Camaguey (1977, 1989), Holguín (1979, 1996), Ciego de Ávila (1980, 2002), Bayamo (1982, 2006), Cienfuegos (1984, 1992) e Guantánamo (1985, 1995).

³¹³ A relevância das datas “cheias” na efeméride *moncadista* pode ser notada por meio das publicações de discursos de Fidel Castro realizadas por editoras cubanas. Cf. CASTRO, Fidel. **Discursos. Santiago de Cuba. XX y XXV aniversarios del asalto al cuartel Moncada (1973-1978)**. Havana: Política, 1978.

Territorialmente, é possível identificar na memória oficial do 26 de julho criada pela Revolução Cubana dois momentos distintos. No primeiro, relativo ao período 1959-1975, o projeto estatal de memória priorizou os principais centros urbanos e logísticos do país: Santiago, Havana e Santa Clara. Com a institucionalização do regime, sacramentada pelo 1º Congresso do Partido Comunista de Cuba (PCC), em 1975, e pela promulgação da primeira constituição socialista, em 1976, as cidades “tradicionais” acabaram perdendo parte do fôlego demonstrado nos anos 1960, quando concentraram a maioria dos festejos *moncadistas*. Após o biênio 1975-1976, a paulatina quebra da hegemonia simbólica de Havana, Santa Clara e Santiago acabou abrindo espaço para que outras localidades passassem a requerer o direito de sediar os discursos castristas em homenagem ao início da luta armada contra Fulgêncio Batista. Subtraindo as seis datas “redondas” do número de comemorações realizadas entre os anos de 1974 e 2006, restam vinte e seis eventos rememorativos. Dentre eles, em dezenove ocasiões o governo optou por sedes inéditas ou que haviam recebido a festividade apenas uma vez. Quando se excluem as datas “cheias”, a cada cinco anos, momentos em que Santiago desfrutava de preferência na comemoração da mais importante efeméride da luta armada, em 73% dos casos a burocracia estatal escolheu cidades que haviam sediado apenas uma ou, no máximo, duas comemorações *moncadistas* ao longo do governo de Fidel Castro.

A partir da interpretação dos dados acima realizada, é possível elaborar algumas reflexões relativas à forma como o governo cubano organizou os festejos *moncadistas* entre 1959 e 2006. Em sentido amplo, constata-se a intencionalidade da burocracia estatal socialista em consolidar o 26 de julho como uma comemoração de abrangência nacional, visto que, aos poucos, desde a adoção do princípio de rotatividade vocalizado por Fidel Castro em 1965, ela se disseminou para um amplo número de cidades, diferentemente de outras efemérides do calendário cívico revolucionário, que acabaram se fixando apenas em um lugar, como o 13 de março e o 1º de janeiro, ambos sediados em Havana. Como a mais relevante “engrenagem” da “máquina da memória” criada após 1959, o assalto ao quartel *Moncada* passou a representar a origem da guerrilha do M 26-7 através de uma série de práticas, símbolos e rituais que intencionavam reatualizar o passado de “rebeldia” contra o regime de Batista segundo as demandas dos sucessivos tempos presentes.

Portanto, a efeméride *moncadista* se mostrou a mais significativa, abrangente e constante dentre todas as comemoradas em Cuba após 1959. Nota-se ainda que a memória do 26 de julho se expressou de três principais formas ao longo do tempo. Na primeira, surgida nos anos 1960, optou-se pela divisão do território nacional em ocidente, centro e

oriente. Todavia, tal ideia não se mostrou duradoura, visto que o regime socialista acabou ignorando a regra que ele próprio havia criado para organizar a memória da luta armada. A segunda tem como ponto de inflexão a “safra dos 10 milhões”, que impediu a realização de grandes festejos, contexto em que houve uma recuperação parcial do protagonismo simbólico de Havana decorrente das dificuldades enfrentadas pela ilha no período pós safra. De meados dos anos 1970 em diante, a terceira forma se baseou na descentralização dos festejos cívicos relativos à memória *moncadista*, que então passaram a abranger outras cidades. Paralelamente, cristalizou-se o papel de Santiago como sede das festividades “redondas” realizadas a cada cinco anos. Representando a ruptura com o passado ao simbolizar o início da luta armada contra Fulgêncio Batista, bem como a legitimidade e continuidade dos guerrilheiros no poder, a memória do assalto ao quartel *Moncada* evidencia que o calendário cívico criado pela Revolução Cubana se mostrou capaz de responder tanto às necessidades de ruptura quanto de estabilidade³¹⁴. Em síntese, a efeméride do 26 de julho comprova que comemorar é governar e vice-versa.

3.2.2. Assalto ao palácio presidencial: a luta armada “estudantil”

A data comemorativa criada a partir do assalto ao palácio presidencial³¹⁵, ocorrido em 13 de março de 1957, totaliza quinze discursos de Fidel Castro entre 1959 e 2006. No âmbito da memória da luta armada, tal efeméride pode ser considerada uma exceção pois não remete a um evento histórico protagonizado pelo M 26-7. Trata-se de uma efeméride ligada ao Diretório Revolucionário (DR), utilizada por Castro para compor a teleologia que começa no assalto ao quartel *Moncada* (1953) e termina no triunfo da Revolução (1959). Após a deposição de Batista, as lideranças do Diretório passaram a representar um setor político concorrente ao M 26-7, motivo pelo qual o estadista tentou controlar os

³¹⁴ LE GOFF, Jacques, LEFORT, Jean, MANE, Perrine (org.). *Les calendriers*, op. cit., p. 21.

³¹⁵ Liderada por José Antonio Echeverría, a ação armada organizada pelo Diretório Revolucionário (DR), braço armado da Federação Estudantil Universitária (FEU), visava assassinar Fulgêncio Batista dentro do palácio presidencial, em Havana, como forma de reaver a democracia perdida desde o golpe militar de 10 de março de 1952. Na capital, o levante previa também a tomada simultânea da emissora *Radio Reloj* e do quartel general da polícia com o objetivo de anunciar ao povo cubano a morte do ditador, a distribuição das armas roubadas dos órgãos de segurança aos grupos de resistência à ditadura e conclamar uma greve geral dos trabalhadores em apoio ao movimento insurgente. Todavia, o ataque surpresa fracassou e Batista escapou ileso, ao passo que quase todos os participantes do assalto caíram prisioneiros ou foram executados sumariamente, tal como o líder da ação, Echeverría, morto pelas tropas do governo. Cf. SÁNCHEZ, Juan Nuiry. **!Presente!**: apuntes para la historia del movimiento estudiantil cubano. Havana: Política, 2000. OLIVERAS, Julio García. **José Antonio Echeverría**: la lucha estudiantil contra Batista. Havana: Editora Política, 1979; HARNECKER, Marta. **José Antonio Echeverría**: el movimiento estudiantil en la revolución cubana. Buenos Aires: Siglo XXI, 1987.

significados da ação liderada por Echeverría discursando no 13 de março de forma ininterrupta entre 1959 e 1969 (figura 11). Neste período, suas falas públicas superaram as do 26 de julho e se igualaram às do 1º de janeiro, atingindo 100% de recorrência³¹⁶. Ao discursar em todos os festejos do 13 de março na sua primeira década no poder, Castro se apropriou de memórias que não lhe “pertenciam”, no sentido de que não participou da ação armada rememorada, a fim de condicioná-las ao protagonismo atribuído por ele à guerrilha de *Sierra Maestra*. Nesta perspectiva, os dados relativos aos usos político-ideológicos da memória do assalto ao palácio presidencial por Castro demonstram que as lembranças deste evento se tornaram um campo de intensas disputas a partir do triunfo da Revolução³¹⁷, revelando uma série de tensões sociais ao longo do tempo.

Dentre as temáticas abordadas por Fidel Castro em seus discursos no 13 de março, destaca-se o papel político e social dos estudantes no processo revolucionário insular³¹⁸. Do ponto de vista territorial, logo após o triunfo da Revolução Cubana tal mote se expressou através dos lugares (e das audiências) escolhidos para sediar as comemorações oficiais em torno das lembranças da ação armada organizada por José Antonio Echeverría em 1957. Entre os anos de 1959 e 1969, todos os festejos oficiais relacionados ao assalto ao palácio presidencial, incluindo os pronunciamentos castristas, ocorreram em lugares relacionados ao universo estudantil, tais como o estádio universitário da capital cubana, palco das comemorações de 1959, e as escadarias da universidade de Havana, cenário das comemorações de 1960 até 1969. Muito embora sediadas exclusivamente em Havana, com o passar do tempo observa-se que as memórias da tentativa frustrada de assassinar o ditador Fulgêncio Batista dentro do palácio presidencial foram “desterritorializadas” pelo regime socialista ao desvincular os discursos do mandatário dos lugares de sociabilidade da universidade capitalina. De grandes espaços abertos a recintos fechados, após a década de 1960 todas as falas públicas de Fidel Castro em memória ao 13 de março ocorreram fora dos domínios estudantis, como atestam as comemorações oficiais de 1979 (teatro

³¹⁶ Na efeméride do 13 de março também é possível detectar o fenômeno das datas “cheias” comemoradas a cada cinco anos: em 1997 e 2002, nos 40º e 45º aniversários da tentativa do Diretório Revolucionário pôr fim ao regime de Fulgêncio Batista, respectivamente.

³¹⁷ Para narrativas críticas à versão oficial do regime cubano ver FIGUEROA, Javier. **El sueño inconcluso**. Historia del Directorio Revolucionario Estudiantil (DE). Cuba, 1959-1966. Miami: Universal, 2022; ÁLVAREZ, José. **Fidel Castro y el Directorio Revolucionario**. Estados Unidos: Create Space Independent Publishing Platform, 2017.

³¹⁸ Para além dos discursos de Fidel Castro, a ligação entre os estudantes universitários e a efeméride do 13 de março pode ser notada na criação da condecoração batizada de José Antonio Echeverría. Outorgada pela União dos Jovens Comunistas (UJC), a medalha se destina exclusivamente aos alunos que se destacam nos estudos e que demonstram compromisso com os “princípios revolucionários”.

Lázaro Peña), 1991 (antigo Palácio Presidencial transformado em Museu da Revolução), 1997 (Palácio da Revolução) e 2002 (teatro Karl Marx).

Os vínculos entre os universitários cubanos, em particular os da Universidade de Havana, e a efeméride do 13 de março podem ser depreendidos das reflexões feitas por Fidel Castro, em 1962, a respeito das funções que os estudantes deveriam desempenhar na construção de um novo modelo de sociedade em Cuba.

Esta es una ocasión doblemente importante para nosotros, primero, porque recordamos una fecha histórica singularmente importante en el proceso revolucionario; y, segundo, porque nos reunimos con los jóvenes, nos reunimos con los estudiantes. [...] Y esta universidad de hoy, este estudiantado, estas filas nutridas de jóvenes aquí presentes, nos están diciendo que tenemos derecho a sentirnos satisfechos un día como hoy, y que estamos honrando de manera digna, de la única manera digna con que se puede honrar a los muertos, así estamos honrando a José Antonio Echeverría y a todos los que cayeron aquel 13 de marzo (APLAUSOS): con la presencia de 3.000 becarios universitarios (APLAUSOS), y con la presencia de miles y miles de jóvenes de las escuelas de becarios preuniversitarios y de institutos tecnológicos (APLAUSOS); estamos conmemorando este aniversario con una juventud que surge y se desarrolla en medio de la Revolución, con una juventud cada vez más homogénea, cada vez más revolucionaria; estamos conmemorando este aniversario del 13 de marzo con la presencia nutridísima de los hijos y las hijas de los obreros y de los humildes de la patria (APLAUSOS).³¹⁹

Segundo se infere do trecho discursivo acima reproduzido, a função primordial da memória do 13 de março consistia em expressar o apoio incondicional dos estudantes reunidos nas escadarias da universidade de Havana à Revolução Cubana. Expressando seu desejo de controlar o significado atribuído à memória do assalto ao palácio presidencial, Castro afirmou que a massiva presença do estudiantado naquele dia e local significava a “única maneira digna” de homenagear os mártires da ação armada ocorrida em 1957 e, em especial, a figura histórica de José Antonio Echeverría. Adaptada ao “novo” tempo iniciado com a vitória sobre Fulgêncio Batista, em 1959, a mensagem político-ideológica embutida no 13 de março apelava para a legitimação das mudanças políticas, econômicas e sociais que se encontravam em curso na ilha, responsáveis pelo acesso dos “filhos dos humildes” à universidade, e contra as quais não caberia nenhuma contestação, somente o

³¹⁹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto homenaje a los mártires del Asalto al Palacio Presidencial, en la escalinata de la Universidad de la Habana, el 13 de marzo de 1962.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f130362e.html>>. Acesso em: 28 fev. 2023.

endosso de um setor social que deveria se tornar cada vez mais “homogêneo”, isto é, obediente às diretrizes estatais-partidárias. Na celebração do ano seguinte, 1963, Castro também abordou a relevância dos estudantes ao exigir que as autoridades responsáveis pela organização do evento comemorativo adotassem critérios rigorosos com o objetivo de estabelecer a quem seria dado o direito de participar dos festejos oficiais do 13 de março, tendo em vista a superlotação das escadarias da universidade de Havana. Diante do grande afluxo de pessoas, o *comandante* fez a seguinte reflexão:

Esta fecha que marca el momento de más alto heroísmo en la historia de nuestra universidad, y que es por eso un día que habrá de culminar siempre en un acto como el de hoy, con los estudiantes fundamentalmente, será una fecha de mayor importancia cada año. [...]

Y este espacio, este espacio que hoy se colma de jóvenes, no será ya bastante para dar cabida a nuestros estudiantes. Y por eso, será necesario hacer como se hizo. ¿Quiénes van al acto de la escalinata? ¿Cuáles becados van al acto de la escalinata, de nuestros becados no universitarios? Pues los mejores estudiantes, los de mejor comportamiento, los de mejor expediente (APLAUSOS). Si alguno que no pertenece a esa categoría se coló por ahí, es bajo su responsabilidad exclusivamente.

Pero así fue como se resolvió el problema, porque ya es un problema el decidir quiénes pueden venir, porque todos no caben en esta escalinata. Y, entonces, se seleccionaron, por eso, a aquellos que tenían más méritos.

Y así, año por año, en que serán más y más los estudiantes, se reunirán en esta escalinata los más estudiosos y los de más méritos. Y un puesto aquí, aunque sea un puesto de pie, para conmemorar este día, para poder venir aquí, para tener el honor de estar aquí, habrá que ganarlo durante el año.³²⁰

Sob a justificativa de que as escadarias da universidade capitalina se mostravam insuficientes para abrigar todos os interessados em assistir aos festejos oficiais voltados à memória do 13 de março, Fidel Castro defendeu que tal direito fosse concedido apenas aos “melhores estudantes”, entendidos aqui não apenas a partir de critérios acadêmicos mas, sobretudo, pelas demonstrações de fidelidade ao governo socialista. Implicitamente, sua ideia previa a adoção de uma meritocracia responsável por hierarquizar o público considerado apto a representar os estudantes nos rituais de memória em homenagem aos “mártires” do Diretório Revolucionário, quando, inclusive, poderiam presenciar as falas

³²⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, en la clausura del acto para conmemorar el VI aniversario del Asalto al Palacio Presidencial, celebrado en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 13 de marzo de 1963.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/fl130363e.html>>. Acesso em: 8 fev. 2023.

públicas do *comandante*. Baseada na competitividade entre o estudantado, esta proposta talvez seja uma das únicas ocasiões em que o mandatário fez menção pública a algum critério preestabelecido para definir a quantidade e a composição de sua audiência, destoando fortemente da retórica oficial que incentivava a ampla participação popular nos eventos cívicos promovidos pelo Estado. O direito de participar da cerimônia em honra aos envolvidos na ação armada contra Batista demonstra que as instituições universitárias se abriam aos setores sociais pobres e marginalizados ao mesmo tempo em que a memória do assalto ao palácio presidencial manejada por Fidel Castro acabou fabricando um tipo ideal de “estudante revolucionário” a ser controlado politicamente, composto, por sua vez, de características ideológicas subordinadas aos interesses estatais.

Nos discursos subsequentes o tema do estudante “ideal” voltaria à cena discursiva sob diferentes ângulos. Em 1965, Castro afirmou que os encontros realizados a cada 13 de março haviam se transformado em uma “tradição”, além de um “inescapável dever de todos”³²¹, dirigentes políticos e estudantes. Destacou também que mesmo antes do triunfo da Revolução, os universitários desfrutavam de grande “consciência revolucionária”, tendo representado um polo de “rebeldia” contra a ditadura de Batista. Assim como nas ocasiões anteriores, o estadista reforçou a versão de que os jovens de “origem humilde” foram os maiores beneficiários pela abertura de novas vagas nas instituições de ensino superior, em especial na capital. Consequentemente, este extrato social teria passado a representar um dos mais “sólidos pilares” do projeto que visava universalizar o acesso à educação colocado em prática desde a ascensão dos guerrilheiros ao poder. Já em 1969, Fidel exigiu o aumento da participação estudantil nas atividades produtivas e econômicas, particularmente na “safra dos 10 milhões”, ambiciosa meta da indústria açucareira cubana prevista para ser finalizada no ano seguinte. A partir deste mote, afirmou que os alunos matriculados nos cursos de engenharia civil, arquitetura e biologia deveriam se engajar o mais breve possível nas tarefas relacionadas ao plantio, colheita e processamento da cana-de-açúcar³²², para as quais praticamente todos os setores da economia insular, além dos estudantes, acabaram sendo direcionados no biênio 1969-1970.

³²¹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto celebrado en la escalinata de la Universidad de La Habana honrando a los mártires del 13 de Marzo, el 13 de marzo de 1965.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f130365e.html>>. Acesso em: 5 fev. 2023.

³²² CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración efectuada en la escalinata de la universidad de La Habana como culminación de los actos organizados para honrar a los mártires del 13 de marzo de 1957. La Habana, marzo 13 de**

O auge dos usos político-ideológicos do 13 de março como uma memória da luta armada “estudiantil” pode ser averiguado no discurso realizado por Fidel Castro em 1979, quando a data serviu como palco para a cerimônia de encerramento do I Congresso da Federação Estudiantil Universitária (FEU). Passando em revista à história nacional, o líder cubano afirmou que os universitários sempre se caracterizaram pelo “espírito de rebeldia” e “ódio à injustiça”, sobretudo em relação aos regimes autoritários, característica que remontava a uma revolta estudantil contra o colonialismo espanhol, ocorrida em Havana, em 1871. A partir do triunfo da Revolução Cubana, diferentemente, Castro pregava que os jovens não deveriam mais sair às ruas contra o governo, posto que a almejada liberdade já havia sido conquistada em 1959, mas se engajarem nas tarefas estipuladas pelo Estado, colaborando assim para a construção de um novo modelo de sociedade.

¿Acaso la Revolución le ha quitado a la masa estudiantil su campo de lucha? No. Pero su campo de lucha ha cambiado radicalmente. Antes el deber inmediato del estudiante, su campo de lucha, era enfrentarse cotidiana y diariamente a todo género de abusos y de injusticia, enfrentarse cotidianamente a la violencia represiva, como ocurre con los estudiantes hoy en la mayor parte de los países de América Latina. La Revolución, en cambio, creó un campo de lucha mucho más amplio, mucho más universal, una tarea gigantesca: la de hacer la Revolución, la de construir el socialismo, la de practicar el internacionalismo. Ser estudiante, ser trabajador, ser soldado, porque ya no existe contradicción entre el poder y el estudiantado, entre el soldado y el estudiante, entre el policía y el estudiante [...] Porque el termómetro más sensible de la situación política de un país, en el mundo que hemos conocido hasta hoy, es el estudiantado.³²³

No excerto acima citado é possível perceber uma tensão entre duas características imputadas aos estudantes. Por um lado, Fidel Castro tentava construir a premissa segundo a qual, ao longo da história, a juventude cubana havia se mostrado contestadora frente aos valores construídos pelas gerações anteriores. Por outro lado, suas palavras buscavam impedir que tal premissa resultasse em um eventual enfrentamento do estudiantado ao regime socialista liderado por ele. Para evitar que o espírito contestador que caracterizaria

1969. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f130369e.html>>. Acesso em: 8 fev. 2023.

³²³ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el Acto de Clausura del I Congreso de la Federación Estudiantil Universitaria, efectuado en el Teatro “Lazaro Peña”, el 13 de marzo de 1979, “Año 20 de la Victoria”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1979/esp/f130379e.html>>. Acesso em: 8 fev. 2020.

os universitários representasse uma possibilidade real de oposição e dissidência política, o argumento levantado pelo mandatário propunha que a este extrato da sociedade fosse atribuída uma missão de caráter “universal” e “gigantesca”: a construção do socialismo. Menos uma proposta e mais uma imposição, tal tarefa pressupunha uma dissociação entre o Estado e os órgãos representativos dos estudantes, representando uma relação de submissão destes às diretrizes emanadas do centro do poder representado por meio da figura e da fala pública de Castro. Ao longo de seu pronunciamento, nota-se inclusive que em nenhum momento ele defendeu a liberdade de associação do setor universitário. Neste caso, a efeméride do 13 de março embasou através da memória da luta armada os anseios do regime socialista, vocalizados por Fidel, de que a juventude universitária cubana se submetesse a uma meta concebida de “fora” para “dentro”, isto é, das estruturas estatais e partidárias em direção aos jovens estudantes.

Neste mesmo discurso, proferido em 1979, Castro encerrou sua participação no I Congresso da Federação Estudantil Universitária (FEU) da seguinte maneira:

Creemos que sobre esto deben meditar los estudiantes. Y si antes había que dejar el libro y el aula para salir a la calle a combatir, no significa que el combate haya desaparecido para las nuevas generaciones; las nuevas generaciones tienen un desafío aún mayor que el que tuvimos nosotros [...] Nosotros tuvimos nuestra hora de revolución, pero la hora de la revolución de ustedes empieza ahora, está comenzando. Y nadie tendrá que entristecerse pensando que el momento de las grandes luchas pasó, que el momento de los grandes heroísmos pasó; mayores luchas y mayores heroísmos todavía se requerirán de las nuevas generaciones [...] Incluso, hubo jóvenes que se lamentaban de no haber nacido antes del Moncada, o antes de la Sierra Maestra, para poder participar también de aquellas luchas; pero algunos años después vino Girón, después vino la necesidad de defender la Revolución durante todos estos años, y más tarde vinieron las misiones internacionalistas, donde decenas de miles de nuestros compatriotas han tenido la oportunidad de probar su calidad, su heroísmo y su valor.³²⁴

Dirigindo-se mais uma vez aos estudantes que compunham grande parte da plateia nos rituais de memória do 13 de março, Fidel Castro salientou que a liberdade conquistada em 1959 necessitava da contribuição das próximas gerações para se perpetuar ao longo do tempo. Para quem a Revolução apenas “acabava de começar”, o argumento da defesa

³²⁴ Idem.

da liberdade não apareceu de forma incondicional, mas vinculado à memória da luta armada praticada contra o regime de Fulgêncio Batista nos anos 1950, contexto histórico caracterizado por “grandes lutas” e “grandes heroísmos”, segundo o mandatário. A partir da fenda cronológica entre os estudantes que ouviram suas palavras em 1979 e a geração que protagonizou eventos como *Moncada* (1953), *Granma* (1956) e *Playa Girón* (1961), inscritos na teleologia das “armas” construída e difundida através dos discursos castristas, Fidel atribuiu ao “heroísmo” dos guerrilheiros que derrotaram Batista o monopólio sobre a simbologia que deveria pautar a compreensão do presente. Baseada nas memórias do período insurrecional (1953-1959), a compreensão do presente através da referência às “armas” exprime o anseio dos antigos guerrilheiros M 26-7, que compunham a alta cúpula do Estado cubano, de legitimarem sua continuidade no poder a partir dos usos político-ideológicos do passado. Resultado das ações protagonizadas pelos combatentes de *Sierra Maestra*, as prometidas “glórias” reservadas ao futuro de Cuba tinham as lembranças da luta armada como origem e, ao mesmo tempo, fonte de legitimidade.

Neste caso, a memória da luta armada operou como a moldura das representações relativas ao passado, presente e futuro de Cuba. A evocação de Fidel Castro dos principais marcos cronológicos da guerrilha buscava controlar a política interna através de uma narrativa histórica que não admitia outro referencial que não as “armas”. Menos uma censura explícita e mais uma tentativa de controlar ideologicamente o sentido da história da ilha, tal medida visava impossibilitar a realização de versões contrárias ou mesmo alternativas ao protagonismo político dos guerrilheiros de *Sierra Maestra*, muitos dos quais completavam duas décadas no poder em 1979. Para além da exortação ao papel reservado às novas gerações, Castro procurou submeter a função social do principal órgão de representação acadêmica, a Federação Estudantil Universitária (FEU), a um destino unívoco. Assim, o passado não somente ajudaria a plateia de estudantes a entender as origens do tempo presente de 1979, como controlaria os significados das ações daqueles jovens na realidade em que viviam, interpretada pelo mandatário como fruto da estratégia guerrilheira. Portanto, seu pensamento revela a tentativa de enquadrar a história nacional da ilha em um espaço simbólico controlado pelas “armas”, dentro do qual as distintas temporalidades deveriam ser compreendidas e constantemente atualizadas a fim de que as sucessivas gerações pensassem e agissem de forma a garantir, como função precípua, a continuidade da Revolução Cubana ao longo do tempo.

Levando em consideração os aspectos acima analisados, entendemos que a data comemorativa do 13 de março apresenta algumas particularidades no âmbito da “máquina

da memória”, mais especificamente duas. Em primeiro lugar, quando comparada ao 26 de julho (1953) e ao 1º de janeiro (1959), nota-se que se trata de uma efeméride criada a partir de um evento histórico, o assalto ao palácio presidencial, em 1957, que não contou com a participação direta ou indireta do M 26-7 e de Fidel Castro. Por isso, entendemos que o 13 de março enquanto data comemorativa foi tomada de “empréstimo” do Diretório Revolucionário (DR), liderado à época da ação armada por Echeverría. A partir de sucessivas apropriações simbólicas deste ato insurgente contra a ditadura iniciada em 1952, Castro manejou a memória da tentativa de assassinar Batista dentro da sede do governo de forma a corroborar as ações do seu grupo político, o M 26-7 e, posteriormente, do regime socialista insular instituído em 16 de abril de 1961, poucas horas antes do início da batalha de *Playa Girón*. Através de uma memória “mediada”, Castro tentou exercer controle sobre os significados das lembranças associadas a um setor político rival da guerrilha de *Sierra Maestra*, motivo pelo qual seus discursos nos festejos oficiais do 13 de março ao longo da década de 1960 se igualaram aos realizados na efeméride de 1º de janeiro (1959), relativa ao triunfo da Revolução, e superaram os do 26 de julho (1953), que designa o início da luta armada através do assalto ao quartel *Moncada*.

Em segundo lugar, aliando forma e conteúdo, chama atenção o modo pelo qual o estadista vinculou a figura de Echeverría e a memória da ação armada comandada por ele, em 1957, ao público estudantil que compunha a maior parte da plateia nos festejos oficiais do 13 de março. Territorialmente, destaca-se a utilização, nos anos 1960, de espaços públicos vinculados à universidade de Havana, com destaque para as suas escadarias, que sediaram quase todos os discursos realizados por Fidel em memória ao assalto ao palácio presidencial. Institucionalmente, nota-se a utilização do 13 de março para a realização de eventos relacionados ao estudantado, em especial à Federação Estudantil Universitária (FEU), que “escolheu” tal data para o encerramento de seu primeiro congresso, realizado em 1979, quando a defesa do socialismo serviu para Castro justificar a ausência de autonomia política da maior instituição representativa dos estudantes. Tematicamente, a memória da tentativa de assassinato de Batista serviu como alicerce para a construção de um conjunto de compromissos e valores a serem incutidos na mentalidade juvenil em distintos contextos e para diferentes finalidades. Fruto destas três dimensões vinculadas ao universo estudantil, a memória do 13 de março presente nos discursos de Fidel Castro desempenhou um relevante papel na teleologia das “armas” que embasou a construção do calendário cívico da Revolução Cubana, se constituindo como uma das “engrenagens” da “máquina da memória” criada na ilha após 1959.

3.2.3. Triunfo da Revolução Cubana: a “apoteose” da luta armada

A efeméride de 1º de janeiro, relativa ao triunfo da Revolução Cubana³²⁵, em 1959, contabiliza dezoito pronunciamentos de Fidel Castro³²⁶ entre 1959 e 2006. Segundo a memória oficial elaborada após a tomada do poder pelos guerrilheiros de *Sierra Maestra*, a data que designa o fim da ditadura de Fulgêncio Batista tornou-se um ponto de inflexão na história nacional³²⁷, sendo associada pela propaganda político-ideológica governamental à concretização da independência cubana, anseio alimentado desde o século XIX pelos *mambises*. A fim de divulgar o triunfo da Revolução junto à opinião pública interna, o estadista subiu ao parlatório em todos os anos durante o período 1959-1969³²⁸ (figura 11). Em comparação com as outras datas comemorativas do calendário cívico revolucionário, o 1º de janeiro apresenta uma especificidade resultante da contingência histórica, visto que coincide com o início do calendário gregoriano³²⁹. De diferentes maneiras, o regime socialista buscou se apropriar desta simbologia com a finalidade de dotar a representação do triunfo da Revolução Cubana da aura de “novidade”, transformando-o em um marco temporal capaz de dividir a história nacional da ilha em duas partes, uma “antes” e outra “depois” do 1º de janeiro de 1959. Neste sentido, Castro evocou, em 1964, a ideia de que o fim do regime autoritário de Batista

³²⁵ Pouco tempo após a fuga de Fulgêncio Batista em direção à República Dominicana, na madrugada de 1º de janeiro de 1959, Fidel Castro proferiu um discurso no balcão do *Ayuntamiento* de Santiago no qual denunciou o que dizia ser uma conspiração militar insuflada pelas elites políticas e econômicas para impedir os guerrilheiros de chegarem ao poder. Segundo ele, a quartelada organizada em Havana pelas Forças Armadas visava formar uma junta de governo provisório a fim de enfraquecer a popularidade do Exército Rebelde. Para fazer frente a este cenário adverso, Castro conclamou a população a realizar uma greve geral em apoio ao M 26-7 e, em seguida, iniciou uma peregrinação pelas principais cidades da ilha, chamada de *Caravana de la Libertad*, até chegar em Havana, onde foi recebido com grande entusiasmo, em 8 de janeiro de 1959. Cf. BÁEZ, Luis; HOZ, Pedro de la. **Caravana de la Libertad**. Havana: Casa Editora Abril, 2009.

³²⁶ No âmbito editorial, o esforço do governo cubano em divulgar os discursos de Castro nas comemorações oficiais de 1º de janeiro por ser notado através do volume que compilou seus pronunciamentos entre 1960 e 1967. Cf. CASTRO, Fidel. **Aniversarios del triunfo de la Revolución Cubana**. Havana: Política, 1967.

³²⁷ Para um exemplo de como o regime socialista cubano reforçou a memória criada em torno do 1º de janeiro de 1959 ver HOZ, Pedro de la. **Como el primer día**. Havana: Letras Cubanas, 2008.

³²⁸ Assim como observado na efeméride do 13 de março, na de 1º de janeiro também se detecta o fenômeno das datas “cheias”. Entre 1970 e 2006, o 1º de janeiro tornou-se alvo dos discursos castristas a cada cinco anos, o que resultou na realização de duas falas públicas por década. Assim, tem-se a seguinte sequência: 1979, 1989 e 1999, comemorações dos 20º, 30º e 40º aniversários da Revolução Cubana, respectivamente, e 1974, 1984, 1994 e 2004, alusivas aos 15º, 25º, 35º e 45º aniversários, respectivamente.

³²⁹ Em 1960, Castro explorou este fato do seguinte modo: “Felizmente, los cubanos podremos ir contando los años de la Revolución con el calendario; felizmente un día Primero de Enero llegó al poder la Revolución”. CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en Ciudad Libertad, el 31 de diciembre de 1960**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f311260e.html>>. Acesso em: 8 set. 2023.

representou uma nova era ao afirmar que “[...] quiso el azar que año nuevo y vida nueva y Revolución nueva vinieran juntos al mundo y juntos marchen en el calendario”³³⁰.

A narrativa oficial de que a Revolução Cubana triunfou em 1º de janeiro de 1959 se consolidou ao longo das décadas, e não exatamente no instante em que os guerrilheiros tomaram conhecimento da fuga de Batista, como pode ser atestado pelo relato escrito por José Llada, jornalista e simpatizante do M 26-7, que alegou se encontrar na companhia de Fidel Castro quando este redigiu de próprio punho um texto contendo instruções aos comandantes do Exército Rebelde e ao povo cubano. No comunicado, que denunciava a tentativa do alto comando das Forças Armadas de formar uma junta de governo em meio ao vácuo de poder gerado em Havana após a fuga do ditador em direção à República Dominicana, um trecho chama atenção no que se refere à interpretação do então líder guerrilheiro a respeito dos fatos ocorridos em 1º de janeiro, sobre os quais fez a seguinte afirmação: “La Dictadura se ha derrumbado como consecuencia de las aplastantes derrotas sufridas en la últimas semanas, pero eso no quiere decir que sea ya el triunfo de la Revolución.”³³¹. Como se constata das palavras escritas por Fidel Castro no comunicado elaborado ainda no calor dos acontecimentos, nem ele nem a propaganda política de seu governo, que sequer havia começado, tinham certeza quanto ao significado a ser atribuído ao dia 1º de janeiro de 1959, data que ganharia outras camadas de sentido com o passar do tempo, passando a simbolizar o protagonismo da luta armada promovida pelo M 26-7 como estratégia de resistência ao regime batistiano.

Paralelamente às opiniões de Castro, a data que ficaria conhecida pelo triunfo da Revolução foi retratada por outros agentes sociais que ofereceram suas interpretações sobre o início da “nova” era na história da ilha. O economista Rufó López-Fresquet, que se tornou ministro da Fazenda logo após a ascensão dos guerrilheiros ao poder, foi um dos que escreveram a este respeito, abordando o 1º de janeiro de 1959 da seguinte forma:

Com exceção das poucas pessoas envolvidas com o regime de Batista, o país inteiro apoiou o novo Governo. Cuba viveu outro dia 20 de maio de 1902, o dia em que a República nasceu. Era o renascimento da nação; 1º de janeiro de 1959, foi um dia de alegria. Os cubanos jamais esquecerão a primeira semana daquele ano.³³²

³³⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, Primer Secretario del PURSC y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración conmemorativa del quinto aniversario de la Revolución, en la Plaza de la Revolución, el 2 de enero de 1964.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f020161e.html>>. Acesso em: 4 fev. 2023.

³³¹ LLADA, José. **Memorias de la Sierra Maestra.** Havana: Tierra Nueva, 1960, p. 169.

³³² LÓPEZ-FRESQUET, Rufó. **Fui ministro de Fidel,** op. cit., p. 31.

Cerca de 10 horas da manhã de 1º de janeiro de 1959, o rádio começou a dar a notícia da fuga de Batista. [...] Minha casa encheu-se de amigos, parentes há muito esquecidos, e pessoas totalmente estranhas. [...] Mesmo nos subúrbios, podiam-se ouvir os sinos das igrejas tocando e o som das buzinas traduzindo a alegria histérica do povo. Um exército popular com emblemas e uniformes variados, com armas antiquadas, enchia as ruas em grupos de menos de 12 pessoas. Os elementos da força policial regular esconderam-se. Os escoteiros assumiram a direção do tráfego. As autoridades desapareceram. Não se registraram acidentes, roubos ou assassinatos.³³³

O escritor cubano Reinaldo Arenas³³⁴, então um adolescente simpatizante das causas defendidas pelo M 26-7, e que posteriormente adotaria uma posição política anticastrista, retratou o triunfo da Revolução Cubana da seguinte maneira:

Bajamos de las lomas y nos recibieron como héroes; en mí barrio de Holguín, me dieron una bandera del 26 de Julio y yo recorrí la cuadra con aquella enorme bandera en la ano. Me sentí un poco ridículo, pero había alegría, resonaban los himnos y todo el pueblo se había lanzado a la calle. Seguían llegando los rebeldes con crucifijos y cadenas hechos de semillas; eran los héroes. En realidad, algunos solo llevaban cuatro o cinco meses alzados, pero en general las mujeres y también muchos hombres de la ciudad se volvían locos por aquellos peludos; todos querían llevarse algún barbudo a su casa. A mí aún no me había salido barba, porque sólo tenía quince años.³³⁵

O 1º de janeiro de 1959 também foi abordado pelo intelectual dissidente Carlos Franqui, na época chefe nacional de propaganda do M 26-7, além de fundador da Rádio Rebelde e do jornal *Revolución* – do qual se tornou editor-chefe –, principais meios de comunicação da guerrilha de *Sierra Maestra* sob a liderança de Fidel Castro.

A *Sierra* se confunde com a escuridão. Um brilho crepuscular súbito revela a cidade: Santiago de Cuba. A noite cai enquanto nós, os barbudos, descemos das montanhas com a aparência dos santos de

³³³ Idem, p. 87.

³³⁴ Nascido em 1943, Reinaldo Arenas se destacou como escritor ao publicar sua primeira e única obra em Cuba aos dezenove anos de idade. Ao longo da década de 1950, militou nos grupos de oposição à ditadura de Fulgêncio Batista, apoiando politicamente o M 26-7 e, após o triunfo da Revolução, o governo encabeçado por Fidel Castro. Contudo, de 1959 em diante passou a adotar posicionamentos críticos ao regime socialista, que somados às perseguições sofridas em virtude de sua assumida homossexualidade, resultaram em um exílio precedido de prisões, censuras e repressões. Depois de sucessivas tentativas frustradas, conseguiu sair de Cuba em 1980, durante o chamado “êxodo de Mariel”, seguindo para Nova Iorque, nos EUA, onde morreu, em 1990, após contrair o vírus da AIDS.

³³⁵ ARENAS, Reinaldo. **Antes que anochezca**, op. cit., p. 68.

outrora. O povo corre ao nosso encontro. São vorazes; nos tocam, beijam nossas barbas imundas. Batista fugiu ao amanhecer de 1º de janeiro. O ano de 1959 começava bem. A Santiago rebelde estava finalmente livre, após sete anos de tirania. Esta era uma verdadeira festa de Ano-Novo, e um fluxo de alegria coletiva circulava entre os rebeldes. [...] Talvez a paz seja mais assustadora para um combatente do que a guerra. [...] Vi meus camaradas desfrutando de seu primeiro contato profundo com as massas, e quando alguém beijou minha barba recuei, pois aquilo parecia uma profanação invertida. Eu estava sendo tratado como um herói, embora a única espécie de heroísmo que eu leve a sério seja a coletiva. [...] Então, apesar de toda a alegria, senti uma sombra sobre nós, uma ameaça. Até minha barba, que me destacava de todas as demais pessoas, começou a me parecer estranha. Eu ficava me perguntando o que era, de fato, aquela revolução. Não importava: uma nova era havia começado com o novo ano.³³⁶

O triunfo da Revolução Cubana também foi retratado por Huber Matos³³⁷, uma das principais lideranças guerrilheiras do M 26-7, que pouco tempo após a chegada de Fidel Castro ao poder, ainda em 1959, seria acusado pelo então primeiro ministro de Cuba de liderar um levante contrarrevolucionário na cidade de Camaguey, onde atuava como comandante militar designado pelo líder máximo da Revolução.

Se decide que los rebeldes entren a Santiago esta misma noche. Tomo medidas para la marcha hacia la ciudad. El desfile es una procesión de vehículos con sus luces encendidas. La gente va saliendo de sus viviendas para sumarse al acontecimiento. Nuestros camiones y *jeeps* avanzan con lentitud entre el público que se mezcla con ellos en una sola y mayúscula fiesta callejera sin precedentes en la historia de esta ciudad. Nadie se queda en su hogar. Todos se sienten arrastrados por un frenesí desbordante y ruidoso. Nuestra presencia en las calles significa para toda esta gente el olvido del miedo y de las dificultades de la guerra. Nosotros somos su fiesta y en toda esa alegría se encuentra la raíz popular cubana. La gente que nos rodea participó como pudo en el esfuerzo revolucionario. [...] Los recién llegados, acompañados de una delirante marea humana, vamos hacia el Parque Central, donde se apretujan millares de personas. Desde el Ayuntamiento hablarán los oradores cuando terminen de llegar las tropas rebeldes y los pobladores de la periferia urbana. Es un momento histórico. [...] El espectáculo del parque es impresionante. No cabe una persona más. Miles de hombres y mujeres llenos de entusiasmo agitan banderas cubanas y del

³³⁶ FRANQUI, Carlos. **Retrato de família com Fidel**, op. cit., p. 23-24.

³³⁷ Nascido em 1918, Huber Matos teve participação ativa no M 26-7 e no Exército Rebelde organizado em *Sierra Maestra* contra a ditadura de Fulgêncio Batista, chegando ao prestigiado posto de comandante após o triunfo da Revolução Cubana. Ao longo de 1959, passou a se opor às políticas sociais colocadas em prática pelo governo de Fidel Castro, passando a denunciá-las como comunistas. Em outubro deste ano, o então chefe do Regimento nº 2, sediado em Camaguey, foi preso pelo governo revolucionário acusado de sedição, e logo a seguir condenado à pena de vinte anos de reclusão. Ao sair da prisão, em 1979, passou a fazer forte oposição ao regime socialista cubano ao exilar-se na Costa Rica e, posteriormente, em Miami, nos EUA, onde faleceu, em 2014, aos noventa e cinco anos de idade.

Movimiento 26 de Julio; los árboles también están adornados con banderas. La Revolución ha triunfado.³³⁸

Escritos fora de Cuba, no exílio, os relatos de Fresquet, Arenas, Franqui e Matos revelam semelhanças quanto à representação do 1º de janeiro de 1959. Em primeiro lugar, pois o retrataram como um marco cronológico de grande importância na história da ilha. Reveladores da euforia popular compartilhada pelos autores que deram a conhecer suas memórias sobre as festividades presenciadas em Havana, Santiago e Holguín no primeiro dia de 1959, outra similaridade pode ser resumida no fato de que todos os relatos foram produzidos por apoiadores ou militantes de grupos de oposição ao regime de Batista, com destaque para o M 26-7, mas que após o triunfo da Revolução, por diferentes razões, divergiram do socialismo insular. O relato que tais autores fizeram da comoção pública observada no dia que passou a designar o término da ditadura batistiana coincide com o significado atribuído a ele pela memória oficial do novo governo, centrado na relevância da luta armada. Contudo, suas interpretações trazem nuances em relação à versão estatal. Apesar do protagonismo conferido à guerrilha, os trechos acima citados demonstram que o 1º de janeiro de 1959 representou a concretização dos anseios de um amplo conjunto de forças político-sociais, e não apenas os da luta armada promovida pelo M 26-7, tendo em vista a efusiva participação popular nos festejos públicos. Em síntese, suas descrições atestam a mobilização de diferentes setores da sociedade civil que também participaram ativamente da resistência ao regime batistiano, assim como os guerrilheiros.

Na produção discursiva castrista, a tese de que o 1º de janeiro de 1959 representou uma ruptura inédita na história da ilha, isto é, um “ato fundador”³³⁹ a partir do qual todos os outros eventos da Revolução Cubana derivam e passaram a se relacionar, apareceu em diferentes contextos históricos, como no discurso realizado pelo mandatário durante o 20º aniversário da Revolução, em 1979, quando explorou as “coincidências” entre a vitória sobre Batista e o início do calendário, assim como o fizera em ocasiões anteriores.

Quiso el azar que, tras la dura lucha de los hombres, el triunfo de la revolución en nuestro país tuviera lugar un Primero de enero y fue cierto, por primera vez entonces, que aquel primer día de un año nuevo significara para Cuba que, junto a la última página del viejo almanaque, un mundo se hundía y otro mundo nacía. [...] A los 41 años y dos meses de la gloriosa Revolución de Octubre se iniciaría la primera revolución socialista en el hemisferio occidental. A los cuatro siglos y medio del

³³⁸ MATOS, Huber. **Como llegó la noche**, op. cit., p. 281-282.

³³⁹ OZOUF, Mona. **La fête révolutionnaire**, op. cit., p. 262.

descubrimiento de América, una sociedad que era fruto de la conquista, el exterminio de la población aborigen, la colonización, el esclavismo, el capitalismo, el neocolonialismo y el imperialismo iba a conocer su primer cambio verdaderamente profundo e irreversible. Este cambio tenía lugar a las puertas mismas del país imperialista más poderoso del mundo.³⁴⁰

Ao representar o triunfo revolucionário como o início do socialismo cubano, o que corresponde a uma narrativa anacrônica, Castro retratou o 1º de janeiro como uma ruptura sem precedentes na história da ilha, fechando a “última página do velho almanaque” para que um mundo inteiramente “novo” pudesse nascer. Teleológica, a conexão entre o 1º de janeiro e o socialismo insular representou o marco temporal que simboliza a “apoteose” da guerrilha através de um fato histórico posterior à *Caravana de la Libertad*, quando Fidel foi recebido com entusiasmo nas principais cidades cubanas. Ao propor 1959 como o “ano zero”³⁴¹, Castro transformou a data que designa o início do calendário gregoriano em metáfora das transformações que começaram a ocorrer em Cuba após o triunfo da Revolução, ao preço de “esquecer” o caráter político-ideológico ambíguo e indefinido de seu governo entre 1959 e 1961, antes, portanto, da adesão ao socialismo. Ademais, o estadista vinculou o 1º de janeiro à Revolução Russa, chamada por ele de “Revolução de Outubro”, a fim de reivindicar o legado da experiência revolucionária vitoriosa em 1917, a qual contou com a destacada participação de Vladimir Lênin, líder dos bolcheviques. Em 1979, a referência à URSS, principal aliada da ilha, visava inserir a Revolução Cubana na genealogia dos movimentos socialistas que chegaram ao poder ao longo do século XX. Tendo o 1º de janeiro como marco temporal, a retórica castrista fez com que a Revolução Russa legitimasse o movimento triunfante em Cuba em 1959.

Além da referência à Revolução Russa, que no trecho supracitado serviu como base para representar Cuba como o primeiro país do “hemisfério ocidental” a adotar o

³⁴⁰ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en la sesión solemne celebrada en el Teatro “Carlos Marx” con motivo del XX aniversario del triunfo de la Revolución, el 1º de enero de 1979, “Año 20 de la Victoria”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1979/esp/f010179e.html>>. Acesso em: 4 fev. 2023.

³⁴¹ Segundo Rafeal Rojas, “Comenzar de cero implicaba, para los líderes históricos de la Revolución, un nuevo diseño del calendario nacional a partir de un año cero: 1959. Todo lo sucedido antes de ese año, salvo aquello que sirviera de anuncio o profecía, debía ser referido al pasado colonial y, por lo tanto, capitalista, burgués, corrupto y ‘prenacional’ de la isla. Con la Revolución comenzaba propiamente la fundación del Estado, y sus líderes eran – ni más ni menos – los padres fundadores de la ‘verdadera nación’. La difusión mundial que en el último siglo alcanzó esta premisa – que desde el punto de vista de las ciencias sociales o la historia política podemos calificar como ‘falsa’ – sólo puede explicarse por medio del mito. Un mito que, como todos, no es lo contrario de la realidad sino la hiperbolización de un aspecto de la realidad”. ROJAS, Rafael. **La máquina del olvido**, op. cit., p. 143.

socialismo, ao longo do período em que esteve à frente do Estado Fidel Castro recorreu a outras estratégias a fim de legitimar a efeméride que simboliza a tomada do poder pelos guerrilheiros. Em 1966, o 1º de janeiro abrigou a cerimônia de abertura da 1ª Conferência Tricontinental, evento em que se fundou a Organização de Solidariedade dos Povos da Ásia, África e América Latina (OSPAAAL). No cartaz de divulgação do encontro nota-se que o governo cubano se representou como protagonista do chamado terceiro mundo (figura 13). No globo terrestre central, posicionado ligeiramente mais alto que os outros dois, tingida pela cor vermelha que se espalha para o restante do continente americano, tendo acima um pavilhão nacional, Cuba se projeta como uma referência para os países afro-asiáticos, sugerindo que estava no “centro do mundo”. A defesa da autodeterminação dos povos terceiro-mundistas, muitos deles recentemente emancipados de suas antigas metrópoles europeias, pareceu o cenário propício para o governo cubano divulgar a luta armada como estratégia responsável pela vitória da guerrilha em 1º de janeiro de 1959. Além do cenário interno, a ideia de uma nova era representada através desta efeméride foi difundida tendo as “armas” como alternativa político-ideológica viável para que outras nações pobres e exploradas conquistassem sua liberdade.

Outro recurso que marcou presença nos rituais de memória em homenagem ao 1º de janeiro se refere à realização de desfiles militares em espaços públicos, com destaque para os ocorridos em Havana. Em 1961, os soldados que protagonizaram a parada marcial assistida por uma multidão foram retratados por Fidel Castro como “orgulho da nação”.

[...] ¿Qué han visto? ¿Un clásico desfile militar? No. Nunca nuestro pueblo acudía a ningún desfile militar cuando las armas eran armas en manos de los privilegios contra el pueblo. El pueblo, en cambio, acudió en masa a ver desfilar a su fuerza armada; el pueblo aplaudió los tanques, aplaudió los cañones (APLAUSOS), porque son sus tanques, porque son sus cañones, porque son sus armas para defender todo lo que la Revolución ha conquistado para ellos. Y no los defienden una casta militar, sino los defienden las manos de los obreros humildes y de los campesinos, que han aprendido a manejar el cañón y han aprendido a manejar las armas con la perfección que jamás la aprenderán los privilegiados.³⁴²

³⁴² CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el desfile efectuado en la Plaza Cívica, el 2 de enero de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f020161e.html>>. Acesso em: 5 fev. 2023.

Referindo-se às paradas militares como rituais de legitimação usados por distintos regimes políticos, no excerto acima reproduzido Fidel Castro diferenciou o presente do passado afirmando que antes do 1º de janeiro de 1959 tais desfiles não tiveram adesão popular pois simbolizavam o poder de uma “casta” que defendia os “privilegiados” da sociedade cubana. Após 1º de janeiro de 1959, contudo, o povo teria manifestado uma solidariedade “voluntária” ao novo regime, passando a se identificar com os desfiles armados protagonizados pelos camponeses e “trabalhadores humildes”. Ao se colocar na posição de intérprete dos anseios populares, Fidel Castro sustentou que seus espectadores atribuíam aos tanques e canhões que desfilavam pelas ruas de Havana o papel de defender o governo surgido após a deposição de Fulgêncio Batista do poder. A tónica de que as armas pertenciam ao povo repetiu-se nos anos subsequentes. Em 1964, afirmou que o governo continuaria realizando desfiles militares como forma de zelar pela “segurança” da ilha diante das ameaças vindas do exterior, sobretudo dos EUA, considerado o maior inimigo³⁴³. No ano seguinte, lembrou que o poderio bélico cubano estava sendo usado em favor da “liberdade” e dos “interesses” dos trabalhadores de todo o mundo, inserindo o 1º de janeiro na política de apoio às guerrilhas latino-americanas e terceiro-mundistas³⁴⁴. Por fim, em 1966, destacou que virtudes cívicas como “disciplina”, “precisão” e “rapidez” poderiam ser alcançadas através de maciços investimentos na área da defesa³⁴⁵.

Todavia, a partir de 1967, os eventos de cunho militar cederam lugar para outro “modelo festivo”, inaugurando formas alternativas de ritualização da memória construída em torno da efeméride do 1º de janeiro.

[...] es bueno que analicemos, conforme marcha la Revolución, también nuestros actos multitudinarios. Estos actos no se prestan mucho para el razonamiento sereno, es muy difícil, no siempre se logra; esta tribuna multitudinaria se presta mejor para agitar que para razonar. Se razona mejor en un teatro, se razona mejor en un acto como el de la escalinata universitaria; no es fácil razonar, crear las condiciones que se requieren para ir al análisis profundo

³⁴³ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro... 2 de enero de 1964**, op. cit.

³⁴⁴ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del PURSC y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración conmemorativa del sexto aniversario de la Revolución, efectuada en la Plaza de la Revolución, el 2 de enero de 1965**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f020165e.html>>. Acesso em: 5 fev. 2023.

³⁴⁵ Idem. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la celebración del VII aniversario de la Revolución, en la Plaza de la Revolución, el 2 de enero de 1966**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/f020166e.html>>. Acesso em: 5 fev. 2023.

en un acto de esta magnitud. [...] tenemos que ir modificando algunos de los métodos acorde con las situaciones nuevas. Voy a poner un ejemplo: los desfiles militares. Estamos considerando la conveniencia de hacerlos cada dos años o más. ¿Por qué? Ustedes lo comprenderán, porque se los voy a explicar. [...] Los compañeros de las fuerzas armadas tienen que invertir mucho tiempo preparando su desfile para lograr esa marcialidad, esa coordinación, todas las unidades; numerosos cuadros tienen que invertir mucho tiempo. Destruimos muchas calles, esos tanques son muy pesados; en las prácticas los tanques destruyen mucho el pavimento; hay desgaste de material, de piezas; hay gastos de combustible; y, sobre todo, gasto de esfuerzo de nuestros cuadros y de nuestras fuerzas armadas. [...] ¿Dejar de conmemorar la fecha? ¡No! Pero nosotros podemos, por ejemplo el año que viene, que desfilen por aquí los institutos tecnológicos obreros, que desfilen por aquí nuestros institutos tecnológicos en general, que desfile esa juventud dedicada al estudio y que, además, también es una juventud preparada para la guerra. Y podemos ir alternando.³⁴⁶

Destoando dos discursos realizados na mesma data entre os anos de 1961 e 1966, no trecho supracitado Castro afirmou que as grandes concentrações populares realizadas em lugares públicos serviam mais para “agitar” do que para “raciocinar”, a despeito de terem se tornado uma das principais estratégias de legitimação de seu governo após 1959. Desvinculadas da capacidade de refletir, as então criticadas aglomerações pró-regime não se comparavam, segundo ele, à profundidade dos eventos realizados em locais menores ou fechados, tais como os teatros e as escadarias da universidade de Havana, onde discursava a cada 13 de março em memória ao assalto ao palácio presidencial. Somadas à inadequação dos “grandes atos”, Fidel Castro alegou que as paradas militares haviam se tornado caras pois degradavam as ruas de Havana em razão do peso dos equipamentos bélicos, além de desperdiçarem tempo e insumos das Forças Armadas Revolucionárias (FAR), responsáveis pela organização das marchas a cada aniversário da Revolução. Em virtude disso, Castro anunciou a intenção de alterar o “modelo festivo” da efeméride de 1º de janeiro, centrado até aquele momento na simbologia militar. A fim de explicitar outros aspectos legitimadores do governo socialista, as demonstrações de força bélica dariam lugar a formas alternativas de representar o apoio popular à Revolução, alterando logística e ritualisticamente a efeméride de 1º de janeiro com o objetivo de preservar sua função de “apoteose das armas” junto à narrativa histórica oficial.

³⁴⁶ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro... 2 de enero de 1967**, op. cit.

De acordo com a proposta realizada pelo mandatário em 1967, as paradas militares ocorreriam a cada dois anos, estendendo-se gradativamente para três e, por fim, quatro anos. Ao término deste processo, o projeto estatal de memória previa a participação das Forças Armadas Revolucionárias (FAR) somente nas chamadas datas “cheias”, isto é, a cada cinco anos, começando pelo aniversário da primeira década do triunfo da Revolução Cubana, a ser celebrado em 1969. Nos festejos oficiais realizados em 1º de janeiro de 1968, a promessa de espaçar os desfiles armados realizada um ano antes acabou se confirmando. Abrindo mão, em parte, da retórica militarista usada até aquele momento como uma das principais maneiras de rememorar a “apoteose” da luta armada em Cuba, o ano de 1968 representou um ponto de inflexão nos rituais políticos que objetivavam celebrar a vitória dos guerrilheiros de *Sierra Maestra* sobre a ditadura de Fulgêncio Batista, substituindo o “modelo festivo” que caracterizou as comemorações cívicas do 1º de janeiro durante a maior parte dos anos 1960. Conforme as novas diretrizes estatais vocalizadas publicamente por Fidel Castro, em 1968 as comemorações oficiais do 1º de janeiro passaram a contar com a participação de estudantes cubanos provenientes de diferentes níveis, instituições e lugares da ilha, bem como com a massiva presença de trabalhadores que representavam a indústria açucareira nacional.

No âmbito do projeto estatal de memória, outra forma de legitimação do poder se refere ao manejo dos significados atribuídos à cronologia, tendo como referência o 1º de janeiro de 1959. Complementando as estratégias de memória analisadas anteriormente, a construção do sentido da efeméride relativa ao triunfo da Revolução utilizou-se de outros dispositivos para tentar exercer controle simbólico sobre a passagem do tempo dentro da ilha³⁴⁷. Ao longo dos anos 1960, esta dinâmica pode ser notada na parte final dos discursos feitos por Castro a cada 1º de janeiro. Entre 1965 e 1969, ele encerrou suas falas públicas “propondo” que a plateia escolhesse um nome para batizar o ano que se iniciava. Somente em 1965 o mandatário simulou um processo democrático a fim de embasar uma decisão que parecia já ter sido tomada pela alta cúpula estatal. Oferecendo à plateia a possibilidade de “escolher” uma entre três opções, o ato rememorativo terminou com a “eleição” do

³⁴⁷ De 1959 em diante, o Estado cubano contabilizou o tempo tendo como referência o triunfo da Revolução. Entre 1959 e 2020, cerca de 32% deste período não recebeu um título específico, mas uma numeração alusiva ao marco inicial da contagem (exemplo: 2008, *Año 50 de la Revolución*). Em aproximadamente 68% deste período os anos receberam títulos oficiais que não faziam referência direta à cronologia criada a partir do 1º de janeiro. Neste universo de 41 anos, em 19 deles, cerca de 46%, os nomes escolhidos pelo governo apresentavam relação com temas ligados à memória (exemplo: 1997, *Año del 30 Aniversario de la Caída en Combate del Guerrillero Heroico y sus compañeros*), ao passo que nos 22 anos restantes, cerca de 54%, os nomes escolhidos faziam alusão a temas inscritos nos sucessivos tempos presentes posteriores ao triunfo da Revolução (exemplo: 2006, *Año de la Revolución Energética en Cuba*).

título *Año de la Agricultura*. A partir de então, os epítetos escolhidos entre 1966 e 1969 não envolveram o mesmo procedimento. Neste período, Fidel Castro apenas justificou os motivos que levaram o governo socialista a escolher determinados nomes, relacionando tais decisões com as especificidades de cada contexto histórico, tais como as homenagens à 1ª Conferência Tricontinental (1966, *Año de la Solidariedad*), ao povo vietnamita (1967, *Año del Viet Nam Heroico*) e ao revolucionário argentino Ernesto “Che” Guevara (1968, *Año del Guerrillero Heroico*), morto na Bolívia, no ano anterior.

A partir dos aspectos anteriormente analisados é possível identificar na efeméride do 1º de janeiro uma função simbólica muito explorada na extensa produção discursiva castrista, que consiste em dividir a história de Cuba em “antes” e “depois” da Revolução. Moldável a diferentes contextos históricos, nos sucessivos tempos presentes posteriores a 1959 a efeméride que passou a designar o triunfo da guerrilha sobre Fulgêncio Batista representou a um só tempo a descontinuidade do passado e o anúncio, no presente, de um futuro promissor a ser concretizado pela ação dos revolucionários. Por um lado, o 1º de janeiro simboliza a ruptura cronológica entre o “presente revolucionário” e o “passado batistiano”. Por outro lado, o 1º de janeiro opera também como estratégia de conservação do socialismo, representado como harmônico e imutável, com a finalidade de “eternizar” a Revolução e, conseqüentemente, tentar impedir que ideias e movimentos de contestação ao regime colocassem em cheque as “conquistas” e “avanços” sociais obtidos após 1959. Em outras palavras, à efeméride do triunfo da guerrilha de *Sierra Maestra* atribuiu-se a função de extinguir o passado personificado por Batista, representado como “velho” e “atrasado”, repactuar a sociedade cubana através da inauguração de um novo governo que representaria, em tese, uma decisão coletiva, unânime e irreversível, e, por fim, perpetuar este “novo” tempo de forma a legitimar a continuidade do regime socialista insular e seus líderes através da constante rememoração do 1º de janeiro.

Concebida para exprimir a ideia de ruptura, a cisão simbolizada pela efeméride do triunfo da Revolução Cubana busca opor não somente duas temporalidades, presente e passado, mas também dois projetos de sociedade. Aproveitando-se da coincidência entre o primeiro dia do calendário gregoriano e o dia da fuga de Fulgêncio Batista de Cuba em direção à República Dominicana, a narrativa socialista procurou explorar o simbolismo subjacente ao início de cada ano como um elemento central na propaganda política que propunha o surgimento de uma “nova era” na história da ilha. Outra função se refere aos rituais de memória elaborados para relembrar publicamente o 1º de janeiro de 1959, que se expressaram de três formas principais. A primeira forma consistiu na realização de

desfiles militares, ao longo da década de 1960, como forma de expressar a defesa de Cuba frente aos seus inimigos internos e externos. A segunda forma, criada em fins dos anos 1960, priorizou a visibilização dos diversos segmentos da sociedade civil com o objetivo de homenagear o triunfo da Revolução Cubana não apenas através de eventos militares. A última forma se refere à prática discursiva de Fidel Castro de batizar os anos com nomes alusivos a acontecimentos e personagens do passado relacionados à Revolução Cubana. Exprimindo a forma pela qual o regime socialista insular tentou controlar os significados atribuídos à passagem do tempo, na Cuba revolucionária o primeiro dia do ano representa o “eterno” recomeço da vitória dos guerrilheiros de *Sierra Maestra*.

De distintas maneiras, as efemérides relativas ao assalto ao quartel *Moncada* (26 de julho de 1953), ao assalto ao palácio presidencial (13 de março de 1957) e ao triunfo da Revolução Cubana (1º de janeiro de 1959) correspondem às etapas da luta armada contra Batista, cada qual representando uma mensagem específica, com destaque para as ideias de “nascimento” e “apoteose”³⁴⁸ da guerrilha. Neste capítulo demonstramos como estas efemérides colaboraram para que o calendário cívico revolucionário adotasse a história da luta armada no período insurrecional como eixo temático, conformando uma narrativa que identificava na guerrilha um fator de relevância para a legitimação do poder constituído após 1959. Chama atenção o fato de duas das três efemérides relativas às “armas” apresentarem a palavra assalto em seus títulos oficiais, os quais funcionavam junto à opinião pública como sínteses dos significados atribuídos aos fatos evocados em suas respectivas datas. A lembrança do dia do triunfo da Revolução Cubana, a única que não carrega a palavra assalto em seu título oficial, se encontra também irremediavelmente ligada ao imaginário composto por guerrilheiros que desceram de *Sierra Maestra* para tomar o poder das mãos de Batista e iniciarem um processo de profundas transformações na sociedade cubana. Ao longo do tempo, portanto, as efemérides relativas à luta armada analisadas neste capítulo funcionaram como “engrenagens” de uma autêntica “máquina da memória” que parece não ter parado de trabalhar desde 1º de janeiro de 1959.

³⁴⁸ Segundo Ozouf, a prática de representar as efemérides como “encarnação de uma virtude” remonta ao contexto histórico da Revolução Francesa, quando as celebrações políticas buscaram incutir nas massas populares ideias de moralidade e disciplina a partir de uma “instrução cívica” que fundisse as dimensões pública e privada com vista à formação de um novo “espírito”. Nesta perspectiva, a memória do dia 14 de julho de 1789, que designa a tomada da Bastilha, passou a representar o “nascimento” e a “juventude” da Revolução. OZOUF, Mona. **La fête révolutionnaire**, op. cit., p. 283-285, 326-331.

CAPÍTULO 4. LIBERDADE NA PONTA DO FUZIL: MEMÓRIAS DA LUTA ARMADA NA LEGITIMAÇÃO DA REVOLUÇÃO CUBANA

Todos os comunistas devem compreender a seguinte verdade: o poder político nasce do fuzil³⁴⁹.

As armas são indispensáveis para fazer triunfar qualquer revolução libertadora no continente; e, ainda mais importante, para preservar sua continuidade e plena realização.³⁵⁰

A ideia de pegar em armas para lutar contra a “opressão”, em favor de uma sociedade “nova” e “livre”, povoou o imaginário de inúmeros grupos revolucionários no campo da esquerda, sobretudo no século XX, quando chegaram ao poder na Rússia, em 1917, na China, em 1949, em Cuba, em 1959, entre outras manifestações mundo afora. Nestas experiências insurrecionais, tornou-se comum o apelo às armas e à “violência revolucionária” como tática mais adequada para derrotar o imperialismo e o capitalismo. Neste sentido, a primeira epígrafe foi extraída de uma reflexão feita por Mao Tsé-Tung em 6 de Novembro de 1938, no VI Congresso do Partido Comunista da China (PCC). Na parte dedicada aos “problemas da guerra e da estratégia”, o líder chinês resumiu uma ideia que inspirou diferentes movimentos revolucionários: a tese de que a conquista do poder pelos comunistas viria das armas empunhadas contra seus adversários políticos. Já a segunda epígrafe foi extraída das reflexões realizadas pelo cubano Manuel Piñeiro³⁵¹ e revelam a diretriz estatal adotada na ilha, após 1959, a respeito da luta armada dentro e fora de Cuba. Expressando as ideias de Fidel Castro e da cúpula dirigente socialista, as palavras de Piñeiro resumem a tese de que a utilização das armas seria necessária não apenas para a tomada do poder pelos revolucionários, que julgavam derrubar a “velha” ordem através de suas ações, mas também para a manutenção deste “novo” poder.

³⁴⁹ TSÉ-TUNG, Mao. **Obras Escolhidas de Mao Tsé-Tung**. vol. 2. Pequim: Edições do Povo, 1971, p. 224-225.

³⁵⁰ PIÑERO, Manuel. “La crisis actual del imperialismo y los procesos revolucionarios de la America Latina y del Caribe”. In: PIÑERO, Manuel. **Memorias de la Conferencia teórica internacional sobre características generales y particulares de los procesos revolucionarios en America Latina y el Caribe**. s/e: Havana, 1982, p. 376. *Apud* CASTAÑEDA, Jorge. **Utopia desarmada**, op. cit., p. 63.

³⁵¹ Ao longo de sua trajetória política o guerrilheiro do M 26-7 Manuel Piñeiro Losada, conhecido pelo epíteto de *Barbarroja*, ocupou diferentes cargos diretivos em Cuba após o triunfo revolucionário, sendo os mais importantes exercidos no Ministério do Interior (MININT), na Direção Geral de Libertação Nacional (DGLN) e no Comitê Central do Partido Comunista de Cuba (PCC), encarregando-se de “exportar” a Revolução Cubana por meio da luta armada na América Latina entre as décadas de 1960 e 1980, tarefa para a qual atuou no gerenciamento financeiro e logístico.

Em agosto de 1975, o próprio Fidel Castro refletiu publicamente sobre o papel da violência nos processos revolucionários socialistas.

Hasta ahora la historia, ciertamente, nos dice que no ha habido ninguna vía pacífica para el socialismo. Eso es cierto. La primera revolución socialista fue la Revolución rusa, después vino la guerra contra el fascismo, muy violenta, que se tradujo en la extensión del campo socialista a numerosos países; la Revolución china, que fue violenta, la Revolución vietnamita, que fue una mezcla de revolución nacional-libertadora y una lucha también por el socialismo, la Revolución cubana; la revolución en Chile se vio interrumpida por la violencia. Hasta ahora, ciertamente, la historia demuestra eso.³⁵²

Sem estabelecermos comparações entre as revoluções russa, chinesa e cubana, as quais apresentam profundas diferenças históricas, as epígrafes deste capítulo visam destacar o fato de que, ao longo do século XX, a despeito da tese da coexistência pacífica³⁵³ defendida pela URSS durante parte da Guerra Fria, consideráveis setores das esquerdas, em especial na América Latina, aprofundaram suas experiências armadas como forma de enfrentar o capitalismo representado por regimes políticos autoritários e, em sua maior parte, militarizados. No que tange a Cuba, que fomentou grande parte dos movimentos armados³⁵⁴ latino-americanos a partir de 1959, após o término da ditadura de Batista, e, sobretudo, desde a adesão ao bloco socialista, em 1961, a Revolução enquanto regime político institucionalizado praticou um autêntico culto cívico às armas, elemento que, como visto no capítulo anterior, atuou de forma decisiva na construção do calendário cívico revolucionário enquanto narrativa histórica que objetivava legitimar a conquista do poder pelos guerrilheiros de *Sierra Maestra*, com destaque para os seguintes marcos cronológicos: 26 de julho de 1953 (assalto ao quartel *Moncada*), 13 de março de 1957 (assalto ao palácio presidencial) e 1º de janeiro de 1959 (triunfo da Revolução). A apologia à “violência revolucionária” se expressou de diferentes modos, sendo recorrente nos discursos de Fidel Castro. Em agosto de 1971, por exemplo, o mandatário explicou o que ele julgava ser o uso justo da violência no processo revolucionário cubano.

Nuestros trabajadores, nuestros campesinos, nuestros estudiantes, pagaron su adhesión a la libertad, a la justicia, al progreso social, con incontables vidas. Decenas, cientos de obreros, campesinos y

³⁵² CASTRO, Fidel. **Fidel Castro y la historia como ciencia**, tomo I, op. cit., p. 100.

³⁵³ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 239-240.

³⁵⁴ Cf. BENEMELLIS, Juan. **Las guerras secretas de Fidel Castro**. Miami: Downtown Book Center, 2002.

estudiantes murieron desarmados bajo las balas, bajo los golpes, bajo los sablazos, experimentaron en carne propia lo que es el odio de clase, lo que es el odio de los explotadores, lo que es el odio de los imperialistas y sus agentes, hasta un día: hasta el día en que nuestro pueblo se decidió a empuñar las armas, hasta el día en que nuestro pueblo se cansó de que lo golpearan en las manifestaciones sin poder responder, hasta el día en que nuestro pueblo se cansó de recibir desarmado palos y tiros. ¡Y hasta ese día! Hasta el día en que se decidió responder a la violencia con la violencia, hasta el día en que se decidió responder a las armas con las armas (APLAUSOS).³⁵⁵

Além de chave interpretativa da Revolução Cubana, isto é, um argumento que buscava legitimar a atuação política dos guerrilheiros de *Sierra Maestra* frente ao regime autoritário de Fulgêncio Batista, ao longo do tempo as armas também serviram para justificar a adesão do governo castrista ao socialismo, ocorrida poucas horas antes do início da batalha de *Playa Girón*, em 16 de abril de 1961. Em entrevista concedida à jornalista Beatriz Pagés, publicada originalmente no semanário mexicano *Siempre*, em 1991, Fidel Castro explicou de forma resumida a relevância das armas para o êxito do processo revolucionário bem como para a manutenção do regime socialista na ilha.

¿Quien defiende el socialismo en Cuba? Lo defiende el pueblo armado, hombres y mujeres armados, trabajadores y estudiantes, campesinos millones de personas armadas defienden en Cuba el sistema socialista! Luego el primer deber de un Estado es la supervivencia, su existencia como tal Estado; entonces me pregunto, ¿en cuál de todos estos regímenes formalmente llamados democráticos las armas están en manos del pueblo? [...] Yo digo que cualquier ciudadano de Cuba puede decir: “El Estado soy yo”, como se afirma que decía Luis XIV, porque él es el Estado, ya que él es el que defiende con las armas en mano ese Estado.³⁵⁶

Mais do que a legitimação da Revolução Cubana e da inserção da ilha no campo socialista soviético, objetivos que sintetizam os dois últimos trechos discursivos acima citados, a apologia à tática guerrilheira também serviu para Fidel Castro embasar suas ideias de independência nacional e de nacionalismo, ambas calcadas na relevância das armas como instrumento capaz de garantir a unidade política cubana após 1959.

³⁵⁵ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el resumen del acto de solidaridad de la Federación Mundial de Juventudes Democráticas y la Unión Internacional de Estudiantes con la Revolución Cubana, en la Plaza Cadenas de la Universidad de La Habana, el 27 de agosto de 1971.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1971/esp/f270871e.html>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

³⁵⁶ CASTRO, Fidel. **Fidel Castro y la historia como ciencia**, tomo II, op. cit., p. 41-42.

Hoy nos enfrentamos a un enemigo muy poderoso, lo sabemos; pero somos millones de hombres y mujeres armados que conocen muy bien la causa que están defendiendo [...] Tenemos un pueblo armado, con jefes rigurosamente preparados [...] Nuestra Revolución no solo mantuvo al Ejército Rebelde armado, sino que le entregó armas al pueblo y armó al pueblo con cuantas armas disponíamos. [...] Por tanto, este concepto del pueblo armado fue decisivo para la supervivencia de la Revolución [...] Pueblo armado y unido, Revolución verdadera y palabra cumplida. [...] ¿Y qué inventan ahora para destruirnos? ¿Qué quieren hacer? Que nos desarmemos [...] Desarmar al pueblo y dividir al pueblo son dos armas fundamentales que buscan para tratar de que regresemos al pasado. [...] Las armas de la Revolución y del socialismo no se entregan sin combate [...] ¡Este pueblo no entregará jamás las armas! ¡Este pueblo no entregará jamás su unidad!³⁵⁷

Dos cenários internacionais ao insular, os excertos supracitados revelam que a luta armada como instrumento político-ideológico voltado à tomada e à manutenção do poder pelos revolucionários permeou a interpretação de Fidel Castro sobre as mais importantes revoluções comunistas do século XX, servindo também como base para legitimar a guerrilha contra a ditadura Fulgêncio Batista, a adesão ao socialismo e o nacionalismo construído em torno da defesa militar frente aos inimigos internos e externos. Após 1959, a tese de que a Revolução Cubana resultou de uma guerra civil vencida pelos guerrilheiros se manifestou, entre outras formas, por meio da produção de uma série de memórias escritas por agentes sociais diretamente ligados ao núcleo armado de *Sierra Maestra*. Nesta perspectiva, destacam-se as obras de personagens históricos como Ernesto “Che” Guevara³⁵⁸, Juan Bosque³⁵⁹, Guillermo Frías³⁶⁰, Joel Leyva³⁶¹, Neill Macaulay³⁶², Luis

³⁵⁷ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto de entrega de la Declaración de los Mambises del Siglo XX, efectuado ante el monumento a “José Martí”, en la Plaza de la Revolución, el 15 de marzo de 1997.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1997/esp/f150397e.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

³⁵⁸ GUEVARA, Ernesto. **Pasajes de la guerra revolucionaria (Cuba, 1956-1959).** Havana: Política, 1961.

³⁵⁹ BOSQUE, Juan. **¡Atención! ¡Recuento!** Presidio, exilio, desembarco. Havana: Verde Olivo, 2002.

³⁶⁰ FRÍAS, Guillermo. **El último combate.** Havana: Verde Olivo, 2013.

³⁶¹ LEYVA, Joel. **De la Sierra Maestra al Escambray.** Havana: Letras Cubanas, 1979.

³⁶² MACAULAY, Neill. **Um rebelde em Cuba.** São Paulo: Difel, 1979.

Rodríguez³⁶³, José Llada³⁶⁴, Ramón Barquin³⁶⁵, Armando Hart³⁶⁶, Antonio Jiménez³⁶⁷, Enrique Ozacki³⁶⁸ e Ramón Cabrera³⁶⁹.

A extensa produção discursiva de Fidel Castro, incluindo sua circulação interna através de diferentes suportes físicos, aliada à publicação de livros de cunho histórico escritos por agentes sociais envolvidos na luta armada contra o regime de Batista, os quais narraram o desenvolvimento da Revolução Cubana primordialmente através das armas, ajudam a explicar como a memória oficial construída pelo governo após 1959 se baseou nos aspectos militares em detrimento do protagonismo da sociedade civil, dentro da qual amplos setores se mobilizaram com a finalidade de combater a ditadura instaurada na ilha em 10 de março de 1952. Além da massiva divulgação dos discursos castristas e da produção de uma literatura histórica de caráter militarista, após 1959 observa-se que o fenômeno da “guerrilheirização” do passado não ficou restrito a estes dois universos, se expressando também através de outras estratégias de comunicação com vista a disseminar e potencializar suas mensagens ideológicas a partir das características e especificidades dos distintos setores sociais cubanos. Neste sentido, a propaganda estatal criada em torno das “virtudes” dos guerrilheiros de *Sierra Maestra* procurou legitimar as armas como estratégia política e, conseqüentemente, como fio condutor da narrativa histórica que explicava as diferentes etapas da Revolução Cubana, retratadas segundo o ângulo de observação e os anseios alimentados pelos membros do Exército Rebelde transformados em classe dirigente com ascendência sobre o Estado.

Para além das anedotas que atestam a estreita relação de Fidel Castro com as armas enquanto “objeto de fascínio”³⁷⁰, tais como seu hábito, na época da guerrilha, de controlar as munições distribuídas a seus subordinados para evitar desperdícios³⁷¹, ou o misterioso

³⁶³ RODRÍGUEZ, Luis; SUÁREZ, Reinaldo. **Gobierno Revolucionario Cubano**. Primeros pasos. Havana: Ciencias Sociales, 2009. Idem. **Otros pasos del Gobierno Revolucionario Cubano**. El fin de la luna de miel. Havana: Ciencias Sociales, 2002.

³⁶⁴ LLADA, José. **Memorias de la Sierra Maestra**, op. cit.

³⁶⁵ BARQUIN, Ramón. **Las luchas guerrilleras en Cuba**. De la colonia a la Sierra Maestra. 2 Tomos. Madri: Playor, 1975.

³⁶⁶ HART, Armando. **Aldabonazo**: en la clandestinidad revolucionaria cubana (1952-1958), op. cit.

³⁶⁷ JIMÉNEZ, Antonio. **En marcha con Fidel**. Tomo I - 1959. Havana: Letras Cubanas, 1982; Idem. **En marcha con Fidel**. Tomo II - 1960. Havana: Ciencias Sociales, 2003. Idem. **En marcha con Fidel**. Tomo III - 1961. Havana: Ciencias Sociales, 2004. Idem. **En marcha con Fidel**. Tomo IV - 1962. Havana: Ciencias Sociales, 2018.

³⁶⁸ OZACKI, Enrique. **Gente del llano**. Havana: Imagen Contemporánea, 2000.

³⁶⁹ CABRERA, Ramón. **De Palacio hasta Las Villas**. En la senda del triunfo. Buenos Aires: Nuestra America, 2017.

³⁷⁰ FRANQUI, Carlos. **Retrato de familia com Fidel**, op. cit., p. 152.

³⁷¹ LLADA, José. **Memorias de la Sierra Maestra**, op. cit., p. 162.

sumiço de sua pistola na embaixada do Brasil durante uma conferência de imprensa³⁷², ou os ministros do Exército Rebelde que participavam das reuniões de gabinete portando suas pistolas³⁷³, contexto em que Castro parecia agir “como se ainda fosse um guerrilheiro nas montanhas”³⁷⁴, após 1959 uma série de instâncias de representação social em Cuba passaram a ser pressionadas pelo novo regime a incorporar a memória da guerrilha em suas simbologias e práticas. Extrapolando as organizações integradas por combatentes e simpatizantes do M 26-7 e da guerrilha de *Sierra Maestra*, a “memória das armas” atingiu diferentes segmentos da sociedade civil, que a partir de 1959 começaram, paulatinamente, a se adequar aos novos padrões de comportamento e de virtudes cívicas a serem seguidos, exigências que muitas vezes colocavam em xeque as funções civis que tais entidades mantinham até aquele momento, ou deveriam ter. A tentativa do Estado de enquadrar a sociedade insular no modelo de indivíduo encarnado pelos combatentes do M 26-7 pode ser resumida na ideia de “cidadania militarizada”, a qual se justificava como uma forma de oferecer apoio político irrestrito à Revolução Cubana e seu líder através do culto cívico à luta armada, maneira pela qual os guerrilheiros haviam conquistado o poder.

Tal fenômeno consiste na criação do que entendemos ser uma “soldadania”, isto é, um projeto estatal de representação social no qual as diferentes instâncias que compõem a cidadania se submetem a padrões de comportamento militarizados inspirados no ideal de guerrilheiro de *Sierra Maestra*. Uma série de exemplos demonstram como a tentativa do Estado de “guerrilheirizar” a sociedade abrangeu diferentes segmentos, tais como a União dos Jovens Comunistas (UJC), que incluiu os rostos dos guerrilheiros Camilo Cienfuegos³⁷⁵ e Ernesto “Che” Guevara em seu emblema encarnando virtudes como trabalho e fuzil, respectivamente (figura 14); a União de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC), que em um cartaz retratou os “frutos” de uma “árvore” que tinha como

³⁷² SABINO, Fernando. “Uma pistola a menos”. In: SABINO, Fernando. **O gato sou eu**. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 35-39.

³⁷³ LÓPEZ-FRESQUET, Rufo. **Fui ministro de Fidel**, op. cit., p. 66.

³⁷⁴ Idem, p. 266.

³⁷⁵ Nascido em 1932, Camilo Cienfuegos se tornou um dos mais prestigiados líderes guerrilheiros de *Sierra Maestra*, tendo feito parte do pequeno grupo de combatentes que sobreviveu ao desembarque do iate *Granma* em Cuba, ocorrido em 2 de dezembro de 1956. Após o triunfo da Revolução Cubana, Fidel Castro o nomeou chefe do Estado Maior do Exército Rebelde. Neste cargo, foi enviado a Camaguey, em outubro de 1959, com a missão de prender o comandante Huber Matos, acusado de sedição. No retorno a Havana, no dia 28 do referido mês, o avião em que viajava desapareceu sem deixar vestígios, já que os destroços da aeronave nunca foram encontrados. Após a confirmação de sua morte, o regime socialista cubano utilizou a memória de Camilo Cienfuegos de distintas maneiras, sendo uma delas o ritual de despejar flores no mar e nos rios como forma de homenagear o personagem histórico que entrou para o imaginário popular com os epítetos *Héroe de Yaguajay* e *Señor de la Vanguardia*.

“tronco” um rifle (figura 15); os cartazes³⁷⁶ de propaganda política confeccionados pela Organização de Solidariedade aos Povos da África, Ásia e América Latina (OSPAAAL), num dos quais Jesus Cristo aparece armado³⁷⁷ (figura 16), e no outro um corpo masculino segurando um rifle serviu como modelo de revolucionário representativo dos povos africanos, asiáticos e latino-americanos que lutavam contra o imperialismo³⁷⁸ (figura 17). Voltadas ao público infanto-juvenil, destacam-se as histórias em quadrinho e os desenhos animados de Elpidio Valdés, personagem representado por uma criança *mambí* armada contra os espanhóis (figura 18), além dos álbuns de figurinhas que narram através de imagens a “saga” dos guerrilheiros contra Fulgêncio Batista (figuras 19 e 20).

Além das produções discursivas imagéticas voltadas aos públicos doméstico e internacional, artístico-literário e infanto-juvenil, representativas de amplos setores da sociedade cubana, a tentativa do regime comunista insular de “guerrilheirizar” os diversos segmentos sociais com o objetivo de criar uma “cidadania armada”³⁷⁹ também pode ser notada, de forma explícita, na sucessão de emblemas da Federação das Mulheres Cubanas (FMC), órgão de representação feminina criado em 23 de agosto de 1960. Assim como observado em outras instâncias representativas, nesta também é possível notar como o imaginário em torno dos guerrilheiros do M 26-7 influenciou decisivamente a maneira de retratar o papel das mulheres na “sociedade revolucionária” construída a partir de 1º de janeiro de 1959 (figura 21). Da observação atenta das três versões dos emblemas adotados pela Federação das Mulheres Cubanas desde 1960 conclui-se que as sucessivas alterações gráficas introduzidas ao longo do tempo visavam “guerrilheirizar” a figura feminina de modo a que o grupo social por ela representado incorporasse o imaginário das armas em sua simbologia; assim como outros segmentos sociais, os quais também foram impelidos a adotar o mote das “armas” a fim de conferir sentido à suas representações institucionais, demonstrando lealdade à Revolução Cubana e seu líder através do culto cívico à memória da guerrilha de *Sierra Maestra*, a quem a propaganda oficial do regime socialista cubano imputava a vitória sobre a ditadura de Fulgêncio Batista.

³⁷⁶ Cf. BERMÚDEZ, Jorge. **La imagen constante**. El cartel cubano del siglo XX. Havana: Letras Cubanas, 2000; MUÑIZ, Mirta. **El cartel cubano**. Buenos Aires: Nuestra America, 2003.

³⁷⁷ Para uma análise desta imagem ver GENEROSO, Lúcia Maria de Abreu. **Solidariedades tricontinentais em movimento**: política, imagens e temporalidades na produção cultural da Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina (1963-1990). Tese de Doutorado, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, 2023, p. 277 a 279.

³⁷⁸ Idem, p. 131-134.

³⁷⁹ Ao se referir à criação da Milícia Nacional Revolucionária (MNR), em 1959, Carlos Franqui afirmou que seus membros encarnavam o papel de “herói coletivo” ao protagonizarem uma experiência de “democracia armada”. FRANQUI, Carlos. **Retrato de família com Fidel**, op. cit., p. 49, 84.

No primeiro emblema, uma mulher acolhe uma criança em seu colo, revelando a importância da maternidade como elemento definidor de seu papel social. Sua expressão corporal se assemelha às representações católicas de mulheres santas, com destaque para o cabelo que se estende sobre seus ombros até o peito, simulando uma espécie de manto, e para a pomba que se encontra à esquerda, associada ao Espírito Santo. Em demonstração de imponência física e orgulho, o segundo emblema apresenta uma mulher ereta com a cabeça na direção oposta à criança, e não mais curvada como na primeira versão, quando seu corpo serviu para acolher o filho. A roupa também sofreu alterações, com destaque para a inserção da boina e do uniforme da Milícia Nacional Revolucionária (MNR), órgão militar criado em 1959 com o objetivo de defender a Revolução Cubana. Em comparação com o primeiro, a principal novidade do segundo emblema fica por conta do rifle que a mulher passou a carregar, indicando que paralelamente à maternidade as cubanas também deveriam recorrer às armas em defesa do socialismo. O terceiro emblema suprimiu os traços indefinidos do rosto feminino, passando a representá-lo pelo da guerrilheira do M 26-7 Vilma Espín, esposa de Raúl Castro, irmão de Fidel, e presidente da Federação das Mulheres Cubanas (FMC) desde 1960 até sua morte, em 2007. Mantendo o traje miliciano e a arma, a alteração mais significativa diz respeito à ausência da criança como elemento definidor do papel social feminino ligado à maternidade.

A despeito das tentativas do Estado cubano de representar os diferentes segmentos da “sociedade revolucionária” a partir da memória virtuosa dos guerrilheiros do M 26-7, ao longo do tempo alguns agentes sociais se mostraram refratários a estas iniciativas, registrando em suas memórias escritas fora de Cuba, durante os exílios vivenciados como resultado de divergências políticas com o regime socialista insular, suas visões a respeito do protagonismo atribuído pela memória oficial aos combatentes de *Sierra Maestra*. Uma das manifestações de “contra memória” ou “memória dissidente” pode ser encontrada na produção intelectual de Carlos Franqui, um dos mais destacados membros do M 26-7, fundador da Rádio Rebelde e do jornal *Revolución*, que rompeu politicamente com a Revolução Cubana em fins dos anos 1960, optando pelo exílio na Itália e, posteriormente, em Porto Rico, onde faleceu. Ao romper com o governo castrista e, conseqüentemente, com a memória oficial estatal, Franqui passou a formular uma série de críticas à liderança de Fidel Castro e à narrativa histórica difundida na ilha como única expressão da verdade. Uma destas críticas argumentava que o triunfo da Revolução Cubana não resultou de uma guerra civil ou de vitórias militares responsáveis pela conquista territorial das principais cidades cubanas, tais como Havana e Santiago, localizadas nas partes ocidental e oriental

da ilha, respectivamente. Ao abordar o projeto de reforma agrária colocado em prática nos primeiros meses de 1959, o autor fez a seguinte afirmação:

Os barbudos pareciam ser uma emanção da terra, por terem vivido na Serra. O Comandante e seus Doze Discípulos eram a revolução, não a cidade, guerra clandestina, o Movimento 26 de Julho, as greves, a sabotagem, o boicote do povo às eleições de Batista. A revolução era o herói, não o povo. [...] A guerra na montanha foi importante, sem dúvida, mas não foi o fator decisivo na vitória. O que derrubou Batista foi a completa oposição do povo cubano a ele.³⁸⁰

Divergindo da memória oficial vocalizada por Fidel Castro em seus discursos, que atribuía a Revolução Cubana à guerrilha, Carlos Franqui relativizou o protagonismo dos combatentes de *Sierra Maestra*, procurando mostrar que além deles uma série de agentes sociais também contribuíra para o desfecho de 1º de janeiro de 1959. O autor criticou a memória oficial por atribuir exclusivamente aos guerrilheiros a vitória sobre Batista em detrimento de outras instâncias da sociedade civil, estas simbolizadas por palavras como “cidade”, “guerra clandestina”, “greves”, “sabotagem” e “boicote”, em alusão às ações praticadas por grupos políticos contrários ao regime batistiano que não se encontravam na *Sierra Maestra*. Franqui também criticou frontalmente a memória oficial do socialismo cubano por enfatizar a ideia de “herói”, vinculada aos guerrilheiros do M 26-7, e não o “povo” cubano e sua “completa oposição” a Batista, fatores que explicariam de forma mais abrangente, segundo ele, a derrocada da ditadura batistiana. Ao substituir o ideal de povo, representando o esforço coletivo da sociedade civil na luta contra o autoritarismo, pelo ideal de guerrilheiro, representando apenas um dos segmentos de uma das forças opositoras a Batista, o M 26-7, a propaganda governamental criada após 1959 ofuscou e, em último caso, apagou de sua narrativa histórica o amplo conjunto de instâncias e setores político-sociais que ajudariam a compreender como a Revolução Cubana ganhou apoio popular, triunfou e se transformou em uma “nova” forma de soberania.

Em suas memórias, Franqui também registrou um diálogo mantido com Ernesto “Che” Guevara, no início dos anos 1960, a respeito das interpretações que ambos faziam da Revolução Cubana³⁸¹. Na ocasião, o autor discordou da posição do argentino de que a guerrilha de *Sierra Maestra* havia sido a “força motriz” da vitória, afirmando que “Che” chegara a esta conclusão em virtude de suas experiências junto ao grupo de Fidel Castro,

³⁸⁰ Idem, p. 51.

³⁸¹ Idem, p. 208-209.

e acrescentando que geralmente os guerrilheiros das montanhas subestimavam a “guerra urbana” e os “guerrilheiros da cidade” ao atribuírem aos núcleos clandestinos organizados nos principais centros urbanos da ilha as falhas estratégicas na luta armada contra Batista. Guevara mencionou a greve de abril de 1958 como prova de seu raciocínio, imputando seu fracasso aos setores urbanos do M 26-7, enquanto Franqui elencou o desembarque do *Granma* e a batalha de *Alegría de Pío*³⁸² como demonstrações dos equívocos cometidos pelo grupo comandado por Castro. Em suma, “Che” pensava que Franqui subestimava a guerra de guerrilhas das montanhas e Franqui pensava que “Che” subestimava a guerrilha urbana. Na conclusão de seu diálogo com o líder argentino, Franqui valorizou o M 26-7 como interface entre a guerra de guerrilhas preconizada por Guevara e a guerrilha urbana liderada por Fank País, que junto ao Movimento de Resistência Cívica³⁸³ (MRC), os sindicatos de trabalhadores e o Diretório Revolucionário (DR) haviam conseguido, graças a um esforço conjunto, derrotar a ditadura de Batista.

Assim, Carlos Franqui defendia que a Revolução Cubana não resultou apenas dos esforços empreendidos pelo núcleo de *Sierra Maestra*, como argumentava Guevara, mas da mobilização de amplos setores sociais que proporcionaram a vitória final sobre o regime autoritário instaurado em 10 de março de 1952. Por isso as diferentes oposições a Fulgêncio Batista não deveriam cair no esquecimento público, de modo que apenas os guerrilheiros reivindicassem o mérito de terem vencido o ditador “sozinhos”, sem o apoio de “ninguém”³⁸⁴. A preferência conferida pela memória oficial às lembranças de *Sierra Maestra* acabava subestimando a importância não apenas das outras oposições a Batista como resultavam no esquecimento dos setores urbanos do M 26-7 envolvidos na chamada luta clandestina. Tais setores se viram ofuscados pela narrativa que considerava o núcleo fidelista desembarcado em Cuba a bordo do iate *Granma* (2 de dezembro de 1956) a única origem legítima do triunfo da Revolução. Segundo Franqui, a “apoteose” simbolizada pelo dia 1º de janeiro de 1959 não podia ser atribuída exclusivamente aos guerrilheiros

³⁸² Ocorrido na região de Niquero, em 5 de dezembro de 1956, três dias após o desembarque do iate *Granma* em Cuba, o combate de *Alegría de Pío* representou um duro revés para os expedicionários do M 26-7. Surpreendidos pelo exército de Fulgêncio Batista, cerca de vinte dos oitenta e dois guerrilheiros vindos do México foram mortos, e o restante se dispersou em pequenos grupos, um deles liderado por Fidel Castro.

³⁸³ Fundado em 1957 e diluído dois anos depois, o Movimento de Resistência Cívica (MRC) foi criado em paralelo ao M 26-7 com o objetivo de conchamar os diferentes setores da sociedade civil cubana a apoiarem a deposição de Fulgêncio Batista. Para tanto, seus participantes colaboraram tanto com os combatentes clandestinos das regiões urbanas, notadamente em Santiago e Havana, quanto com os guerrilheiros de *Sierra Maestra*, liderados por Fidel Castro. Entre 1957 e 1959, o movimento contou com a participação de personagens como Armando Hart, Felipe Roque e Raúl Chibás, entre outros. Pouco tempo após o triunfo da Revolução Cubana, em fevereiro de 1959, a organização foi oficialmente integrada ao M 26-7.

³⁸⁴ FRANQUI, Carlos. **Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro**, op. cit., p. 258-259.

que se embrenharam nas montanhas como estratégia político-militar voltada à tomada do poder, embora o autor tenha confessado desconfiar, já no início dos anos 1960, que “o hábito de Fidel de criar mitos erradicaria a lembrança do papel-chave que os guerrilheiros da cidade haviam tido na revolução”, visto que “só existiria uma história” a ser contada, aquela centrada no “líder e seus doze discípulos”³⁸⁵.

Na mesma linha de raciocínio de Franqui, Reinaldo Arenas, outro cubano exilado em razão de divergências político-ideológicas com o regime socialista insular, de quem sofreu perseguição, relatou em suas memórias opiniões que contestavam a centralidade das “armas” na narrativa oficial criada na ilha com o objetivo de legitimar os guerrilheiros de *Sierra Maestra* como classe dirigente estatal-partidária. Natural de Holguín, Arenas, que ainda jovem chegou a participar de um núcleo do M 26-7, relatou da seguinte forma o processo de erosão política da ditadura batistiana:

Casi toda la provincia de Oriente estaba contra Batista y había rebeldes en los montes. A veces atacaban de lejos al ejército de Batista, que salía huyendo porque los soldados eran, casi siempre, pobre gente que se moría también de hambre y no quería perder la vida por tan poca cosa. Pero tampoco se puede hablar de una guerra frontal entre los guerrilleros de Fidel Castro y las tropas de Batista [...] En realidad, tampoco hubo una guerra, sino la reacción casi unánime de un pueblo contra un dictador; el pueblo se encargaba de hacer sabotajes y, sobre todo, de difundir la noticia de que los rebeldes eran miles y estaban por todas las partes; lo que estaba por todas partes era el desprecio al régimen de Batista y, por eso, dondequiera aparecía una bandera del 26 de Julio; yo mismo una vez puse una de esas banderas. Batista era además un dictador torpe que tampoco ejercía el control absoluto y fue perdiendo el poder debido a la incesante corrupción entre sus propios aliados y las deserciones de los más honestos. También hay que reconocer que había una campaña popular contra Batista que a veces llegaba a los medios publicitarios.³⁸⁶

Logo a seguir, concluindo suas reflexões sobre o papel das “armas” na Revolução Cubana, Arenas acrescentou a seguinte observação sobre a derrocada de Batista:

Nunca participé en un combate; ni siquiera vi un combate de lejos durante todo el tiempo que estuve con los rebeldes; esos combates fueron más míticos que reales. La guerra fue más bien de palabras. La prensa y casi todo el pueblo decían que el campo estaba tomado por miles y miles de rebeldes armados hasta los dientes. Era falso; las pocas armas que tenían eran las que le habían quitado a los casquitos –los soldados de Batista– o escopetas viejas, amarradas con alambres, que

³⁸⁵ FRANQUI, Carlos. **Retrato de família com Fidel**, op. cit., p. 210.

³⁸⁶ ARENAS, Reinaldo. **Antes que anochezca**, op. cit., p. 62-63.

habían sido fabricadas en el siglo pasado y utilizadas por los mambises. [...] La mayoría de los que estábamos alzados no pensábamos que la dictadura de Batista se fuera a caer tan rápidamente. Cuando se divulgó la noticia de que Batista se había marchado, muchos no la creíamos. Hasta el mismo Castro fue uno de los más sorprendidos; había ganado una guerra sin que la misma se hubiese llevado a cabo.³⁸⁷

Apesar de atestar a existência de grupos armados ligados ao M 26-7, revelando também o grande apoio da opinião pública a esta entidade durante o período insurrecional, Arenas buscou contestar o papel das “armas” como único fator capaz de explicar a derrota de Batista, tese que após 1959 passou a representar o cerne da memória oficial criada pela e sobre a Revolução Cubana. Em primeiro lugar, chama atenção como o autor representou as debilidades observadas tanto nos soldados de Batista quanto nos membros do Exército Rebelde, destacando que estes dispunham de poucas armas, obsoletas e avariadas. Em segundo lugar, chama atenção a ênfase dada pelo autor à oposição “quase unânime” do povo cubano ao regime batistiano, desaprovação que teria se manifestado por meio de sabotagens e difusão de informações, configurando uma “guerra de palavras” reveladora do papel da propaganda política³⁸⁸ como fator de desestabilização da ditadura vigente na ilha desde 1952. Para Arenas, o 1º de janeiro de 1959 não foi fruto da ação exclusiva dos guerrilheiros de *Sierra Maestra*, tendo em vista a inexistência de uma “guerra frontal” ao longo do processo revolucionário insular; versão embasada no fato de não ter visto ou presenciado conflitos armados durante o período em que integrou um dos núcleos do M 26-7. Ao afirmar que as batalhas pela tomada do poder foram mais “míticas” que “reais”, suas memórias buscavam colocar em xeque a narrativa histórica estatal expressa através de datas comemorativas alusivas às virtudes militares da guerrilha.

Como desdobramento das reflexões feitas no exílio por Carlos Franqui e Reinaldo Arenas a respeito do papel da luta armada durante o período insurrecional, é possível identificar na memória oficial da Revolução Cubana um projeto de poder não do conjunto heterogêneo das forças políticas que sacramentaram a derrota de Batista em 1º de janeiro de 1959, mas especificamente da guerrilha de *Sierra Maestra*, que buscou se representar no processo revolucionário como único agente legítimo de contestação ao autoritarismo batistiano e a quem a opinião pública cubana deveria passar a reverenciar como sendo o criador de uma “nova” ordem e de um “novo” tempo. Como visto, as versões defendidas por Franqui e Arenas se colocaram frontalmente contrárias à narrativa oficial assentada

³⁸⁷ Idem, p. 67.

³⁸⁸ CALVO, Patricia. **¡Hay un barbudo en mi portada!**, op. cit.

na tese de que armas, e somente elas, foram responsáveis pelo triunfo da Revolução Cubana, o que inclusive ajuda a entender como ocorreu o rompimento de ambos com o governo de Fidel Castro, posto que durante o período insurrecional haviam apoiado e participado ativamente do M 26-7. Ao contestarem as armas e a apologia a elas como símbolo e síntese da Revolução Cubana, suas narrativas podem ser entendidas como memórias “contrárias” ou “dissidentes” ao paradigma estatal vigente na ilha a partir de 1959. Ao contrário da memória oficial socialista, suas versões substituíram a valorização das armas pelo enaltecimento dos esforços promovidos por diferentes forças da sociedade civil que, conjuntamente, derrotaram a ditadura batistiana.

A mera coexistência de “memórias concorrentes” ou “alternativas”³⁸⁹ sobre o papel da luta armada no processo que culminou com a deposição de Batista do poder é suficiente para atestar o surgimento de tensões político-ideológicas a este respeito. Identificar a existência de tais memórias, contrapô-las e analisá-las consiste em um procedimento essencial para a compreensão de como a “guerrilheirização” do passado foi concebida e divulgada pela memória oficial, ajudando a entender também como o debate sobre a Revolução Cubana acabou sendo “militarizado” em prol da ascendência dos guerrilheiros de *Sierra Maestra* sobre outros grupos da antiga oposição a Batista³⁹⁰. O confronto entre diferentes visões acerca da luta armada indica que a memória oficial deve ser tomada não como um dado histórico pronto e acabado, mas como uma expressão da “memória dos vencedores”³⁹¹ que buscou se impor diante de outras possíveis versões sobre o passado nacional insular, sofrendo contestações por parte de atores político-sociais que também se opuseram ao autoritarismo batistiano, a exemplo de Franqui e Arenas. Paraphraseando o historiador Edgar de Decca, ao longo do processo de construção da memória oficial da Revolução Cubana “o discurso do poder se apropriou da linguagem revolucionária, tomando para si o direito de anunciar o lugar da revolução na história”, e procurando fazer do “Estado o único representante legítimo dos ideais nacionais”³⁹².

A partir das questões acima levantadas, este capítulo objetiva analisar a memória da luta armada nos discursos de Fidel Castro a partir de três momentos históricos distintos.

³⁸⁹ BURKE, Peter. História como memória social, op. cit., p. 84. Para fins metodológicos, vale salientar que o autor utilizou tais termos para diferenciar as dimensões da memória em uma sociedade (tais como família, lugares, monumentos etc.), e não para analisar os conflitos entre visões políticas antagônicas, como fazemos neste capítulo em relação ao papel da luta armada na memória oficial de Revolução Cubana.

³⁹⁰ Para uma análise que também coloca em xeque a narrativa oficial de que a Revolução Cubana teria sido fruto da ação exclusiva de doze homens sobreviventes do desembarque do iate *Granma* ver PEREYRA, Daniel. **Del Moncada a Chiapas**, op. cit., p. 92-93.

³⁹¹ DECCA, Edgar de. **1930. O silêncio dos vencidos**, op. cit., p. 24.

³⁹² Idem, p. 24-25.

O primeiro item analisará suas interpretações sobre o passado anticolonial do século XIX, demonstrando como a imagem de José Martí, um dos principais líderes independentistas de Cuba, foi mobilizada no sentido de legitimar a luta armada como tática de conquista do poder pelos revolucionários, passando a fazer parte do imaginário da guerrilha de *Sierra Maestra*. O segundo item analisará as interpretações do estadista sobre o assalto ao quartel *Moncada* (1953), demonstrando como seus discursos divulgaram a memória deste evento histórico representado como início e, ao mesmo tempo, síntese da luta armada praticada durante o período insurrecional (1953-1959). O terceiro item analisará como Fidel Castro manejou discursivamente a memória da guerrilha do M 26-7 a fim de distinguir e hierarquizar as lutas armadas “revolucionária” e “contrarrevolucionária” simbolizadas, respectivamente, pelos desembarques político-militares conhecidos como *Granma* (1956) e *Playa Girón* (1961). Por fim, demonstraremos como as comparações, lembranças e esquecimentos presentes nos discursos do mandatário revelam estratégias retóricas voltadas à legitimação da luta armada como estratégia de conquista do poder pelos revolucionários, evidenciando assim como a apologia castrista às armas embasou a construção da memória oficial da Revolução Cubana.

4.1. A “guerrilheirização” do passado anticolonial: a memória de José Martí a partir da luta armada de *Sierra Maestra*

O tema das armas pautou não somente a narrativa de Fidel Castro a respeito da Revolução Cubana, envolvendo representações que vão desde a etapa insurrecional até a consolidação dos guerrilheiros no poder, conforme analisaremos nos itens a seguir, como orientou também as interpretações do mandatário a respeito do surgimento de Cuba como nação autônoma³⁹³. Tais interpretações se manifestaram de forma mais intensa nos festejos oficiais envolvendo os centenários do *Grito de Yara* (10 de outubro de 1868), a primeira tentativa de independência, e da *Protesta de Baraguá* (15 de março de 1878), evento que marcou o desfecho da primeira guerra separatista contra a Espanha³⁹⁴. Fracassado em seu intento, que consistia no término da colonização de Cuba, o ato de protesto liderado por Antonio Maceo foi retratado por Fidel Castro, cem anos depois,

³⁹³ Cf. CASTRO, Fidel. **Las luchas por la independencia nacional** (selección temática 1959-2012). Havana: Historia, 2017.

³⁹⁴ Fidel Castro resumiu da seguinte forma a relação entre tais fatos históricos: “Sin 10 de octubre no habría habido 15 de marzo, sin Yara no habría existido Baraguá; ¡pero sin Baraguá, Yara no habría sido Yara!”. CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz...15 de marzo de 1978**, op. cit.

como um fato “glorioso” pelo qual se deveria nutrir “carinho” e “admiração”, e não exatamente como uma derrota do exército *mambí*. Em meio às justificativas apresentadas pelo estadista para explicar o insucesso da causa independentista em 1878, tais como regionalismo, insubordinação, caudilhismo, cansaço, traição e falta de recursos, chama atenção como Fidel utilizou a memória da luta armada para expressar a resistência dos *mambises* frente à metrópole espanhola. Neste sentido, em diferentes passagens de sua fala pública em homenagem ao centenário da *Protesta de Baraguá* ele fez uso de expressões como “república em armas”, “país em armas”, “povo em armas” e “revolucionários em armas”³⁹⁵.

As referências à paz sem independência simbolizada pelo *Pacto de Zanjón* (10 de fevereiro de 1878), ao qual Antônio Maceo se opôs através do evento histórico conhecido como *Protesta de Baraguá*, extrapolaram o contexto histórico colonial para se tornarem, na produção discursiva castrista, uma metáfora relativa à rebeldia atribuída aos *mambises*, sentimento que desembocaria, segundo esta linha de raciocínio, no triunfo da Revolução Cubana, em 1º de janeiro de 1959.

Nosotros tuvimos nuestros reveses, duros; los tuvimos en el Moncada. ¡Ah!, pero nunca nos dimos por vencidos. Los combatientes del Moncada nunca se dieron por vencidos, nunca aceptaron la derrota (APLAUSOS). Era el espíritu de la Protesta de Baraguá. En la cárcel jamás se humilló ningún combatiente, jamás aceptó la derrota. Era el espíritu de Baraguá. Después del desembarco del Granma los reveses fueron grandes, pero muy grandes, podrían parecer insuperables; pero nadie se dio por vencido. Los que sobrevivieron, decidieron continuar la lucha. ¡Era el espíritu de Baraguá!³⁹⁶

No discurso feito em 10 de outubro de 1968, Castro representou a cerimônia do centenário do *Grito de Yara*, considerado o início da primeira tentativa de independência de Cuba, frustrada, como a comemoração mais importante da história da ilha até aquele momento, um “encontro do povo com sua própria história”³⁹⁷, segundo suas palavras. Na oportunidade, sua interpretação propunha que a rebelião liderada por Carlos Manuel de Céspedes em 10 de outubro de 1868 fora protagonizada por um povo praticamente desarmado que adotou a estratégia guerrilheira com o intuito de capturar os armamentos dos quartéis inimigos para assim iniciar a luta pela autonomia de Cuba. Diante das dificuldades enfrentadas pelos independentistas naquele contexto histórico, Fidel Castro

³⁹⁵ Idem.

³⁹⁶ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz...10 de octubre de 1968**, op. cit.

³⁹⁷ Idem.

enalteceu o fato de os *mambises* não terem esperado passivamente o surgimento das condições ideais que lhes proporcionariam vantagens estratégicas sobre os espanhóis, deixando a vitória para as *calendas* gregas. A falta de armas, recursos e suprimentos não freou o ímpeto da causa independentista, o que revelaria, no entender de Castro, como a luta armada dos *mambises* do século XIX conseguiu produzir sua própria viabilidade e legitimidade no transcorrer dos eventos históricos, e não previamente. Ao melhor estilo *calendas* cubanas, o guerrilheiro-estadista entendia que a partir de 1868 os insurretos conseguiram “acelerar” a marcha da história insular através da criação de uma resistência armada capaz de iniciar e liderar a guerra anticolonial contra a Espanha.

Na perspectiva castrista, a sublevação de 10 de outubro de 1868, sob a liderança de Céspedes, começou a construir uma ideia de nação em Cuba, até então um território que reunia grupos sociais heterogêneos os quais não apresentavam uma ideia clara de comunidade ou senso de pertencimento à terra. Para Castro, até 1868 não havia nação e, portanto, inexistia a consciência da necessidade de liberdade política. Neste contexto, os interesses de classe se sobrepunham a qualquer ideia de coletividade, sendo a expressão mais visível disso as discussões em torno do término da escravidão³⁹⁸. No século XIX, o binômio independência-abolição pautou o debate público sobre o surgimento da nação cubana, orientando as divisões políticas entre anexionistas, reformistas e um pequeno grupo de *criollos* que propunha conquistar a autonomia da ilha pela via revolucionária, isto é, através das armas, configurando assim a primeira manifestação de luta armada da história insular e, segundo se infere do raciocínio de Castro, a origem da legitimidade da guerrilha de *Sierra Maestra* liderada por ele durante a etapa insurrecional da Revolução Cubana. A primeira tentativa de independência teria acontecido pela iniciativa de uma vanguarda política, um “reduzido núcleo” composto por setores sociais e econômicos “prósperos” e “ilustrados”, chamados por Castro de patriotas. Mesmo sem o apoio maciço da população cubana, tal grupo decidiu radicalizar a luta pela independência insular ao recorrer às armas como forma de intervir na realidade política colonial.

A interpretação castrista segundo a qual a data 10 de outubro de 1868 representa a “conquista de direitos pela luta armada”³⁹⁹ embasou uma concepção histórica que buscava legitimar a guerrilha como instrumento de intervenção na realidade social insular tanto no passado anticolonial, quando o debate girava em torno da independência de Cuba

³⁹⁸ Cf. SCOTT, Rebecca. **Emancipação escrava em Cuba**. A transição para o trabalho livre, 1860-1899. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Campinas-SP: UNICAMP, 1991.

³⁹⁹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz...10 de octubre de 1968**, op. cit.

frente à Espanha, quanto no presente revolucionário, após 1959, quando as causas defendidas pela guerrilha do M 26-7 foram divulgadas à opinião pública como defesa da soberania nacional, em primeiro lugar, e, logo a seguir, a partir de abril de 1961, como propaganda política em favor da adesão do governo ao socialismo. O próprio vocabulário empregado por Fidel Castro para interpretar a história de Cuba reflete como as questões do tempo presente relativo a 1968, sobretudo as relacionadas à memória da luta armada contra a ditadura de Fulgêncio Batista, pautaram suas análises sobre os significados do passado insular. Um exemplo disso se refere ao termo “revolucionários”, que segundo Castro poderia ser utilizado em referência aos insurretos de 1868 pelo fato de terem escolhido a luta armada como único caminho capaz de levar Cuba a romper seus vínculos coloniais com a metrópole espanhola. Não apenas a expressão “revolucionários” adquiriu significado em razão da luta armada, mas também, segundo o estadista, a própria ideia de “cubano” deveria ser entendida como resultado direto do uso político das armas, como é possível observar no excerto discursivo reproduzido a seguir:

En aquel tiempo, desde luego, no se discutía el derecho a la propiedad de los medios de producción. Se discutía el derecho a la propiedad de unos hombres sobre otros. Y al abolir aquel derecho, aquella revolución —revolución radical desde el instante en que suprime un privilegio de siglos, desde el momento en que suprime aquel supuesto derecho consagrado por siglos de existencia— llevó a cabo un acto profundamente radical en la historia de nuestro país, y a partir de ese momento, por primera vez, se empezó a crear el concepto y la conciencia de la nacionalidad, y comenzó a utilizarse por primera vez el calificativo de cubano para comprender a todos los que levantados en armas luchaban contra la colonia española.⁴⁰⁰

Vinculada à ressignificação de conceitos como “revolucionário” e “cubano”, para ficarmos nos termos abordados por Castro no discurso em homenagem ao centenário do *Grito de Yara*, o mandatário elencou como exemplo de ativismo político pelas armas uma série de personagens extraídas do passado anticolonial, sendo os mais relevantes Carlos Manuel de Céspedes, líder da rebelião de 1868, Ignacio Agramonte⁴⁰¹, Máximo Gómez, Calixto García, os irmãos Antonio e José Maceo e, como expressão máxima da militância em favor da libertação de Cuba, José Martí⁴⁰², a quem Castro considerou o “maior

⁴⁰⁰ Idem.

⁴⁰¹ Cf. CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, efectuado en la velada solemne por el centenario de la caída en combate del Mayor General Ignacio Agramonte Loynaz, Camagüey, el 11 de mayo de 1973, “Año del XX aniversario”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1973/esp/f110573e.html>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

⁴⁰² VILLAÇA, Mariana. **José Martí**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2008.

pensador político e revolucionário deste continente”⁴⁰³. A apropriação castrista da maior liderança independentista do século XIX foi fortemente influenciada pelo papel da luta armada na história da ilha, sendo responsável pela representação de Martí não apenas como um pensador, mas também como um agente político que se tornou relevante em seu contexto social por ter decidido pegar em armas para defender seu ideal de liberdade. Centrada no protagonismo histórico atribuído por Fidel à guerrilha, a memória oficial da Revolução Cubana investiu fortemente na faceta armada de Martí a fim de legitimar politicamente o núcleo de *Sierra Maestra*, transformando-o assim em um precursor da luta armada contra o regime de Batista e, portanto, numa figura moldada segundo os anseios do M 26-7, que reivindicava para si o legado do “apóstolo” da independência de Cuba.

Y así surgió en el firmamento de nuestra patria esa estrella todo patriotismo, todo sensibilidad humana, todo ejemplo, que junto con los héroes de las batallas, junto con Maceo y Máximo Gómez, inició de nuevo la guerra por la independencia de Cuba. ¿Y qué se puede parecer más a aquella lucha de ideas de entonces que la lucha de las ideas hoy? ¿Qué se puede parecer más a aquella incesante prédica martiana por la guerra necesaria y útil como único camino para obtener la libertad, aquella tesis martiana en favor de la lucha revolucionaria armada (APLAUSOS) que las tesis que tuvo que mantener en la última etapa del proceso el movimiento revolucionario en nuestra patria, enfrentándose también a los grupos electoralistas, a los politiqueros, a los leguleyos, que venían a proponerle al país remedios que durante 50 años no habían sido capaces de solucionar uno solo de sus males, y agitando el temor a la lucha, el temor al camino revolucionario verdadero, que era el camino de la lucha armada revolucionaria? ¿Y qué se puede parecer más a aquella prédica incesante de Martí que la prédica de los verdaderos revolucionarios que en el ámbito de otros países de América Latina tienen también la necesidad de defender sus tesis revolucionarias frente a las tesis leguleyescas, frente a las tesis reformistas, frente a las tesis politiqueras?⁴⁰⁴

O trecho acima explicita como a figura de Martí se tornou importante para Castro sustentar sua tese de que a luta armada era o único caminho a ser seguido para garantir a liberdade de Cuba, premissa que julgava aplicável a diferentes épocas da história insular. Longe de ter inventado o culto cívico a Martí, amadurecido ao longo da república cubana, na primeira metade do século XX, Castro se valeu da memória do líder independentista para potencializar as mensagens político-ideológicas associadas à guerrilha de *Sierra*

⁴⁰³ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz...10 de octubre de 1968**, op. cit.

⁴⁰⁴ Idem.

Maestra. Neste sentido, a inovação da Revolução Cubana não consistiu em “criar” ou “continuar” o enaltecimento de Martí através dos rituais de memória, mas em reinterpretá-lo tendo como eixo temático a “genealogia” da luta armada na ilha, estratégia iniciada em 1868, com o *Grito de Yara*, sob a liderança de Carlos Manuel de Céspedes, reafirmada em 1878, na *Protesta de Baraguá*, encarnada por Antonio Maceo, e no *Grito de Baire*, em 1895, protagonizado por José Martí, até se tornar vitoriosa por meio da guerrilha de *Sierra Maestra*, sob o comando de Fidel Castro. Ascendente, a narrativa que explicava o sucesso da luta armada ganhou vida através da conexão entre suas lideranças históricas, seguindo a ordem Céspedes, Maceo, Martí e Castro. No que tange a Martí, a propaganda política estatal posterior a 1959 o interpretou como partícipe da luta armada praticada pelos revolucionários enquanto tática legítima de conquista do poder, tornando-o assim uma das principais “origens” da insurgência guerrilheira do M 26-7.

A partir de 1959, a propaganda político-ideológica estatal em Cuba disseminou a memória de José Martí através de diferentes suportes e estratégias de comunicação social. Tais mecanismos de difusão da memória do líder independentista tinham em comum a ideia de “atualizar” o legado de Martí a partir dos contextos históricos nos quais as lembranças ocorreram, isto é, os sucessivos tempos presentes após 1959. Combinados às ideias mobilizadas por Fidel Castro em seus pronunciamentos, os diferentes discursos textuais-visuais formulados por instâncias governamentais na ilha objetivavam vincular Martí, que morreu no final do século XIX, durante a segunda guerra de independência de Cuba contra a Espanha, ao processo revolucionário ocorrido no início da segunda metade do século XX, mais especificamente às lembranças de fatos e personagens históricos do período insurrecional (1953-1959). Organizado a partir dos anseios políticos do M 26-7 e da guerrilha de *Sierra Maestra*, que consistiam na legitimação da Revolução Cubana a partir da luta armada anticolonial do século XIX, o roteiro de representações martianas elaborado pelo regime socialista começa com o evento histórico considerado (re)fundador da luta armada em Cuba, o assalto ao quartel *Moncada*, em 26 de julho de 1953, e termina com a “apoteose” dos guerrilheiros sobre Fulgêncio Batista, simbolizada pela chegada triunfal de Fidel Castro a Havana, em 8 de janeiro de 1959.

Seguindo o roteiro construído como forma de legitimar a luta armada do M 26-7 a partir do passado anticolonial do século XIX, destacamos uma arte gráfica na qual a propaganda política socialista representou a figura de José Martí em frente ao quartel *Moncada* (figura 22). Elaborada com o objetivo de ilustrar a capa de um discurso de Fidel Castro publicado em 2008, a imagem mostra a representação de Martí travestido de

guerrilheiro de *Sierra Maestra*, isto é, portando a insígnia do M 26-7 em seu braço direito e a camisa verde-oliva que compunha o uniforme do Exército Rebelde. Atrás dele, em *dégradée*, vê-se a fachada do quartel *Moncada*, atacado pelo grupo de Fidel Castro em 26 de julho de 1953, com o propósito de iniciar uma ofensiva armada contra a ditadura de Fulgêncio Batista, intento frustrado pela reação imediata das tropas do governo. Nota-se que as marcas de tiros na parede do quartel foram estilizadas para se transformarem em flores brancas e amarelas, aludindo ao fato de que a luta armada liderada por Castro resultou em um futuro de grandes realizações para o povo cubano após 1959. Por fim, a mensagem de “balas” que se transformam em “flores” foi potencializada pelo rifle de fundo branco empunhado por Martí. Preenchido por diferentes letras, o rifle alude a luta armada responsável pela implantação do governo que transformou *Moncada* em escola como forma de divulgar o avanço da educação pública após 1959.

Feito a partir de uma fotomontagem, um cartaz político de 1972 apresenta a figura de José Martí na presença de Fidel Castro (figura 23), cena fictícia que remete a uma fotografia registrada quando da prisão do líder do assalto ao quartel *Moncada* pelas tropas batistianas, seguida do julgamento que lhe rendeu um período de quase dois anos de detenção em Cuba, de onde partiu, em 1955, para o exílio no México. Nesta imagem, chama atenção, em primeiro lugar, o posicionamento do corpo de Martí, colocado à frente da cena original no intuito de atribuir liderança e protagonismo ao líder independentista no assalto ao *Moncada*. Sobre isso, nota-se também que quase toda a imagem apresenta coloração alaranjada em *dégradée*, e que somente os corpos de Castro e Martí constam nas cores preta e branca, recurso visual que pode ser interpretado como forma de vincular não apenas os corpos mas as ações e pensamentos de ambos os personagens históricos, como se Castro fosse a extensão de Martí e vice-versa. Em segundo lugar, destaca-se a produção textual contida no cartaz. Na parte superior, na cor branca, o título apresenta o nome Martí escrito em caixa alta, seguido logo abaixo da expressão “autor intelectual”⁴⁰⁵, enquanto a parte inferior menciona o 19º aniversário do assalto ao *Moncada*, lembrado

⁴⁰⁵ Tal expressão foi empregada por Fidel Castro pela primeira vez em seu discurso de autodefesa conhecido como “A história me absolverá”, proferido durante o julgamento do líder do assalto ao quartel *Moncada* no Tribunal de Justiça de Santiago de Cuba, em outubro de 1953. Para justificar sua opção pelas armas como forma de derrotar a ditadura batistiana, Castro afirmou que José Martí havia sido o “autor intelectual” da fracassada ação insurgente que resultou em sua prisão. Ao longo deste discurso, assim como durante todo período insurrecional, quando lutava desde a *Sierra Maestra*, em diferentes momentos o líder guerrilheiro do M 26-7 reivindicou a memória do líder independentista do século XIX para justificar suas ideias e ações, contexto histórico em que se definia, do ponto de vista político-ideológico, sob o título de “martiano”.

em 1972. Assim como o restante da imagem, o conteúdo escrito deu um salto espaço-temporal para mais uma vez conectar Fidel Castro a José Martí.

Outras imagens representaram o “apóstolo” da independência como inspiração da luta armada contra Fulgêncio Batista, atrelando as lutas anticoloniais do século XIX à guerrilha de *Sierra Maestra* ao conectarem José Martí e Fidel Castro (figuras 24 e 25). No cartaz de divulgação do documentário *La guerra necesaria* (figura 26), dirigido por Santiago Álvarez, nota-se a figura de Martí na proa da embarcação que representa o iate *Granma*, a bordo do qual os guerrilheiros chefiados por Castro desembarcaram em Cuba, em fins de 1956. Considerando que no imaginário náutico os veleiros costumavam levar em suas proas estátuas religiosas-mitológicas a fim de se protegerem das dificuldades enfrentadas em alto mar, a cena fictícia retratada no referido cartaz visava fundir o período anticolonial ao insurrecional, camadas temporais representadas, respectivamente, por Martí e pelo iate *Granma*, que permitiu o retorno dos combatentes do M 26-7 a Cuba para reiniciarem a luta armada contra Batista após o fracassado assalto ao quartel *Moncada*. Some-se a isso o fato do filme lançado em 1980 pelo Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficas (ICAIC) ter o mesmo título do manifesto martiano escrito em 1895, no contexto histórico do *Grito de Baire*, quando Martí argumentou que não seria possível conquistar a liberdade por vias pacíficas, mas pelas armas. Tal apropriação de sua imagem buscava legitimar a guerrilha de *Sierra Maestra* como tática legítima de tomada do poder, validando assim a “violência revolucionária” como linguagem política.

Com uma pistola no coldre e vestindo seu característico uniforme verde-oliva do Exército Rebelde, Fidel Castro aparece ao término do documentário *La guerra necesaria* caminhando sozinho e pensativo nas areias de *Playita de Cajobabo*, considerado pelo estadista o “lugar sagrado” em que Martí desembarcou em Cuba, em abril de 1895 – uma “proeza extraordinária”, segundo ele. No filme, os paralelos entre os desembarques de *Playita* (1895) e *Granma* (1956) buscaram reforçar o imaginário revolucionário no qual os períodos anticolonial e insurrecional se retroalimentam para construir uma narrativa ascendente através da rememoração de fatos históricos dos séculos XIX e XX. Além de Martí, morto na batalha de *Dos Ríos* pouco tempo após desembarcar em *Playita*, outras lideranças independentistas também retornaram a Cuba, em 1895, por meio de expedições marítimas, tais como Máximo Gómez, que acompanhava Martí, e os irmãos Maceo. Planejado por Martí, então delegado do Partido Revolucionário Cubano (PRC) em Nova York, o *Plan de la Fernandina* visava enviar à ilha as armas necessárias para iniciar uma nova guerra de independência a ser liderada por personagens que voltavam do exílio. Para

além do documentário *La guerra necesaria*, os paralelos históricos entre *La Fernandina* (1895) e *Granma* (1956) podem ser notados em outros contextos, como no discurso feito por Fidel Castro em 26 de julho de 1987, quando mais uma vez relacionou os períodos anticolonial e insurrecional a fim de legitimar a Revolução Cubana.

Horas difíciles aquellas de Martí cuando la “Fernandina”, cuando se perdió todo, y no vaciló en desembarcar en un bote de remos con Máximo Gómez y algunos compañeros más en un lugar aislado y solitario de la costa oriental, para reiniciar la lucha, seguir la marcha y morir en combate, pero con una convicción: que detrás de ellos vendrían otros, que algún día la patria sería libre y que algún día aquella historia que él hizo, que en silencio —como dijo— tuvo que hacer, seguiría adelante y culminaría en la victoria [...] Horas difíciles las de los expedicionarios del “Granma” [...] Horas difíciles aquellos días ulteriores al desembarco y la dispersión de nuestro pequeño destacamento; horas difíciles cuando fuimos solo un puñado de hombres reagrupados; horas difíciles las de aquella dura y desigual lucha en las montañas y nunca faltaron tripulantes, y cada vez eran más y más y más los leales a la Revolución, los enamorados de las ideas y de la causa de la Revolución.⁴⁰⁶

Por fim, a imagem do bilhete de 1 peso (figura 27) encerra o que entendemos ser um roteiro visual criado pela propaganda estatal como forma de legitimar a luta armada do M 26-7 a partir das lutas anticoloniais do século XIX. De grande circulação na ilha, a nota traz em sua parte frontal a imagem do rosto de José Martí ladeada dos dizeres *patria o muerte* e *Cuba territorio libre de America*, dois dos principais lemas adotados pelo regime socialista insular. A relação entre texto e imagem revela uma mensagem elaborada a partir de dois contextos históricos distintos, fundindo o passado anticolonial ao presente da Revolução no poder. No verso da nota consta uma representação de Fidel Castro feita a partir de fotografias realizadas em 8 de janeiro de 1959. Nela, ao centro, acompanhado por Camilo Cienfuegos e outras lideranças guerrilheiras armadas, vê-se o então líder de *Sierra Maestra* em pose triunfante, com sua pistola no coldre e o braço direito levantado em saudação à multidão que o recepcionou em sua chegada à capital após a viagem entre Santiago e Havana, conhecida como *Caravana de la Libertad*. Nesta cena, observa-se também a presença massiva de homens representados como *mambises* (portando chapéus) ou guerrilheiros (portando barba comprida, armamento e uniforme militar). Mais do que

⁴⁰⁶ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el XXXIV aniversario del asalto al cuartel Moncada, celebrado en la Plaza de Artemisa, el 26 de julio de 1987, “Año 29 de la Revolución”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1987/esp/f260787e.html>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

conectar os contextos históricos dos séculos XIX e XX, o bilhete de 1 peso produzido em 1979 representou a “apoteose” da Revolução Cubana como resultado das ideias e esforços empreendidos por José Martí e Fidel Castro em suas respectivas épocas.

Tendo em vista as imagens acima analisadas, conclui-se que o regime socialista se empenhou, não apenas através da oratória castrista⁴⁰⁷, para transformar José Martí em um agente histórico relevante tanto no contexto social em que viveu, o século XIX, quanto nos contextos posteriores, os séculos XX e XXI, com destaque para as apropriações de sua memória como legitimação da guerrilha de *Sierra Maestra*. Neste sentido, a memória oficial construída pelo governo socialista “guerrilheirizou” a figura de José Martí, ou seja, atualizou e se apropriou de seus significados político-ideológicos tendo como referência temporal períodos posteriores à vida do líder independentista. Paralelamente à vida real do “apóstolo” da independência, a memória de Martí foi inserida na narrativa histórica protagonizada pela guerrilha de *Sierra Maestra* como forma de demonstrar sua hipotética aprovação às ações do grupo sob o mando de Fidel Castro, sobretudo no que se refere ao método empregado para a conquista do poder: a luta armada. Operando no imaginário revolucionário como uma espécie de patrona da guerrilha do M 26-7, segundo a lógica do “autor intelectual”, a memória de Martí pautou a interpretação de eventos históricos posteriores a ele, vinculando-se às representações feitas nos discursos de Fidel Castro a respeito do assalto ao quartel *Moncada* (figuras 22 e 23), da guerrilha de *Sierra Maestra* (figuras 24 e 25), da expedição do *Granma* (figura 26) e, por fim, do triunfo da Revolução Cubana e sua chegada triunfal a Havana (figura 27).

Para além das imagens acima analisadas, que demonstram a versatilidade e a capilaridade da memória de José Martí na sociedade insular, após o triunfo da Revolução o enaltecimento do “apóstolo” da independência envolveu uma série de rituais político-ideológicos organizados pelo Estado cubano. Em meio aos festejos públicos dedicados ao centenário da morte de Martí na batalha de *Dos Rios*, ocorrida no dia 19 de maio de 1895, Fidel Castro falou com a imprensa local logo após participar dos rituais fúnebres

⁴⁰⁷ Inserida na propaganda política oficial que vinculou a memória de José Martí à Revolução Cubana, a produção discursiva de Fidel Castro também se apropriou do legado martiano com o objetivo de legitimar a guerrilha de *Sierra Maestra*. No âmbito editorial cubano, identificamos a publicação de três volumes temáticos contendo trechos de discursos castristas sobre Martí. O primeiro, de 1960, consiste na compilação de excertos discursivos organizada no formato de verbetes, tais como “democracia”, “antiimperialismo”, “revolução”. O segundo, de 1983, relaciona o legado martiano à construção do socialismo em Cuba e ao contexto da institucionalização revolucionária. O terceiro, de 2004, pouco tempo antes da saída de Fidel Castro do poder, retoma o legado martiano como elemento ideológico definidor de seu imaginário político. Cf. CASTRO, Fidel. **De José Martí a Fidel Castro**. Havana: Patria Livre, 1960; Idem. **José Martí. El autor intelectual**. Havana: Política, 1983; Idem. **José Martí en el ideario de Fidel Castro**, op. cit.

realizados no mausoléu martiano localizado no cemitério de Santa Ifigênia, em Santiago. Nesta ocasião, o mandatário elaborou a seguinte reflexão sobre a efeméride:

Y el Martí 100 años después, no es el mismo Martí de cuando cayó hace 100 años. Muchas de sus obras no se conocían, muchos de sus escritos, mucho de su pensamiento, todo eso se supo después [...] El Martí de hoy es un Martí mucho más gigante ante los ojos de todos los cubanos. Ellos tienen que haber sufrido mucho con la muerte de Martí, pero no sabían todavía sus propios compañeros toda la magnitud de su gloria, de su talento, de su proyección, de sus sentimientos.⁴⁰⁸

No trecho acima citado, Fidel Castro dissociou a vida real de José Martí, morto em combate contra os espanhóis, em 1895, da memória oficial do líder independentista criada, posteriormente, pela Revolução Cubana. Chama atenção a importância conferida por Castro não apenas à biografia martiana em si, mas às interpretações elaboradas sobre o dito personagem após sua morte, aspecto resumido na parte em que afirmou que Martí não era mais o “mesmo” em 1995, um século após seu falecimento em *Dos Ríos*. Por meio de um ritual fúnebre, a tentativa castrista de exercer controle político-ideológico sobre os significados históricos de Martí admite, implicitamente, o papel fundamental da Revolução Cubana e do regime socialista insular como instâncias produtoras de narrativas divulgadas dentro da ilha como única expressão possível da verdade. Segundo se infere deste raciocínio, somente a memória estatal criada a partir da chegada dos guerrilheiros ao poder, em 1º de janeiro de 1959, havia conseguido revelar a “magnitude” da “glória” de Martí, manifesta através da descoberta de escritos imputados ao líder independentista. Refletindo sobre as diferenças entre passado e presente, sendo esta última temporalidade representada pela palavra “hoje”, Fidel Castro afirmou que a memória de Martí criada e controlada pela propaganda política oficial em 1995 seria “muito maior” aos “olhos” dos cubanos que o personagem original, feito de carne e osso.

Além da produção imagética e dos rituais fúnebres, após 1959 o governo cubano se apropriou da memória de José Martí de outras maneiras. Uma delas se refere à criação e difusão, pela memória oficial, do termo “geração do centenário”⁴⁰⁹ para se referir ao grupo político liderado por Fidel Castro que participou do assalto ao quartel *Moncada*⁴¹⁰,

⁴⁰⁸ CASTRO, Fidel. **José Martí en el ideario de Fidel Castro**, op. cit., p. 306-307.

⁴⁰⁹ ROJAS, Marta. **La generación del centenario en el juicio del Moncada**, op. cit.

⁴¹⁰ No discurso de autodefesa conhecido como “A história me absolverá” (1953), a menção ao centenário do nascimento do líder independentista pode ser averiguada no trecho em que Fidel Castro utilizou a memória de José Martí para justificar o assalto ao quartel *Moncada*: “Parecia que el Apóstol iba a morir en el año de su centenario, que su memoria se extinguiría para siempre, ¡tanta era la afrenta! Pero vive, no ha muerto, su pueblo es rebelde, su pueblo es digno, su pueblo es fiel a su recuerdo; hay cubanos que han caído

em 26 de julho de 1953. À primeira vista o termo homenageia o centenário do nascimento do “apóstolo” da independência. Todavia, o uso desta expressão nos discursos castristas revela que o líder da guerrilha de *Sierra Maestra* reivindicava o passado anticolonial simbolizado na figura de Martí para legitimar a atuação do M 26-7 nos anos 1950 e, conseqüentemente, atualizar o significado das “armas” como método insurgente para a conquista do poder pelos revolucionários. Esta estratégia de memória transformou a homenagem ao centenário do nascimento de José Martí em embasamento ideológico direcionado a legitimar as pretensões do grupo político de Castro no âmbito das oposições ao regime autoritário de Fulgêncio Batista, durante o período insurrecional (1953-1959), e, posteriormente, do governo surgido como consequência do triunfo da Revolução. A propaganda político-ideológica contida no termo “geração do centenário” pode ser notada em uma fala pública realizada pelo então primeiro ministro de Cuba durante a cerimônia em homenagem ao nascimento do “apóstolo” da independência, ocorrida em 27 de janeiro de 1960, na Praça da Revolução, em Havana.

Y esta generación, que es la generación del Centenario del Apóstol, porque fue en el año del Centenario donde se inició la lucha, que después de varios años habría de concluir en esta oportunidad que tiene hoy, esta generación del Centenario puede decir al fin, que tiene en sus manos los destinos de la Patria, que no tuvieron las generaciones anteriores, porque fuerzas más poderosas que la suma de todos los heroísmos y sacrificios de nuestro pueblo impidieron a las pasadas generaciones esa oportunidad.⁴¹¹

Realizado pouco mais de um ano após o triunfo da Revolução Cubana, o discurso acima reproduzido revela como Fidel Castro rememorou o nascimento de José Martí pela primeira vez após a tomada do poder. Centrado no protagonismo atribuído à “geração do centenário”, o mandatário se apropriou da memória martiana tendo como ponto de partida as demandas do seu tempo presente. Dito de outra forma, suas palavras demonstram como sua narrativa partiu do tempo presente caracterizado pela Revolução no poder em direção ao passado anticolonial. A escolha do nascimento de Martí como marco cronológico que organiza suas reflexões revela que o significado desta data se submeteu aos anseios políticos de Fidel Castro no contexto histórico em que discursou (1960). Assim, o Martí histórico foi inserido em um cenário posterior ao que o personagem real viveu, fundindo-

defendiendo sus doctrinas, hay jóvenes que en magnífico desagravio vinieron a morir junto a su tumba, a darle su sangre y su vida para que él siga viviendo en el alma de la patria. ¡Cuba, qué sería de ti si hubieras dejado morir a tu Apóstol!”. CASTRO, Fidel. **José Martí en el ideario de Fidel Castro**, op. cit., p. 36.

⁴¹¹ Idem, p. 91-92.

se à origem e à trajetória do M 26-7 durante a etapa insurrecional (1953-1959). Portanto, a efeméride em questão não se refere somente ao nascimento de José Martí, mas a como Fidel Castro se apropriou deste evento para legitimar a tomada do poder pela “geração do centenário” que ele dizia representar. Mesmo expressando a ideia de continuidade entre passado e presente, é sintomático que Castro tenha atribuído o que chamou de “início da luta” à sua geração, e não a Martí ou às duas guerras de independência cubanas no século XIX. Por trás da homenagem ao passado anticolonial da ilha, a memória em torno de Martí corroborava o “hoje” simbolizado pela Revolução no poder⁴¹².

Em diálogo com a produção imagética, os rituais fúnebres e o léxico político criados pelo governo socialista para tentar controlar os significados da memória de José Martí, as cerimônias rememorativas dedicadas ao legado do “apóstolo” da independência se consolidaram como uma das mais importantes estratégias de legitimação política da Revolução Cubana. Uma delas ficaria conhecida como “marcha das tochas”, encenada em 27 de janeiro como forma de celebrar o nascimento de Martí⁴¹³, ocorrido no dia 28 de janeiro de 1853. A diferença de um dia entre o aniversário do “apóstolo” e sua celebração oficial evidencia a estratégia de memória adotada pelo M 26-7 e reforçada por Fidel Castro em seus discursos. Organizada pela Federação Estudantil Universitária (FEU), a primeira “marcha das tochas” aconteceu em 27 de janeiro de 1953, quando um cortejo composto em sua maioria por jovens estudantes partiu das escadarias da universidade de Havana em direção à “fragua martiana”, onde o “apóstolo” fora preso em virtude de seu ativismo anticolonial. Segundo Fidel Castro, na noite de 27 de janeiro de 1953 cada jovem rebelde carregou consigo uma tocha a fim de expressar um “sentimento quase

⁴¹² Neste discurso, o protagonismo atribuído por Castro à “geração do centenário” apareceu também em outro trecho no qual o passado anticolonial foi investido de significado histórico através do tempo presente posterior a 1959: “Ese terrible dolor y esa dura experiencia y esa dura tristeza en que se vive cuando tenemos que compartir la frustración de un ideal, como vivieron nuestros antepasados y como vivieron generaciones enteras, para que fuese esta generación actual, la generación que tuviese el privilegio de empezar a hacer lo que ellos ni siquiera tuvieron la oportunidad de empezar, porque empezaron varias guerras por alcanzar esa oportunidad y no la lograron. Ha sido esta generación, la generación que alcanzó la oportunidad, no por su esfuerzo, sino porque fue el esfuerzo de todos los anteriores, porque ningún sacrificio fue inútil, ya que desde el primer cubano que cayó, hasta el último, pusieron su ‘grano de arena’ para que esta generación tuviera la oportunidad”. CASTRO, Fidel. **José Martí en el ideario de Fidel Castro**, op. cit., p. 91.

⁴¹³ Sobre a atualidade deste ritual político na ilha, citamos a seguir um trecho extraído do portal online da enciclopedia cubana *EcuRed*: “Hoy como ayer los jóvenes revolucionarios, coincidiendo con el aniversario del natalicio del Maestro, inician el patriótico ritual que hace más de medio siglo comenzó la generación del centenario guiada por un joven rebelde llamado Fidel Castro; para no permitir que el apóstol muriese en el año de su centenario. Cada aniversario de la Marcha de las Antorchas, el desfile constituye una muestra del apoyo del estudiantado a la dirección histórica de la Revolución. El natalicio de José Martí es recordado por todos los cubanos, puesto que los sueños revolucionarios son construidos con su pensamiento vigente cada día”. Disponível em: <https://www.ecured.cu/Desfile_de_las_antorchas>. Acesso em: 23 mar. 2023.

religioso”⁴¹⁴ em relação à memória de Martí. Em virtude disso, após 1959 a encenação da “marcha das tochas” passou a ocorrer em Havana todo dia 27 de janeiro, inserindo a ritualização desta data comemorativa no calendário cívico revolucionário.

Em 1990, o *comandante* abordou este tema da seguinte maneira:

Estaba por allá abajo junto con ustedes y viví esos minutos emocionantes en que se cumplía el 137 aniversario del nacimiento de Martí [...] Hoy los estudiantes iban a conmemorar aquel 37 aniversario de una marcha similar a esta. Hoy y de una manera casual sin que nadie lo programara o lo concibiera previamente, estaba finalizando ya el XVI Congreso de nuestros trabajadores, y cuando se supo que marcharían los estudiantes, todos los delegados del congreso quisieron marchar también junto a los estudiantes hasta el monumento de Martí.

Cuántas cosas de un extraordinario simbolismo, la unión de nuestra clase obrera, de nuestros trabajadores, de los creadores de todas las riquezas pasadas, presentes y futuras de nuestro país, y los estudiantes, para dirigirse hacia este parque conmemorando aquella marcha de hace 37 años, y en un momento en que nos amenazan más que nunca. Tenía que ser para nosotros emocionante, muy emocionante, al cabo de 37 años, volver a salir desde la misma escalinata, desde la misma escalinata hasta el mismo punto.⁴¹⁵

Mais do que o nascimento de José Martí, que no ano de 1990 completava seu 137º aniversário, a rememoração mencionada no trecho supracitado se refere à maneira pela qual Fidel Castro e a “geração do centenário” relembrou, em 1953, o aniversário do “apóstolo” da independência através de uma manifestação que tomou as ruas de Havana na noite de 27 de janeiro. Nota-se que a narrativa castrista fundiu dois eventos inscritos em temporalidades distintas, sendo o primeiro o aniversário do personagem real, nascido em 1853, e o segundo o festejo do aniversário de Martí organizado pelos universitários que compunham a “geração do centenário”, entre eles o próprio Castro, ocorrido em 1953. Além desta dupla comemoração, o discurso proferido em 1990 evidencia, curiosamente, uma terceira comemoração envolvendo os órgãos de representação laboral e estudantil, justificada por Castro como “casualidade” e “extraordinário simbolismo”. Ainda segundo a versão apresentada pelo mandatário, os trabalhadores cubanos que haviam acabado de participar de um congresso sindical teriam espontaneamente decidido acompanhar o evento público no qual os estudantes simulariam a marcha cívica realizada pela “geração do centenário” cerca de quatro décadas antes, partindo das escadarias da universidade de

⁴¹⁴ CASTRO, Fidel. *José Martí en el ideario de Fidel Castro*, op. cit., p. 258.

⁴¹⁵ *Ibidem*.

Havana em direção ao lugar em que José Martí cumpriu pena de trabalhos forçados em função de seu posicionamento político anticolonial.

O excerto discursivo acima reproduzido revela que o nascimento de José Martí, o alegado motivo das comemorações públicas ocorridas em Havana, em 1990, deu lugar ao protagonismo de uma geração histórica posterior à do líder independentista do século XIX, geração esta que procurou se afirmar na cena política cubana tendo como inspiração o legado martiano. Entre outras consequências, as palavras de Castro revelam como a propaganda política de seu governo subordinou o significado do aniversário de Martí ao discurso de continuidade do regime socialista insular no contexto histórico marcado pela crise da URSS, quando alguns efeitos deste processo, sobretudo no campo econômico, começavam a se manifestar na ilha, além do recrudescimento das hostilidades por parte dos EUA, que segundo Fidel Castro “ameaçavam mais do que nunca” a continuidade do socialismo cubano. Como recurso voltado à reafirmação da ordem política vigente desde 1959, ou desde 1961, o *comandante* manejou o significado histórico de Martí de modo que a opinião pública relembresse seu aniversário por meio dos parâmetros estabelecidos pela memória oficial. Em grande medida esvaziado de seu conteúdo original, o 137º aniversário do “apóstolo” da independência foi enxertado pelo protagonismo que Castro atribuiu a si próprio e à “geração do centenário”, a qual teria sido responsável, segundo ele, pela consolidação da obra iniciada por José Martí no século XIX.

Além da produção e circulação de imagens, dos rituais fúnebres, do léxico político e das cerimônias rememorativas, recursos empregados pelo regime socialista cubano para difundir suas interpretações sobre José Martí, criando assim uma memória oficial sobre o dito personagem, destacamos mais uma das estratégias utilizadas pelo governo de Fidel Castro no intuito de controlar o significado histórico do “apóstolo” da independência de Cuba. Tal estratégia consistiu na inauguração de obras públicas através das quais, após de 1959, o “novo” regime se apropriou do passado anticolonial com o intuito de legitimar o papel da luta armada na Revolução Cubana. Em 28 de janeiro de 1960, por exemplo, Castro utilizou o dia do aniversário de Martí para realizar a cerimônia oficial de entrega do quartel *Moncada* ao Ministério da Educação a fim de que a fortaleza militar localizada em Santiago se transformasse em uma escola pública. Na ocasião, o mandatário concluiu seu discurso com as seguintes palavras:

Hoy Santiago está feliz; hoy toda Cuba está feliz; hoy los niños están felices; hoy el Apóstol, el Apóstol que nació el 28 de Enero, hoy que al

conmemorarse el 107 aniversario se inaugura este Centro Escolar que se llama '26 de julio', hoy el Apóstol está contento; hoy nuestros muertos están contentos; hoy es un día feliz de la Patria.⁴¹⁶

Este trecho discursivo demonstra como Fidel Castro vinculou a cerimônia pública do nascimento de José Martí à legitimação da luta armada do M 26-7 durante o período insurrecional (1953-1959), tática simbolizada pelo assalto ao quartel *Moncada*. Pouco mais de um ano depois do triunfo da Revolução Cubana, a propaganda estatal voltou suas atenções ao “lugar de memória” considerado o início da guerrilha de *Sierra Maestra*, isto é, a primeira ação político-militar baseada na concepção de que apenas a luta armada conseguiria derrotar a ditadura de Fulgêncio Batista. Apesar da derrota dos assaltantes e da morte da maior parte dos envolvidos na ação comandada por Fidel Castro, na narrativa histórica construída após a tomada do poder pelos guerrilheiros de *Sierra Maestra* o 26 de julho de 1953 passou a simbolizar o uso “justo” da violência revolucionária como forma de combater o autoritarismo e a opressão de Batista. Daí a necessidade de embasar ideologicamente o uso desta violência revolucionária pelo M 26-7 através de referências históricas que legitimassem a luta armada em Cuba. Para tanto, a memória de José Martí, personagem concebido como síntese e expressão máxima do passado anticolonial, foi incorporada e, às vezes, fundida aos contextos históricos posteriores àquele em que o líder independentista viveu, o século XIX, processo que “guerrilheirizou” sua imagem para torná-la a origem e uma das principais fontes de legitimação da guerrilha comandada por Fidel Castro nos anos 1950 e do governo formado após 1959.

Ultrapassando o universo da oralidade, a fala pública realizada por Castro em 28 de janeiro de 1960 foi precedida de uma série de intervenções na edificação transformada em centro escolar como forma de homenagear o assalto ao *Moncada*. Pouco tempo antes, no dia 9 de janeiro, o governo iniciara a reforma do quartel, quando o próprio mandatário utilizou um trator para derrubar parte das muralhas que protegiam a antiga fortaleza batistiana, gesto político de grande simbolismo histórico. No dia da cerimônia de entrega do quartel, um helicóptero despejou pétalas de rosas brancas e vermelhas sobre a multidão de jovens estudantes uniformizados que se encontravam acompanhados de suas famílias. Reunindo a alta cúpula estatal, como Fidel e Raul Castro, Osvaldo Dorticós, presidente da república, e Armando Hart, ministro da educação, a cerimônia de inauguração do novo complexo educacional de Santiago transcorreu ao longo de toda a manhã, e contou com

⁴¹⁶ Idem, p. 105.

a presença de sobreviventes e familiares dos assaltantes mortos na ação armada ao quartel *Moncada*, com destaque para a participação da menina Temis Tassende, filha de José Luis Tassende, um dos militantes caídos em combate em 26 de julho de 1953. Não apenas a fala castrista, precedida pelos discursos de outras autoridades ali presentes, mas também o cenário, os agentes político-sociais envolvidos e, por fim, o público presente no evento em questão, colaboraram para que o significado atribuído à cerimônia de inauguração confluísse para a figura de José Martí como elo entre todos estes elementos.

Neste caso, o recurso utilizado pelo governo de Fidel Castro para se apropriar da memória de Martí reside na relação lugar-data, isto é, nos vínculos estabelecidos entre o quartel *Moncada* e o dia 28 de janeiro, alusivos ao surgimento do M 26-7 e ao nascimento do “apóstolo” da independência de Cuba, respectivamente. Sem apresentar conexões históricas espontâneas ou evidentes, tal relação envolveu a fabricação de nexos entre o passado anticolonial representado por Martí e o passado insurrecional representado pelo assalto à fortaleza militar de Santiago. A partir de 1º de janeiro de 1959, ambas as camadas do passado nacional cubano se fundiram com o intuito de comprovar, segundo a narrativa castrista, que o “novo” regime estava conseguindo materializar o legado martiano através da ampliação da educação pública, concebida como parte central do conjunto de direitos sociais previstos no projeto revolucionário de cidadania. A relação estabelecida por Fidel Castro entre o dia 28 de janeiro e a fundação da “Cidade Escolar 26 de Julho” resultou em novos usos político-sociais do espaço físico que até 1960 abrigou o quartel. Junto a outros elementos cênicos, a fala pública castrista indica que o batismo da antiga fortaleza adquiriu significados associados menos à vida de José Martí e mais à data relacionada ao grupo liderado por Castro, que apelou à memória do “apóstolo” como forma de atribuir legitimidade às ações do seu governo no tempo presente.

Tal processo de legitimação associou a figura de Martí ao lugar que a memória oficial do “novo” regime passou a divulgar como símbolo do início da luta armada contra Batista. Assim, o aniversário de Martí serviu para Fidel Castro conferir protagonismo à guerrilha de *Sierra Maestra* no contexto histórico do período insurrecional, projetando-o até o tempo presente no qual discursava (1960). A comemoração do nascimento do líder independentista pareceu o cenário ideal para o estadista reafirmar os anseios do seu grupo político como classe dirigente do Estado, utilizando-se para isso da memória do assalto ao quartel *Moncada*, ocorrido sete anos antes. A comemoração que fez os “mortos ficarem felizes”, segundo Fidel Castro, revelou uma espécie de genealogia revolucionária que transformou a figura martiana num dos pilares do nacionalismo cubano e, paralelamente,

da luta armada que o estadista-guerrilheiro afirmava remontar às guerras independentistas do século XIX. Em outras palavras, a memória de Martí mostrou-se útil para representar o passado anticolonial e, conectado a ele, o tempo presente da Revolução no poder. Nesta perspectiva, a tomada simbólica do quartel *Moncada*, ocorrida em 28 de janeiro de 1960, amalgamou a memória de Martí, um dos “mortos felizes”, segundo a metáfora castrista, à trajetória ascendente da guerrilha de *Sierra Maestra*, que do fracassado 26 de julho de 1953 construiu o triunfo do 1º de janeiro de 1959.

Tendo em vista tais aspectos, é possível extrair algumas conclusões a respeito de como Fidel Castro e a propaganda político-ideológica de seu governo se apropriaram da memória de José Martí com o intuito de legitimar a Revolução Cubana e, em particular, a guerrilha de *Sierra Maestra*, a quem o mandatário atribuía a vitória sobre Batista. Em sentido amplo, conclui-se que a memória do “apóstolo” da independência se transformou em uma das principais fontes de legitimação do governo surgido em 1959, sobretudo no período compreendido entre o triunfo da Revolução e a adesão à ideologia socialista (1959-1961), quando o nacionalismo simbolizado pela figura martiana ocupou um papel central na construção da memória oficial. Neste período, as conexões entre Martí e o M 26-7 visaram construir a ideia de que o “governo guerrilheiro” seria o *telos* dos passados anticolonial e insurrecional. Prova disso pode ser notada em outro excerto discursivo dedicado ao legado martiano no qual Castro afirmou que os “mártires” seguiam sendo “úteis”⁴¹⁷ ao povo mesmo depois de mortos, explicitando desta forma a intencionalidade da política de memória colocada em prática na ilha após 1959. Em suma, a tentativa de controlar a memória de Martí revela como a Revolução Cubana lançou mão de uma série de estratégias de comunicação, sendo os discursos castristas apenas uma delas, com o propósito de divulgar à opinião pública interna que o novo regime seria o único herdeiro, no tempo presente, das ideias do “apóstolo”.

Em sentido específico, conclui-se que a apropriação da memória de José Martí pelo Estado cubano após 1959 buscava legitimar a luta armada como estratégia legítima de tomada do poder pelos guerrilheiros de *Sierra Maestra*. Nas representações oficiais envolvendo o assalto ao quartel *Moncada*, considerado o início da luta armada, passando pelo julgamento de Fidel Castro em Santiago, seu retorno a Cuba a bordo do *Granma*, após o exílio no México, até o triunfo da Revolução e sua chegada a Havana, a conexão da figura martiana à guerrilha de *Sierra Maestra* tornou-se um dos principais fatores de

⁴¹⁷ Idem, p. 95.

legitimação do M 26-7. Ao longo da trajetória de Fidel Castro, sobretudo depois de 1959, sua filiação às ideias martianas revelou-se uma estratégia para se colocar na cena pública como defensor do nacionalismo cubano e, conseqüentemente, como voz de autoridade no âmbito das oposições ao regime de Batista. Todavia, sua adesão ao que julgava ser o ideal martiano “original” revelou uma profunda indefinição quanto às bases ideológicas que orientaram sua prática política nos primeiros anos à frente do governo, especialmente de 1959 a 1961, antes da adesão ao socialismo como doutrina oficial do Estado. Elástica, a apropriação da memória de José Martí permitiu a Fidel Castro preencher a figura do líder independentista morto na batalha de *Dos Ríos* dos significados históricos que mais lhe convinham nos sucessivos tempos presentes posteriores a 1959, com destaque para a “genealogia” da luta armada em Cuba durante os séculos XIX e XX.

4.2. Luta armada e passado insurrecional: a efeméride do 26 de julho entre disputas, apropriações e imposições

Após analisarmos como, de 1959 em diante, a “guerrilheirização” da memória de José Martí atuou na legitimação da luta armada do M 26-7, construindo uma ideia de passado anticolonial simbolizado pelas guerras de independência do século XIX, o segundo item investigará como os discursos de Fidel Castro construíram uma narrativa que atribuía ao assalto ao quartel *Moncada*, em 26 de julho de 1953, o início da estratégia que fez das armas o principal instrumento de oposição à ditadura batistiana. A partir de agora problematizaremos como a produção discursiva castrista divulgou a memória de *Moncada* com o propósito de legitimar a guerrilha de *Sierra Maestra* e seus interesses político-ideológicos. Como síntese da luta armada, a efeméride *moncadista* foi utilizada por Castro para interpretar diferentes contextos históricos após o triunfo da Revolução Cubana. Uma destas ocasiões se refere ao discurso pronunciado por ele em 19 de abril de 1964, no qual abordou o conturbado contexto político brasileiro, em particular o golpe militar que depôs o então presidente João Goulart. Nesta ocasião, o estadista comparou duas datas relacionadas à história de Cuba para expressar sua opinião sobre a possível interrupção das relações diplomáticas entre os dois países.

Por eso a nosotros no nos atemoriza que los imperialistas sean muchos, que los imperialistas organicen una alianza de todas las fuerzas reaccionarias contra Cuba. Los sucesos de Brasil no nos inmutan. Hablan con júbilo de que van a romper. Bien: no nos

pondremos a llorar al otro día de ese rompimiento. No vamos a implorar esas relaciones y no imploramos relaciones con “gorilas” de ninguna clase (APLAUSOS). Y somos un pueblo consecuente con su historia, consecuente con sus principios, y sobre todo, recordamos que después de un 10 de marzo, vino un 26 de Julio.⁴¹⁸

No excerto discursivo acima citado, Fidel Castro representou o 26 de julho através da ideia de resistência diante das dificuldades enfrentadas antes e depois do triunfo da Revolução. Antes do 1º de janeiro de 1959, a efeméride *moncadista* se refere à resistência ao regime autoritário instituído pelo golpe militar que conduziu Fulgêncio Batista ao poder, em 10 de março de 1952. Após 1º de janeiro de 1959, a efeméride *moncadista* se refere à resistência ao que Castro julgava ser um complô organizado pelos EUA com o objetivo de isolar Cuba internacionalmente, intento que, segundo ele, levaria o Brasil a romper relações diplomáticas em razão do golpe de Estado que depôs Goulart da presidência e iniciou uma ditadura militar apoiada pelo governo estadunidense. Com sentidos opostos, as lembranças de 10 de março (1952) e 26 de julho (1953) exprimiram mensagens político-ideológicas que extrapolavam seus respectivos contextos históricos, passando a expressar, respectivamente, “retrocesso” e “avanço”. Em síntese, no que tange ao presente do discurso castrista, 1964, a resposta do mandatário para a iminente crise diplomática entre Brasil e Cuba se baseou na memória do assalto ao quartel *Moncada*. Além de representar a ideia de resistência, em outros contextos o 26 de julho também representou a de revés, conforme observado na fala pública de Fidel Castro na efeméride *moncadista* no ano de 1961.

Hace ocho años, un día como hoy tuvo lugar aquel episodio que estamos conmemorando del ataque al cuartel Moncada. Aquel combate significó un revés para nosotros; no fue una victoria de las armas, pero fue una victoria de la moral y de la dignidad. El revés no importó, no fue solo un revés el que hubo de soportar la Revolución en su larga marcha. La Revolución libertadora había sufrido otros reveses en el siglo pasado; había sufrido un gran revés al final de su lucha heroica por la independencia, con la intervención norteamericana; la Revolución venía sufriendo reveses, la liberación venía sufriendo reveses. Y aquel del 26 de Julio fue una escaramuza más de la lucha larga que nuestra nación por su liberación tenía que sufrir [...] Aquel revés, que hizo creer a la camarilla militar y a sus amos imperialistas que había garantizado para siempre la permanencia de sus privilegios y de sus intereses, fue, sin embargo, el comienzo de aquella lucha.⁴¹⁹

⁴¹⁸ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz...el 19 de abril de 1964**, op. cit.

⁴¹⁹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz...el 26 de julio de 1961**, op. cit.

Ligando a Revolução Cubana às tentativas de independência ocorridas no século XIX, Fidel Castro representou o assalto ao quartel *Moncada* como um revés, isto é, uma derrota temporária ou parcial que na propaganda política socialista se mostrou capaz de explicar à opinião pública interna as interrupções do processo histórico transcorrido entre o *Grito de Yara* (1868) e o triunfo da Revolução (1959). No trecho supracitado, o revés se caracterizou como um retrocesso passageiro, incluindo a ação armada comandada por Castro em 26 de julho de 1953, a qual teria significado o reinício da “longa luta” que remontava às tentativas de emancipação da ilha contra o domínio espanhol. Neste caso, a efeméride *moncadista* não expressou a “vitória das armas”, mas a “vitória da moral e da dignidade”, conformando uma narrativa política que relativizou a derrota da ação armada contra a fortaleza de Santiago com o propósito de representar tal fracasso como prelúdio do êxito da guerrilha de *Sierra Maestra*. Desta forma, o malogrado ataque ao *Moncada* se tornou mais uma das inúmeras dificuldades colocadas no caminho dos revolucionários ao longo do tempo, tais como a colonização espanhola e a intervenção militar dos EUA o foram no passado, representando os dois principais entraves para que Cuba consolidasse sua autonomia nacional entre os séculos XIX e XX.

Além de representar ideias como resistência e revés, tornando-se uma metáfora aplicável a diferentes circunstâncias na política cubana após 1959, as falas públicas de Fidel Castro revelam outros significados associados à memória de *Moncada*. Durante o evento comemorativo dedicado ao terceiro aniversário do 26 de julho após o triunfo da Revolução, em 1961, a lembrança do assalto ao quartel revelou uma série de tensões no âmbito da memória, como é possível averiguar no trecho a seguir.

[...] Nosotros nos imaginamos que el primero que se debe preocupar por la fecha del 26 de Julio, el primero de todos, es el señor Fulgencio Batista (EXCLAMACIONES DE: “¡Fuera, paredón!”), que creo que está por Lisboa, o por un lugar de esos. Los primeros que se preocupan de la fecha del 26 de Julio son los grandes esbirros y los grandes asesinos; los que se pueden preocupar por el 26 de Julio son los grandes explotadores, y los grandes privilegiados. [...] La fecha del 26 de Julio es una fecha triste para el imperialismo, es una fecha dolorosa para los imperialistas yankis, para los monopolios extranjeros, para los grandes terratenientes, para los grandes magnates de la industria y de las finanzas, para los grandes especuladores, para los grandes jugadores, para los grandes contrabandistas; es una fecha dolorosa y triste para aquellos generalotes que se enseñoreaban en nuestro país; es una fecha dolorosa y triste para los politiqueros; es una fecha dolorosa y triste para los grandes criminales; es una fecha dolorosa y triste para todos los enemigos del pueblo. Y, claro, la Revolución es dolorosa y es triste para quienes han visto desaparecer sus privilegios con las leyes de la

Revolución; esos son los que se preocupan del 26 de Julio. [...] es lógico que todo lo que le huela a revolución y todo lo que le huela a la fecha del 26 de Julio le produzca miedo, porque ellos actúan de acuerdo con sus reflejos condicionados! La fecha del 26 de Julio les es dolorosa, de la misma manera que la fecha del 10 de marzo les es grata [...] ⁴²⁰

Neste trecho, Fidel Castro abordou o significado da efeméride *moncadista* a partir do posicionamento político de seus opositores representados por Fulgêncio Batista, para quem a plateia exigiu a aplicação da pena de morte. De acordo com o mandatário, o antigo ditador representava grupos sociais formados por repressores, assassinos, exploradores, privilegiados, imperialistas, latifundiários, magnatas, especuladores, contrabandistas, jogadores, generais, políticos, criminosos e, por fim, inimigos do povo. Retratados de forma negativa, tais grupos sociais estavam excluídos do simbolismo associado ao 26 de julho, que passou a significar não mais o fracassado ataque à fortaleza de Santiago, em 1953, mas a vitória da guerrilha de *Sierra Maestra* e a implementação de transformações sociais que ameaçavam os interesses econômicos das elites cubanas representadas, segundo Castro, por outro marco histórico, o 10 de março de 1952, data em que Batista liderou um golpe de Estado que depôs o então presidente de Cuba, Carlos Prío Socarrás, iniciando a ditadura que duraria até 1º de janeiro de 1959. As elites insulares foram representadas através de um marco cronológico capaz de sintetizar a negatividade do passado recente que Castro utilizou para afirmar que a Revolução o teria derrotado. Sobre o período insurrecional, suas palavras opuseram o 26 de julho ao 10 de março a fim de sobrepor a efeméride *moncadista* à data *batistiana*, legitimando assim o “novo” regime frente ao “antigo”, aquele que o estadista julgava ter destruído.

No que tange aos usos político-ideológicos da memória do 26 de julho, a produção discursiva castrista reforçou a todo momento o sentido positivo da efeméride *moncadista*, sobretudo nos festejos oficiais organizados pelo Estado. A partir de 1959, tais ocasiões permitiram que o “novo” regime difundisse à opinião pública interna suas interpretações sobre o passado, o presente e o futuro de Cuba, sempre no intuito de enaltecer a guerrilha de *Sierra Maestra* como estratégia legítima de conquista do poder pelos revolucionários. Após o triunfo da Revolução, um dos primeiros usos político-ideológicos da memória do assalto ao *Moncada* pode ser notado ainda em 1959, quando Castro propôs uma espécie de história desta efeméride ao longo da década de 1950, elencando as características que ajudariam sua plateia a compreender a relevância do ataque à fortaleza de Santiago.

⁴²⁰ Idem.

Así pues, compatriotas, al terminar este acto de hoy, al conmemorarse este sexto aniversario, el sexto año de aquel esfuerzo realizado por nuestra juventud para librar a la patria de la tiranía; este sexto año, que fue precedido por un 26 de Julio en la cárcel, dos 26 de Julio en el exilio, dos 26 de Julio en campaña en las montañas; en este 26 de Julio de la libertad, cuando al fin se comienzan a ver los frutos no del sacrificio de nosotros, sino del sacrificio de todos los hombres que lucharon desde mediados del siglo pasado por estos triunfos que ellos ayudaron a fundar [...]⁴²¹

Ao abordar o passado recente de Cuba, Fidel Castro retratou a trajetória do M 26-7 a partir dos significados atribuídos por ele às consecutivas lembranças do assalto ao *Moncada*. Sua interpretação da realidade cubana dos anos 1950 mesclou as vicissitudes do M 26-7 à maneira pela qual o ataque ao quartel foi lembrado pelos revolucionários entre 1954 e 1958. Antes do triunfo da Revolução, seguindo a ordem cronológica, o estadista distinguiu três cenários em que teriam ocorrido as primeiras recordações do “revés” em Santiago. De acordo com sua linha de raciocínio, os poucos sobreviventes do assalto ao *Moncada* lembraram o primeiro aniversário do evento atrás das grades, já que as principais lideranças da ação armada, como os irmãos Fidel e Raul Castro, foram encarceradas pela ditadura batistiana, saindo da prisão, em maio de 1955, como resultado de uma ampla campanha popular em favor de sua libertação. Anistiado, Fidel exilou-se no México, onde passou os próximos dois aniversários de *Moncada*, o biênio 1955-1956. Entre 1957 e 1958, as lembranças do ataque à fortaleza de Santiago ocorreram em meio à luta armada contra Fulgêncio Batista, se restringido aos setores de oposição, à imprensa clandestina e aos crescentes domínios territoriais da guerrilha de *Sierra Maestra*.

Fidel também lançou mão de comparações entre o passado recente, marcado pela tríade cadeia-exílio-montanhas, e o presente surgido com o triunfo da Revolução Cubana. Ao contrário dos anos anteriores, em 1959 os guerrilheiros do M 26-7 conseguiram comemorar livremente a efeméride *moncadista* pela primeira vez desde o assalto ao quartel, ocorrido seis anos antes, podendo assim prestar o que julgavam ser as devidas homenagens aos participantes da ação armada sem sofrerem repressão. Mais ainda, pois naquele ano o Estado organizou uma inédita lembrança oficial em honra à memória do evento considerado pela propaganda estatal o início da luta armada contra Fulgêncio Batista. No trecho do discurso realizado em 26 de julho de 1959, Castro representou a

⁴²¹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración campesina, efectuada el 26 de julio de 1959.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f260759e.html>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

comemoração da primeira efeméride *moncadista* após o triunfo da Revolução através da dicotomia liberdade *versus* opressão, ideias simbolizadas, respectivamente, pela oposição entre “presente revolucionário” e “passado batistiano”⁴²². Assentada no anticolonialismo que embasou as guerras de independência de Cuba contra os espanhóis no século XIX, a atribuição de significados ao passado recente e ao presente da ilha objetivava reforçar o protagonismo da luta armada empreendida pela “geração do centenário”, sob a liderança de Castro, no projeto de refundação da nacionalidade cubana.

A compreensão de como Castro atribuiu significado à efeméride *moncadista* pode ser complementada com uma análise sobre os espaços públicos usados pela propaganda estatal em Cuba para promover os eventos rememorativos dedicados ao assalto ao quartel de Santiago. Uma das primeiras iniciativas nesta direção pode ser notada logo em 1959, quando Havana abrigou a primeira comemoração oficial após o triunfo da Revolução.

Hoy nos reunimos aquí, hoy nos reunimos en la capital. La consigna este 26 de Julio fue medio millón de campesinos a la capital. La consigna para el 26 de Julio del año próximo será medio millón de ciudadanos a la Sierra Maestra (APLAUSOS), ¡medio millón de ciudadanos a compartir con los campesinos! [...] el año que viene no será una concentración: el año que viene será una dispersión por todas las montañas para que el hombre de la ciudad conozca el ambiente, conozca la vida y conozca el escenario donde surgió esta Revolución y conozca el porqué de estas magníficas condiciones de carácter y estas magníficas condiciones de sentimiento y de inteligencia de nuestros campesinos. Y comprenderá el porqué de su espíritu de sacrificio, el porqué del vigor de sus brazos y por qué rechinan sus machetes; porque esos machetes rechinan clamando justicia, porque –como dijo Maceo– la Revolución estará en marcha mientras quede una injusticia por reparar.⁴²³

No trecho discursivo acima citado nota-se uma espécie de “desterritorialização” da memória do assalto à fortaleza. Em primeiro lugar, pois em 1959 o festejo *moncadista* mais importante, que contou com a fala pública de Castro, foi realizado em Havana, e não em Santiago, palco do evento histórico lembrado no dia 26 de julho. Este deslocamento territorial indica a intenção da propaganda política do “novo” regime de expandir o

⁴²² Neste sentido, nossa análise converge com a interpretação de Prado, que pode ser resumida através do seguinte excerto: “Representar um passado de ruínas morais e materiais e, em seguida, compará-lo aum presente edificante em que o homem, a sociedade, os valores, a época, enfim tudo era acompanhado pelo epíteto “novo” significava marcar uma ruptura com um passado que se queria definitivamente morto, ou seja, ao qual não mais se voltaria, pois o presente revolucionário é concebido como algo irreversível. Situado entre um passado definido como ‘la muerte’ e um futuro definido como ‘la vida’, o presente da Revolução era representado exatamente como o tempo em que seria possível ao povo conquistar o futuro.” PRADO, Giliard. **A construção da memória da Revolução Cubana**, op. cit., p. 62.

⁴²³ Idem.

significado do ataque ao quartel de modo que o acontecimento fundante da luta armada não se restringisse ao local em que tal ação havia sido derrotada pelas tropas de Fulgêncio Batista no ano de 1953. O fato da primeira comemoração oficial do 26 de julho após o triunfo da Revolução ter ocorrido na capital, e não no local em que o evento comemorado ocorreu, sugere uma tentativa de “nacionalizar” as lembranças do dito acontecimento, isto é, transformá-lo não apenas em uma passagem inscrita no processo de formação do M 26-7 e da guerrilha de *Sierra Maestra*, mas num marco temporal relevante para o passado, o presente e o futuro da nação cubana. Assim, o 26 de julho deveria ser inscrito na história insular como um marco cronológico que opera, do ponto de vista retórico, como conexão entre os interesses político-ideológicos do grupo comandado por Fidel Castro, a guerrilha de *Sierra Maestra*, e o destino de Cuba enquanto país independente.

Através da “desterritorialização” da memória do assalto à fortaleza de Santiago, Fidel Castro transformou a lembrança da derrota na lembrança da vitória dos guerrilheiros sobre Fulgêncio Batista, visto que, na propaganda política estatal após 1959, Havana foi constantemente associada ao triunfo da Revolução, sobretudo à chegada “apoteótica”⁴²⁴ de Castro à capital após a fuga do ditador em 8 de janeiro de 1959, momento histórico difundido por distintos suportes físicos (figura 27). A referida “desterritorialização” da memória do assalto ao quartel fez com que o 26 de julho deixasse de representar um fato relacionado apenas à história da guerrilha para se transformar num marco temporal que extrapolava a trajetória de um grupo político específico, passando a abranger a história de Cuba. Ademais, parte considerável da “desterritorialização” da memória do ataque ao *Moncada* decorreu da menção de Castro à *Sierra Maestra*, outro “lugar de memória” associado à guerrilha do M 26-7 mas não ao 26 de julho de 1953. Representada pelos camponeses que em 26 de julho de 1959 compareceram em grande número ao primeiro festejo oficial da efeméride *moncadista*, feito em Havana, a região montanhosa da parte oriental da ilha não apresenta relação com o assalto ao *Moncada*, tendo em vista que se tornou o lugar de fixação dos guerrilheiros do M 26-7 somente após o retorno de Castro a Cuba a bordo do iate *Granma*, em 1956, vindo de seu exílio no México.

Para a celebração do 26 de julho do ano seguinte, Fidel Castro expressou o desejo de que os habitantes de Havana se dirigissem à *Sierra Maestra* na mesma proporção que

⁴²⁴ Segundo Franqui, “A entrada de Fidel em Havana foi realmente uma apoteose. Da sacada do palácio pediu à multidão que abrisse passagem: ‘O povo é meu guarda-costas.’ E, como Moisés dividindo as águas, atravessou um mar de gente que se estendia desde a avenida *Misiones* até a baía, um herói saído da mitologia grega e um orgasmo coletivo.” FRANQUI, Carlos. **Retrato de família com Fidel**, op. cit., p. 31.

os camponeses haviam se deslocado à capital em 1959. Para 1960, o estadista objetivava proporcionar aos *habaneros* a possibilidade de conhecerem a realidade de um setor social historicamente negligenciado pelo poder público e considerado pela propaganda oficial a principal classe aliada dos guerrilheiros durante a luta armada contra Batista. Em suma, o intercâmbio campo-cidade ofereceria aos *habaneros* a possibilidade de conhecerem o “cenário” no qual a Revolução nasceu. Enaltecidos ao longo de quase todo o discurso de Castro em 26 de julho de 1959, os trabalhadores rurais foram representados como a mais relevante base social da guerrilha de *Sierra Maestra* e de seu governo, encarnando as virtudes cívicas que demonstrariam, idealmente, sua lealdade à Revolução. A referência ao campesinato como base social do M 26-7 durante a etapa insurrecional (1953-1959) visava fortalecer a imagem do governo junto a um setor que pouco tempo antes daquele discurso, em 17 de maio de 1959, protagonizara a promulgação da Lei de Reforma Agrária, divulgada pela propaganda oficial como um projeto de distribuição de terras que favoreceria os anseios dos camponeses cubanos, livrando-os dos laços de dependência econômica que até aquele momento os prendiam aos latifundiários.

Conforme previsto, em 1960 o governo cubano deslocou a comemoração do 26 de julho para *Sierra Maestra*, cabendo a Fidel Castro discursar sobre a importância da efeméride *moncadista* a partir de seu presente. Ao iniciar sua fala, lamentou não ter conseguido inaugurar as obras públicas voltadas à moradia popular e à infraestrutura que estavam programadas para o evento em função das chuvas torrenciais que haviam caído na região na semana anterior. Contraditoriamente, o mandatário negou a utilização da data como palco para a entrega de tais benefícios sociais ao povo cubano, afirmando que a referida efeméride servia apenas como incentivo para que as autoridades competentes redobrassem seus esforços no intuito de terminar as obras no menor período de tempo possível. Apesar das adversidades, em 26 de julho de 1960 Fidel Castro inaugurou a primeira das nove unidades que compunham a Cidade Escolar Camilo Cienfuegos, complexo educacional finalizado somente dois anos depois, também durante um evento em memória ao ataque à fortaleza de Santiago, em 26 de julho de 1962. Além do uso político da memória de um dos mais destacados líderes guerrilheiros do M 26-7, Camilo Cienfuegos, conhecido como *Señor de la Vanguardia*, o estadista vinculou a efeméride em questão a um local que não remetia ao assalto ao *Moncada*, ocorrido em 1953.

Esta fecha y este sitio son dos cosas que se juntan muy estrechamente en nuestro sentimiento y en nuestro recuerdo: 26 de Julio y Sierra Maestra (APLAUSOS); son dos nombres que han de pesar muy

hondamente en el corazón de cada uno de nosotros, porque antes de que pudiéramos alcanzar estas cosas, antes de que estas hermosas realidades de hoy tuviesen vida, antes de estas grandes victorias de nuestro pueblo, era aquel tiempo en que apenas comenzábamos, era aquel tiempo de los sueños de los primeros combatientes revolucionarios de nuestra generación [...] Y así empezó aquel esfuerzo hace apenas siete años. Aquel 26 de Julio de 1953 que fue la culminación del esfuerzo de un grupo de jóvenes llenos de ideales que se lanzaron hacia aquella lucha desigual y difícil. Y aquello no fue más que el inicio, el inicio de una lucha de siete años [...] Y así, aquel 26 de Julio fue para nosotros un minuto, en que cuando parecía culminar una lucha, cuando parecía culminar un esfuerzo para iniciar la batalla por la liberación de nuestro pueblo, no era el fin, sino el comienzo.⁴²⁵

Neste trecho, o 26 de julho de 1953 designa o início do “esforço” que conduziu, segundo Fidel Castro, ao triunfo da Revolução Cubana. Baseada na “desterritorialização” da memória do ataque à fortaleza de Santiago, sua interpretação transformou a derrota de 1953 em prelúdio da vitória de 1959, posto que *Moncada* não representaria o fim, mas o começo⁴²⁶ do que julgava ser a missão dos “jovens idealistas” que empreenderam uma “luta desigual” contra Batista. Suas palavras inverteram o sentido original do 26 de julho, que de derrota se converteu em preparação para a vitória, usando para isso os lugares associados à guerrilha a fim de relacionar “data” e “lugar”, isto é, 26 de julho e *Sierra Maestra*. Contudo, o assalto ao *Moncada* não apresenta relação evidente com o lugar evocado em sua fala pública, tendo em vista que o início da fixação dos guerrilheiros nas montanhas ocorreu em fins de 1956, três anos após o ataque ao quartel. Portanto, do ponto de vista cronológico, pode-se afirmar que existe mais descontinuidade do que continuidade entre 26 de julho e *Sierra Maestra*. Concebido com o intuito de legitimar a narrativa histórica que amalgamou o processo de formação, os anseios políticos e, mais importante, a adoção das “armas” pelo M 26-7 – simbolizada pela efeméride *moncadista* –, a narrativa castrista transformou o fracasso de 1953 no início da luta armada como tática responsável pela conquista do Estado pelos guerrilheiros em 1959.

O que Fidel Castro chamou de “sentimento” e “recordação” da guerrilha de *Sierra Maestra* expressa a luta armada como eixo temático através do qual ele desenvolveu suas reflexões. Centrada no mote das armas, sua narrativa amalgamou contextos históricos

⁴²⁵ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en conmemoración del VII aniversario del 26 de julio, en Las Mercedes, estribaciones de la Sierra Maestra, el 26 de julio de 1960.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f260760e.html>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

⁴²⁶ Em pronunciamento realizado no dia 26 de julho de 1961, Fidel Castro fez uma afirmação semelhante à do ano anterior ao dizer que “no 26 não acaba nada, no 26 começa tudo; no 26 começou a Revolução”. CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz...el 26 de julio de 1961**, op. cit.

distintos, produzindo no tempo presente de 1960 uma memória da Revolução Cubana que se baseou na história da guerrilha para construir uma linha cronológica capaz de conectar o 26 de julho à *Sierra Maestra*. Neste caso, comemorar a efeméride *moncadista* no lugar que abrigou a guerrilha equivale a deslocar a rememoração do assalto ao quartel de seu sítio original, dotando-a de sentidos construídos a partir de fatos posteriores ao ataque à fortaleza. Se em 1959 a referida data foi festejada através de uma grande concentração camponesa em Havana, alusiva aos *mambises* do século XIX, no ano seguinte, 1960, o evento *moncadista* ocorreu no local de formação da guerrilha, adotando o simbolismo associado à *Sierra Maestra* como base para interpretar o significado histórico do 26 de julho. Nos primeiros dois anos à frente do Estado cubano, Fidel Castro utilizou diferentes estratégias de memória com o objetivo de moldar as lembranças de *Moncada* ao contexto histórico do biênio 1959-1960. Neste sentido, a narrativa castrista substituiu o fracasso da insurreição de 26 de julho de 1953 pelo êxito da luta armada como estratégia legítima de conquista do poder pelos guerrilheiros do M 26-7.

Para se compreender a fundo o significado da efeméride *moncadista* é necessário analisar outros usos político-ideológicos da memória do 26 de julho nos pronunciamentos castristas. Em 1959, por exemplo, Fidel usou tal festividade para anunciar à multidão reunida em Havana sua reintegração ao cargo de primeiro ministro, ao qual renunciara alguns dias antes em virtude de desentendimentos com o presidente Manuel Urrutia⁴²⁷. Na companhia do ex-presidente mexicano Lazaro Cárdenas, convidado para o evento como prova de apoio internacional, o líder da guerrilha do M 26-7 transformou o dia em que os revolucionários relembavam o fracassado assalto ao quartel *Moncada* em palco para sua volta “triumfal” ao poder, representada em sua fala como uma escolha livre, democrática e soberana do povo cubano reunido na Praça da Revolução.

Al hablarles en estos instantes, la primera pregunta, la primera idea que me venía a la mente era preguntarme por qué tiene que pesar sobre un ciudadano igual que ustedes un peso tan grande de gratitud con su pueblo por las muestras excesivamente generosas que le han dado de cariño y adhesión (APLAUSOS) [...] Me preguntaba también por qué esa muestra de júbilo extraordinario al anunciarse que sencillamente acataba la voluntad del pueblo cuando me demandaba reintegrarme de nuevo al cargo de Primer Ministro [...] Y la única explicación lógica,

⁴²⁷ Fidel Castro se aproximou de Manuel Urrutia em 1957, quando o magistrado votou pela absolvição dos envolvidos na revolta popular de 30 de novembro de 1956 e no desembarque do iate *Granma* em Cuba, em 2 de dezembro do mesmo ano. Ao discordar da ditadura batistiana, Urrutia ganhou o respeito dos grupos opositores, motivo pelo qual ascendeu à presidência da república logo após o triunfo da Revolução. Nesta função, nomeou Castro comandante das Forças Armadas e sancionou a Lei Fundamental do Estado Cubano, responsável pela organização do Estado até 1976, quando se promulgou a primeira constituição socialista.

que no puede estar en la obra modesta que hasta aquí hemos realizado, la única explicación lógica de ese júbilo, es que el pueblo sabe perfectamente bien que a mí los cargos no me interesan (APLAUSOS); es que el pueblo sabe perfectamente bien que no estoy dispuesto a sacrificar un ápice de las conveniencias de la nación, que no estoy dispuesto a sacrificar un ápice de mi sentido del deber y del desinterés que me ha inspirado siempre en esta lucha, ni por el cargo de Primer Ministro ni por todos los cargos de Primer Ministro del mundo juntos (APLAUSOS). Porque el pueblo sabe que el cargo para nosotros es simplemente un lugar de sacrificio, un puesto de trabajo, es por lo que se explica únicamente ese júbilo, porque así reaccionan los pueblos: ¡Jamás están con los ambiciosos, jamás están con los interesados!, y jamás estarían pidiendo el regreso a un cargo a quien lo estuviera ambicionando, porque si de algo estaba cansada nuestra patria era de ambiciosos, era de gente interesada, de hombres que no eran capaces de sacrificarse por los intereses de la nación.⁴²⁸

Segundo Fidel Castro, a explicação “lógica” para o comportamento “carinhoso” e “alegre” do público que ouvia seu discurso não se relacionava às políticas colocadas em prática desde 1º de janeiro de 1959, consideradas uma “obra modesta” tendo em vista os poucos meses de seu governo. Investindo na tese de que o contato direto com o povo⁴²⁹ era a principal fonte de legitimidade do poder instalado na ilha após a ditadura batistiana, Castro explorou seu carisma pessoal ao sugerir que a população saiu às ruas de Havana mais em apoio a ele, pessoalmente, que à Revolução. Por trás de seu suposto desinteresse pelo cargo de primeiro ministro é possível notar um uso político-ideológico da efeméride *moncadista*, que neste caso serviu para o *comandante* reocupar o cargo exercido por ele entre 13 de fevereiro e 17 de julho de 1959. Ao sair do poder de forma repentina, gerando uma comoção nacional, o líder guerrilheiro de *Sierra Maestra* visava, no fundo, aumentar seus poderes, usando sua renúncia para pressionar o então presidente, a quem acusou de sabotar os programas sociais defendidos pelo M 26-7, a fazer o mesmo. Esta estratégia política objetivava isolar Manuel Urrutia e expulsar os grupos conservadores do governo, aumentando assim a possibilidade de Fidel Castro conseguir manejar as estruturas estatais sem a resistência dos setores liberais-democráticos que compuseram o gabinete nomeado logo após a deposição de Fulgêncio Batista.

⁴²⁸ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz...el 26 de julio de 1959**, op. cit.

⁴²⁹ Segundo Carlos Franqui, então diretor do jornal *Revolución*, Castro teria lhe dito as seguintes palavras ao justificar sua renúncia: “Problemas com o presidente. Não vou recorrer ao costumeiro golpe no estilo latino-americano. Irei direto ao povo, porque o povo saberá o que fazer. Você é o único que sabe algo a respeito, e quero que publique uma edição especial do jornal anunciando o fato. Interdite o local e não deixe escapar uma palavra. Você também podia imprimir um milhão de exemplares... sabe, com aquelas grandes manchetes que você tanto gosta”. FRANQUI, Carlos. **Retrato de família com Fidel**, op. cit., p. 57.

No dia 17 de julho de 1959, Fidel Castro comparecera ao programa televisivo *Ante la Prensa* para justificar sua renúncia e conclamar o povo cubano a ocupar as ruas do país em demonstração de apoio à sua figura. Diante disso, Manuel Urrutia se viu forçado a renunciar à presidência da república, sendo sucedido por Osvaldo Dorticós, que ocupou o cargo até 1976⁴³⁰, ocasião em que o próprio Castro o assumiu, permanecendo nesta função até 2006, quando se afastou em razão de problemas de saúde. No contexto histórico de meados de 1959, quando o governo formado após a dissolução da ditadura batistiana contava pouco mais de seis meses de existência, a substituição de Urrutia por Dorticós abriu espaço para a recondução de Fidel Castro ao posto de primeiro ministro, resultando em uma significativa ampliação de seus poderes políticos. No que tange à construção da memória oficial da Revolução Cubana, chama atenção o fato da efeméride *moncadista* ter sido usada para embasar a estratégia castrista de “reconquista” do Estado. Premeditada ou não, a comemoração do 26 de julho em 1959 serviu como palco para a tentativa do *comandante* voltar ao poder através da “aclamação” popular. Ao tentar se legitimar como autoridade máxima do processo revolucionário insular, Castro se valeu da memória do assalto ao quartel *Moncada* para angariar o apoio necessário à arriscada manobra política que o recolocaria no cargo de primeiro ministro em caso de êxito.

Para além da versão construída pela propaganda política oficial e pelos discursos de Fidel Castro, em especial o realizado no dia 26 de julho de 1959, sua renúncia ao cargo de primeiro ministro foi observada e compreendida de outras maneiras por agentes sociais coevos ao evento, conformando narrativas que criticaram as atitudes do líder guerrilheiro naquele contexto histórico. O próprio Urrutia, que de aliado se transformou em desafeto, interpretou a renúncia ocorrida em 17 de julho de 1959 como um “espetáculo grotesco”⁴³¹ de usurpação do poder, se referindo a Fidel Castro como “ditador”⁴³². Escritas quando se encontrava asilado na embaixada da Venezuela em Havana, as memórias do ex-presidente enfatizaram o que ele julgava ser um conflito entre “democracia militante” e “comunismo escravizador”⁴³³, ocasião em que classificou a renúncia do líder do M 26-7 como um golpe de Estado que manipulou a opinião pública com o propósito de criar um

⁴³⁰ Após sua saída da presidência da república, Osvaldo Dorticós desempenhou as funções de vice-presidente do conselho de ministros, membro do conselho de Estado, ministro da Justiça, deputado da Assembleia Nacional do Poder Popular (ANPP) e integrante do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba (PCC).

⁴³¹ URRUTIA, Manuel. *Fidel Castro y Compañía*, S. A, op. cit., p. 69.

⁴³² Idem, p. 81.

⁴³³ Idem, p. 9.

“totalitarismo arbitrário e anacrônico”⁴³⁴. Para embasar suas opiniões, Urrutia reivindicou o direito do povo cubano de “resistir” através das armas à “tirania e opressão” representadas pelo regime comandado por Fidel Castro, alegando se tratar do mesmo direito político que ele defendera enquanto juiz ao absolver os envolvidos na sublevação popular de Santiago e no desembarque do iate *Granma* em Cuba, acontecimentos ocorridos em 30 de novembro e 2 de dezembro de 1956, respectivamente⁴³⁵.

Ao refletir sobre seu papel político no primeiro semestre de 1959, quando teria tentado renunciar à presidência em diferentes ocasiões, sendo dissuadido desta decisão pelo conselho de ministros e pelo próprio Castro, Urrutia elaborou a seguinte reflexão:

Ningún hombre ha llegado a la presidencia en condiciones más difíciles que yo. Sólo tenía el poder nominal; todo el poder real, tanto político como militar, lo tenía Fidel Castro. Él estaba respaldado no sólo por su prestigio personal, sino por su organización revolucionaria, por el ejército rebelde y por el fervor popular. Aún más, yo mismo estaba dispuesto a colaborar lealmente con la revolución y con él mismo. Desde luego, en el cumplimiento de lo que se había prometido al pueblo.⁴³⁶

Poucas páginas depois, o primeiro presidente de Cuba após o triunfo da Revolução concluiu suas reflexões da seguinte maneira:

A Castro le era fácil preparar las condiciones para tomar el poder em sus manos de modo cabal. Utilizó un procedimiento doble. Por una parte, torpedeaba la labor de los ministros; es decir, en vez de ayudar al gobierno, tan necesitado de su cooperación, obstaculizaba sus gestiones, ya de suyo difíciles; y, por otro, iba a los micrófonos a criticar y desautorizar al gobierno. En esta crítica era coreado por parte de la prensa, en la que había buena y mala intención, y además no sabía la camisa de fuerza que le esperaba.⁴³⁷

Em consonância com as opiniões de Urrutia acima citadas, Carlos Franqui, outra voz crítica dos rumos tomados pela Revolução Cubana, abordou os eventos posteriores à renúncia de Fidel Castro através da seguinte ponderação:

O verdadeiro resultado da queda de Urrutia foi fazer com que alguns de nós descobríssemos que existia um conflito entre a decisão da maioria e a justiça individual. Urrutia estivera sempre numa situação

⁴³⁴ Idem, p. 12.

⁴³⁵ Idem, p. 15, 25.

⁴³⁶ Idem, p. 43.

⁴³⁷ Idem, p. 47.

insustentável. Nunca foi presidente, simplesmente porque Fidel sempre deteve todo o poder. Ele tinha que perder por que Fidel não o deixaria fazer nada de jeito nenhum. A ideia de que estivesse “a ponto de cometer traição” era absurda, uma injustiça. Um perigoso precedente havia sido aberto, e nada fizemos a respeito. Fidel arrumou as coisas com um *fait accompli*. Urrutia não teve uma chance de defesa e foi obrigado a fugir, disfarçado de leiteiro. A única “evidência” um dia apresentada contra ele veio na forma de uma afirmação de seu secretário Olivares, que disse ter ouvido Urrutia dizer certas coisas. Total disse-me-disse. Bem, esta pode ter sido a primeira grande mentira que engolimos, mas certamente não foi a última.⁴³⁸

A partir das evidências analisadas, entendemos que o 26 de julho se consolidou como uma das mais importantes datas comemorativas do calendário cívico revolucionário por conseguir sintetizar o protagonismo atribuído por Castro e seu governo à luta armada durante o período insurrecional (1953-1959). Inscrita na “máquina da memória” criada a partir de 1959, a efeméride *moncadista* legitimou o papel histórico imputado à guerrilha e, paralelamente, à voz de autoridade representada por um orador que também se portou como testemunha ocular da história. Neste sentido, a memória oficial do assalto ao quartel *Moncada* conseguiu hierarquizar as distintas lutas armadas praticadas ao longo dos anos 1950 contra a ditadura de Fulgêncio Batista, conferindo protagonismo à do M 26-7 diante de outras agremiações político-ideológicas que assim como os guerrilheiros de *Sierra Maestra* também se opuseram ao regime batistiano por meio das armas, a exemplo dos setores urbanos do M 26-7, chamados de luta clandestina, e do Diretório Revolucionário (DR) e seu braço armado, conhecido como Frente de Escambray, liderada por Faure Chomón⁴³⁹. Levando em consideração a rivalidade do M 26-7 com outras forças políticas da antiga oposição ao governo de Batista, pode-se afirmar que a efeméride *moncadista* revela, indiretamente, uma série de tensões, disputas, apropriações e imposições que marcaram a política insular após o triunfo da Revolução Cubana.

Uma das ocasiões que revelam os choques entre distintas forças políticas se refere justamente ao uso da efeméride *moncadista* como cenário para a volta “triumfal” de Castro ao poder após um breve hiato de tempo. Além de revelar a centralidade das lembranças da luta armada na propaganda política oficial, tal apropriação demonstra como a memória da guerrilha foi usada pelo Estado para justificar o monopólio do direito à fala pública e, conseqüentemente, a supressão de tal direito dos adversários da Revolução, fato que pode

⁴³⁸ FRANQUI, Carlos. **Retrato de família com Fidel**, op. cit., p. 58.

⁴³⁹ Para uma análise da rivalidade entre a guerrilha do M 26-7 e demais grupos políticos inscritos na oposição ao regime batistiano ver FRANQUI, Carlos. **Retrato de família com Fidel**, op. cit., p. 32, 39, 41.

ser atestado por duas passagens das memórias de Urrutia. A primeira se refere à possível reação do então presidente cubano ao discurso realizado por Castro na televisão na noite de 17 de julho de 1959. Urrutia negou que tivesse solicitado os estúdios televisivos para rebater as acusações de Castro, alegando que desistiu da ideia pois se encontrava isolado e, portanto, impossibilitado de participar de um debate em igualdade de condições, visto que seu opositor contava com amplo apoio popular além de respaldo dos meios de comunicação⁴⁴⁰. A segunda passagem neste sentido se refere à negação do direito de fala a Urrutia durante o festejo da efeméride *moncadista* em 1959. Tendo em vista que não pôde se pronunciar publicamente sobre a renúncia de Castro após o ato televisionado de 17 de julho, o ex-presidente cubano afirmou que pretendia fazê-lo durante a comemoração oficial que ocorreria logo a seguir, no dia 26 de julho, tendo sido impedido por força das circunstâncias políticas adversas que enfrentava⁴⁴¹.

Além das memórias “dissidentes” escritas por Urrutia, personagem do alto escalão do poder em Cuba após o triunfo da Revolução, uma série de intelectuais⁴⁴² buscaram interpretar a política insular dos anos 1950. Um deles, o argentino Silvio Frondizi, elegeu o assalto ao palácio presidencial⁴⁴³, ocorrido em 13 de março de 1957, como ponto de partida do processo revolucionário insular. Diferentemente da versão estatal criada após 1959, que elegeu o assalto ao quartel *Moncada*, ocorrido em 26 de julho de 1953, como início da Revolução Cubana, o fundador do *Movimiento Izquierda Revolucionaria* sequer mencionou em suas reflexões o ataque à fortaleza de Santiago, tendo escolhido o atentado organizado por José Antonio Echeverría, líder do Diretório Revolucionário (DR), como o fato histórico mais relevante do período insurrecional (1953-1959). Em outras palavras, Silvio Frondizi elegeu o 13 de março para simbolizar a luta armada, e não o 26 de julho, discrepância que revela como os significados atribuídos ao passado recente da ilha ainda não haviam se consolidado logo após o fim da ditadura batistiana. Antes de se cristalizar através de uma narrativa unívoca e teleológica, a interpretação do socialista argentino demonstra que a memória da Revolução Cubana permaneceu aberta a interpretações elaboradas por atores sociais que utilizaram marcos temporais diferentes dos empregados nos discursos de Fidel Castro e na propaganda política de seu governo.

⁴⁴⁰ URRUTIA, Manuel. **Fidel Castro y Compañía, S. A.**, op. cit., p. 81.

⁴⁴¹ Idem, p. 64.

⁴⁴² Cf. NÚEZ, Iván de la. **Fantasia roja**. Barcelona: Debolsillo, 2010; VIDAL, Adriane. **Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa**. São Paulo: Alameda, 2013.

⁴⁴³ FRONDISI, Silvio. **La Revolución Cubana, su significación histórica**, op. cit., p. 49.

Embora não configure uma divergência política entre Frondizi e a Revolução Cubana, tendo em vista que o autor apoiava o governo encabeçado por Fidel Castro, tal diferença no campo da memória revela percepções históricas distintas no que se refere aos marcos temporais utilizados para a compreensão da política insular dos anos 1950. Em outra passagem de suas reflexões, o intelectual argentino afirmou que o assalto ao palácio presidencial configurou o início de profundas mudanças socioeconômicas em Cuba, sendo que o fim deste processo teria acontecido com a entrada dos rebeldes em Havana. Segundo o autor, o 13 de março de 1957 e o 1º de janeiro de 1959 apresentavam características militar e política⁴⁴⁴, respectivamente. Mais uma vez, nota-se que o assalto ao *Moncada* foi suprimido da cronologia elaborada por Frondizi, indicando uma narrativa alternativa àquela que vinha sendo construída pelo Estado cubano após 1959, baseada no protagonismo dos guerrilheiros de *Sierra Maestra*. Se nas reflexões de Frondizi a ação armada levada a cabo por Echeverría foi enaltecida por seu valor militar, na propaganda governamental, diferentemente, o 13 de março de 1957 passou a figurar como prelúdio da vitória atribuída à guerrilha do M 26-7, grupo político que disputou com o Diretório Revolucionário (DR) o controle das oposições ao regime autoritário de Fulgêncio Batista e, posteriormente, do governo formado com a sua destituição do poder.

Indiretamente, Frondizi “desmilitarizou” a guerrilha de *Sierra Maestra* enquanto estratégia de conquista do poder ao afirmar que o 1º de janeiro de 1959 não representou a tomada do Estado pela via revolucionária, mas um fato inscrito no universo da política. Mesmo não almejando depreciar os esforços empreendidos pelos combatentes do M 26-7, tal percepção destoa da memória oficial baseada na exaltação dos guerrilheiros sob o mando de Fidel Castro. Desmilitarizar o imaginário da Revolução Cubana⁴⁴⁵ equivale a relativizar a centralidade da guerrilha na narrativa estatal elaborada para explicar a derrocada da ditadura batistiana. Ao suprimir o 26 de julho e inserir o 1º de janeiro numa dimensão política, a reflexão de Silvio Frondizi diminuiu a relevância atribuída ao núcleo de *Sierra Maestra* como único fator capaz de explicar a derrota de Fulgêncio Batista. Sua perspectiva sugere outras datas como marcos históricos representativos da Revolução Cubana, podendo ser entendida como uma memória do período insurrecional (1953-

⁴⁴⁴ Idem, p. 65.

⁴⁴⁵ No âmbito das ciências humanas, algumas obras apresentaram interpretações nessa direção, colocando em destaque outros grupos e agentes político-sociais que, paralelamente à guerrilha de *Sierra Maestra* do M 26-7, contribuíram de forma decisiva para o triunfo da Revolução Cubana. Cf. BAMBIRRA, Vania. **La Revolución Cubana, una reinterpretación**. Cidade do México: Nuestro tiempo, 1974; WINOCUR, Marcos. **Las clases olvidadas en la Revolución Cubana**. Buenos Aires: Contrapunto, 1987.

1959) que não emanou ou se consolidou a partir do Estado. Destoando da versão difundida pelos manuais de história do Partido Comunista de Cuba (PCC), Frondizi não se pautou na militarização, isto é, na ideia de que as injustiças sociais foram resolvidas por meio das armas, sem mediações políticas. Em síntese, seu olhar estrangeiro sobre a realidade insular demonstra que outras versões sobre o passado cubano ainda eram possíveis no começo dos anos 1960.

Ao longo deste item demonstramos que os discursos de Fidel Castro atribuíram ao assalto ao *Moncada* o início da luta armada contra Fulgêncio Batista, reforçando a guerrilha de *Sierra Maestra* como fonte de legitimidade do governo formado após 1959. Evidenciamos também que o 26 de julho adquiriu significados como resistência e revés, os quais ajudaram a consolidá-lo como uma das mais relevantes datas comemorativas do calendário cívico revolucionário, contribuindo para a formação da narrativa estatal de que a luta armada estrutura uma linha histórica ininterrupta entre a primeira tentativa de independência de Cuba, o *Grito de Yara* (1868), e o triunfo da Revolução (1959). Eleito ponto de partida das “armas”, o 26 de julho transformou-se, após 1959, num dos marcos cronológicos escolhidos pelo Estado para representar a cisão entre passado e presente, tornando-se um símbolo a partir do qual Fidel Castro formulou suas reflexões sobre a história insular. Para além do evento em si, o ataque ao *Moncada*, a efeméride criada a partir dele se transformou no tema das apropriações que Castro fez do 26 de julho, a exemplo da “desterritorialização” da memória e da utilização do dia em que os revolucionários lembravam o assalto à fortaleza de Santiago como cenário ideal para sua volta ao poder após a renúncia ao cargo de primeiro ministro, quando alegou divergências com o então presidente da república.

4.3. Revolução no poder: as lutas armadas revolucionária e contrarrevolucionária entre comparações, lembranças e esquecimentos

Após analisarmos o papel das lembranças da luta armada nos discursos castristas que abordaram os contextos históricos relativos às guerras independentistas (1868-1895) e ao período insurrecional (1953-1959), este item enfocará como Fidel mobilizou o tema das “armas” para reivindicar (a memória) da guerrilha não apenas enquanto estratégia política de conquista, mas também de manutenção do poder pelos revolucionários. Após 1959, a memória da guerrilha operou como elemento de legitimação do governo cubano, servindo tanto para divulgar à opinião pública a tese de que a luta armada foi a única

estratégia responsável pelo êxito da Revolução quanto para inculcar na população a ideia de que a luta armada continuava sendo necessária para resistir aos ataques militares promovidos pelos inimigos internos e externos do governo chefiado por Fidel Castro. Tendo isso em vista, interessa-nos a partir de agora analisar como a memória das “armas” foi empregada após a deposição de Fulgêncio Batista para representar um “governo guerrilheiro”, isto é, uma proposta de soberania política baseada na ideia de que o povo armado⁴⁴⁶ legitimava o regime criado em 1959 e o papel de Castro à frente do Estado e do Partido Comunista de Cuba (PCC), e não as leis e a institucionalidade, elementos que só começariam a ser reivindicados em prol do sistema socialista insular após 1976, quando da promulgação da primeira constituição desde o triunfo da Revolução.

Um dos contextos históricos em que a defesa veemente das “armas” se manifestou nos discursos de Fidel diz respeito à batalha de *Playa Girón*⁴⁴⁷ ou Baía dos Porcos⁴⁴⁸ (17-19 de abril de 1961), que consistiu no desembarque em solo cubano de grupos militares anticomunistas treinados, equipados e financiados pelos EUA através da Agência Central de Inteligência (CIA). Os preparativos para a invasão da ilha envolveram eventos como o incêndio da loja *El Encanto*, em Havana, em março de 1961, e os bombardeios das bases aéreas de *San Antonio de los Baños* e *Ciudad Libertad*, além do aeroporto Antonio Maceo, em Santiago, realizados em 15 de abril. Em razão do cortejo em homenagem às vítimas deste atentado, celebrado poucas horas antes da invasão à ilha, no dia 16 de abril, Fidel Castro declarou publicamente o caráter socialista da Revolução Cubana. Para além da defesa das transformações colocadas em prática desde 1959, tal medida visava gerar engajamento popular na resistência a uma eventual invasão, que não tardou a ocorrer. Na madrugada do dia seguinte, 17 de abril, chegaram a Cuba as embarcações que levavam a

⁴⁴⁶ CORRARELLO, Ana. **Fidel Castro**. De la etapa fundacional al proyecto socialista soviético, op. cit., p. 113.

⁴⁴⁷ Cf. CASCORRO, Raúl. **Gente de Playa Girón**. Havana: Casa de Las Americas, 1962; CHAVEZ, Clara; MEDINA, Dulce; ALMOHALLA, Saul (orgs.). **Girón**. Biografía de la Victoria. Havana: Política, 1986; CORRALES, Raul. **Playa Girón**. Havana: Letras Cubanas, 1985; CORRALES, Saúl; TORRES, Carlos (ed.). **Girón**. Los días gloriosos de una batalla. Valencia: Aurelia, 2007; FRANCHOSI, Gabriel Molina. **Girón, Bahía de Cochinos**. El mayor error de Kennedy. Havana: Política, 2011; MACHADO, Quintín. **La batalla de Girón**. Razones de una victoria. Havana: Ciencias Sociales, 1983; MACÍAS, Raúl. **Girón: historia verdadera de la brigada 2506**. Havana: Letras Cubanas, 1976; MARRERO, Josué. **Relatos de Girón**. Havana: Letras Cubanas, 1982; MAYO, José. **Niños héroes de Playa Girón**. Havana: Gente Nueva, 1983; MOLINA, Gabriel. **Diario de Girón**. Política, 1984; PINO, Rafael del. **Amanecer en Girón**. Havana: Letras Cubanas, 1982; RODRÍGUEZ, Juan. **Girón: la batalla inevitable**. La más colosal operación de la CIA contra Fidel Castro. Havana: Capitán San Luis, 2010.

⁴⁴⁸ Cf. JOHNSON, Haynes. **The Bay of Pigs: The Leaders' Story of Brigade 2506**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1964; TRIAY, Victor. **Bay of Pigs**. An oral history of brigade 2506. Miami: University Press of Florida, 2020; WYDEN, Peter. **The Bay of Pigs: the untold story**. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1979.

bordo os cerca de 1500 membros da Brigada 2506 com o objetivo de depor Fidel Castro do poder. Com o intuito de orientar presencialmente suas tropas, o *comandante* dirigiu-se à região do desembarque, Ciénaga de Zapata, na província de Matanzas. Graças à rápida mobilização popular, em menos de 72 horas seus inimigos foram encurralados até caírem prisioneiros, encerrando a batalha em favor do governo socialista⁴⁴⁹.

Segundo Carlos Franqui, uma das lideranças do M 26-7 e então diretor do jornal *Revolución*, a vitória das milícias revolucionárias na batalha de *Playa Girón*⁴⁵⁰ elevou o “prestígio” de Cuba às “alturas”, mas também ocasionou um “desastre” dentro da ilha, pois intensificou a repressão do Estado aos grupos políticos dissidentes e opositores, com destaque para as “prisões indiscriminadas em massa” dos antigos integrantes da luta clandestina do M 26-7, dos sindicalistas independentes, dos católicos, dos membros do Partido do Povo Cubano (PPC), conhecido como Partido Ortodoxo, além de profissionais liberais e camponeses⁴⁵¹. No que se refere ao comportamento de Fidel Castro,

A vitória em Playa Girón desencadeou o ódio reprimido que Fidel tinha por tudo o que não fosse obediência, trabalho, comunismo oficial e força militar baseada no culto a um homem. Os sindicatos foram eliminados, os milicianos inseridos em tropas do exército regular e surgiu um Partido Comunista de elite. Como uma cultura poderia existir em tal sociedade? A morte histórica de uma revolução nova e livre já havia começado.⁴⁵²

Ainda segundo o relato de Franqui, que testemunhou o combate de *Playa Girón* na companhia de Fidel Castro, após a vitória das milícias revolucionárias sobre os grupos expedicionários financiados pela CIA o mandatário teve a ideia de expor os prisioneiros sob o poder do Estado cubano em rede nacional de televisão, ideia que o então diretor do jornal *Revolución*, órgão de imprensa do M 26-7, afirmou ter discordado inicialmente. Convencido da necessidade do ato, coube a Franqui persuadir alguns dos integrantes da Brigada 2506 a participarem de um julgamento público, o que só teria ocorrido em virtude da garantia dada aos prisioneiros de que não seriam fuzilados, e que durante o julgamento haveria uma “discussão franca e aberta”⁴⁵³ entre eles e Fidel Castro.

⁴⁴⁹ Para análises do julgamento dos prisioneiros e das negociações entre Cuba e EUA ver PERÉZ, Eugenio; ROMAN, Acela. **Batalla por la indemnización**. La segunda victoria de Girón. Havana: Verde Olivo, 2016; S/A. **Historia de una agresión**. El juicio a los mercenarios de Playa Girón. Havana: Venceremos, 1962.

⁴⁵⁰ Para análises da memória da batalha nas falas castristas ver RODRIGUES, Bruno Romano. Memórias da Batalha de *Playa Girón*, op. cit.; Idem. A memória de *Playa Girón* e o socialismo cubano, op. cit.

⁴⁵¹ FRANQUI, Carlos. **Retrato de família com Fidel**, op. cit., p. 130.

⁴⁵² Idem, p. 136-137.

⁴⁵³ Idem, p. 128.

As discussões foram realmente formidáveis. Os invasores perderam não só a batalha como também o debate [...] a maioria dos prisioneiros, mesmo após terem dito coisas um tanto duras ao próprio Fidel, acabaram aplaudindo-o – pela televisão, numa transmissão vista em todo o mundo. [...] Levando-se em conta que os invasores perderam bem menos homens que nós, se se considerar que os prisioneiros passaram bem pouco tempo na prisão, ver-se-á que Fidel Castro conduziu todo o negócio com uma presença de espírito muito maior do que controlou o resto da população da ilha. [...] Era uma manobra de propaganda, e isso funcionou.⁴⁵⁴

Em 26 de abril de 1961, sete dias após a batalha de *Playa Girón*⁴⁵⁵, Fidel Castro comandou o “diálogo”⁴⁵⁶ com os prisioneiros que estavam sob poder do Estado cubano. Ocorrido na Cidade Esportiva de Havana e televisionado em tempo real para todo o país, o evento midiático acabou se transformando em um palanque para a defesa da Revolução, da guerrilha de *Sierra Maestra* e da recente adesão ao socialismo. Durante o julgamento, o dirigente procurou explorar a vulnerabilidade jurídica dos “contrarrevolucionários”, então submetidos a condições de defesa praticamente nulas e tendo que se adequar ao cenário montado para que o líder vitorioso se agigantasse diante de seus adversários. Chamados pelo mandatário de “interrogatórios democráticos”, os diálogos entre Castro e os expedicionários da Brigada 2506 revelam os esforços empreendidos pelo Estado insular no sentido de incriminar seus opositores por meio de um espetáculo público de grande repercussão popular. Isso pode ser notado nas passagens em que o *comandante* comparou os desembarques de *Playa Girón* (1961) e *Granma* (1956) a fim de estabelecer nexos entre acontecimentos históricos representativos das lutas armadas consideradas “contrarrevolucionária” e “revolucionária”, respectivamente.

⁴⁵⁴ Idem, p. 129.

⁴⁵⁵ Para compilações dos discursos de Fidel Castro sobre a batalha de *Playa Girón* ver CASTRO, Fidel. **Así se derrotó al imperialismo**. Tomos I (*Preparando la Defensa*) e II (*El Combate y la Victoria*). Cidade do México: Siglo Veintiuno, 1978; CASTRO, Fidel; FERNÁNDEZ, José Ramón. **Playa Girón**. Bahía de los Cochinos. Primera derrota militar de Washington em América. Nova Iorque: Pathfinder, 2001; PÉREZ, Eugenio; ROMÁN, Acela. **Fidel: Días de Girón**. Havana: Verde Olivo, 2001; CASTRO, Fidel. **Fidel Castro habla de Playa Girón**. Melbourne: Ocean Press, 2001.

⁴⁵⁶ Os “diálogos” entre Fidel Castro e os prisioneiros da Brigada 2506 são aqui entendidos como documentos que registram mais do que as opiniões do mandatário sobre o desembarque de *Playa Girón*, visto que permitem um confronto raro, para não dizer inédito, entre sua narrativa histórica e a de seus adversários. Embora não seja um discurso político convencional como os analisados até agora, tais “diálogos” podem ser enquadrados no conceito de fala pública discutido em profundidade no primeiro capítulo, uma vez que foram difundidos através de diferentes meios de comunicação, alcançando grande parte da opinião pública cubana. Por tais motivos, consideramos viável e necessária a incorporação desta fonte “dialogada” ao corpo documental formado por pronunciamentos de Fidel Castro enquanto estadista.

DR. CASTRO: Usted [em direção a um expedicionário apreendido na Batalha de *Playa Girón*] recordará lo que pasó en el “Granma”: los prisioneros fueron hechos, igual que ustedes, dispersos, con sed, con hambre; no les dieron agua, no les dieron comida, los asesinaron. Usted recordará lo que pasó con el *Corinthia*, treinta y tantos prisioneros, no se salvo uno solo, no les dieron comida, no les dieron agua, los asesinaron. ¿Quién mandaba aquel ejército?⁴⁵⁷

No trecho acima citado a batalha de *Playa Girón* foi comparada por Fidel Castro a outras duas expedições marítimas anteriores. A primeira, o *Granma*⁴⁵⁸, foi organizada pelo próprio Castro com o objetivo de desembarcar em Cuba para combater a ditadura de Fulgêncio Batista através das armas. Durante seu exílio no México, após o fracassado assalto ao quartel *Moncada*, o então líder do M 26-7 adquiriu um iate usado até aquele momento apenas em navegações esportivas a fim de realizar a travessia do Mar do Caribe. Após realizar algumas adaptações de modo a transportar a maior quantidade possível de armas, tripulantes e suprimentos, os combatentes saíram do porto de Tuxpán e iniciaram uma viagem de quase uma semana até que a embarcação chegasse à região de *Las Coloradas*, no dia 2 de dezembro de 1956. Os imprevistos ocasionaram a perda do efeito surpresa pretendido, tornando vulneráveis os expedicionários que quase chegaram a ser dizimados no combate de *Alegría de Pío*, alguns dias depois. A curto prazo, os danos político-militares causados aos guerrilheiros pareciam irreversíveis, tendo em vista que a maior parte dos integrantes saídos do México não sobreviveu ao desembarque, sendo que apenas doze conseguiram chegar à *Sierra Maestra* para iniciar a formação de um núcleo armado, entre eles Fidel e Raul Castro, Ernesto “Che” Guevara, Camilo Cienfuegos, Juan Almeida Bosque, Faustino Pérez e Ciro Redondo.

Ocorrida em 28 de maio de 1957, a segunda expedição marítima citada por Fidel Castro no interrogatório público dos expedicionários contrarrevolucionários se refere ao iate *Corynthia*⁴⁵⁹, que atracou na zona montanhosa de Cabonico, no município de Mayarí. Sob a chefia de Juan Calixto Sánchez White, piloto de avião cubano-escocês veterano da segunda guerra mundial e um dos envolvidos no assalto ao Palácio Presidencial ocorrido em março daquele ano, os integrantes do *Corynthia* almejavam organizar um núcleo armado de resistência à ditadura batistiana, assim como o de *Sierra Maestra* começava a

⁴⁵⁷ CASTRO, Fidel. “Democráticamente se somete Fidel Castro a un interrogatorio de sus prisioneros”. In: CASTRO, Fidel. **Fidel Castro habla de Playa Girón**, op. cit., p. 97.

⁴⁵⁸ CERULIA, Georgina; ALCÁZAR, Ofelia. **Granma: rumbo a la libertad**. Havana: Gente Nueva, 1983; HERRERA, Alberto. **El Granma: la aventura del siglo**. Havana: Capitán San Luis, 1990.

⁴⁵⁹ LEON, Alain de; SAÍZ, Jaime. **Crónica de una expedición denunciada: El Corinthia, 1957**. USA: ACÚ, 2018.

se tornar. Organizada a partir de Miami, nos EUA, a expedição marítima composta por jovens integrantes do Partido Revolucionário Cubano (PRC), conhecido como Partido Autêntico, contava com apoio e financiamento do ex-presidente Carlos Prío Socarrás, uma das principais lideranças políticas durante os anos 1940 e 1950. Após o desembarque, realizado sem grandes percalços, os combatentes liderados por Sánchez White decidiram marchar em direção à *Sierra Cristal*, localizada ao sul da província de Holguín. A certa altura do trajeto, foram surpreendidos por uma emboscada das tropas de Batista, caindo prisioneiros do regime que desejavam destruir, e sem direito de defesa. Logo em seguida, ocultamente, o alto comando das forças armadas cubanas decidiu de forma extrajudicial pela aplicação da pena de morte coletiva, o que resultou no assassinato sumário de todos os envolvidos no desembarque do iate *Corynthia*.

Pouco tempo após o triunfo da Revolução, quando o desembarque dos militantes do Partido Autêntico completava seu segundo aniversário, o então primeiro ministro Fidel Castro aproveitou o ensejo para proferir um discurso em homenagem ao *Corynthia*. No cemitério *Colón*, em Havana, em 28 de maio de 1959, ocorreu uma cerimônia pública de sepultamento dos restos mortais dos expedicionários assassinados a sangue frio pelo regime de Batista. Ali, Castro buscou conectar as expedições marítimas simbolizadas pelos iates *Granma* e *Corynthia*, afirmando que os guerrilheiros do M-26-7 realizaram um ataque armado ao quartel de *El Uvero* no mesmo dia do desembarque do *Corynthia*, 23 de maio de 1957, com o objetivo de distrair as forças batistianas. Segundo sua versão, os guerrilheiros de *Sierra Maestra* visavam colaborar para um desembarque seguro dos expedicionários que chegavam a Cuba, de modo que o grupo liderado por Sánchez White conseguisse penetrar em solo cubano sem sofrer perseguição das tropas leais à ditadura. Além dos nexos estabelecidos entre os iates *Granma* e *Corynthia*, Fidel Castro também relacionou o desembarque dos membros do Partido Autêntico à primeira vitória militar do M 26-7 após a chegada a Cuba, em fins de 1956. Para tanto, sustentou a tese de que o exército de Batista assassinou White e seus companheiros com o intuito de “fingir uma vitória”⁴⁶⁰, divulgando à opinião pública a ideia de que a derrota de *El Uvero* “havia sido compensada com uma grande vitória contra os expedicionários do *Corinthia*”⁴⁶¹.

⁴⁶⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, durante la inhumación de los restos de los expedicionarios del “Corinthia”, en el Cementerio de Colón, el 28 de mayo de 1959.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f280559e.html>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

⁴⁶¹ Idem.

Esta digressão sobre os desembarques de grupos políticos contrários a Batista, um em 2 de dezembro de 1956 e outro em 28 de maio de 1957, ambos durante o período insurrecional (1953-1959), ajuda a compreender os diálogos entre Castro e os integrantes da fracassada expedição de *Playa Girón* aprisionados em Cuba desde o fim da batalha, em 19 de abril de 1961. A argumentação do mandatário utilizou a memória da guerrilha de *Sierra Maestra* para atribuir significado às ações de seus inimigos, estratégia que visava transformar a legitimidade da luta armada no centro do debate sobre a conquista do poder. Neste sentido, Fidel Castro fez uso da memória da guerrilha do M 26-7 com o propósito de estabelecer distinções quanto à natureza do que ele julgava ser duas formas radicalmente opostas de luta armada: “revolucionária” *versus* “contrarrevolucionária”. Tal procedimento criou duas narrativas em paralelo, uma complementando a outra de forma a potencializar os argumentos em prol da legitimidade do socialismo cubano. Por um lado, a memória das “armas” foi usada para legitimar o papel dos guerrilheiros do M 26-7, considerados artífices de uma nova era na história da ilha. Por outro, esta mesma memória das “armas” também serviu para deslegitimar o desembarque ocorrido em *Playa Girón*, tática empregada pelos adversários políticos da Revolução Cubana.

Neste aspecto, nota-se a importância histórica atribuída por Castro às expedições dos iates *Granma* (1956) e *Corynthia* (1957), com destaque para a primeira delas, a qual ele organizou, liderou e sobreviveu, além do que seus integrantes chegaram ao poder em 1959, diferentemente do grupo liderado por Sánchez White, do qual ninguém saiu vivo. Em primeiro lugar, a comparação do estadista entre as duas expedições marítimas contra Batista e a de *Playa Girón* (1961) objetivava atribuir superioridade político-moral aos guerrilheiros do M 26-7 e do Partido Autêntico sobre a ação armada protagonizada pela Brigada 2506. Em segundo lugar, o paralelo feito por Fidel Castro entre os desembarques “revolucionários” e “contrarrevolucionário” também almejava atribuir superioridade político-moral ao seu governo, que segundo ele tratava seus inimigos com dignidade, ao contrário de Batista, que mandara fuzilar os expedicionários do *Granma* e do *Corynthia* quando estes já se encontravam desarmados e rendidos. Ainda segundo o mandatário, as dificuldades enfrentadas pelos sobreviventes do *Granma*, representadas pela tríade sede-fome-assassinatos, demonstravam a capacidade de resistência dos guerrilheiros de *Sierra Maestra*, assim como a superioridade de suas práticas e ideais em comparação com os grupos anticastristas desembarcados na região de *Playa Girón* em abril de 1961.

Na segunda passagem do interrogatório dos prisioneiros de *Playa Girón* em que Fidel Castro comparou os desembarques “revolucionário” e “contrarrevolucionário”, sua

argumentação extrapolou os contextos históricos nos quais tais expedições ocorreram, apelando para a centralidade da luta armada do M 26-7 representada pelo *Granma*.

[...] ¿Sabe usted que cuando el desembarco del “Granma” nosotros nos quedamos doce hombres? [...] ¿Ustedes saben lo que es la sed, ustedes saben lo que es el hambre, ustedes saben lo que son los pantanos? (LOS PRISIONEROS RESPONDEN AFIRMATIVAMENTE). Pues yo quiero que ustedes sepan que nosotros desembarcamos en Belic, en una zona absolutamente pantanosa, y que después de siete días de navegación, en que se nos agotó el agua y se nos agotaron los alimentos [...] quedamos doce hombres en la zona de Belic, que es pantanosa, que son bosques como esos que ustedes conocieron, donde faltaba agua, faltaba alimento; y que nosotros, sin ayuda exterior alguna, seguimos luchando y seguimos luchando, hasta alcanzar la victoria al cabo de veinticinco meses⁴⁶².

Do ponto de vista da intencionalidade, as expedições do *Granma* e de *Playa Girón* podem ser consideradas desembarques militares realizados com a intenção de iniciar lutas armadas contra os regimes políticos vigentes em seus respectivos contextos históricos, separados apenas por cinco anos. A despeito de tais ações visarem a conquista do Estado através das armas, a construção da memória oficial do regime socialista buscou legitimar o desembarque dos guerrilheiros do M 26-7 (1956) e, conseqüentemente, deslegitimar o desembarque dos expedicionários anticastristas (1961). Para tanto, no excerto discursivo acima citado, Fidel Castro dividiu a luta armada em duas vertentes. De um lado estariam os assim chamados mercenários, que segundo ele se encontravam a serviço dos interesses dos “exploradores” apoiados pelos EUA. Do outro lado estaria o M-26-7 e sua “guerrilha revolucionária” organizada sem “ajuda externa”⁴⁶³, apoiada segundo ele pela maioria do povo cubano. Representada mais uma vez através da tríade sede-fome-assassinatos, as lembranças das dificuldades enfrentadas pelos expedicionários do *Granma* traduziam o espírito heroico dos doze homens⁴⁶⁴ que teriam iniciado a Revolução Cubana “sozinhos”. Segundo se infere das palavras de Fidel Castro, tal virtude legitimava a guerrilha de *Sierra*

⁴⁶² CASTRO, Fidel. “Democráticamente se somete Fidel Castro a un interrogatorio de sus prisioneros”, op. cit., p. 114-115.

⁴⁶³ A narrativa de que a guerrilha do M 26-7 se desenvolveu sem ajudas externas pode ser contestada pelos relatos escritos por personagens que narraram suas iniciativas em favor dos guerrilheiros de *Sierra Maestra*. Neste sentido, destacamos as memórias de Rufo López-Fresquet, que atestam a ajuda financeira ao M 26-7 fornecida pelos cubanos residentes nos EUA, México e Venezuela, e o auxílio dado pelo ex-presidente mexicano Lázaro Cárdenas a Fidel Castro; além das memórias de José Llada, Carlos Franqui, Huber Matos e Manuel Urrutia, que atestam o fornecimento de armas e suprimentos vindos do estrangeiro. Cf. LÓPEZ-FRESQUET, Rufo. **Fui ministro de Fidel**, op. cit., p. 194; LLADA, José. **Memorias de la Sierra Maestra**, op. cit., p. 138; FRANQUI, Carlos. **Retrato de familia com Fidel**, op. cit., p. 158; MATOS, Huber. **Como llegó la noche**, op. cit., p. 75-85; URRUTIA, Manuel. **Fidel Castro y Compañía, S. A.**, op. cit., p. 40-41.

⁴⁶⁴ FRANQUI, Carlos. **Cuba: el libro de los doce**. Cidade do México: ERA, 1966.

Maestra contra a ditadura de Batista, impossibilitando que os adversários da Revolução Cubana também a combatessem por meio da luta armada.

Faz-se necessário também problematizar o conceito empregado por Fidel Castro para se referir aos seus inimigos políticos. A certa altura do “diálogo”, um dos prisioneiros afirmou não se considerar mercenário, mostrando-se contrário à nomenclatura usada por “alguns setores da imprensa” cubana, segundo ele, para definir os expedicionários de *Playa Girón*. Admitindo sua “culpa” e se dizendo “enganado” pelos organizadores da dita expedição, o prisioneiro garantiu não ter obtido vantagens financeiras para participar da batalha travada entre 17 e 19 de abril de 1961⁴⁶⁵. Chama atenção o fato do cativo ter contestado a expressão que Castro e seu governo passaram a empregar para representar os membros da Brigada 2506. Após a batalha de *Playa Girón*, o termo mercenário mostrou-se operativo para o regime cubano na medida em que contribuía para impedir que o debate ultrapassasse o âmbito militar, alimentando assim a natureza guerreirista da Revolução Cubana mesmo após a chegada dos guerrilheiros ao poder, quando a “guerra” contra Fulgêncio Batista já havia acabado. Ademais, o termo mercenário desqualificava os adversários da Revolução Cubana por meio de um símbolo associado ao capitalismo (dinheiro), consolidando o maniqueísmo que dividiu a memória de *Playa Girón* entre os representantes de “ideais coletivos” *versus* os de “interesses privados”, isto é, “bem” e “mau”, e aglutinando sob uma ideia pejorativa os diferentes grupos político-ideológicos que compunham a oposição ao governo de Fidel Castro.

Na última passagem do “diálogo” em que Castro comparou os desembarques de *Granma* e *Playa Girón*, o estadista retomou ideias anteriores para enfatizar as diferenças entre as duas expedições tendo em vista a história de Cuba e da Revolução.

¿A ustedes no les da vergüenza esto? [...] Y ustedes no se acuerdan qué distinta fue la lucha nuestra; cómo nosotros tuvimos que salir perseguidos por la policía; actuar clandestinamente em el extranjero; venir con un grupo reducido de hombres, en un barco de madera, en un yate de sesenta pies, porque nosotros sí confiábamos en el Pueblo; porque nosotros sí teníamos fe de que defendíamos una causa justa; no necesitábamos ni 15 ni 20 aviones, no necesitábamos barcos artillados, no necesitábamos logística, no necesitábamos cañones [...] ni morteros [...] ni bazookas [...]⁴⁶⁶

⁴⁶⁵ CASTRO, Fidel. “Democráticamente se somete Fidel Castro a un interrogatorio de sus prisioneros”, op. cit., p. 114-115.

⁴⁶⁶ Idem, p. 141.

Como autoridade política e testemunha ocular dos eventos históricos aludidos em sua fala pública, Fidel Castro afirmou que o apoio dos EUA ao desembarque ocorrido em abril de 1961 representava a principal diferença entre as expedições de *Granma* e *Playa Girón*, e que seus inimigos deveriam sentir “vergonha” por terem recorrido a um governo estrangeiro com o objetivo de invadirem a ilha. Para ele, os “verdadeiros” revolucionários não necessitaram dos equipamentos e do apoio logístico fornecidos pelos estadunidenses para a implementação da luta armada em Cuba. Em virtude disso, alegou, a estratégia adotada pelo M-26-7 diferiu da usada pelos invasores da Baía dos Porcos, demonstrando a superioridade político-moral dos guerrilheiros de *Sierra Maestra*. Neste sentido, o líder construiu uma aura mítica em torno do iate adquirido por ele durante seu exílio no México após o assalto ao quartel *Moncada*. Tal intenção foi explicitada quando concluiu que a decisão de embarcar um “reduzido grupo de homens” no *Granma*, um pequeno “barco de madeira”, significou a prova inequívoca de “confiança no povo” pelos combatentes que lutaram, segundo ele, por uma “causa justa”. Mais uma vez, portanto, Castro atribuiu o protagonismo da vitória sobre Batista à guerrilha do M 26-7, cabendo à sociedade civil cubana apenas apoiar os guerrilheiros conquistaram o poder em janeiro de 1959.

Aproximadamente um ano após a realização do “diálogo” com os prisioneiros de *Playa Girón*, durante um discurso proferido em abril de 1962, Fidel Castro expressou novamente os argumentos que diferenciavam, a seu juízo, os dois desembarques.

¿Dónde estaba, o dónde podía estar el mérito de aquellos invasores? No eran los expedicionarios del Granma; no eran los 82 hombres en un barquito de 60 pies, sin comida, perdidos en el Golfo de México, en el Mar Caribe, sin bases de aprovisionamiento, sin fuerzas aéreas, sin escuadras, sin armada yanqui detrás, sin portaaviones, sin submarinos, sin acorazados. No era la fuerza revolucionaria; los revolucionarios no suelen tener ayuda de nadie cuando hacen sus revoluciones, cuando inician sus luchas; la escasez más espantosa los suele acompañar; la persecución, la falta de medios, de armas, de medios de transporte, de protección de cualquier tipo, que se lanzan con los escasísimos recursos de que disponen a la lucha contra todo un ejército. [...] Cuando los que vinimos a luchar contra el privilegio y contra los poderosos del dinero y de la explotación iniciamos nuestra lucha, no teníamos detrás más que la estela que dejaba nuestra pequeña embarcación. Y esa es la diferencia, la infinita diferencia entre las dos causas que se enfrentaban. La nuestra llegó, se enfrentó a todas las vicisitudes y triunfó; la revolución del pueblo, la revolución de los humildes, se hizo poder; la contrarrevolución de los poderosos, de los ricos, de los explotadores, cuando vino a recuperar sus privilegios, tenían detrás los tesoros de los grandes monopolios, las infinitas sumas de millones de un imperio, su escuadra, sus aviones, sus campos de entrenamiento, sus bases de operaciones aéreas, sus fuerzas aéreas, los gobiernos títeres

ayudándolos; todo era fácil. [...] Y por eso la expedición del barco pequeño y solitario que enarbolaba una causa justa, la causa de los humildes, triunfó, combatió durante 25 meses, y se hizo poder, mientras la causa de los explotadores, de los privilegiados, de los millonarios, de los poderosos, fracasó, ¡y no pudo sostenerse, siquiera, 72 horas! (APLAUSOS)⁴⁶⁷

A partir do referido “diálogo” entre Castro e os prisioneiros da batalha de *Playa Girón* sob o poder do Estado cubano, conclui-se que as comparações entre as expedições de 1956 e 1961 serviram como autênticas peças de propaganda política favor do regime socialista. Nelas, as memórias da luta armada serviram para conferir protagonismo aos guerrilheiros do M 26-7 no âmbito da oposição à ditadura de Fulgêncio Batista, bem como para legitimá-los enquanto classe dirigente do governo formado em 1959. Em suma, a memória do desembarque do iate *Granma* legitimou a narrativa estatal sobre a vitória político-militar obtida pelo *comandante* em abril de 1961, colaborando desta forma para deslegitimar a luta armada como tática de tomada do poder pelos inimigos da Revolução Cubana em *Playa Girón*. Usadas em diferentes passagens do “diálogo” entre Castro e os prisioneiros da Brigada 2506, as comparações entre os desembarques militares de 1956 e 1961 revelam como a construção da memória oficial da Revolução Cubana traduziu as divergências político-ideológicas através de símbolos associados à luta armada praticada nos anos 1950 contra o regime batistiano.

Além dos paralelos entre *Granma* e *Playa Girón*, a análise dos “diálogos” entre Castro e seus cativos revela um jogo de lembranças e esquecimentos que visava legitimar a então recente declaração do caráter socialista da Revolução Cubana. Em tais “diálogos” nota-se não somente o papel exercido pelas lembranças da guerrilha de *Sierra Maestra*, como também os esquecimentos e silenciamentos que ajudam a compreender de forma aprofundada a construção da memória oficial relativa ao combate travado em abril de 1961. Isso pode ser notado na passagem em que um dos detentos tomou a palavra para, diante de Castro, “esclarecer” suas ideias e opiniões. A primeira delas dizia respeito à heterogeneidade dos combatentes desembarcados em *Playa Girón*, segundo ele oriundos de “muitos matizes políticos e muitas ideologias”. Embora contrários à Revolução, de acordo com este prisioneiro os membros da Brigada 2506 não deveriam ser entendidos como aliados dos latifundiários cubanos, menos ainda como portadores de “mentalidade

⁴⁶⁷ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz...19 de abril de 1962**, op. cit.

reacionária”, posto que haviam decidido participar da expedição de 1961 com o objetivo de corrigir as ações que julgavam equivocadas por parte do governo de Castro.

Outro prisioneiro mencionou o caso do dissidente cubano Jorge Sotús Romero⁴⁶⁸, chamado por ele de “herói da batalha de Uvero” e “primeiro capitão nomeado em *Sierra Maestra*”⁴⁶⁹. Sob orientação de Frank País, um dos mais importantes líderes da guerrilha urbana durante o período insurrecional (1953-1959), Romero compôs a rede clandestina do M 26-7 em Santiago. Dentre as ações que participou destaca-se a rebelião popular ocorrida no dia 30 de novembro de 1956, que visava desorganizar as forças de Batista e proporcionar melhores condições para a realização do desembarque do iate *Granma* em Cuba. Com a fixação da guerrilha do M 26-7 em *Sierra Maestra*, a partir de 1957, Romero organizou o envio do primeiro grande reforço de homens e armas às montanhas com o objetivo de fomentar o núcleo de Fidel Castro, chegando ao posto de capitão do Exército Rebelde durante a “guerra” contra a ditadura batistiana. Também é verídica a informação do prisioneiro de que Romero se envolveu na batalha de *El Uvero*, em 28 de maio de 1958, considerada pela memória oficial da Revolução Cubana a primeira grande vitória dos guerrilheiros após o desembarque do *Granma*.

Ignorando a veracidade das informações trazidas a público pelo prisioneiro que o interpelou, Fidel Castro buscou desqualificar a figura de Romero ao alegar que a imprensa internacional mentia a seu respeito a fim de fabricar um *pseudo* herói de guerra. Longe de representar o primeiro caso de linchamento político, o tratamento dispensado por Castro a Romero evidencia os métodos de seletividade da memória oficial após 1959. Revelando uma política de esquecimento expressa através da lembrança de uma das mais relevantes batalhas vencidas pelos guerrilheiros, o *comandante* afirmou que somente as personagens que até aquele momento permaneciam fieis à Revolução, tais como Juan Bosque, Guillermo García e Ernesto “Che” Guevara, podiam ser considerados heróis de *El Uvero*, o que excluía Romero da memória oficial da guerrilha do M 26-7. O anseio de legitimar os guerrilheiros como classe dirigente do Estado condicionou o significado da lembrança da luta armada ao tempo presente do “diálogo” entre Castro e seus prisioneiros políticos (1961). Assim, os critérios usados pelo estadista para estabelecer a “verdadeira” história de Cuba baniram da memória oficial figuras que se manifestaram publicamente

⁴⁶⁸ Detido logo após o triunfo da Revolução, Romero foi sentenciado pelos tribunais revolucionários a vinte anos de cárcere sob a acusação de conspirar contra o governo de Fidel Castro. Apesar da condenação, em 1960 conseguiu fugir do presídio da *Isla de Pinos*, seguindo para o exílio em Miami, onde faleceu.

⁴⁶⁹ CASTRO, Fidel. “Democráticamente se somete Fidel Castro a un interrogatorio de sus prisioneros”, op. cit., p. 115.

contra a Revolução. Como prática endossada pelo Estado, tal esquecimento se manifestou também na enciclopédia digital cubana *Ecured*⁴⁷⁰, que atualmente sequer faz menção à participação de Jorge Sotús Romero na batalha de *El Uvero*, considerada um dos maiores êxitos militares da guerrilha de *Sierra Maestra*.

Somando-se a Romero, ofuscado pela memória oficial socialista, Manuel Artime Buesa foi mencionado por outro prisioneiro da Brigada 2506 como exemplo de liderança política desiludida com os rumos da Revolução. Vinculado à juventude católica cubana, o líder estudantil integrou-se ao M 26-7 como médico, tendo posteriormente chegado ao posto de tenente do Exército Rebelde e diretor do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA). Descontente com a radicalidade das medidas sociais implementadas após 1959, e acusando Fidel Castro de entregar o país ao comunismo internacional, Buesa renunciou seu cargo em apoio a Hubert Matos, integrante do M 26-7 que rompeu com a Revolução em outubro de 1959, sendo condenando a vinte anos de prisão em razão disso⁴⁷¹. Acusado de conspiração, assim como Matos, Buesa encontrou refugio na embaixada dos EUA em Havana, de onde seguiu para o exílio em solo estadunidense. Ali, integrou o Movimento para Recuperar a Revolução (MRR), envolvido na logística e arregimentação de exilados anticastristas que desembarcariam em *Playa Girón*. Em 17 de abril de 1961, portanto, Buesa voltava a Cuba como “chefe civil” da Brigada 2506, quando mais uma vez caiu prisioneiro, ficando retido na ilha por quase dois anos antes de conseguir se exilar em Miami, na Flórida, onde permaneceu até sua morte, em 1977.

Manuel Artime Buesa foi lembrado pelo referido cativo como criador de “uma série de cooperativas” após o triunfo da Revolução, o que atestaria a impossibilidade do antigo membro do M 26-7 poder ser considerado um “latifundiário” ou “defensor de latifundiários”⁴⁷², conforme veiculado pela propaganda política estatal em Cuba. Todavia, mais uma vez Fidel Castro desautorizou as opiniões emitidas pelo prisioneiro político sob poder do Estado, se referindo a Buesa como “desertor” e “corrupto”, entre outras ofensas de cunho moral. O *comandante* afirmou ainda que o dissidente em questão se incorporou ao “Exército Rebelde três dias antes do término da guerra”⁴⁷³, motivo pelo qual não havia dado um tiro sequer ao longo do conflito com as tropas de Fulgêncio Batista. Ao colocar

⁴⁷⁰ Enciclopédia Cubana Digital. **Ecured**, 2020. “Combate de El Uvero (1957)”. Disponível em: <[https://www.ecured.cu/Combate_de_El_Uvero_\(1957\)](https://www.ecured.cu/Combate_de_El_Uvero_(1957))> Acesso em: 20 jun. 2023.

⁴⁷¹ Cf. MATOS, Huber. **Como llegó la noche**, op. cit.

⁴⁷² CASTRO, Fidel. “Democráticamente se somete Fidel Castro a un interrogatorio de sus prisioneros”. op. cit., p. 113-114.

⁴⁷³ Idem, p. 114.

em destaque as características militares do processo revolucionário insular, tal argumento evidencia o protagonismo conferido por Castro à guerrilha do M 26-7 em detrimento dos diferentes setores da sociedade civil cubana que haviam combatido o regime autoritário de Batista, inclusive de outros grupos que também aderiram à estratégia da luta armada, tal como o Diretório Revolucionário (DR). Para embasar suas acusações, Castro vinculou a atuação política de Buesa a mais um dissidente da Revolução, acrescentando um novo capítulo às suas tentativas de minimizar, silenciar e apagar as vozes de pessoas *non gratas* da memória oficial construída pelo regime socialista.

Segundo a narrativa criada por Castro diante dos prisioneiros que o interpelaram publicamente logo após a batalha de *Playa Girón*, Buesa, ex-diretor do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA), teria ascendido aos mais altos escalões do Estado cubano por influência de Humberto Sorí Marín, outro antigo membro do M 26-7 posteriormente renegado pela memória oficial socialista. Na segunda metade dos anos 1950, quando os guerrilheiros se fortaleciam como um dos principais grupos de oposição a Batista, Marín se incorporou ao Exército Rebelde em *Sierra Maestra*, desempenhando o cargo de auditor geral e ostentando a prestigiada patente de comandante. No primeiro semestre de 1959, ocupou o cargo de ministro da agricultura, nomeado pelo então presidente da república Manuel Urrutia. Representante dos setores conservadores que inicialmente apoiaram a Revolução, Marín foi afastado do ministério por representar um entrave à implementação das medidas sociais defendidas pelas alas mais radicais do novo governo. Transformado em desafeto, passou a responder à acusação de tráfico de armas em conluio com a Agência Central de Inteligência (CIA), caindo prisioneiro pouco antes da invasão da Baía dos Porcos, em 17 de abril de 1961. Condenado logo a seguir à pena de morte por um tribunal revolucionário, Marín foi fuzilado sumariamente.

Levando em consideração o contexto histórico do julgamento dos expedicionários da Brigada 2506, as representações depreciativas elaboradas por Fidel Castro sobre os dissidentes cubanos Jorge Sotús Romero, Manuel Artime Buesa e Humberto Sorí Marín revelam que o mandatário se valeu de uma série de esquecimentos e apagamentos a fim de diferenciar e, ao mesmo tempo, hierarquizar as lutas armadas “revolucionária” e “contrarrevolucionária” simbolizadas por *Granma* e *Playa Girón*, respectivamente. De suas palavras infere-se que em Cuba, após 1959, os guerrilheiros não apenas “estavam” no governo como teria passado a existir um “governo guerrilheiro”, isto é, uma forma de poder que utilizou as armas para chegar e, posteriormente, para se manter no poder. A análise desta ideia de luta armada ajuda a compreender as táticas adotadas pelo governo

socialista quanto à organização e disseminação da memória oficial após 1959. Com o triunfo da Revolução Cubana, os esquecimentos e apagamentos operaram nos discursos castristas como estratégias retóricas de legitimação dos guerrilheiros de *Sierra Maestra* enquanto novo grupo dirigente do Estado. Para tanto, Fidel Castro buscou transformar as lembranças da guerrilha do M 26-7 em fonte de legitimidade do que ele julgava ser um novo tipo de poder político, uma espécie de soberania revolucionária⁴⁷⁴.

Neste item buscamos demonstrar como a memória da luta armada nos discursos de Fidel Castro resultou de intensas disputas políticas com os adversários da Revolução, fato evidenciado no “diálogo” que manteve com os membros da Brigada 2506. Cerne da narrativa em defesa da nova ordem, no início dos anos 1960 a ideia de luta armada ainda permanecia aberta a diferentes interpretações de acordo com os agentes político-sociais que a reivindicaram a fim de tomar o poder, a exemplo do desembarque de *Playa Girón*. Neste sentido, pode-se afirmar que o conceito de luta armada tornou-se alvo de intensos embates políticos, ocupando o centro do debate sobre a legitimidade do poder constituído na ilha em 1959. Quem, quando, como e para que pegar em armas? Eis a pergunta que povoou o imaginário cubano durante o período insurrecional (1953-1959) e logo após a ascensão dos guerrilheiros ao poder. A resposta do governo de Fidel Castro a esta questão consistiu em um culto cívico às armas, enaltecidas como sinônimo de liberdade desde que não fossem usadas contra a ordem socialista. Em suma, as armas podiam ser usadas para “fazer” e “manter” a Revolução, mas nunca para “acabar” com a Revolução. A guerrilha e sua memória, em particular a de *Sierra Maestra*, representou, inegavelmente, um dos

⁴⁷⁴ A luta armada como eixo estruturante da memória oficial da Revolução Cubana também se expressou através de diferentes instituições governamentais, com destaque para a política de segurança do Estado colocada em prática pelo Ministério do Interior (MININT), órgão criado em 6 de junho de 1961, através da Lei nº 940. Nos discursos realizados nos aniversários desta instituição em 1965, 1971 e 1976, Fidel Castro afirmou reiteradamente que a luta armada responsável pelo triunfo da Revolução não poderia ser usada para tirar os revolucionários do poder. Para fins ilustrativos, citamos a seguir um trecho do discurso de 1976: “La Revolución se hizo mediante la lucha armada, mediante la guerra irregular frente al régimen opresor y tiránico, frente al régimen explotador; pero después de eso, muchos creían que con los mismos mecanismos y con las mismas armas podía combatirse a una Revolución. [...] En los primeros años después del triunfo era posible hacer creer a algunos incautos, ingenuos o estúpidos, que la Revolución podría ser destruida mediante la lucha irregular, mediante la lucha guerrillera, con una diferencia: que mientras los revolucionarios teníamos que obtener las armas arrebatándoselas al enemigo y que nadie nos mandaba armas, los contrarrevolucionarios recibían de Estados Unidos constantemente las armas más sofisticadas. [...] Hoy día, a nadie se le ocurre alzarse en una montaña contra la Revolución, a no ser que esté loco (RISAS). Pero si está loco, con toda seguridad llega primero al hospital Psiquiátrico”. CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto central conmemorativo del XV aniversario del Ministerio del Interior, celebrado en el Teatro “Carlos Marx”, La Habana, el 6 de junio de 1976, “Año del XX aniversario del Granma”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1976/esp/ff060676e.html>>. Acesso em: 15 fev. 2023.

mais importantes fatores de legitimação do poder instituído em Cuba em 1º de janeiro de 1959, transformando a apologia às armas em uma autêntica política de Estado.

Levando em conta as análises realizadas neste capítulo, é possível extrair algumas conclusões a respeito do papel da memória da luta armada na legitimação da Revolução Cubana. Sob o mote da “liberdade na ponta do fuzil”, o governo chefiado por Fidel Castro se apropriou do passado nacional para fins político-ideológicos de três principais modos. A começar pela ressignificação das guerras independentistas do século XIX a partir da experiência armada de *Sierra Maestra*, em especial da imagem de José Martí, que acabou “guerrilheirizada” a fim de estabelecer vínculos históricos entre *mambises* e guerrilheiros. Em segundo lugar, nota-se a apropriação do passado insurrecional através do 26 de julho, efeméride *moncadista* que resume o “nascimento” da luta armada contra Batista, tonando-se palco de uma série de disputas entre as forças políticas opositoras à ditadura. O terceiro uso político-ideológico do passado se refere à diferenciação e hierarquização das lutas armadas “revolucionária” e “contrarrevolucionária” simbolizadas por *Granma* (1956) e *Playa Girón* (1961), respectivamente. A análise dos “diálogos” entre Fidel Castro e os integrantes da Brigada 2506 revelam que as comparações, lembranças e esquecimentos estiveram na base da construção da memória oficial socialista. Em poucas palavras, estas três dimensões temporais (anticolonial, insurrecional e revolucionária) foram mobilizadas pelo dirigente no sentido de representar a luta armada de *Sierra Maestra* como estratégia legítima de conquista e manutenção do poder pelos guerrilheiros.

CONCLUSÃO

[...] Robespierre foi um idealista e homem honrado até a morte. Com a revolução ameaçada, as fronteiras cercadas por inimigos, traidores com punhais envenenados para cravar em suas costas, hesitantes atrapalhando os trabalhos, era necessário ser duro, inflexível e severo. Teve que pecar pelo excesso, nunca por moderação, pois podia ser a causa de uma perda total. Foram necessários alguns meses de terror para acabar com um terror que havia durado séculos. Cuba precisa de muitos Robespierres.⁴⁷⁵

Il nous a fallu être révolutionnaires pour fonder la Révolution; mais, pour la conserver, il faut cesser de l'être.⁴⁷⁶

Escritas por agentes sociais inseridos em distintas experiências revolucionárias na época contemporânea, as epígrafes acima reproduzidas revelam como tais personagens históricos buscaram representar suas respectivas ideias de ruptura temporal em relação ao passado. Suas palavras demonstram ainda que o conceito de revolução⁴⁷⁷ encontra-se na base tanto das reflexões quanto das ações concebidas por grupos político-ideológicos que pregaram rupturas com o Antigo Regime, no caso da Revolução Francesa⁴⁷⁸, iniciada em 1789, e, posteriormente, com a ordem liberal, no caso da Revolução Cubana, sobretudo após abril de 1961, quando o governo liderado por Fidel Castro aderiu ao socialismo como doutrina oficial do Estado. Na perspectiva da conquista do poder, à esquerda ou à direita⁴⁷⁹, o mundo posterior a 1789 presenciou o surgimento de inúmeras correntes políticas que reivindicaram o uso da força e da coerção como estratégia responsável pela criação do “novo” frente ao “velho”⁴⁸⁰. Disseminado através das simbologias de poder concebidas no mundo burguês, tais como os hinos patrióticos criados pelos Estados-nação, o apelo às armas em defesa da autonomia e da liberdade entraria também no léxico das agremiações político-ideológicas que se opuseram ao capitalismo, com destaque para

⁴⁷⁵ Carta de Fidel Castro a Nati Revuelta, 23 de março de 1954. In FRANQUI, Carlos. **Retrato de família com Fidel**, op. cit., p. 237.

⁴⁷⁶ GRENIER, J. “Opinion sur la question de savoir si l’on doit supprimer de la formule du serment civique les mots de haine à l’anarchie”. Paris: Imprensa Nacional, ano VII. In OZOUF, Mona. **La fête révolutionnaire**, op. cit., p. 473. Tradução do autor: “Tínhamos que ser revolucionários para fundar a Revolução; mas, para preservá-la, é preciso deixar de sê-lo”.

⁴⁷⁷ ARENDT, Hannah. **Sobre a revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁴⁷⁸ VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa 1789-1799**. São Paulo: Unesp, 2019.

⁴⁷⁹ BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 2001.

⁴⁸⁰ ANDRESS, David. **O terror**. Guerra civil e a Revolução Francesa. Rio de Janeiro: Record, 2007.

a tradição marxista que pautou grande parte da atuação das esquerdas durante a segunda metade do século XIX e ao longo do século XX.

Sob a máxima expressa em *aux armes citoyens*, o mundo contemporâneo viu as armas se transformarem em uma simbologia de poder diretamente associada à formação das nações mundo afora, inclusive na América Latina⁴⁸¹. No caso de Cuba, que iniciou seu processo revolucionário quando os guerrilheiros de *Sierra Maestra* conquistaram o poder das mãos de Fulgêncio Batista, o incentivo, o uso e, após o triunfo de 1º de janeiro, a memória das armas se transformaram no epicentro de uma política que visava fazer da luta armada a principal fonte de legitimidade do governo bem como o marco temporal que deveria separar a história da ilha em duas partes, antes e depois de 1959. Ao enfatizar tal aspecto, esta tese analisou não exatamente o que se convencionou chamar de Revolução Cubana, ou mesmo a vida do líder guerrilheiro que chegou ao poder através das armas. Esta, na verdade, é uma tese sobre a memória oficial elaborada pelo governo de Fidel Castro, entre 1959 e 1976, a respeito do papel da luta armada em Cuba. Neste sentido, atentamos para a construção dos principais marcos históricos revolucionários na produção discursiva castrista, expressa através da reiteração de datas comemorativas que no âmbito da propaganda político-ideológica tinham a função de qualificar o passado, atribuindo-o significado enquanto narrativa a serviço do poder estabelecido na ilha após 1959, e apontando também na direção de um futuro que deveria ser atingido rapidamente, sendo para isso necessário que os revolucionários “andassem” mais depressa.

Após o 1º de janeiro, as relações entre governo e sociedade em Cuba estiveram pautadas pelas representações emanadas do Estado em torno da luta armada empreendida pelos combatentes de *Sierra Maestra*. Entre 1959 e 1976, balizas temporais representadas pelo triunfo revolucionário e a promulgação da primeira constituição socialista da ilha, a guerrilha e sua memória atuaram de forma decisiva para criar as bases de um novo campo político-ideológico, permeando as percepções da opinião pública em torno da soberania criada com a derrocada de Fulgêncio Batista. Mote das comemorações públicas inscritas no calendário cívico concebido após 1959, a memória da luta armada presidiu as ações propagandísticas estatais com o objetivo de afirmar que tal estratégia, e somente ela, havia sido responsável pela derrota de Batista, atribuindo aos guerrilheiros liderados por Fidel Castro a responsabilidade e, no limite, a “glória” pelo triunfo da Revolução Cubana. Nesta

⁴⁸¹ Para um exemplo de revolta armada que se encontra na origem da independência e da formação da nacionalidade ver FRANCO, José Luciano. **Historia de la revolución de Haití**. La batalla por el dominio del Caribe y el Golfo de Mexico. Havana: Ciencias Sociales, 2010.

perspectiva, entendemos que as festividades cívicas inspiradas na luta armada criadas pelo Estado não representam, conforme defendido pela propaganda oficial, a unidade ou mesmo a unanimidade do povo em torno do regime socialista insular, mas a intenção do poder constituído em janeiro de 1959 de se representar politicamente através da guerrilha e, conseqüentemente, conferir protagonismo ao M 26-7, que sob o mando de Fidel Castro buscou se cacifar, desde a etapa insurrecional, em meio a outras forças de oposição, como o único agente responsável pela vitória sobre a ditadura batistiana.

Após o término da “guerra” contra o regime autoritário de Fulgêncio Batista, a apologia estatal à luta armada evocou não apenas os acontecimentos históricos relativos à etapa insurrecional da Revolução Cubana, entre 1953 e 1959, como também embasou um projeto de organização da sociedade concebido a partir do conjunto de valores morais simbolizados pelos guerrilheiros que lutaram nas matas de *Sierra Maestra* sob a liderança de Fidel Castro. Como estratégia de legitimação e, portanto, de manutenção do poder pelos revolucionários, a memória oficial criada em Cuba depois de 1959 fazia igualmente referência ao passado das armas que se desejava vangloriar e ao tipo de sociedade que deveria ser construída no presente e preservada no futuro. Do triunfo revolucionário em diante, quando se tornou peça central do processo que resultou no controle e, por fim, no monopólio da palavra junto aos meios de comunicação progressivamente controlados pelo Estado, Fidel Castro se esforçou para divulgar à opinião pública que a luta armada havia sido importante para derrotar o regime batistiano, em primeiro lugar, com destaque para o papel histórico da guerrilha comandada por ele em *Sierra Maestra*, e, na mesma intensidade, para garantir a continuidade do regime político fundado na ilha em 1º de janeiro de 1959. Sobre este anseio político, pouco tempo após sua chegada ao poder, o guerrilheiro-estadista resumiu da seguinte forma a relevância que as armas deveriam ter para a constante defesa da Revolução Cubana:

Nosotros tenemos delante dos grandes tareas: una, defender la Revolución; otra, hacer avanzar la Revolución (APLAUSOS). Por eso, lo que mejor simbolizaría este minuto, esta etapa, es la idea de un hombre trabajando con el rifle al lado [...] Si abandonamos el rifle estamos perdidos, porque nos derrotan la Revolución; si abandonamos el trabajo estamos perdidos, porque nos derrotan la Revolución. La Revolución, pues, hay que llevarla adelante con el rifle y con el trabajo.⁴⁸²

⁴⁸² CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto celebrado en la escalinata de la Universidad de La Habana, en la conmemoración del 13 de marzo, el 13 de marzo de 1960.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f130360e.html>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

A partir do binômio castrista rifle-trabalho, convém questionar até que ponto, após 1959, o anseio de refundar a sociedade, reorganizando-a à “imagem e semelhança” da guerrilha de *Sierra Maestra*, não resultou na militarização da hierarquia político-social construída desde a vitória sobre Batista, orientando o funcionamento de uma sociedade “revolucionária”? Até que ponto o projeto de cidadania da Revolução Cubana não gerou, contraditoriamente, uma “soldadania”, na qual os direitos sociais do povo se encontram vinculados a padrões de comportamento militarizados? Na fala de Fidel Castro acima citada nota-se como os comportamentos associados aos guerrilheiros, que se encontram na origem da memória oficial, visavam criar as bases históricas que legitimariam o regime instituído em 1959. Por aludir aos embates políticos da década de 1950, a memória da Revolução Cubana em sua versão estatal utilizou-se da luta armada praticada pelo M 26-7 a fim de justificar os novos valores e lugares sociais em Cuba. Diretamente inspirada na imagem positiva da guerrilha, a organização social preconizada nos discursos castristas poder ser entendida como uma espécie de cidadania militarizada, isto é, um conjunto de direitos sociais que deveriam ser integral e exclusivamente atribuídos à vitória da luta armada em 1º de janeiro de 1959, resultante do período compreendido entre o assalto ao quartel *Moncada* e o triunfo da Revolução, bem como do constante apelo às armas como tática de manutenção da ordem após a tomada do Estado.

Para comprovar o papel central da memória da luta armada na legitimação da Revolução Cubana esta tese propôs um percurso iniciado com a compreensão das fontes como falas públicas que revelam narrativas vinculadas ao Estado, instituição responsável por organizar e transmitir a memória oficial que abrange desde o registro da oralidade até a circulação material das palavras ditas por Fidel Castro nos palanques. Analisamos ainda como o mandatário usou a memória da luta armada em seus discursos com o objetivo de comprovar que a guerrilha havia “acelerado” o tempo na ilha, inaugurando as *calendas* cubanas que também poderiam ser seguidas por outros países, sobretudo os da América Latina, em sua busca por liberdade em relação ao capitalismo. Em seguida, investigamos como a memória da luta armada se expressou através de um calendário cívico que glorificou a “violência revolucionária” como linguagem política através da rememoração de fatos ligados à guerrilha, eixo temático que estruturou uma narrativa teleológica criada para reforçar a versão de que a luta armada foi o único fator histórico responsável pelo triunfo da Revolução. Por fim, abordamos a memória da luta armada nos discursos do *comandante* a partir de três períodos: as guerras de independência do século XIX, a etapa

insurrecional e a revolução no poder, demonstrando como Castro representou a guerrilha na história cubana enquanto tática legítima de tomada do Estado pelos revolucionários.

Em sentido amplo, ao longo dos capítulos procuramos desconstruir a teleologia histórica que, a nosso juízo, tornou a memória oficial cubana um instrumento de governo vetado às escolhas que os diferentes grupos da sociedade civil poderiam fazer em relação aos eventos e personagens do passado. Depositária e guardiã de um passado estável e, em grande medida, estático, em muitos sentidos impermeável às demandas das gerações nascidas após a chegada dos guerrilheiros ao poder, a memória revolucionária diminuiu de forma paulatina sua capacidade de interlocução com a sociedade cubana. A narrativa estatal sobre o passado, centrada na glorificação da guerrilha de *Sierra Maestra*, tornou-se refratária às transformações sociais observadas em Cuba desde 1959, o que poderia se traduzir na redução da capacidade de convencer a opinião pública acerca dos pilares que legitimam o poder político dentro da ilha e, conseqüentemente, da garantia de um futuro promissor ao povo cubano. Neste sentido, a memória oficial se limitou a recordar de forma reiterada fatos e personagens escolhidos previamente pelas instâncias de poder a partir de sua relevância na luta armada contra o regime de Batista. Contudo, ao longo dos anos, tais fatos e personagens foram se distanciando da história transcorrida após o triunfo da Revolução, causando um deslocamento espaço-temporal entre as experiências sociais acumuladas desde então e os marcos temporais estipulados pelo governo socialista como sendo dignos de comemorações cívicas de caráter nacional.

Em sentido específico, demonstramos que a tópica das armas pautou a narrativa de Fidel Castro a respeito da história de Cuba e da Revolução. Em outras palavras, a memória da luta armada fundou uma nova concepção sobre a história da ilha, em especial dos marcos temporais relativos aos séculos XIX e XX, que se conectaram por meio de uma reinterpretação histórica protagonizada pela guerrilha, eixo temático utilizado por Castro para legitimar a chegada e a continuidade dos guerrilheiros de *Sierra Maestra* no poder. Ao analisarmos os discursos do *comandante* nos deparamos com representações em torno de uma revolução armada, triunfante em 1º de janeiro de 1959, que derrotou a ditadura batistiana, e, em último caso, de uma nação armada, ou seja, uma “comunidade imaginada”⁴⁸³ que teria encontrado na luta armada a fonte de legitimidade capaz de repactuar os papéis sociais após a vitória sobre Batista, estabelecendo um conjunto de valores inspirados no exemplo dos guerrilheiros. Neste sentido, pode-se afirmar que a luta

⁴⁸³ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*, op. cit.

armada conseguiu amalgamar eventos e personagens históricos com o propósito de tornar o “presente revolucionário” uma continuidade em relação aos esforços independentistas oriundos do “passado anticolonial” e, ao mesmo tempo, uma ruptura com a exploração colonial e neocolonial que marcou este mesmo passado. Nos discursos de Fidel Castro, a luta armada foi, a um só tempo, ruptura e continuidade, ideias exploradas conforme a conveniência, a audiência e as disputas políticas em questão.

Em Cuba, lugar em que o regime político vigente até hoje se chama revolução, a tarefa de dissecar a memória oficial construída pelo regime socialista insular pode ser considerada das mais difíceis. A partir da análise da memória da luta armada, é possível identificar no termo revolução alguns significados que se sobrepõem e se retroalimentam. Em primeiro lugar, na acepção mais conhecida e aplicável a outras realidades históricas, revolução designa rupturas com o passado, no caso de Cuba ligadas aos períodos colonial (Espanha), neocolonial (EUA) e ditatorial (Fulgêncio Batista). Em segundo lugar, designa uma continuidade em relação ao passado de resistência simbolizado pelos *mambises*, reivindicando as guerras independentistas com o intuito de legitimar a guerrilha praticada pelo M 26-7. Em terceiro lugar, designa um regime político assentado na narrativa de que não seria mais necessário à sociedade civil insular implementar outras rupturas em relação ao *status quo* criado com a chegada dos guerrilheiros ao poder. O fato da efeméride 26 de julho, relativa ao assalto ao quartel *Moncada*, ter recebido o título oficial de Dia da Rebeldia Nacional é um exemplo disso. Circunscrita ao passado, a rebeldia foi enaltecida justamente para afirmar que a ruptura já havia sido feita e que não seria mais necessária após 1959. Rememorada e celebrada a cada 26 de julho como um valor cívico, tal rebeldia visa deslegitimar outras eventuais rebeldias que pudessem contestar a ordem socialista. Em suma, rememorá-la seria a melhor forma de monopolizá-la.

Em decorrência disso, toda a história transcorrida desde 1959 se insere na lógica da continuidade, permitindo que em Cuba revolução seja sinônimo de regime político e não apenas um marco cronológico que assinala rupturas com o passado. Tempo, história e memória, algumas das dimensões mais relevantes da Revolução Cubana, se tornaram um dos principais instrumentos de governo na era socialista, fato evidenciado pela prolífica produção discursiva de Fidel Castro. Após 1959, o discurso oficial não abriu espaço para ações que pudessem ser interpretadas como possibilidades de transformação social. Sob a ótica do Estado, a revolução se tornou uma tese que não admite antítese. Isso se deve, em grande medida, ao fato de os guerrilheiros de *Sierra Maestra* conceberem a revolução de 1959 como o ponto final da uma longa jornada de quase um século, já que

iniciada em 1868 com o *Grito de Yara*, a primeira tentativa de independência de Cuba. Assim, 1959 foi representado como ponto de encontro entre o “passado anticolonial” e o “presente revolucionário”, projetando-se indefinidamente em direção ao futuro. Para construir sua memória oficial, a revolução como regime político reafirmou sua atualidade ao se representar como a maior e a única ruptura pela qual a nação cubana havia passado. *Telos* do “ontem”, nos discursos castristas a revolução não seria apenas um fato histórico, posto que, após 1959, passou a representar também o “hoje” e o “amanhã”, apresentado a clara intenção de “dilatatar” o tempo presente para assim se tornar perene.

Evitar, desestimular, coibir e, em certos contextos, até mesmo proibir ou censurar que a memória compartilhada socialmente em Cuba seja alvo de escolhas dos diferentes agentes históricos pode ter tornado a memória oficial socialista uma forma anacrônica de representar a Revolução Cubana através de uma configuração de sociedade que já não existe mais, tendo em vista que “toda memória petrificada tende ao fechamento em si”⁴⁸⁴. Condicionada por uma realidade inexistente nos tempos presentes posteriores a 1959, pois relativa ao contexto histórico dos anos 1950, especificamente ao combate ao regime de Fulgêncio Batista, a memória oficial, segundo a ótica estatal, não se encontra disponível para ser interpretada pela opinião pública, mas para ser reforçada através de sua massiva circulação social. A Revolução Cubana fundou uma “sociedade-memória”⁴⁸⁵ na qual o Estado se comporta publicamente como o único detentor legítimo da memória coletiva, modelo que, no mundo atual, vem apresentado consecutivas fissuras e crises diante da fragmentação e pluralidade das identidades construídas por diferentes grupos sociais que anseiam se representar sem a chancela do Estado, e também contra ele, ou de instituições. Portanto, o caso cubano mostra que a memória enquanto constructo social não poder ser dissociada da realidade que a originou e orientou suas lembranças e esquecimentos. Se parece legítimo afirmar que a memória é, por natureza, uma obra eternamente inconclusa, ela também nunca poderá ser filha de pais desconhecidos.

⁴⁸⁴ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**, op. cit., p. 191.

⁴⁸⁵ Idem, p. 194.

BIBLIOGRAFIA

- História de Cuba e da Revolução Cubana

ÁLVAREZ, José. **Fidel Castro y el Directorio Revolucionario**. Estados Unidos: Create Space Independent Publishing Platform, 2017.

ARBOLEYA, Jesús. **La Revolución del otro mundo**. Cuba y Estados Unidos en el horizonte del siglo XXI. Bogotá: Quebecor World, 2007.

_____. **La contrarrevolución cubana**. Havana: Ciencias Sociales, 1997.

ARENAS, Reinaldo. **Antes que anochezca**. Barcelona: Tusquets, 2013.

AYERBE, Luís Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Unesp, 2004.

BAMBIRRA, Vania. **La Revolución Cubana, una reinterpretación**. Cidade do México: Nuestro tiempo, 1974.

BANDEIRA, Luís Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BARQUIN, Ramon. **Las luchas guerrilleras en Cuba**. De la colonia a la Sierra Maestra. 2 Tomos. Madri: Playor, 1975.

BENEMELLIS, Juan. **Las guerras secretas de Fidel Castro**. Miami: Downtown Book Center, 2002.

BERMÚDEZ, Jorge. **La imagen constante**. El cartel cubano del siglo XX. Havana: Letras Cubanas, 2000.

BLANCO, Abelardo; DÓRIA, Carlos. **Revolução Cubana: de José Martí a Fidel Castro (1868-1859)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BORRERO, Juan Antonio. “Les dates patriotiques et le récit national”. In : BERTHIER, Nancy; ARÊAS, Camila (org.). **Noticiero ICAIC. 30 ans d’actualités cinématographiques à Cuba**. Paris: INA, 2022.

BOSQUE, Juan. **¡Atención! ¡Recuento!** Presidio, exilio, desembarco. Havana: Verde Olivo, 2002.

CALEGARI, Ana Paula Cecon. **Trajetória partidária e cultura política dos comunistas em Cuba entre as décadas de 1920 e 1960**. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2021.

- CALVO, Patricia. **¡Hay un barbudo en mi portada!** La etapa insurreccional cubana a través de los medios de comunicación y propaganda (1952-1958). Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2021.
- CANNON, Terence. **Revolutionary Cuba**. Nova Iorque: Olympic Marketing Corp., 1981.
- CASCORRO, Raúl. **Gente de Playa Girón**. Havana: Casa de Las Americas, 1962.
- CASTRO, Claudia Gomes de. **Imagens da Revolução Cubana**. Os cartazes de propaganda política do Estado socialista (1960-1986). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- CERULIA, Georgina; ALCÁZAR, Ofelia. **Granma: rumbo a la libertad**. Havana: Gente Nueva, 1983.
- CORRALES, Raúl. **Playa Girón**. Havana: Letras Cubanas, 1985.
- CORRALES, Saúl; TORRES, Carlos (ed.). **Girón**. Los días gloriosos de una batalla. Valencia: Aurelia, 2007.
- CHÁVEZ, Clara; MEDINA, Dulce; ALMOHALLA, Saúl (orgs.). **Girón**. Biografía de la Victoria. Havana: Política, 1986.
- CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**. São Paulo: Veneta, 2015.
- CIVEIRA, Francisca López; VEGA, Oscar Loyola; LEÓN, Arnaldo Silva. **Cuba y su Historia**. Havana: Félix Varela, 2003.
- CLAYFIELD, Anna. **The Guerrilla Legacy of the Cuban Revolution**. Miami: University of Florida Press, 2019.
- COGGIOLA, Osvaldo (org.). **Revolução Cubana: história e problemas atuais**. São Paulo: Xamã, 1998.
- CUEVAS, Eduardo Torres; VEGA, Oscar Loyola. **Historia de Cuba (1492-1898)**. Formación y liberación de la nación. Havana: Pueblo y Educación, 2006.
- DRAPER, Theodore. **Castrismo, Teoría e Prática**. Rio de Janeiro: GRD, 1966.
- _____. **A Revolução de Fidel Castro: mitos e realidades**. Rio de Janeiro: GRD, 1962.
- FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FIGAROLA, Joel James. **Fundamentos sociológicos de la Revolución Cubana (siglo XIX)**. Santiago de Cuba: Oriente, 2005.

- FIGUERAS, Miguel Alejandro. **Aspectos estructurales de la economía cubana**. Havana: Ciencias Sociales, 1994.
- FIGUEROA, Javier. **El sueño inconcluso**. Historia del Directorio Revolucionario Estudiantil (DRE). Cuba, 1959-1966. Miami: Universal, 2022.
- FORMENTO, Manuel Castro. **La obra de la Revolución Cubana: aspectos relevantes entre 1952 y 2016** (Tomos I y II). Califórnia: Ibukku, 2017.
- FORNET, Ambrosio. “El Quinquenio Gris: revisitando el término”. In: FORNET, Ambrosio. **Narrar la nación. Ensayos en blanco y negro**. Havana: Letras Cubanas, 2009, p. 379-403.
- FRANCHOSSI, Gabriel Molina. **Girón, Bahía de Cochinos**. El mayor error de Kennedy. Havana: Política, 2011.
- FRANQUI, Carlos. **Diario de la Revolución Cubana**. Barcelona: R. Torres, 1976.
- _____. **Retrato de familia com Fidel**. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- _____. **Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro**. Barcelona: Planeta, 1988.
- _____. **El libro de los doce**. Madri: Huracán, 1968.
- FRÍAS, Guillermo. **El último combate**. Havana: Verde Olivo, 2013.
- FRONDIZI, Silvio. **La Revolución Cubana**. Su significación histórica. Montevideú: Ciências Políticas, 1960.
- GARCÍA, Orlando Valdés. **La Revolución Cubana**. Premisas económicas y sociales. Havana: Ciencias Sociales, 2007.
- GENEROSO, Lúdia Abreu. **“O povo colonizado não está sozinho”**: Terceiro Mundo, anti-imperialismo e revolução nas páginas da revista Tricontinental (1967-1976). Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.
- GONÇALVES, João Felipe. Revolução, voltas e reveses. Temporalidade e poder em Cuba. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 32, 2017, p. 1-16.
- GOTT, Richard. **Cuba**. Uma Nova História. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- GUERRA, Elsa; FHAN, Minerva (ed.). **Cronología de la Revolución (1984-1989)**. Havana: Política, 1991.
- GUERRA, Lilian. **Visions of Power in Cuba**. Revolution, Redemption and resistance, 1959-1971. Carolina do Norte: University of North Carolina Press, 2012.
- GUERRA, Sérgio, MALDONADO Alejo. **Historia de la Revolución Cubana**. Tafalla: Txalaparta, 2009.

- GUEVARA, Ernesto. **A guerra de guerrilhas**. 3ª edição. São Paulo: Edições Populares, 1982.
- GUEVARA, Ernesto. **Pasajes de la guerra revolucionaria (Cuba, 1956-1959)**. Havana: Política, 1961.
- GUITART, Jorge Renato Ibarra. **El fracaso de los moderados en Cuba: las alternativas reformistas de 1957-1958**. Havana: Política, 2000.
- HARNECKER, Marta. **Fidel**. A estratégia política da vitória. São Paulo: Expressão Popular, 2000.
- _____. **José Antonio Echeverría: el movimiento estudiantil en la revolución cubana**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1987.
- HART, Armando. **Aldabonazo: en la clandestinidad revolucionaria cubana (1952-1958)**. Atlanta: Pathfinder, 2004.
- HERNÁNDEZ, Rafael. **Mirar a Cuba**. Ensayos sobre cultura y sociedad civil. Havana: Letras Cubanas, 1999.
- HERRERA, Alberto. **El Granma: la aventura del siglo**. Havana: Capitán San Luis, 1990.
- HOZ, Pedro de la. **Como el primer día**. Havana: Letras Cubanas, 2008.
- _____.; BÁEZ, Luis. **Caravana de la Libertad**. Havana: Casa Editora Abril, 2009.
- JIMÉNEZ, Antonio. **En marcha con Fidel**. Tomo I - 1959. Havana: Letras Cubanas, 1982.
- _____. **En marcha con Fidel**. Tomo II - 1960. Havana: Ciencias Sociales, 2003.
- _____. **En marcha con Fidel**. Tomo III - 1961. Havana: Ciencias Sociales, 2004.
- _____. **En marcha con Fidel**. Tomo IV - 1962. Havana: Ciencias Sociales, 2018.
- JOHNSON, Haynes. **The Bay of Pigs: The Leaders' Story of Brigade 2506**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1964.
- JÚNIOR, José Rodrigues Mao. **A Revolução Cubana e a Questão Nacional (1868-1963)**. São Paulo: Núcleo de Estudos do Capital, 2007.
- KAROL, K. S. **Los guerrilleros en el poder**. Itinerario político de la Revolución Cubana. Barcelona: Seix Barral, 1972.
- LARA, Jose Bell. **Fase insurreccional de la Revolución Cubana**. Havana: Ciencias Sociales, 2006.
- LLADA, José. **Memorias de la Sierra Maestra**. Havana: Tierra Nueva, 1960.
- LEANTE, César. **Revive, historia**. Anatomía del castrismo. Madrid: Biblioteca Nueva, 1999.

- LEGRÁ, Ángel. **El proceso de institucionalización de la Revolución Cubana**. Havana: Ciencias Sociales, 1985.
- LEON, Alain de; SAÍZ, Jaime. **Crónica de una expedición denunciada: El Corinthia**, 1957. USA: ACÚ, 2018.
- LEÓN, Arnaldo. **Breve historia de la Revolución Cubana**. Havana: Ciencias Sociales, 2003.
- LEYVA, Joel. **De la Sierra Maestra al Escambray**. Havana: Letras Cubanas, 1979.
- LÓPEZ-FRESQUET, Rufo. **Fui ministro de Fidel**. Rio de Janeiro: Laudes, 1969.
- MACAULAY, Neill. **Um rebelde em Cuba**. São Paulo: Difel, 1979.
- MACÍAS, Raúl. **Girón: historia verdadera de la brigada 2506**. Havana: Letras Cubanas, 1976.
- MACHADO, Quintin. **La batalla de Girón**. Razones de una victoria. Havana: Ciencias Sociales, 1983.
- MACHOVER, Jacobo. **El terror 'humanista'**. Tribunales revolucionarios y paredón en Cuba (1959). Madri: Editorial Hispano Cubana, 2011.
- MADERO, Abel Sierra. **Fidel Castro**. El Comandante Playboy: Sexo, Revolución y Guerra Fria. Madri: Hypermedia, 2019.
- _____. **El cuerpo nunca olvida. Trabajo forzado, hombre nuevo y memoria en Cuba (1959-1980)**. Santiago de Querétaro: Rialta, 2022.
- MARQUES, Rickley. O papel dos intelectuais na revolução cubana: o caso Padilla. **Em Tempo de Histórias**, [s. l.], n. 13, 2011, p. 105-123.
- MARRERO, Josué. **Relatos de Girón**. Havana: Letras Cubanas, 1982.
- MATOS, Huber. **Como llegó la noche**. Barcelona: Tusquets, 2002.
- MAYO, José. **Niños héroes de Playa Girón**. Havana: Gente Nueva, 1983.
- MCCAUGHAN, Edward. **Reiventando la Revolución**. La renovación del discurso de la izquierda en Cuba y México. Cidade do México: Siglo XXI, 1999.
- MENCÍA, Mario. **El grito del Moncada**. 2 volumes. Havana: Política, 1986.
- MESA-LAGO, Carmelo. **Dialéctica de la Revolución Cubana: del idealismo carismático al pragmatismo institucionalista**. Madri: Playor, 1979.
- _____. **Breve historia económica de Cuba Socialista**. Políticas, resultados y perspectivas. Madri: Alianza, 1994.
- MIRANDA, Olga. **Cuba/USA**. Nacionalizaciones y bloqueo. Havana: Ciencias Sociales, 1996.

MISKULIN, Sílvia. **Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana**. São Paulo: Xamã, 2003.

_____. **Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2010.

MOLINA, Gabriel. **Diario de Girón**. Política, 1984.

MONTANER, Carlos Alberto. **El otro paredón**. Asesinatos de la reputación en Cuba. Miami: Eriginal Books, 2011.

MORAIS, Fernando. **Os últimos soldados da Guerra Fria: a história dos agentes secretos infiltrados por Cuba em organizações de extrema direita nos Estados Unidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MUÑIZ, Mirta. **El cartel cubano**. Buenos Aires: Nuestra America, 2003.

NAVARRO, Carina (ed.). **Cronología**. 25 años de Revolución (1959-1983). Havana: Política, 1987.

OKUNIEVA, M. **La clase obrera en la Revolución Cubana**. Havana: Ciencias Sociales-Progreso, 1988.

OLIVERAS, Julio García. **José Antonio Echeverría: la lucha estudiantil contra Batista**. Havana: Política, 1979.

OPISSO, Susana Callejas; VEGA, Oscar Loyola; PENDÁS, Horacio Díaz; CIVEIRA, Francisca López; BEN, José Rodríguez. **Historia de Cuba. Nivel Medio Superior**. Havana: Pueblo y Educación, 2010.

OZACKI, Enrique. **Gente del llano**. Havana: Imagen Contemporanea, 2000.

PEDRESCHI, Guilherme Barbosa. **Na estrada com Fidel: o outdoor na Revolução Cubana**. São Paulo: Contradanza, 2018.

PÉREZ, Eugenio; ROMÁN, Acela. **Fidel: Días de Girón**. Havana: Verde Olivo, 2001

_____. **Batalla por la indemnización**. La segunda victoria de Girón. Havana: Verde Olivo, 2016.

PÉREZ-STABLE, Marifeli. **La revolución cubana**. Orígenes, desarrollo y legado. Madri: Editorial Colibrí, 1998.

PIERRE-CHARLES, Gérard. **Génesis de la Revolución Cubana**. Cidade do México: Siglo Veintiuno, 2003.

PIÑERO, Manuel. "La crisis actual del imperialismo y los procesos revolucionarios de la America Latina y del Caribe". In: PIÑERO, Manuel. **Memorias de la Conferencia teórica internacional sobre características generales y particulares de los procesos revolucionarios en America Latina y el Caribe**. [s/e]: Havana, 1982. *Apud*

CASTAÑEDA, Jorge. **Utopia desarmada: Intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PINO, Rafael del. **Amanecer en Girón.** Havana: Letras Cubanas, 1982.

PISANI, Miguel D'Estéfano. **Política Exterior de la Revolución Cubana.** Havana: Ciencias Sociales, 2002.

PORTELA, Fernando; ALVAREZ, César. **Cuba em perspectiva.** São Paulo: Ática, 2006.

PRADO, Giliard. **A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários.** Curitiba: Appris, 2018.

_____. A festa revolucionária como tempo da memória: as comemorações do 26 de julho em Cuba (1959- 2013). **Revista Brasileira do Caribe**, São Luís, vol. XIV, n. 27, 2013, p. 11-42.

_____. O tribunal revolucionário como tribuna política em Cuba: uma análise dos casos “Marquitos” e “Ordoqui”. **Revista eletrônica da ANPHLAC**, São Paulo, vol. 21, 2016, p. 4-33.

RAMIREZ, Blanca Torres. **Las relaciones cubano-sovieticas (1959-1968).** Cidade do México: Colegio de Mexico, 1971.

REINER, Aida. **Moncada, motor de la Revolución (1953-1955).** Havana: Política, 1983.

RIVEREND, Julio Le. **Breve historia de Cuba.** Havana: Ciencias Sociales, 2007.

_____. **La republica, dependencia y revolución.** Havana: Universitaria, 1966.

_____. **Historia económica de Cuba.** Havana: Ciencias Sociales, 1985.

RIVERO, Roberto Pérez. **La guerra de liberación nacional.** Formación y desarrollo del Ejército Rebelde. Santiago de Cuba: Oriente, 2006.

RODRIGUES, Bruno Romano. ¡Habla Comandante! Estratégias de memória nos discursos de Fidel Castro (1959-2006). In: CALEGARI, Ana Cecon; GENEROSO, Lúcia Abreu (org.). **Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais.** Belo Horizonte: Initia Via, 2021, p. 411-431.

_____. A memória de Playa Girón e o socialismo cubano: reflexões sobre os discursos de Fidel Castro na efeméride do 19 de abril (1971-2001). **Fênix. Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, vol. 18, n. 2, 2021, p. 416-433.

_____. A mão visível do Estado: representações dos Comitês de Defesa da Revolução nos discursos de Fidel Castro (1961-1977). **Revista Crítica Histórica**, vol. 12, n. 23, 2021, p. 361-377.

_____. Memórias da Batalha de Playa Girón: estratégias de comunicação nos discursos de Fidel Castro (1964-1976). **Revista Extraprensa**, [S. l.], vol. 16, n. 1, 2023, p. 98-118.

RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. **Cuba en el tránsito al socialismo (1959-1963)**. Havana: Ciencias Sociales, 1984.

RODRÍGUEZ, Juan. **Girón: la batalla inevitable**. La más colosal operación de la CIA contra Fidel Castro. Havana: Capitán San Luis, 2010.

_____. **La generación del centenario en el juicio del Moncada**. Havana: Ciencias Sociales, 1973.

_____. **El juicio de Moncada**. Havana: Ciencias Sociales, 1988.

ROJAS, Rafael. **Historia mínima de la Revolución Cubana**. Madri: Turner, 2015.

_____. **La máquina del olvido**. Mito, historia y poder en Cuba. Cidade do México: Taurus, 2012.

_____. **Isla sin fin: contribución a la crítica del nacionalismo cubano**. Miami: Universal, 1998.

_____. Anatomía del entusiasmo. Cultura y revolución en Cuba (1959-1971). In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. Vol. II. Madri: Katz, 2010, p. 45-61.

_____; ARAGÓN, Uva de; BLANCO, Juan Antonio; FAYA, Ana Julia; ROS, Enrique. **La UMAP: historia de un gulag castrista**. Miami: Universal, 2004.

RODRÍGUEZ, Luis; SUÁREZ, Reinaldo. **Gobierno Revolucionario Cubano**. Primeros pasos. Havana: Ciencias Sociales, 2009.

_____; **Otros pasos del Gobierno Revolucionario Cubano**. El fin de la luna de miel. Havana: Ciencias Sociales, 2002.

RUIZ, Ramón Eduardo. **Cuba**. The making of a revolution. Nova Iorque: The Norton Library, 1970.

S/A. **Historia de una agresión**. El juicio a los mercenarios de Playa Girón. Havana: Venceremos, 1962.

SÁNCHEZ, Juan Nuiry. **!Presente!**: apuntes para la historia del movimiento estudiantil cubano. Havana: Política, 2000.

SANTOS, Oscar Pino. **Historia de Cuba**. Aspectos fundamentales. Havana: Universitaria, 1964.

SCOTT, Rebecca. **Emancipação escrava em Cuba**. A transição para o trabalho livre, 1860-1899. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Campinas-SP: UNICAMP, 1991.

SEGRERA, Francisco López. **A Revolução Cubana**. Propostas, cenários e alternativas. Maringá: Eduem, 2012.

_____. **Raíces históricas de la Revolución Cubana (1868-1959)**. Havana: Unión, 1980.

_____. **Sociología de la colonia y neocolonia cubana (1510-1959)**. Havana: Ciencias Sociales, 1989.

SILVA, Marcos Antonio. **Cuba e a eterna guerra fria: mudanças internas e política externa nos anos 90**. Dourados: UFGD, 2012.

SPENGLER, Eusebio Leal. **Breves apuntes de la historia de Cuba**. Havana: Palacio de las Convenciones, 1981.

SWEEZY, Paul (org.). **Reflexões sobre a Revolução Cubana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

_____; HUBERMAN, Leo (org.). **Cuba**. Anatomia de uma revolução. Rio de Janeiro: Zahar, 1960.

SWEIG, Julia. **Inside the Cuban Revolution: Fidel Castro and the urban underground**. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

TRIAY, Victor. **Bay of Pigs**. An oral history of brigade 2506. Miami: University Press of Florida, 2020.

URRUTIA, Manuel. **Fidel Castro y Compañía, S. A.** Barcelona: Herder, 1963.

VARELA, Alfredo. **Cuba con toda la barba**. Buenos Aires: Esfera, 1960.

VASCONCELOS, Joana Salém. **História Agrária da Revolução Cubana**. Dilemas do socialismo na periferia. São Paulo: Alameda, 2016.

VILLAÇA, Mariana. **Cinema Cubano**. Revolução e Política Cultural. São Paulo: Alameda, 2010.

_____. **José Martí**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2008.

WILKERSON, Loree. **A filosofia política de Fidel Castro**. Do reformismo ao “marxismo-leninismo”. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1967.

WINOCUR, Marcos. **Las clases olvidadas en la Revolución Cubana**. Buenos Aires: Contrapunto, 1987.

WYDEN, Peter. **The Bay of Pigs: the untold story**. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1979.

YOUNG, Allen. **Los gays bajo la Revolución Cubana**. Madri: Playor, 1984.

- Fidel Castro

ALCÁZAR, Joan del; RIVERO, Sergio López. Fidel Castro, cuatro fases de un liderazgo inacabado. **Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades**, Sevilla, n. 30, 2013, p. 3-24.

ALVES, Hélio de Souza. **Entre a insurreição e o poder**. A construção da imagem pública de Fidel Castro Ruz (1952-1959). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2021.

ARZE, Reginaldo Ustariz. **Fidel Castro**. Uma sutil pincelada de sua vida. São Paulo: Brasbol, 2008.

BALFOUR, Sebastian. **Fidel Castro**. Una biografía política. Barcelona: Península, 2009.

BERTHIER, Nancy. **Fidel Castro**. Arrêts sur images. Paris: Ophrys, 2010.

BOURNE, Peter. **Fidel: A biography of Fidel Castro**. Nova Iorque: Macmillan London, 1986.

CLERC, Jean Pierre. **Las cuatro estaciones de Fidel Castro**. Una biografía política. Buenos Aires: Aguilar, 1997.

COLTMAN, Leycester. **O verdadeiro Fidel Castro**. Lisboa: Edições 70, 2008.

CORRARELLO, Ana. **Fundación de la memoria revolucionaria**. Cuba 1959-1962. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires, 2006.

_____. **Fidel Castro**. De la etapa fundacional al proyecto socialista soviético (1963-1989). Adecuación estratégica del discurso. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2019.

DALESSANDRO, Roberta. **Fidel Castro**. Canadá: GOODmood, 2016.

DEPALMA, Anthony. **O homem que inventou Fidel**. Cuba, Fidel e Herbert L. Matthews do New York Times. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DUBOIS, Jules. Fidel Castro. **Rebelde, Libertador o Ditador**. Barcelona: Grijalbo, 1959.

FABIANIS, Valeria Manferto de (org.). **Fidel Castro: história e imagem do líder máximo**. São Paulo: Escrituras, 2007.

FOSS, Clive. **Fidel Castro**. Cheltenham-Inglaterra: The History Press, 2016.

FUENTES, Norberto. **A autobiografia de Fidel Castro**. São Paulo: Leya, 2017.

FURIATI, Claudia. **Fidel Castro: uma biografia consentida**. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

GALLOWAY, George. **Fidel Castro inédito**. China: Pearson Educación, 2009.

- GEYER, Georgie Anne. **Guerrilla Prince: the untold story of Fidel Castro**. Nova Iorque: Little Brown, 1991.
- GIRAUDO, Silvia. **Revolución es más que una palabra**. Fidel Castro en la tribuna. Buenos Aires: Biblos, 2010.
- GORLA, Paola Laura. **Patria o muerte, ¡venceremos!**. La retórica de Fidel Castro. Havana: UH, 2014.
- HARNECKER, Marta. **Fidel Castro: del Moncada a la victoria**. Buenos Aires, Contrapunto, 1985.
- JATOBÁ, Roniwalter. **O jovem Fidel Castro**. São Paulo: Nova Alexandria, 2008.
- KLEIST, Reinhard. **Castro**. Porto Alegre: 8Inverso, 2011.
- LEONARD, Thomas. **Fidel Castro. A Biography**. Connecticut: Greenwood Press, 2004.
- _____. **Castro and the Cuban Revolution**. Connecticut: Greenwood Press, 1999.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. “Fidel Castro: El oficio de la palabra hablada”. In: MINA, Gianni. **Habla Fidel**. Buenos Aires: Sudamerica, 1988.
- MARTIN, Lionel. **El joven Fidel: los orígenes de su ideología comunista**. Barcelona: Grijalbo S. A., 1982.
- MATTHEWS, Hebert. Fidel Castro. **Uma biografia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- MONTANER, Carlos Alberto. **Fidel Castro y la Revolución Cubana**. Barcelona: Plaza & Janes Editores, 1984.
- _____. **Viaje al corazón de Cuba**. Barcelona: Plaza y Janes, 1999.
- MOREJÓN, Gerardo Rodríguez. **Fidel Castro**. Biografía. Havana: P. Fernández y Cia. S. en C., 1959.
- NISS, Frank. **Fidel Castro**. Canadá: Rowohlt E-Book, 2019.
- QUIRK, Robert. **Fidel Castro**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1995.
- RAFFY, Serge. **Fidel**. São Paulo: Babel, 2011.
- RAMONET, Ignácio. **Fidel Castro: biografia a duas vozes**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- REY, Miguel del, CANALES, Carlos. **Fidel Castro (1926-2016)**. De luces y sombras. Madri: Edaf, 2016.
- RIVERO, Nicolas. **Fidel Castro: um dilema americano**. São Paulo: Dominus, 1963.
- SADDI, Rafael. **A dominação carismática de Fidel Castro (1952-1960)**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

SKIERKA, Volker. **Fidel Castro**. A Biography. Canadá: Wiley, 2014.

SZULC, Tad. **Fidel**: um retrato crítico. São Paulo: Best Seller, 1987.

VALDÉS, Nelson. El contenido revolucionario y político de la autoridad carismática de Fidel Castro. **Revista Temas**, Havana, n. 55, 2008, p. 4-17.

ZANATTA, Loris. **Fidel Castro**: el último rey católico. Buenos Aires: Edhasa, 2020.

- Guerrilha e luta armada

BONNET, Gabriel. **Guerrilhas e Revoluções**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1963.

_____. **Guerras insurreccionais e revolucionárias**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1963.

CIDONCHA, Carlos Saiz. **Guerrillas en Cuba y otros países de Iberoamerica**. Madri: Nacional, 1974;

GOTT, Richard. **Las guerrillas en America Latina**. Santiago: Universitaria, 1971.

PEREYRA, Daniel. **Del Moncada a Chiapas**. Historia de la lucha armada en América Latina. Madrid: Catarata, 1994.

POMEROY, William. **Guerrillas y contraguerrillas**. Cidade do México: Grijalbo, 1967.

PRIETO, Alberto. **Las guerrillas contemporáneas en América Latina**. Cidade do México: Ocean Press, 2008.

RÍOS, Jerónimo; AZCONA, José Manuel (org.). **Historia de las guerrillas en América Latina**. Madri: Catarata, 2019.

ROLLEMBERG, Denise. **O apoio à luta armada no Brasil**: o treinamento guerrilheiro. Rio de Janeiro: MAUAD, 2001.

SAINT-PIERRE, Héctor. **A política armada**: fundamentos da guerra revolucionária. São Paulo: Unesp, 2000.

SALES, Jean Rodrigues. **A luta armada contra a ditadura militar**: a esquerda brasileira e a influência da Revolução Cubana. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.

TABER, Robert. **La guerra de la pulga**. Guerrilla y contraguerrilla. Cidade do México: Era, 1977.

VEGA, Luis Mercier. **Las guerrillas en America Latina**. La técnica del contra Estado. Buenos Aires: Paidós, 1969.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular**. Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. São Paulo: Contexto, 2009.

WICKHAM-CROWLEY, Timothy. **Guerrillas and revolution in Latin America: a comparative study of insurgents and regimes since 1956**. Princeton: Princeton University Press, 1993.

- História e memória

ÁLVARO, Francesc-Marc. **Entre la mentira y el olvido: el laberinto de la memoria colectiva**. Barcelona: RBA, 2012.

AUGÉ, Marc. **As formas do esquecimento**. Lisboa: Íman Edições, 2001.

BADDELEY, Alan; ANDERSON, Michael; EYSENCK, Michael. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BLANCHARD, Pascal; VEYRAT-MASSON, Isabelle (org.). **Les guerres de mémoires**. La France et son histoire. Enjeux politiques, controverses historiques, stratégies médiatiques. Paris: La Découverte, 2008.

BURKE, Peter. “História como memória social”. In: BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 67-89.

CANDAU, Joel. **Memoria e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.

_____. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JELIN, Elizabeth. **La lucha por el pasado: como construimos la memoria social**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2018.

_____. **Los trabajos de la memoria**. Madri: Siglo XXI, 2002.

_____. (org.). **Las conmemoraciones: las disputas em las datas “in-felices”**. Madri: Siglo Veintiuno, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Unicamp, 2013.

LORAUX, Nicole. **La ciudad dividida**. El olvido en la memoria de Atenas. Buenos Aires: Katz, 2008.

MICHEL, Johann. **Gouverner les mémoires: politiques mémorielles en France**. Paris: PUF, 2010.

NORA, Pierre. “Entre mémoire et histoire”. In : NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire. La République**. Paris: Gallimard, 1984.

_____. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, vol. 10, 1993, p. 7-28.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. **La lectura del tempo pasado: memoria y olvido**. Madri: Arrecife, 1999.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**. Seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Unesp, 2010.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2023.

STORA, Benjamin. **La guerre des mémoires. La France face à son passé colonial**. La Tour-d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2007.

SVAMPA, María Lucila. **Historia en disputa**. Memoria, olvido y usos del pasado. Buenos Aires: Prometeo, 2016.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Barcelona: Paidós, 2000.

YERUSHALMI, Yosef; MOMMSEN, Hans; MILNER, Jean-Claude; VATTIMO, Gianni; LORAUX, Nicole. **Usos do esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2017.

- Geral

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRESS, David. **O terror**. Guerra civil e a Revolução Francesa. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ÁLVAREZ, Sebastián Vargas. La investigación sobre las conmemoraciones rituales en Colombia (siglos XIX-XXI): balance historiográfico. **Anos 90**, Porto Alegre, vol. 22, n. 42, 2015, p. 207-235.

ARENDDT, Hannah. **Sobre a revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BACZKO, Bronislaw. "Imaginação social". In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BARROS, José D'Assunção. A historiografia e os conceitos relacionados ao tempo. **Dimensões**, vol. 32, 2014, p. 245-247.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 2001.

BONALDO, Rodrigo Bragio. **Comemorações e efemérides: ensaio episódico sobre a história de dois paralelos**. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BRAUDEL, Fernand. **O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II**. 2 volumes. Lisboa: Dom Quixote, 1983-1984.

_____. História e Ciências Sociais: a longa duração. **Revista de História**, [s. l.], vol. 30, n. 62, 1965, p. 261-294.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2020.

CLAEYS, Gregory. **Utopia: a história de uma ideia**. São Paulo: Edições SESC-SP, 2013.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. Pesquisas de antropologia política. São Paulo: Ubu, 2017.

DECCA, Edgar de. 1930. **O silêncio dos vencidos**. Memória, história e revolução. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense.

FRANCO, José Luciano. **Historia de la revolución de Haití**. La batalla por el dominio del Caribe y el Golfo de Mexico. Havana: Ciencias Sociales, 2010.

GENEROSO, Lúcia Maria de Abreu. **Solidariedades tricontinentais em movimento: política, imagens e temporalidades na produção cultural da Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina (1963-1990)**. Tese de Doutorado, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, 2023.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**. O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEFORT, Claude. **Pensando o político**. Ensaio sobre democracia, revolução e liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LEFORT, Jean. **La saga des calendriers ou le frisson millénariste**. Paris: Belin, 2000.

_____. MANE, Perrine ; LE GOFF, Jacques (org.). **Les calendriers**. Leurs enjeux dans l'espace et dans le temps. Paris: Somogy, 2002.

LÖWY, Michael. **El marxismo en América Latina**. Santiago: LOM, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

- MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial**. Campinas: Unicamp, 2010.
- MONTIGLIO, Silvia. “Falar em público e ficar em silêncio na Grécia Clássica”. In: PIOVEZANI, Carlos; COURTINE, Jean-Jacques (org.). **História da fala pública: uma arqueologia dos poderes dos discursos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- NUEZ, Iván de la. **Fantasía roja**. Barcelona: Debolsillo, 2010.
- OVÍDIO. **Fastos/Fasti**. Ed. bilíngue: português/latim. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- OZOUF, Mona. **La Fête Révolutionnaire (1789-1799)**. Paris: Gallimard, 1976.
- PIMENTA, João Paulo. **O livro do tempo: uma história social**. São Paulo: Edições 70, 2021.
- PIOVEZANI, Carlos. **Verbo, corpo e voz**. Dispositivos de fala pública e produção da verdade do discurso político. São Paulo: Unesp, 2009.
- PLOTKIN, Mariano Ben. **Mañana es San Perón**. Propaganda, rituales políticos y educación en el régimen peronista (1946-1955). Buenos Aires: EDUNTREF, 2013.
- PRÉPOSIET, Jean. **História do anarquismo**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- SABINO, Fernando. “Uma pistola a menos”. In: SABINO, Fernando. **O gato sou eu**. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 35-39.
- SANSON, Rosemonde. **Les 14 juillet (1789-1975)**. Fête et conscience nationale. Paris: Flammarion, 1976.
- SANTOS, Eduardo Natalino. **Tempo, espaço e passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas**. São Paulo: Alameda, 2009.
- SCHWARCZ, Lília; JUNIOR, Carlos; STUMPF, Lúcia. **O sequestro da independência: uma história da construção do 7 de setembro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- SZACKI, Jerzi. **As Utopias ou a Felicidade Imaginada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- TSÉ-TUNG, Mao. **Obras Escolhidas de Mao Tsé-Tung**. vol. 2. Pequim: Edições do Povo, 1971.
- COSTA, Adriane Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa**. São Paulo: Alameda, 2015.
- VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa 1789-1799**. São Paulo: Unesp, 2019.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Unb, 1999.

- Obras de referência

Biblioteca José Martí. **Anuário Bibliográfico Cubano**. Havana: Consejo Nacional de Cultura, 1959-1976.

Constitución de la Republica de Cuba. Havana: Orbe, 1977.

FONTES

- Discursos on-line

CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, durante la inhumación de los restos de los expedicionarios del “Corinthia”, en el Cementerio de Colón, el 28 de mayo de 1959.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f280559e.html>>

Acesso em: 10 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración campesina, efectuada el 26 de julio de 1959.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f260759e.html>>

Acesso em: 22 mar. 2020.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, ante el pueblo congregado en el Palacio Presidencial para reafirmar su apoyo al Gobierno Revolucionario y como protesta contra la cobarde agresión perpetrada contra el pacífico pueblo de La Habana por aviones procedentes de territorio extranjero, el 26 de octubre de 1959.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f261059e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto celebrado en la escalinata de la Universidad de La Habana, en la conmemoración del 13 de marzo, el 13 de marzo de 1960.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f130360e.html>>

Acesso em: 23 mar. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en conmemoración del VII aniversario del**

26 de julio, en Las Mercedes, estribaciones de la Sierra Maestra, el 26 de julio de 1960.

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f260760e.html>>

Acesso em: 22 mar. 2020.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en Ciudad Libertad, el 31 de diciembre de 1960.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f311260e.html>>

Acesso em: 8 set. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el desfile efectuado en la Plaza Cívica, el 2 de enero de 1961.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f020161e.html>>

Acesso em: 5 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de recordación a los mártires del asalto al palacio presidencial el 13 de marzo de 1957, celebrado en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 13 de marzo de 1961.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f130361e.html>>

Acesso em: 1 set. 2021.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del VIII aniversario del ataque al cuartel Moncada, en la Plaza de la Revolución “José Martí”, en La Habana, el 26 de julio de 1961.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f260761e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la clausura de los actos celebrados en Playa Girón, Península de Zapata, el 27 de julio de 1961.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f270761e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario de la dirección nacional de las ORI y Primer Ministro del Gobierno**

Revolucionario, en la Segunda Asamblea Nacional del Pueblo de Cuba, celebrada en la Plaza de la Revolución, el 4 de febrero de 1962.

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f040262e.html>>.

Acesso em: 28 set. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto homenaje a los mártires del Asalto al Palacio Presidencial, en la escalinata de la Universidad de la Habana, el 13 de marzo de 1962.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f130362e.html>>

Acesso em: 28 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante doctor Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario y Primer Secretario de las ORI, en el acto homenaje a los mártires caídos en Playa Girón y conmemoración de la victoria contra la invasión mercenaria perpetrada hace un año por Playa Girón y Playa Larga, celebrado en el Teatro “Chaplin”, el 19 de abril de 1962.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f190462e.html>>

Acesso em: 2 jun. 2020.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, en el acto conmemorativo del Primero de mayo, en la Plaza de la Revolución, el 1º de mayo de 1962.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f010562e.html>>

Acesso em: 2 dez. 2021.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario General de las ORI y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, en la concentración celebrada con motivo de conmemorarse el noveno aniversario del 26 de julio, en Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1962.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f260762e.html>>

Acesso em: 2 dez. 2021.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario de las ORI y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la clausura del X Congreso Médico y Estomatológico Nacional, el 24 de febrero de 1963.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f240263e.html>>

Acesso em: 2 dez. 2021.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, en la clausura del acto para conmemorar el VI aniversario del Asalto al Palacio Presidencial, celebrado en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 13 de marzo de 1963.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f130363e.html>>

Acesso em: 8 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Secretario General de las ORI y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, a los miembros del Partido Unido de la Revolución Socialista de Matanzas, efectuado en el campo deportivo “René Fraga”, el 30 de marzo de 1963.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f300363e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba y Primer Secretario General del PURSC, en la conmemoración del X aniversario del 26 de julio, celebrada en la Plaza de la Revolución, el 26 de julio de 1963.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f260763e.html>>

Acesso em: 1 set. 2021.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, Primer Secretario del PURSC y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración conmemorativa del quinto aniversario de la Revolución, en la Plaza de la Revolución, el 2 de enero de 1964.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f020161e.html>>

Acesso em: 4 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario y Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba, en la velada solemne para resumir los actos de celebración del tercer aniversario de la victoria del pueblo de Cuba en Playa Girón, efectuada en el Teatro Chaplin, el 19 de abril de 1964.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f190464e.html>>

Acesso em: 2 jun. 2020.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Secretario General del PURSC y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en**

conmemoración al Día Internacional de los Trabajadores, celebrada en la Plaza de la Revolución “José Martí”, el 1º de mayo de 1964.

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f010564e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del PURSC y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración conmemorativa del sexto aniversario de la Revolución, efectuada en la Plaza de la Revolución, el 2 de enero de 1965.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f020165e.html>>

Acesso em: 5 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto celebrado en la escalinata de la Universidad de La Habana honrando a los mártires del 13 de Marzo, el 13 de marzo de 1965.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f130365e.html>>

Acesso em: 5 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro, Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de conmemoración de la victoria de Playa Girón, celebrado en el Teatro “Chaplin, el 19 de abril de 1965.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f190465e.html>>

Acesso em: 6 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, Primer Secretario del PURSC y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el XII aniversario del ataque al cuartel Moncada, en la ciudad de Santa Clara, el 26 de julio de 1965.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f260765e.html>>

Acesso em: 3 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, resumiendo los actos del V aniversario de los CDR, en la concentración efectuada en la Plaza de la Revolución, el 28 de septiembre de 1965.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f280965e.html>>

Acesso em: 01 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de presentación del Comité Central del Partido Comunista de Cuba, efectuado en el Teatro “Chaplin”, el 3 de octubre de 1965.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f031065e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la celebración del VII aniversario de la Revolución, en la Plaza de la Revolución, el 2 de enero de 1966.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/f020166e.html>>

Acesso em: 5 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del Primero de Mayo, Día Internacional del Trabajo, en la Plaza de la Revolución, el 1ro de Mayo de 1966.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/f010566e.html>>

Acesso em: 1 set. 2020.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del XIII aniversario del asalto al cuartel Moncada, en La Habana, Plaza de la Revolución, el 26 de julio de 1966.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/f260766e.html>>

Acesso em: 1 set. 2021.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del VI aniversario de los CDR. Plaza de la Revolución, 28 de septiembre de 1966.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/f280966e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el desfile militar y concentración efectuados en la**

Plaza de la Revolución, con motivo del VIII aniversario de la Revolución, el 2 de enero de 1967.

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f020167e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del XIV aniversario del asalto al cuartel Moncada, en Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1967.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f260767e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del VII aniversario de la fundación de los CDR. Plaza de la Revolución, 28 de septiembre de 1967.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f280967e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el resumen de los actos conmemorativos por el VII aniversario de la derrota del imperialismo yanqui en Playa Girón, celebrado en Playa Girón, el 19 de abril de 1968.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f190468e.html>>

Acesso em: 1 set. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración en conmemoración del decimoquinto aniversario del heroico ataque al cuartel Moncada, en la Plaza de la Revolución de Santa Clara, Las Villas, el 26 de julio de 1968.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f260768e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el resumen de la Velada Conmemorativa de los**

Cien Años de Lucha, efectuada en la Demajagua, Monumento Nacional, Manzanillo, Oriente, el 10 de octubre de 1968.

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f101068e.html>>

Acesso em: 6 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, al conmemorarse el X aniversario del triunfo de la rebelión, en la Plaza de la Revolución, el 2 de enero de 1969.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f020169e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2020.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración efectuada en la escalinata de la universidad de La Habana como culminación de los actos organizados para honrar a los mártires del 13 de marzo de 1957. La Habana, marzo 13 de 1969.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f130369e.html>>

Acesso em: 8 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración conmemorativa del XVII aniversario del asalto al cuartel Moncada, efectuada en la Plaza de la Revolución, el 26 de julio de 1970.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1970/esp/f260770e.html>>

Acesso em: 20 dez. 2021.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto central por el 1ro de Mayo, efectuado en el teatro de la CTC, el 1ro de mayo de 1971.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1971/esp/f010571e.html>>

Acesso em: 1 set. 2020.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el resumen del acto de solidaridad de la Federación Mundial de Juventudes Democráticas y la Unión Internacional de Estudiantes con**

la Revolución Cubana, en la Plaza Cadenas de la Universidad de La Habana, el 27 de agosto de 1971.

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1971/esp/f270871e.html>>

Acesso em: 23 mar. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la Republica de Cuba, en el resumen de la concentración popular por el XII aniversario de la creación de los Comités de Defensa de la Revolución, efectuada en la Plaza de la Revolución, el 28 de setiembre de 1972, “Año de la Emulación Socialista”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1972/esp/f280972e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, efectuado en la velada solemne por el centenario de la caída en combate del Mayor General Ignacio Agramonte Loynaz, Camagüey, el 11 de mayo de 1973, “Año del XX aniversario”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1973/esp/f110573e.html>>

Acesso em: 23 mar. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto central en conmemoración del XXII aniversario del ataque al cuartel Moncada, efectuado en la ciudad de Santa Clara, Las Villas, el 26 de julio de 1975, “Año del Primer Congreso”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1975/esp/f260775e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de masas con motivo de la clausura del Primer Congreso del Partido Comunista de Cuba. Plaza de la Revolución, 22 de diciembre de 1975, “Año del Primer Congreso”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1975/esp/c221275e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por Fidel Castro, Presidente de la República de Cuba, en el acto central por el XV aniversario de la victoria de Girón y la proclamación socialista de nuestra Revolución, celebrado en el Teatro “Carlos Marx”, el 19 de abril de 1976, “Año del XX aniversario del Granma”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1976/esp/f190476e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2020.

_____. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto central conmemorativo del XV aniversario del Ministerio del Interior, celebrado en el Teatro “Carlos Marx”, La Habana, el 6 de junio de 1976, “Año del XX aniversario del Granma”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1976/esp/f060676e.html>>

Acesso em: 15 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto de conmemoración del centenario de la Protesta de Baraguá, municipio “Julio Antonio Mella”, Santiago de Cuba, 15 de marzo de 1978, “Año del XI Festival”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1978/esp/f150378e.html>>

Acesso em: 6 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en la sesión solemne celebrada en el Teatro “Carlos Marx” con motivo del XX aniversario del triunfo de la Revolución, el 1º de enero de 1979, “Año 20 de la Victoria”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1979/esp/f010179e.html>>

Acesso em: 4 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el Acto de Clausura del I Congreso de la Federación Estudiantil Universitaria, efectuado en el Teatro “Lazaro Peña”, el 13 de marzo de 1979, “Año 20 de la Victoria”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1979/esp/f130379e.html>>

Acesso em: 8 fev. 2020.

_____. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en la inauguración del Combinado Textil de Santa Clara, celebrada el 2 de diciembre de 1979, “Año 20 de la victoria”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1979/esp/f021279e.html>>

Acesso em: 1 fev. 2022.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en la velada solemne con motivo del XXV aniversario del triunfo de la Revolución y la entrega del título honorífico de “Héroe de la República de Cuba” y la orden “Antonio Maceo” a la ciudad de Santiago de Cuba, en el antiguo ayuntamiento de esa ciudad, el 1ro de enero de 1984, “Año del XXV aniversario del triunfo de la Revolución”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1984/esp/f010184e.html>>

Acesso em: 2 dez. 2021.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el XXXIV aniversario del asalto al cuartel Moncada, celebrado en la Plaza de Artemisa, el 26 de julio de 1987, “Año 29 de la Revolución”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1987/esp/f260787e.html>>

Acesso em: 23 mar. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto en conmemoración del XXXII aniversario del desembarco del “Granma” y de la fundación de las Fuerzas Armadas Revolucionarias, y la proclamación de ciudad de La Habana lista para la defensa en la primera etapa, en la Plaza de la Revolución, el 5 de diciembre de 1988, “Año 30 de la Revolución”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1988/esp/f051288e.html>>

Acesso em: 6 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto solemne en conmemoración del XXX aniversario del Triunfo de la Revolución, en Santiago de Cuba, el 1º de enero de 1989, “Año 31 de la Revolución”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1989/esp/f010189e.html>>

Acesso em: 6 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto por el XXXIX aniversario del**

asalto al cuartel Moncada y el XXXV del levantamiento de Cienfuegos, efectuado en Cienfuegos, el 5 de septiembre de 1992, “Año 34 de la Revolución”.

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1992/esp/f050992e.html>>

Acesso em: 5 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en la clausura de la Sesión de Constitución de la Asamblea Nacional, en su cuarta legislatura, y del Consejo de Estado, celebrada en el Palacio de las Convenciones, el 15 de marzo de 1993, “Año 35 de la Revolución”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1993/esp/f150393e.html>>

Acesso em: 23 mar. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el 35 aniversario del triunfo de la Revolución, efectuado en el parque “Carlos Manuel de Céspedes”, Santiago de Cuba, el 1^{ro} de enero de 1994, “Año 36 de la Revolución”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1994/esp/f010194e.html>>

Acesso em: 4 fev. 2020.

_____. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el aniversario 42 del asalto a los cuarteles Moncada y “Carlos Manuel de Céspedes”, en la Plaza de la Revolución “Mariana Grajales”, el 26 de julio de 1995, “Año del centenario de la caída de José Martí”.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1995/esp/f260795e.html>>

Acesso em: 6 fev. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto de entrega de la Declaración de los Mambises del Siglo XX, efectuado ante el monumento a “José Martí”, en la Plaza de la Revolución, el 15 de marzo de 1997.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1997/esp/f150397e.htm>>

Acesso em: 23 mar. 2023.

_____. **Discurso pronunciado por el Presidente de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, en el acto central por el 45 aniversario del asalto a los cuarteles Moncada y Carlos Manuel de Céspedes, efectuado en Santiago de Cuba, el día 26 de julio de 1998.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1998/esp/f260798e.html>>

Acesso em: 6 fev. 2023.

_____. **Discurso del Presidente de la República de Cuba, Fidel Castro, en el acto central por el 40º aniversario del triunfo de la Revolución, efectuado en el Parque Céspedes, Santiago de Cuba, el día 1º de enero de 1999.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1999/esp/f010199e.html>>

Acesso em: 4 fev. 2020.

_____. **Discurso pronunciado por el Presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, en la Tribuna Abierta de la Juventud, los Estudiantes y los Trabajadores por el Día Internacional de los Trabajadores, en la Plaza de la Revolución, el Primero de Mayo del 2000.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2000/esp/f010500e.html>>

Acesso em: 5 set. 2020.

_____. **Discurso del Presidente de la República de Cuba Fidel Castro Ruz, en el acto para conmemorar el aniversario 45 del desembarco de los expedicionarios del Granma y el nacimiento de las Fuerzas Armadas Revolucionarias, en la Plaza “Antonio Maceo”, de Santiago de Cuba, el 2 de diciembre del 2001.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2001/esp/f021201e.html>>

Acesso em: 5 set. 2022.

_____. **Discurso de Fidel Castro, Presidente de la República Cuba, en la clausura del IV Encuentro Internacional de Economistas. Palacio de las Convenciones, 15 de febrero de 2002.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2002/esp/f150202e.html>>

Acesso em: 5 set. 2022.

- Entrevistas

BETTO, Frei. **Fidel e a religião.** Conversas com Frei Betto. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BORGE, Tomás. **Un grano de maíz.** Conversación con Fidel Castro. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

CASTIÑEIRA, Katiuska. **Fidel Castro Ruz**. Guerrilheiro do Tempo. Conversações com o líder histórico da Revolução Cubana. Rio de Janeiro: Ebendinger, 2011.

CASTRO, Fidel. **Conversaciones con periodistas norteamericanos y franceses**. Havana: Política, 1983.

_____. **De los recuerdos de Fidel Castro**. El Bogotazo y Hemingway. Entrevista. Havana: Política, 1984.

_____. **Nada podrá detener la marcha de la historia**. Entrevista concedida a Jeffrey Elliot y Mervin Dymally sobre múltiples temas económicos, políticos y históricos. Havana: Política, 1985.

_____. **La impagable deuda externa de América Latina y del Tercer Mundo**, como puede y debe ser cancelada y la urgente necesidad del nuevo orden económico internacional. Entrevista Concedida al periódico Excélsior de Mexico. Havana: Política: 1985.

_____. **Nuestra lucha es la de America Latina y el Tercer Mundo**. Entrevista concedida al periódico El Dia, de México, el 8 de junio de 1985. Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 1985.

_____. **Entrevista para la NBC**. Havana: Política, 1988.

_____. **Presente y futuro de Cuba**. Entrevista concedida a la revista Siempre!. Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 1991.

_____. **Fidel**. En la memoria del joven que es. Havana: Casa Editorial Abril, 2005.

MINÀ, Gianni. **Fidel**. Presente y futuro de una ideología en crisis analizada por un líder histórico. Cidade do México: Edivisión, 1991.

RAMONET, Ignacio. **Cien Horas Con Fidel**. Conversaciones con Ignacio Ramonet. Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 2006.

- Volumes temáticos publicados em Cuba

CASTRO, Fidel; CASTRO, Raúl. **Selección de discursos acerca del Partido**. Havana: Ciencias Sociales, 1975.

CASTRO, Fidel. **Mujeres y revolución**. Havana: Editorial de la Mujer, 2016.

_____. **Sobre los Comités de Defensa de la Revolución**. Havana: Ediciones con la guardia en alto, 1964.

_____. **Fidel**: sobre los CDR. Havana: Orbe, 1981.

_____. **La unión nos dio la victoria.** Havana: Departamento de Orientación Revolucionaria del Comité Central del Partido Comunista de Cuba (DOR-PCC), 1976.

_____. **La historia me absolverá.** Edición anotada. Edición y notas de Pedro Álvarez Tabío y Guillermo Alonso Fiel. Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 1993.

_____. **Ciencia, Tecnología y Sociedad (1958-1991).** 2 volúmenes. Havana: Política, 1991.

_____. **El transporte en Cuba.** Selección Temática (1959-1999). 3 volúmenes. Havana: Política, 2003.

_____. **Fidel y el deporte.** Selección de pensamientos (1959-2006). Havana: Editorial Deportes, 2006.

_____. **Ecología y Desarrollo.** Selección temática (1963-1992). Havana: Política, 1992.

_____. **Fidel Castro ante los desastres naturales.** Pensamiento y acción. Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 2011.

_____. **El derecho de la humanidad a existir.** Selección de Reflexiones del Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz sobre desarrollo sostenible. Havana: Científico-Técnica, 2012.

_____. **La integración latino-americana.** Selección de textos (1959-1991). Havana: Política, 1991.

_____. **Fidel Castro y los Estados Unidos.** 90 discursos, intervenciones y reflexiones. Havana: Capitán San Luís, 2017.

_____. **El estudio, el trabajo y la formación de la juventud.** Selección de textos. Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 1986.

_____. **Mujer, niñez y familia.** Selección temática (1959-2000). 2 volúmenes. Havana: Instituto de Historia de Cuba, 2010.

_____. **Discursos en tres congresos.** Havana: Política, 1982.

_____. **El pensamiento de Fidel Castro.** Selección temática (1959-1961). 2 volúmenes. Havana: Política, 1983.

_____. **Ideología, conciencia y trabajo político (1959-1986).** Havana: Pueblo y Educación, 1991.

_____. **Por el camino correcto.** Compilación de textos. Havana: Política, 1988;

_____. **En la trinchera de la Revolución.** Selección de discursos. Havana: Política, 1990.

- _____. **El movimiento sindical y los Trabajadores.** Selección temática (1959-1999). Havana: Política, 1999.
- _____. **La Batalla de Ideas nuestra arma política más poderosa.** Havana: Política, 2003.
- _____. **Pueblo y democracia.** Selección temática (1959-1999). Volumes I e II. Havana: Política, 2008;
- _____. **Habla Fidel.** 25 discursos en la Revolución. Selección y prólogo de Pedro Álvarez Tabío. Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 2008.
- _____. **El Partido, una revolución en la revolución.** Selección temática (1961-2005). Havana: Política, 2011.
- _____. **Los Derechos Humanos (1959-1988).** Selección temática. Havana: Política, 1989.
- _____. **La deuda externa.** Selección temática (Febrero-Septiembre 1985). Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 1985.
- _____. **Fidel Castro y la deuda externa.** Havana: Política, 1989.
- _____. **Desarrollo, subdesarrollo y tercer mundo.** Havana: Política, 1991.
- _____. **Globalización neoliberal y crisis económica global.** Discursos y declaraciones. Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 1999.
- _____. **Capitalismo actual.** Características y contradicciones. Neoliberalismo y Globalización. Selección temática (1991-1998). Havana: Política, 1999.
- _____. **De la Demajagua a Playa Girón.** Un encuentro del pueblo con su propia Historia. Havana: Ciencias Sociales, 1978.
- _____. **De José Martí a Fidel Castro.** Havana: Patria Livre, 1960.
- _____. **José Martí.** El autor intelectual. Havana: Política, 1983.
- _____. **La Revolución de Octubre y la Revolución Cubana.** Havana: Política, 1987.
- _____. **José Martí en el ideario de Fidel Castro.** Havana: Ediciones Especiales, 2004.
- _____. **El Che en Fidel Castro.** Selección temática (1959-1997). Havana: Política, 2007.
- _____. **Fidel Castro y la historia como ciencia.** Selección temática (1959-2003). 2 tomos. Havana: Ediciones Especiales, 2007.
- _____. **Cuba-Chile.** Encuentro simbólico entre dos procesos históricos. Havana: Políticas, 1972.

- _____. **Fidel en Brasil.** Selección de intervenciones. Havana: Política, 1990.
- _____. **Por un mundo de paz, justicia y dignidad.** Discursos en conferencias cumbre (1991-1996). Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 1996.
- _____. **La esencia de la amistad.** Visita del presidente de Cuba Fidel Castro Ruz a Barbados, con motivo de la segunda cumbre Cuba-Caricom (7 al 9 de diciembre de 2005). Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 2006.
- _____. **Aniversarios del triunfo de la Revolución Cubana (1960-1967).** Havana: Política, 1967.
- _____. **Sobre temas militares.** Havana: FAR, 1990.
- _____. **Volverán a prevalecer las ideas progresistas.** Havana: Capitán San Luis, 2000.
- _____. **Diccionario del pensamiento de Fidel Castro.** Havana: Política, 2008.
- _____. **Partido Comunista de Cuba.** Evolución histórica (1959-1997). Havana: Política, 2011.
- _____. **Fidel Castro: el Moncada y La historia me absolverá** (selección temática 1953-2003). Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 2009.
- _____. **Fidel Castro: unidad e independencia de América** (selección temática 1959-2010). Havana: Instituto de Historia de Cuba-Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 2010.
- _____. **Las luchas por la independencia nacional** (selección temática 1959-2012). Havana: Historia, 2017.

- Discursos de Fidel Castro publicados fora de Cuba

CASTRO, Fidel. **Fidel Castro parle...** la Révolution Cubaine par les textes. Paris: François Maspero, 1961.

- _____. **3 discours sur la formation du Parti Uni de la Révolution Socialiste Cubaine.** Paris: Edite par l'ambassade de Republique de Cuba em France, 1962.
- _____. **Fidel Castro avec ses textes essentiels.** Paris: Seghers, 1962.
- _____. **Discurs de la Révolution.** Paris: Union Générale D'Éditions, 1966.
- _____. **Citations de Fidel Castro.** Paris: Seuil, 1968.
- _____. **Révolution Cubaine.** 2 volumes. Paris: François Maspero, 1968.
- _____. **Bilan de la Révolution Cubaine.** Paris: François Maspero, 1976.
- _____. **Imperialismo, tercer mundo y revolución.** Barcelona: Anagrama, 1975.

- _____. **La experiencia cubana.** Informe al Primer Congreso (1975) y otros documentos. Barcelona: Blume, 1976.
- _____. **Obras escogidas de Fidel Castro.** 3 volumes. Madrid: Fundamentos, 1976.
- _____. **Cuba, hoy.** Una revolución en marcha. Barcelona: Aymá, 1977.
- _____. **Reflexiones del comandante en jefe.** Madrid: Ediciones Partido Comunista Español, 2007.
- _____. **Acerca de la juventud.** Sofía: Sofía Press, 1978.
- _____. **Rivoluzione e pace mondiale.** Roma: Samonà e Savelli, 1963.
- _____. **Orazione Funebre per Ernesto Che Guevara.** Milão: Feltrinelli, 1967.
- _____. **Oração fúnebre para Ernesto Che Guevara.** Porto: Brasília, s/d.
- _____. **Fidel e o Socialismo em Cuba.** Lisboa: Edição do Tradutor, 1971.
- _____. **Discursos de Fidel Castro.** Lisboa: Prelo, 1974.
- _____; BREJNEV, Leonid. **O imperialismo, o internacionalismo e o desespero da burguesia.** Lisboa: Prelo, 1975.
- _____. **Fazer a revolução.** Lisboa: Fronteira, 1975.
- _____. **Sobre o poder local.** Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1975.
- _____. **A grande tarefa da revolução consiste em formar o homem novo.** Lisboa: Ulmeiro, 1975.
- _____. **A nossa luta é a luta do povo.** Colectânea de discursos. Lisboa: Avante!, 1980.
- _____. **Por um mundo justo e unido.** Lisboa: Avante!, 1998.
- _____. **Fidel: su visión del mundo actual.** “Una revolución sólo puede ser hija de la cultura y las ideas”. Montevideo: Comisión Nacional de Organizaciones Sociales, 1999.
- _____. **La globalización neoliberal no es eterna.** IV Encuentro Internacional de Economistas (Febrero 15 de 2002). Bogotá: Oveja Negra, 2002.
- _____. **Fidel en Venezuela.** Discursos. Caracas: Fondo Editorial del Sur, 2009.
- _____. **Discursos de Fidel Castro.** Una selección. Caracas: Perro y la Rana, 2017.
- _____. **La revolución cubana.** Cidade do Mexico: Era, 1973.
- _____. **Hoy somos un pueblo entero conquistando el porvenir.** Cidade do Mexico: Siglo Veintiuno, 1973.
- _____. **Balance de la revolución.** Discursos en el primer congreso. Cidade do Mexico: Cultura Popular, 1976.

- _____. **Latinoamericanismo vs. Imperialismo.** Cidade do Mexico: Ocean Sur, 2009.
- _____. **Así se derrotó al imperialismo.** Tomos I (Preparando la Defensa) e II (El Combate y la Victoria). Cidade do México: Siglo Veintiuno, 1978.
- _____. **Autocrítica.** São Paulo: Global, 1978.
- _____. **O homem novo e a nova mulher em Cuba.** São Paulo: Global, 1979.
- _____. **O caminho do socialismo.** São Paulo: Parma, 1980.
- _____. **Discurso de 2 de janeiro de 1963.** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. **Fidel Castro.** São Paulo: Ática, 1986.
- _____. **Cuba se defende.** A crise dos sequestros e condenações. São Paulo: Revan, 2003.
- _____. **As declarações de Havana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- _____. **A grande tarefa da revolução consiste em formar o homem novo.** São Paulo: Expressão Popular, 2016.
- _____. **Fidel e a Revolução.** São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- _____. **Fidel Castro speaks.** Nova Iorque: Grove Press, 1969.
- _____. **Fidel in Chile.** Nova Iorque: International Publishers, 1972.
- _____. **Capitalism in crisis.** Globalization and World Politics Today. Nova Iorque/Melbourne: Ocean Press, 2000.
- _____.; FERNÁNDEZ, José Ramón. **Playa Girón.** Bahía de los Cochinos. Primera derrota militar de Washington em América. Nova Iorque: Pathfinder, 2001.
- _____. **Fidel Castro habla de Playa Girón.** Melbourne: Ocean Press, 2001.
- _____. **La Revolución Cubana.** Escritos y discursos. Buenos Aires: Palestra, 1960.
- _____. **Dos Discursos Para La Historia.** Fidel Castro Interroga a los mercenarios derrotados en la ultima invasión. Discurso de Fidel Castro en la Plaza Civica con motivo del 1° de Mayo. Buenos Aires: Camilo Cienfuegos, s/d.
- _____. **El partido marxista leninista.** Buenos Aires: Rosa Blindada, 1965.
- _____. **Cuba 1965.** Discurso del comandante Fidel Castro pronunciado el 2 de enero de 1965, en ocasión de celebrarse el VI aniversario de la revolución cubana. Buenos Aires: Camilo Cienfuegos, 1965.
- _____. **La revolución cubana hoy.** Buenos Aires: Anteo, 1966.
- _____. **Pueblo cubano protagonista de la revolución.** Buenos Aires: Anteo, 1966.

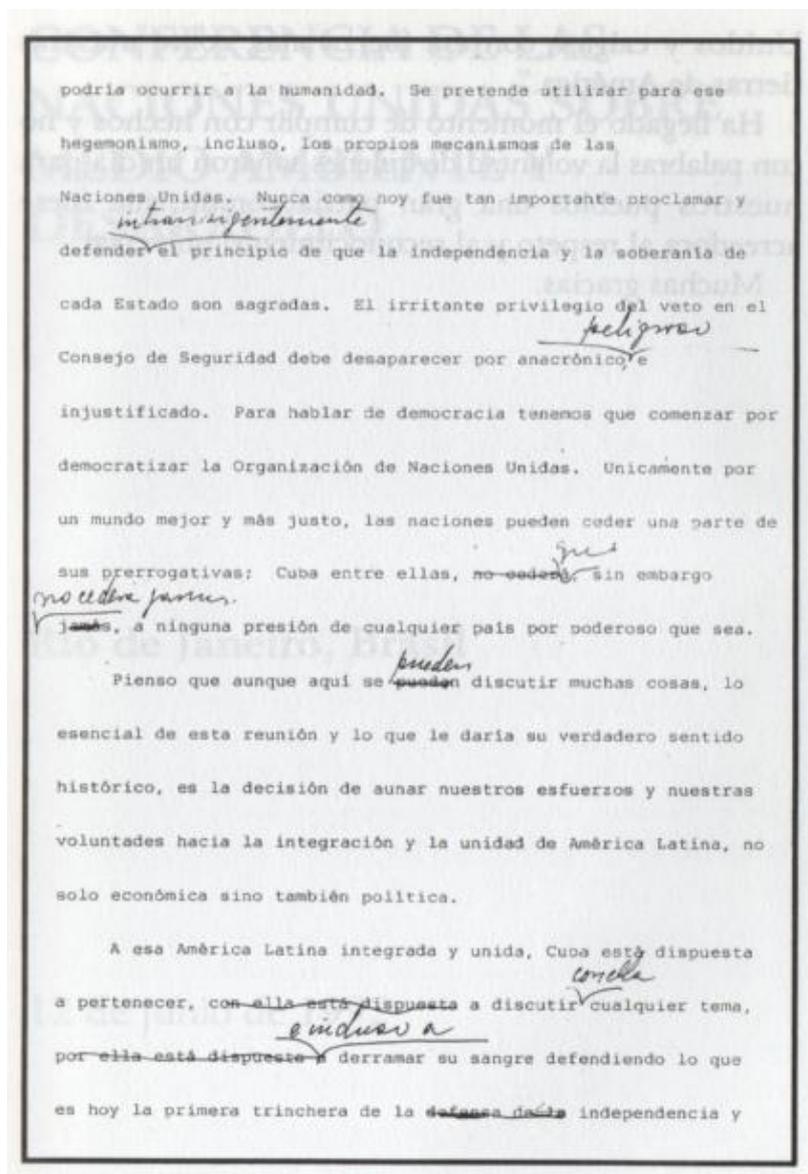
_____; ALLENDE, Beatriz. **Homenaje a Salvador Allende.** Buenos Aires: Galerna, 1973.

_____. **Fidel en Argentina.** Discurso pronunciado en las escalinatas de la facultad de Derecho de Buenos Aires – Mayo de 2003. Buenos Aires: Nuestra America, 2004.

_____. **Fidel Castro.** 40 años de discursos-diálogos. Primera Parte (1959-1979). Buenos Aires: Nuestra América, 2004.

ANEXOS

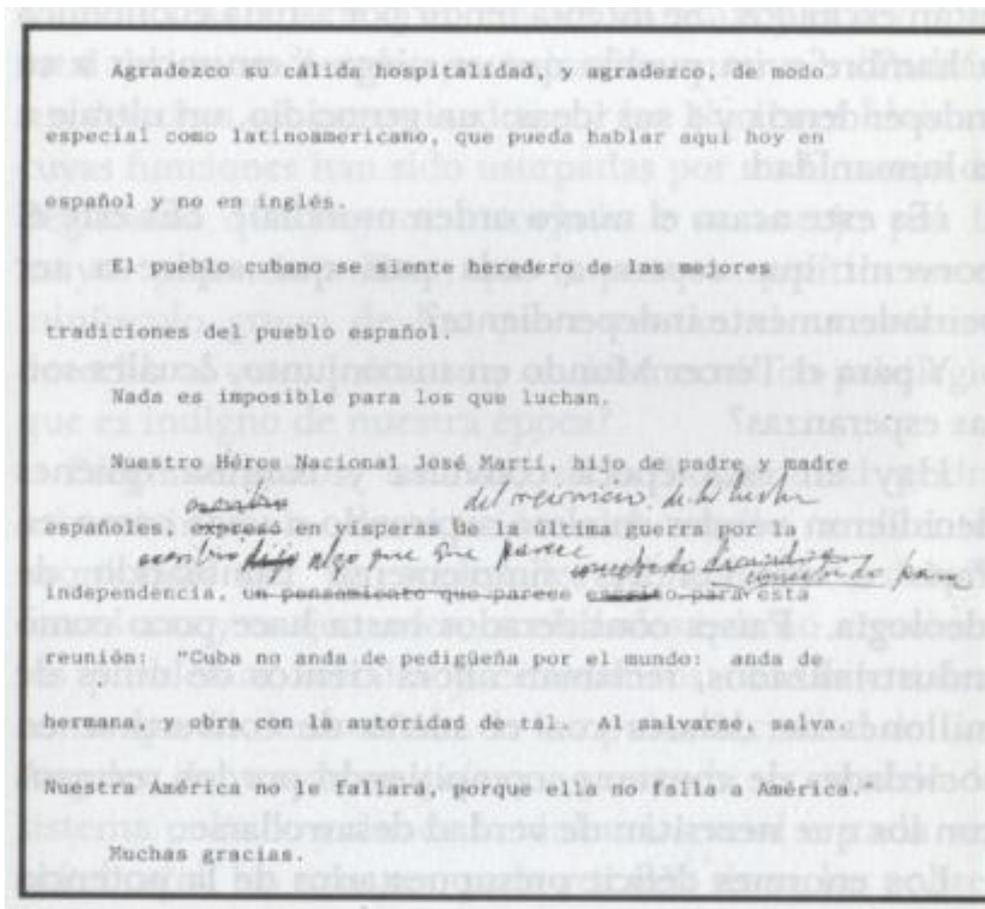
Figura 1 - Discurso de Fidel Castro na 1ª Cúpula Iberoamericana



Guadalajara, México. 18 de julho de 1991.

CASTRO, Fidel. *Por un mundo de paz, justicia y dignidad...* op. cit., p. 15.

Figura 3 - Discurso de Fidel Castro na 2ª Cúpula Iberoamericana



Madri, Espanha. 23 de julho de 1992.

CASTRO, Fidel. *Por un mundo de paz, justicia y dignidad...* op. cit., p. 28.

Figura 4 - Discurso de Fidel Castro na 3ª Cúpula Iberoamericana

por apenas 50 naciones. No se habían liberado del colonizaje todavía incontables países. Hoy la integran casi 200 Estados independientes.

Democratizar las Naciones Unidas y su Consejo de Seguridad supondría muchas cosas, entre ellas abolir el injustificable privilegio del veto, pero si no son posibles ahora mayores transformaciones, sería muy lógico que al menos se duplicara el número de miembros totales del Consejo de Seguridad, y se triplicara el número de los que tienen carácter permanente para que entre éstos América Latina pudiera tener allí dos miembros ^{de Asia y África} ~~que pudieran tener allí dos o tres miembros con su carácter, como ocurre hoy con Europa~~ con ese carácter, África dos, y una participación similar de otras regiones y países del mundo. El ejercicio del veto en ese caso debería requerir la participación de varios miembros permanentes y no de un solo Estado. ^{que siempre concierdanse} Se deba exigir al Consejo de Seguridad que cumpla con su obligación, consagrada en la Carta pero ignorada en la práctica, de rendir cuenta a la Asamblea General.

¿Acaso se piensa que otros van a tomar iniciativas semejantes en la ONU para hacer justicia al Tercer Mundo y a otras naciones hoy marginadas y discriminadas?

Excúsenme de que ~~se han~~ ^{los} ~~tenido~~ ^{problemas} ~~tiempo~~ ^{de haberlos} ~~haya~~ ^{tratado} ~~de~~ ^{de abordar} abordar. ~~Complejos~~ ^{como en tan breve tiempo, como siempre}

De Cuba, brutalmente bloqueada, hostigada y amenazada porque

Salvador, Brasil. 15 de julho de 1993.

CASTRO, Fidel. *Por un mundo de paz, justicia y dignidad...* op. cit., p. 36.

Figura 5 - Discurso de Fidel Castro na Cúpula de Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento

Magnifico:

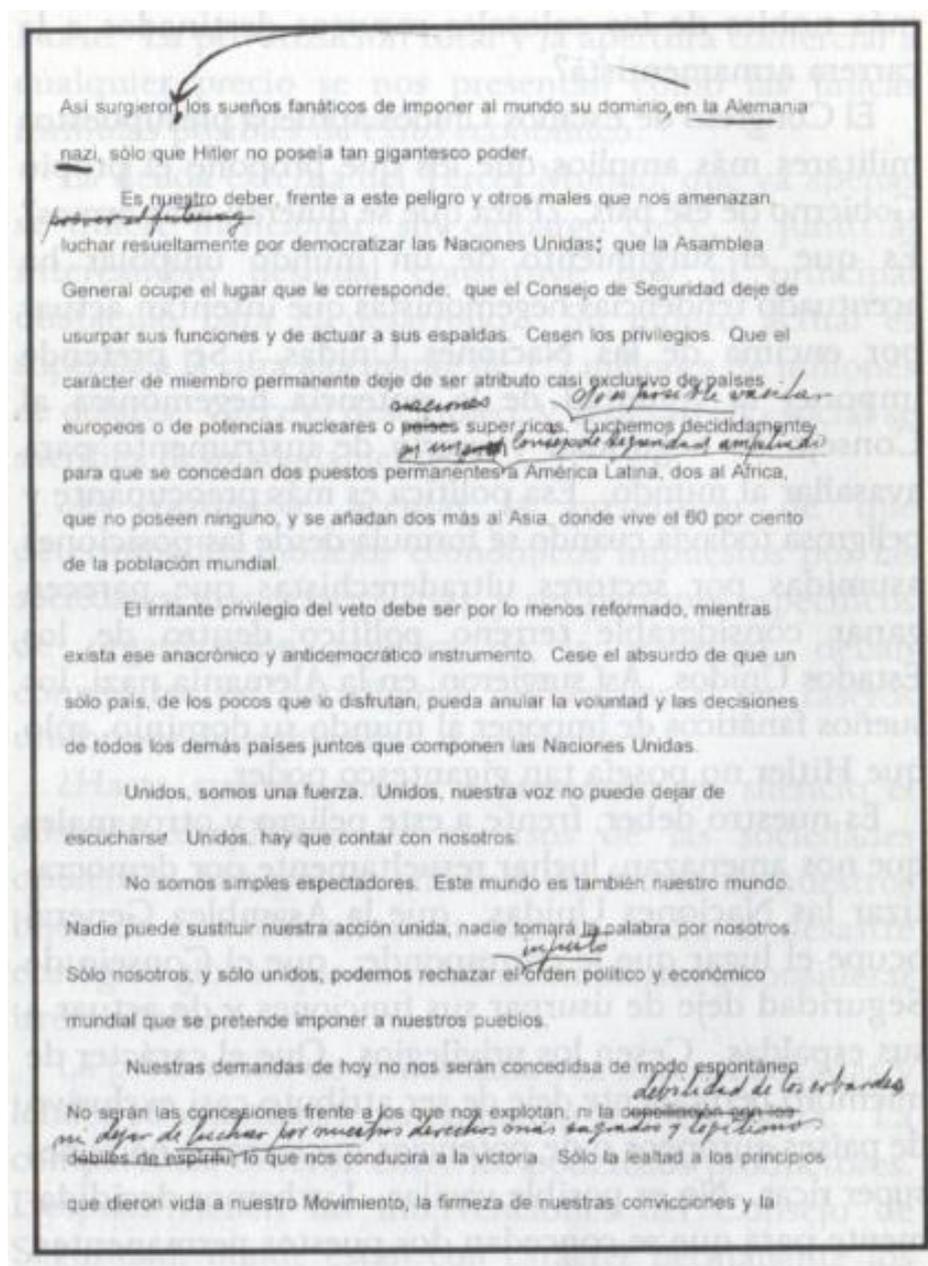
desarrollo sostenible. ~~Se~~, eso queremos, a eso aspiramos. ¿Pero es posible tal desarrollo ~~sostenible~~ con sociedades inmensamente ricas que solo a base de crecer pueden sobrevivir, y solo a costa de agotar los recursos naturales ~~pueden~~ ^{crecer} crecer? ~~¿~~ [¿] para qué ~~más~~ ^{con más de un millón de habitantes} riqueza? Mientras Suiza tiene un producto bruto per cápita de 34 mil dólares, Bangladesh solo alcanza ~~200~~ ²¹⁰ dólares, y puede quedar además bajo las aguas con ~~sus 120 millones~~ ^{de habitantes} de habitantes. La diferencia ~~es~~ ^{crece cada vez más entre estos países} ~~Es~~ ese contraste el ejemplo absurdo e irracional que nos ofrecen a los pueblos del Tercer Mundo.

Para las sociedades superdesarrolladas el problema no es crecer sino distribuir, y no distribuir entre ellas, sino ^{entre todos} distribuir ~~para~~ ^{de que se habla ahora} el mundo. El crecimiento sostenible es imposible sin una distribución ^{más justa entre todos} que sostenga ese crecimiento entre todos los países. ~~Habiendo del crecimiento sostenible que sostenga ese crecimiento entre todos los países.~~ No puede haber crecimiento sostenible para una parte del mundo y el subdesarrollo para todos los demás. Quiérase o no, la humanidad es hoy una sola familia. ^{o todos tendremos el mismo destino} Usense menos las palabras engañosas y cámbiese de filosofía, si tal filosofía egoísta no ha servido más

Bridgetown, Barbados. 5 de maio de 1994.

CASTRO, Fidel. *Por un mundo de paz, justicia y dignidad...* op. cit., p. 42.

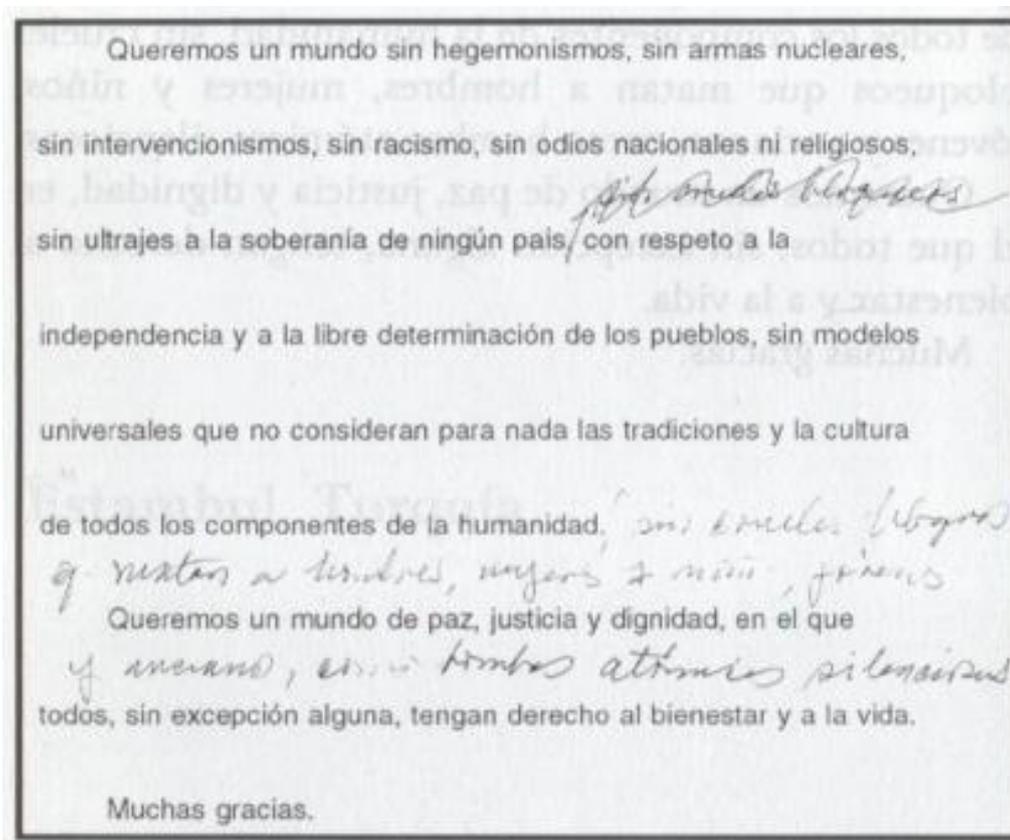
Figura 6 - Discurso de Fidel Castro na 11ª Cúpula do Movimento de Países Não Alinhados



Cartagena, Colômbia. 18 de outubro de 1995.

CASTRO, Fidel. *Por un mundo de paz, justicia y dignidad...* op. cit., p. 78.

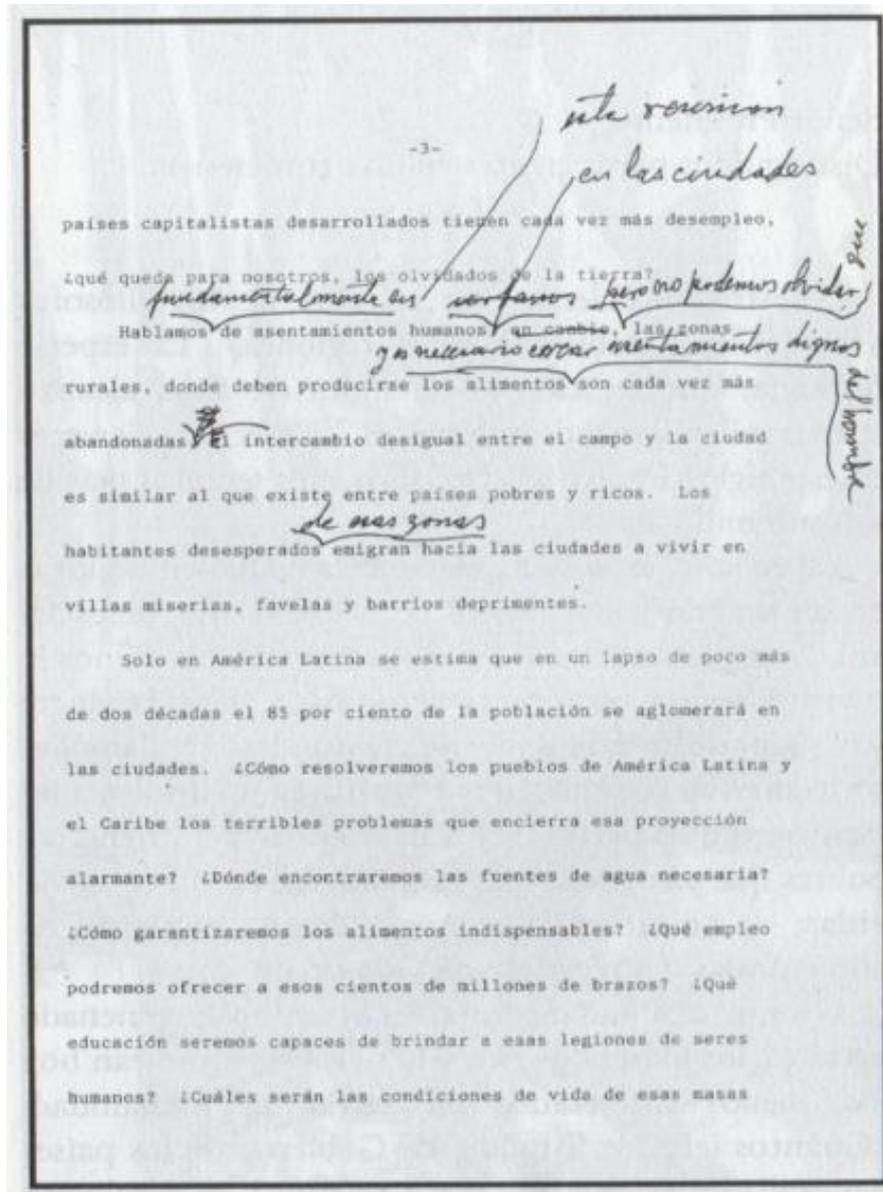
Figura 7 - Discurso de Fidel Castro na comemoração do 50º aniversário da Organização das Nações Unidas (ONU)



Nova York, Estados Unidos. 22 de outubro de 1995.

CASTRO, Fidel. *Por un mundo de paz, justicia y dignidad...* op. cit., p. 85.

Figura 8 - Discurso de Fidel Castro na Conferencia da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre assentamentos humanos (Habitat-II)



Istanbul, Turquía. 14 de junho de 1996.

CASTRO, Fidel. *Por un mundo de paz, justicia y dignidad...* op. cit., p. 90.

Figura 9 - Cédula de dinheiro no valor de 10 pesos cubanos



Banco Central de Cuba. 1961-1989.

<https://www.trabajadores.cu/20200830/aprobacion-de-la-primer-declaracion-de-la-habana-una-votacion-inedita-en-el-mundo/>

Figura 10 - Cartaz em homenagem ao 20º aniversário do desembarque do iate *Granma* em Cuba



Autor desconhecido. 1976.

Departamento de Orientação Revolucionária do Partido Comunista de Cuba
(DOR-PCC)

Figura 11 - Discursos de Fidel Castro em efemérides relacionadas à luta armada

	26 Julho Assalto ao quartel Moncada (1953)	13 Março Assalto ao Palácio Presidencial (1957)	1º Janeiro Triunfo da Revolução Cubana (1959)
1959	X	X	X
1960	X	X	X
1961	X	X	X
1962	X	X	X
1963	X	X	X
1964	X	X	X
1965	X	X	X
1966	X	X	X
1967	X	X	X
1968	X	X	X
1969		X	X
1970	X		
1971	X		
1972	X		
1973	X		X
1974	X		
1975	X		
1976	X		
1977	X		
1978	X		
1979	X	X	X
1980	X		
1981	X		
1982	X		
1983	X		
1984	X		X
1985	X		
1986	X		
1987	X		
1988	X		
1989	X		X
1990	X		
1991	X	X	
1992	X		
1993	X		
1994			X
1995	X		
1996	X		
1997		X	
1998	X		
1999	X		X
2000	X		
2001			
2002	X	X	
2003	X		
2004	X		X
2005	X		
2006	X		

Figura 12 - Fachada do quartel *Moncada*



<http://www.acn.cu/cuba/27688-26-de-julio-una-luz-mas-alla-de-la-polvora-y-el-tiempo>

Figura 13 - Cartaz de divulgação da 1ª Conferência Tricontinental



Autor desconhecido. 1966.

<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04308.007.044>

Figura 14 - Emblema da União dos Jovens Comunistas (UJC)



Autor desconhecido. Sem data.

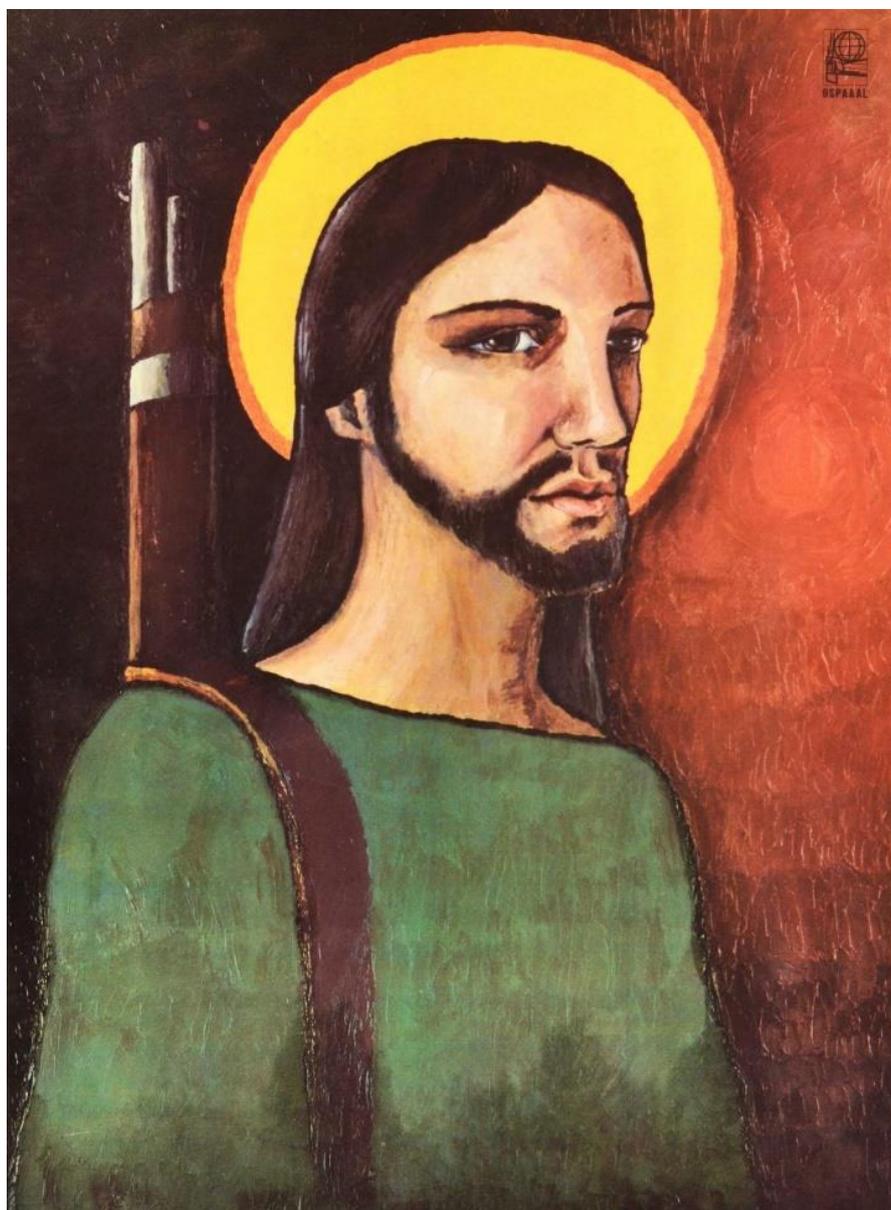
<https://www.ujc.cu/>

Figura 15 - Cartaz da União dos Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC)



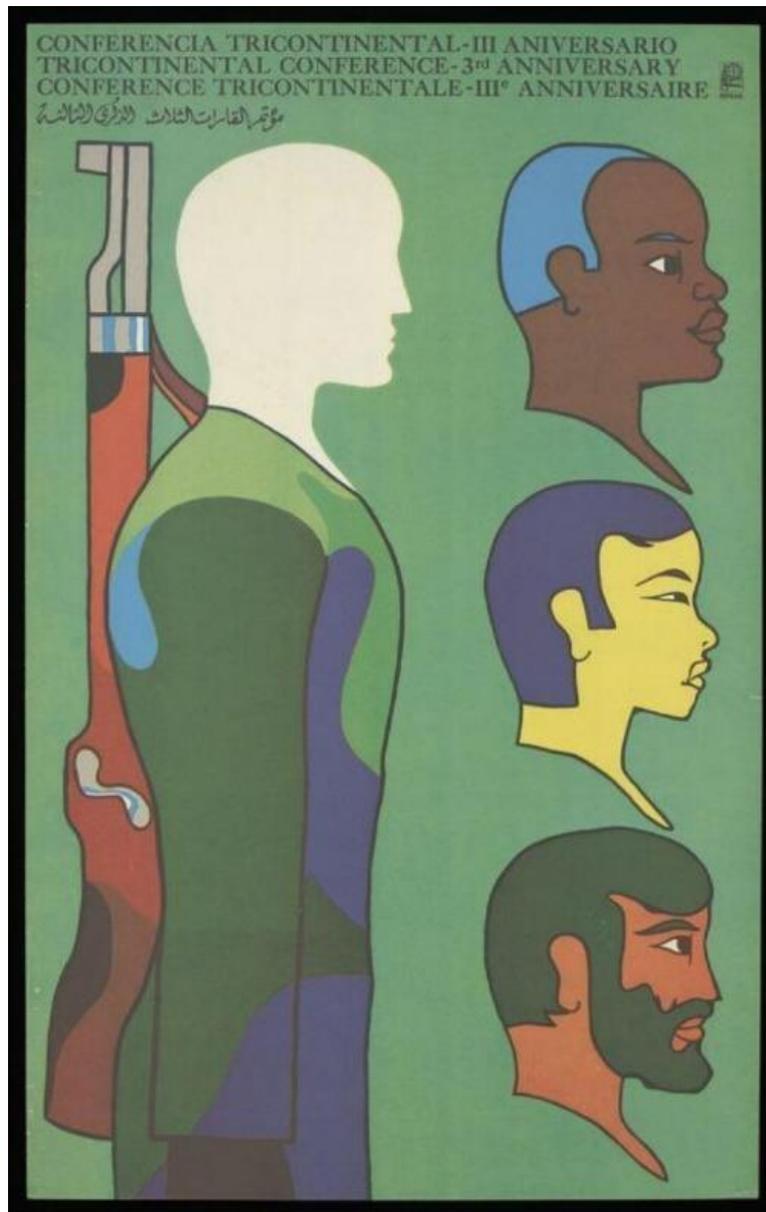
Alfredo Rostgaard. UNEAC, 1977. Serigrafia, 104 x 79 cm.

Figura 16 - Cartaz da Organização de Solidariedade aos Povos da África, Ásia e América Latina (OSPAAAL)



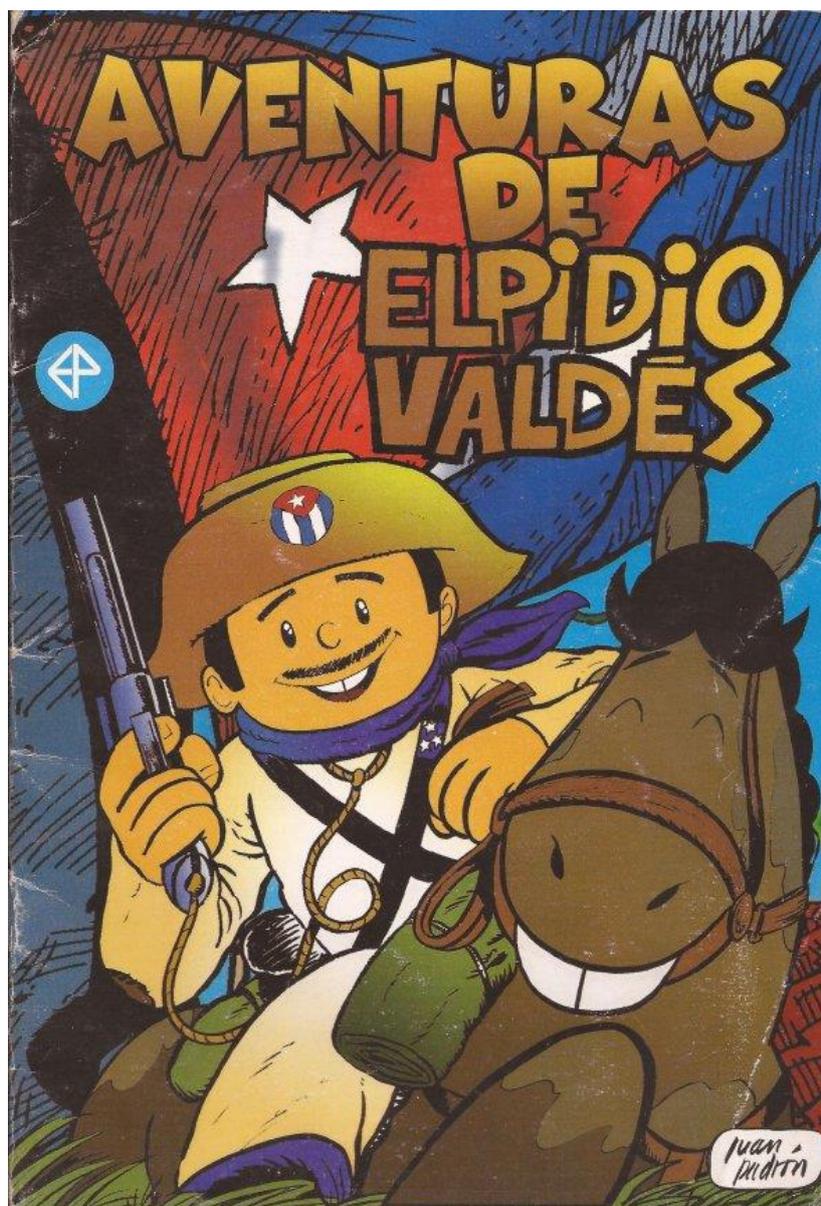
Alfredo Rostgaard, 1969. OSPAAAL, 1969. Offset, 53 x 33 cm.

Figura 17 - Cartaz da Organização de Solidariedade aos Povos da África, Ásia e América Latina (OSPAAAL)



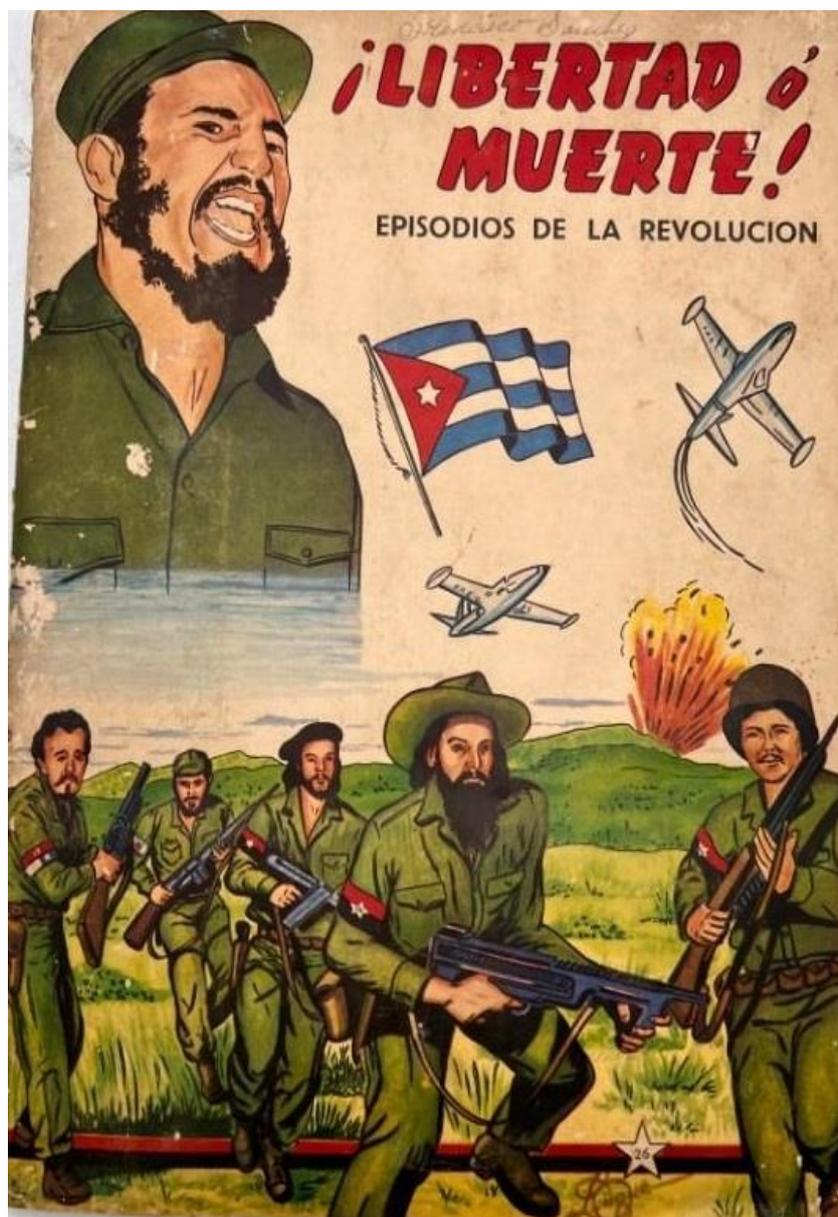
Alfredo Rostgaard. OSPAAAL, 1969. Offset, 54 x 33 cm.

Figura 18 - Capa do livro infanto-juvenil *Aventuras de Elpidio Valdés*



PADRÓN, Juan. *Aventuras de Elpidio Valdés*. Havana: Pablo de la Torre, 2007.
https://www.tebeosfera.com/numeros/elpidio_valdes_2007_pablo_de_la_torrie.html

Figura 19 - Capa de álbum de figurinhas sobre a Revolução Cubana



¡Libertad o muerte! Episodios de la Revolución. Diretor técnico e desenhista: Federico Luque Vega.

Coordenador: Manuel Acosta Aguiar. Textos: Raul Quintana Suarez. Havana: RODSA, 1960.

Figura 20 - Capa de álbum de figurinhas sobre a Revolução Cubana



Álbum de la Revolución Cubana 1952-1959. Coordinador: L. Dominguez Triay. Desenhista: Capdevila.

Textos: J. M. Picart e Mario Jimenez. Havana: Revista Cinegrafico-Editorial Echevarria, s/d.

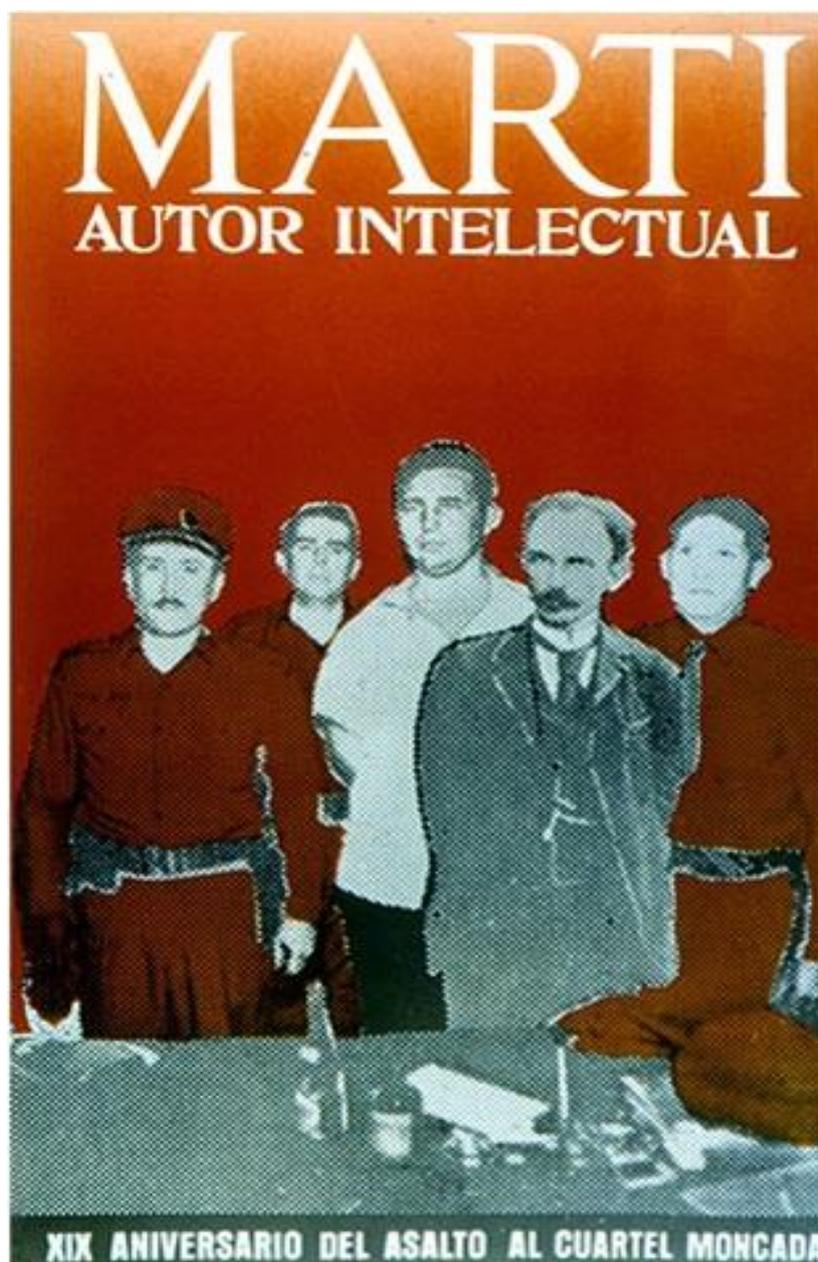
Figura 21 - Emblemas da Federação das Mulheres Cubanas (FMC)



Autor desconhecido. 1977.

<https://www.granma.cu/cuba/2018-08-23/tres-logos-que-cuentan-una-historia-23-08-2018-18-08-45>

Figura 23 - Cartaz em memória ao 19º aniversário do assalto ao quartel *Moncada*



Autor desconhecido. 1972.

<http://www.fidelcastro.cu/pt-pt/imagen/marti-autor-intelectual-1972>

Figura 24 - Cartaz de divulgação do Movimento 26 de Julho



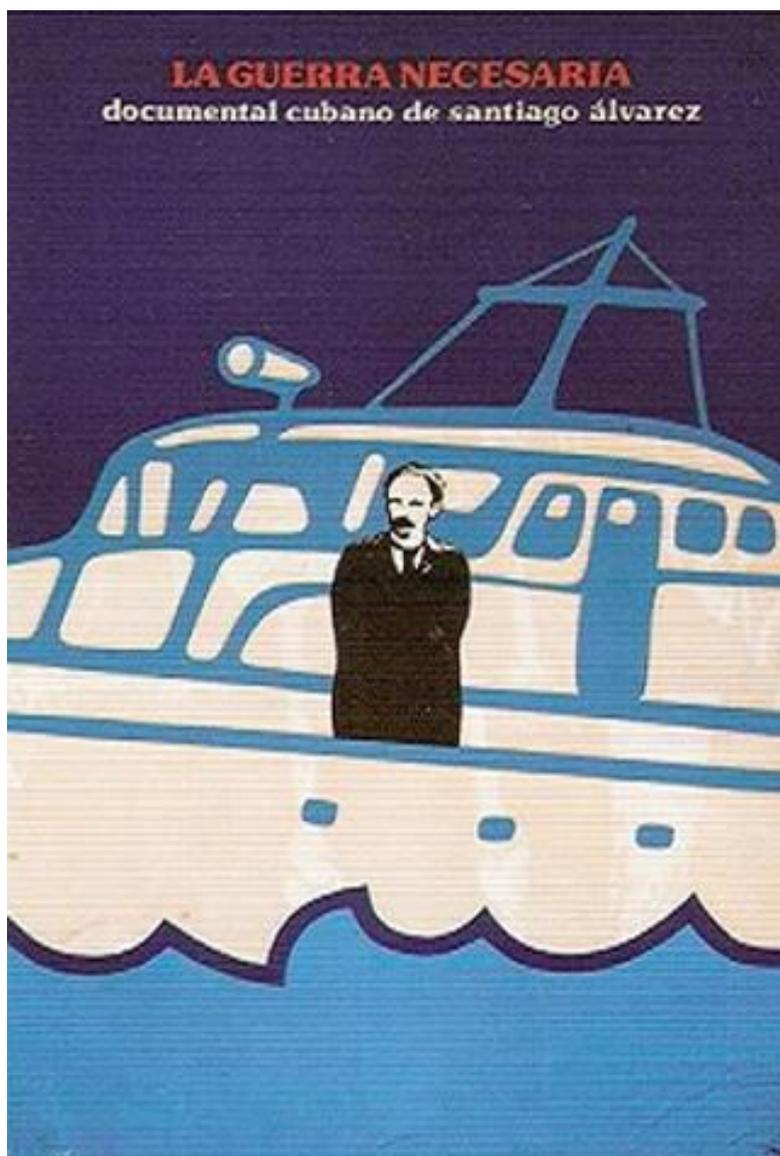
Eladio Rivadulla. 1959. Serigrafia, 92.5 x 69 cm.

Figura 25 - Arte gráfica confeccionada pela União de Jornalistas de Cuba (UPEC)



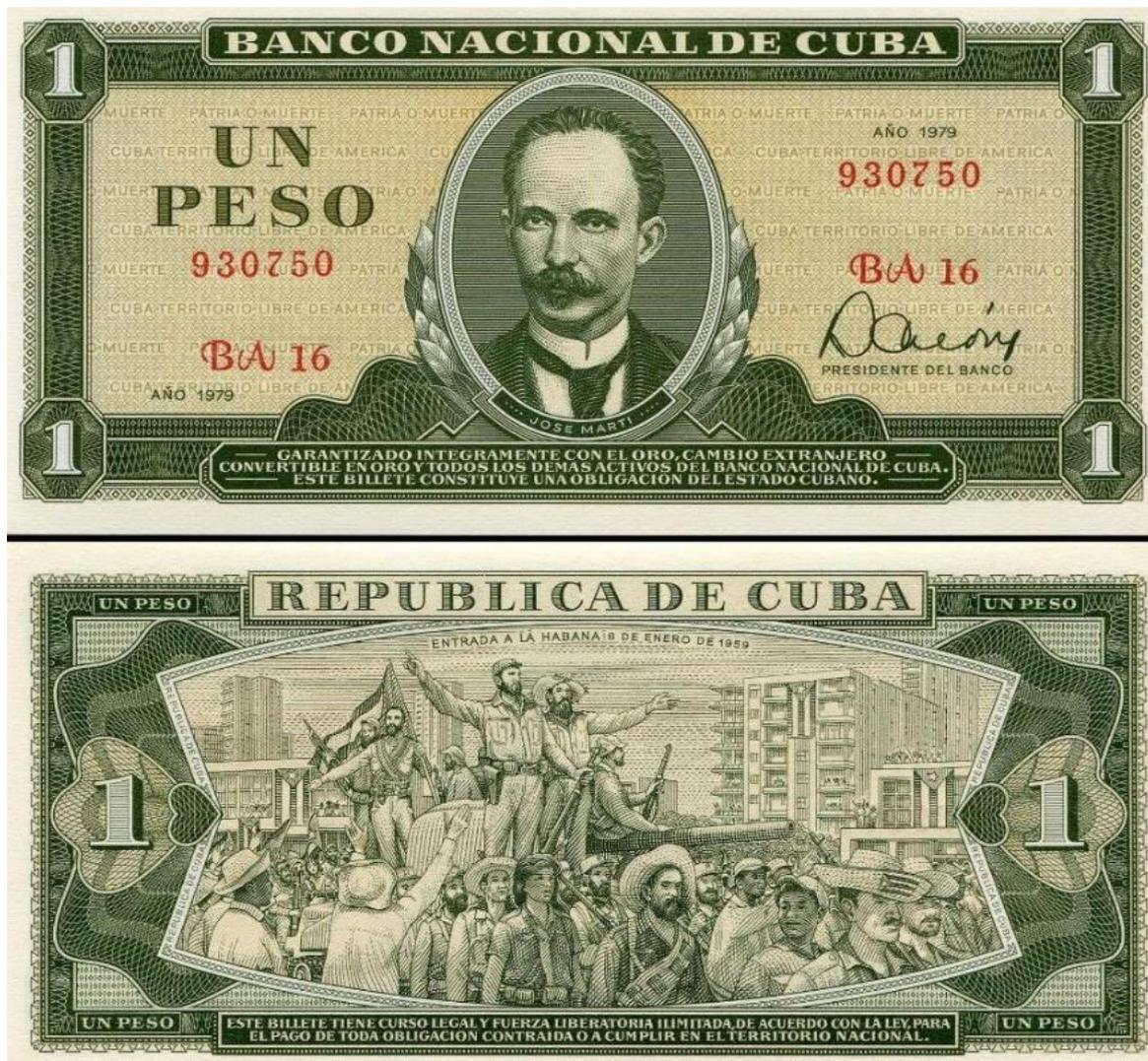
El Héroe. Annelis Noriega. Sem data.

Figura 26 - Cartaz de divulgação do documentário *La Guerra Necesaria*



La guerra necesaria. Dirección de Santiago Álvarez. Havana: ICAIC, 1980 (110 min.)

Figura 27 - Cédula de dinheiro no valor de 1 peso cubano



Banco Nacional de Cuba. 1979.